

ISSN 0100-1922

ANNAIS

DA

BIBLIOTECA NACIONAL

VOL. 111

1991



RIO DE JANEIRO · 1993



PRESIDENTE DA REPÚBLICA:
ITAMAR FRANCO

MINISTRO DA CULTURA:
JERÔNIMO MOSCARDO DE SOUZA

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL:
AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

ANNAIS

DA

BIBLIOTECA NACIONAL

VOL. 111

1991

SUMÁRIO

Apresentação.....	5
"Observações sobre a Administração da Real Fazenda de Santa Cruz" - Apontamentos para uma História Local - Ana Lúcia Louzada Werneck	7-20
Na Aldeia de Iati-Iriá (Etnografia dos Índios Tapuia do Nordeste) - Dirceu Lindoso ..	21-45
O Centenário do Enriquecimento do Arquivo Fotográfico da Biblioteca Nacional - Projeto de Preservação e Conservação - Joaquim Marçal Ferreira de Andrade	47-62
Introdução à Conservação de Acervos Bibliográficos (Experiências da Biblioteca Nacional) - Jayme Spínella.....	63-116
Palestras Proferidas na Biblioteca Nacional	117-131
Projeto de um Dicionário Geográfico do Brasil - II Parte	133-223
Relatório da Presidência - 1991	273-332

ISSN 0100-1922

An. Bibl. Nac.	Rio de Janeiro	v. 111	p. 1-332	1991
----------------	----------------	--------	----------	------

Biblioteca Nacional (Brasil)

Anais da Biblioteca Nacional. — Vol. 66 (1944). — Rio de Janeiro :
A Biblioteca, 1944.

v. - il. : 26cm

Continuação de: Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

ISSN 0100-1922.

1. Biblioteca Nacional (Brasil). 2. Biblioteca Nacional (Brasil) — Catálogos.
3. Manuscritos — Brasil. 4. Brasil — História. 5. Brasil — Bibliografia. I. Título.

CDD 027.581



Anais da Biblioteca Nacional, Vol. 111, 1991
Coordenação editorial: Gilberto Vilar de Carvalho
Este volume foi publicado em 1993.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL
Av. Rio Branco, 219
20042 - Rio de Janeiro, RJ
Impresso no Brasil

APRESENTAÇÃO

Este volume nº 111 dos *Anais da Biblioteca Nacional* é uma vitória sob diversos aspectos. Ao assumirmos a sua coordenação, em março de 1990, lá exatamente um ano e meio, o Sr. Presidente da Fundação nos chamou à parte e nos disse, de maneira curta e seca: "Os *Anais*, como o seu nome mesmo diz, são uma publicação *anual*. E faz seis anos que não são publicados. Vocês podem tirar esse atraso?" Nossa resposta foi positiva. Sabíamos da importância dessa publicação e das reclamações que chegavam dos centros de pesquisa do país e do estrangeiro contra a ausência desse valioso instrumento de trabalho. Sabíamos, também, que poderíamos fazer apelo aos pesquisadores da BN, aos seus historiadores, aos seus paleógrafos, aos seus bibliotecários, tínhamos certeza de que a não publicação dos *Anais* tinha causas externas, que não dependiam do trabalho e da competência dos seus pesquisadores. Numa palavra, não era por incompetência que os *Anais* não eram publicados. Tínhamos razão. Havia trabalhos em quantidade, e de grande valor. Muitas vezes o nosso maior problema foi a escolha.

Eis aqui o resultado: com este volume tiramos o atraso. O volume 111, correspondente ao ano de 1991, é exatamente aquele 6º número. O volume 112, correspondente ao ano de 1992, sairá no prazo.

Os trabalhos aqui apresentados são variados. Ana L. L. Werneck, historiadora, faz a transcrição, acompanhada de anotações pertinentes, de um manuscrito sobre a Real Fazenda de Santa Cruz, em 1815; o antropólogo Dirceu Lindoso estuda a etnografia dos índios Tupiás do Nordeste; Joaquim Marçal F. de Almeida faz um levantamento em torno do projeto de recuperação do arquivo fotográfico da BN; o arqueólogo Jayme Spinelli mostra, de maneira técnica, a experiência da BN em conservação de acervos bibliográficos; e Gilberto Vilar de Carvalho continua a publicação de interessantes documentos sobre municípios brasileiros, entre 1881 e 1886. Enfim, o Relatório da Presidência, o primeiro da BN como Fundação, conta toda a história das crises por que a biblioteca passou, nestes últimos anos, as primeiras dificuldades encontradas e vencidas, e os sonhos para um futuro que todos esperamos não seja longínquo. Completam o volume três palestras pronunciadas na BN, durante o ano. Sem desmerecer as duas outras, recomendamos, de modo especial, a do professor Cláudio Veiga, um verdadeiro ensaio sobre a poesia francesa e tradução de poesia.

Gilberto Vilar de Carvalho
Pesquisador da Biblioteca Nacional e
Coordenador do Departamento Nacional do Livro

"OBSERVAÇÕES SOBRE A ADMINISTRAÇÃO
DA REAL FAZENDA DE SANTA CRUZ"
APONTAMENTOS PARA UMA HISTÓRIA LOCAL

Ana Lúcia Louzada Werneck
Pesquisadora da
Biblioteca Nacional

A perspectiva da História Local, denominação que tomamos a Pierre Goubert¹, tem a virtude de impulsionar a discussão e o aprofundamento de novos tipos de questões, promovendo a identificação da comunidade com a sua realidade espacial e temporal, sem descuidar da necessária articulação entre o particular e o geral, o regional e o nacional, contribuindo ainda para a reformulação de concepções genéricas estratificadas pelo pensamento histórico conservador, atraindo oportunas associações interdisciplinares entre historiadores e estudiosos de Economia, Demografia, Estatística, Ciências Ambientais e outros saberes.

Considerada a atual tendência da abordagem historiográfica que elege temáticas regionais e vem desenvolvendo pesquisas referentes a localidades específicas, buscamos seleccionar para publicação uma fonte documental² que contemplasse e contribuisse para os estudos sobre a formação histórica do Estado do Rio de Janeiro em seus múltiplos aspectos e em particular da região onde se iniciou e desenvolveu a experiência jesuítica da Fazenda de Santa Cruz.

O Tenente-Coronel Francisco Cordeiro da Silva Torres³, incumbido por Sua Alteza Real, o Príncipe D. João, de propor medidas que entendesse convirem à melhoria da administração da Real Fazenda de Santa Cruz, abordou em seis apontamentos, de modo bastante conciso e apurado, as principais questões relacionadas à conveniência da exploração daquela terra pela Coroa ou a venda e arrendamento para desonerar e fazer frente às crescentes despesas do Estado Português seriamente abalado pela crise do sistema colonial que não mais atendia à nova e crescente demanda de suprimento de matérias-primas e consumo de artigos manufaturados⁴.

A formação e origem da Fazenda de Santa Cruz remontam ao século XVI quando os padres da Companhia de Jesus recebem, por doação, parte das terras de Guaratiba que pertenciam à viúva Marquesa Ferreira, que as havia herdado de seu marido, Cristóvão Monteiro, primeiro sesmeiro daqueles terrenos.

A escritura de doação foi assinada a 8 de dezembro de 1589 e a 10 de fevereiro de 1590 a Companhia de Jesus assume a posse das terras. Ainda em fevereiro de 1590 os jesuítas propoem e obtêm de Catarina Monteiro, filha e também herdeira de Cristóvão Monteiro, a penhora das terras que possuíam em Bertioxa pelo restante das terras que Catarina ainda conservava em Guaratiba.

Os limites da Fazenda de Santa Cruz foram sendo paulatinamente ampliados em sucessivas compras de terras até que, em cumprimento à Ordem

Régia de 4 de junho de 1727, procedeu-se ao tombamento das terras e fixação das divisas.

O tombo, concluído em 17 de maio de 1731, estabeleceu os seguintes limites: a freguesia de Santa Família do Tingá em Vassouras, a linha do Curral Falso, contígua à freguesia de Guaratiba até o mar, os terrenos de Marapicu, a leste, e as terras de Mangaratiba no porto de Itinguçu, a oeste⁵. Atualmente estas terras correspondem à zona rural de Santa Cruz no Estado do Rio de Janeiro e dos municípios de Itaguaí, Rio Claro, Nova Iguaçu, Vassouras, Paracambi, Pirai, Volta Redonda, Barra do Pirai, Mendes e Paulo de Frontin.

Até a expulsão da Companhia de Jesus do Brasil em 1759, a fazenda experimentou grande desenvolvimento da lavoura e da pecuária, tornando possível pela realização de grandes obras⁶ de escoamento e irrigação: foram construídos canais, diques, comportas e pontes ampliando assim as áreas de cultivo e melhorando o acesso e circulação interior.

Auto-suficiente quanto ao abastecimento de víveres e serviços, a fazenda possuía igreja, residência principal, hospedaria, escola para catequese, açougue, hospital, cadeia, oficinas de ferraria, tecelagem, carpintaria, olaria, fábrica de cal, casa de farinha, casa para beneficiamento de arroz, curtume, engenhoca de aguardente, engenho de açúcar, oficina de prata lavrada, fábrica de canoas.

Houve várias tentativas de se diversificar a produção agropastoril, mas a principal atividade econômica geradora de renda foi sempre a pecuária e o aluguel de pastos para a engorda do gado vindo de Minas e São Paulo. Junto ao gado bovino, criavam também suínos, ovelhas, cabras, cavalos, mulas, aves e outros pequenos animais para consumo próprio e obtenção de alguma renda.

A expulsão dos jesuítas provocou o quase abandono destas atividades⁷ pelo descaso da burocracia colonial portuguesa, que, por várias vezes, insulada pela concorrência dos países exportadores, tentou recuperar a posição perdida, incentivando a produção nos próprios nacionais, mas simultânea e contraditoriamente determinava a venda destes bens para fazer frente às despesas com segurança e serviços públicos.

A carta régia de 28 de agosto de 1770 determinava à Junta de Fazenda a arrematação de todos os bens dos jesuítas existentes na Capitania do Rio de Janeiro. Novamente em 1773, as cartas régias de 26 de fevereiro e 4 de março ordenavam a mesma providência, que vinha sendo protelada pelo Vice Rei, Marquês do Lavradio, partidário da manutenção da propriedade, considerado o seu importante papel no fornecimento de gêneros e escravos, utilizados em serviços e obras públicas, para o Rio de Janeiro.

Durante o vice-reinado do Conde de Resende, José Luís de Castro, buscou-se restringir as despesas públicas e aumentar a receita. Dentre as medidas tomadas assinalamos a tentativa de recuperação da fazenda com a construção dos engenhos de Itaguaí e Pinuf, cuja produção de açúcar e aguardente chegou a ocupar posição expressiva em seus rendimentos. Prevaleceu, todavia, a posição dos que julgavam conveniente a venda destas unidades produtoras, e, já em 1806, a de Itaguaí era vendida a Antônio Gomes Barroso.

A exploração econômica da Real Fazenda, desde os tempos dos jesuítas, foi sempre mantida pelo trabalho escravo. Consta que os padres chegaram a possuir 1.300 escravos, utilizados nas diversas tarefas segundo o sexo cabia aos homens o cuidado das manadas, a derrubada dos matas, a construção de

prédios, a abertura de caminhos, a limpeza e conservação dos campos e às mulheres os trabalhos da agricultura e da fiação e tecelagem.

Ao passar para a propriedade da Coroa portuguesa e em conseqüência da política de aproveitamento mais racional dos recursos, foram estabelecidas medidas para melhor rendimento do trabalho escravo. Os negros passaram a ser treinados em vários ofícios úteis e necessários ao custeio e provimento de serviços daquela propriedade, como carpintaria, serralheria, calafetagem, curtiúme, olaria, tecelagem. Valorizados pela aquisição de um ofício, eles alcançavam melhor preço, em caso de venda ou aluguel, e conseqüentemente podiam ser empregados em diversos trabalhos de interesse da fazenda, que não os agropastoris, ou em obras públicas na cidade do Rio de Janeiro ou alugados a indústrias e manufaturas. A eles era concedido o usufruto de uma parcela de terra e do tempo necessário para cultivá-la e produzir alimentos, além de tecer e fabricar suas próprias vestes.

A adoção destas práticas acarretava, todavia, prejuízos, como a queda da produção, a má conservação das terras e benfeitorias nelas existentes, tanto pela escassez de braços, constantemente desviados para serviços fora da fazenda, como pelas condições precárias de alimentação e abrigo em que viviam os escravos, obrigados a prover sua própria subsistência.

Convivendo com a mão-de-obra servil existiam escravos libertos e assalariados, empregados geralmente em funções intermediárias e/ou especializadas, principalmente aquelas ligadas à produção dos engenhos, como feitores, mestres, purgadores. Encimando a organização do trabalho e gerindo os negócios existia uma burocracia composta de superintendente, inspetor-geral, administrador, escreventes, fiel para o armazém, capitão-mor e outros funcionários.

Tal é o esboço do quadro em que se inscrevem os apontamentos do Engenheiro Francisco Cordeiro da Silva Torres. Resta agora notar os critérios adotados para o preparo do texto. Optamos pela reprodução diplomática, ou transcrição paleográfica, em que reproduzimos fielmente o manuscrito quanto a grafia, pontuação, sinais diacríticos, abreviaturas, paragrafação, uso de maiúsculas ou outros destaques gráficos e mesmo os erros de qualquer ordem, assinalados, todavia, os mais evidentes. A fidelidade ao manuscrito, assegurada pelos sucessivos e minuciosos confrontos a que foi submetido o texto, deve ser partilhada com Victor Cardoso da Silva, solidário colaborador.

Rio de Janeiro, outubro de 1992.

Notas

1. GONÇALVES, Fátima. História Local. *Revista Arqueológica*, v. 1, n° 1, p. 49 - 52, maio/ago. 1988.

2. *Visão de cima sobre a administração da Real Fazenda de Santa Cruz?* O documento em que nos baseamos para a presente edição integra a Coleção Augusto de Lima Júnior e está localizado na Div. Ms. da Biblioteca Nacional em II-34, 33, 8. Conhecemos também no Arquivo Nacional tomos 507, pacote 2, pacotilha 25, doc. 14; outro exemplar manuscrito, do mesmo tomo, letra, assinatura, local e data, onde observamos variações de grafia, acentuação, pontuação, concordância, divisão paragrafica e emprego de vocábulos.

3. Visconde de Jerumenim, filho de António da Sousa Melo e Alvim e de Maria Bárbara da Silva Torres. Nasceu em Ourense, Portugal, a 24 de fevereiro de 1775 e faleceu no Rio de Janeiro a 8 de maio de 1856. Curvou-se em Lisboa, a Academia de Marinha e posteriormente formou-se em Matemática na Escola Militar. Veio para o Brasil em 1809, após breve estada na Inglaterra, onde se refugiara da invasão francesa a Portugal. Quando da declaração da Independência, a que aderiu, foi considerado cidadão brasileiro após ter jurado a Constituição. Pertenceu ao Conselho do Imperador, foi Veador da Imperatriz, Comendador da Ordem da Rosa, Conselheiro de Estado, Oficial da Ordem do Cruzeiro, Lente Jubilado da Escola Militar do Rio de Janeiro, membro fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, Sócio e Presidente da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional.

4. VIANA, Sônia Bayão Rodrigues. *A Fazenda de Santa Cruz e a política real e imperial em relação ao desenvolvimento brasileiro: 1790-1815*. Niterói, 1974.

5. *PLANTA COMERCIAL DE UMA PARTE DA PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO NA QUAL SE ENCLUE A IMPERIAL FAZENDA DE SANTA CRUZ... 1840*. Lit. de Heathon e Rensburg, 1848. (Biblioteca Nacional, Div. Icon. 25 11: 32 n.º 7.)

6. REIS, Manuel Martins de Castro. *Memórias de Santa Cruz, seu estabelecimento, e suas antigas primitivas, seus sucessos mais notáveis, continuadas do tempo da extinção dos denominados Jesuitas, seus fundadores, até o anno corrente de mil setecentos e noventa e nove*. *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Tomo 65, Parte 1, p. 301-22, 1902.

7. GAMA, José de Saldanha da. *História da Imperial Fazenda de Santa Cruz*. *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Tomo 68, Parte 1, p. 145-230, 1875.

OBSERVAÇÕES SOBRE A ADMINISTRAÇÃO DA REAL FAZENDA DE SANTA CRUZ

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor

Achando-me nesta Real Fazenda, vai por dois annos, incumbido da direcção das obras hydraulicas, de que ha muitos se não tratava com dano consideravel dos campos, que constituem a sua principal riqueza, tendo por diversas vezes sido encarregado por Sua Alteza Real de fazer os apontamentos e observações que entendesse convirem ao melhoramento da administração tanto das manadas, como dos ramos de agricultura proprios deste sólo, de que actualmente se não tira nenhum partido. Não me atrevendo porem a julgar sem ter maduramente examinado as causas, que empecem a realidade das esperanças que n'apparencia promete huma porção de terreno hum extenso, e naturalmente tam fertil, fornecido com huma numerosa escravatura, defferi ate agora para pôr na Presença de Vossa Excellencia as minhas idéas sobre este objecto, as quaes, se V. Ex.^a achar coherentes, poderá fazer subir ao Conhecimento de S. A. R. O Principe Regente Nosso Senhor.

A administração actual da R. Fazenda de S.^{ta} Cruz envolve na natureza mesmo do seu plano o germen da desordem e intrigas, que desde o seu principio não tem deixado de perturbar a harmonia e boa intelligencia entre as pessoas aqui empregadas, resultando desta falta de uniaõ a decadencia, em que si achão todos os ramos da sua economia rural.

Conforme as instrucções anexas ao Decreto de 20 de Setembro de 1808, são repartidos os differentes ramos da administração pelas pessoas empregadas; exigindo-se accordo entre ellas. A primeira vista parece não haver coisa mais bem ordenada; mas como se pode dar este accordo entre homens que pensão cada-hum por seu modo? Ainda postas de parte a ma le e personalidades, que nunca deixão de existir em qualquer corporação, he preciso estar convencido para ser de accordo com a opinião de outrem; ora esta convicção he que nem sempre pode haver em materias que não são susceptiveis de demonstração. Daqui vem, quanto a mim, a primeira origem da intriga que tem havido na administração da R. Fazenda de S.^{ta} Cruz. Porque sendo incumbido cada-hum de seu ramo, procura todos os modos de o desempenhar, sem attender áquelles que são da incumbencia de outrem, e toda

a falta nos meios que tem á sua disposiçãõ, impata aquem pello mesmo motivo faz outro tanto na sua repartiçãõ; daqui nascem queixas, malquerenças, e até insultos: e quando cada-hum vê que não pode ficar bem da sua empresa, intenta ao menos que os outros tambem o não fiquem, o que he sempre facil, porque para estorvar todos tem habelidade.

Existindo esta desordem, que me parece fluir, como disse, da natureza mesmo do plano da administração actual, não deve admirar que se não saiba a conta do gado existente nos campos desta R. Fazenda pella falta dos curraes respectivos onde se faziaõ os rudes para ferrar, contar Etr^o, porque seguramente a pessoa a quem tocava esta incumbencia, não teve meios de os conservar em bom estado. Nem que se compre toda a farinha, legume, arroz e milho para sustento de todos os empregados e despeza da caza, porque algum não foi de accordo que se empregassem os braços dos escravos no trabalho das roças, que deviaõ produzir a abundancia destes generos, posto que da primeira necessidade. Não deve finalmente admirar que os escravos e feitores que os vigiaõ se avaliaõ por todos os modos ao trabalho, porque se desagradãõ áquelle que o dirige, agradãõ a todos os outros que não querem ficar peor, ou ao menos que ninguem fique melhor do que elles.

Depois destes dados, fica de obvia explicaçãõ qualquer falta que possa notar-se em detalhe nos differentes ramos dos trabalhos desta R. Fazenda; julgo portanto desnecessario entrar na analyse particular de cada-hum destes ramos, e proporciõ somente o modo que me parece proprio para extirpar pella sua prima origem o fermento de todos os abusos, que ninguem deixa de notar nesta administração, indicando depois o methodo que julgo dever-se seguir tanto no regimen das manadas Reaes, como na cultura do campo e roças, e ainda das officinas.

Sendo indubitavel que da falta de unidade no mando, e por consequente divergencia de forças, deriva a decadencia actual da administração desta R. Fazenda, occorre immediatamente a necessidade de pôr á testa d'ella hum homem, que merecendo a confiança de S. A. R. pello seus conhecimentos, zelo, e probidade, seja so responsavel por todo o resultado da sua administração, e por consequencia unido de authoridade para fazer-se respeitar e obedecer por todas as pessoas empregadas debaixo das suas ordens. Tendo á sua disposiçãõ todos os meios que possui esta Fazenda, poderá emprega-los segundo hum plano, e proseguir systematicamente ao seu fim, sem que a opiniaõ ou má fe dos seus subalternos perturbe a marcha dos seus trabalhos: e sendo-lhe todas as pessoas aqui empregadas responsaveis pello cumprimento das suas obrigaçens, não terãõ com quem formar partidos, que são geralmente a peste de toda a sociedade.

Constituida que seja esta authoridade Dictatorial, poder-se-ha entãõ pôr em pratica o plano de administração que vou propôr: e na ordem da sua importancia, tratarci 1^o Do regimen das manadas, 2^o D'Agricultura, e 3^o Das officinas.

Da administração das manadas.

O regimen economico das manadas deve ser de hum particular disvello na R. Fazenda de S.^{ta} Cruz, pois que sobre este ramo se funda a sua maior

importancia. Os Jesuitas seus fundadores distribuirão todo o gado em vinte e dois curraes, convenientemente collocados por todo o campo, em cada curral puzerão hum campeiro ou pastor, e hum rapaz para seu ajudante, e ne fizerão rezidir nos seus respectivos postos, para o que construirão junto a cada curral huma pequena senzala. Estes campeiros erã obrigados a pasturar o rebanho do seu curral, não o deixar sahir da pastagem que lhe era designada, tomar conta da criação, curar-lhe as bicheiras, Etr^a, e dar todos os sabados parte ao Administrador por meio de hum campeiro mor, que vigiava sobre todos, de quaesquer novidades que acontecessem na sua manada. Alem disto, deviaõ conservar sempre os curraes em bom estado para accustumar o gado a procura-los, fazer as revistas, ou como lhe chamaõ rodeios, quando o campeiro mor mandasse, as ferrar, castração, Etr^a, e no escriptorio do Administrador havia hum livro com os mapas de todos os curraes, no qual se lançavaõ ou mensal ou annualmente todos os assentos respectivos a esta parte da administração.

Este mesmo methodo se seguiu depois que o Fisco Real tomou conta desta Fazenda, e segue ainda hoje; porem tam relaxado que carece indispensavelmente de reforma. Dos vinte e dois curraes antigos, so restaõ onze e esses em máo estado: como se não cuidou em conservar as senzalas dos campeiros, tiverã estes motivo para não residir junto aos seus curraes, e vierã morar na Povnação, quando em outro tempo so a furto aqui appareciaõ, a não ser em cumprimento da sua obrigação. Introduzido este abuso, seguiu-se a damnificação dos curraes, porque os campeiros não trataraõ mais, ao menos com a assiduidade precisa da conservação delles em bom estado; e quando os curraes não poderaõ mais conter fechado o gado por arruinados, não se passou mais revista nestes; por conseguinte o gado respectivo perdeu o costume de ser pastorado, fez-se bravo, nem mais se pôde tratar da criação, que nasceo a monte, nem cura-lo das bicheiras, e outras doenças, que inevitavelmente devem ter feito grande damno. Ateny (etc) destes inconvenientes, he sabido que o gado avezado a hum curral difficilmente se accustuma a outro; mas quando por falta do proprio se arrebanha com o de outro curral, o qui acontete ás vezes, occasiona tal confusão nas revistas que não he possivel jamais ter hum mapa exacto da conta do gado, mesmo dos curraes que se conservaõ em bom estado. Daqui vem a difficuldade dos rodeios, que apesar de todas as diligencias se não tem podido praticar ha annos, com grave prejuizo da Fazenda; por que não havendo conta, he impossivel dar pella falta, nem cohibir os roubos do gado, que geralmente dizem ser mui frequentes.

He pois indispensavel a reforma nesta parte da administração, e entendo que deverá comecar da maneira seguinte.

1^o Mandar-se-hã reparar os curraes ainda existentes, e suas respectivas senzalas.

2^o Seraõ obrigados os campeiros a fazer a sua mudada na senzala do curral que lhe pertencer, conservando-o em bom estado, pasturar o seu rebanho, cuidar das vitellas, curar-lhe as bicheiras, aproveitar os coiros das rezes que morrerem no seu districto, e dar parte ao campeiro mor de quaesquer novidades que acontecerem na sua manada.

3º Far-se-ha a revista do gado de cada curral, ferrando-o com huma marca, alem do ferro geral, que indique o curral a que pertence, a fim de evitar a confusão nas revistas dos outros curraes.

4º Cada curral deverá ter hum districto designado por limites naturaes, como as vallas, rios, e mato, que servirá unicamente para pastagem da sua respectiva manada. Alem destes limites geraes, deverão estes mesmos districtos ser subdivididos em pastagens particulares para as vacas de ventre, para as paridas, para as vitellas desmamadas e para as alteiras; e procurar-se-ha quanto for possível ter sempre nestas mesmas subdivisões algum pasto reservado para lhe dar tempo de crescer; e folgar a pastagem cansada quando o gado passa para a de reserva. Por este modo o mesmo terreno dá muito mais pasto, pois segundo Rosies, huma vez pastando a garmel estraga mais pasto em hum dia do que come em oito, o que em parte se evita sendo o pasto assim guardado.

5º Hir-se-hão construido os curraes demolidos á proporção do gado que vier de novo para a Fazenda, para não se confundir com o actual, e no districto de cada-hum destes curraes se deverá praticar a mesma subdivisão de que acima fallamos.

6º Será muito util mandar vir bons toiros pois para melhorar as raças, e deverão estes assim como todos os novillos de dois annos para cima, pastar em curral o mais separado que puder ser dos curraes de criação, para os quaes so deverão ser lançados em tempo oportuno para a cobrição, e em numero proporcionado ao da vacas alteiras, que conforme Rosies, he de hum toiro para vinte e cinco vacas, pouco mais ou menos.

7º Serão igualmente separados entre si os curraes do gado cavallar, e bestas muares, e subdivididos os pastos competentes do modo acima exposto.

8º Deverá haver toda a attenção na abertura das vallas, de que se trata actualmente, em distribuir as aguas de modo que cheguem a todos os curraes, quanto puder ser, correntes; e onde não for possível, ao menos limpar bem os tanques que os Jesuitas expressamente fizeram para este mesmo fim.

9º Haverá huma pastagem e curral perfeitamente separados dos outros, que sirva para o gado doente, com sua arribana para abrigo das rezes que o carecerem.

10º Destinar-se-ha para pastagem do gado de tóra huma porção do campo, quanto for possível, separada dos curraes da caza, para evitar o contagio das epizootias, de que algumas vezes vem contaminadas as manadas de viagem. Entre o rio d'Itagnay e o Guandó, onde ha poucos curraes, me parece que será facil determinar este local.

11º Deverão conservar-se limpos de mato e de vassoira os altos e os arneiros, para refugio do gado nas occasiões de grandes chuvas.

Algunas Pessoas dizem que seria util espantar do campo os corvos ou urubús, por que attão a tirar os olhos ás vitellas em quanto são tenrinhas, porem examinando o facto, não tenho achado huma so testemunha ocular: he certo que elles seguem as vitellas quando as percebem fracas, ou doentes, mas he esperando que ellas morraõ, o que fazem igualmente a qualquer animal grande quando o vêem no mesmo estado. Entretanto a voracidade destas aves he de suma utilidade para consumir o carne dos animaes mortos, que a

louverem de ser enterrados, não chegarão cincoenta escravos só para este serviço.

Exaqui quanto me parece bastante sobre este ramo da economia rural desta R. Fazenda.

Da agricultura.

Nenhuma razão pôde justificar o abandono total da cultura das roças, que a administração actual adaptou por systema, fundando-se em que o producto destas roças não correspondia a hum jornal ordinario dos escravos empregados neste trabalho, sem advertir que por pouco que rendesse, era sempre este hum serviço productivo, e que abandonando-o, reduzião a nada o jornal desses escravos occupando-os somente em trabalho de luxo ou mera commodidade. O successo comprova esta verdade, pois desde que se não tratou mais de agricultura, foi em decadencia rapida o rendimento desta Fazenda. O dinheiros dos fôros, e pastagens que são presentemente os seus unicos lucros, chegam apenas para comprar farinhas, arroz e legumes para as raçoens dos empregados, e fica a soma avultada dos ordenados, e mais despesas miudas da casa gravando a Fazenda Real. Finalmente parece-me ociosidade dispender raçoens em provar que em huma fazenda de terraõ fertil e muito extenso se devem cultivar ao menos os generos da primeira necessidade para o seu proprio consumo.

Deverá pois fazer-se nos campos de S.^{ta} Cruz huma grande seara de arroz todos os annos, que afora o producto usual de cento por hum, tem a conveniencia de dar lenhas para o consumo da casa e carvoaria, e augmentar os pastos para as Reaes manadas.

2.^o Deverá favorecer-se a Feitoria da serra com trinta escravos da Costa ali permanentes, e hum feitor bom, para a cultura da mandioca, milho, e legumes que ali vem muito bem, para supprimento da casa, e tratar das plantas de cafe ainda existentes, cujo producto mesmo mal aproveitado como tem sido ate aqui, he de hum interesse attendivel. Disse escravos da Costa, porque a experiencia tem mostrado que os destacados daqui, como tem sido costume, vão sempre com tal repugnancia em razão da separação das suas familias, e abandono das suas roças, que não he possível faze-los trabalhar com vantagem; e so na jornada em que elles nunca chegam a gostar meio dia quando voltaõ, consomem ordinariamente huma semana quando vão.

3.^o Será de muita utilidade outra semelhante feitoria nas terras fertilissimas do ribeiraõ da onça, onde se fez este anno huma grande derrubada, e ainda outra no Perbery, onde se acha a feitoria das madeiras, e cujas terras são particularmente proprias para a mandioca; tendo a commodidade em qualquer destas feitorias de transportar os seus generos pelo rio Guandú ate esta Fazenda.

4.^o Dever-se-ha introduzir com zelo e de boa fe o uso das charruas e arados, que a experiencia me tem mostrado ser muito possível, a fim de reduzir a grande a cultura do milho e arroz nos campos desta R. Fazenda; destas searas, cujo arado he facil e proprio para as escravas de que ha maior abundancia, alem do seu producto que pode ser muito consideravel, se tira a vantagem pelas cercas e divisõens de vallias, que as haõ de deffender do gado, de hir

formando pastos reservados, e em razão dos amanhos muito mais abundantes e nutritivos.

5º Deverão conservar-se em bom estado as taipas dos rios, e todos os annos em tempo de sêca se recorrerão as vallas para as ter sempre limpas.

6º Tratar-se-ha de fazer huma abegoria, onde se guardem debaixo de chave os carros com todos os seus utensilios, assim como as charruas e arados, que se mandarem fazer, e huma arribana para accommodação dos bois de trabalho á mangedra, ao menos nas noites invernosas.

He quanto em summa me parece sufficiente ácerca da agricultura.

Das officinas

Não obstante a utilidade evidente do estabelecimento dos officios e artes, de que ainda o mais curto entendimento poderá formar conceito pelo preço dos escravos officinaes ao menos triplo do preço dos escravos sem officio, tenho ouvido nesta R. Fazenda de S.^{ta} Cruz declamar contra as officinas, errouciando a opiniaõ da extincção dellas. Bem longe deste parecer, entendo que se devem promover todas com o maior disvello, pondo á testa de cada-huma mestres habéis, e destinando para aprendizes os moleques mais gütusos segundo a sua propensãõ natural. Ainda que esta recommendaçãõ pareça superflua, não o he com effeito; porque na officina dos ferreiros, que he certamente da primeira necessidade, não ha hum so aprendiz. O mesmo acontece na dos curtidores, manteigueiros, teceloeis, oleiros, e tanoeiros, como se vê do mapa junto.

Deste modo não digo que se obtenhaõ desta Fazenda todas as vantagens, que a opiniaõ exaggerada de muitas pessoas exige della; porque não se deve dissimular que o numero excessivos de empregados, que daqui vivem com ordenados e racoens (*sic*) avultadas, as obras em accommodaçoes, e outros muitos trabalhos não productivos, mas indispensaveis para a commodidade das jornadas de S. A. R. não absorvaõ equivalente de hum rendimento avultado, e oiro he o que oiro valle; mas tirar-se-haõ aquellas que são compatíveis com as suas faculdades, e não se imputarão, sem injustiça manifesta, as faltas que se observarem vagamente a cada individuo, cada hum conforme a sua paixãõ.

São estas as mínhas idéas ácerca da administraçãõ da R. Fazenda de S.^{ta} Cruz.

Sua Alteza Real Determinará o que Houver por bem.

R. Fazenda de S.^{ta} Cruz 15 de Dezembro de 1815.

Francisco Cordeiro da Silva Torres
Ten.^{te} Coronel Graduado do R. C. d'Engen.^{ros}

Relatório do número de escravos existentes na Real Fazenda de Sta Cruz em 14 de Junho de 1750

Vizinhos		Sel. n.º 2.		
		Homens	Mulheres	crianças
Vizinhos	Uzinas	6		
	Quilombos	66	18	28
Vizinhos	Uzinas	6		
	Quilombos		1	
	Quilombos	1	7	23
Vizinhos	Uzinas	1		
	Quilombos de B. B.	2		2
Vizinhos	Uzinas	1		
	Quilombos		2	1
Quilombos		2		1
Quilombos		1		1
Quilombos		4		1
Quilombos		2		2
Vizinhos	Uzinas	1		
	Quilombos	2		
	Quilombos	1		
	Quilombos	2		1
Quilombos		15		
Quilombos			18	21
Quilombos		3		3
Quilombos		12	1	74
Quilombos e escravos		1		1
Quilombos		2		2
Quilombos		2	1	3
Quilombos		2	1	2
Quilombos		1		1
Quilombos		1		1
Quilombos		3		3
Quilombos		1		1
Quilombos		1		1
Quilombos		12		37
Quilombos		12	11	23

O mapa da população escrava da Real Fazenda de Sta. Cruz e sua distribuição nos diversos ramos de atividades desenvolvidas naquela propriedade está anexo aos apontamentos de Francisco Cordeiro da Silva Torres, que a isto se refere quando trata da recuperação das oficinas.

Municipios	Altos	Bajas	Total
San Felipe de Guzman	1		1
San Juan de los Rios	13	24	37
San Carlos	1		1
San Sebastian	2		2
San Lorenzo	1		1
San Juan	1		1
San Antonio	2		2
San Pedro	2		2
San Juan de los Rios	11	11	22
San Juan de los Rios	11		11
San Juan	7		7
San Juan de los Rios	11		11
San Juan	26		26
San Juan de los Rios por personas a parte	9		9
San Juan de los Rios	11	2	13
San Juan de los Rios	16	18	34
San Juan	21	10	31
San Juan de los Rios			670

Observaciones

Los nombres de los municipios de los Altos y Bajas en las columnas de la presente se han puesto en el orden que se indica, y el total de 670 personas se han dividido en el total de 670.

Se sabe que en San Juan de los Rios se han dividido en el total de 670 personas, y en el total de 670 personas se han dividido en el total de 670 personas.

San Juan	} San Juan de los Rios	San Juan	} Altos de los Rios
San Juan		San Juan	
San Juan		San Juan	
San Juan		San Juan	
San Juan		San Juan	

Francisco Cepeda de los Rios
 Sr. Comandante de P. y S. de los Rios

NA ALDEIA DE IA-TI-LHÁ (*)
(ETNOGRAFIA DOS ÍNDIOS TAPUIAS DO NORDESTE)

Direen Lindoso
Antropólogo-historiador,
pesquisador da Biblioteca Nacional

(*) Ia-ti-lhá é o nome da antiga aldeia fulniô. Em seu lugar surgiu a cidade de Águas Belas (PE). Depois da expulsão, por parte dos brancos, que dizimou parte da tribo, os Fulniô construíram uma nova aldeia no pé da serra do Concarabó, a pouca distância da antiga. Atualmente os Fulniô denominam, na língua yãthé, a cidade de Águas Belas pelo nome da antiga aldeia.

Neste ensaio, tomamos a licença de denominar os locais da antiga e da nova aldeia pelo topônimo ia-ti-lhá, de modo a pôr em evidência a continuidade cultural dos grupos fulniô através do tempo.

A R T E
D E
GRAMMATICA
DA LINGUA BRASIL
DA NAÇÃO
K I R I R I
COMPOSTA

Pelo **P. LUIS VINCENCIO MAMIANI**;
Da Companhia de **JESU**, Missionario
nas Aldeas da dita Nação.



L I S B O A,

NA Oficina de **MIGUEL DESLANDES**
Impressor de Sua Mag. Anno de 1699.

Com todas as licenças necessarias



A R T E


DA LINGVA KIRIRI.

PRIMEIRA PARTE.

Da Orthographia, Pronunçiação,
Declinação dos Nomes, &
Conjugação dos Verbos.

§. I.

*Das letras que se usão na lingua, & da
Pronunçiação.*

 As letras usadas nesta lingua são as seguintes: A, Æ, B, C, D, E, G, H, I, Y, K, M, N, P, R, S, T, V, W, Z, til. As

CATECISMO
DA DOCTRINA
CHRISTÃ

Na Língua Brasileira
DA NAÇÃO KIRIRI

COMPOSTO

Pelo P. LUIS VINCENCIO
MAMIANI,

Da Companhia de JESUS, Missiona-
rio da Provincia do Brasil.



L I S B O A,

Na Officina de MIGUEL DESLANDES,
Impressor de Sua Magestade.
Com todas as licenças necessárias. Anno de 1698



AO LEYTOR.

HA mais de vinte & cinco annos, que os Religiosos da Companhia desta Provincia do Brasil desejos de dilatar, conforme o proprio Instituto, as conquistas da Fè na Gentiidade Brasileira, & não satisfeitos do que tinhaõ obrado com os Indios maritimos da lingua geral, penetráraõ os Certões interiores deste Brasil, para reduzir ao rebanho de Christo tambem os Indios bravos, & Tapuyas, & os primeiros que viveraõ essa parte foraõ os da Naçaõ, a que vulgarmente chamamos dos Kiriris. Sendo pois que o meyo principal para persuadir aos Gèntios a Fè de Christo he a noticia das suas linguas sem necessaria, que o mesmo Christo a quiz communicar com:

* ij

hum.

hum prodigio aos primeiros Missionarios do mundo, que foraõ os Apostolos, pareceo que já em tempo de se copor hum Catecismo tambem na lingua Kiriri, como o ha nas outras linguas, para facilitar aos novos Missionarios a converiaõ destes Barbaros.

Não faltavaõ outros Religiosos bons linguas, que pudessem com melhor acerto dar o remedio a esta falta. Mas como atègora não houve quem quizesse, ou pudesse tomar esta obra: tinha a seu cargo, Eu, ainda que o minimo de todos, por mandado dos meus Superiores aceitei este difficuloso assumpto para utilidade dos novos Missionarios, & para bem de tantas almas.

Chamei difficuloso assumpto, porque he tam embaraçada esta lingua assim na pronunciaçaõ, como nas suas frases, que os mesmos nestos Religiosos bons linguas, nunca concordaraõ no modo, com que se houvessem de escrever & pronunciar muitos vocabulos. Mas reparando eu que nas necessida-

des.

des, mais val o remedio dado a pressa, ainda que não seja com toda a perfeiçaõ, conforme o ditado:

o que dilatio com a esperança de maior perfeiçaõ, correndo risco de ser a dilataçõ perpetua, por isso quebrei por todos esses respeito, para não dilatar o remedio das almas dos Indios, que correm por nossa conta. Mas nem por isso deixei de usar de todos os meyoas, que eraõ possiveis para acertar. Além da experiencia de doze annos de lingua entre os Indios, nos quaes desde o primeiro anno a este presente fui de proposito notando reparando, & perguntando não somente para entender, & fallar doutra, mas para saber a lingua de raiz, & com fundamento; conferi com os nossos Religiosos linguas mais antigas, & examinei Indios de diversas Aldeas, & por derradeiro fui conferindo o presente Catecismo sentença por sentença com Indios que tinhaõ bastante capacidade para entender o meu significado, & pa-

* ij

ra conhecer a fraze correspondente na sua lingua. Para dar satisfação aos diversos pareceres que havia sobre o modo de escrever, concordei a diversidade com a novidade de algumas letras, & acentos juntamente com a pronunciaçãõ delleas, com a aprovaçãõ de todos. Com que me parece que não deixei todas as diligencias possiveis, para que fahisse a luz este Catecismo. senão livre de todos os erros, ao menos expedito, & bastante em falta de outro melhor, para os Missionarios novos serem ouvidos, & entendidos dos Indios, que he o fim principal, que se pretende, pois por falta delle não se declaraõ aos Indios muitos mysterios, & muitas cousas necessarias a hum Christão.

Tudo este Catecismo se divide em tres partes. Na primeira se contém as Orações, & mais principios da Fé. Na segunda se declaraõ os mysterios da Fé, os Mandamentos, Sacramentos, & o mais que he obrigado a saber todo o Christão. Na terceira se poem

hãas

hãas instruções, que podem servir ao Paroco dos Indios. Ajuntei neste Catecismo a significaçãõ Portuguesa correspondente à fraze da lingua Kiriri por duas causas. A primeira, para que os novos Missionarios por essa via vendo os exemplos na lingua, & a significaçãõ no vulgar idioma, possãõ mais facilmente alcançar as frazes, & o modo de fallar, & assim aprender mais depressa a lingua. A segunda causa he, porque se acaso este livroinho vier ás mãos de quem não sabe a lingua Kiriri, se aproveitar tambẽ d'elle, ou para aprender os mysterios, & declaraçãõ d'elles para si, ou para os ensinar com esse metodo aos filhos, escravos, & outros de sua obrigaçãõ.

As materias contidas neste Catecismo se explicaõ a modo de Dialogos, por ser o modo mais usado, & facil para ensinar a Doutrina Christã. Porém não he necessario, que os Indios aprendaõ todas as repostas, pois não são capazes d'isso, mas somente as

Orações, & as repostas das perguntas geraes da Doutrina; & o Doutrineiro havendo de fazer nos Domingos, & dias Santos a Doutrina geral poderá valer-se de hum, ou dous Dialogos para se explicar aos Indios, & se não souber ainda expedirse de fallar na sua lingua, poderá ler assim como está o Dialogo, pois este modo conciso serve mais para os Indios entenderem, do que hãa pratica continuada, & bem ordenada. Permita Deos nosso Senhor, que sirva este Catecismo para sua maior gloria, & salvaçãõ de muitas almas desta nova Christãdade.



CANTIGAS NA LINGUA

KIRIRI

Para cantarem os Meninos da
Doutrina com a versão em
versos Castelhanos do
mesmo metro.

Do nome Santissimo de IESVS.

BO Jesu m'anté
cará
Bó Jesu Tupáichá.

Bó Jesu huera
nhanhá
Bó Jesu t'goháidá.

Jesu não em si tu
nome
Quero a hon
rar.

A Jesu mi Deus y
hambra
Quero el serro ey
bradar.

Nó

Con-

of to of to of to of to of to of to of to

O Stabat Mater dolorosa

Vertido na Lingua Kiriri

Sobre nossa Senhora ao
pè da Cruz.

TOdáid ró d'á-
zeyá,
Do dienkélac mo
Cruzá
Sembéhó diahurá.

Wiperéba ueraya-
chí
Móissúidzeyáí,

Mó fáhíwóché.

S'weméché ubó
ceubá
Erl udé dibuonhérl
Mó fáhí diahurá.

Stabat Mater do-
lorosa
Juxta Crucem lacry-
mosa
Dum pendebat Fi-
lius.

Cujus sanguinem ge-
mentem
Constitititum, &
dolerem
Pertransiit gladius.

O quam trístis, &
aíl' éra
Fuit illa benedicta
Mater D'ingenita.

Adjé

Quis

of to of to of to of to of to of to of to

Em louvor da Virgem San-
tissima Mãe de Deos.

DO Maria de ma-
dá
Camará
Mó ibuonhéché bi-
nhá ;
Saxepróh síel ró huíl
Hinhábé
Idióbé
Dó ubá d'óighy.

Bibé nó nuncendá
Bó róidá
Cutóá ró idé Tupá.

No síhé Maria Gu-
nhé
Ihzené
Bullngheté
Cutó k'ezibé.

DE Maria ei grá-
de amor,
El primor
Cantaré en tu loor,

A sus pies ei congoon
Llevaré,
Y daré
Por mi blasón.

No llegó a la p'ntal
La señal
Del peccado origi-
nal,

Sede Dios su Ma-
dre, y Esposa,
Del peccar,
Del errar
Vivir zelosa.

Nó

De

É importante observar que, no estudo das hipóteses etnológicas, seguimos a indicação de Max Weber, de que é indispensável o controle da interpretação compreensiva pelos resultados, observando, ademais, o grau de diferenciação funcional entre elas. Para nós, as hipóteses são construções "típico-ideais" - a expressão é de Weber - mas de base empírica. A partir de uma certa empiria, de uma certa determinação do real observado, adquirem uma natureza funcional, tanto de caráter compreensivo como de valor interpretativo. É essa uma função recorrente, que vai da elaboração do conceito aos fatos observados, e desses àquela. A situação sincrônica no tratamento dos temas facilitará a percepção funcional das hipóteses. E, se de nada valessem as hipóteses, serviriam ao menos para captar certos aspectos da razão etnológica.

Portanto, quando nos referimos a hipóteses, fica subentendido sua funcionalidade típica no texto. Desse modo, subsumimos o estabelecido como hipótese à funcionalidade do discurso antropológico.

1

Imagino o etnólogo Estêvão Pinto fazendo etnologia de campo numa aldeia de índios Fulniô ou Fulni-ô, em Águas Belas, no agreste pernambucano, no pé-de-serra do Caririati, quase às margens do Ipanema, um rio de nascentes de sertão. Recordo sua infância de menino urbano em Macció, sua puerícia e sua mocidade alagoanas, estreando como poeta aos 18 anos de idade. Transferindo-se para o Recife em 1913, já teve sua formação superior, estudando jurisprudência na célebre Faculdade de Direito, berço de importantes poetas e eruditos, como o baiano Castro Alves e o sergipano Tobias Barreto. Em 1922 publica *Pernambuco no Século XIX*, um estudo de natureza histórica. Só a partir de 1935 publica seu primeiro estudo etnológico, já obra capital: *Os Índios do Nordeste* (t. I, 1935; t. II, 1938). Em junho de 1937, comissionado pelo Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, realiza seu primeiro trabalho de campo entre os índios Pancararu (ou Pancaru), em Brejos dos Padres, no município de Tacaratu (PE).

A questão que se pode levantar inicialmente é, infelizmente, de difícil esclarecimento. Enfim, que impulso conduziu um intelectual de já 40 anos aos estudos etnológicos, e, dentre eles, aos estudos de campo dos Pancararu (1937) e dos Fulniô (1933)? Um fato é fundamental: Estêvão Pinto se fez antropólogo tardiamente, já maduro em sua cultura intelectual. A leitura de *Os Índios do Nordeste* indica um antropólogo com domínio completo da teoria. Trata-se de

um trabalho de etno-história, centrado no conhecimento teórico das culturas dos grupos tupis. É um trabalho de erudição, minucioso, de fundamentos teóricos reconhecidos, que já surgiu como um clássico. Por sua vez, a leitura de *Yathé - Os Últimos Tapuias* (1956) indica um etnólogo maduro, dominando as dificuldades das pesquisas de campo, capaz de desenvolver não só a racionalidade etnográfica como uma compreensão empática das populações estudadas e de suas diferenças culturais. Cuidadoso, deixou-se acompanhar pelo linguista Geraldo Lapenda que, anos depois, publicando seu trabalho sobre a língua yathé, não fez menção a seu mestre antropólogo. Que se passou entre o etnólogo e o etnolinguista nos trabalhos de campo? Tensões ou incompatibilidade durável aluno-mestre, talvez diferenças de temperamentos? Não se sabe o que se passou para conciliar, já morto seu mestre, a atitude do etnolinguista. Se houve tensões (Estêvão Pinto sempre apressado, temperamento irritadiço; Geraldo Lapenda mais meticuloso e preocupado na fixação gramatical e vocabular de uma língua já estudada, antes, por um etnólogo da estatura de Max Henri Boudin), essas não chegaram a prejudicar o trabalho de ambos. Aliás, Estêvão Pinto revelou sempre uma nitida admiração intelectual por Geraldo Lapenda, elogiando-lhe a cultura e a vocação etnográfica. De modo que emparelhou Lapenda de organizar a gramática e o vocabulário yathé (1).

A questão etnográfica dos Tapuias sempre se revelou um emaranhado de grandes dificuldades. Em 1938 Estêvão Pinto entra na questão, publicando seu trabalho, de cunho mais estético e ergológico, sobre os Pançaratu da aldeia de Tacaratu (2). Neste trabalho, conclui que a população indígena do Brejo dos Tavares parecia pertencer ao grupo já ou tapuia (no caso, os Tacairiú). Refazendo, em 1958, esse trabalho, prefere indicar sua tendência para incluí-la no grupo Kariri (ver *Muxambó e Balcões*, 1958). Desse modo, Estêvão Pinto tende, por sua vez, a não levar em conta a inclusão dos Kariri na família Tapuia, já feita por Th. Pompeu Sobrinho, como veremos adiante. De certa maneira, as indecisões de Estêvão Pinto aumentam as dificuldades históricas e etnográficas sobre o significado do etnônimo "Tapuia".

Entre nós, os estudos etnográficos sobre os Tapuias se iniciam com as observações, aliás bastante argutas, de Mário Melo, nos seus artigos *Os Carijós de Agnes Belas* (3) e com a *Contribuição para o Estudo das Afinidades do Kariri* (4), de Th. Pompeu Sobrinho, que tem, no último, um caráter mais linguístico, ambos de 1928. Em 1931, Carlos Estêvão de Oliveira publica *Os Carijós de Agnes Belas*, dando ao estudo dessa população indígena um caráter tipicamente de observação etnográfica (5). Cabe destacar que os artigos de Mário Melo fornecem dados interessantes sobre a etnografia dos Fulniô, que foram interpretados, do ponto de vista etnográfico, por Th. Pompeu Sobrinho (as cinco sípses) e o nome da língua (yathé), por Carlos Estêvão de Oliveira, por Max Henri Boudin (6) e por Estêvão Pinto. Boudin, como já vimos, escreve uma gramática e um vocabulário do yathé e, assim como Estêvão Pinto, esclarece a organização social dos Fulniô da aldeia de Ia-ti-lhá. Em busca, sempre, das afinidades linguísticas kariri, Th. Pompeu Sobrinho estuda, em 1931, o vocabulário dos índios Merime (7). Em 1933, Mário Melo e Hildebrando Menezes publicam um estudo de campo sobre os Xucuru de Ararobá (8). Em

1934, é a vez de Th. Pompeu Sobrinho retornar ao estudo dos Tapuias históricos, a partir de uma monografia holandesa de Elias Herckman (9).

Em 1935, Th. Pompeu Sobrinho publica seu estudo sobre os índios Fulniô, baseando-se nas pesquisas realizadas, em épocas diferentes, por Mário Melo e o geólogo Bruner (10). Insistindo nos estudos comparativos dos vocabulários, Th. Pompeu Sobrinho conclui pela inexistência de afinidades entre o yãthê e outras línguas indígenas do Nordeste. Considera o yãthê como língua isolada. Entretanto, observa que os Fulniô se incluem culturalmente no grupo Tapuia. Com base nas observações de campo de Mário Melo, distingue cinco sipes fulniôs: Falêdatô, Waledatô, Lildiaká, Tchiokô e Selâdia. O material lingüístico coletado indica uma diferença com relação ao grupo lingüístico kariri. E escreve: "Conclui-se, pois, que ou o Karnijô representa as reliquias de uma família lingüística, ainda não computada na relação das línguas indígenas americanas do Brasil, ou liga-se a alguma família que não tem representantes no nosso território, pelo menos devidamente conhecidos".

No trabalho *Tapuias do Nordeste*, Th. Pompeu Sobrinho refere-se aos Tapuias como um grupo autônomo, fazendo a distinção entre "civilização tupi" e "civilização tapuia". Faz uma descrição etnográfica das três áreas culturais protocôloniais indígenas do Nordeste, situando-as entre o rio São Francisco, ao sul, e o rio Parnaíba, ao norte. Estão, assim, distribuídas:

- a) litorânea, povoada pelos tupis da costa; projetava-se até a chapada do Ibiapaba, no Ceará, e pelos sertões do vale do São Francisco;
- b) sublitorânea, povoada pelos Tarairiu, com duas subnações: 1. Jandoins; 2. Canindés;
- c) a do interior (sertão) da Bahia, sul do rio São Francisco, sertões de Pernambuco, Paraíba (talvez Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e Maranhão), povoada pelos Kariri.

Na ampla área cultural dos Tapuias (Tarairiu e Kariri) situavam-se outros povos, pertencentes a grupos étnico-lingüísticos diversos: Jê, Fulniô, Karaíba. Na família Tapuia, os Tarairiu compõem uma família lingüística distinta da família lingüística Kariri.

São marcantes algumas diferenças de traços culturais existentes entre Tarairiu e Kariri. Os elementos lingüísticos entre esses grupos são diferenciados. A cultura tarairiu se caracteriza e se diferencia da cultura kariri pela presença ou ausência em uma delas de traços culturais inexistentes ou existentes na outra. A cultura tarairiu registra o endocanibalismo, o uso e fabricação da rede de dormir, a ausência de agricultura, a prática de atividades náuticas, a arte oleira, o uso de botoques nas orelhas e de tumbetãs nos lábios, uso e fabricação de alpercatas de palhas trançadas, de propulsor de dardos e a ocultação do pênis com a dobra da pele dos testículos, levantada e presa com atilho ao corpo (modelo jê).

Th. Pompeu Sobrinho designa os nomes dos grupos que formam as nações Tarairiu e Kariri. São Tarairiu: Jandoins, Canindé, Paiaku, Jenipapo, Jenipabucu, Javô, Kamaçu, Tukuriju, Arariu, Xukuru ou Xaçô. E são Kariri: Kipós (Bahia), Dzubukuas (Bahia e Pernambuco), Bultrim (Paraíba), Sabujás (Bahia), Kaririçu e Kuriu (Ceará). Divide ainda os Fulniô em três grupos: Iah'ônas, Techh'ili e Walekoso.

Em seu estudo de 1947, Th. Pompeu Sobrinho tenta estabelecer o sistema de parentesco do grupo Kariri (11). Em 1950 escreveu um trabalho sobre a origem provável dos Kariri, descrevendo a primitiva área de dispersão (12). Constrói a hipótese de uma língua originária, já desaparecida. Essa hipótese linguística é designada de "hipótese Brasileira", uma espécie de *linguambe* ao gosto da etnolinguística clássica alemã.

Não obstante suas hipóteses de uma língua primitiva brasileira-kariri e de uma área delimitada de dispersão kariri, que podem ou não ser postas em dúvida, a contribuição etnográfica sobre os Tapuias, que nos oferece Th. Pompeu Sobrinho, tem um importante valor contributivo para o esclarecimento dessa questão etnográfica (13). Desse modo, Th. Pompeu Sobrinho procura dar uma certa ordem na desordem do aranzel tapuia. Coou informações, comparou outras, viabilizou algumas, sistematizou a questão. Foi uma contribuição louvável e, de certo modo, produtiva. Talvez, do ponto de vista geral, a mais séria dada. Pelo menos esmaecen a confusão reinante.

A "questão Tapuia" é confusa desde Gabriel Soares de Sousa e Barlaeus, até Robert H. Lowie e Estêvão Pinto. Lowie, em sua resenha para o *Handbook of South American Indians* (14), incluiu os Tapuias entre as chamadas tribos marginais (no sentido antropológico). Na sua opinião, dada como irrecusável, o etnônimo "Tapuia" não passava de um "blanket term", um termo vazio, geral - enfim uma etiqueta etnográfica para designar, por sua vez, uma realidade etnográfica confusa. O mesmo que "Digger Indian" (ou "índio cavador") ou "Siwash", termos usados pelos colonos dos Estados Unidos, que não indicam uma realidade etnográfica determinada, específica e de fácil classificação. Pelo contrário, são termos gerais para designar uma diversidade etnográfica de difícil classificação, no início para os colonos comuns, passado o tempo, para os etnógrafos. Entre nós, William Hohenthal limita o etnônimo "Tapuia" para designar certos índios de ergologia específica, que se caracterizam pela ausência de aldeias fortificadas, pelo desconhecimento de jirau e esteiros de dormir, e que cozinhavam em fornos subterrâneos (15). É muito pouco para uma classificação.

Cabe informar que Estêvão Pinto, um tanto tonto em meio ao aranzel Tapuia, preferiu concordar com Robert H. Lowie quanto ao caráter "blanket" do termo "Tapuia". Entretanto, uma análise mais acurada da adesão de Estêvão Pinto nos esclarece sobre a natureza dessa concordância. A nosso ver, não bastou a Estêvão Pinto a sistematização de Th. Pompeu Sobrinho considerando apenas "Tapuias" os Tarairiu e os Kariri. Insistia Estêvão Pinto em ver no termo "Tapuia" uma designação - sem unidade cultural ou linguística autônoma. Com esse seu posicionamento, retraía a "questão Tapuia" aos termos anteriores aos estudos de Th. Pompeu Sobrinho. Esse retraimento reposicionava a questão em termos antigos, voltava-se, assim, à época de Gabriel Soares de Sousa e do holandês Barlaeus. Isto é: nos séculos XVI e XVII.

Parece-me muito claro: a conclusão de Th. Pompeu Sobrinho, de que os "Tapuias" eram os Tarairiu e os Kariri, tem fundamento etnográfico. Por sua vez, a conclusão Robert Lowie-Estêvão Pinto é recorrente à realidade etnográfica que nos chegou com a herança do textuário dos cronistas coloniais. Neste textuário, deu-se o nome de "Tapuia" a qualquer realidade etnográfica que não fosse "Tupi". Os cronistas partiam da diferenciação ideológica que, em

nessa época, Oswald de Andrade glossou sob forma de piada: "Tupi or not Tupi - eis a questão". Pois a ideologia dos cronistas decorria da distinção entre "Tupi" e "não-Tupi". E como "Tapuia" é uma designação tupi para índios não-tupis, armou-se a confusão. O que o etnógrafo tem de fazer, nesse caso, é separar o designativo "Tapuia", tal como aparece no textuário colonial, da ideologia dos colonos-cronistas. Parece-me que essa operação realizou-a Th. Pompeu Sobrinho pela primeira vez entre nós. Revelou-se mais atento a determinados traços culturais das informações dos cronistas que à ideologia que eles expunham, copiada de seus aliados tupis. Nos estudos de Th. Pompeu Sobrinho, a "hipótese Tapuia" aparece como etnograficamente válida, e o termo como um etnônimo que designa uma realidade etnográfica dada, uma comunidade de povos indígenas de que os Tarairiu e os Kariri foram os sobreviventes conhecidos.

Apesar de, a concordância de Estêvão Pinto com a posição de Robert H. Lowie revela-se formal. Vejo um otimismo que resta um mínimo de diferença nessa concordância a respeito de tratar a "questão Tapuia" entre os dois etnólogos. Uma análise mais minuciosa da posição de Estêvão Pinto demonstra que este, dispondo de melhores informações a respeito, insinua um mínimo de convergência de traços de cultura entre os vários grupos, aos quais historicamente se atribuiu o etnônimo "Tapuia". Esse mínimo etnográfico aproxima a etnografia tapuia de Estêvão Pinto da sistemática etnográfica que Th. Pompeu Sobrinho desenvolveu com antecedência.

Identificando os Tarairiu e os Kariri como os verdadeiros Tapuias, Th. Pompeu Sobrinho marca, em termos de etnonímias, um tanto etnográfico. Estêvão Pinto, por sua vez, não ignorando as convergências de traços de cultura entre os grupos de línguas isoladas e os grupos Tarairiu e Kariri, dá um passo positivo em direção às teses de Th. Pompeu Sobrinho. São convergências que se revelam evidentes entre Xucuru de Cumbres e das aldeias de Palmeira dos Índios, entre Fulniô da aldeia de Ia-ti-Ihá, ou Águas Belas, e de Camuxinga (língua indígena de Santana de Ipanema), entre Shocó (de Porto Real do Colégio) e Pancaruru de Tacaratu. Justamente esse mínimo etnográfico de convergências é que estabelece, a nosso ver, a premissa cultural da existência de uma comunidade (hoje histórica) Tapuia. A pureza etnográfica de qualquer desses grupos parece-me impossível diante do processo de violência da vida colonial que se abateu, há mais de quatro séculos, sobre suas existências históricas.

Em sua viagem etnográfica de 1935 às aldeias dos Pancaruru de Itaparica e Tacaratu, Carlos Estêvão de Oliveira constatara um processo miscigenico e de aculturação bastante adiantado, com aglutinação de diferentes grupos entre si, e que não deixou de ter consequências de ordem física e cultural (16). William Hühenthal, por sua vez, registra, em 1954, idêntico processo entre os Xucuru de Arambá.

Essa mistura de culturas e povos é um fato histórico, que já registrei anteriormente para o ciclo de conquista e colonização dos sertões nordestinos, que teve, como início, as aldeias integradas, organizadas pelos jesuítas no Recôncavo baiano, e por franciscanos e capuchinhos no vale do São Francisco (17). Tal processo histórico acabou por estabelecer sincretismos de caráter religioso e cultural.

Ademais, um processo catequético violento estabeleceu pontos de assimilação de traços que não constavam, anteriormente, nessas culturas indígenas sertanejas. Eram elementos culturais alógenos que, partindo da frente de colonização, não deixavam de alterar a pureza relativa das culturas submetidas. As recusas culturais, por mais violentas que fossem, como no caso da chamada (pela historiografia tradicional) Guerra dos Bárbaros, parecem mais ter favorecido essas alterações de culturas nas populações indígenas do que comumente se avalia.

"Bárbaro" era, comumente, sinônimo de "Tapuia". Tem razão Robert H. Lowie quando exige, para esclarecimento do termo "Tapuia", um "close scrutiny". Von Martius, em obra célebre, prefere traduzi-lo por "inimigos" ou "habitantes do Oeste" (18). Lowie, por sua vez, liga os Tapuias à família Iê. A pintura que Albert Eckhout fez de um índio e uma índia dos grupos Tarairiu, na época da administração holandesa do conde Maurício de Nassau (1637-1644) em Pernambuco, e que hoje se encontra numa das galerias do Museu Nacional de Copenhague, tem raro valor etnográfico. Mostra um casal de índios (quadros separados) com seus ornatos, sua pintura corporal monocromática, suas sandálias de palhas trançadas, seu tacape, etc. É bom advertir que a reprodução dessas pinturas, feitas por Kristian von Bahusen, deixa a desejar (19), sendo preferíveis as reproduções a cores (fotografias) realizadas sob os cuidados de Clarivaldo do Prado Valladares (20). Ambos os quadros são exemplos magníficos de pintura etnográfica da Escola Flamenca. Teria tido o pintor diante de si, tomando-o como modelo vivo, um casal de índios Tarairiu? Não sei se existe dado tão preciso sobre o fato, mas tudo leva a crer que sim.

Max H. Boudin, estudando a língua e a cultura Fulniô (grafia Fulniô) (21), esclareceu muitos dos fatos etnográficos até então obscuros. Teve a feliz oportunidade de estudar o "Urakuri", centro da vida religiosa do grupo. Parece que resolveu a dificuldade sobre a formação do etnônimo "Karijó" ou "Karijô" dado pelos índios de língua tupi aos Fulniô. Com esse epíteto tupi passaram a ser conhecidos, historicamente, os índios Fulniô da aldeia de Ia-ti-Ihá, em Águas Belas. Segundo ele, não tendo o yãthê (grafia de Geraldo Lapenda) ou iu-lê (grafia de Boudin) nem "r" nem "j" nem "y", o tupi "Ka(h)-iyó", por razões fonéticas da língua yãthê, acabou dando a forma yãthê arcaica "Fulni-yo", e daí "fulni-ô", verdadeiro adjetivo verbal, com a categoria adjetival: né-yo, né-ho-né-yô, ni-ho. E explica que "Karijó" ou "Karijô" é um qualificativo, em língua geral tupi, para designar "os escravos indígenas que tomavam parte nas expedições de descobrimento e conquista, chefiadas pelos bandeirantes. Em outras palavras, o Karijô é o índio *amansado*".

Descartada a confusão que se fazia entre Fulniô e Kariri, por Th. Pompeu Sobrinho, ainda persistiu na antropologia brasileira quem o cometesse. É o caso de Arthur Ramos, que na *Introdução à Antropologia Brasileira* (t. I), incide ainda no erro Fulniô - Kariri. Ora, Th. Pompeu Sobrinho já sublinhara, desde 1935, a autonomia do yãthê, que era língua independente do Kariri, sendo estranho esse engano de Arthur Ramos.

As pesquisas de Boudin confirmam vários aspectos da análise de Th. Pompeu Sobrinho no que se refere à organização social fulniô, como a existência de cinco sipes: "sôlai-to", ou clã do fumo; "falê-da-to", ou clã do pato;

"watê-da-to", ou clã do porco; lil-dyak-tu, ou clã do periquito; e, afinal, "xo-o kn", ou clã do peixe. (A grafia dada por Boudin é mais correta que a fornecida por Mário Melo a Th. Pompeu Sobrinho).

Observe-se que as pesquisas realizadas por Boudin precedem às realizadas por Estêvão Pinto e Geraldo Lapenda em 1953. Estabeleceram um registro seguro da língua e da organização social fulniô. Basta observar que Boudin precede também, no estudo da língua yathê, às pesquisas de Geraldo Lapenda. Um primeiro estudo aparece em 1950, *Stipulariedades da língua Ia-ti (??)*; e o segundo, mais completo, guardado na Seção de Estudos do antigo S. P. I., e hoje nos arquivos do Museu do Índio (manuscrito nº 195.951), *Gramática, Vocabulário e Textos da Língua Ia-ti falada pelos Índios Fulni-ô, de Águas Felizes, Pernambuco*. As pesquisas, que realizou antes de Estêvão Pinto, sobre a organização social fulniô, esclarecem principalmente os sistemas de relações preferenciais, os grupos clânicos, a organização dos clãs à base totemica e os casamentos interclânicos. Tais estudos e pesquisas não deixaram, a nosso ver, de servir de orientação para pesquisas de campo a Estêvão Pinto e Geraldo Lapenda. A contribuição de Boudin se revela fundamental para o conhecimento etnológico e lingüístico dos índios da aldeia de Ia-ti-Ihá. Parece-me que Boudin deixa bem claro que o estudo da língua se mostra imprescindível para um correto conhecimento etnográfico dos grupos estudados.

Apesar de Geraldo Lapenda ter revelado um interesse especificamente lingüístico pelo yathê, seus estudos formam uma base lingüística para os estudos da organização social fulniô por Estêvão Pinto. Já Edward Sapir (23), o eminente etnólogo e lingüista, propunha, para o estudo de uma cultura, o aprendizado da língua, pois nela se expressam as experiências sociais. Entretanto, Estêvão Pinto põe em dúvida até que ponto a interpenetração entre linguagem e cultura é possível, principalmente no caso de sociedades arcaicas bilíngues, tipo Fulniô, de farta convivência histórica com segmentos da sociedade nacional. Admite, em princípio, a fecundidade do método, como o recomendou Sapir (24). Não obstante suas reservas, deixou-se acompanhar, em seu estudo de campo da aldeia de Ia-ti-Ihá, de um etnolingüista, e ainda de geógrafos da convergadura de Tadeu Rocha e Manuel Correia de Andrade. Torna-se claro que Estêvão Pinto não descartava a opinião de Sapir de um modo absoluto, e, ademais, levava em consideração a importância do meio físico na configuração da cultura. Contribuições científicas que iriam fundamentar o largo embasamento etnográfico do seu *Fulniô - Os últimos Tapuias*.

Aliás, Carlos Estêvão de Oliveira (25), com sua perencência de etnólogo de campo, já chamara a atenção dos especialistas para a questão prioritária, na etnologia brasileira, do estudo dos Fulniô. Sua recomendação, de que, naquele momento, o estudo dos Fulniô era do maior interesse para a etnografia brasileira, foi levada a sério por Estêvão Pinto. Desse modo, Estêvão Pinto desenvolveu, em sua visita de 1953, interesse particular pela antropologia física e a organização social e religiosa do grupo indígena da aldeia de Ia-ti-Ihá. Estudou a cultura material, a medicina rústica, a música, a cozinha, o sistema tribal e familiar e a mitologia, descrevendo e interpretando os processos de aculturação com outros grupos afins e as mudanças culturais ocorrentes.

Ao estudar os cerimoniais e ritos do Urikuri, anota a "simbiose religiosa" com os grupos Natu, Carapotó e Shocó, onde registra a exclusão, por parte dos Fulniô, da participação de outras comunidades indígenas e dos índios da aldeia em situação de casamentos mistos com "brancos". A anotação sobre a existência de uma "simbiose religiosa" e sobre os casamentos mistos esclarecem o processo de aceitação e recusa psicoculturais por parte da comunidade fulniô. Assim é que conclui que os Fulniô aceitam, no cerimonial do Urikuri, a participação de grupos Natu, Carapotó e Shocó, vetando a outros grupos, inclusive aos membros da tribo em situação de casamentos mistos. Estêvão Pinto explica essa participação de Natu, Carapotó e Shocó como prova da integração, de parte desses grupos, em alguma época, ao grupo fulniô da aldeia de Ia-ti-lhá. Entendemos, entretanto, que a existência dessa participação não significa necessariamente que tenha havido, em épocas pretéritas, assimilação. Podem ter ocorrido outros fatos, como alianças intertribais, no caso de guerras, por exemplo, ou ainda em razão desses grupos serem portadores de afinidades religiosas no amplo caldeamento cultural entre as tribos vizinhas. As anotações de Estêvão Pinto têm importância para futuros estudos sobre sincretismos tapuias, quer entre seus vários grupos, quer com grupos estranhos.

Esse sincretismo parece ter sido amplo. Tanto que Estêvão Pinto registra, no estudo do equipamento cultural fulniô, a ausência de traços culturais comuns aos grupos kariri. Do grupo kariri, os Fulniô rejeitaram a agricultura avançada, a cerâmica, a manjedoura, a tecelagem, o fustigamento, a numação em igacabas, o choco ou "couvade", a escarificação, a tatuagem e os "cordões nodados". Entretanto, os sistemas de parentescos fulniô e kariri guardam muitas afinidades. Cabe observar que, referindo-se aos Pancararu da aldeia de Tacaratu, Estêvão Pinto constatou um forte processo de aculturação e miscigenação, apresentando exemplo de um mestiço quase negro (26). O processo aculturativo já se aprofundara de tal modo que impedia o pesquisador perceber "o traço cultural característico e peculiar de sua cultura". É Boudin, em seus manuscritos, indica uma miscigenação étnica muito forte entre os Fulniô. A aculturação desse grupo é, por sua vez, indicada por Estêvão Pinto, que alega vários traços culturais alógenos que passaram a compor a cultura fulniô: elementos religiosos kariri, como a divinização do fumo pela sipe dos Sedavô, as festas periódicas, o uso da jurema e as máscaras de dança; traços culturais jê, como o catre, a caça com o emprego do fogo, a corrida dos turus e processos de assar a carne em forno subterrâneo, ou talvez, a fabricação de utensílios de palha, o uso do espeto, o gosto pelo mel e pela carne *faisandê* e o hábito das mulheres, em determinada situação, cruzarem a mão esquerda no rosto (modelos camacã); e dos Tamairiu, o antigo endocanibalismo (hoje extinto), certas superstições mágico-religiosas referidas a pedras e penedos (27). Indica ainda a peculiaridade da sipe Peike, entre os Fulniô da aldeia de Ia-ti-lhá ou Águas Belas, do, no século XVII, ter integrado grupos Shocó (hipótese de Boudin, confirmada pela documentação histórica) e que nessa sipe Txokó ainda hoje se integram os mestiços e os matrimônios mistos.

Em seu estudo de 1938 sobre os Pancararu de Tacaratu (28), Estêvão Pinto descreve uma sociedade indígena de civilização material reduzida, com poucos traços culturais, o que demonstra uma desagregação cultural de mais de dois séculos. São eles: habitação rústica, que lembra os Jê, dormem diretamente no

chão (modelo Coroado) ou sobre palhas (modelo Cainguangue), raro uso do catre (modelo Camatã, Penhames, Capoxó, Macaxali e Shereute), ausência de tecelagem (embora Carlos Estêvão de Oliveira tenha encontrado evidência, de ordem arqueológica, de tecidos de carôá em Brejos dos Padres) (29), trançado de urucuri e carôá (com o uso de *Spindeltechnik* ou *crilêú*, a técnica "em espiral"), cerâmica reduzidíssima ou quase ausente, à maneira tapuia; caça de arco e flecha (arco brasileiro setentrional, na classificação de H. Meyer), taxava como cargo não-hereditário, emprego do fumo ou tabaco nas técnicas exorcistas, isqueiro de pedra, festas e danças (ponto mais alto de seus componentes culturais), flagelação mútua, sociedade secreta dos praiás (que se reúne no rancho sagrado ou poró), elementos mágico-religiosos (de provável procedência jê), máscaras de dança. O autor adverte sobre a importância do uso da palha na confecção de utensílios e máscaras-de-dança, que lembra uma procedência jê. Além, refere-se a uma "verdadeira civilização da palha" jê, dizendo que esta era para os jê "o que as plumas eram para os tupis".

Estêvão Pinto chama a atenção para a dificuldade de explicar a presença da máscara-de-dança entre os Pancararu. E tenta uma hipótese, dizendo que talvez anteriormente os Pancararu empregassem, em vez da máscara-de-dança de palha, um manto de carôá, semelhante ao curo jê. A hipótese é razoável, levando-se em consideração, como faz o nosso etnógrafo, que, cobrindo-se a cabeça com o manto, dava-se origem à máscara. Na realidade, a existência desse traço cultural entre os Pancararu exige outros níveis de explicação, que se baseiem em novos dados etnográficos.

Neste seu primeiro estudo sobre os Pancararu de Tacaratu, Estêvão Pinto dá àquela população uma origem jê ou tapuia, constatando elementos jês entre os traços culturais estudados. Seriam jês: a habitação arcaica, o uso do catre, a ausência de tecelagem, a existência de cordaria, a olaria pobre, a agricultura de pequena escala, a técnica de emplumação, o mito do difúvio, as danças, resquícios do casamento infantil. Entretanto confessa que o estudo do dialeto pancararu distancia a população indígena da aldeia de Brejos dos Padres, em Tacaratu, do modelo jê.

Reescrevendo seu artigo em 1958 (30), Estêvão Pinto confessa a dificuldade encontrada para caracterizar a cultura dos Pancararu. Esclarece alguns pontos (os praiás ou sacerdotes-feiticeiros podem se relacionar com os Paraiá das informações jesuíticas, grupo indígena de *língua murua* ou Tapuia; o culto do Urucuri pode ter relação com o culto do Eraquizã dos Paiajá ou do Variquidã dos Kariri de Canabrava, na Bahia), constata outros (nenhuma aldeia de Pernambuco e circunvizinhança usa a máscara-de-dança); a falta de tecelagem, a prova dos toros, a habitação arcaica, o uso da olaria incipiente, do catre (tudo, este, como talvez de procedência não-indígena) aproximam esses índios dos jê e dos Tarairiu. Mas, modificando seu ponto de vista anterior, Estêvão Pinto vacila, e pensa em incluir os Pancararu no grupo Kariri. Observa, entretanto, que essa modificação do ponto de vista da origem Pancararu pode, no futuro, ser revista por sua vez. E acaba seu estudo dizendo que os remanescentes indígenas de Pernambuco podem ainda causar "muitas surpresas" à etnografia brasileira.

Da maneira geral, na bibliografia etnológica de Estêvão Pinto, *tuboi* — Os *Utuens Tequinos* é obra conclusiva. Nela, Estêvão Pinto tenta pôr um ponto final

numa questão etnográfica bastante complicada, de que participaram, cada qual com seus dados explicativos, cientistas nacionais e estrangeiros. Entretanto, conclui o autor uma análise de cultura e um estudo de campo que nos deixa, acabado a leitura, um certo ar de insatisfação. O trabalho se revelou, na obra etnológica de Estêvão Pinto, algo de inconcluso, um pouco corrido, que necessita de novas pesquisas para dirimir dúvidas e para complementar seus aspectos essenciais, como a organização social fulniô. Esses fatos devem se a duas causas talvez: o nível de mudança da sociedade fulniô e a desagregação, por influência da sociedade nacional, de aspectos considerados pela etnografia fundamentais. É de tal modo que a resistência cultural passou a fazer-se em torno do culto do Urikuri e da permanência da língua yathê. Esses - segundo revela Estêvão Pinto - são os dois pontos de resistência da identidade tribal fulniô durante dois séculos e meio, no mínimo. São esses dois fatos da cultura fulniô - as crenças e práticas religiosas e a língua - os elementos essenciais que continuam a dar, à sociedade fulniô, coesão e estabilidade. Um trabalho mais recente, preocupado com a educação dos meninos e meninas fulniôs, Estêvão Pinto reafirma o papel do "idioma no todo da cultura, isto é, a correlação entre a linguagem e a cultura" (31). E adverte, diante dos aspectos desagregacionistas da cultura fulniô, expressando, em conclusão, um pensamento de cientista político, que se fazia necessário "um novo sistema político, que resolva mais inteligentemente a questão". Estava consciente que o desajustamento dos índios da aldeia de Ia-ti-Ihá ou Águas Belas decorria de fatores de ordem social: conflitos de terra, preconceitos dos "brancos" ou neobrasileiros aos costumes indígenas, choques culturais (os índios em defesa da "pureza" de sua cultura milenar, e neobrasileiros na tentativa de destruí-la), falta de assistência médico-hospitalar e de conhecimento de higiene, e a existência de uma alfabetização impositiva, por parte do sistema escolar, que vêm dando resultados negativos.

Boudin adverte para um fato importante a respeito da educação da criança fulniô: devido ao sistema matrilineal, as crianças são educadas pelos avós maternos, o que significa, numa situação de bilingüismo, que aprenda primeiro o yathê, e, só depois, na escola pública, o português. Estêvão Pinto chama a atenção para a capacitação admirável do yathê, língua monossilábica e aglutinante, em assimilar as formas novas advindas do português, criando verdadeiros neologismos, que traduz com perfeição a idéia importada. Este é mais um lance de resistência à aprendizagem da língua portuguesa. E dá o exemplo do bilingüismo infantil fulniô: "Mamañha, feijão ãã" (Mamãe, quero feijão). É esse bilingüismo que põe dúvida no nosso etnógrafo a respeito do futuro da língua yathê, relativizando a correlação - empregada por Sapir - entre linguagem e cultura. A presença de falantes da língua portuguesa não deixa de alterar essa correlação. Frantz Boas já notara, para os índios da Costa do Pacífico, nos Estados Unidos, que a presença de falantes estrangeiros, principalmente mulheres, numo tribo, acarreta alterações na pronúncia das crianças (32). É um fator preocupante, tendo-se em vista, como afirma Boas, que a diferenciação tem um papel importante no desenvolvimento das línguas modernas.

Estêvão Pinto reconhece, ainda em sua abordagem da língua yathê, que A. Lemos Barbosa, Max H. Boudin e Geraldo Lapenda são os que escreveram o

yáthê com maior rigor científico". De Layenda diz que descobriu o processo de "ativação" dos verbos yáthês de significado passivo.

No que se refere às observações sobre a antropologia física fulniô, cabe acrescentar a constatação, feita por Estêvão Pinto, e de base documental, de que no começo do século XX já se faziam referências à existência de "misturas" e "mestiços" entre os índios da aldeia de Lu ti Ithá. A miscigenação entre os Fulniô é um fato, o que não quer dizer que não se encontrem tipos de pureza racial relativa. E conclui que esses índios apresentaram-se, hoje, "bastante mesclados", sem ponderar em que percentual.

Outra preocupação dos estudos de campos de Estêvão Pinto é pela cultura material do grupo. Observa detalhes da ergologia fulniô que se revelam importantes na percepção da existência tribal. Como os Pancararu, os Fulniô não empregam armas de fogo na caça, embora os neobrasileiros da região o façam. Aliás, no seu primeiro estudo sobre os Pancararu, Estêvão Pinto observara que não usavam rede-de-dormir, embora a região de Tacaratu fosse, na época, um dos lugares que mais fabricava redes, vivendo a população de neobrasileiros dessa atividade artesanal. Casos estes que revelam um alto nível de recusa cultural a respeito da assimilação de certas técnicas de sobrevivência por parte das populações pancararus e fulniôs. Em vez de arma de fogo, esses índios assimilaram o emprego do cachorro, de origem européia, combinado com as técnicas de armadilhas tradicionais. As armadilhas usadas são: a arapuca (ou *caçe-jait*, de modelo Carajá); o laço (ou *simple mouse trap*, sistema Yuruna, da Terra do Fogo); quixô (modelo Kaggaba colombiano e Aymara boliviano); urutaca e quebra-cabeça (modelos sertanejos). Usam o bodoque de dupla corda de caracá e arco de angico ou motorô (serve para caçar inhambus, principalmente). Chamam ao arco, *mabhat*, e à flecha, *ô-ka* ou *mabhatika*. Conhecem três tipos de flechas: a preaca (feita de arceiro), empregada para a caça de animais de porte; a combuda (feita de ratingueira), empregada para abater o animal sem feri-lo; a de nú (feita de alecrim-bravo), com objetivo de ferir levemente a presa. O arco é de seção elíptica e semicircular ou plano-convexa; e a flecha é de emplumação da Guiana, da classificação de Meyer. A produção do fogo se faz por atrito (isqueiro de modelo sertanejo); e por rotação (paus igníferos). Os processos de pesca são conhecidos e empregados pelos Fulniô são: à mão, de barragem, com jesqui (e jereré, balaio e tarrafa) e com venenos ou estupéfacientes (tingui e mel de abella arajupá).

O que Estêvão Pinto denomina de "cultura do ouricuri" é a ampla técnica de trançado usada pelos Fulniô para a confecção de: bolsas, esteiras, tapetes, coberturas de cabanas e sandálias. A "cultura do ouricuri" faz parte da "civilização da palha" já indicada anteriormente pelo autor. São variadas as técnicas de tramas usadas pelos Fulniô, ressaltando-se as tramas em quadro (*checker work*) e as tramas cruzadas (*twilled work*). Quanto à habitação, as cabanas fulniôs são de modelo Bakairi (rio Paranatinga). Na medicina, usam a defumação, o toque mágico e uma variedade de plantas silvestres. Seus instrumentos musicais são a trombeta, o maracá e raramente o zabumba (feito de tamboril-bravo). A trombeta ou *bitoxá* tem duas disposições: uma "mucha" e outra "fêmea".

O sistema tribal e familiar é formado por cinco sipes: Sedaytó, ou grupo do Fumo, que forma o topo da hierarquia clânica; Faledaktoá, ou grupo do Pato,

Waledaktoá, ou grupo do Fimem; Lildyaktê, ou grupo de Periquito; e Txokótkwá, ou grupo do Peixe. Adverte Estêvão Pinto que, embora denominando de *sipe* ou *sib* esses grupos clânicos, eles não contêm "todas as características da sipe", aproximando-se apenas, por alguns elementos, com o sistema de matrimônio preferencial, a carência de soberania política e a ligação - digamos, nominal - com determinadas plantas e animais. Seu modelo mais próximo é o *étyé* dos Apinayú. Observa ainda vestígios de organização dual, talvez em aproximação do sistema de metades dos Shucuru, seus vizinhos da serra da Palmeira. A relação da organização tribal e familiar com animais e plantas - na opinião de Estêvão Pinto - não chega a constituir um totemismo, e parece explicar-se por certos tipos de conveniências de coesão do grupo e qualificação tribal. Ou ainda, em razão de certas precauções e preconceitos. Estes, apesar das explicações de Estêvão Pinto, são pontos ainda obscuros, e que merecem ser melhor estudados. Cabe ainda notar, quanto à sipe dos Txokótkwá, que nela se integram os filhos dos que contraíram casamentos mistos com "brancos" e um segmento Shucó. As sipes são patrilineares e matrilocais, e as regras que as ordenam continuam ainda a vigor. Entretanto parece comum (cerca de 10,2% à época) a infração das regras interclâmicas. Infelizmente Estêvão Pinto não nos deixou explícito qual a denominação do modelo do sistema de parentesco dos Fulniô.

2

Um tema que merece uma discussão na obra de Estêvão Pinto é seu conceito de "cultura". Em *Os Índios do Nordeste* (t. I, 1935), Estêvão Pinto concebe a cultura: 1. como um processo de adaptação homem/meio ambiente; 2. como um fenômeno social com disposição a tornar-se estático. Como processo adaptativo, está sujeito: 1. a ajustamentos individuais; 2. e, conseqüentemente, a diferenciações de traços culturais. Baseado na teoria de "craze of custom" de Bagehot, difundida por Haskins, deluz Estêvão Pinto que os conflitos culturais produzem um amálgama - a expressão é do nosso etnógrafo - que acarreta o que os norte-americanos chamam de *cross-fertilization of cultures*. Por este critério, o contágio de grupos superiores sobre grupos inferiores não acarreta degenerescência ou dissolvência, mas uma diferenciação rica de inovações e mudanças. Pode-se observar, neste caso, que há um conceito de "integração" subjacente, e Estêvão Pinto recorre, em seguida, ao conceito de "hibridismo social", tão caro a Gilberto Freyre para definir o caráter composto da sociedade brasileira. Entretanto, Estêvão Pinto usa contra os Pancararu de Tacaratu (em seu ensaio de 1938, reescrito em 1958) a pecha de degeneração cultural, citando a respeito Gilberto Freyre.

A nosso ver, os estudos de campo modificaram a posição teórica de Estêvão Pinto com relação à cultura como tendência estática. Seu estudo sobre os Fulniô se faz sob a égide do conceito de "mudança cultural", onde se inclui o flagrante sincretismo religioso e o processo de importação e assimilação de traços culturais. É estranho que apareça sobre os Pancararu o adjetivo "degenerados", pois o que pode ter existido aí, apesar da pobreza de equipamento cultural desses índios, é um processo de diferenciação que inclui mudanças de base e perdas essenciais para o funcionamento mais amplo de sua

organização social. No t. I de *Os Indígenas do Nordeste* é decisiva a influência culturalista da antropologia norte-americana da época e do Gilberto Freyre de *Casa-Grande & Senzala*. No t. II, editado três anos depois, o culturalismo antropológico continua, agora aprofundado pelo método psicanalítico de Arthur Ramos. No t. II fica claro que o objetivo intelectual de Estêvão Pinto é a elaboração de uma "sociologia etnográfica" (textual), que se limite ao estudo das "populações primitivas localizadas no Nordeste do Brasil". A vez de perguntarmos: Que seria uma "sociologia etnográfica", senão uma antropologia cultural? É preciso, nesse momento, em que o uso da terminologia etnológica não se encontrava bastante apurada entre nós, retazer algumas das traduções de termos técnicos, como o de "culture area" (de Clark Wissler), que Estêvão Pinto designa como "distrito cultural". A expressão aparece na monumental obra de Wissler *The American Indian* (New York, 1922), e, em sua palestra de 1935, na antiga Universidade do Distrito Federal, Gilberto Freyre traduz a expressão de Wissler de um modo mais "técnico" - diremos assim -, propondo "área de cultura", atualmente usada em vernáculo, e com sentido bem específico. Como ensina, "área de cultura" não se confunde nem com "área natural ou geográfica" nem com "área ecológica" nem com "área política ou administrativa" (33). O conceito de área de cultura é recorrente ao conceito de complexos culturais, pois aquelas áreas se caracterizam pela existência, em seu interior, de um conjunto de complexos de cultura.

E daí se pode fazer uma distinção entre *Os Indígenas do Nordeste*, obra de caráter mais sociológico sobre os nossos indígenas, e *Fubalé - Os Últimos Tapuias*, por sua vez, obra de caráter mais etnológico ou antropológico. Podemos deduzir, então, com respeito à obra de Estêvão Pinto, que sua antropologia surge a partir de seus estudos etnográficos de campo. Nas pesquisas de campo é que o caráter mais particularmente etnológico se revela, fazendo que o nosso pesquisador supere seu formalismo sócio-etnográfico de 1935 e 1938. Isto é, se bem entendemos, os estudos de campo de sociedades como a dos Pancaru de Tacaratu e dos Fulniô de Ia ti Ilá ou Aguas Belas é que fazem de Estêvão Pinto um etnólogo de visão antropológica. Abandona o historicismo sociológico, resquício da sua posição anterior de historiador, e adquire uma metodologia de campo no estudo de uma sociedade indígena em mudança e revelando séria resistência cultural, cujos pontos são a língua e os cultos mágico-religiosos.

É no t. II de *Os Indígenas do Nordeste* que Estêvão Pinto faz a crítica de certos conceitos então vigentes na etnologia. Observa, por exemplo, que a teoria lingüística nem sempre era corretamente empregada, e julga o critério puramente lingüístico (de modelo Thurn, Martius, Ehrenreich) como superado, pois fundava-se no valor determinativo de certos termos" (*Palavras-fio* de Capistrano de Abreu; *Leituras* dos lingüistas alemães). O processo de guaranização, observado por Alfred Métraux entre algumas nações indígenas, era a prova cabal da falta de exatidão dessa teoria. O critério da antropologia física (modelo João Ribeiro, Alberto Faria, Basílio de Magalhães) era impugnado, em vista da miscigenação étnica entre tribos. Entretanto, parece que o nosso antropólogo se revela sensível a certos aspectos da Escola histórico-cultural de Berlim (Gräbner, Schmidt e outros). Observa todavia que o Brasil se divide num verdadeiro mosaico de áreas de cultura, e que essas

árvores nem sempre correspondem a uma divisão lingüística. Cita o exemplo do toucado, em uso entre tribos tupi-guarani, jê (cabeleira em forma de prato), índios da área xinguana, e tupiaê e ribaia-guaicuru, o que põe em dúvida a correspondência linguagem e cultura. E indaga, como se explica o fato da ocorrência, em tribos de culturas e línguas diferentes, de um mesmo traço cultural? Pelo fato de migrações (Escola de Berlim) ou por motivo de convergência de elementos culturais (Franz Boas)? Reconhece a dificuldade existente, já que se constata a freqüência de traços e complexos culturais idênticos em grupos indígenas sem nenhum parentesco. (Ver, a propósito, meu ensaio sobre etnologia estética "A Serpente e a Máscara") (34).

O que nos interessa é saber: qual a posição de Estêvão Pinto a respeito? Deixando de lado o critério puramente lingüístico como obsoleto e o critério histórico-cultural suscetível, em sua aplicação generalizante, de erros e inexatidões, Estêvão Pinto, sem saída, escolhe uma posição equidistante entre as duas teorias, o que resolve menos ainda a questão. Mas sua tendência é pela classificação lingüística, que lhe oferece a saída desse impasse pela adoção dos critérios da aculturação.

Outro ponto da obra de Estêvão Pinto que deve incidir em nossa reflexão etnológica é o que encerra sua posição frente ao conceito de "civilização material" (*Sach-kultur*) dos etnógrafos alemães, e hoje, difundida pela reflexão de Marcel Mauss, alçou-se até na historiografia (Fernand Braudel). O contrário de "civilização material" é o conceito de "civilização moral" (*Persönlichkeitskultur*). Qual a posição do nosso etnólogo diante do problema? Recusa o uso do primeiro conceito, por achá-lo impreciso. O conceito de "civilização material" - diz ele - exclui as "formas sociais e ideológicas" que caracterizam o segundo conceito. Acha que a moderna etnografia nega "a possibilidade de reconstruir os estágios da economia rudimentar, uma vez que as formas culturais são variadas e complexas". E acrescenta: "Toda economia humana, por mais rude que seja, não exclui complexidade e organização. A atividade econômica mais primitiva é obra social, porquanto coletiva". Aproxima-se, neste último caso, da posição de Lucien Léfévre (35). E ainda esta: "Nenhum povo vive em estado propriamente primitivo".

A expressão "civilização material" é tomada por Fernand Braudel em sua obra monumental *Civilisation Matérielle, Economie et Capitalisme* (3 volumes, Paris, 1979). No t. I, titulado *Les Structures du Quotidien* justifica o emprego da expressão - "civilização material" - embora a ache ambígua. Ela tem uma conotação econômica, mas Braudel a emprega ao mesmo tempo que "civilização econômica". Desse modo, expressa um componente fundamental da vida quotidiana, a vida material. Como diz, a vida material são "os homens e as coisas, as coisas e os homens" (36), e, portanto, a alimentação, a habitação, as vestimentas, o luxo, as ferramentas, os instrumentos monetários, aldeias e cidades. Quando se fala de uma economia primitiva ou arcaica, alguns desses traços de cultura se apresentam ao pesquisador como realidades fundamentais. A civilização material é a condição de existência e subsistência de uma cultura, esteja ou não mesclada com as formas de espiritualidades e ideologias dos segmentos sociais que compõe esse tipo de sociedades. O que faltou a Estêvão Pinto foi uma visão mais integral, menos analítica, do conceito "civilização material". É óbvio que ao se lhe fazer referência, ter-se como certo que, só para

fins taxionômicos ou didático - uma questão de clareza do método - pode-se separar a "civilização material" da "civilização moral". Um excesso de visão analítica perturbou Estêvão Pinto na compreensão do conceito "civilização material". De outro modo, não se compreende sua recusa, aliás puramente excluyente, como se a existência de uma implicasse na inexistência de outra. Tudo corre por conta da "sociologia etnográfica" do mestre, de seu excesso de escrúpulos sociológicos com relação a um fato etnográfico. Neste caso predominou mais a sociologia que a antropologia. O conceito de "civilização material", ao contrário do que pensava, inclui as formas sociais e ideológicas, que uma ampla pesquisa de campo, realizada quase quinze anos depois, iria revelar.

A dificuldade de reconstituir estágios econômicos passados pode ser, em sua integridade, um fato, mas não a interpretação das formas manifestas desses estágios. A complexidade e a variedade das formas econômicas não são um fato exclusivo das "civilizações materiais", mas alonga-se a todas as formas de manifestações sociais, especificamente econômicas ou não. A complexidade e a variedade são próprias de todas formas sociais, primitivas ou de civilização. O que muda são as formas de complexidade e de variedade. O estado "primitivo" é uma categoria funcional, teórica, assim como sua expressão correlata, estado de "civilização". Dizemos que as sociedades "de civilização" são sociedades complexas comparando os níveis de complexidade de um fenômeno cultural: o das sociedades arcaicas e o das sociedades não-arcaicas. A noção de "primitivo" é um conceito relativo, comparativo, de realidades que se revelam antagônicas pela disposição de sua riqueza ou de sua carência de disponibilidades culturais. A inversão dos termos - "civilização material" e "civilização moral" - não é também nenhuma solução, pois apenas torna o considerado determinante em determinando, e vice-versa, o que parece mais um jogo teórico, conceitual, que a constatação de uma realidade: a social.

No t. II de *Os Indígenas do Nordeste*, o capítulo "As Crenças Religiosas" revela a influência não só da teoria da mentalidade pré-lógica de Lévy-Bruhl, como do método psicanalítico de Arthur Ramos e Otto Rank. Estêvão Pinto parte do conceito "primitivo". E Lévy-Bruhl considerava (posição que mudou nos *Cremats*) a mentalidade primitiva como pré-lógica. Essa teoria influenciou muito, entre nós, a Arthur Ramos e Estêvão Pinto, no que se refere à análise dos mitos. Em ambos os etnólogos o termo "primitivo" é tomado num sentido absoluto. Isto é possível? J. H. M. Beattie (37) reconhece a comodidade do termo, e, também, sua pouca exatidão, e lembra que Sir James Frazer usava-o para traduzir uma certa fase, ou fases, rudimentar, uma certa infância da sociedade humana. Mas C. R. Hallpike (38) acha que o termo serve para designar as sociedades de pequena escala (*small-scale societies*) em oposição às sociedades de ampla escala (*large scale societies*). O que é importante, no nosso ponto de vista, é que o conceito de Hallpike exclui qualquer idéia de sucessão temporal. Caracteriza-se por ser - o primitivo - um pensamento contextual, concreto, não-especializado, afetivo, etnocêntrico e dogmático, em vez do pensamento não-primitivo, que se revela generalizante, especializado, abstrato, impessoal, objetivo e relativista. Essa posição moderna modifica a situação etnológica do pensamento de Lévy Bruhl e de Arthur Ramos, imbuídos de um evolucionismo que resguarda uma idéia de sucessão. A aplicação do método de

psicanálise profunda aos mitos indígenas, por Estêvão Pinto, revela a influência de Arthur Ramos. Pela teoria da mentalidade pré-lógica de Lévy-Bruhl, própria às sociedades de pequena escala, significa que as sociedades de ampla escala, e só elas, são detentoras de uma mentalidade lógica. Por outro lado, a psicanálise profunda de Arthur Ramos considera os conflitos sociais de Canudos, do Contestado e de Juazeiro (Ceará) como apenas "epidemia da astasia-abasia curciforme". Seria isto hoje aceitável? Penso que não. Do mesmo modo que é de difícil aceitação a explicação culturalista dada por Gilberto Freyre para o conflito de Canudos como "choque cultural". Os componentes psicanalíticos e culturais desses conflitos são, a nosso ver, secundários, diante dos fatores sócio-econômicos que o induziram. É interessante que o fato do totemismo, tão participativo na obra de Arthur Ramos, tenha sido considerado com dúvidas por Estêvão Pinto no caso das sipes dos índios Fulniô.

Os *Índigenas do Nordeste* constitui um macrodiscorso sociológico-antropológico, um resumo dos conhecimentos de pré-história e de etnologia de sua época, riquíssimo de informações de várias ordens: arqueologia, etnografia, etno-história. Muitas dessas informações foram hoje modificadas. No bom sentido da palavra: um livro clássico (no duplo sentido), um discurso escolástico, mas rico, embora envelhecido em parte substancial, principalmente na parte interpretativa. Uma obra de referência geral, comparativa, e - para que não dizer? - ainda hoje digna de consulta. Entre suas partes mais polêmicas, pelos critérios atuais, podemos citar a que se refere à vida religiosa e à aplicação do método psicanalítico de Arthur Ramos. Não há dúvida, que como tal, corre a sorte de todo macrodiscorso antropológico.

1. Pinto, Estêvão. *Fulniô - Os últimos Tapuias*, São Paulo, 1956.

2. Pinto, Estêvão, "Alguns aspectos de cultura artística das Paracarami de Tocantins", *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, nº 2, Rio de Janeiro, 1938.

3. Melo, Maria, *Índia de Pernambuco*, Recife, 1928.

4. Pompeu Sobrinho, Th. *Revista do Instituto do Ceará*, t. XLII, Fortaleza, 1928.

5. Oliveira, Carlos Estêvão de. *Revista do Museu Paulista*, XVII, São Paulo, 1911.

6. Baudin, M. Henri. "Aspectos da vida lúdica dos índios Fulniô" *revista Cadernos*, ano I, nº 3, Rio de Janeiro, 1949.

7. Pompeu Sobrinho, Th., *Índios Maranhenses, Revista do Instituto do Ceará*, t. XLV, Fortaleza, 1931.

8. Melo, Maria e Maurício, Hildebrando. *Etnografia Pernambucana. Os Xucurus de Aracá*, *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco*, vol. XXXIII, nº 135 e 138, Recife, 1933-34.

9. Pompeu Sobrinho, Th. *Os Tapuias do Nordeste e a Monografia de Elias Herckmann - Índia no Estado do Ceará*, t. XLVIII, Fortaleza, 1934.

10. Pompeu Sobrinho, Th. *Índios Fulniô (Karijós de Pernambuco)*, *Revista do Instituto do Ceará*, t. XLIX, Fortaleza, 1935.

11. Pompeu Sobrinho, Th. *Revista do Instituto do Ceará*, t. LIII, Fortaleza, 1939.

12. Pompeu Sobrinho, Th. *Sistema de Parentesco dos Índios Cariús*, *Revista do Instituto do Ceará*, t. LXXI, Fortaleza, 1947.

13. Pompeu Sobrinho, Th. *Os Origens dos Índios Cariús*, *Revista do Instituto do Ceará*, t. LXXIV, Fortaleza, 1950.

14. Lowie, Robert H. *The Yopun, Handbook of South American Indians*, vol. 7, New York, 1963.

15. Hohenthal, William Notes on Shucurú Indians of Serra de Ararobá, Pernambuco, Brazil, *Revista do Museu Paulista*, n. s., t. VIII, São Paulo, 1954.
16. Oliveira, Carlos Estêvão de Ossuário da "Gruta do Padre" em Itaparica, e algumas notícias sobre remanescentes indígenas do Nordeste, *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco*, vol. XXXVIII, Recife, 1943.
17. Lindoso, Dirceu. *A Utopia Armada (Rebeliões de Pobres nas Matas do Tombo Real)*, Rio de Janeiro, 1983.
18. Martius, K. F. Phil. von. *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerikas, zumal Brasiliens*, 2 vol., Leipzig, 1867.
19. Bahnsen, Kristian von. *Über südamerikanische Wurfhölzer im Kopenhagener Museum, Int. Archiv. Ethnogr.*, vol. 2, Kopenhagen, 1889.
20. Prado Valladares, Clarival, Albert Eckhout. *Pintores de Maurício de Nassau no Brasil (1637-1644)*, Recife, 1981.
21. Boudin, M. H. Aspectos da Vida Tribal dos Índios Fulni-ô, in revista *Cultura*.
22. Boudin, M. H. Revista *Verbum*, ano VII, fasc. 1, Rio de Janeiro, 1950.
23. Sapir, Edward. Linguagem, in *Estudos de Organização Social*, direção de Donald Pierson, São Paulo, 1949.
24. Pinto, Estêvão. op. cit.
25. Oliveira, Carlos Estêvão de. Os Carijós de Águas Belas, *Revista do Museu Paulista*, t. XVII, 1ª parte, São Paulo, 1931.
26. Pinto, Estêvão. Dados Históricos e Etnológicos sobre os Pancararu de Tacaratu (Remanescentes Indígenas dos Sertões de Pernambuco), in Pinto, Estêvão, *Muxarabis & Balcões*, São Paulo, 1958.
27. Pinto, Estêvão. Aspectos da Educação entre os nossos remanescentes indígenas, in op. cit.
28. Pinto, Estêvão. Alguns Aspectos da Cultura Artística dos Pancararu de Tararatu, in *RSPHAN*, n.º 2.
29. Oliveira, Carlos Estêvão de. Ossuário da Gruta do Padre, op. cit.
30. Pinto, Estêvão. Dados Históricos e Etnológicos, in op. cit.
31. Pinto, Estêvão. Aspecto da Educação entre os nossos remanescentes indígenas, op. cit.
32. Boas, Franz. *Race, Language and Culture*, cap. "Introduction international Journal of American Linguistics", New York, 1968.
33. Freyre, Gilberto. *Problemas Brasileiros de Antropologia*, Rio de Janeiro, 1943.
34. Lindoso, Dirceu. Revista *Javé*, n.º 3, 1976; Lindoso, Dirceu. *A Diferença Selvagem*, Rio de Janeiro, 1983.
35. Lefebvre, Lucien. *La Terre et l'évolution Humaine*, Paris, 1922.
36. Braudel, F. *Civilisation Matérielle, Economie et Capitalisme*, t. I, "Les Structures du Quotidien", Paris, 1979.
37. Beattie, Other Cultures. *Aims, Methods and Achievements in Social Anthropology*, London, 1964.
38. Hallpike, C. R. *The Foundations of Primitive Thought*, Oxford, 1979.

O CENTENÁRIO DO ENRIQUECIMENTO
DO ACERVO FOTOGRAFICO DA BIBLIOTECA NACIONAL

- PROJETO DE PRESERVAÇÃO E CONSERVAÇÃO -

Joaquim Marçal Ferreira de Andrade*
Coordenador do Projeto de Preservação e Conservação
do Acervo Fotográfico da Biblioteca Nacional

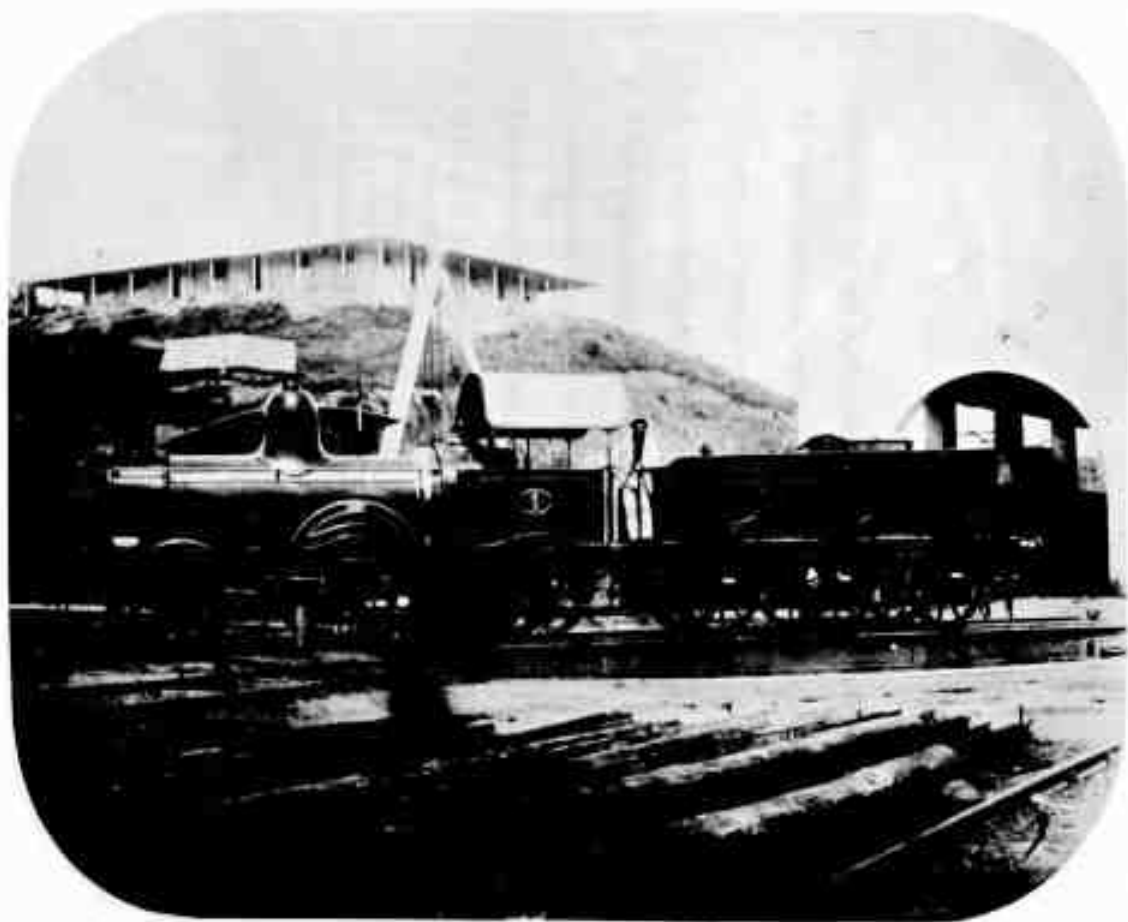
* Bacharel em Desenho Industrial Professor Universitário de Fotografia, ex bolsista CAPES/Fulbright na área de Preservação Fotográfica.



Cábinete particular de D. Pedro II no Palácio da Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro, RJ, 1885.
Foto: Marc Ferrez.



Rancho Imperial, na Colônia Santa Leopoldina, à margem de rio Fumaça, Vitória, Es-
tado A. Espirito



Primeira locomotiva a tração na estrada do ferro do Recife em São Francisco, 1876.
Foto: Stahl & Cia.

1. As fotografias da "Colleção Dona Thereza Christina Maria"
2. D. Pedro II e a fotografia
3. O acervo - origens e enriquecimento
4. A memória fotográfica do país
5. A fotografia como fonte de pesquisa
6. O desafio da conservação
7. Tratamento técnico da informação
8. O Projeto de Preservação e Conservação
 - 8.1 Antecedentes
 - 8.2 Objetivos
 - 8.3 A primeira etapa da realização
 - 8.4 Próxima etapa: o Projeto-piloto
 - 8.5 Conclusão do projeto e seus possíveis desdobramentos

1. As fotografias da "Coleção Dona Thereza Christina Maria"

O dia 10 de março de 1992 marcará o centenário de um grande evento que veio enriquecer o acervo fotográfico - mais do que isso, todo o acervo - da Biblioteca Nacional: há cem anos atrás, em 10 de março de 1892, deu-se a conclusão da remoção de todas as obras das salas da biblioteca particular do Imperador D. Pedro II, banido do país quando da proclamação da República, parte para a Biblioteca Nacional e parte para outras instituições também contempladas. Tivemos, neste ano de 1991, uma outra data que poderia igualmente marcar esse centenário: em carta ao seu procurador José da Silva Costa datada de 8 de junho de 1891, D. Pedro II determinava que se organizasse uma Comissão para selecionar as obras de sua biblioteca a serem destinadas ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e à Biblioteca Nacional.

Na verdade, o desejo ali expresso pelo Imperador não foi atendido sem que antes houvesse alguns entrecilicamentos entre aquela Comissão e uma outra que já havia sido criada anteriormente, por força de um decreto de 1890 do governo provisório da República. Ficou resolvido que outras instituições também receberiam parte das obras, quais sejam, o Museu Nacional, o Jardim Botânico e a Escola de Belas-Artes.

No caso específico da Biblioteca Nacional e do Instituto Histórico, D. Pedro II manifestou ainda o desejo de que o conjunto das obras fosse colocado em lugar especial, com a denominação de "Coleção Dona Thereza Christina Maria". Trata-se da maior coleção já recebida pela Biblioteca Nacional, composta de livros, folhetos, revistas, partituras musicais, mapas, estampas e fotografias. É das fotografias que pretendemos falar.

2. D. Pedro II e a fotografia

A invenção da fotografia data do início do século XIX. Naquela época, eram muitos os que pesquisavam no sentido de desenvolver um processo que possibilitasse a captação de imagens com o uso de uma câmara. Merecem destaque os nomes do inglês Fox Talbot e dos franceses Niépce e Daguerre. Não podemos deixar de citar, também, o francês Hercules Florence, radicado em Campinas-SP, onde fez uma descoberta isolada da Fotografia, em 1833.

A invenção do Daguerreótipo, primeiro processo fotográfico difundido no mundo, foi oficialmente anunciada em 19 de agosto de 1839. Já em janeiro de

1840 aportava na Praça XV, Rio de Janeiro, um navio-escola cujo capelão, Louis Compte, trazia consigo um equipamento de daguerreestípia.

As primeiras demonstrações do processo foram realizadas no Hotel Pharoux e causaram alguma repercussão. Em seguida, foi feita uma apresentação para o Imperador e sua família. D. Pedro II, então com apenas 14 anos de idade, ficou fascinado ao ver os resultados, e logo tentou encomendar um equipamento para seu próprio uso. Ao ser declarado a sua maioridade, naquele mesmo ano, já era ele o primeiro brasileiro a fazer daguerreótipos - ou seja, o primeiro brasileiro a tirar uma fotografia.

O grande interesse demonstrado pelo Imperador desde o nascimento da fotografia foi decisivo para que essa nova forma de comunicação e expressão se implantasse no país, embora seu desenvolvimento ao longo das décadas subsequentes tenha ficado muito aquém daquele ocorrido em outros países, notadamente os Estados Unidos, França e Inglaterra. A crescente detasagem foi decorrente da situação econômica e social do Brasil.

Ainda assim, é inquestionável o papel de grande relevo desempenhado por D. Pedro II nessa área, durante todo o segundo reinado, prestigiando os fotógrafos que aqui se radicaram, contratando seus serviços e agraciando vários deles com o título de "Fotógrafo da Casa Imperial".

3. O acervo - origem e empacotamento

A Biblioteca Nacional já possuía um certo número de fotografias antes mesmo da entrada da coleção do Imperador, embora se tratasse muito provavelmente de um acervo ainda incipiente. As evidências encontradas em toda a documentação que já tivemos a oportunidade de examinar são claras nesse sentido. Como exemplo, podemos citar o famoso Catálogo da "Exposição de História do Brasil", inaugurada em dezembro de 1881, onde são bem poucas as imagens fotográficas citadas e em grande parte sequer pertencentes à instituição. No entanto, somente cuidadosa pesquisa - que pretendemos levar a cabo nos próximos anos - poderá esclarecer em definitivo esta questão.

É certo, no entanto, que o enriquecimento daquele acervo, obtido graças à entrada do vultoso conjunto de imagens fotográficas integrantes da "Coleção Dona Theresza Christina Maria" e destinado à Biblioteca Nacional, constituiu-se num importante marco. Foi somente a partir de então que esta instituição passou a deter uma coleção verdadeiramente representativa de fotografias. Além de ser a maior já recebida, constitui-se até hoje no mais valioso conjunto de imagens dos primórdios da fotografia, de norte a sul do país, existente numa instituição pública. São retratos, vistas e fotografias de toda espécie, que documentam fatos históricos, científicos, políticos, econômicos e sociais. Ai estão representados todos os nomes de projeção nacional e internacional na fotografia brasileira do século XIX.

A fotografia estrangeira do século XIX também se encontra muito bem representada na coleção. Durante o segundo reinado, nas viagens que empreendeu à América do Norte, Europa e Oriente Médio, D. Pedro II comprou e ganhou álbuns e fotografias avulsas que são representativos do que de melhor se produziu nesse período. É bastante provável que se trate, também, do mais valioso conjunto dos primórdios da fotografia estrangeira existente numa instituição pública, em nosso país.

Não se trata de uma coleção rica sob o ponto de vista da diversidade tecnológica, ou seja, da diversidade de processos que proliferaram nas primeiras décadas da fotografia. Trata-se, sim, de uma coleção formada em sua quase totalidade por imagens positivas em papel albuminado, processo este que foi dominante entre meados das décadas de 50 e 90 do século XIX.

Posteriormente à doação do Imperador, a Biblioteca Nacional incorporou ao seu acervo, através de compra ou doação, muitos outros trabalhos de grande valor. Como exemplo, podemos citar o acervo da Revolta da Armada e os álbuns do fotógrafo Malta.

Além do acervo da Divisão de Fotografia, onde se encontra a maior parte das imagens, existem também conjuntos de grande expressão e valor guardados na Divisão de Manuscritos e na Divisão de Música e Arquivo Sonoro, pelo fato de integrarem coleções maiores, onde predominam os suportes de informação característicos desses setores da Biblioteca.

Estima-se que o acervo fotográfico da instituição esteja em torno de 40.000 imagens. Como já se viu, trata-se de uma coleção histórica, cobrindo prioritariamente o século XIX, além das primeiras décadas do presente século.

4. A memória fotográfica do país

A enorme defasagem cronológica existente no acervo causa espanto a muitos pesquisadores. Tal fato decorre de nunca ter havido nesta Casa uma preocupação maior com a formação de um acervo fotográfico. Diferentemente de países como a França, por exemplo, cuja Biblioteca Nacional sempre procurou recolher a produção fotográfica, a nossa Biblioteca nunca se preocupou com tal empreitada de maneira sistemática.

Coletar e preservar a produção fotográfica do país é tarefa para instituições de diferentes categorias, espalhadas pelas diversas regiões e atentas às suas realidades específicas. Tal coleta deve visar o passado e o presente, a arte fotográfica e o documento fotográfico. Em nosso país, infelizmente, nem mesmo os arquivos públicos dos estados e municípios têm conseguido cumprir essa tarefa de maneira satisfatória. E, salvo raras exceções, o que tivemos nas últimas décadas foram iniciativas isoladas e inconstantes, em diferentes museus, no sentido de constituir coleções expressivas de arte fotográfica brasileira. Invariavelmente estas instituições esbarram em problemas de ordem político-econômica que forçam a descontinuidade ou, no mínimo, a irregularidade no cumprimento de seus objetivos.

Ademais, coletar imagens por si só não resolve o problema. Há de se criarem as condições mínimas necessárias para que tais iniciativas se justifiquem plenamente. Este mínimo engloba as condições de *guarda* e de *acesso* à documentação fotográfica. Vejamos nosso caso específico: até a presente data, parte do acervo fotográfico da Biblioteca Nacional - aí incluída uma parcela expressiva da "Coleção Dona Thereza Christina Maria" - continua inacessível aos pesquisadores.

5. A fotografia como fonte de pesquisa

A invenção da fotografia causou uma verdadeira revolução em nossa civilização, possibilitando ao homem uma nova forma de conhecimento do

mundo. Há apenas 150 anos, esses documentos vêm sendo acumulados. Por outro lado, há séculos que nossa civilização está fortemente arraigada na tradição da palavra - oral, manuscrita ou impressa - e da informação pictórica ou escultural. É recente a tomada de consciência acerca do potencial do documento fotográfico como fonte de pesquisa histórica, deixando o mesmo de desempenhar um papel meramente ilustrativo, como que, simplesmente, o de confirmar as informações escritas. Hoje, já é grande o número de pesquisadores dotados de fundamentos teóricos e metodológicos para interpretar essa documentação de forma mais aprofundada. Esse processo só tomou vulto a partir dos anos 70, quando aumentou entre os historiadores e cientistas sociais o interesse e a reflexão sobre o valor desses documentos, que então passaram a ser mais e mais utilizados nos trabalhos acadêmicos.

De lá para cá, tem sido sempre crescente em todo o mundo a produção editorial acerca dos mais variados aspectos relacionados à tecnologia da fotografia e ao conteúdo das imagens nos séculos XIX e XX. O número de dissertações de mestrado e doutorado, nesta área, também vem aumentando sensivelmente, inclusive em nosso país. Eis aí a origem da maioria dos bons trabalhos que se valem da fotografia e têm chegado ao nosso conhecimento.

6. O desafio da conservação

O nascimento da fotografia já trouxe em si mesmo o desafio da sua conservação. Produziu imagens *estáveis e permanentes* - este tem sido um dos principais objetivos de quantos se propõem a desenvolver essa técnica.

Para aqueles que pensam que tais problemas se restringem às imagens do passado, vale atentar para o pequeno texto que acompanha as embalagens dos filmes a cores, tão largamente utilizados em nossos dias, onde os fabricantes se isentam de qualquer responsabilidade pelo esmaecimento dos corantes, inevitável com o passar dos anos.

Os documentos fotográficos - sejam eles fotografias, filmes ou microfímes distinguem-se, enquanto suporte de informação, de toda a documentação tradicional em suporte papel (livros, jornais, manuscritos, estampas, etc) existente em bibliotecas e arquivos, em especial devido à estrutura multilâmina, muito mais complexa, dos materiais fotográficos. O desafio é ainda maior porque a fotografia vem sofrendo, desde a sua invenção, uma constante e interminável evolução tecnológica. Por esse motivo, a maioria dos acervos vem enfrentando problemas diversificados para cada processo, que requerem soluções diferenciadas. Seguramente, os acervos fotográficos são também os que mais sofrem com a falta de condições adequadas.

A conservação desses acervos requer, portanto, a aplicação de técnicas, procedimentos e materiais adequados às suas características e aos problemas específicos de cada coleção. Esses problemas tornam-se ainda maiores em nossa realidade de país tropical: o calor e a umidade locais são incompatíveis com as recomendações para a guarda de acervos.

Os estudos nessa área intensificaram-se a partir da década passada, em decorrência do fenômeno já explicado. Ainda há, no entanto, um longo caminho a ser percorrido antes que encontremos todas as respostas.

É necessário também fomentar a pesquisa em nosso país, visando o desenvolvimento de materiais e produtos adequados às necessidades da área,

além de se debater e implantar, com coragem e determinação, políticas de acesso e reprodução que sejam responsáveis e isentas de demagogia, respeitando a integridade dos documentos.

7. Tratamento técnico da informação

A catalogação de fotografias sempre foi feita a partir de normas desenvolvidas, em sua quase totalidade, para o tratamento de documentos escritos, em especial os livros. Na medida em que aumentou o interesse pelo documento fotográfico, esta inadequação foi ficando mais patente. Tal fato levou as grandes bibliotecas nacionais do mundo a desenvolverem, na década passada, normas específicas para o tratamento de fotografias.

A catalogação de livros se baseia na transcrição de informações escritas constantes na obra. Fotografias, no entanto, contêm pouca ou nenhuma informação escrita. Trata-se pois de transformar informação visual - as características físicas e o conteúdo da imagem - em descrição verbal. Este trabalho pressupõe o domínio de um amplo campo de conhecimentos, que abrange a pesquisa histórica, a atribuição de autoridades, a descrição do conteúdo e das características físicas e a definição dos assuntos constantes da imagem.

A automação do tratamento técnico é irreversível, constituindo-se na única saída para os acervos sempre crescentes que se acumulam nas grandes instituições. É necessário, pois, que a catalogação das imagens, embora possuindo suas especificidades, seja inteiramente compatível com a que é feita para os livros, de forma que os registros das fotografias possam ser inseridos naqueles sistemas, ficando assim garantidas as possibilidades de intercâmbio de informações a nível nacional e internacional.

A recuperação automatizada possibilita o uso de todo o potencial de um acervo fotográfico. Este maior acesso à informação não ocasiona, necessariamente, um aumento proporcional do manuseio das imagens. Ao contrário, passa a haver maior objetividade nas consultas por parte dos pesquisadores, diminuindo o manuseio desnecessário de um grande número de imagens.

Para que um sistema automatizado tenha sucesso, torna-se necessário um rígido controle vocabular. Entre outras providências importantes, vale destacar a necessidade de um tesauro para indexação de assuntos e outro para indexação do gênero e das características físicas das imagens.

8. O Projeto de Preservação e Conservação

8.1 Antecedentes

O corpo técnico da Biblioteca Nacional tem procurado acompanhar o desenvolvimento de todas as áreas relacionadas com a preservação e conservação de acervos fotográficos.

Essas áreas só tiveram um efetivo desenvolvimento em nosso país após a criação do Núcleo de Fotografia da FUNARTE e de seu Projeto Preservação e Pesquisa da Fotografia, cuja proposta foi apresentada em novembro de 1981, por ocasião do II Seminário sobre Arquivo Fotográfico, que teve a participação

de técnicos da Biblioteca Nacional. Todo esse processo teve novo impulso a partir de 1984, quando o Núcleo passou a Instituto Nacional da Fotografia (INFoto) e o Projeto se tornou o Programa Nacional de Preservação e Pesquisa da Fotografia (PROPRESERV). Como parte deste Programa, foi criado um Centro de Conservação e Preservação Fotográfica, no bairro de Santa Teresa, na cidade do Rio de Janeiro. O Programa não pretende montar um arquivo próprio, mas apenas dar apoio técnico e financeiro aos acervos já existentes em todo o país.

Foi a partir de 1984 que uma proposta já existente na Biblioteca Nacional começou a tomar corpo, através do desenvolvimento de um projeto específico visando o tratamento integral do seu acervo fotográfico. Em 1986, o trabalho tomou fôlego e em março de 1987, por ocasião da inauguração da exposição "Fotografias: Coleção D. Theresza Christina Maria", a primeira versão do projeto estava concluída.

Denominado "Projeto de Preservação e Conservação do Acervo Fotográfico da Biblioteca Nacional/PROFoto", trata-se de um belo exemplo de trabalho interdisciplinar, elaborado com a contribuição dos responsáveis pelas diversas áreas envolvidas no mesmo, em conjunto com os técnicos do já mencionado Programa da FUNARIE.

Durante todos esses anos que antecederam o início da realização propriamente dita do projeto - cujas linhas gerais serão expostas adiante - muitas foram as providências tomadas no sentido de viabilizá-lo. Entre outras, podemos citar a participação de técnicos da Biblioteca Nacional na Comissão de Redação do Manual de Catalogação de Documentos Fotográficos elaborado sob a coordenação do INFoto, a criação de uma Comissão Especial de Reprodução Documental na Biblioteca Nacional, visando estudar o problema e propor soluções, a reforma e o reequipamento do Laboratório Fotográfico, a bolsa de estudo obtida pelo Coordenador do projeto, na Europa, e a incessante coleta de informações necessárias ao embasamento técnico dos trabalhos.

8.2 *Objetivos*

O projeto visa, de forma genérica, a *conservação e divulgação* do acervo fotográfico - objetivos da Biblioteca Nacional.

Seus objetivos específicos são: otimizar as condições de climatização, iluminação, acondicionamento e manuseio do acervo; determinar as metodologias mais adequadas para os tratamentos de conservação e/ou restauração que forem necessários; projetar e implantar áreas climatizadas para armazenagem adequada do acervo; otimizar a recuperação das informações, através de catalogação automatizada adequada às especificidades de um acervo fotográfico; elaborar um guia do acervo fotográfico que sirva como orientação para o usuário; aprofundar o estudo histórico do acervo, estimulando pesquisas sobre segmentos específicos do mesmo; estimular a doação e aquisição de coleções fotográficas; estabelecer uma política de reprodução do acervo, no sentido de normalizar a sua utilização pelos usuários; viabilizar tecnicamente um sistema de reprodução das fotografias, através da implantação de Laboratório Fotográfico que atenda a critérios específicos quanto à qualidade das imagens e à sua preservação; aperfeiçoar o corpo técnico interdisciplinar para o tratamento do material fotográfico.

O projeto tem características pioneiras, por abranger todos os aspectos referentes ao tratamento de um acervo fotográfico.

8.3 A primeira etapa da realização

A realização do projeto se tornou possível graças à assinatura de um Convênio de Cooperação Financeira entre a Fundação Biblioteca Nacional e a Fundação Banco do Brasil, em 1989. O início efetivo dos trabalhos se deu próximo ao final desse ano, após rigoroso processo licitatório para seleção e contratação de serviços. Todos os profissionais passaram inicialmente por um período de treinamento, ministrado pelos técnicos da Biblioteca Nacional, do INFoto e de instituições estrangeiras.

Faremos a seguir uma breve descrição de sua estrutura e funcionamento: o PROFOTO tem um Coordenador-Geral, um Gerente Administrativo e um grupo de Supervisores, sendo estes últimos os responsáveis pela realização das diversas atividades do projeto nas áreas afins da instituição. Foi criada também uma Comissão Consultora para deliberar sobre as grandes questões relacionadas com o tratamento técnico da informação. Não cabe aqui aprofundar os aspectos técnicos ou administrativos do projeto, ficando essa exposição para ocasião mais oportuna.

O início da sua realização coincidiu com um período de muitas dificuldades, entre as quais a própria situação econômica do país. Eram novos problemas, novos desafios a cada dia. Mas seguimos firmes, unidos em torno de um ideal. Aos poucos, as diversas atividades iam se iniciando e se entrosando.

Um dos maiores desafios residiu no fato de estarmos submetendo a documentação fotográfica a um *tratamento integral*, isto é, identificação, catalogação e indexação automatizadas (af incluídos o estabelecimento de normas e critérios e o desenvolvimento do sistema), higienização, conservação, reprodução fotográfica (para formação de um arquivo de negativos de segunda geração), acondicionamento (inclusive o desenvolvimento de produtos) e armazenamento (consideradas inclusive as condições de climatização). Não podemos esquecer de outros problemas já abordados e diretamente relacionados à execução deste trabalho, tais como as políticas de acesso (aos documentos propriamente ditos) e de reprodução.

Após aproximadamente cinco meses de trabalho, quando já havíamos alcançado um bom ritmo, as medidas emergenciais tomadas pelo novo Governo Federal, logo após a sua posse, resultaram no confisco da maior parte dos recursos financeiros da Fundação Banco do Brasil e na paralisação do Sistema de Administração Financeira do Serviço Público Federal. Em consequência, fomos forçados a interromper a quase totalidade das atividades do projeto em maio de 1990, sem que pudéssemos ainda colocar os primeiros resultados do trabalho à disposição dos pesquisadores.

8.4 Próxima etapa: o Projeto-último

O corpo técnico do PROFOTO nunca deixou, no entanto, de trabalhar, ainda que lentamente, e de acreditar no alcance de seus objetivos. Recentemente, a Fundação Banco do Brasil nos acenou com a possibilidade de

retomarmos a realização do projeto com os recursos ainda existentes, embora tremendamente desvalorizados. Tratamos então de rever nosso projeto, adequando-o a esta nova realidade.

Neste sentido, pretendemos retomar todas as atividades no ano de 1992 através da realização de um Projeto-piloto com uma equipe de menores dimensões, adequada à nova realidade financeira, que possibilite a conclusão do desenvolvimento da base técnica do projeto e a implantação de toda a infraestrutura num período de seis meses, já tomando os primeiros resultados acessíveis ao usuário.

8.5 Conclusão do projeto e seus possíveis desdobramentos

Alcançados aqueles resultados, esperamos renovar o convênio com a Fundação Banco do Brasil. Só assim poderemos formar uma equipe de tamanho ideal para tratar integralmente todas as fotografias, proporcionando ao pesquisador, finalmente, o acesso ao acervo fotográfico completo.

É nossa intenção propor a realização de uma grande exposição e de um livro, para marcar a conclusão do projeto.

Durante essa última etapa, a Biblioteca Nacional deverá iniciar o planejamento de seus próximos passos. São inúmeras as possibilidades.

Relacionemos algumas: a restauração de algumas peças avulsas e álbuns; um trabalho de indexação aprofundada da "Collecção Dona Thereza Christina Maria"; a participação na elaboração de um catálogo coletivo das fotografias colecionadas pelo Imperador D. Pedro II; o aprofundamento da pesquisa histórica em diversos segmentos do acervo, cujos resultados poderão inclusive vir a ser publicados nos *Anais da Biblioteca Nacional*; o enriquecimento do acervo, dentro de critérios a serem ainda estabelecidos; a constituição de um banco de imagens que seja interligado à base de dados.

É assim que a Biblioteca Nacional vem procurando contribuir para o desenvolvimento de uma política de preservação da fotografia no país, consciente de seu papel relevante como guardiã da memória nacional. E o ano de 1992 se constituirá num marco - assim esperamos - quanto ao atendimento de um desejo expresso, há cem anos, pelo grande pioneiro, o nosso último Imperador.

Rio de Janeiro, dezembro de 1991.

INTRODUÇÃO À CONSERVAÇÃO DE ACERVOS BIBLIOGRÁFICOS

(Experiência da Biblioteca Nacional)

Jayne Spirelli*
Chefe do Centro de Conservação e Encadernação
da Biblioteca Nacional

*Arqueólogo - Técnico em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

PARTE 1 *A Conservação*

- 1.1 O Papel - Abordagem Histórica
- 1.2 A Conservação - Princípios Conceituais

PARTE 2 *Área de Trabalho*

- 2.1 Instalações
- 2.2 Equipamentos
- 2.3 Instrumentos
- 2.4 Materiais

PARTE 3 *Agentes de Deterioração*

- 3.1 Características Construtivas do Papel
- 3.2 Agentes Externos e Ambientais
 - 3.2.1 Controle de Agentes Bibliófagos na Biblioteca Nacional
- 3.3 A Ação do Homem

PARTE 4 *Desastres em Bibliotecas*

- 4.1 Medidas de Prevenção de Incêndios e Inundações

PARTE 5 *Métodos de Conservação*

- 5.1 Tratamento de Fumigação
- 5.2 Tratamento de Higienização
- 5.3 Tratamento de Reestruturação
- 5.4 Tratamento de Acondicionamento

PARTE 6 *Conclusão*

PARTE 7 *Glossário*

PARTE 8 *Bibliografia*

PARTE 9 *Formulários*

- 9.1 Ficha diagnóstica de conservação
- 9.2 Dados sobre o estado de conservação de acervos e do espaço físico onde estão situados

RESUMO

Este trabalho sobre Conservação de Acervos faz uma abordagem histórica a respeito da invenção e da evolução do papel como suporte da escrita e descreve alguns princípios conceituais referentes à matéria interdisciplinar chamada Conservação de Acervos Bibliográficos.

São traçadas soluções simples para os problemas concernentes a deteriorações e desastres a que estão sujeitos os acervos constituídos em sua maioria por material orgânico e é apresentado um método de conservação composto de quatro tratamentos técnicos: Fumigação, Higienização, Reestruturação de livros e documentos planos e Acondicionamento de obras.

ABSTRACT

This handbook on Preservation of Library Materials gives a historical approach on the invention and evolution of paper as a writing support and presents some main conceptual principles related to the interdisciplinary subject entitled Preservation of Library Materials.

Simple solutions are also presented to problems related to wear and tear that usually occur with library materials, most of them constituted of organic compounds. A preservation method is presented, consisting of four technical treatments: Fumigation, Dry cleaning, Rebinding books and recovering plain documents, and Enclosing library materials.

INTRODUÇÃO

A exigência básica para conservar-se um patrimônio cultural é fundamentalmente: administração segura, recursos adequados e conhecimentos decorrentes da ciência e da técnica. A conservação de acervos bibliográficos portanto, como matéria interdisciplinar, é um fato de convergência e de integração de atitudes. O conservador tornou-se experimentador tanto quanto o artista; o homem da ciência ao procurar compreender os fenômenos para os dominar.

Há algum tempo vimos desenvolvendo e aplicando metodologia de conservação compatível com o acervo da Biblioteca Nacional, integrada a uma política básica, regida pela premissa que norteia toda ação de conservação, ou seja, tudo que pudermos fazer ou permitir que seja feito para que cada obra permaneça íntegra da forma que é. A gravidade e a urgência de todos os problemas concernentes à conservação de patrimônios culturais tal como os vemos hoje só poderão ser resolvidos através de ampla revisão nas atitudes profissionais, institucionais e políticas. Não haverá nenhum tipo de avanço substancial quanto à permanência de um bem cultural, seja ele qual for, enquanto não houver um maciço esforço neste sentido.

O presente trabalho pretende mostrar a todos que participam da preocupação e responsabilidade de conservar uma importante parcela do patrimônio cultural uma gama destes problemas que afetam a vida dos acervos bibliográficos e estudar e apresentar tratamentos técnicos específicos à permanência da integridade dos mesmos, dentro de uma ordenação lógica e com o apoio técnico-científico.

Os acervos bibliográficos de uma comunidade, geralmente patrimônios públicos, encontram-se sob a custódia de instituições governamentais e todas as atividades desenvolvidas no sentido de mantê-los conservados não devem ser tratadas como fatores isolados. A interdisciplinaridade, apontada como premissa essencial da matéria "conservação", traz em si a convergência de trabalho de profissionais de diversas áreas, não somente para pesquisa e implementação de soluções, mas sobretudo para a fixação de política integrada sob a regência do ideal de conservação, associada ao trabalho sistemático.

Tudo legado histórico que se traduz como bem cultural, testemunho ou prova de contínuo desenvolvimento cultural da Humanidade, é de responsabilidade de todos e isto implica na disponibilidade ao uso sob critérios determinados que garantam sua transmissão às gerações futuras. É de importância primordial, entretanto, encarar estes critérios não como corpo de

conclusões fixas e indubitáveis, mas com resultados não definitivos de um contínuo processo de investigação, que envolve um incessante uso de um método lógico de crítica.

No ponto em que chegamos, o fiel da balança da evolução nos impõe a buscar de todas as maneiras soluções que, compatíveis com esta realidade, possam gerar ações de outros frutos das criações humanas que hoje denominamos patrimônio cultural.

Este trabalho destina-se ao público em geral, àqueles que por iniciativa própria dedicam-se ao bem cultural e compactam com esta filosofia, e aos que atuam como profissionais de conservação de nosso patrimônio, notadamente o acervo bibliográfico e documental.

Por fim, agradeço ao Antônio Carlos Nunes Baptista por sua participação na Parte 3, itens 3.1, 3.2 e 3.2.1; ao fraterno amigo Fábio Campos por suas bem elaboradas e acabadas ilustrações, às competentes profissionais e amigas Lillian Beck, Mariana Vanzolini, Maria Lúcia Cidade Vidal e Vera Lúcia Miranda Faillace pela dedicação e excelente apoio técnico que me dispensaram. E um especial agradecimento a toda a equipe técnica que hoje compõe o Centro de Conservação e Encadernação, com a qual desenvolvo, discuto e pratico todos os conceitos e métodos que apresento neste trabalho.

PARTE 1 A Conservação

1.1 O Papel - Abordagem Histórica

O papel tornou-se tão comum na vida do século XX, que raramente refletimos sobre o fato de que esse material comumente usado tanto como suporte para a escrita e a impressão de livros, periódicos, gravuras, selos, etc., como para incontáveis usos nobres ou humildes, protagonize um processo histórico de cerca de 2.000 anos.

De acordo com a tradição, este versátil material, cuja importância para a civilização, pode-se inferir, é pouco menor que a invenção da roda, foi desenvolvido no ano 105 DC por um jovem chinês. Como a maioria das grandes invenções, teve um princípio simples: a partir da maceração de restos de tecidos de algodão utilizados para diversos fins, até que ficassem reduzidos a uma massa de fibras, misturadas a água e em seguida despejada sobre uma malha feita de bambu. Ao drenar a água ficava sobre a superfície desta malha uma fina camada de fibras entrelaçadas denominada papel. Este processo básico de fabricação de papel que consiste em peneirar fibras maceradas sobre uma malha, permanece intacto até os dias de hoje, apesar das inúmeras modificações empreendidas nos mecanismos que impulsionam a realização desse ato.

Desde então, seguidores desse invento entenderam que outros tipos de fibras como as do bambu, do cânhamo e da amoreira também poderiam servir para a feitura do papel. Já no século VII os japoneses, que então começavam a fabricar papel, primavam pela utilização de fibras oriundas da amoreira.

Contudo, o tempo aciona a roda da história, e através da movimentação dos povos, das caravanas e das conquistas, o papel e os segredos de sua manufatura são trazidos ao Ocidente através de rotas que percorrem Sumarçanda, Bagdá, Egito e Marrocos.

Nos séculos XII e XIII Espanha e Itália estabeleceram suas primeiras manufaturas e começam a produzir papel.

Tem-se conhecimento de que durante o século IX, no Continente Americano, altas culturas, como a dos Astecas e dos Maias, já fabricavam uma variedade de papel e que o primeiro "moinho" de papel que funcionou na América, de origem espanhola, foi instalado em Culhuacán - México, durante o segundo quartel do século XVI.

No decorrer da longa travessia dos segredos da feitura do papel para o Ocidente, foram-se multiplicando as adoções de tratamentos novos ao seu processo básico de manufatura. Os primeiros fabricantes europeus maceravam

trapos de algodão e de linho para obterem as fibras necessárias à sua manufatura. O papel atinge importância comparável ao do pergaminho como suporte da escrita.

No entanto, após a formação da folha a partir da drenagem da água e permanência de fibras entrelaçadas sobre o molde, torna-se necessário adicionar um tipo de líquido gelatinoso feito de cartilagem de animais, com o objetivo de uniformizar a superfície desta folha tomando-a apropriada para suporte da escrita. Este processo denotava-se encolagem ou impermeabilização, que varia de acordo com o uso eventual a que se destina o papel. Essa variação se estende desde o papel de escrever que requer uma impermeabilização mais adequada, ao papel para impressão que necessita dessa ação em menor escala, até o chamado papel mata-borrão que se caracteriza pela ausência dessa ação.

Os europeus, ao invés de usarem os tradicionais moldes de bambu dos orientais, fabricaram seus próprios moldes a partir da utilização de fios metálicos trançados e presos a um bastidor de madeira. Esse novo molde conferia ao papel (visto sob uma luz) uma superfície composta de linhas horizontais ininterruptas com intervalos muito pequenos chamados vergaduras, atravessadas por linhas chamadas pontusais, verticais, distantes mais ou menos dois centímetros uma da outra. Assim, sobre essa nova estrutura de molde, passaram a ser elaborados os papéis para os livros, desenhos e gravuras, produzidos na Europa por muitos séculos.

Por este novo processo, um habilidoso artesão introduzia o molde num recipiente onde estavam as fibras com água e, levantando-o com movimentos precisos, ia formando as folhas de papel sobre a malha de fios trançados. Logo após, cada folha formada era colocada sobre um grosso feltro configurando uma pilha. Esta, alternando folhas e feltros, era levada a uma prensa, onde o excesso de água era eliminado. Depois disto, encoladas e secas, eram então consolidadas enquanto folhas de papel, para posteriormente serem submetidas a um controle de qualidade.

Com o passar do tempo e o domínio da técnica de manufatura do papel, os fabricantes quiseram identificar seus produtos através de suas marcas - marcas d'água - registradas na própria folha de papel durante seu processo de feitura. Para tal usavam seus próprios nomes, insígnias ou mesmo algum desenho especial. A marca d'água era produzida por um modelo que se queria registrar, feito de arame muito fino e preso à malha por cima da superfície do molde. Quando da formação da folha, o local onde ficava o modelo permanecia mais delgado, deixando visível sob uma luz a marca desejada.

Freqüentemente, quando uma nova era desponta na história, surge ao mesmo tempo um mito, como se fosse uma pré-estréia do que vai acontecer. No século XV, Gutenberg, com a sua invenção da imprensa, estabeleceu definitivamente a utilidade e a necessidade do papel. Desde então, os fabricantes passaram a lutar para equilibrar o ritmo de produção e demanda, resultando sempre no confronto de dois problemas constantes: o custo da mão-de-obra e a escassez de matéria-prima.

Diversas inovações, tanto mecânicas quanto químicas, trouxeram sem dúvida enormes soluções. Entretanto, geraram também novos tipos de problemas. A tecnologia incrementou a quantidade, embora na maioria das vezes em detrimento da qualidade.

No século XVII surge a grande invenção da máquina holandesa, que serviu para cortar e macerar os trapos com um tratamento semimecânico. Este procedimento na produção acarreta a mudança de produto pelo processo de encolagem ou impermeabilização do papel, surgindo o breu, em substituição àquele líquido gelatinoso feito com cartilagem de animais. Simultaneamente é adicionado ao breu o elemento alúmen. Aparentemente por três razões específicas, a saber: estabilizar a viscosidade em várias proporções; inibir a formação e crescimento de fungos e bactérias; dar maior resistência ao papel, quanto à penetração de tintas. Desde então o composto alúmen-resina (breu) converteu-se em um dos principais materiais utilizados pelos fabricantes no processo de encolagem, porém com resultados desastrosos. Este composto confere pouca resistência e longevidade, como também propicia o surgimento de um processo de acidez no papel. Desde a segunda metade do século XIX a utilização desse composto para encolagem vem reduzindo severamente o tempo de vida do papel.

Outro fator desastroso foi a utilização do cloro como agente branqueador, iniciada em 1774, que acarretou o desgaste de grande quantidade de papel, em decorrência, mais uma vez, de baixa resistência e durabilidade, pois a celulose em contato com o cloro resulta em oxidação.

Com a aceleração do ritmo de fabricação do papel, no século XIX, o abastecimento de trapos tornou-se inferior à demanda exigida pela produção.

A Revolução Industrial surgiu como um marco na mecanização desta manufatura e desencadeou a busca por matérias-primas mais econômicas para substituir os trapos de linho e algodão, preocupação principal dos fabricantes.

No ano de 1800 surgem os primeiros papéis confeccionados a partir da utilização de fibras de celulose de madeira. Este fato trouxe novo alento aos produtores, porém a curto prazo descobriu-se que as fibras de polpa de madeira são extremamente curtas e retêm grande quantidade de substância resinosa (lignina), difícil de ser eliminada e que, com o passar do tempo, torna-se um agente agressor, conferindo ao papel características de acidez e um tom amarelado. Este novo material gera, inclusive, riscos de transmissão de acidez a outros papéis que porventura entrem em contato direto com ele.

Contudo, o progresso diversificou a produção na indústria papelreira e atualmente, enquanto alguns fabricantes dedicam-se à produção de papéis para jornais, revistas e livros de baixo custo, outros tantos adotam os métodos tradicionais, produzindo papéis de alta qualidade, notadamente para finalidades artísticas, criando-se assim oportunidades de escolha na medida em que geram grande variedade de papéis com comprovada qualidade e durabilidade.

Atualmente é possível obter-se papéis tão bons como os utilizados no passado. Mas, ao mesmo tempo, pode acontecer que um cidadão ou um artista pouco informado utilize papéis que durarão escassamente o mesmo tempo que poderia durar um papel de periódicos.

É preciso que hoje direcionemos todas as nossas atenções para a melhor forma de se conservar todo o saber que foi produzido e registrado pelo homem, sob forma de manuscritos ou impressão em suporte de papel.

Como foi dito anteriormente, este suporte original chamado papel pontifica a protagonização de sua própria história, como invenção magistral e objeto de incessantes investigações. Devemos conservá-lo.

1.2 A Conservação - Princípios Conceituais

Os acervos das bibliotecas são basicamente constituídos por materiais orgânicos e, como tal, estão sujeitos a um contínuo processo de deterioração.

A Conservação, enquanto matéria interdisciplinar, não pode simplesmente suspender um processo de degradação já instalado. Pode, sim, utilizar-se de métodos técnico-científicos, numa perspectiva interdisciplinar, que reduzam o ritmo tanto quanto possível deste processo.

Sobre todo legado histórico que se traduza como bem cultural, na medida em que representa material de valor presente e futuro para a humanidade, a inexorável possibilidade de degradação atinge proporções de extrema responsabilidade.

É cientificamente provado que o papel degrada-se rapidamente se fabricado e/ou acondicionado sob critérios indevidos. Por mais de um século tem se fabricado papel destinado a impressão de livro com alto teor de acidez. Sabemos perfeitamente que a acidez é uma das maiores causas da degradação dos papéis. Na mesma medida, o acondicionamento de obras em ambientes quentes e úmidos gera efeitos danosos, tais como: reações que se processam a nível químico e que geralmente enfraquecem as cadeias moleculares da celulose, fragilizando o papel. Este fato concorre para que todos os acervos bibliográficos estabeleçam controles ambientais próprios dentro de parâmetros precisos.

Há um consenso entre os conservadores, no sentido de que tanto a permanência referente à estabilidade química, ao grau de resistência de um material à deterioração todo o tempo, mesmo quando não está em uso quanto à durabilidade referente à resistência física, ou seja, à capacidade de resistir à ação mecânica(1) sobre livros e documentos, estão diretamente relacionados com as condições ambientais em que esses materiais são acondicionados. Esses dois fatores estão de tal forma interligados que materiais de origem orgânica quando se deterioram quimicamente perdem também sua resistência física. Em outras palavras, há uma estreita relação entre a longevidade dos suportes da escrita, quer sejam em papel, pergaminho ou outros materiais, e as condições climáticas do ambiente onde se encontram. O controle racional e sistemático de condições ambientais não reduz apenas os problemas de degradação, mas também e principalmente evita seu agravamento.

A política moderna de conservação a longo prazo orienta-se pela luta contra as causas de deterioração, na busca do maior prolongamento possível da vida útil de livros e documentos. Dentro desta perspectiva, padrões de conduta devem ser adotados, tais como:

1. Formular um diagnóstico do estado geral de conservação da obra, e uma proposta quanto aos métodos e materiais que poderão ser utilizados durante o tratamento.
2. Documentar todos os registros históricos porventura encontrados, sem destruí-los, falsificá-los ou removê-los.

(1) Paul N. Banks, Director of Conservation Programs, School of Library Services, Columbia University, USA.

3. Aplicar um tratamento de conservação dentro do limite do necessário e orientar-se pelo absoluto respeito à integridade estética, histórica e material de uma obra.

4. Adotar o princípio de reversibilidade, que é o "leitmotiv" atual do desenvolvimento e aplicação do método de conservação em livros e documentos, pois é importante ter sempre em mente que um procedimento técnico, assim como determinados materiais são sempre alvo de constantes pesquisas e que isto propicia um futuro técnico-científico mais promissor à segurança de uma obra.

A filosofia de conservação de livros e documentos, que abrange o método de conservação composto pelos tratamentos de fumigação, higienização, reestruturação e acondicionamento das obras do acervo da Biblioteca Nacional, traz em si três conceitos: o técnico, o material e o estético compatível com cada obra, remetendo-nos assim a uma visão holística do acervo.

A adoção desta filosofia de conservação coloca-nos em um campo de segurança que devemos compartilhar com os administradores, os bibliotecários e os usuários, visando um entendimento pleno sobre a longevidade dos livros e documentos enquanto bens culturais.

PARTE 2 Área de Trabalho

2.1 Instalações

A área física destinada à instalação de um laboratório para o desenvolvimento e a execução de um método técnico-científico de conservação de acervos documentais deve comportar dimensões suficientes que permitam sua subdivisão em áreas compatíveis e direcionadas aos seguintes objetivos:

1. Secretaria
2. Triagem e diagnóstico das obras a serem tratadas
3. Instalação de câmara de fumigação
4. Desenvolvimento e aplicação de tratamento de higienização
5. Desenvolvimento e aplicação de tratamento de reestruturação de obras
6. Desenvolvimento e aplicação de tratamento de acondicionamento
7. Almoxarifado

Qualquer área física destinada a comportar um laboratório de conservação de acervo documental deve apresentar características básicas ao que se propõe, tais como:

1. Instalação de rede elétrica e hidráulica compatíveis com os equipamentos que serão utilizados no decorrer dos trabalhos.
2. Refrigeração ambiental seguindo parâmetros predeterminados.
3. Iluminação natural e artificial compatível com as necessidades inerentes ao que se destina.
4. Apresentação dos recursos necessários contra acidentes e sinistros.
5. Situar-se em áreas distantes às destinadas às atividades de cozinha, lanches, etc.

Em todo acervo documental no qual se deseje a aplicação de um método de conservação, é necessário primeiro um levantamento de seu estado geral de conservação, paralelo à execução de um tratamento de fumigação, pois o

ataque de fungos, insetos e as condições ambientais são os problemas mais generalizados e urgentes nas bibliotecas e arquivos.

Deve-se estabelecer um fluxo de trabalho a partir do registro de todo material a ser tratado em fichas de controle, para posterior encaminhamento à câmara de fumigação. Ao voltar, o material deve ser submetido a tratamento de higienização compatível com cada caso e então processado um diagnóstico com vistas a posterior aplicação dos tratamentos que compõem o método de conservação. Desta maneira será possível dimensionar os problemas, planejar as etapas seguintes e propor medidas preventivas para o futuro.

2.2 Equipamentos

- aspirador de pó semi-industrial ou doméstico
- balança de precisão
- barrilete de PVC para água (reservatório)
- batedeira tipo doméstico
- câmara de fumigação
- carrinho para transporte de obras
- cubas de PVC
- deionizador (Permuton)
- estante de aço (1.20 x 0.85 x 2.00)
- filtro para água
- liquidificador (eliminar o fio das lâminas com lima ou lixa)
- luminária de mesa com duas lâmpadas fluorescentes e braço articulável
- mesa de luz ou negatoscópio
- mapoteca de aço (1.37 x 1.20 x 0.80)
- mesa de sucção para partículas sólidas
- placas de madeira revestidas com fórmica
- placas de vidro (Cristal FUAD - 5mm de espessura)
- prensa de coluna
- prensa de mesa
- secadora de papéis (originalmente utilizada para gravura e serigrafia)
- termômetro
- termômetro
- tesourão
- vaporizador d'água mecânico e manual

2.3 Instrumentos

- agulhas de costura - corrente Darning nº 1 e 20
- cabo de bisturi de aço inox nº 5 com lâminas descartáveis nº 10 e 23
- chafardeira
- compasso
- dobradeira de osso (curva e reta)
- escova Juba (Tigre)
- espátula térmica
- espátula multiuso (Moretsohn)
- esquadro de plástico com escala
- faca olfa estreita e larga com jogos de lâminas

- furador de livros (Sovela)
- guarda-pó e avental
- lupa
- máscara para vapores orgânicos e gases ácidos (PROTIN-MOD. 3)
- máscara respiradora para partículas tóxicas - 3 M - 8720
- martelo corneta (cabo longo)
- óculos protetores (PROTIN)
- pedra de afiar (carborundum nº 1)
- pesos redondos de vidro e outros
- pinça de aço inox com ponta curva
- pinça de aço inox com ponta reta
- pincel Tigre: 145 nº 2; 816 nºs 8, 10, 12 e 14; 834 nºs 8 e 12
- ralador de aço inox (tipo doméstico)
- régua de aço - com 0,30, 0,60 e 1 m
- régua de acrílico com 0,30 e 0,50 cm
- rolo de borracha com cabo
- secador elétrico
- tesoura mundial ponto vermelho (profissional)

2.4. Materiais

- algodão hidrófilo
- álcool 96°
- acetato de etila EA
- aquarela em tubos
- borracha plástica TKplast - FABER CASTEL
- cadarço de algodão (1,5 cm larg.)
- cabeceados (HACO) de cores diversas
- voile Judith
- cera de abelha
- cola metilcelulose (Henkel)
- cola PVA - Henkel
- cola Dextrosan
- carbonato de cálcio
- entretela sem goma
- formaldeído
- flanela
- filmoplast P
- filmoplast P 90
- hexano
- hidróxido de cálcio
- lápis aquarela
- lanolina anidra
- luvas mocambo - cano longo e curto
- lysiform
- lixa de ferro NORTON nºs 80 e 120
- morim de algodão branco
- óleos de cedro
- panos Perfex

- varetas de madeira
- sabão neutro Veter 7
- scarpele Kreflex (Vulkan) exp. 0,35
- talco inodoro
- tecido de brim - cor bege ou cáqui
- tecido de nylon monyl
- tylose MB 300 - Hoechst
- vulcapel
- Wei T'Co Spray n^{os} 10, 11 e 12
- papelão: Timbó, Paraná 25, 30, 35, 40 e 120 quilos
- Papéis:
 - . kraft/Pirahy: g/m² 60 e 100
 - . mata-borrão: g/m² 250
 - . werterprint Super LF Tipo 437/Pirahy/g/m² 120
 - . ingress fabricano branco e bege - Arjomari do Brasil
 - . japonês - Arjomari do Brasil
 - . cartão reforço branco/g/m² 450 - De Zorzi
 - . papel neutro para restauração - tipo 466 - Pirahy
 - . art velin salto - Arjomari do Brasil
 - . papel fantasia - cores diversas
 - . vergê salto/g/m² - cores diversas

PARTE 3 Agentes de Deterioração

3.1 Características construtivas do papel

O papel é uma pasta de constituição complexa, produzida a partir de beneficiamento de matérias fibrosas oriundas, via de regra, de vegetais superiores.

Fontes de Matéria Fibrosa

Dentre os vegetais usados na fabricação do papel citam-se como exemplos:

- Eucalipto e Carvalho - fibras curtas
- Pinheiro e Araucária - fibras longas (coníferas)
- Algodão e Linho - fibras muito longas

Vale notar que as propriedades do papel estão relacionadas com o tipo e o comprimento das fibras.

Constituintes do Papel

Celulose

A celulose é o principal componente da matéria fibrosa que constitui a estrutura do papel. É um polímero linear à base de glicose. A celulose é sintetizada pelos vegetais através do processo de fotossíntese - reação química entre dióxido de carbono e água na presença de clorofila e luz. A celulose é insolúvel em água, porém apresenta grande afinidade com ela. Essa característica é responsável pelos movimentos de contração e alongamento do papel devido às variações de umidade relativa no ambiente que circunda o

acervo documental. Além da afinidade com a água, a celulose se caracteriza por apresentar uma grande reatividade química, cujas conseqüências se refletem nas propriedades físicas e químicas do papel.

Hemiceluloses

As hemiceluloses também são polímeros de glicose, porém diferem da celulose por constituírem-se de cadeias de moléculas curtas e ramificadas. Devido às suas características, as hemiceluloses são responsáveis por diversas propriedades das pastas celulósicas, sendo por isso exploradas na fabricação de diferentes tipos de papéis.

Lignina

A lignina é um polímero natural, amorfo e de composição química complexa, que confere solidez às fibras de celulose. Embora abundante nos vegetais, a lignina não é a mesma para todos. A lignina, devido à sua reatividade química, pode tornar-se fortemente colorida, o que explica o progressivo amarelamento dos papéis.

Aditivos, Cargas e Agentes de Colagem

Os aditivos são materiais que se juntam em pequenas quantidades para conferir determinadas características dos papéis. Dentre os aditivos incluem-se as *cargas* - destinadas a dar opacidade, lisura e printabilidade aos papéis - e *agentes de colagem* - que atuam como aglomerantes das fibras celulósicas.

Como exemplos de cargas citam-se o caulim e o carbonato de cálcio. Por outro lado, os agentes de colagem podem ser de natureza ácida - à base de resinas derivadas do breu - e de natureza alcalina - à base de substâncias reativas com a celulose na presença de carbonato de cálcio.

Corantes e Pigmentos

Nesse grupo estão todas as substâncias destinadas ao acabamento cromático de papéis, cartões, de acordo com suas finalidades de utilização, ou seja, o mercado consumidor.

Outros Aditivos

Nesse contexto incluem-se diversos materiais responsáveis pelas propriedades físicas e químicas dos papéis. Dentre esses citam-se amidos, retentores de carga, antiespumantes, bactericidas, fungicidas, etc.

3.2 Agentes externos e ambientais

O papel, como qualquer outro suporte de escrita e impressão, é vulnerável a diversos processos de deterioração. Esses processos podem ser devidos à própria fabricação do papel, tanto como ao meio ambiente circundante do acervo documental.

Neste segmento serão apresentados os principais agentes de deterioração de acervos documentais.

Umidade e Temperatura

A umidade e a temperatura são fatores climáticos que contribuem significativamente para a deterioração do material bibliográfico. A umidade representa o vapor d'água contido na atmosfera circunvizinha ao acervo bibliográfico e é resultante da combinação dos fenômenos de evaporação e condensação da água. Esses fenômenos estão diretamente relacionados com as variações de temperatura ambiental.

As fontes de umidade são inúmeras, citando-se como exemplos as chuvas, lagos, rios, limpezas aquosas, infiltrações por janelas, paredes e tetos deficitosos e, finalizando, a transpiração do corpo humano.

A medição da umidade ambiental é feita através do uso de higrômetros, higrógrafos, psicrômetros e tiras de papéis especiais. A medição da temperatura é realizada através de termômetros. Termoigrômetros e termoigrógrafos são aparelhos que medem simultaneamente a temperatura e a umidade (Ver Figuras 1 e 2).

As variações de umidade e de temperatura submetem os suportes gráficos da documentação a movimentos de estiramento e de contração de acordo com o maior ou menor nível desses parâmetros, respectivamente. Além disso, esses fatores climáticos são responsáveis pelo desenvolvimento de microorganismos e insetos, inclusive, por vezes, roedores.

Em razão desses perigos para os acervos documentais, recomenda-se que os mesmos sejam guardados em locais onde umidade e temperatura sejam controladas. Os valores aceitos como mais convenientes à conservação de acervos bibliográficos são cinqüenta por cento e sessenta por cento de umidade relativa e 20 a 22°C de temperatura.

O controle da umidade nos locais de guarda de acervos é feito através de aparelhagens de desumidificação do ar, em situações de ambientes úmidos e de umidificação, em situação de ambientes secos. Em ambientes pequenos, por exemplo, armazéns, mapotecas, etc., é mais conveniente utilizar sílica-gel. A temperatura pode ser controlada a partir do uso de sistemas de condicionamento de ar. Por outro lado, a ventilação natural ou forçada pode ser um recurso para o controle simultâneo da umidade e da temperatura.

Insetos, Fungos e Roedores

Dentre os agentes de degradação de acervos documentais, os agentes biológicos, notadamente insetos, fungos e roedores, constituem certamente ameaças sérias devido aos danos que podem gerar, por vezes irreparáveis. Em razão disso, vigilância e controle de proliferação devem constituir um cuidado permanente dentro da política de preservação de acervos.

Embora a variedade desses agentes biológicos seja extensa, observa-se contudo que o número de tipos que afetam potencialmente os acervos documentais não é muito grande. Esse fato está associado, muito possivelmente, à natureza química dos materiais que constituem os documentos. Via de regra, as regiões tropicais e subtropicais são as que melhor favorecem a proliferação desses temíveis inimigos dos acervos documentais.

A introdução dos agentes biológicos se dá, quase sempre, devido à inobservância de cuidados com os acervos. Uma vez instalados, se as condições

forem adequadas, a proliferação desses organismos ocorre de modo bastante rápido. Os métodos de controle de proliferação desses organismos envolvem freqüentemente o emprego de produtos químicos. Embora exista uma expressiva variedade de biocidas, suas aplicações em acervos documentais restringem o número de opções consideradas convenientes, devido aos riscos de danos à integridade das obras e à saúde dos funcionários e usuários dos acervos.

1. Fungos

Os fungos, às vezes chamados "mofos" ou "bolores", atacam todos os tipos de acervos independentemente dos seus materiais constitutivos. Os danos que causam vão desde uma simples coloração até a deterioração da estrutura das obras. Os fungos são vegetais desclorofilados, portanto, incapazes de realizar fotossíntese. Desse modo, necessitam instalar-se sobre matérias que lhes possibilitem obter os nutrientes numa forma "pré-elaborada", isto é, de fácil assimilação.

A disseminação dos fungos se dá através dos esporos, que são carregados por meio de diversos veículos como, por exemplo, correntes aéreas, gotas d'água, insetos, vestuário, etc. O desenvolvimento dos fungos é afetado por diversos fatores, dos quais destacam-se a luz, pH, natureza do material constitutivo dos documentos e a presença de outros microorganismos.

2. Insetos

Os danos que os insetos causam aos acervos são bastante conhecidos. Nem todos os insetos que habitam acervos documentais deterioram a estrutura das obras porque seus metabolismos não dependem de celulose, principal componente dos papéis. Dentre as várias ordens de insetos potencialmente inconvenientes aos acervos documentais, podem ser citados como exemplos a dos Tisanuros - representada pela família das traças (peixe de prata); Ortópteros - representada pela família dos besouros e Isópteros - representada pela família dos cupins.

3. Roedores

A periculosidade dos roedores é bastante significativa. Além da ação direta sobre o material documental, os roedores podem atacar o revestimento isolante dos condutores elétricos, favorecendo a instalação de sinistros. A admissão de roedores nos acervos se dá devido à presença de resíduos de alimentos, hábito que deve ser desencorajado junto aos funcionários e usuários dos acervos.

As alternativas para controle de proliferação de agentes biológicos em acervos documentais serão apresentadas mais adiante.

Poluição Ambiental

A atmosfera pode ser considerada um grande recipiente onde, permanentemente, são lançados sólidos, líquidos e gases capazes de comprometer seriamente a integridade dos acervos documentais.

Dentre os poluentes mais agressivos às obras, destacam-se a poeira e os gases ácidos devido à queima de combustíveis. A deposição contínua de poeira sobre os documentos prejudica a estética das peças, favorece o desenvolvimento de microorganismos e pode acelerar a deterioração do material documental devido aos ácidos contidos. Por outro lado, os gases ácidos agudem mais rapidamente a estrutura química dos materiais constitutivos das peças do acervo. A velocidade de degradação por poluentes atmosféricos é função do percentual de umidade relativa no acervo e circunvizinhanças.

Como medidas de proteção à ação de poluentes atmosféricos citam-se os sistemas de ventilação artificial como acoplamento de filtros especiais destinados à retenção dos componentes nocivos ao material documental.

Iluminação

A luz, natural ou artificial, é um tipo de radiação eletromagnética capaz de fragilizar os materiais constitutivos dos documentos, induzindo um processo de "envelhecimento acelerado". Além da radiação visível, o ultravioleta e o infravermelho são dois outros tipos de radiação eletromagnética nocivos à conservação de acervos documentais, particularmente aqueles constituídos de papel. As radiações são classificadas de acordo com seus comprimentos de onda. Desse modo, a radiação ultravioleta situa-se entre 200 e 400 nanômetros, a radiação visível entre 400 e 700 nanômetros e a infravermelha acima de 700 nanômetros. Embora as três radiações mencionadas sejam potencialmente agressivas à documentação gráfica, os mecanismos de fotodegradação são diferentes, devido às diferenças de energias envolvidas, associadas aos comprimentos de onda.

A deterioração fotoquímica depende de diversos fatores como, por exemplo, faixa de comprimento de ondas, intensidade de radiação, tempo de exposição e natureza química do material documental (papel, pergaminho, couro, etc.).

Dentre as fontes promotoras de danos fotoquímicos estão a luz solar e as lâmpadas elétricas. O Sol é o manancial luminoso mais perfeito que se conhece e a sua luz é dita "contínua" porque emite radiações em todo espectro eletromagnético. As lâmpadas artificiais, por outro lado, são dispositivos artificiais que tentam reproduzir a luz natural. O espectro dessas lâmpadas é dito "descontínuo", cuja faixa de comprimento de onda é predominante das características construtivas das lâmpadas.

O controle das radiações eletromagnéticas em acervos documentais é feita através de cortinas, persianas, "brise soleil", filtros especiais para absorção de ultravioleta, filmes refletores de calor, etc. É importante assinalar que, até o momento, não foi descrito nenhum tipo de "lâmpada ideal", ou seja, capaz de iluminar sem danificar o material documental. Em razão disso, as medidas

de proteção contra a deterioração fotoquímica devem ser frutos de estudos amadurecidos e conduzidos por profissionais no assunto.

3.2.1 Controle de agentes bibliófagos na Biblioteca Nacional

A defesa do patrimônio documental da Biblioteca Nacional contra os diferentes agentes bibliófagos constitui-se numa diretriz importante da Instituição. Essa diretriz decorre da localização da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, região tropical, que por si só estimula a proliferação de diferentes espécies de pragas de acervos bibliográficos. Nesse contexto, a discussão estará restrita a insetos e roedores.

Controle de Insetos

A preocupação com o controle de proliferação de insetos em escala macro teve seu início no final da década de 1940, quando foi levado a efeito o projeto de instalação de quatro câmaras destinadas à fumigação do acervo da Biblioteca Nacional. Essas câmaras foram construídas em alvenaria com as dimensões de 1,15m x 1,14m x 1,16m, e estão localizadas nos 1º e 6º pavimentos das Seções de Obras Gerais e de Periódicos, respectivamente, duas câmaras em cada seção.

Por ocasião da instalação das câmaras, o fumigante adotado era uma mistura de sulfeto e tetracloreto de carbono. Posteriormente as câmaras foram temporariamente desativadas, por motivo não registrado. Durante esse período, o tratamento preventivo ao aparecimento de organismos bibliófagos foi realizado na forma de aplicações de pós inseticidas. Mais tarde, na década de 1980, houve uma reformulação de metodologia de desinfestação. Nessa ocasião foi estudada a proposta de aquisição de uma câmara de fumigação que utilizaria uma mistura de óxido de etileno/gás freon como biocida. A despeito das vantagens da câmara, a compra foi temporariamente suspensa.

Mais recentemente, em 1985, foi implementada a reativação das quatro câmaras de fumigação. Dentre as modificações introduzidas, citam-se um sistema de exaustão e a utilização de inseticida de uso doméstico autorizado pelo Ministério da Saúde. No momento, o produto utilizado é o DDTV¹ diluído em etanol comercial, a 2%.

No que concerne aos insetos ditos domésticos, isto é, moscas, baratas, etc., é adotado o tratamento de desinfestação preventiva a partir da aplicação de inseticidas nas áreas de circulação. Esse tipo de serviço é prestado por empresas privadas, registradas na Fundação Estadual de Estudo do Meio Ambiente - FERMA - e contratadas através de processo de licitação pública. Por ocasião dos trabalhos de desinfestação, a Biblioteca Nacional é fechada ao público num período nunca inferior a 72 horas.

Controle de Roedores

O controle de proliferação de roedores tem sido feito na Biblioteca Nacional a partir de iscas raticidas à base de produtos cumarínicos. Via de regra, esse serviço é feito por firmas especializadas.

¹ An. Bib. Nac., Rio de Janeiro, 1:163-116, 1991.

Métodos de Higienização

Como medida complementar ao controle de proliferação de agressores do acervo, a Biblioteca Nacional tem lançado mão dos "núcleos de higienização", compostos por grupos de pessoas que realizam a higienização em grande escala, subentendendo-se a limpeza das partes externas no material bibliográfico e no mobiliário (estanteria, mapotecas, arcazes, etc.). A Biblioteca Nacional também dispõe de um serviço de higienização mais acurado, onde cada volume é higienizado página a página sobre mesas de sucção acopladas a coletores de poeira.

3.3 A ação do homem

Os critérios para se manusear um documento (livro, gravura, mapa, etc.) são determinantes de sua vida útil e de sua permanência. Recomenda-se, portanto, a adoção de normas e procedimentos básicos que contribuam consideravelmente para melhor conservação do acervo.

1 . Manter sempre as mãos limpas.

2 . Usar ambas as mãos ao manusear gravuras, impressos, mapas, etc. sobre superfície plana.

3 . Documentos, gravuras, etc. nunca devem ser colocados diretamente uns sobre os outros sem uma proteção. Recomenda-se o uso de algum papel neutro ou previamente desacidificado para separá-los, pois os aditivos químicos de um poderão atingir o outro pelo efeito de migração.

4 . Nunca usar fitas adesivas em virtude de composição química da cola. Com o tempo, a cola que penetra nas fibras de papel desencadeia uma ação ácida irreversível. A fita perde seu poder de adesão e o papel fica manchado. As colas reversíveis e neutras, como a metilcelulose, são as ideais.

5 . Nunca usar colas plásticas (pva) que, devido ao seu alto teor de acidez, geram reações ácidas e manchas irreversíveis. Utilizar sempre metilcelulose.

6 . Evitar enrolar documentos, gravuras, etc. O ideal é confeccionar embalagens - pastas ou port-fólios - nas medidas necessárias com material neutro. No caso de se acondicionar mais de um documento na mesma embalagem, colocar entre eles um papel neutro e evitar a colocação de mais de três documentos na mesma embalagem.

7 . Jamais dobrar o papel pois esta ação acarreta o rompimento das fibras.

8 . Nunca retirar um livro da estante puxando-o pela borda superior da lombada. Este procedimento acarreta o entranquecimento da mesma e o conseqüente rompimento, comprometendo a sua integridade. O ideal é manter os volumes nas estantes observando-se uma folga entre eles. Isto possibilita sua retirada segurando-os com firmeza pela parte mediana da encadernação, evitando conseqüentemente o atrito entre as capas, o que pode causar abrasão (Ver Figuras 3 e 4).

9 . Nunca umedecer os dedos com saliva ou qualquer outro tipo de líquido para virar as páginas de um livro pois esta ação pode desencadear reações ácidas (manchas) comprometedoras. O ideal é virar a página pela parte superior da folha.

10. Nunca efetuar marcas nos livros, seja com grafites, tintas ou dobras nas partes superiores ou inferiores das folhas. Existem marcadores de páginas especialmente criados para este fim.

11. Nunca apoiar os cotovelos sobre os volumes de médio e grande porte durante leituras ou pesquisas. Este procedimento acarreta uma pressão nas costuras dos cadernos e nas lombadas que pode provocar o rompimento e o desmembramento dos cadernos do volume. Nos livros colados (sem costura) o risco é maior. Recomenda-se o uso de porta-bíblia, quando o volume a ser consultado for de médio a grande porte.

12. Nunca fazer anotações particulares em papéis avulsos colocados sobre as páginas de um livro, pois a força exercida durante o ato de escrever, seja a lápis ou caneta, deixará marcas nas páginas do mesmo.

13. Quanto à colocação de carimbos de propriedade da instituição, seção, etc., em obras de seu acervo, observar as seguintes normas:

- Aplicar o carimbo no verso da folha de rosto dos volumes.

Dentro do volume o local de carimbagem deve ser o espaço da margem da página fora do texto.

- Utilizar carimbos em tamanhos e formas padronizados pela instituição.

- Certificar-se da qualidade química da tinta e precaver-se com a quantidade excessiva ao uso nestas tarefas.

- Em gravuras, impressos, manuscritos, etc. utilizar o verso na parte inferior esquerda dos mesmos. Jamais carimbar sobre ilustrações e/ou textos.

- Caso a frente e o verso do documento contenham texto, aplicar o carimbo de forma a atingir o mínimo possível do mesmo.

- Certificar-se da posição correta do carimbo na hora do uso para não incorrer em ações inversas (carimbo de cabeça para baixo).

- Utilizar lápis de grafite macio para as inscrições que acompanharem o processo de carimbagem. Jamais utilizar caneta-finteiro ou esferográfica.

14. Evitar o uso de grampos e cliques metálicos nos documentos, pois sob o ponto de vista da conservação, são considerados inadequados. Primeiro, por oxidarem com o passar do tempo, transferindo para o documento as reações desta oxidação sob a forma de manchas amarronzadas; segundo, por causarem tencionamento nas fibras do papel nos locais onde são colocados, gerando marcas nos documentos.

15. Utilizar bibliocantos nas estantes quando for necessário para evitar o tombamento dos livros. Nunca manter as estantes compactadas.

16. Os livros devem ser acondicionados nas estantes em posição vertical; quando não for possível, por possuírem grande porte, colocá-los na posição horizontal. Nunca acondicionar os livros com a lombada voltada para cima e o corte lateral voltado para baixo, pois esta posição acarreta o enfraquecimento das costuras. O ideal é mantê-los sobrepostos horizontalmente (no máximo três volumes), quando suas dimensões superarem o espaço a eles reservado na estante.

17. Não utilizar para transporte de volumes carrinhos inadequados, pois podem causar acidentes. O ideal é fazer uso de carrinhos especialmente construídos para esse fim, sem no entanto superlotá-los no ato do transporte (Ver Figura 5).

18. Evitar trazer qualquer tipo de alimento e realizar refeições dentro das bibliotecas ou em áreas destinadas ao trabalho e manuseio de obras. Qualquer

fragmento de alimento, por menor que seja, pode atrair insetos nocivos aos livros.

19. Pela mesma razão do item 18, evitar guardar qualquer tipo de guloseimas dentro de gavetas e armários em áreas destinadas a acondicionamento e consulta de obras.

PARTE 4 Desastres em bibliotecas

4.1 Medidas de prevenção de incêndios e inundações

Há muito tempo, desde os primórdios da formação das bibliotecas, que a destruição de documentos raros ou valiosos por causa de catástrofes é um assunto da mais alta seriedade.

Os incêndios e as inundações estão entre as mais dramáticas dessas causas e os danos que produzem são na maioria das vezes acentuados pela utilização de procedimentos e a aplicação de métodos espúrios ao seu controle. Por isso, vários países vêm desenvolvendo, adotando e disseminando procedimentos técnico-científicos que objetivam o estabelecimento de critérios de prevenção e técnicas de salvamento adequados.

De forma geral as causas de incêndio, quando não são atos de vandalismo, ocorrem em decorrência de curtos-circuitos nos sistemas de eletricidade causados algumas vezes por ataques de roedores, de pontas de cigarro deixadas acesas inadvertidamente, etc.

Estas ações devem ser minimizadas com planejamentos seguros de programas de proteção contra incêndios. A instalação de equipamentos modernos de detecção de fumaça e controle do fogo deve ter prioridade nos prédios antigos e modernos que abrigam acervos, como também a execução constante de sua manutenção e um exercício pleno de monitoramento do prédio com o auxílio de brigadas antincêndios, geralmente equipes formadas por funcionários e treinadas pelo Corpo de Bombeiros.

É de grande importância todos terem sempre à mão o número telefônico do Corpo de Bombeiros local.

As inundações ocorridas em qualquer intensidade sempre provocam, com frequência, grandes danos aos livros e documentos.

Uma das conseqüências imediatas da ação da água sobre os livros e os documentos, associada por vezes à ausência de climatização adequada nos locais de guarda, é o surgimento e a proliferação de fungos.

Dependendo dos tipos de suportes originais que predominam na formação de um acervo (papel artesanal, papel madeira, papel couchê, etc.), uma ação de salvamento poderá ser total ou parcial.

Indicaremos algumas regras básicas de procedimentos para estas ocasiões:

manter os volumes fechados até a completa retirada de todos os sujidades que venham a atingi-los;

- executar um tipo de secagem através da circulação constante do ar;

- não expor os livros ao sol;

- envolver os volumes e documentos mais encharcados com papéis mata-borrão;

- não tentar abrir os volumes enquanto estiverem molhados;

- providenciar imediatamente um tratamento de fumigação com produto químico específico, para o material;
- ser paciente e não tentar fazer as coisas com pressa.

PARTE 5 Método de Conservação

Quando um livro ou qualquer outro tipo de obra de um acervo bibliográfico não se encontra em bom estado de conservação, temos um problema que consiste em determinar o tipo e o grau de atuação do tratamento específico ao qual será submetido. Através dos conhecimentos obtidos sobre todas as características e circunstâncias que concorrem para a deterioração, iniciamos a elaboração de um diagnóstico sobre o estado geral de conservação. Este conhecimento é que determinará a escolha do método a ser utilizado.

Um método de conservação se constitui do reconhecimento e execução de tratamento em uma obra, considerando-se sua estrutura, composição física e seus aspectos estéticos e históricos, visando o prolongamento de sua vida útil o máximo possível.

No campo de ação interdisciplinar da matéria Conservação de Acervos Bibliográficos, apresentamos um método de conservação que se compõe de quatro tratamentos específicos, a saber:

3.1 Tratamento de Fumigação

A aplicação deste tratamento tornou-se imprescindível na Biblioteca Nacional para a salvaguarda de seu acervo, o que deve ocorrer em qualquer acervo bibliográfico. Para efetuá-lo contamos com quatro câmaras herméticas de alvenaria, localizadas nos armazéns de livros das Seções de Periódicos e Obras Gerais. Construídas no final da década de 1940, foram recentemente recuperadas e encontram-se agora em pleno funcionamento. O processo é simples: os livros devem ser colocados nas prateleiras que formam a estrutura interna da câmara, com as lombadas voltadas para cima e os cortes laterais voltados para baixo, semi-abertos. O produto utilizado para este tratamento, como já foi anteriormente citado, é um inseticida de uso domissanitário autorizado pelo Ministério da Saúde. Trata-se do DDVP em solução etanólica comercial a 2%. Este produto é introduzido em uma bandeja de PVC que lá na base da câmara. A câmara deve permanecer fechada por 72 horas, tempo mínimo para que o produto atue a contento. Após este período e antes da abertura da câmara, liga-se o exaustor para retirar o excesso do produto.

Em situações de emergência, ou da não obtenção de câmaras herméticas, pode-se efetuar este tratamento introduzindo-se o material atacado por microorganismos dentro de um saco plástico grande e hermético, observando-se a posição já descrita para a câmara, sobre uma superfície plana. Coloca-se próximo à boca do saco uma tira de mata-borrão dobrada em forma de sanduía, embebida no produto já preparado. Em seguida amarra-se a boca do saco com um barbante. Deixa-se por 72 horas e após este período procede-se à abertura do saco, deixando o material em lugar ventilado por algum tempo, submetendo-o, em seguida, ao tratamento de higienização. Durante todo o desenrolar do tratamento, o funcionário encarregado deve usar guarda-pó ou

avental, luvas de borracha de cano longo, óculos protetores e máscara contra gases (Ver Figuras 6 e 7).

5.2 Tratamento de Higienização

Este tratamento é de fundamental importância para um acervo bibliográfico. Dentre todas as vantagens que apresenta, há uma (a eliminação do máximo possível de todas as sujidades extrínsecas às obras), que é inerente ao seu próprio desenvolvimento e tem um caráter de destaque, na medida em que compõe uma sistemática de limpeza de volumes e estanterias. Além disso, estabelece uma freqüência na identificação de qualquer tipo de ataque de microrganismos ao acervo, através de uma simples ação que podemos chamar de monitoramento.

O termo higienização, incorporado ao jargão técnico da matéria Conservação de Acervos Bibliográficos, deriva da palavra "higiene" que tem dois sentidos: o primeiro é médico; parte da medicina que propaga os meios para conservar a saúde e prevenir enfermidades, indicando ao homem quais são suas necessidades orgânicas e de que maneira deve satisfazê-las para conservar-se saudável; o outro é pedagógico, numa dupla perspectiva, a que ensina a higiene corporal de uma pessoa e a que se refere à higiene escolar propriamente dita.

Em conservação empregamos este termo para descrever a ação de eliminação de sujidades generalizadas sobre as obras, como poeira, partículas sólidas e elementos espúrios à estrutura física do papel, objetivando, entre outros fatores, a permanência estética e estrutural da mesma.

Falemos agora dos objetivos a serem atingidos com este tratamento e as específicas formas de aplicação:

Aspecto estético: uma obra pode, com o passar do tempo e as condições de acondicionamento a que esteja submetida, apresentar-se escurecida em sua totalidade, em decorrência do acúmulo de sujidades sobre elas, sem com isto perder sua integridade enquanto obra.

Aspecto abrasivo: quando um acervo não se encontra em ambiente climatizado, torna-se vulnerável à entrada, através de janelas abertas, de tênues partículas de terra seca ou quaisquer outras substâncias que se elevam na atmosfera e depositam-se sobre as obras. O manuseio de obras planas como gravuras, partituras, mapas, etc. atingidas por camadas de poeira, acarreta o efeito da abrasão, ou seja, um dano causado pela fricção entre os próprios documentos atingidos pela poeira.

Surgimento de manchas: quando um acervo se encontra em ambiente com alto teor de umidade relativa, a poeira sobre os documentos pode umedecer e penetrar entre as fibras do papel. Caso haja áreas de concentração de poeira, essas poderão se transformar em manchas sobre os documentos.

Surgimento de fungos: os esporos de fungos estão no ar e depositam-se sobre a superfície de documentos expostos, como consequência natural da movimentação de ar, em qualquer ambiente. Quando o ambiente de um acervo

sobre acentuadas alternâncias de umidade relativa, pode atingir um grau tal que propicie o crescimento e desenvolvimento de fungos, a princípio atingindo a encolagem do papel e, em alguns casos, penetrando nas fibras. O ataque de fungos enfraquece o papel, gerando manchas irreversíveis.

Atenção do pH do papel: poluentes atmosféricos são prejudiciais à manutenção de acervos bibliográficos. Há bibliotecas e arquivos localizados como ilhas em meio a centros urbanos, com seus acervos a sofrerem constante ataque destes agentes. Em decorrência da imediata absorção dos poluentes pelos papéis, inicia-se um processo de variação no pH, ou seja, do valor tomado para representar o grau de acidez ou alcalinidade de um material.

Os procedimentos ora em uso para execução deste tratamento são:

1. Limpeza de obras, sobre uma superfície plana, a seco, com a utilização de um tipo doméstico de aspirador de pó: usa-se, no bocal, antes da colação da escova, uma tela sintética ou outro tipo de tecido que funcionará como um filtro, visando-se reter fragmentos que acidentalmente se desprendam da obra (Ver Figura 8).
2. Limpeza de obras, sobre uma superfície plana, a seco, com a utilização de trincha: passa-se esta em todas as páginas e capas que compõem o volume principalmente próximo às lombadas, onde é maior o acúmulo de partículas de poeira.

Na Seção de Conservação da Biblioteca Nacional esta limpeza é feita com a utilização de um equipamento denominado mesa de sucção (Ver Figura 9).

3. Limpeza de documentos, sobre superfície plana, a seco, com utilização de pó de borracha (p. ex. borracha plástica branca TK Plast, FABER CASTELL): este procedimento é geralmente utilizado em documentos planos (gravuras, impressos, partituras, etc.). Coloca-se um pincelão de pó de borracha sobre o documento e com movimentos leves e circulares, partindo do centro para as bordas, executa-se a limpeza, com o auxílio de uma "bureca" (espécie de chumaço feito com gaze e algodão).

Nunca utilizar os dedos diretamente sobre o documento, pois, em decorrência da oleosidade natural da pele que será absorvida pelo papel, podem ocorrer problemas futuros (Ver Figuras 10, 11 e 12).

Esta operação deve ser repetida tantas vezes quantas sejam necessárias, para que o documento atinja seu pleno estado de limpeza.

Analisar cuidadosamente todas as características que compõem o documento que será submetido a este tipo de limpeza. Esta análise é imprescindível, principalmente no tocante a manuscritos e às diversas técnicas de gravura que possam sofrer perda estrutural em decorrência do atrito com o pó de borracha.

5.3 Tratamento de Reestruturação

Este tratamento destina-se, objetivamente, a redispôr e ordenar as partes que compõem uma obra encadernada, como também à execução dos remendos e enxertos que se façam necessários, para o resgate estrutural de um documento enquanto bem cultural.

Cumpra explicar que este tratamento, com relação às encadernações, é uma alternativa criada para a conservação de obras que apresentem seus

cadernos íntegros em suas costuras, constituindo um procedimento em que se adotam modelos e materiais compatíveis com a premissa básica da disciplina Conservação, que é o critério da reversibilidade.

Numa encadernação que esteja com a lombada comprometida pela ação do manuseio inadequado, pela ação da abrasão, etc., o procedimento a ser usado é a construção de que denominamos lombada alternativa, que passamos a descrever: sobre uma superfície plana coloca-se o volume e inicia-se a retirada da lombada danificada, com o auxílio de um bisturi e de uma régua colocada junto ao início da mesma.

Faz-se um corte com uma pressão que atinja somente o material de feitura da lombada (p. ex., couro, vulcapel, etc.). Repetir a operação para as cantoneiras (caso a encadernação seja meia com cantos) e para as capas (Ver Figuras 13 e 14).

Após a colocação do volume em uma prensa de mesa, procede-se à limpeza da lombada, retirando-se a camada de cola anterior; usa-se para isto o grude de farinha de trigo ou metilcelulose.

Passa-se o grude sobre a lombada com uma trincha e após alguns minutos inicia-se a raspagem cuidadosa da mesma com uma faquinha. Estando a lombada totalmente limpa, aplica-se uma camada de cola metilcelulose (Ver Figuras 15 e 16).

Colocam-se os cabeceados nas extremidades e complementa-se esta capa com a colocação de uma tira de morim de algodão no tamanho adequado à lombada em construção, menos 2,5cm em cada extremidade. Sobre esta, aplica-se uma tira de papel kraft, do tamanho total da lombada, com cola metilcelulose, para prender as capas (Ver Figura 17).

Neste ponto escolhe-se o vulcapel ou scarpele na cor desejada e cola-se no verso uma tira de papel cartão ou cartolina, na medida exata do comprimento e da espessura do livro, sendo que o vulcapel terá a medida maior que a lombada em construção, para que, após colado sobre o livro, se processe a virada nas extremidades (Ver Figuras 18, 19 e 20).

Prepara-se o fólio em papel kraft na medida adequada (Ver Figura 21).

Para a colocação do fólio sobre o livro, utiliza-se a mistura de cola PVA com cola metilcelulose, com o auxílio da espátula de osso para arrematar (Ver Figuras 22 e 23).

Após a colagem do vulcapel, com o cartão no verso sobre o fólio e a conclusão das viradas nas extremidades, arremata-se a construção da nova lombada com a espátula de osso (Ver Figuras 24 e 25).

Quanto às cantoneiras, a operação de retirada das anteriores é exatamente igual à retirada da lombada. Sua reconstrução é feita utilizando-se vulcapel, scarpele na mesma cor da lombada, nas medidas adequadas e com a utilização da mistura de colas citada anteriormente (Ver Figuras 26, 27 e 28).

Arremata-se a operação com a espátula de osso (Ver Figura 29).

Sempre que possível, durante o processo de acabamento das operações de construção da lombada e das cantoneiras, deve-se descolar cuidadosamente as extremidades de guardas e espelhos, para que se efetue a virada das novas lombadas e cantoneiras e seu posterior recobrimento com estes elementos originais.

Após a conclusão do tratamento de reestruturação, o livro é submetido ao processo de doação, obedecendo a critérios institucionais já estabelecidos.

tais como: autor, título, nome da instituição e a chamada, ou seja, as letras e números que juntos traduzem a localização física do livro na estante (Ver Figura 30).

Ainda sob o ponto de vista da conservação, vale ressaltar a importância do processo acima referido no que concerne, especialmente, à douração das "chamadas dos livros". Comumente as chamadas dos livros são datilografadas ou computadorizadas em etiquetas adesivas. Por terem baixo teor de viscosidade, são coladas às lombadas por intermédio do uso de fitas adesivas que, a médio prazo, perdem sua característica adesiva, em decorrência das oscilações de umidade e temperatura dentro dos depósitos, o que, além de acarretar a perda das mesmas, deixam manchas ácidas sobre as lombadas das obras.

Em vista disso, procedemos atualmente, no acervo da Biblioteca Nacional, à retirada destas etiquetas, dentro de critérios previamente estabelecidos. Quando ocorrem problemas com os materiais formadores das lombadas durante a retirada das etiquetas, lançamos mão do que denominamos lombas: rótulo ou retângulo de couro ou vulcápel que se cola sobre a lombada na parte inferior (pé), sobre a qual executa-se a douração a punho da chamada do livro.

Quanto à execução de remendos, ensertos e reparos em geral, como meio de resgate de folhas de uma obra ou de partes do suporte original de documentos planos, é importante abordarmos um aspecto para sua plena execução, qual seja, o sentido ou direção das fibras dos papéis que serão utilizados para esse fim.

Há obras que apresentam certa rigidez em suas folhas, conferindo uma sensação desagradável ao ato do manuseio. Isto acontece em decorrência da utilização do papel, no ato de sua impressão e encadernação, com a direção da fibra em sentido contrário à verticalidade do livro, ou seja, de sua lombada. Em consequência surgem ondulações, geradas não só pela umidade absorvida da cola utilizada durante a encadernação, como também da umidade natural do ar. A pressão natural exercida pela costura dos cadernos associada a esses fatos impede os movimentos naturais de dilatação e contração das fibras de celulose (Ver Figuras 31, 32, 33 e 34).

Portanto, quando da execução de emendas e/ou reparos em geral, o primordial é observar que as fibras do suporte original e do papel que será utilizado para este fim estão direcionadas no mesmo sentido e se as características da textura, cor e espessura do papel escolhido se adaptam.

Há algumas situações a considerar no que concerne à reconstituição manual de um suporte original, tais como:

1. Em caso de rasgos de folhas:

preparar a área danificada acomodando as fibras do papel de ambos os lados e em toda extensão do rasgo, utilizando-se um pincel seco e uma pequena dobradeira (Ver Figura 35).

Preparar uma tira de papel japonês adotando uma medida que exceda, no mínimo, 5mm dos bordos do rasgo, esgarçando bem suas fibras de ambos os lados e aplicá-la em cola metilcelulose sobre as partes unidas do mesmo pelo verso da folha. Utilizando uma dobradeira de osso e um pedaço de "voile" e de mata-borrão, proceder à planificação do remendo. Deixar a folha remendada secar entre um sanduiche de "voile", mata-borrão e placa de vidro e sobre esta

colocar alguns pesos. Este procedimento permitirá uma secagem plena da área reconposta, evitando a contração das fibras (Ver Figura 36).

2. Em caso de folhas com perda de área:

deve-se, como foi explicado no caso anterior, observar todas as características do suporte original e do papel escolhido para o enxerto. Em seguida tra-se um molde em papel transparente (papel vegetal) da área a ser completada excedendo, no mínimo, 5mm sobre o limite da falha (Ver Figura 37).

Após efetuar o desbastamento das fibras na área do dano no suporte original e no papel que será utilizado em seu preenchimento, concluir a reconstituição com cola metilcelulose. Completar a operação com a fixação de um reforço de papel japonês pelo verso da área tratada (Ver Figura 38).

Para execução do processo de planificação e secagem da área reconstituída, utilizar o mesmo material e método expostos no caso anterior. Sempre que se efetuar qualquer tipo de reconstituição em livros ou documentos, deve-se ter certeza da completa execução da operação, antes de devolvê-los aos locais de guarda.

3. Velatura I:

Esta técnica de reestruturação é aplicada, principalmente, para documentos planos. Lembrando que o paradigma da matéria interdisciplinar "Conservação de Acervos Documentais" é a reversibilidade, descrevemos um método de velatura absolutamente compatível com esta linha de raciocínio e plausível de ser aplicado de acordo com cada caso, dentro do âmbito de atuação da conservação de livros e documentos.

Inicialmente prepara-se o documento a ser tratado, efetuando-se uma limpeza completa a seco com o uso do pé de borracha, pela frente e verso do documento. Esta operação deve ser repetida até que a limpeza esteja completamente satisfatória. Em seguida realiza-se um tratamento de desacidificação, pelo verso do mesmo, borrifando uma solução aquosa de hidróxido de cálcio com pH entre 8,0 e 10,0. Manter o documento entre "voile", mata-borrão, placa de vidro e pesos durante a secagem.

Preparações para velatura:

1. Verificar o sentido das fibras do papel japonês, para que fiquem compatíveis com o sentido das fibras do documento.

2. Com a utilização do borrifador com água destilada ou deionizada, umedecer sobre uma placa de vidro ou fórmica uma folha de papel japonês e com os dedos esticá-la até ficar completamente distendida. Retirar o excesso de umidade com papel mata-borrão.

3. Aplicar sobre esta folha de papel japonês cola metilcelulose utilizando uma trincha macia, em movimentos precisos do centro para os bordos da folha.

4. Proceder cuidadosamente à colocação do documento já preparado (limpo e desacidificado), com o verso voltado para o papel japonês com metilcelulose.

5. Cobrir com "voile" e utilizando um rolo de borracha assentar e retirar o excesso de cola.

6. Colocar sobre o crepe uma folha de papel mata-borrão e em seguida uma placa de vidros e pesos.

7. Deixar secar por algumas horas. Observar o processo de secagem, substituindo o papel mata-borrão quando necessário.

8. Após a secagem total, retirar da placa de vidro despreendendo os bordos do papel japonês, com cuidado redobrado. Finalmente, retirar os excessos do papel japonês com tesoura ou estilete.

Velatura II.

Execução:

1. Sobre uma tela de nylon, colocar um papel japonês com metilcelulose.

2. Preparar o documento a ser tratado: limpeza com pó de borracha e desacidificação. Colocar o documento sobre outra tela de nylon com a face voltada para baixo.

Levar a tela de nylon que está preparada com o papel japonês e a cola metilcelulose por sobre o documento. Com o auxílio de uma esponja natural umedecida, suavemente, iniciar o processo de transferência do papel japonês para o verso do documento. Retirar o excesso de cola com mata-borrão e rolo de borracha e planificar com vidros e pesos. Depois de seco, retirar, com cuidado, a tela de nylon e aparar os bordos, cortando o excesso de papel japonês.

Adesivos e Emulsões:

I - Grude de farinha de trigo:

10 g de farinha de trigo,

200 ml H₂O,

5 gotas de formoldeído.

Preparar em banho-maria, ar rescentar o formoldeído por fim.

II - Cola metilcelulose (grude básico):

40 g de metilcelulose,

1.000 ml H₂O deionizada (fria).

Bater em batedeira e deixar descansar por 24 horas. A cola poderá ser diluída em pequenas porções para atender às diversas necessidades.

III - Mescla de cola dextrosan, PVA e H₂O:

Dextrosan - 350 g,

H₂O - 250 ml,

PVA - 300 ml.

Primeiro misturar bem a água com a dextrosan (utilizar um recipiente grande e de boca larga, colher de pau ou batedeira), tomando todo cuidado para evitar a formação de arinhos. Neste momento, colocar duas ou três tampinhas de formoldeído PA (utilizar a tampa do frasco do produto como medida). Por fim adicionar a PVA e misturar tudo muito bem.

Colocar esta "massa" em um recipiente grande de boca larga e com tampa de rosca, mantendo-o sempre bem vedado após o uso.

IV - Emulsão para conservação de couros:

1.000 g de lanolina,

75 g de cera de abelha,

150 ml de óleo de cedro,

150 ml de hexano.

Em banho-maria, dissolver a cera de abelha e a lanolina. Retirar do banho-maria e, mexendo sem parar, adicionar o óleo de cedro e o hexano. Guardar em frasco de boca larga e com tampa.

Aplicar com pano macio e limpo pouca quantidade, em movimentos circulares sobre o couro das encadernações. Aguardar 24 horas e então promover um polimento com uma flanela seca.

Para obter uma cera mais líquida, pode-se aumentar a quantidade de hexano. A solução é facilmente inflamável enquanto líquida, mas não oferece perigo quando se torna pastosa.

V - Emulsão para revitalização de couros:

1.000 g de óleo de mocotó,

400 g de cera de abelha,

50 g de óleo de baleia,

50 g de lanolina,

25 g de timol dissolvidas em 50 ml de álcool 96°.

Em banho-maria derreter a cera de abelha e acrescentar o óleo de mocotó. Deixar amornar novamente e acrescentar o óleo de baleia e a lanolina. Quando estiver quase frio, antes de endurecer, acrescentar a solução de timol.

Aplicar a pasta sobre o couro das encadernações, massageando com os dedos (usar luvas cirúrgicas) até que a superfície fique aquecida pelo atrito. Após 24 horas polir, delicadamente, com flanela seca e maria.

5.4 Tratamento de Acondicionamento

5.4.1 Caixa para a preservação de volumes

Trata-se de uma embalagem para o acondicionamento de volumes (livros, etc.), em estantes, no sentido vertical. Executada em papel cartão em torno de 450 g/m², utiliza somente o sistema de dobras e encaixe, sem fazer uso de qualquer tipo de adesivo. Caracterizada por uma completa vedação que proporciona um benefício duplo de preservação: primeiro contra agentes externos e ambientais, segundo a favor da manutenção da integridade física do volume. Ressalte-se que a direção da fibra do papel cartão a ser utilizado deve estar em sentido perpendicular à lombada do volume que se pretende acondicionar.

Nos desenhos que acompanham, a Figura 39 constitui uma vista de um volume em posição horizontal com as denominações das medidas necessárias à construção da caixa; a Figura 40 constitui um modelo da embalagem aberta; a Figura 41 é uma vista da embalagem semitechada com o volume posicionado de forma correta; a Figura 42 é uma vista da embalagem fechada.

Como se infere na Figura 40 o ponto de partida para o desenho da caixa é o traçado de duas linhas mestras no papel cartão: uma vertical no lado esquerdo e outra horizontal no lado inferior, com a marcação de seus respectivos pontos centrais. Quaisquer medidas adotadas para a construção de uma caixa devem ser equidistantes a estes pontos centrais.

Metodologia

De acordo com a Figura 40 traçar primeiro as linhas mestras, uma vertical no lado esquerdo e outra horizontal no lado inferior do papel cartão, com a marcação de seus respectivos pontos centrais; *BASE* (comprimento + 2mm x largura + 2mm); *LADO A* (altura, igual à altura do volume + 2mm); o acréscimo de milímetros a esta medida é sempre proporcional à gramatura do papel

cartão utilizado x a largura da base); *LADOS* (altura, igual à altura do volume + 1mm; o acréscimo de milímetros a esta medida é sempre proporcional à gramatura do papel cartão utilizado x largura, igual à largura da base); *LADOS C e D* (altura, igual ao comprimento da base x largura, igual à altura do volume + 1mm; o acréscimo de milímetros a esta medida é sempre proporcional à gramatura do papel cartão utilizado); *SEMILADOS C1, D1, C2 e D2* (comprimento, igual à metade da largura da base menos 0,5cm x altura, igual à altura dos lados C e D menos 0,5cm); *ABAS 1, 2, 3 e 4* (comprimento x largura, igual às medidas da base; *FECHO* (deve ser proporcional à largura da ABA 4; a medida que for utilizada deve ser igual para a largura e o comprimento do mesmo). O fechamento da embalagem ocorre por meio da introdução do fecho através do corte que será executado no papel cartão (ABA 3), em local determinado.

Resumo

A caixa para a preservação de volumes compreende: uma base, quatro lados, quatro semilados, quatro abas e um fecho, com um sistema de dobras e encaixe. O volume é colocado sobre a base, abraçado pelos lados C e D, pelos semilados C1, D1, C2 e D2 e pelas abas 1 e 2, depois superpostos pelo lado B e aba 3 e, finalmente, pelo lado A e aba 4, onde localiza-se o fecho. Na embalagem em questão o volume é completamente envolvido propiciando seu total acondicionamento.

5.4.2 Passe-partout

Fig. 43 e Fig. 44

Material:

- papelão, papel cartão, papel vergê, ou ingres-fabriano;
- papel japonês - colar duas tiras sobrepostas, pelo verso do documento formando um T;
- cola metilcelulose;
- filmoplast P ou P 90;

As dimensões serão proporcionais ao documento que se pretende acondicionar.

5.4.3 Port-fólio

Fig. 45 e Fig. 46

Material:

- papel vergê ou ingres-fabriano g/m^2 180.
- Acondicionar o documento entre duas folhas de papel japonês ou papel para restaurar/Pirahy - g/m^2 24.5.

PARTE 6 Conclusão

Tomando como ponto de partida a própria invenção da escrita (que é antes de mais nada um procedimento que utilizamos para imortalizar a linguagem articulada, fugidia por sua própria essência), chegamos à conclusão de que ela não se destina exclusivamente a fixar a palavra como meio de expressão permanente e sim remeter-nos ao mundo direto das idéias, tendo como função principal permitir a apreensão do pensamento, propiciando sua projeção através do tempo e do espaço. Paralelamente à metamorfose por que passou a evolução da escrita, desencadeou-se também o aperfeiçoamento do material sobre o qual eram gravados os signos ou sinais convencionais, alterando, conseqüentemente, de forma lenta e progressiva, o aspecto dos "documentos" até a forma pela qual os conhecemos hoje.

Dentro do processo evolucionário dos estágios da vida social, o homem foi se organizando e compreendendo o valor intrínseco dos documentos, dando início a procedimentos de coleta, reunião e conservação de materiais em que fixavam, por escrito, os resultados e conseqüências de suas atividades políticas, sociais, religiosas e mesmo de suas vidas particulares. Assim foram surgindo as bibliotecas, que eram, na verdade, os grandes depositários de documentos resultantes do trabalho intelectual e espiritual do homem.

Com o advento do progresso científico e tecnológico desencadeado a partir do século XIX, a rápida expansão dos limites de diversas áreas de conhecimento e suas inúmeras relações vem contribuindo constantemente para o aumento e diversidade dos "suportes originais" dos documentos. É este crescimento de informações impressas que desencadeia um processo de evolução e aperfeiçoamento das técnicas de conservação.

Hoje, mais do que nunca, o homem se volta para a pesquisa, para a investigação e divulgação constantes de todos os conhecimentos teóricos e práticos que viabilizam, para as gerações futuras, a permanência e durabilidade de seu principal produto, os livros e os documentos.

PARTE 7 Glossário

Abrusão - desgaste da superfície de um material ocasionado por atrito.

Aparelho desumidificador - sistema eletromecânico capaz de modificar o conteúdo de umidade do ar.

Condensação - fenômeno de passagem do estado de vapor para o de líquido. O fenômeno inverso chama-se evaporação.

Deterioração - envelhecimento gradual de materiais devido a ações diversas, ocasionando a destruição dos mesmos.

Filtro absorvente de radiação ultravioleta - material que contém substâncias capazes de absorver a radiação ultravioleta.

Fotodegradação - processo de deterioração influenciado pelas radiações de luz.

Fungicida - substância capaz de destruir ou impedir o desenvolvimento de fungos.

Fungos - organismo conhecido como agente microbiológico de degradação, também conhecido como mofo.

Fumigação - ato de exterminar todos os organismos vivos que afetam acervos documentais, por meio da volatilização de substâncias específicas em câmaras herméticas.

Higrômetro - instrumento utilizado para medir a umidade de um ambiente.

Migração ácida - transferência da acidez de um material ácido para outro não ácido (ou com grau menor de acidez), quando os dois materiais estão juntos.

Neutralização - eliminação da acidez de um material pelo uso de produto químico alcalino.

Papéis japoneses - assim denominados por ser o Japão o país que produz em larga escala estes papéis adequados às artes plásticas e à restauração. São papéis de gramatura variável, desde muito finos e transparentes até a espessura de cartões, obtidos de forma manual ou semi-industrial obedecendo a etapas técnicas de tradição milenar. São confeccionados com fibras longas obtidas da entrecasca de arbustos de climas temperados, como amorceira, kuzo, mitsumata, gampi, etc. As técnicas de depuração da massa impedem a existência de resíduos de lignina nesses papéis. A resistência ao rasgo, nestes papéis, é conferida apenas pela estrutura promovida pelo entrelaçamento das fibras; e a transparência nos papéis de baixa gramatura se deve à inexistência de fibras, devido à ausência de refino da massa.

pH - valor tomado para representar o grau de acidez ou alcalinidade de um material, grandezas associada à concentração do íon de hidrogênio.

Psicrômetro - instrumento com que se mede a umidade, constituído de dois termômetros semelhantes.

Radiação eletromagnética - designação da energia que se propaga no espaço através de um campo elétrico e outro magnético.

Reversibilidade - característica de um processo no qual em todos os estágios sejam utilizados produtos e materiais que garantam a possibilidade de retorno ao primeiro estado físico do documento, sem a ocorrência de perdas ou danos.

Silica-Gel - grãos de sílica especialmente preparados para serem utilizados como auxiliares na absorção de umidade de ambientes de pouca dimensão.

Termoiógrafa e termôgrámetro - aparelhos para medição e registro simultâneo de temperatura e umidade.

Termômetro - aparelho para medição de temperatura e que, no processo de medição, entra em equilíbrio térmico com o ambiente.

Vapor d'água - gás capaz de liquidar-se por compressão isotérmica, ou resultado da evaporação da água.

Velatura - ato de colar sobre o verso de documentos executados sobre suporte de papel uma folha de papel japonês com o uso de cola metilcelulose, tendo o objetivo de conferir-lhe maior resistência física.

PARTE 8 Bibliografia Consultada

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. Library Technology Program. *Protecting library and its resources: a guide to physical protection and insurance*. Chicago, 1964. 322 p.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Coordenadoria de Restauração e Microreprodução/Centro de Pesquisa e Treinamento em Papel. *Degraduação biológica de acervos*. Elaborado por Antonio Carlos Nunes Baptista. Rio de Janeiro, 1986. 3 p.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Coordenadoria de Restauração e Microreprodução/Centro de Pesquisa e Treinamento em Papel. *Conservação de acervos*. Elaborado por Antonio Carlos Nunes Baptista, Jayme Spinelli Junior e Maria Aparecida de Vries Mársico. Rio de Janeiro, 1986. 10 p. (Informação técnica n° 023/86).

BURRUR, D.J.S., DELONG D. M. *Introdução ao estudo dos insetos*. São Paulo: E. Blucher, 1969. Não paginado.

BUCNOCURE, Domingo. *Diccionario de bibliotecologia: términos relativos a la bibliología, bibliografía, bibliofilia, biblioteconomía, archivología, documentología, tipografía y materias afines*. 2 ed. aum. Buenos Aires: Marymar, 1976. 465 p.

COWAN, Janet. Dry methods for surface cleaning of paper. *Technical Bulletin*, Ottawa, Canadian Conservation Institute, n. 11, p. 1-10, mar. 1986.

CUNHA, G. M., CUNHA, D. G. *Conservation of library materials*, 2. ed. Metuchen: N.J. Scarratt press, 1971 - 2 v.

FLIEDER, Françoise. *La Conservation des documents graphiques; Recherches expérimentales*. Paris: Eyrolles, 1969. 287 p.

FLIEDER, Françoise, Durheim Michel. *Unes et documents d'archives sauvegarde et conservation*. Paris: UNESCO, 1983. 89 p.

KATHPALIA, Yash Pal. *Conservation and restoration of archive materials*. Paris: UNESCO, 1993. 231 p. (Documentation, libraries and archives: studies and research, 3).

KRAEMER KOELLER, Gustavo. *Tratado de la preservación del papel y de la conservación de bibliotecas y archivos*. 2 ed. Madrid: Servicio de Publicaciones del Ministerio de Educación y Ciencia, 1973. 2 v.

LACAZ, C. S. et al. *O grande mundo dos fungos*. São Paulo: Ed. Universidade, 1970. Não paginado.

LEPELTIER, Robert. *Restauration des dessins et estampes*. Fribourg: Office du Livre, 1977. 129 p.

MORROW, Carolyn Clark. *The Preservation challenge: a guide to conserving library materials*. London: Knowledge, 1983. 230 p.

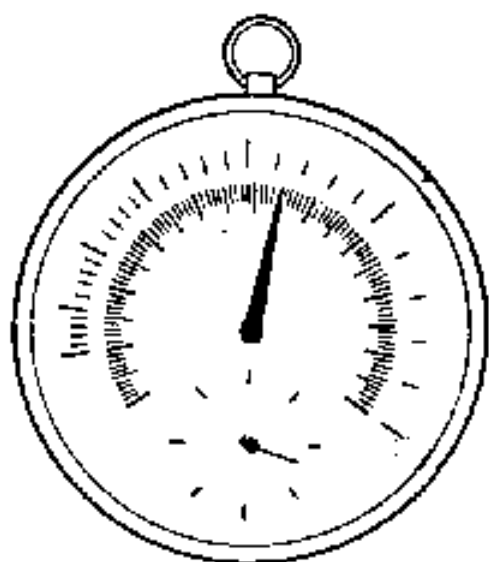
PETHERBRIDGE, Guy. *Conservation of library and archive materials and the graphic arts*. London: Society of Archivists; Institute of Paper Conservation, 1987. 328 p. (Butterworths).

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (Niterói). Núcleo de Documentação. *Documentos raros e de valor: critérios de seleção e conservação*. Elaborado por Jayme Spinelli Junior e Mária Ferreira da Luz. Niterói, 1987. 35 p.

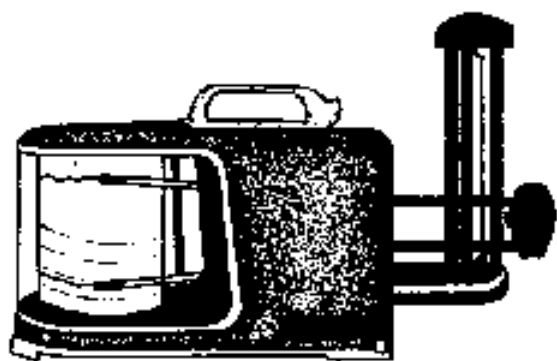
PARTE 9 Formulários

9.1 Ficha diagnóstico de conservação.

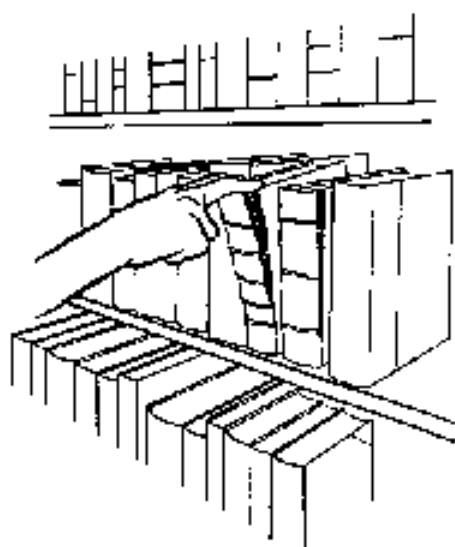
9.2 Dados sobre estado de conservação de acervos e do espaço físico onde estão situados.



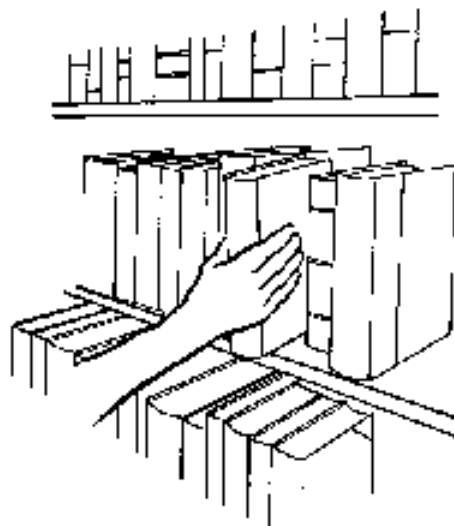
(FIG. 1)



(FIG. 2)



(FIG. 3)



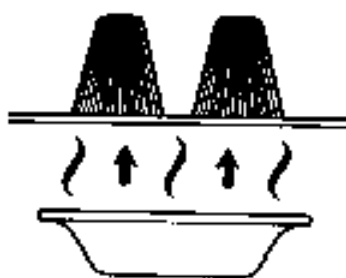
(FIG. 4)



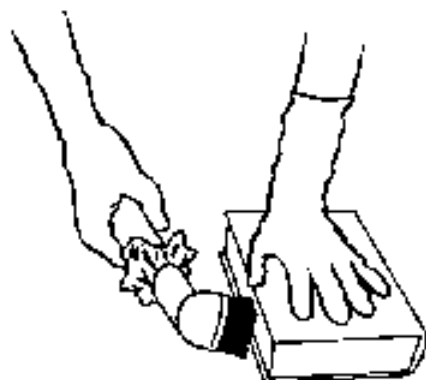
(FIG. 5)



(FIG. 6)



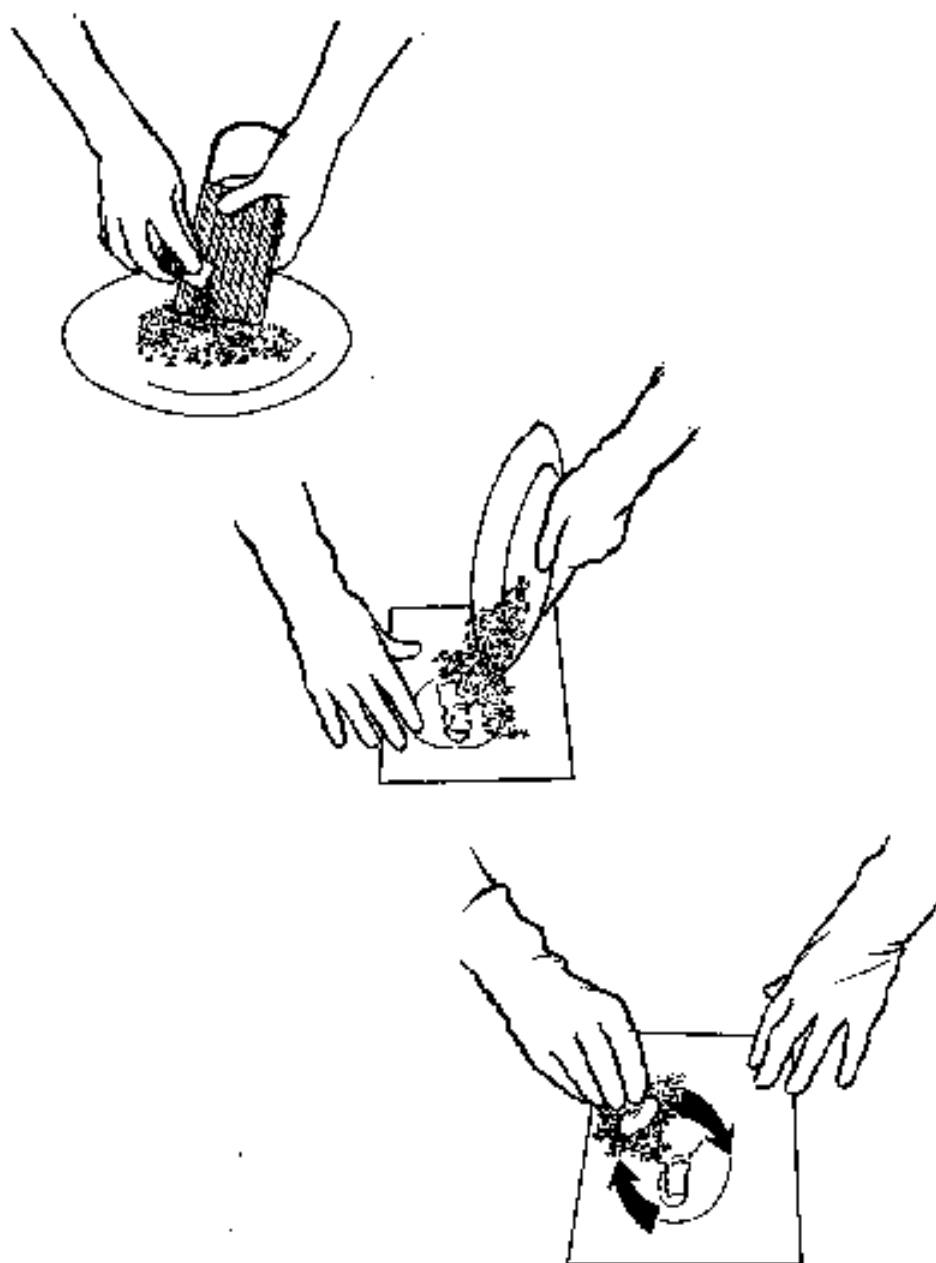
(FIG. 7)



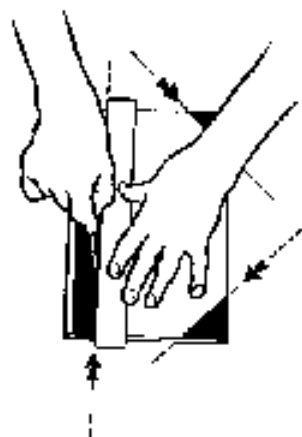
(FIG. 8)



(FIG. 9)



(FIG. 10, 11 e 12)



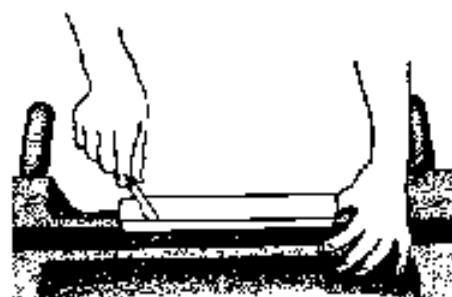
(FIG. 13)



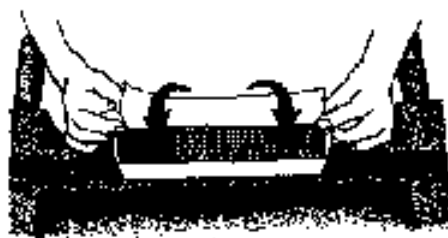
(FIG. 14)



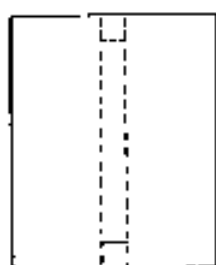
(FIG. 15)



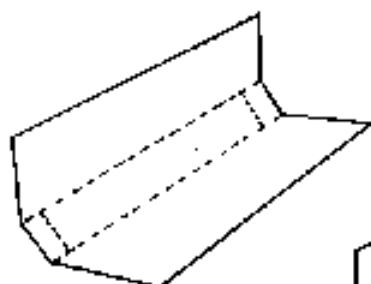
(FIG. 16)



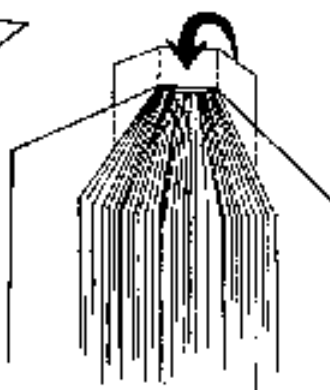
(FIG. 17)



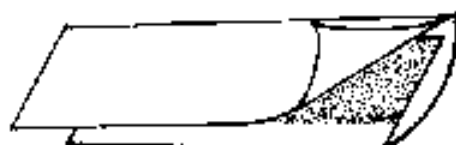
(FIG. 18)



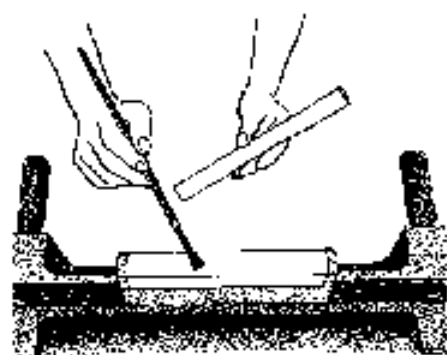
(FIG. 19)



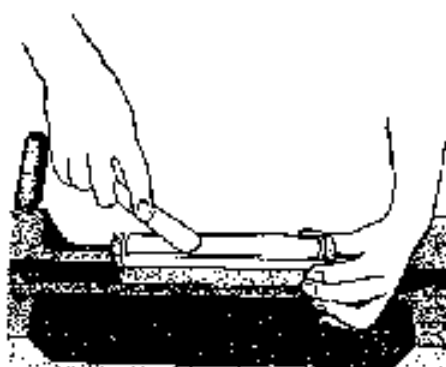
(FIG. 20)



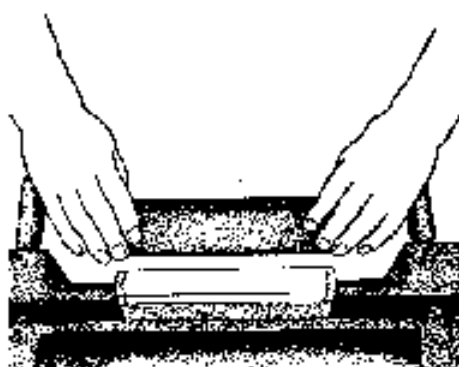
(FIG. 21)



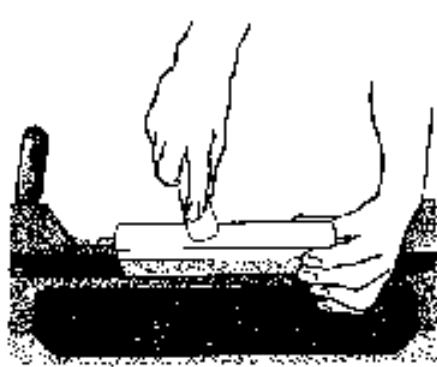
(FIG. 22)



(FIG. 23)



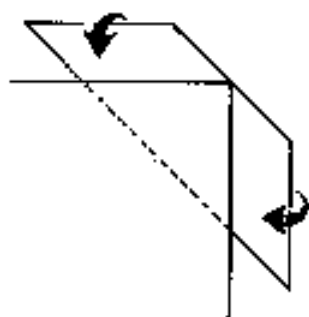
(FIG. 24)



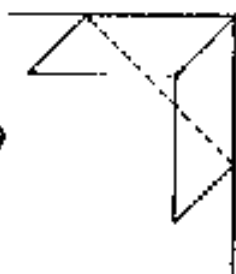
(FIG. 25)



(FIG. 26)



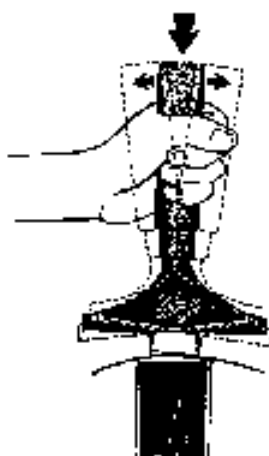
(FIG. 27)



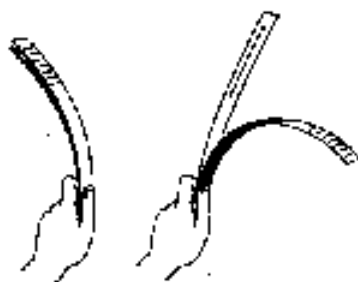
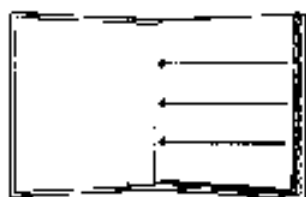
(FIG. 28)



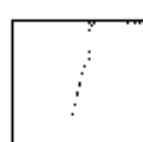
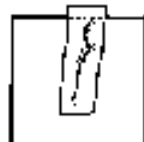
(FIG. 29)



(FIG. 30)



(FIGS. 31, 32, 33, 4, 34)



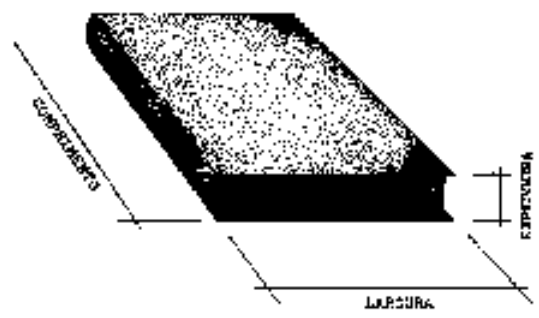
(FIG. 35)

(FIG. 36)

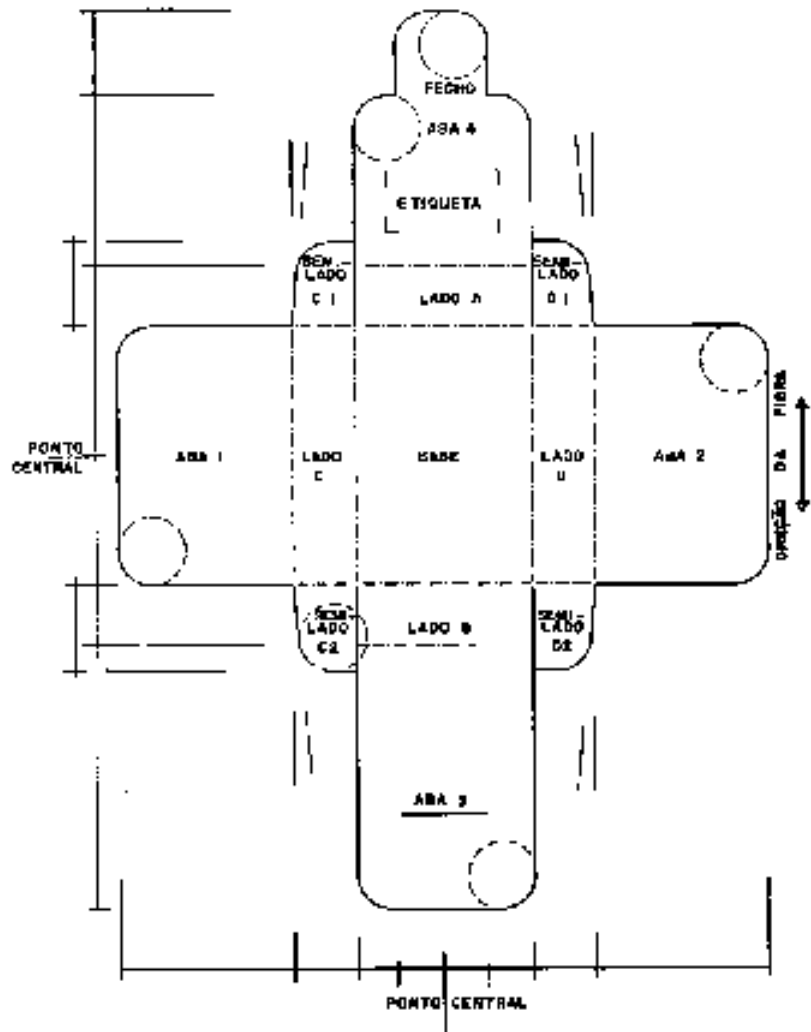


(FIG. 39)

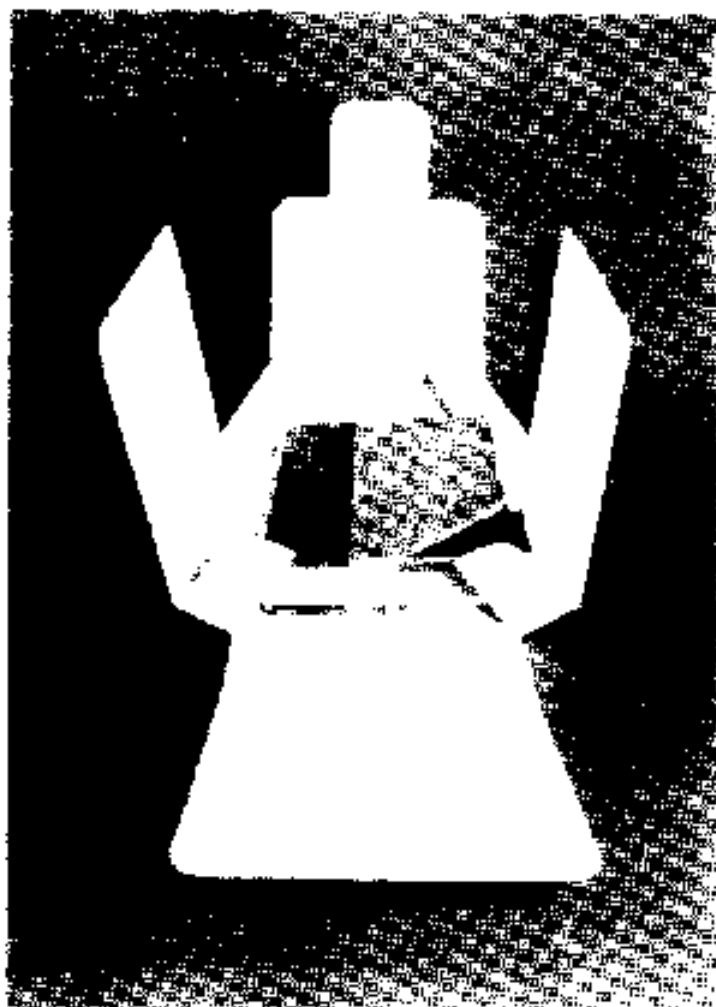
(FIG. 40)



(FIG. 39)



(FIG. 40)

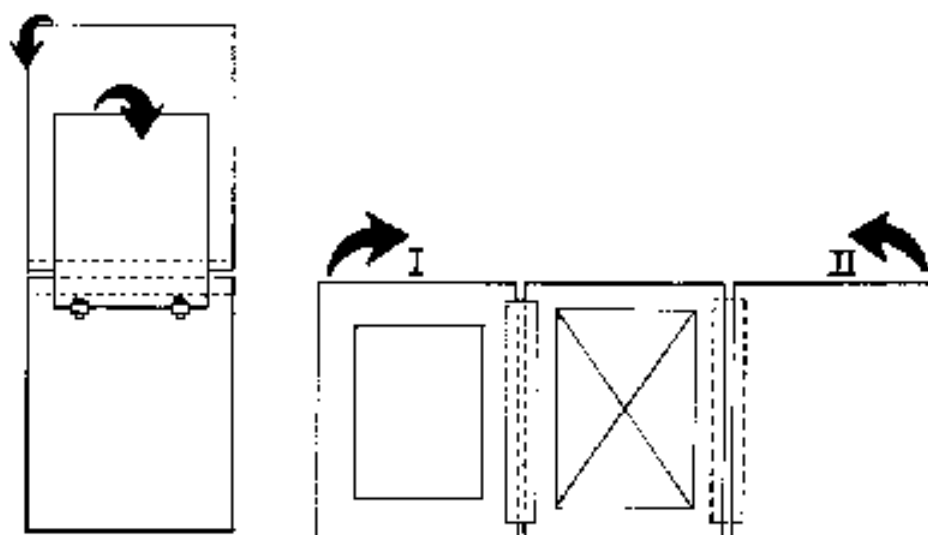


(TTG.4)

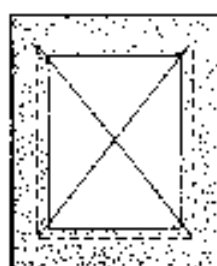


(PLG.42)

5.4.2 Passe-partout

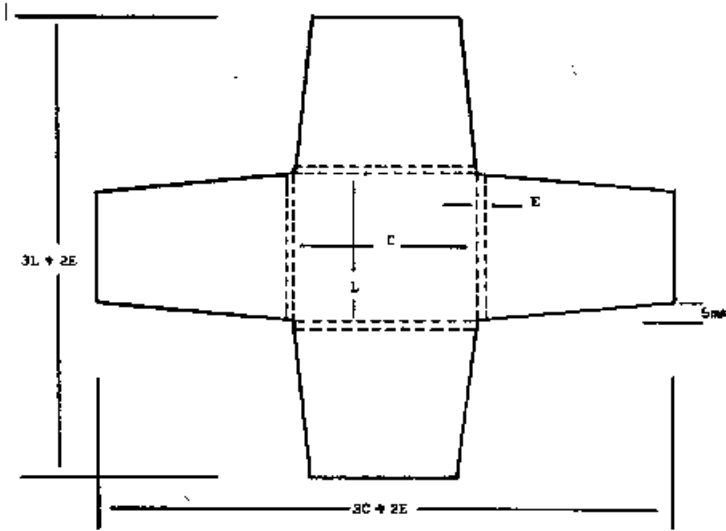


(FIG. 44)



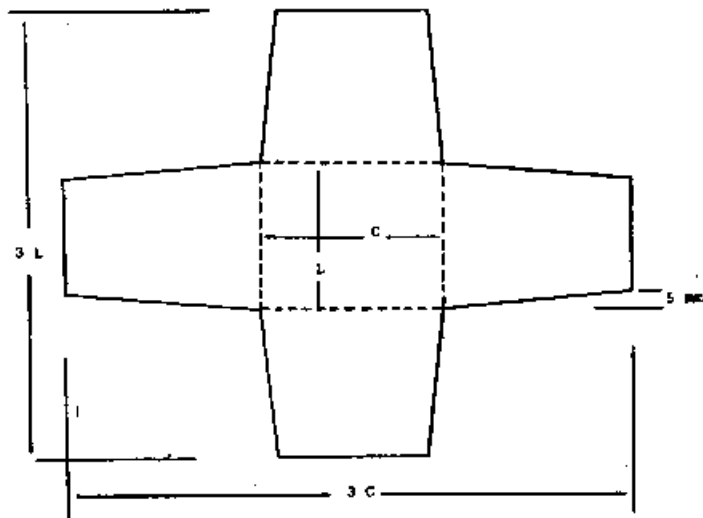
(FIG. 43)

5.4.3 Portfólio



C - comprimento L - largura E - espessura 2

(FIG. 45)



C - comprimento L - largura 1

(FIG. 46)

PARTE 9 FORMULÁRIOS

9.1 Ficha diagnóstica de conservação

Fundação BIBLIOTECA NACIONAL
 DEPARTAMENTO DE PROCESSOS TÉCNICOS / DPT
 SEÇÃO DE CONSERVAÇÃO E ENCADERNAÇÃO / SCE

1	COM	
2	REGULAR	
3	MAJ	

FICHA DIAGNÓSTICO DE CONSERVAÇÃO

Nº _____

IDENTIFICAÇÃO			
AUTOR: _____			
TÍTULO: _____			
REGISTRO: _____	Nº CHAMADA: _____	RECÇÃO DE GUARDA: _____	
DATA DA OBRA: _____	Nº PÁGINAS: _____	DIMENSÕES (COMP X LARG. X EMP.) _____	
ESPECIFICAÇÃO DO MATERIAL			
<input type="checkbox"/> ALBUM	<input type="checkbox"/> FOLHETO	<input type="checkbox"/> MANUSCRITO	<input type="checkbox"/> PLANTA
<input type="checkbox"/> BROCHURA	<input type="checkbox"/> GRAVURA	<input type="checkbox"/> MAPA	<input type="checkbox"/> PERGAMINHO (SCROLL)
<input type="checkbox"/> CERTIFICADO	<input type="checkbox"/> IMPRESSO	<input type="checkbox"/> PARTITURA	<input type="checkbox"/> _____
<input type="checkbox"/> DESENHO	<input type="checkbox"/> LIVRO	<input type="checkbox"/> PERIÓDICO	<input type="checkbox"/> _____
TIPO DE SUPORTE DA OBRA			
<input type="checkbox"/> PAPEL COLOMÉ	<input type="checkbox"/> PAPEL JORNAL	<input type="checkbox"/> _____	
<input type="checkbox"/> PAPEL FEITO À MÃO (TRAPO)	<input type="checkbox"/> PAPEL MADEIRA	<input type="checkbox"/> _____	
ESTADO GERAL DE CONSERVAÇÃO			
ENCADERNAÇÃO <input type="checkbox"/> OBRA ENCADERNADA <input type="checkbox"/> OBRA SEM ENCADERNADA			
TIPO DE ENCAL: <input type="checkbox"/> INTEIRA	<input type="checkbox"/> 1/2 COM CANTOS	<input type="checkbox"/> 1/3 SEM CANTOS	<input type="checkbox"/> _____
LOMBADA <input type="checkbox"/> C/ OURAÇÃO	<input type="checkbox"/> MANUSCRITA	<input type="checkbox"/> _____	
CAPA <input type="checkbox"/> COURO	<input type="checkbox"/> PAPEL	<input type="checkbox"/> PERGAMINHO	<input type="checkbox"/> TECIDO <input type="checkbox"/> _____
NERVOS <input type="checkbox"/> DUPLO	<input type="checkbox"/> FALDO	<input type="checkbox"/> SIMPLES	<input type="checkbox"/> SEM NERVOS
PERDA CAPA <input type="checkbox"/> ANTERIOR	<input type="checkbox"/> POSTERIOR	_____	
CABEÇEADO <input type="checkbox"/> INDUSTRIAL	<input type="checkbox"/> MANUAL	<input type="checkbox"/> PERGAMINHO	<input type="checkbox"/> SEM CABEÇEADO
TAPA <input type="checkbox"/> MADEIRA	<input type="checkbox"/> PAPELÃO	_____	
GUARDA <input type="checkbox"/> P. MARCORIZADO	<input type="checkbox"/> PAPEL TRAPO	<input type="checkbox"/> _____	
PRINCIPAIS DETERIORAÇÕES DA ENCADERNAÇÃO			
<input type="checkbox"/> ABRASÃO	<input type="checkbox"/> COSTURA FRAGILIZADA	<input type="checkbox"/> MANCHA	<input type="checkbox"/> ROMPIMENTO
<input type="checkbox"/> ARRANHÃO	<input type="checkbox"/> DESCOLORAÇÃO	<input type="checkbox"/> PERDA LOMBADA	<input type="checkbox"/> SUJIDADE
<input type="checkbox"/> BURACO	<input type="checkbox"/> LOMBADA QUEBRADA	<input type="checkbox"/> PERDA SUPORTE	<input type="checkbox"/> _____
PRINCIPAIS DETERIORAÇÕES DE LIVROS (MIOL) E/OU DOCUMENTOS PLANOS			
<input type="checkbox"/> ANOT. A BRANCO	<input type="checkbox"/> DOBRA	<input type="checkbox"/> ONDULAÇÃO	<input type="checkbox"/> RASGO
<input type="checkbox"/> ANOT. A TINTA	<input type="checkbox"/> FITA ADESIVA	<input type="checkbox"/> OXIDAÇÃO	<input type="checkbox"/> SUJIDADE
<input type="checkbox"/> CARIMBO	<input type="checkbox"/> FOXING	<input type="checkbox"/> PERDA FOLHAS	<input type="checkbox"/> SUPORTE FRÁGIL
<input type="checkbox"/> DETERIORAÇÃO INSETOS E MOEDORES	<input type="checkbox"/> FUNGOS	<input type="checkbox"/> PERDA SUPORTE	<input type="checkbox"/> TRAT. ANTERIOR
	<input type="checkbox"/> MANCHA	<input type="checkbox"/> QUEIMADURA	<input type="checkbox"/> _____
TÉCNICO: _____		DATA: ____/____/____	

MÉTODOS DE CONSERVAÇÃO DE OBRAS

1 - TRATAMENTO TÉCNICO DE CONSERVAÇÃO — DOCUMENTOS PLANOS

<input type="checkbox"/> DIAGNÓSTICO		
<input type="checkbox"/> HIGIENIZAÇÃO	<input type="checkbox"/> RETIRADA DE SUJEIÇÕES EXTRÍNECAS À OBRA	<input type="checkbox"/> COM TRINCHA MACIA P/V POR VARREDURA
	<input type="checkbox"/> RETIRADA DE FITAS ADESIVAS	<input type="checkbox"/> COM PÓ DE BOBRACHA E TRINCHA MACIA P/V E VARREDURA
	<input type="checkbox"/> DEBACIFICAÇÃO A SECO	<input type="checkbox"/> ARREPEAMENTO DE MANCHAS
<input type="checkbox"/> REESTRUTURAÇÃO	<input type="checkbox"/> REMENDOS	<input type="checkbox"/> ENERTOS
	<input type="checkbox"/> REPAROS	<input type="checkbox"/> VELATURA
<input type="checkbox"/> PLANIFICAÇÃO		
<input type="checkbox"/> ACONDICIONAMENTO	<input type="checkbox"/> PORTFÓLIO	<input type="checkbox"/> PASSE - PARTOUT
	<input type="checkbox"/> ENVELOPE	<input type="checkbox"/> JAQUETA DE POLIÉSTER

2 - TRATAMENTO TÉCNICO DE ENCADERNAÇÃO — VOLUMES

<input type="checkbox"/> FUMIGAÇÃO	<input type="checkbox"/> FUNGOS - PRODUTO _____ %	
	<input type="checkbox"/> INSETOS - PRODUTO _____ %	
<input type="checkbox"/> HIGIENIZAÇÃO	<input type="checkbox"/> COM TRINCHA MACIA, FOLHAS E CAPAS P/V POR VARREDURA	
<input type="checkbox"/> REESTRUTURAÇÃO	<input type="checkbox"/> LOMBADA	<input type="checkbox"/> LOMBADA E CAPAS
		<input type="checkbox"/> FOLHAS (MILO)
<input type="checkbox"/> ENCADERNAÇÃO	<input type="checkbox"/> REESTRUTURAÇÃO FOLHAS (MILO)	<input type="checkbox"/> COSTURA
	<input type="checkbox"/> ENCADERNAÇÃO	
<input type="checkbox"/> DURACÃO	<input type="checkbox"/> À PUNHO	<input type="checkbox"/> À MÁQUINA
<input type="checkbox"/> ACONDICIONAMENTO	<input type="checkbox"/> CAIXA	<input type="checkbox"/> _____

OBSERVAÇÕES

TÉCNICO _____

DATA ____ / ____ / ____

9.2 Dados sobre estado de conservação de acervos e do espaço físico onde estão situados

OCE/NE /

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL/DEPARTAMENTO DE PROCESSOS TÉCNICOS/CP/DCN
CENTRO DE CONSERVAÇÃO E ENCADERNAÇÃO
CONSERVAÇÃO

DADOS SOBRE ESTADO DE CONSERVAÇÃO DE ACERVOS E DO ESPAÇO FÍSICO ONDE ESTÃO SITUADOS

1- IDENTIFICAÇÃO

1.1- Instituição () Federal () Municipal () Estadual () Particular
Nome:

1.2- Endereço (Cidade/Estado/CEP/Telefone/Telex/Fax)

1.3- Responsável (Nome/Função)

2- PRÉDIO E MEIO-AMBIENTE

2.1- Data de construção: ___/___/___

2.2- Data da última restauração: ___/___/___

2.3- Área aproximada de ocupação da biblioteca _____m²

2.4- O prédio foi construído com a finalidade específica de ser biblioteca? ()sim ()não

2.5- O local do prédio situa-se em área ()comercial ()industrial ()residencial
()campus universitário ()_____

2.6- O local do prédio situa-se em área próxima a ()mar ()lago ()lagos ()rio ()canal
()mangue ()floresta ()bosque ()vias de tráfego intenso ()terrenos instáveis
()local de incineração de lixo ()_____

2.7- O prédio encontra-se equipado com ()ar condicionado central ()ar condicionado
setorial ()desumidificador ()umidificador ()termômetro ()termômetro
()janela com filtros contra luz solar ou ()persianas ou ()cortinas ()sistema de
detecção de incêndios ()sistema de combate a incêndios

2.8- Qual o padrão médio de temperatura e umidade relativa da região onde situa-se o
prédio? _____ C temperatura _____ % UR

2.9- As áreas onde estão localizados os acervos estão isoladas de outras partes do prédio
()sim ()não

2.10- Qual o tipo de piso das áreas onde situam-se os acervos? _____

2.11- Existem danos em partes do prédio tais como: ()teto ()pareda ()piso ()janelas
()_____

2.12- O prédio é submetido a manutenção técnica periódica? ()sim ()não

Com que frequência? _____

2.13- É executada dedetização periódica no prédio? ()sim ()não

Com que frequência? _____

2.14- Qual o tipo de iluminação adotada? ()natural/difusa ()natural incidindo direto
sobre o acervo ()artificial/incandescente ()artificial/fluorescente

2.15- Qual o tipo de material adotado para as estanterias ()madeira ()metal ()metal
pintado ()_____

2.16- Qual a proximidade de estanteria de livros em relação à iluminação adotada para a
biblioteca? ()mais de 50 centímetros ()menos de 50 centímetros

3- ACERVO

3.1- É executado algum tratamento de fumigação em obras adquiridas pela instituição por
compra, doação, permuta, etc? ()sim ()não

3.2- É executado algum tratamento de fumigação periódica no acervo? ()sim ()não

Com que frequência? _____

3.3- É executado algum tratamento de higienização periódica no acervo? ()sim ()não

- 3.4- Você tem observado deteriorações no acervo causadas por ()chuvas ()inundações ()fogo ()poeira ()umidade elevada ()ataque de insetos ()ataque de microorganismos ()ataque de roedores ()couros danificados ()lobedadas soltas/quebradas ()capas danificadas ()perda de capas ()costuras desfeitas ()manchas ()fitas adesivas ()aplicações inadequadas de carimbos ()descoloração dos materiais ()esmaecimento de tintas ()papel quebradiço/frágil () _____
- 3.5- Você tem observado deteriorações nos livros e/ou documentos resultantes do manuseio por usuários? ()sim ()não
- 3.6- A que você atribui estas deteriorações? ()uso frequente ()ação inadequada de xerox ()ausência de programa de microfilmagem ()supervisão inadequada ()falta de esclarecimentos sobre normas adequadas de manuseio de obras () _____
- 3.7- É adotada alguma forma de acondicionamento para os livros e/ou documentos de seu acervo? ()sim ()não
- 3.8- Em caso afirmativo, o que é utilizado? ()caixa ()pasta ()envelopes ()passe-partout ()portfólio () _____
- 3.9- Existe na Instituição algum setor dedicado aos trabalhos técnicos de:
 conservação ()sim ()não
 restauração ()sim ()não
 encadernação ()sim ()não
- 3.10- Em caso afirmativo descreva de forma sucinta os equipamentos existentes em cada área técnica:

Conservação	Restauração	Encadernação

3.11- Sua Instituição mantém ou já manteve acordo de assistência técnica com instituições que executem trabalhos técnicos de conservação, restauração e encadernação? ()sim ()não

3.12- Em caso afirmativo, descreva.

Ass: _____ Data: ____/____/____

OBSERVAÇÕES GERAIS:

PALESTRAS PROFERIDAS NA BIBLIOTECA NACIONAL

1 - Discurso do Presidente da FBN, Afonso Romano de Sant'Anna, por ocasião da visita do Sr. Fernando Collor de Mello, Presidente da República, à Biblioteca Nacional. 13 de maio de 1991.

2 - *A Poesia Francesa/A Tradição da Poesia*
Conferência do Professor Cláudio Veiga, por ocasião do lançamento do livro *Antologia da Poesia Francesa*.

3 - Discurso do escritor Autran Dourado, quando da entrega das primeiras edições de seus livros ao acervo da BN.

DISCURSO DO PRESIDENTE DA FBN POR OCASIÃO DA VISITA DO SR.
FERNANDO COLLOR DE MELLO, PRESIDENTE DA REPÚBLICA, À BN EM
13 DE MAIO DE 1991

Exmo. Sr. Presidente da República

Exmo. Sr. Secretário da Cultura da Presidência, Sérgio Paulo Rouanet

Freqüentemente olho este prédio e penso: - Os que o projetaram em 1910 foram capazes de estabelecer uma estrutura funcional que durou quase um século. Que tipo de projeto faríamos para que no limiar do séc. XXI alguém pudesse dizer: - Eles foram capazes de planejar por 100 anos?

Naquele tempo o Rio tinha uns 800 mil habitantes e o Brasil 17 milhões. Que biblioteca deixaremos aqui, e em Brasília, para começar o século XXI?

Faço-me estas perguntas, Sr. Presidente, dentro de um Governo que se propõe a modernizar o Brasil e a pensar grande, a pensar do tamanho do próprio país. Entendo que V. Excia. quer inaugurar uma nova era na vida deste país que há 500 anos cambaleia entre o primitivismo e a civilização.

Dai o Projeto Biblioteca Ano 2000 que estamos configurando em projeções teóricas e atos práticos.

Nos anos 60 Marshall McLuhan previu o fim do ciclo do livro. Equivocou-se. Nunca tantas gigantescas bibliotecas foram inauguradas no mundo, nunca se publicou tanto. E a sociedade escriturária e a computacional não se desentenderam, antes, se deram as mãos.

Entendo por Projeto Biblioteca Ano 2000 a articulação de várias propostas dinamizadoras do presente. Pensemos em termos de espaço e de tecnologia.

Em termos de espaço, em primeiro lugar, a urgente expansão deste prédio, que concebido para ter cerca de um milhão de volumes, hoje abriga oito milhões de peças. Como não podia deixar de ser estamos lançando uma campanha do Depósito Legal, porque não podemos deixar de ter os livros e periódicos que estão saindo e teremos que encontrar o espaço para abrigá-los.

Em segundo lugar temos que multiplicar as bibliotecas do país. De cerca de 4.000 municípios brasileiros, 1.000 não têm bibliotecas. É preciso construí-las ou ocupar espaços já existentes para que tais bibliotecas possam a fazer parte do cenário de nossas cidades.

Estarei soando muito alto, Senhor Presidente?

Há muito que eu me digo, repetindo os antigos:

"é preciso sonhar

para que o real se realize".

Sendo a Biblioteca Nacional, por força de seus novos estatutos a nova capitânia de um sistema integrado de bibliotecas, a futura Biblioteca de Brasília se impõe como um marco histórico e cultural necessário no centro do país e numa cidade que ao final do séc. XXI sabe Deus quantos habitantes terá. Tal biblioteca deveria ser sobretudo um centro moderno de informações dentro do que há de mais moderno em biblioteconomia.

E ao falar isto estou já passando da questão física do espaço para a questão da tecnologia. Hoje, uma biblioteca não é um mausoléu de livros, senão o lugar da informação. Não a informação apenas cultural, mas também a informação para aumento da produtividade. E aí a informática tem seu papel. Queremos que as bibliotecas do país estejam todas ligadas para que um cidadão em Roraima ou Santana do Livramento tenha direito à informação. E a hora em que isto ocorrer, o Brasil se sentirá parte da comunidade internacional, porque sistemas já existem de integração das bibliotecas americanas e europeias. Por isto, caminhando nesta direção assinaremos em poucos dias um convênio com a PUC/RJ para prosseguir na informatização de nosso acervo, voltando-nos agora para a parte iconográfica onde temos desde preciosas gravuras de Dürer até exemplares da Escola Brasileira de Gravura.

Por outro lado, Sr. Presidente, estamos desenvolvendo uma nova política do livro no Brasil. Aliás, desde 1937 que essa política era mais ou menos a mesma. Queremos uma associação entre o Estado e a livre iniciativa e não mais o Estado concentracionário, que editava autoritariamente seus livros e mandava-os para as bibliotecas ao invés de fazer com que cada município optasse e participasse com contrapartidas no incremento da leitura e da indústria do livro.

Faz parte da política do novo Departamento Nacional do Livro desta fundação quebrar o constrangedor tabu de que o Brasil é um país que tem só 500 livrarias e a edição média de um livro é de 3.000 exemplares. Faz parte dessa política, igualmente, o esforço por tornar a literatura brasileira mais conhecida e cosmopolitizada, através, por exemplo, do programa de traduções que brevemente estará lançando mais 50 autores brasileiros no mercado externo. Daí também o projeto, já em marcha, de estarmos presentes em dezenas de feiras internacionais do livro, até que, chegando em 1994, V. Excia. possa verificar pessoalmente na Feira de Frankfurt, que o Brasil não apenas será o grande tema dessa exposição, mas já tem uma literatura capaz de concorrer internacionalmente. Para que isto ocorra diversas estratégias já foram traçadas e devem se desenvolver com o apoio do Itamarati e da própria Presidência da República.

Ao assumir minhas funções aqui na FBN, Sr. Presidente e Sr. Secretário da Cultura, disse uma frase e a repito: "Se quisermos ser um país do Primeiro Mundo temos que começar a ler. Os países do Primeiro Mundo não chegaram ao Primeiro Mundo para começarem a ler depois. Ao contrário, chegaram lá através do livro e da leitura. Se quisermos ser um país do Primeiro Mundo temos que começar a ler, e ler já".

Por isto a Fundação Biblioteca Nacional e a iniciativa privada estão desenvolvendo um projeto de colaboração mútua para incentivo à leitura e ao consumo do livro. De nossa parte fomentaremos o *know how* acadêmico e institucional. Trabalharemos juntos com os editores, os livreiros e produtores de papel num projeto que eles querem que dure 10 anos. Perceba, Sr.

Presidente, é um projeto de 10 anos para que a leitura se torne um hábito reforçador da cidadania. Queremos uma sociedade de leitores, pois só a cultura nos resgatará historicamente. Por isto, dentro da Política para o Incremento da Leitura avalizada por V. Excia. lançaremos também uma série de projetos sob o nome geral de PROLER.

Sr. Presidente:

Tenho a dizer, enfim, que a presença de V. Excia. aqui hoje não apenas assinala o empenho do Governo em dar à cultura o espaço que ela merece, mas coincide com fatos auspiciosos que ocorrem no chamado Primeiro Mundo. Ainda esta semana recebemos convite para participar de um encontro de Bibliotecas patrocinado diretamente pela Casa Branca, pela Presidência dos Estados Unidos. Os governantes esclarecidos sabem o lugar que o livro e a informação merecem na sociedade. E estou convencido de que o Presidente do Brasil veio nos trazer palavras e provas concretas de que a questão da cultura e, nela, o livro e as bibliotecas, são preocupações centrais no governo de V. Excia.

Por último tenho a dizer que este discurso já estava praticamente pronto, quando na sexta-feira passada um de nossos pesquisadores, refazendo a história desta Casa, descobriu que foi no dia 13 de maio de 1811 que a Biblioteca Nacional efetivamente abriu suas portas ao público. Feliz coincidência. A presença de V. Excia. neste 13 de maio de 1991, cento e oitenta anos depois, é de novo um marco na história da abertura progressiva desta instituição.

A POESIA FRANCESA/A TRADUÇÃO DE POESIA(*)

Professor Cláudio Veiga

Nesta "causerie" que tenho a honra de pronunciar, na Biblioteca Nacional, a propósito de nossa *Antologia da Poesia Francesa*, publicada pela Editora Record, farei algumas considerações sobre a poesia francesa e sobre a tradução.

I - A POESIA FRANCESA

No prefácio de sua famosa antologia, declara Thierry Maulnier: "A poesia alemã ou inglesa é antes de tudo a Alemanha ou a Inglaterra; a poesia francesa é antes de tudo a poesia." Não vou tentar fazer agora uma incursão na literatura comparada nem tentar definir a poesia francesa. Tomaria antes a posição de Georges Pompidou em sua antologia, escrita quando aquele presidente da França era um simples professor do 2º grau. Eis o que nos ensinou: "Procurar encerrar, numa definição, a poesia francesa me parece impossível e irrisório". Concordando com a opinião daquele antigo professor, direi somente algumas palavras sobre como onze séculos de poesia francesa desfilam nas poucas páginas de nossa coletânea.

Poderia ter distribuído tematicamente as poesias escolhidas. Existem, na verdade, vários precedentes. Existe uma antologia temática de Ronsard, editada pela Garnier e faz umas duas décadas, a Seghers publicou uma antologia temática da poesia francesa. Não adotei esse critério. Talvez devesse ter aceito uma solução intermediária, isto é, ter acrescentado um índice temático, como já procederam alguns autores de antologia. Na verdade, não seria difícil distinguir e agrupar vários temas. Por exemplo, algumas poesias se referem precisamente à poesia, não somente a *Arte Poética*, de Boileau, mas ainda versos de Chénier, Gautier, Verlaine, Sarrailh, Claudel, Guillevic. Mas preferi seguir o roteiro usual das antologias - o simples ordem cronológica, sendo ponto de partida o século IX e ponto de chegada o século XX,

(*) Conferência pronunciada no Salão de Obras Raras da BN, em 1º de agosto de 1991, por ocasião do lançamento do livro *Antologia da Poesia Francesa*, de autoria do conferencista.

Cláudio Veiga é diretor da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro e presidente da Associação Nacional de Professores Universitários do Brasil.

datando de 881 a primeira poesia, a *Cavalleia de Santa Fúlúia*, e datando de 1984 a última, que é da autoria de Jacques Roubaud.

Vertencendo a uns 60 poetas, são umas 150 poesias que, ao longo de onze séculos, podem oferecer uma idéia das sucessivas manifestações da poesia francesa: o lirismo medieval, a poesia humanística e clássica, o Romantismo, o Parnasianismo, o Simbolismo, a profusão do século XX.

No que tange aos movimentos ou escolas, gostaria de lembrar dois fatos. Um deles é que os movimentos apresentam fronteiras fluidas, neles não se enquadrando inteiramente cada escritor. Assim, os parnasianos, que julgavam severamente o Romantismo, admiravam Victor Hugo. Sabemos também que Baudelaire, considerado como precursor do Simbolismo e mesmo da poesia moderna, teve acolhida favorável entre os parnasianos. Enquanto isso, o parnasiano Leconte de Lisle já foi apontado como um lírico camuflado de descritivo. Considere-se, por exemplo, uma das artes poéticas da poesia parnasiana, o soneto de Leconte de Lisle intitulado *Les Montans*. Nestes versos, rejeitando o exibicionismo dos românticos, Leconte de Lisle professa a impassibilidade. Mas, curiosamente, os tercetos desse soneto apresentam um *skate* de exibicionismo, manifesto no emprego insistente da primeira pessoa.

Além dessa permeabilidade dos poetas e dos movimentos, o outro fato a assinalar é o seguinte: na perspectiva da literatura universal, não se verifica uma rigorosa sincronia de movimentos e escolas. Por exemplo, se, na França, o Romantismo triunfa na primeira metade do século XIX, já se havia manifestado antes, na Alemanha e na Inglaterra. Já o nosso Romantismo é posterior ao romantismo francês.

Apontados essa permeabilidade que existe no interior de determinada literatura e esse descompasso que se manifesta no conjunto da literatura universal, voltamos ao desfile cronológico da poesia francesa em nosso livro. Primeiramente vem um panorama da literatura francesa e, depois, a sequência das mencionadas 150 poesias. Deter-me-ei, em um ponto mais, no desfile de textos poéticos, amostragem da totalidade da poesia francesa.

Sendo o nosso livro uma antologia, conviria lembrar que, na formação desse vocábulo, se encontra, ao lado do substantivo *flor (auto)*, o verbo *escolher*; em *legit*. Desse modo, por definição, uma antologia não contém todas as flores de um jardim, mas somente uma braçada de flores, um buquê. Etimológica e obrigatoriamente, em toda antologia se faz uma escolha. E, quando há escolha, haverá, necessariamente, exclusões. Quem primeiro percebe e lamenta essa contingência são os próprios autores. É assim que, na antologia da poesia grega, publicada recentemente na França pelo UNESCO, se manifesta o seu organizador: "Confessemos sem rodeios: uma antologia, quaisquer que sejam as suas qualidades, por melhores que sejam as suas intenções, constitui uma escolha arbitrária. Uma escolha que, afinal, se assemelha a uma espécie de mutilação, vizinha, muitas vezes, da injustiça." Esse escrúpulo é natural, mas não há para onde fugir. As exclusões parecerão mais clamorosas quando o leitor não descobre entre os contemplados o seu poeta preferido. Em Salvador, fui interpelado porque a nossa antologia não acolheu o soneto de Arvers. Outro leitor, certamente impressionado por Depardieu, estranhou a ausência do *Omne de Bergerac*. Há ausências que seriam mais clamorosas. Poderia recitar uma ladainha de nomes de poetas ilustres e que ficaram de fora: Kutebeul,

Marot, Saint-Amant, Marcelline Desbordes Valmore, Barville, Toulet, Verhaeren, Saint-Pol Roux, Paul Fort, Max Jacob, Jean-Pierre Jouve, Audubert, Collain e tantos outros. Apesar das lamentações dos organizadores de antologia e das recriminações dos leitores, as ausências são inevitáveis.

Quanto aos poetas que aparecem em nossa antologia, são normalmente de importância inquestionável, pelo menos, em nossos dias. Esta ressalva tem cabimento porque, se alguns poetas possuem uma permanente cotação positiva, o mesmo não acontece a outros poetas. Tomemos, por exemplo, uma antologia do passado, aquela em que Castro Alves estudou literatura francesa: nela estão ausentes Villon, Ronsard e Du Bellay, poetas que, em nossos dias, são presença obrigatória nas antologias.

Se a maioria dos poetas agasalhados tem uma importância inegável, alguns poderiam ser questionados. E, no que se refere aos que se encontram mais perto de nós, se torna mais difícil a escolha. Tem todo cabimento esta observação de um atilado historiador da literatura francesa: "Não devemos esquecer que obras essenciais de nossa literatura só foram conhecidas muito tempo depois da morte de seus autores (...) Os contemporâneos vivem muitas vezes na ignorância do que se trama em torno deles." (J. Laedens, 14). Em meio da exuberância atual da poesia, na França, seria preciso mais tempo para avaliar com maior precisão os méritos de um poeta do que de um romancista.

Não precisando de justificativa a maioria dos poetas que figuram na antologia, para alguns, no entanto, gostaria de apresentar algumas explicações.

1) Pareceu-me natural incluir o primeiro espécime da poesia francesa, a *Canção de Santa Fúlvia*.

2) Pareceu-me também natural incluir representantes de certos movimentos, por exemplo, o esquecido ou desconhecido Le Moine, para ilustrar o Barroco.

3) Quanto a Philéas Lebesgue, ele foi acolhido não somente por causa de seus méritos, que são reais: segundo um categorizado estudioso da poesia francesa, esse poeta-agricultor "escreveu, na França, uma das mais sugestivas poesias da Natureza." Foi também escolhido porque pesou a seu favor o fato de haver sido um grande *brasilianista*.

4) Delille que, em velhas antologias, foi o mais prestigiado dos poetas franceses, mal comparece em antologias mais recentes. Foi acolhido não só para não deixar desprovido o século XVIII, mas ainda por haver celebrado o café.

5) Jean Tortel foi incluído em virtude de uma imperativa sugestão de Georges Mounin que, em 1956, declarou na revista *Cahiers du Siècle*: "Em uma antologia da poesia de nosso século, devemos colocar essas quatro quadras." Assim, não hesitei em aceitar esses versos de Tortel.

6) Quanto ao texto de Jules Renard, alguém poderia estranhar a sua presença, alegando que se trata de um prosador e não de um poeta. Ao incluir essa página de Jules Renard, não fiz mais do que seguir as pegadas de uma excelente antologia intitulada *Trésor de la Poésie Française*, de Georges Brouquet e Pierre Menanteau. Nesse florilégio Jules Renard vem ao lado de La Fontaine, Nerval, Hugo, Baudelaire, Laforgue, Rimbaud, Mallarmé, Ronsard e outros poetas de semelhante estatura.

Os textos arrolados poderiam constituir uma introdução à poesia francesa.

II - A TRADUÇÃO DE POESIA

Quem estudou letras estrangeiras, na Universidade, como foi meu caso, poderia tornar-se tradutor. Com esse tirocínio, consegue-se, em princípio, preencher as condições exigidas para se traduzir convenientemente. Essas condições, bastante conhecidas, já foram formuladas no século XVII por Jean Chapelain, da seguinte maneira:

1^o - Conhecer bem a língua que se traduz.

2^o - Escrever bem a língua em que se traduz. (Quanto ao conhecimento da língua de chegada, abrimos um parêntese. Custaria de lembrar a impertinência de um tradutor laureado, professor da Universidade de Coimbra, Paulo Quintela, que teria afirmado: "O brasileiro não traduz bem porque não sabe português". Fechemos o parêntese).

3^o - A última condição seria dominar a matéria do que se traduz. Esta exigência está ligada à documentação.

Proporcionando-me, em princípio, o curso de Letras alcançar os dois primeiros objetivos, não foi no entanto aquele tirocínio que me encaminhou para a tradução, mas a descoberta simultânea de um *traductólogo* e de *dois tradutores*. O tradutólogo foi José Inácio Roquete, intelectual português, radicado em Paris no século passado e companheiro de trabalho daquele muito baiano que, segundo José Paulo Paes, foi "o primeiro tradutor profissional do Brasil" - Caetano Lopes de Moura. Os dois tradutores foram os filólogos José Otília e Antenor Nascentes. Isto é, num mesmo dia, me chegaram às mãos, por intermédio de um antigo professor, um pequeno tratado intitulado *Arte de traduzir do idioma francês para o português*, da autoria de José Inácio Roquete, a tradução de La Rochefoucauld, feita por José Otília, e a tradução do teatro de Beaumarchais, da autoria de Antenor Nascentes.

A partir da *Arte de traduzir*, de Roquete, busquei outros autores que teorizavam ou ensinavam a tradução. No Brasil, evidentemente, Paulo Rónai. Na França, sobretudo Vinay e Darbelnet, autores da *Stylistique comparative du français et de l'anglais*, e também J. L. Laugier, professor da Universidade de Bordeaux e autor de um valioso ensaio publicado no livro *Traduzione: seni e sudi*, vindo a lume, na Itália, em 1973.

Li o livro de Vinay e Darbelnet em 1968. Seu ponto alto, a meu ver, é a apresentação dos vários procedimentos da tradução: de um lado, três procedimentos diretos - o *empresário*, o *decalque* e a *tradução literal*; do outro lado, quatro procedimentos oblíquos - a *transposição*, a *modulação*, a *equivalência* e a *adaptação*.

Aproximadamente, em 1973, li o ensaio de J. L. Laugier, que me fez ver, com bastante clareza, duas diferentes concepções da tradução: a tradução que se costuma chamar *etnocêntrica* e a tradução que poderia ser chamada de *cosmopolita*.

Se combinarmos os procedimentos aventados por Vinay e Darbelnet e aquelas duas concepções apresentadas por Laugier, veremos que a tradução *cosmopolita* privilegia os procedimentos diretos: *empresário*, *decalque* e

tradução fiel, enquanto a tradução *etnocêntrica* privilegia os procedimentos indiretos: *transposição, modulação, equivalência e adaptação*.

Por outro lado, as traduções de Otílica e Antenor Nascentes me levaram a interessar-me pela lição dos tradutores. A tradução do teatro de Beaumarchais, feita por Antenor Nascentes, me levou a escrever a comunicação apresentada no 1º Congresso de Professores Universitários de Francês, realizado em Brasília: *O sistema da 2ª pessoa em francês e em português*. Nessa perspectiva comparatista, escrevi trabalhos sobre Machado de Assis e Castro Alves, tradutores de poetas franceses, e Ciraciliano Ramos, tradutor de Camus.

Assim, somente comecei a interessar-me pela tradução quando tomei conhecimento, ao mesmo tempo, de um antigo tradutólogo, Roquete, e das realizações de dois tradutores, José Otílica e Antenor Nascentes.

Para concluir, algumas palavras sobre a fidelidade na tradução. O tradutólogo Georges Mounin escreveu um pequeno ensaio intitulado, sugestivamente: *Tradução fiel ... mas a que?* Existem, na verdade, várias maneiras de encarar a fidelidade na tradução. Algumas delas são as três seguintes: 1º - fidelidade às duas línguas em questão; 2º - fidelidade à natureza do texto; 3º - fidelidade à versificação.

1º - Quanto à fidelidade às duas línguas, a situação é muito delicada e tem suscitado, em nossos dias, discussões e polêmicas. A fidelidade pode estar ligada à concepção do que seja a tradução. Há pouco falei da tradução *etnocêntrica* e da tradução com *sotaque*. A primeira levaria o texto original ao leitor, e a segunda levaria o leitor ao texto original. No primeiro caso, o tradutor quer ser fiel também manifestamente à língua de chegada. No segundo caso, o tradutor quer ser também fiel manifestamente à língua de partida. Haveria assim uma fidelidade *etnocêntrica* e uma fidelidade com *sotaque*.

2º - *Fidelidade à natureza do texto*. Diante de um texto científico e diante de uma poesia, a fidelidade não é a mesma. Tomemos um exemplo muito simples, o substantivo *année*. Num texto científico, *année* possui um sentido estrito: *année biologique, année astronomique, année ecclésiastique, année universitaire, année sidérale, année lunaire*, etc. Nesses exemplos, a tradução é óbvia - *ano*. Consideremos o mesmo substantivo na poesia de La Fontaine - *La jeune Veuve*:

Entre la veuve d'une année
Et la veuve d'une journée
La différence est grande

Em sua poesia, La Fontaine diz que as dores da viuvez feminina duram *une année*. Em minha tradução, reduzi este prazo, traduzindo *uma mulher* não por *um ano*, mas por *um mês*. Não quis dizer que, hoje, as viúvas sofrem menos que as viúvas de La Fontaine. Foi simplesmente que eu precisava de uma rima para *viuvez*. Em tradução de poesia a matemática é outra.

Por causa de uma sílaba, Guilherme de Almeida, ao traduzir um verso de Maeterlinck, diminuiu a idade das interlocutoras do poeta: *Vous avez seize ans, nous sommes - Tendes quinze anos, irmãs*. Em compensação, por uma razoável premência ou sugestão da rima, Guilherme de Figueiredo pôde aumentar o tamanho de outro numeral e, ao mesmo tempo, a voracidade de Tarrufo:

A table, au plus haut bout, il veut qu'il soit assis,
Avec joie il'y voit manger autant que six.

Na mesa, à cabeceira o meu patrão o senta
E deleita-se ao vê-lo comer por sessenta.

Num texto científico, *cinco é cinco, seis é dezesseis, e sete é seis*. Mas, numa poesia, a matemática pode ser outra: *um ano* pode reduzir-se a *um mês*, *dezesseis* pode ser igual a *quinze*, e *seis* a *sessenta*.

3^o - Por fim, a *fidelidade à versificação*. No que se refere à versificação, pode-se tomar várias direções, cada uma dessas soluções comportando suas fidelidades e suas infidelidades:

- a) traduz-se em prosa, isto é, sem procurar metrificar;
- b) traduz-se metrificando, mas sem rimar;
- c) traduz-se metrificando e também rimando, mas parcialmente;
- d) traduz-se metrificando e também rimando, mas integralmente.

Não vou detalhar essas quatro soluções ou direções, mas cada uma delas tem seus defensores e seus praticantes.

Terminemos com uma pequena comparação. Para chegar ao Rio de Janeiro, temos a via aérea, a via marítima e a via terrestre. Talvez o melhor seja não precisar viajar e morar aqui. E talvez fosse melhor também limitarmos-nos ao texto original e não tomar os caminhos da tradução. Mas aí também, e há séculos e com todos os riscos das travessias, viajar é preciso.

DISCURSO NA BIBLIOTECA NACIONAL, EM 1º DE OUTUBRO DE 1991 (*)

Autran Dourado

Há muitos e muitos anos entrava eu pela primeira vez numa biblioteca. Ao contrário de hoje, quando venho com muitos livros, tinha as mãos vazias. Para ser preciso, foi no remoto ano de 1942. Dezesseis anos de idade, eu era quase um menino. A biblioteca era a municipal de Belo Horizonte, na Rua da Bahia, em frente ao Grande Hotel. O hotel e a biblioteca não mais existem, só resta o velho prédio, num falso estilo manuelino, tão simpático e marcante na vida da cidade, que a voracidade de um progresso absurdo e maluco não conseguiu ainda devorar.

Me lembro bem, como se fosse hoje. Lá lá a conselho do meu mestre de filosofia, português e latim (o homem era um monstro de erudição e sabedoria), Artur Versiani Veloso. Fui procurar a *Carta de Gíria dos Casados*, de Dom Francisco Manuel de Melo. Por mais estranho que possa parecer a um jovem de hoje, li e gostei; ainda recentemente o reli e continuei gostando.

Quem nunca viveu entre livros, quem nunca os amou, não pode ter uma noção do que senti naquele momento sagrado de minha vida. Não me limitei a solicitar o livro, pedi ao bibliotecário para atravessar a portinhola e dar uma olhada nas estantes atrás dele, de que ele era o guardião. Me vi entre estantes com livros de cima a baixo. Aí tive encantamento semelhante ao que teria mais tarde quando entrei na catedral de Chartres - esta clara e colorida pela luz de belos vitrais, aqueles corredores escuros com pouca claridade e nenhuma cor. Mas foi o que senti na catedral francesa, anos depois. É o que costumo chamar de loucura analógica e associativa do espírito humano.

Mergulhei na leitura da prosa barroca de Dom Francisco Manuel de Melo. Fiquei de tal maneira fascinado e preso às suas frases maravilhosas, que perdi a hora da janta. Quando cheguei em casa, meu pai me perguntou por onde eu andara. Fui enfático. Para desculpar o atraso, disse que estivera num templo (que rapaz terrível eu fui), no templo de Atena: eu era também preciso. Apesar de ser um homem lido, com duas estantes de livros de literatura na sua biblioteca de juiz, meu pai estranhou e disse "De Atena?" Sim, disse eu, a deusa da sabedoria." Meu pai deu uma sonora gargalhada e me passou uma nota grande, com a qual eu compraria o meu primeiro livro, *Os Serões*, de

(*) Discurso pronunciado em 1º de outubro de 1991, pelo escritor Valdomiro Brito, Autran Dourado, quando da entrega das primeiras edições dos seus livros ao acervo da BN.

Euclides da Cunha. Meu pai sempre confiou na minha inteligência e capacidade de menino prodígio, que foi o primeiro classificado no exame de admissão ao ginásio, em São Sebastião do Paraíso.

Tanto meu pai confiava em mim e se enviaidava mais tarde com os meus escritos, que ele, juiz como outro juiz, pediu a seu colega e escritor Godofredo Rangel que lesse um livro de contos que eu queria publicar. Tinha eu dezessete anos e levava comigo aquela certeza de genialidade que só os jovens conseguem ter. Meu mestre de romance, a quem devo ser o escritor que sou, e por quem eu tinha a maior admiração desde que lera o seu *Vida Ociosa*, leu o meu livro, que se chamava *Sobrado Solitário*, e me deu um conselho decisivo para a minha vida de escritor, conselho que se liga à biblioteca da Rua da Bahia. Me aconselhou que não publicasse o livro. "Felizmente você não é precoce, disse Godofredo Rangel, mas sabe escrever bem, apesar de que escrever bem é obrigação de todo escritor. Assim eu posso fazer alguma coisa por você. Já que quer ser contista e romancista, eu preparei para você uma relação de escritores verdadeiramente importantes nas diversas literaturas que contam. Mas só escolhi artesão, nenhum gigante, porque não há nada pior do que um anão ficar arremedando gigante. Você, certamente, espero, conhece algum livro de Balzac. Pois bem, suspenda temporariamente a sua leitura. Você deve ler bem, melhor - estudar, dois magníficos artesãos do romance, Stendhal e Flaubert." Fiquemos nesses dois, seria me alongar demais citando outros autores da relação de Godofredo Rangel.

Mesmo aplicado que sempre fui, caderno em punho, comecei a ler meticulosamente, melhor - a estudar, o que havia daqueles autores na Biblioteca Municipal. E eu passei desde então a só freqüentar a biblioteca, entregue ao meu aprendizado literário. Nada me interessava, nem as moças de lindos olhos e magníficas coxas na piscina do Minas Tênis Clube, nem as notícias do que se passava no mundo, os livros me bastavam.

Foi dali da Biblioteca Municipal, os olhos cansados de tanto ler, que cheguei uma noite na janela e vi, saindo do Grande Hotel, o escritor Mário de Andrade, cercado de piás, jovens escritores mineiros. Dividido, obrigado a escolher entre o homem Mário de Andrade, cujos conselhos teriam sido muito úteis para a minha arte, e os livros indicados por Godofredo Rangel, não tive hesitação, obedeci à voz do dever, voltei à leitura.

O tempo passou ligeiro e aqui me encontro em 1954, não num templo de Atena, mas na sua catedral. Outro nome não encontro para designar a Biblioteca Nacional. Tanto quanto permitia a vida que eu levava então (a minha vida não importa, o que importa são meus livros), passei a freqüentar esta magnífica biblioteca cuja importância os brasileiros não sabem avaliar.

A Biblioteca Nacional não é apenas uma instituição útil, mas um precioso museu de tudo que há em matéria de livro. Para nos limitarmos à língua portuguesa, tem esta biblioteca desde um exemplar da primeira edição de *Os Lusíadas*, de Camões, aos livros dos mais jovens escritores brasileiros. Boa parte do seu acervo se encontra num velho prédio longe daqui, não servindo infelizmente a ninguém.

Eu gostaria de fazer hoje um discurso formal, protocolar ou uma verdadeira declaração de amor à Biblioteca Nacional. Como sou porém, por geração e por formação pescal, parco de sentimentos efusivos, principalmente em público, me limitarei a dizer do que carece a Biblioteca Nacional. Para não

falar no aumento do seu quadro de bibliotecários e melhoria substancial de seus salários, me limitarei ao sonho de um seu diretor, o meu falecido amigo, o erudito Prof. Celso Cunha, que era construir dois edifícios nos jardins aos fundos deste prédio, a fim de abrigar o seu acervo, ameaçado de se perder pela umidade e pelos bichos do tempo.

Se eu tivesse força e voz no Governo da República, daria prioridade absoluta à Fundação Biblioteca Nacional, porque ela é mais importante do que a saúde e mesmo a educação. Não estou atrevidamente exagerando, mas porque sei que aqui se encontra toda a literatura brasileira. Para que serve a literatura? - poderia me perguntar um ignaro qualquer. E eu lhe responderia que, além de deleite para as almas sensíveis, a literatura tem uma função social: aperfeiçoar a língua, mantê-la viva e expressiva. Sem uma língua expressiva, melhor - sem expressão, de nada vale um país; apesar de constar dos mapas, ele realmente não existe. Os mais graves problemas nacionais não serão resolvidos por falta de expressão, por pobreza de linguagem. A meia língua cheia de neologismos desnecessários e pedantes que falam os nossos economistas me dá a certeza de que eles não conhecem sua ciência. Quem concebe bem, se exprime bem; quem se exprimiu mal, não concebeu ou pensou bem, é um velho princípio de estilística.

Se por acaso fosse ministro da Educação (que os deuses não permitam tal loucura), tomaria obrigatórios o ensino do idioma nacional e a leitura de nossos melhores autores nas faculdades. Como o mais grave e premente problema brasileiro é econômico, tornaria obrigatórios o estudo da língua e a leitura do primeiro ao último ano das faculdades de economia. Como os nossos economistas carecem de simplicidade, seria compulsória a leitura do mestre de precisão, simplicidade e clareza que é Machado de Assis. O Brasil não entrará na modernidade se não se voltar para as raízes da sua expressão; não será ouvido se não tiver expressão própria, e esta só os livros podem dar.

As artes, e a literatura é a arte da palavra, servem como antena e exprimem a alma de um povo e de um país. Como sou sobretudo um narrador, contarei uma história que exprime bem o que venho tentando dizer. Durante a segunda guerra mundial fizeram em Roma uma exposição de pintura nazista. A Alemanha hitlerista estava no auge do seu poder e poucos podiam dizer que ela não dominaria o mundo. Convidaram Morantí para ver a exposição. O velho pintor olhou cuidadosamente quadro por quadro. Ao sair, horrorizado com o que vira, ele disse, com aquela visão profética que só os grandes artistas têm: "Com esta pintura, tenho a absoluta certeza de que eles vão perder a guerra." Perderam.

Sem querer desprezecer a importância e valor das outras artes, eu digo que, sem a literatura, melhor - sem livros (livros de verdade e não o subproduto que é o *best-seller*), o Brasil jamais entrará na modernidade, ficará para sempre na retaguarda incaracterística em que vivemos.

Como sou um pessimista avançado, tenho a certeza de que este discurso não será publicado na imprensa e, se for, as nossas autoridades não o lerão; elas acham que não têm tempo a perder com a leitura das palavras de um simples romancista de Monte Santo de Minas. Mesmo assim, como sou persistente, encaminharei cópia dele ao secretário da Cultura do governo federal. Ele, que

tem escrito sobre Iluminismo, quem sabe não iluminará o espírito de alguém? Me relevem o trocadilho(*).

Neste momento em que entrego à Biblioteca Nacional exemplares da primeira edição de todos os meus livros, desde *Teia*, de 1942, a *Monte da Alegria*, de 1990, agradeço a homenagem que me presta o poeta, portanto um homem de visão arrojada, professor Afonso Romano de Sant'Anna. Eu não terei a falsa modéstia de dizer que não a mereço, porque não tenho feito outra coisa na vida senão ler e escrever livros. Se eles prestam, é outra história.

(*) O Embaixador Sérgio Paulo Rouanet, atual secretário da Cultura da Presidência da República, é ilustre e escritor. Seus principais livros: *Incognitão e Desmistificação* (1978), *Teoria Crítica e Psicanálise* (1982), *A Razão Cultural* (1985), *As Raízes do Iluminismo* (1987) e *O Espectador Noturno* (1988).

PROJETO DE UM
DICIONÁRIO GEOGRÁFICO DO BRASIL

II parte: Alagoas, Amazonas, Paraíba, Rio Grande do Norte e Sergipe (*)

(*) Ver a introdução à I parte, em *Anais da BN*, v. 110 (1990).

Estamos publicando transcrição feita nos anos 40 que, apesar de trabalhar sobre os manuscritos originais, infelizmente, nem sempre respeita a grafia do texto original, com frequentes tentativas de "modernização" da ortografia e da pontuação. Na maioria das vezes, contudo, o texto original é respeitado.

Não tem sido possível publicar os relatórios seguindo a ordem dos estados e municípios por regiões geográficas. Por motivos de ordem técnica, publicamos os relatórios à medida em que podemos aprontá-los.

Como dissemos na introdução à I parte deste trabalho, ele vale pelo que tem de indicações históricas, sociológicas, econômicas e geográficas, mas, igualmente, pelo seu aspecto pitoresco. Para deleite dos leitores, anotaremos novamente algumas passagens que chamam a atenção pela sua ingenuidade, pela sua comicidade, sem descartar a grande seriedade e profundidade com que o tema é muitas vezes tratado. Nesse sentido, recomendamos, logo de início, o relatório do município de Parintins, no Amazonas, pela sua maneira original e, para nós de hoje, bastante estranha de escrever e de se exprimir. Há outros casos que o leitor descobrirá. Outro fato que chama a atenção se refere ao cólera. Todos os relatórios do Nordeste falam dessa doença - que neste final de século tanto assombra, tanto clamor tem levantado - como uma doença muito comum, nesse outro final de século. Em Coruripe, Alagoas, fala-se de um tipo curioso dessa doença, que os doutores ainda não tinham estudado, e que não se encontrava em nenhum dos livros consultados, que fazia as pessoas, mesmo depois de curadas, vomitarem um estranho líquido fortemente azulado. Tem-se a impressão de que, nessa época, o cólera não causava tanto medo, não fazia tanto alarde quanto hoje. Fala-se dele como de uma doença como as outras. Em Missão Velha, Ceará (cujos relatórios publicaremos no próximo volume dos *Atóis*), afirma-se que o cólera tem causado menos mal do que os remédios que aconselhavam o povo a tomar, geralmente purgativos, como, entre outros, o chá de "cabacinho ou bucha dos paulistas". Muito pior do que o cólera era a seca. A seca é que castiga, é que empobrece, é que mata. Vale a pena ler o pungente relatório escrito pelo Promotor Público em exercício da cidade de Apodi, no Rio Grande do Norte, sobre a grande seca de 1877, com as suas massas de retirantes caminhando pelas estradas, à procura de uma gota d'água e morrendo de inanição, ou definhando aos gritos, quando ainda tinham força para gritar. Em Imperatriz, ainda no Rio Grande do Norte, a seca reduziu uma população de 8 mil almas a apenas oitocentas.

Há, porém, curiosidades bem mais anenas. O relatório de Capela, em Sergipe, faz uma incrível distinção entre aves e "aves de pena". Pena que não explique que diferença é essa. Em compensação, os capelenses falam da "Lei Aurea", bem antes que essa palavra surgisse, oficialmente, no vocabulário da nossa história. Certamente, por mera coincidência, se referiam à Lei do Ventre Livre, proclamada em 1871. Em Apodi, Rio Grande do Norte, o relator fala, com entusiasmo, de uma estranha "substância betuminosa inflamável, e de boa luz, semelhante à cera", que surge da terra e que a população utiliza para diversos fins, inclusive para alumiar as casas. E, em Ipu, lá longe, para os lados do Ceará, fala-se muito de uma cobra diferente, uma tal de "suricucu, inimiga

do fogo, lançando-se a este sempre que o vê, para apagá-lo". Em São Mateus, também lá pelo Ceará, deixa-se de fazer bons negócios, com a venda de peles de burro e de cavalo, "por se crer que (esses animais) são amaldiçoados desde o nascimento de Jesus Cristo". E em Cabaceiras, na Paraíba, para evitar que os dois fundadores da cidade ficassem a discutir qual deles era o maior, construíram a Igreja numa distância matematicamente igual entre as suas casas, "afim de que não tivessem de andar um mais do que o outro", ao se dirigirem ao templo.

Vale mais a pena, talvez, falar do aspecto cultural desses municípios, cento e poucos anos atrás. Porto Calvo (Al.) envia, no seu relatório, o mais completo e interessante relato da história dos municípios consultados. Em vez das dez ou quinze linhas de praxe, o Bacharel Olympio Euzébio de Arrouxellas Galvão nos envia, assinado, um verdadeiro ensaio sobre a história da sua cidade, com mais de 40 páginas manuscritas, desde 1580 até 1881, data do seu relato. Porto Calvo é um dos mais antigos municípios brasileiros, e tem história para contar. Nascido em 28 de janeiro de 1842, em Maceió, e falecido em 4 de março de 1882, como juiz de Direito de Porto Calvo, Arrouxellas deixou diversos trabalhos sobre História e Direito, tendo colaborado em diversos jornais da Província. É citado no *Dicionário Bibliográfico Brasileiro* de Sacramento Blake, volume 6. Seu relato deixa transparecer uma posição altamente elitista e conservadora, mas tem o seu valor pela descrição dos fatos. Não deixa de ser interessante ver um escritor provinciano interpretar, em 1881, a invasão holandesa, a famosa "traição do ardiloso mulato" Calabar, o surgimento e desbaratamento da "República dos Palmares" - "nação selvícola e semi-bárbara, com superstições e ferocidade africana", e, também, "as atrocidades da sanguinolenta guerra fratricida da Cabanada". O autor fala ainda das repercussões, em sua cidade, da Revolução Pernambucana de 1817, da Confederação do Equador (1824) e da Rebelião Praieira (1848).

Existem coisas curiosas, também, nos pequenos relatos sobre a cultura e a instrução escolar. Cuité, na Paraíba, se gaba de estar "pronta em promover e ajudar a promover o bem estar do Paiz, em todo o seu progresso, já na parte de sevelização (sic) das letras, e já nas artes e em todo o mais", com a sua população de 5 mil almas livres e 400 escravas. Areia, ainda na Paraíba, se orgulha de ter "um theatro, o melhor da Província" e uma "feira que é a maior do Norte do Imperio". Tem, também, uma biblioteca e três escolas, mas, "a aula de latim foi supprimida". Japaratinga, em Sergipe, já tem, naqueles tempos, uma escola mista, onde se ensina o latim. Mas Atalaia, em Alagoas, passa à frente: tem 3 escolas mistas. Açu, no Rio Grande do Norte, com apenas 2 mil almas livres e 54 escravas, pode se orgulhar de possuir 3 tipografias e 3 jornais: o *Brasil Conservador*, o *Jornal de Assu* e *A Sanchula*. Sua biblioteca pública tem 531 livros, "dos quais 223 incademados" (sic).

Não podemos, porém, esquecer o lado menos ameno da cultura. Já é geral, em quase todas as cidades, a grita contra os baixos salários dos professores, que, por sua vez, "não mais encaram o ensino como um augusto sacerdócio". E Catolé do Rocha, na Paraíba, depois de pedir desculpas pela má redação, mas garantindo que, apesar dessa falha, "a verdade não foi sacrificada", acusa as escolas de só aceitarem os "protegidos", enquanto "a população por assim dizer pela maior parte, desconhece o papel e nunca viu livro algum".

A escravidão é um capítulo à parte, sobretudo na cidade de Mossoró, no Rio Grande do Norte. O dia 30 de setembro de 1888, diz o seu relator, é "uma das datas mais gloriosas da nossa história, dia em que, "sem favor algum do Governo", foi libertado o último escravo da região. Mossoró já tem 2 bibliotecas públicas e uma escola para "jovens libertos". Alguns anos depois, bem longe daí, a Princesa Isabel assinava a lei que libertava os escravos, em todo o país.

Nesta II parte publicamos os relatórios dos seguintes estados:

Alagoas: Municípios de Atalaia, Coruripe, Pão de Açúcar, São José da Laje e Porto Calvo.

Amazonas: Parintins e Silves.

Paraná: Areia, Cabaceiras, Campina Grande, Catolé do Rocha, Cuité, Misericórdia e São João.

Rio Grande do Norte: Acari, Angicos, Apodi, Arez, Açu, Imperatriz, Jardim, Mossoró, Pau dos Ferros, Touros e Triunfo.

Sergipe: Japaratinga, Capela, Lagarto e Simão Dias.

Gilberto Vilar de Carvalho
Da Biblioteca Nacional
Departamento Nacional do Livro

ALAGOAS

Desta Província 5 cidades enviaram resposta ao questionário: Atalaia, Coruripe, Pão de Açúcar, São José da Laje e Porto Calvo.

PROVINCIA DE ALAÇÓAS
COMARCA DA VILLA DE ATALAIA
MUNICIPIO DO MESMO NOME
DESCRIPÇÃO DO MUNICIPIO DE ATALAIA(*)

Aspecto geral - Do lado do norte e de leste é este Município montanhoso com bastantes mattas. Ao oeste se compõe de serras e bastantes campos. Ao sul notam-se bosques.

Mar e portos - Neste Município não há.

Ibas - Também não existe.

Serras - As serras que formão a parte montanhosa do Município fazem parte as dos Dous Irmãos, Bananal, do Tronco, da Talhada, da Macêa, de João Corrêa, da Urupema e Gravatazinho. As que dividem o Município de outros são: - a dos Dous Irmãos e Bananal, que dividem este município ao oeste com o de Assemblêa.

A Talhada, divide ao sodoeste com Anadia. A do Gravatazinho, ao noroeste com a Imperatriz. A do Tronco, ao norte com o Muricy e da Urupema, ao leste com o Município de Santa Luzia do Norte; distando dita serra do Urupema em linha recta seis legoas da Capital da Provincia, d'onde do cume de dita serra avista limpa se observa todo o litoral da mesma capital.

Rios e lagos - Seo territorio é regado por diversos rios, taes são Parahyba, que desemboca na bacia da lagoa Mamguaba da Cidade do Pilar, cortando este Município em toda sua extenção do oeste a sul, recebendo diversos tributarios, taes são: - os rios Parahybinha, Itapicuru, (que só tem agoa no inverno) Izabel, Burarema, Parangaba e Gurapama. Ha tambem para o lado do norte distante duas legoas da villa, o rio Satuba que desemboca no rio Mundahú, sendo afluentes deste o Tamotá, sendo o referido Satuba de pequena largura e muito forte no inverno.

Salubridade - O Município é geralmente salubre, quer de verão quer de inverno. Em 1856 o cholera morbus neste Município fez poucos estragos; como tambem em 1857 a febre-amarella pouco grassou.

Existe contigua á Rua da Jaqueira desta villa do lado do Sul, uma pequena vertente denominada Biquinha, d'onde sahe uma agoa crystallina e magnifica, sendo esta agora uma das mais notaveis desta provincia, tanto por ser mui salubre, como por ser mui fresca e saborosa, tanto que muitos crêem ser esta agoa um prodigio: o finado vigario Villarim chamava a esta referida agoa, agoa de Nossa Senhora das Brotas.

(*) Ilmo. Senr.

Recebi no dia 3 do andante mez um officio da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro por intermedio de V. S.^a da qual é digno Bibliothecario, datado de 2 de Janeiro proximo findo, no qual podia-me mandardes informações sobre as circumstancias topographicas e historicas deste Município de Atalaia, conjuntamente um modelo para servirme de norma as memorias que a mesma Bibliotheca sollicita.

Seu perda de tempo tratei de tomar os apontamentos necessarios sobre as mesmas circumstancias topographicas e historicas deste Município de Atalaia, e os que apenas pude colher, junto remetto emtorne o modelo que a mesma Bibliotheca se dignou enviar-me.

Por tanto mui estimarei que o trabalho geographic historico deste termo da Villa de Atalaia que nesta data envio a Bibliotheca Nacional, que a mesma possa ter a fruição desejada. E eu aproveito a oportunidade para apresentar a V. S.^a os protestos de minha mais alta estima e consideração.

Deus Guarde a V. S.^a

Pessoa da Camara Municipal da Villa de Atalaia (2 de Abril de 1861).

Ilmo. Senr. Dn. Benjamin Franklin Rantz Galvão.

M. D. Bibliothecario da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.

José Miguel de Vasconcellos

Presidente da Camara

Mineraes - Os mineraes mais uzuaes neste termo são: a pedra de construção e o barro de olarias. Ha tambem crystal de rocha e cima do riacho denominado = Pedra-Liza = por serem os cristáes oitavados e triangulares, onde se encontrão na superficie da terra e dentro das pedras ferruginozas, pedras essas que ha com abundancia e quasi toda composta de ferro. Existe tambem na gruta da antiga aldéa Cabeça de Cavallo na nasença do riacho Curapama distante da villa uma legoa, uma grande mina de gêsso que se tem feito uzo della, como tambem a tres legoas ao norte da Villa no engenho Matto-Grêsso, ha mina de crystal, existe tambem pedra prêta porosa da Borarema ao norte da villa.

Madeiras - Há muitas especies de madeiras de construção e de marcenaria. as principaes são = Sucupira, pão d'oleo, vinhatico, barbatimão, pão d'arco, gejuiba, supucaya, peninga, jetahy, angelim, barauna, batinga, bon nome, buranhem, casco de tatú, sedro, sapocairana, canohé, emberiba, frei-jorge, genipapeiro, gornroba, golandim, jatobá, pão-santo, pão de jangada, putumujú, pão ferro, parahyba, visgueiro, query d'arco e louro de diversas qualidades.

Fructas silvestres - Cajú, goiába, araçá, araticum, cagão, araticum do rio, jaboticaba, mamão jaracatiá, sapocaiá, maracajá, maracajá-assú, maracajá-meirim, maracajá peluxo, pitomba, maçarandúba, genipapo, côco-católé, ingá de diversas qualidades, marmello e trapia.

Animacs silvestres - Caitatú, viados, brancos e vermelho, coelho, capivára, gato do matto de tres qualidades, pintado, mourisco e maracajá. Tatús de diversas especies, paca, tamanduá, cotia, preguiça, lontra, rapoza, guará, cossaco, quandú, furão, quaty, jorupará e papa mel.

Quanto as aves encontram-se nas mattas aracoam, jacú-pema, uru, jacú, nambú de diferentes qualidades, piriqritos, joruty, parary, trocal e jandaia que sempre andam em bandos e são mui prejudiciaes aos partidos de milho.

As aves cantoras são: - sabiás de diferentes qualidades, xexéos, de diferentes qualidades, canario, corio, concrys, ferreiro (de grande valor e muito difficil de colherse por girar nos páos mais altos da matta) pinta-silgo, bicúdo, gruiatam, urúmará, etc. etc.

As abelhas fornecem excellente mel, taes são a uruçú, jutahy, mambica, tubiba, mosquito, arapuá. A par destes insectos outros ha como a sauba que destroem os vegetaes.

Ha tambem diversas especies de peixes nos rios como sejão = o cará, a trahira, o jundihá, o sarapó, sabará, carapéba, piaba, mossú, caborge, camorim, camarão, pitú e siry (raranqueiju).

Historia - Esta Villa era conhecida pelo nome de Arraial dos Palmares e foi herecta por alvará de 1727, ignora-se precisamente a data de sua criação, que o Diccionario Historico do Brasil da Saint' Adolphe remonta a 1727, sabe-se porem que a sua installação teve logar entre 1762 e 1765. Esta Freguezia de N. Senhora das Brotas foi creada em 1763.

Topographia - Esta villa está situada a margem direita do rio Parahyba e a esquerda do Riacho Borarema, uma parte della occupa terrenos altos e a outra se estende na planicie: as ruas são geralmente tortuosas, mas outras se observa larga e recta. As cazas são terras e algumas vistosas. Seos principaes edeficios são = a Matriz, a casa da Camara e Cadeia na parte alta e a ermida de N. Senhora da Conceição na planicie. Ha diversos estabelecimentos commerciaes. Os lugares mais notaveis deste termo são: -

Povoação da Capella - Á margem esquerda do Parahyba, 3 legoas ao oeste de Atalaia: tem um arruado bem tratado, no centro do qual acha-se edeficada a capella de N. S. da Conceição. Existe em dita povoação um juizado de Paz, duas cadeiras de primeras letras, uma para cada sexo e uma grande feira aos Sabbados e alguns estabelecimentos de secco e molhados e uma machina a vapor de descarçar algodão.

Arrasto - Dista este povoado da sede da Villa 8 legoas, existe uma cadeira mixta de instrucção primaria, e uma capella sob a invocação de Santa Effigenia.

Gamelieira - Distando este povoado alem da séde da villa 6 legoas, tem uma capella sob a invocação de N. Senhora do Patrocínio e uma cadeira de primeiras letras para o sexo masculino.

Cajueiro - Este povoado fica a quem da Camelleira, dista da sede da villa 5 legoas: tem um nichosinho sob a invocação de S. Sebastião. Ha uma pequena feira nos dias de Sexta-feira.

Chã da Branco (de João Antonio) Este povoado é pequeno: fica ao oeste da sede da villa e dista da mesma 2 legoas. Neste povoado existe uma capella de Santo Antonio, tendo logar a festa do mesmo Santo, dia de Reis de cada anno: existe tambem uma cadeira mixta de primeiras lèttas.

Ingazeira - Pequeno povoado ao norte da sede da villa, distando desta 3 legoas. Tem uma cadeira mixta de primeiras letras e uma pequena feira aos Domingos.

Existindo tambem tres aldeamentos, porem pouco importantes a saber: - Cabeça de Cavallo, Sapocaya e Boraco.

Este Municipio é todo agricola e contem 115 engenhos d'entre os quaes alguns bem edificados.

População - Pelo recenseamento de 1872 consta a população livre de 22.694 almas e escrava de 1888.

Agricultura - Lavoura consiste na cultura de canna de assucar, mandiôcas, tabaco, algodão, milho, arroz, feijão e algum café: tambem se cultiva algumas especies de fructas como sejião: - laranjas, limas, romã, ananaz, pinha, melão, coroaça, melancia, abobora, quiábos, maxixe, jaqueira, e outras fructas hortences, alem de diversos legumes.

Criações em pequena escala - Consiste em gado vacum, cavallar, lanigero, cabrum e suíno. A pequena criação limita-se a aves domesticas = gallinha, perú, pato, ganço, etc. etc.

Pesca - Pouco abunda.

Industria - A industria fabril consiste em assucar, agua-ardente, fumo, farinha de mandiôca, obras de oleria, como sejam louças de barro, têlhas, tijolo de alvenaria e algodão.

Comercio - A exportação limita-se a assucar e algodão, a importanciação consiste em ferros, louças, vidros, pannos e outros objectos de fabrica estrangeira.

Instrução - Para instrução primaria ha 8 cadeiras, sendo 5 do sexo femerino; desta cinco tres são mixtas e tres do sexo masculino.

Divisão ecclesiastica - Pertence este Municipio, a Diocese de Pernambuco, existindo uma proparochia de N. Senhora das Brotas, sendo creada como a cima fica dito em 1763.

Obras publicas - Passo da Camara Municipal e uma Cadeira (deteriorada).

Curiosidades naturais - No rio Parahyba ha uma grande cascata que se precipita d'entre os dous cumes da serra dos dous irmãos, quanto a sua altura ignora-se por ser impenetravel: auferindo esta serra o nome a cima referido, por haverem habitado os dous cumes da mesma, serra dous irmãos, ficando assim vis-avis um do outro. Notando-se tambem outra menos importante no rio Satuba, com 11 metros de altura.

Distancias - Dista esta villa da capital da provincia 48 kilometros.

As distancias ás villas e cidades dos municipios confinantes são os seguintes: .

Á villa de Anadia	10 legoas
Á villa de Assembléa	8 legoas
Á villa de Imperatriz	12 legoas
Á villa do Muricy	6 legoas
Á villa de Sta. Luzia do Norte	6 legoas
Á cidade do Pilar	3 legoas

Euclides da Cunha. Meu pai sempre confiou na minha inteligência e capacidade de menino prodígio, que foi o primeiro classificado no exame de admissão ao ginásio, em São Sebastião do Paraíso.

Tanto meu pai confiava em mim e se envelhecia mais tarde com os meus escritos, que ele, juiz como outro juiz, pediu a seu colega e escritor Godofredo Rangel que lesse um livro de contos que eu queria publicar. Tinha eu dezessete anos e levava consigo aquela certeza de genialidade que só os jovens conseguem ter. Meu mestre de romance, a quem devo ser o escritor que sou, e por quem eu tinha a maior admiração desde que lera o seu *Viaje Ociosa*, leu o meu livro, que se chamava *Soldado Soldão*, e me deu um conselho decisivo para a minha vida de escritor, conselho que se liga à biblioteca da Rua da Bahia. Me aconselhou que não publicasse o livro. "Felizmente você não é precoce, disse Godofredo Rangel, mas sabe escrever bem, apesar de que escrever bem é obrigação de todo escritor. Assim eu posso fazer alguma coisa por você. Já que quer ser contista e romancista, eu preparei para você uma relação de escritores verdadeiramente importantes nas diversas literaturas que contam. Mas só esculli artesão, nenhum gigante, porque não há nada pior do que um anão ficar arremedando gigante. Você, certamente, espero, conhece alguns livros de Balzac. Pois bem, suspenda temporariamente a sua leitura. Você deve ler bem, melhor - estudar, dois magníficos artesãos do romance, Stendhal e Flaubert." Fiquemos nesses dois, seria me alongar demais citando outros autores da relação de Godofredo Rangel.

Menino aplicado que sempre fui, caderno em punho, comeci a ler meticulosamente, melhor - a estudar, o que havia daqueles autores na Biblioteca Municipal. E eu passei desde então a só frequentar a biblioteca, entregue ao meu aprendizado literário. Nada me interessava, nem as moças de lindos olhos e magníficas coxas na piscina do Minas Tênis Clube, nem as notícias do que se passava no mundo, os livros me bastavam.

Fui dali da Biblioteca Municipal, os olhos cansados de tanto ler, que cheguei uma noite na janela e vi, saindo do Grande Hotel, o escritor Mário de Andrade, cercado de piás, jovens escritores mineiros. Dividido, obrigado a escolher entre o homem Mário de Andrade, cujos conselhos teriam sido muito úteis para a minha arte, e os livros indicados por Godofredo Rangel, não tive hesitação, obedeci à voz do dever, voltei à leitura.

O tempo passou ligeiro e aqui me encontro em 1954, não num templo de Atena, mas na sua catedral. Outro nome não encontro para designar a Biblioteca Nacional. Tanto quanto permitia a vida que eu levava então (a minha vida não importa, o que importa são meus livros), passei a frequentar esta magnífica biblioteca cuja importância os brasileiros não sabem avaliar.

A Biblioteca Nacional não é apenas uma instituição útil, mas um precioso museu de tudo que há em matéria de livro. Para nos limitarmos à língua portuguesa, tem esta biblioteca desde um exemplar da primeira edição de *Os Lusíadas*, de Camões, aos livros dos mais jovens escritores brasileiros. Boa parte do seu acervo se encontra num velho prédio longe daqui, não servindo infelizmente a ninguém.

Eu gostaria de fazer hoje um discurso formal, protocolar ou uma verdadeira declaração de amor à biblioteca Nacional. Como sou porém, por geração e por formação pessoal, parco de sentimentos efusivos, principalmente em público, me limitarei a dizer do que carece a Biblioteca Nacional. Para não

falar no aumento do seu quadro de bibliotecários e melhoria substancial de seus salários, me limitarei ao sonho de um seu diretor, o meu falecido amigo, o erudito Prof. Celso Cunha, que era construir dois edifícios nos jardins aos fundos deste prédio, a fim de abrigar o seu acervo, ameaçado de se perder pela umidade e pelos bichos do tempo.

Se eu tivesse força e voz no Governo da República, daria prioridade absoluta à Fundação Biblioteca Nacional, porque ela é mais importante do que a saúde e mesmo a educação. Não estou atrevidamente exagerando, mas porque sei que aqui se encontra toda a literatura brasileira. Para que serve a literatura? - poderia me perguntar um ignorante qualquer. E eu lhe responderia que, além de deleite para as almas sensíveis, a literatura tem uma função social: aperfeiçoar a língua, mantê-la viva e expressiva. Sem uma língua expressiva, melhor - sem expressão, de nada vale um país; apesar de constar dos mapas, ele realmente não existe. Os mais graves problemas nacionais não serão resolvidos por falta de expressão, por pobreza de linguagem. A meia língua cheia de neologismos desnecessários e pedantes que falam os nossos economistas me dá a certeza de que eles não conhecem sua ciência. Quem concebe bem, se exprime bem; quem se exprimitu mal, não concebeu ou pensou bem, é um velho princípio de estilística.

Se por acaso fosse ministro da Educação (que os deuses não permitam tal loucura), tornaria obrigatórios o ensino do idioma nacional e a leitura de nossos melhores autores nas faculdades. Como o mais grave e premente problema brasileiro é econômico, tornaria obrigatórios o estudo da língua e a leitura do primeiro ao último ano das faculdades de economia. Como os nossos economistas carecem de simplicidade, seria compulsória a leitura do mestre de precisão, simplicidade e clareza que é Machado de Assis. O Brasil não entrará na modernidade se não se voltar para as raízes da sua expressão; não será ouvido se não tiver expressão própria, e esta só os livros podem dar.

As artes, e a literatura é a arte da palavra, servem como antena e exprimem a alma de um povo e de um país. Como sou sobretudo um narrador, contarei uma história que exprime bem o que venho tentando dizer. Durante a segunda guerra mundial fizeram em Roma uma exposição de pintura nazista. A Alemanha hitlerista estava no auge do seu poder e pontos podiam dizer que ela não dominaria o mundo. Convidaram Morantí para ver a exposição. O velho pintor olhou cuidadosamente quadro por quadro. Ao sair, horrorizado com o que viu, ele disse, com aquela visão profética que só os grandes artistas têm: "Com esta pintura, tenho a absoluta certeza de que eles vão perder a guerra." Perderam.

Sem querer desmerecer a importância e valor das outras artes, eu digo que, sem a literatura, melhor - sem livros (livros de verdade e não o subproduto que é o *best-seller*), o Brasil jamais entrará na modernidade, ficará para sempre na relaguarda incaracterística em que vivemos.

Como sou um pessimista avançado, tenho a certeza de que este discurso não será publicado na imprensa e, se for, as nossas autoridades não o lerão; elas acham que não têm tempo a perder com a leitura das palavras de um simples romancista de Monte Santo de Minas. Mesmo assim, como sou persistente, encaminharei cópia dele ao secretário da Cultura do governo federal. Ele, que

tem escrito sobre Iluminismo, quem sabe não iluminará o espírito de alguém? Me relevem o trocadilho(*)).

Neste momento em que entrego à Biblioteca Nacional exemplares da primeira edição de todos os meus livros, desde *Teia*, de 1947, a *Monte da Alegria*, de 1990, agradeço a homenagem que me presta o poeta, portanto um homem de visão armada, professor Afonso Romano de Sant'Anna. Eu não terei a falsa modéstia de dizer que não a mereço, porque não tenho feito outra coisa na vida senão ler e escrever livros. Se eles prestam, é outra história.

(*) O lambuzador Sérgio Paulo Rouanet, atual secretário da Cultura da Presidência da República, é bilíngue e insentor. Seus principais livros: *Imaginário e Dominação* (1978), *Terra Crítica e Escandalo* (1983), *A Razão e a Alma* (1985), *As Razões do Iluminismo* (1987) e *O Espetador Noturno* (1988).

PROJETO DE UM
DICIONÁRIO GEOGRÁFICO DO BRASIL

II parte: Alagoas, Amazonas, Paraíba, Rio Grande do Norte e Sergipe (*)

(*) Ver a introdução à I parte, em *Anais da BN*, v. 110 (1990).

Estamos publicando transcrição feita nos anos 40 que, apesar de trabalhar sobre os manuscritos originais, infelizmente, nem sempre respeita a grafia do texto original, com freqüentes tentativas de "modernização" da ortografia e da pontuação. Na maioria das vezes, contudo, o texto original é respeitado.

Não tem sido possível publicar os relatórios seguindo a ordem dos estados e municípios por regiões geográficas. Por motivos de ordem técnica, publicamos os relatórios à medida em que podemos aprontá-los.

Como dissemos na introdução à 1ª parte deste trabalho, ele vale pelo que tem de indicações históricas, sociológicas, econômicas e geográficas, mas, igualmente, pelo seu aspecto pitoresco. Para deleite dos leitores, anotaremos novamente algumas passagens que chamam a atenção pela sua ingenuidade, pela sua comicidade, sem descartar a grande seriedade e profundidade com que o tema é muitas vezes tratado. Nesse sentido, recomendamos, logo de início, o relatório do município de Puntins, no Amazonas, pela sua maneira original e, para nós de hoje, bastante estranha de escrever e de se exprimir. Há outros casos que o leitor descobrirá. Outro fato que chama a atenção se refere ao cólera. Inclusive os relatórios do Nordeste falam dessa doença - que neste final de século tanto assombrava, tanto clamor tem levantado - como uma doença muito comum, nesse outro final de século. Em Coruripe, Alagoas, fala-se de um tipo curioso dessa doença, que os doutores ainda não tinham estudado, e que não se encontrava em nenhum dos livros consultados, que fazia as pessoas, mesmo depois de curadas, vomitarem um estranho líquido fortemente azulado. Tem-se a impressão de que, nessa época, o cólera não causava tanto medo, não fazia tanto alarde quanto hoje. Fala-se dele como de uma doença como as outras. Em Missão Velha, Ceará (cujos relatórios publicaremos no próximo volume dos *Anais*), afirma-se que o cólera tem causado menos mal do que os remédios que aconselhavam o povo a tomar, geralmente purgativos, como, entre outros, o chá de "cabacinha ou burcha dos paulistas". Muito pior do que o cólera era a seca. A seca é que castiga, é que empobrece, é que mata. Vale a pena ler o pungente relatório escrito pelo Promotor Público em exercício da cidade de Apodi, no Rio Grande do Norte, sobre a grande seca de 1877, com as suas massas de retirantes caminhando pelas estradas, à procura de uma gota d'água e morrendo de inanição, ou definhando aos gritos, quando ainda tinham forças para gritar. Em Imperatriz, ainda no Rio Grande do Norte, a seca reduziu uma população de 8 mil almas a apenas oitocentas.

Há, porém, curiosidades bem mais azeite. O relatório de Capela, em Sergipe, faz uma incrível distinção entre aves e "aves de pena". Pena que não explique que diferença é essa. Em compensação, os capelenses falam da "Lei Áurea", bem antes que essa palavra surgisse, oficialmente, no vocabulário da nossa história. Certamente, por mera coincidência, se referiam à Lei do Ventre Livre, proclamada em 1871. Em Apodi, Rio Grande do Norte, o relator fala, com entusiasmo, de uma estranha "substância betuminosa inflamável, e de boa luz, semelhante à cera", que surge do terra e que a população utiliza para diversos fins, inclusive para alucinar as casas. E, em Ipa, lá longe, para os lados do Ceará, fala-se muito de uma cobra diferente, uma lá de "surucucu, inimiga

do fogo, lançando-se a este sempre que o vê, para apagá-lo". Em São Mateus, também lá pelo Ceará, deixa-se de fazer bons negócios, com a venda de peles de burro e de cavalo, por se crer que (esses animais) são amaldiçoados desde o nascimento de Jesus Cristo". E em Cabaceiras, na Paraíba, para evitar que os dois fundadores da cidade ficassem a discutir qual deles era o maior, construíram a igreja numa distância matematicamente igual entre as suas casas, "afim de que não tivessem de andar um mais do que o outro", ao se dirigirem ao templo.

Vale mais a pena, talvez, falar do aspecto cultural desses municípios, cento e poucos anos atrás. Porto Calvo (AL) envia, no seu relatório, o mais completo e interessante relato da história dos municípios consultados. Em vez das dez ou quinze linhas de proxe, o Bacharel Olympio Euzébio de Arrouxellas Galvão nos envia, assinado, um verdadeiro ensaio sobre a história da sua cidade, com mais de 40 páginas manuscritas, desde 1580 até 1881, data do seu relato. Porto Calvo é um dos mais antigos municípios brasileiros, e tem história para contar. Nascido em 28 de janeiro de 1842, em Maceió, e falecido em 4 de março de 1882, como Juiz de Direito de Porto Calvo, Arrouxellas deixou diversos trabalhos sobre História e Direito, tendo colaborado em diversos jornais da Província. É citado no *Dicionário Bibliográfico Brasileiro* de Sacramento Blake, volume 6. Seu relato deixa transparecer uma posição altamente elitista e conservadora, mas tem o seu valor pela descrição dos fatos. Não deixa de ser interessante ver um escritor provinciano interpretar, em 1881, a invasão holandesa, a famosa "iração do ardiloso mulato" Calibso, o surgimento e desbaratamento da "República dos Palmares" - "nação selvícola e semi-bárbara, com superstições e ferocidade africana", e, também, "as atrocidades da sanguinolenta guerra fratricida da Cabanada". O autor fala ainda das repercussões, em sua cidade, da Revolução Pernambucana de 1817, da Confederação do Equador (1824) e da Rebelião Praieira (1818).

Existem coisas curiosas, também, nos pequenos relatos sobre a cultura e a instrução escolar. Cuité, na Paraíba, se gaba de estar "pronta em promover e ajudar a promover o bem estar do Paiz, em todo o seu progresso, já na parte de civilização (sic) das letras e já nas artes e em todo o mais", com a sua população de 5 mil almas livres e 400 escravas. Areia, ainda na Paraíba, se orgulha de ter "um theatro, o melhor da Província" e uma "feira que é a maior do Norte do Imperio". Tem, também, uma biblioteca e três escolas, mas, "a aula de latim foi supprimida". Japarutuba, em Sergipe, já tem, naqueles tempos, uma escola mista, onde se ensina o latim. Mas Atalaia, em Alagoas, passa à frente: tem 3 escolas mistas. Açú, no Rio Grande do Norte, com apenas 2 mil almas livres e 54 escravas, pode se orgulhar de possuir 3 tipografias e 3 jornais: o *Brasil Conservador*, o *Jornal de Açú* e o *Quilombo*. Sua biblioteca pública tem 531 livros, "dos quais 223 incadernados (sic)".

Não podemos, porém, esquecer o lado menos ameno da cultura. Já é geral, em quase todas as cidades, a grita contra os baixos salários dos professores, que, por sua vez, "não mais encaram o ensino como um augusto sacerdócio". E Catolé do Rocha, na Paraíba, depois de pedir desculpas pela má redação, mas garantindo que, apesar dessa falha, "a verdade não foi sacrificada", acusa as escolas de só aceitarem os "protegidos", enquanto "a população por assim dizer pela maior parte, desconhece o papel e nunca viu livro algum".

A escravidão é um capítulo à parte, sobretudo na cidade de Mossoró, no Rio Grande do Norte. O dia 30 de setembro de 1888, diz o seu relator, é "uma das datas mais gloriosas da nossa história, dia em que, "sem favor algum do Governo", foi libertado o último escravo da região. Mossoró já tem 2 bibliotecas públicas e uma escola para "juvens libertos". Alguns anos depois, bem longe daí, a Princesa Isabel assinava a lei que libertava os escravos, em todo o país.

Nesta II parte publicamos os relatórios dos seguintes estados:

Alagoas: Municípios de Atalaia, Coruripe, Pão de Açúcar, São José da Laje e Porto Calvo

Amapá: Pacintins e Silves.

Paraná: Anóia, Cabaceiras, Campina Grande, Catolé do Rocha, Cuieté, Misericórdia e São João.

Rio Grande do Norte: Acari, Angicos, Apodi, Arez, Açu, Imperatriz, Jardim, Mossoró, Pau dos Ferros, Touros e Triunfo.

Sergipe: Japaratinga, Capela, Lagarto e Simão Dias.

Gilberto Vilar de Carvalho
Da Biblioteca Nacional
Departamento Nacional do Livro

ALAGOAS

Desta Província 5 cidades enviaram resposta ao questionário: Atalaia, Coruripe, Pão de Açúcar, São José da Laje e Porto Calvo.

PROVINCIA DE ALACÓIAS
COMARCA DA VILLA DE ATALAIA
MUNICIPIO DO MESMO NOME
DESCRIPÇÃO DO MUNICIPIO DE ATALAIA(*)

Aspecto geral - Do lado do norte e de leste é este Município montanhoso com bastantes mattas. Ao oeste se compõe de serras e bastantes campos. Ao sul notam-se bosques.

Mar e portos - Neste Município não há.

Ilhas - Também não existe.

Serras - As serras que formão a parte montanhosa do Município fazem parte as dos Dous Irmãos, Bananal, do Tronco, da Talhada, da Macêa, de João Corrêa, da Urupema e Gravatazinho. As que dividem o Município de outros são: - a dos Dous Irmãos e Bananal, que dividem este município ao oeste com o de Assembléa.

A Talhada, divide ao sudoeste com Anadia. A do Gravatazinho, ao noroeste com a Imperatriz. A do Tronco, ao norte com o Muricy e da Urupema, ao leste com o Município de Santa Luzia do Norte; distando dita serra do Urupema em linha recta seis legoas da Capital da Provincia, d'onde do cume de dita cerra avista limpa se observa todo o litoral da mesma capital.

Rios e lagos - Seo territorio é regado por diversos rios, taes são Parahyba, que desemboca na bacia da lagôa Mamguaba da Cidade do Pilár, cortando este Município em toda sua extensão do oeste a sul, recebendo diversos tributarios, taes são: - os rios Parahybinha, Itapicuri, (que só tem agoa no inverno) Izabel, Rurarema, Parangaba e Gurapama. Ha tambem para o lado do norte distante duas legoas da villa, o rio Satuba que desemboca no rio Mundahó, sendo affluentes deste o Tamutá, sendo o referido Satuba de pequena largura e muito forte no inverno.

Salubridade - O Município é geralmente salubre, quer de verão quer de inverno. Em 1856 o cholera morbus neste Município fez poucos estragos; como tambem em 1857 a febre-amarella pouco grassou.

Existe contigua á Rua da Jaqueira desta villa do lado do Sul, uma pequena vertente denominada Biquinha, d'onde sahe uma agoa crystallina e magnífica, sendo esta agora uma das mais notaveis desta provincia, tanto por ser mui salubre, como por ser mui fresca e saborosa, tanto que muitos crêem ser esta agoa um prodigio: o finado vigario Villarim chamava a esta referida agoa, agna de Nossa Senhora das Brotas.

(*) Ilmo. Senr.

Recebi no dia 3 do anteante mez um officio da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro por intermedio de V. S.^a da qual é digno Bibliothecario, datado de 2 de Janeiro proximo findo, no qual pedia-me minuciosas informações sobre as circumstancias topographicas e historicas deste Município de Atalaia, conjuntamente um modelo para servir-me de norma as memorias que a mesma Bibliotheca collecta.

Sem perda de tempo tratei de tomar os apontamentos necessarios sobre as mesmas circumstancias topographicas e historicas deste Município de Atalaia, e os que apenas posso colher, junto remetto conforme o modelo que a mesma Bibliotheca se dignou enviar-me.

Por tanto nullo estimarei que o trabalho geographic historico deste terro da Villa de Atalaia que nesta data envio a Bibliotheca Nacional, que a mesma possa ter a fruição desejada. E eu aproveito a oportunidade para apresentar a V. S.^a os protestos de minha mais alta estima e consideração.

Deus Guarde a V. S.^a

Passo da Camara Municipal da Villa de Atalaia 12 de Abril de 1881.

Ilmo. Senr. Dor. Benjamin Franklin Ramiz Galvão.

M. D. Bibliothecario da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.

José Miguel de Vasconcellos
Presidente da Camara

Mineraes - Os mineraes mais uzuaes neste termo são: a pedra de construção e o barro de olarias. Ha tambem crystal de rocha e cima do riacho denominado = Pedra-Liza = por serem os cristaes oitavados e triangulares, onde se encontrão na superficie da terra e dentro das pedras ferruginozas, pedras essas que ha com abundancia e quasi toda composta de ferro. Existe tambem na gruta da antiga aldêa Cabeça de Cavallo na nasença do riacho Curapama distante da villa uma legoa, uma grande mina de gêsso que se tem feito uzo della, como tambem a tres legoas ao norte da Villa no engenho Matto-Grôssô, ha mina de crystal, existe tambem pedra prêta porosa da Borarema ao norte da villa.

Madeiras - Há muitas especies de madeiras de construção e de marcenaria. as principaes são = Sucupira, pão d'olco, vinhatico, barbatimão, pão d'arco, gejuiba, supucaya, poninga, jatohy, angelim, barauna, batinga, bon nome, buranhem, casco de tatú, sedro, sapocairana, canohé, emberba, frei-jorge, genipapeiro, gornroba, golandim, jatobá, pão-santo, pão de jangada, putumujú, pão ferro, parahyba, visgueiro, query d'arco e louro de diversas qualidades.

Fructas silvestres - Cajú, goiába, araçá, araticum, cagão, araticum apê, araticum do rio, jaboticaba, mamão jaracatiá, sapocata, maracajá, maracajá-assú, maracajá-meirim, maracajá peluxo, pitomba, maçaranúba, genipapo, côco-católá, ingá de diversas qualidades, marmello e trapia.

Animaes silvestres - Caitatú, viados, brancos e vermelho, coelho, capivara, gato do malto de tres qualidades, pintado, mourisco e maracajá. Tatús de diversas especies, paca, tamanduá, colia, preguiça, lontra, rapoza, guará, cossaco, quandú, furão, quaty, jorupará e papa mel.

Quanto as aves encontram-se nas mattas aracam, jacú-pema, uru, jacú, nambú de diferentes qualidades, piriquitos, joruty, parary, trical e jandaia que sempre andam em bandos e são mu prejudiciaes aos partidos de milho.

As aves cantoras são: - sabias de diferentes qualidades, xexêos, de diferentes qualidades, canario, corio, concrya, ferreiro (de grande valor e muito difficil de colherse por girar nos páos mais altos da matta) pinla-silgo, bicúdo, gruatam, urúmará, etc. etc.

As abelhas fornecem excellente mel, laes são a uruçú, jatohy, mambuca, tubiba, mosquito, arapuá. A par destes insectos outros ha como a sauba que destroem os vegetaes.

Ha tambem diversas especies de peixes nos rios como sejão = o cará, a trahira, o jundihá, o sarapó, sabarari, carapêba, piaba, mossú, caborge, camorim, camarão, pitú e siry (caranguejo).

Historia - Esta Villa era conhecida pelo nome de Arraial dos Palmares e foi herecta por alvará de 1727, ignora-se precisamente a data de sua criação, que o Diccionario Historico do Brasil da Saint' Adolphe remonta a 1727, sabe-se porem que a sua installação teve logar entre 1762 e 1765. Esta Freguezia de N. Senhora das Brotas foi creada em 1763.

Topographia - Esta villa está situada a margem direita do rio Parahyba e a esquerda do Riacho Borarema, uma parte della occupa terrenos altos e a outra se estende na planicie: as ruas são geralmente tortuosas, mas outras se observa larga e recta. As cazas são terreas e algumas vistosas. Seos principaes edeficios são = a Matriz, a casa da Camara e Cadeia na parte alta e a ermida de N. Senhora da Conceição na planicie. Ha diversos estabelecimentos commerciaes. Os lugares mais notaveis deste termo são: -

Povoação da Capella - A margem esquerda do Parahyba, 3 legoas ao oeste de Atalaia: tem um arruado bem tratado, no rentro do qual acha-se edeficada a capella de N. S. da Conceição. Existe em dita povoação um juizado de Paz, duas cadeiras de primeras letras, uma para cada sexo e uma grande feira aos Sabbados e alguns estabelecimentos de secco e molhados e uma machina a vapor de descarçar algodão.

Arrasto - Dista este povoado da sede da Villa 8 legoas, existe uma cadeira mixta de instrucção primaria, e uma capella sob a invocação de Santa Effigenia.

Ganelleira - Distando este povoado alem da sede da villa 6 legoas, tem uma capella sob a invocação de N. Senhora do Patrocinio e uma cadeira de primeiras letras para o sexo masculino.

Cajueteiro - Este povoado fica a quem da Camelleira, dista da sede da villa 5 legoas: tem um nichosinho sob a invocação de S. Sebastião. Ha uma pequena feira nos dias de Sexta-feira.

Chã da Branca (de João Antonio) Este povoado é pequeno: fica ao oeste da sede da villa e dista da mesma 2 legoas. Neste povoado existe uma capella de Santo Antonio, tendo logar a festa do mesmo Santo, dia de Reis de cada anno: existe tambem uma cadeira mixta de primeiras lètras.

Ingazeira - Pequeno povoado ao norte da sede da villa, distando desta 3 legoas. Tem uma cadeira mixta de primeiras lètras e uma pequena feira aos Domingos.

Existindo tambem tres aldeamentos, porem pouco importantes a saber: - Cabeça de Cavallo, Sapocaya e Boraco.

Este Municipio é todo agricola e contem 115 engenhos d'entre os quaes alguns bem edificadlos.

População - Pelo recenseamento de 1872 consta a população livre de 22.694 almas e escrava de 1888.

Agricultura - Lavoura consiste na cultura de canna de assucar, mandiôcas, tabaco, algodão, milho, arroz, feijão e algum café: tambem se cultiva algumas especies de fructas como seja: - laranjas, limas, romã, ananaz, pinha, melão, coroaça, melancia, abobora, quiábos, maxixe, jaqueira, e outras fructas hortences, alem de diversos legumes.

Criações em pequena escala - Conciste em gado vacum, cavallar, lanigero, cabrum e suino. A pequena criação limita-se a aves domesticas = gallinha, perú, pato, ganço, etc. etc.

Pesca - Pouco abunda.

Industria - A industria fabril consiste em assucar, agua-ardente, fumo, farinha de mandiôca, obras de oleria, como sejam louças de barro, tëlhas, tijolo de alvenaria e algodão.

Commercio - A exportação limita-se a assucar e algodão, a importanciação consiste em ferros, louças, vidros, panos e outros objectos de fabrica estrangeira.

Instrução - Para instrução primaria ha 8 cadeiras, sendo 5 do sexo femenino; desta cinco tres são mixtas e tres do sexo masculino.

Divisão ecclesiastica - Pertence este Municipio, a Diocese de Pernambuco, existindo uma proparochia de N. Senhora das Brotas, sendo creada como a cima fica dito em 1763.

Obras publicas - Passo da Camara Municipal e uma Cadeira (deteriorada).

Curiosidades naturaes - No rio Parahyba ha uma grande cascata que se precipita d'entre os dous cumes da serra dos dous irmãos, quanto a sua altura ignora-se por ser impenetravel: auferindo esta serra o nome a cima referido, por haverem habitado os dous cumes da mesma, serra dous irmãos, ficando assim vis-avis um do outro. Notando-se tambem outra menos importante no rio Satúba, com 11 metros de altura.

Distancias - Dista esta villa da capital da provincia 48 kilometros.

As distancias ás villas e cidades dos municipios confinantes são os seguintes:

Á villa de Anadia	10 legoas
Á villa de Assembléa	8 legoas
Á villa de Imperatriz	12 legoas
Á villa do Muricy	6 legoas
Á villa de Sta. Luzia do Norte	6 legoas
Á cidade do Pilár	3 legoas

(*)Ilm^o Seru.

A Ilm^o e patriótica camara municipal de Coruripe, animada do mesmo espirito que originou a feliz inspiração que tem a Ilm^o instituição da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, recebeo com satisfação a circular que se dignou de dirigir ás Camaras Municipaes do Imperio; e desejando prestar as informações pedidas com a precizão possível, e com a urgencia recommendada, lembrou se ella do humilde escriptor dos seguintes apontamentos, á quem intregou a tarefa.

O que me animou á acceital-as, e que me obterá, como espero, a indulgencia de V. S. e d'essa Ilm^o Instituição, foi a minha boa vontade, e meo desejo de contribuir um obolo á tão meritoria empreza: que possão, por ventura, suprir a falta de cabedal que em mim sinto para cumpril-a satisfactoriamente.

DESCRIÇÃO DO MUNICIPIO DE CORURIBE
PROVINCIA DAS ALAGOAS
COMARCA DE ANADIA

Posição geographica, e aspecto geral - A costa do mar n'esta parte do Imperio corre quasi Nordeste e Sudoeste, e este Municipio occupa cerca de sessenta a sessenta e cinco kilometros do litoral, desde barra do rio Cequiá, em latitude sul 9° 50' onde se limita com o termo de S. Miguel dos Campos, até o regato do Japú, em lat. Sul 10° 20', onde se limita com o termo de Piassabaçu. A sua extensão para o interior avalio em sessenta e cinco a settenta kilometros; n'essa parte a largueza diminue consideravelmente arunhando se entre os termos de Anadia ao Norte, do Limociro ao Poente, e de Penêdo ao Sul.

A Villa do Coruripe jaz na margem esquerda do rio do mesmo nome, cerca de trez kilometros distantes do mar, em longitude Oeste de Greenwich 36° 2', e latitude Sul 10° 7' 31". O terreno em quasi todo o Municipio apresenta chãos elevados, outr'ora ornados de bellas mattas intermeiadas de extensos taboleiros e cortadas por profundos valles, as subidas e descidas dos quaes são geralmente assaz íngemes. Os valles dos rios são mui largos, formando ora lagoas, ora brejos, ura ricas e uberrimas varzeas; os dos riachos são em geral estreitos.

Pelo inveterado costume de atar se fogo ao capim dos taboleiros a fim de renovar o pasto para o gado, tem se destruido grande parte das mattas: faz dô ver se os esqueletos dos magestosos patriachas das florestas, prestes a cahirem, e quiçá, a esmagarem o infeliz viajante. Com tudo ainda resta muita madeira de valor para varios misteres.

A parte central do Municipio é mais ondulada; a vegetação é mais acanhada, e abunda n'um matto chamado "catinga", pelo que aquella parte apellida se "catingas". A agua é escassa e má, as vezes salobra, sendo abundante e boa nas outras partes.

Mar e portos - Como vai dito, é o Municipio banhado pelo mar. Seo porto principal é o do Pontal da Barra do rio Coruripe: si tivesse mais amplitude, seria senão o melhor, um dos melhores e mais seguros entre os do Recife e da Bahia; o fundo é de barro e a ancoragem é boa; a entrada e sahida é facil e sem perigo para os que conheçam esta costa, aos outros convem chamar practico, em consequencia dos recifes que aqui se estendem em cornas muito pelo mar afora, e formão, bem

(*)Secretaria da Presidencia das Alagoas em Maceió, 28 de maio de 1881.

Ilm^o Sr.

Passo ás mãos de V. S.^a a Descrição junto do municipio de Coruripe, a qual para esse fim me foi remettida pela Camara d'aquella villa com officio do Bido corrente.

Deus Guarde a V. S.^a

Ilm^o Sr. Bibliothecario da Bibliotheca Nacional da Corte

José Leite, Pres.^o

fronteiro ao porto, em distancia de 8 a 10 kilometros o perigoso baixio de Dom Rodrigo. N'este baixio tem se perdido dous vapores e varios navios á vela, o primeiro sendo, provavelmente, aquelle que trazia á seo bordo o primeiro bispo para o Brazil, o infeliz Dom Rodrigo, e d'ahi o nome do baixio. O desventurado bispo salvou se do naufrágio, alcançou a terra com vida; mas não se salvou das mãos dos selvagens: conduzirão-no para a barra do rio S. Miguel, e alli o mattarão e o comerão. Assim conta a historia.

Occasião tão azada não devo perder de chamar á attenção dos homens illustrados para os meios de prevenir os frequentes disastres que occorrem n'estes mares vizinhos á barra do grande rio de S. Francisco, tomo, pois, a liberdade de fazer esta digressão para apresentar um projecto que concebi para esse fim.

Como acabo de dizer; o baixio de Dom Rodrigo é situado distante da costa. O plano que proponho é de collocar sobre este baixio, que é formado de pedra arenosa, e fica descoberta em meia maré, um elevado e poderoso pharol, visivel n'um raio de não menos de 25 kilometros, cuja luz apresente eclipses ou cores variadas que a distinguem inequivocamente de outra qualquer entre os portos de Recife e da Bahia. Com este monitor, na vista, só se perderia algum navio n'esta costa pela negligencia ou impericia a mais culpavel, á não ser pela força maior das tempestades.

Verdade é que a empreza seria dispendiosa e demandava talento da primeira ordem; mas tambem tornar-se-ia disnecessario outro pharol entre os sobreditos portos.

Temos mais um porto, o da cascada da Pituba ao sul da barra do Poxim; só serve agora de abrigo para os pequenos vasos costeiros em mão tempo ou de ventos contrarios, ainda que outr'ora carregavão e descarregavão se brigues e escumas n'esse porto.

Ilhas - Não existe ilha alguma na costa d'este Municipio.

Serras - Nem ha serras dentro dos seus limites.

Rios e lagoas - O rio Coruripe, navegavel por barcassas pouco alem da villa até o engenho Liberal, é o principal; nasce pouco acima da villa da Palmeira dos Indios, recebendo no seo curso varios riachos, mormente do lado esquerdo ou do norte, e atravessando todo o municipio quasi pelo meio, vai desembocar no mar ao Sul do povoado do Pontal. A barra é movediça, e tende a encaminhar-se para o Sul; o que difficulta e é muito prejudicial á navegação. Uma obra d'arte para impedir este movimento, que infelizmente está agora em rapido progresso, e reter se a barra contigua ao povoado, não seria dispendioso, nem de difficil execução.

O rio Poxim é menor que o Coruripe; não é navegavel. Dous fortes riachos, o Poxim e o Pão Amarello, depois de cahirem em duas lagoas, se unem e formão o rio Poxim, este, á cerca de dous kilometros do mar, passa pela povoação do Poxim (villa e sede da municipalidade anteriormente á lei por. de 23 de junho de 1866, que a transferio para Coruripe), e cahe no mar cerca de um kilometro e meio ao sul da barra do rio Ciequiá. Este rio, desda foz até a lagoa do mesmo nome, e toda a margem do Sul da mesma lagoa constituem grande parte do limite do Municipio, pelo lado do Norte.

O pequeno rio ou parte riacho Camundongo, que corre cerca de 15 a 20 kilometros para o Sul do Coruripe, desemboca no rio Piauí, e este ultimo no seo curso costeia parte do limite do Sul do Municipio.

Não deixam de contribuir o Municipio de Coruripe, para que marecese a Provincia o nome que se lhe deu; encerra varias lagoas, as quaes são de duas especies. A de Sta. Luzia, a Nova, e outras de menor extensão, são violados(?) de depositos d'agua doce de 2 a 3 kilometros de diametro e de pouca profundidade, no meio das cheias ou dos taboleiros. Os habitantes, alem de as pescarem, bom proveito tirão do junco que n'ellas nasce, para fazerem esteiras de forrao cangalhas e sellins, e são mui procuradas.

As lagoas de outras especies isto é, as que recebem e descarregão rios correntes, são as duas do Poxim. Estas tem muito mais profundidade e extensão que as primeiras. São piscosas, e o peixe é saboroso. A bella lagoa de Ciequiá não pertence ao Municipio; sómente n'ella encosta. Avalio o

comprimento aproximadamente em 15 kilometros, e a maior largura em cerca de cinco. É notavel pela abundancia, variedade e sabor do peixe que n'ella se cria.

Esta lagoa, pela profundeza que tem, seria navegavel por vazos de muito calado; infelizmente o rio que d'ella corre para o mar, não está nas mesmas condições, é muito raso.

O emprehendedor e infatigavel S. Francisco Ferreira Borges em 1869, n'esse tempo gerente da Comp^a Pernambucana de navegação á vapor, desejando introduzir este rapido e seguro modo de comunicação em todos os pontos possiveis da Provincia, percorreo toda a costa no vapor Jaguaribe, e trazia mais um pequeno vapor para a exploração dos rios. Tive, na qualidade de engenheiro da provincia, o prazer de acompanhal-o. Atravessamos a lagoa de uma extremidade á outra, á toda a força do vaporzinho sem encontrarmos empecilho algum. O immenso trabalho, porem, que tivemos para arrastar o nosso barquinho até a entrada da lagoa provou nos a impossibilidade de estender á ella este beneficio.

Salubridade - O Município é mui salubre, excepto no Poxim e suas vizinhanças, onde reinão endemicamente as febres intermittentes, e frequentemente de maó character. Os extranhos que alli vão morar não escapão dos seus ataques. Nos mezes do inverno estas febres, porem mais benignas, apparecem em todas as localidades. As hydropesias, consequencia d'essas febres ou do tratamento que se lhe dão sem discernimento, ou ainda da má vida que levão os pobres pescando e caçando de noite, etc. não são infrequentes. Creio tambem que as ophthalmias e outras doenças dos olhos sejam mais communs que em outras partes. Em 1855 e 56 a terrivel epidemia da cholera morbus visitou o Município por duas vezes, e fez muitas victimas em certos pontos, deixando caprichosamente intervalos muito habitados, e as vezes os mais insalubres, intactos. Na (então) villa do Poxim observei um symptoma singularissimo em um pequeno numero de cholericos, entre elles o nosso Vigário; e que autor nenhum de medicina tenha notado, que eu saiba. Estes infelizes, pois todos succumbirão, vomitavão nos ultimos periodos da doença um liquido de cor azul, - azul vivo! Os pannos se tingião da mesma cor, e com tal fixadez, que não desapareceria de todo com duas ou tres lavagens.

Á que pode se attribuir este phenomeno? É sabido que a acção chimica do acido, prussico sobre o sangue produz o pigmento chamado azul da Prussia. Será possivel que a incognita e insidiosa origem da molestia desenvolvesse no sangue ou n'algun orgão do doente uma diminuta quantidade de cyanogeno? Não o acho impossivel! Mais não digo; não estou habilitado para discutir tão delicada questão d'esta ordem.

Minaes - O barro de olaria é mui abundante e de boa qualidade. Ha no engenho Geripapu uma qualidade de barro, que se acha chama "tribatinga" d'uma altura igual á da cal; emprega se alli para caiar as casas. Como não se lembrou ainda de experimental-o na olaria, não posso dizer si para isso se preste. Disconfio que seja o mesmo de que na Europa se fabrica os cachimbos uzados pela gente pobre.

Desde o engenho Poção até o da Rocheira encontra-se boa pedra arenoza para construcção e de amolar. Infelizmente, não se emprega este material, para a edificacão; talvez por falta dos artistas habitantes, talvez pelo alto preço da cal, que se obtem aqui somente de conchas e coraes do mar.

Ha outra pedra chamada Curuba; a cor varia de rousa á vermelha escura, acha se em pedaços desdo tamanho d'um ovo até o de massas de muitos quintaes de pelo, mergulhados no salão (barro vermelho arenozo) nos declives das terras altas. Compõe se de barro ferruginoso impregnado de seixinhos. Pela facilidade de colhel-a, emprega se as vezes nos alicerces dos edificios.

Madeiras - As mattas do Município fornecem grande variedade de madeiras de construcção, e de marcenaria, de tinturaria e medecinaes.

De construcção e marcenaria: Pão d'arco, rouxo e amarello; pão santo; cicupira e cicupira açu; sapucaha de pilão e sapucahirana; massaranduba vermelha e branca; guarabú; jatobá; imbiriba preta e branca, bonomo; coração de negro; gitahé; cundurú; quiri, e quiripininga; mirinduba; peroba; gororoba; galandim carvalho; mangue vermelho; camassari; louro cedro; gequitibá, ou pão carga;

vesgueiro; folha larga; pão pombo; genipapeiro; jaqueira; pão amarelo (inferio) arapiraca; enchundia; mangabeira do viado; buranhem; timbahuba. De tinturaria: pão brazil, e tatajuba.

De medicina: pão d'oleo de cupahiba; gamelleiro; jaracatiá; gitó, angelim, pinhão, alem de varios arbustos e hervas.

A mangabeira dos taboleiros, a massaranduba, o gamelleiro, e outros páos de leite dão a borracha.

Fructus silvestres - Mangaba, jaboticaba, araticum, apé, goiti, e goiti coró, maracujá acú, meirim e pelucho, guíaba, araçá, sapucaia, cajú, etc.

Animas silvestres - Anta, caítiu, viado vermelho, branco e catanga, paca, tatú, verdadeiro, peba e rabo de couro, coelho, cutia, preia, tamanduá, preguiça, cuandú, cuiati, cutati bandeira ou caítiu, lontra, capivara, capivari, papamel, onça sussuarana (mui poucas), maracajá, guariba, macaco, saguim, kagado e jaboti, guachinim, raposa, cassaco, jararã, tijú açú, camaleão, calangro.

As aves são: siriemas, macuca, jacú, aracuãa, muhum (raso), urú, zabelé, anhabubú, e anhabubú açú, parati, galega, juíiti, trocal, fogo-pago, relinha do sertão, paturi, marraca e mergulhão, siricorio, galinha d'agua, garça branca e parda, socó e socó boi, papagaio, suia, jandaia, e dabucú, gaviões e curujas de varias especies, canario, bicudo, curió, patativa, sonhaçú, sonhaçú, galo de campina, guinhatãa, sabiá da matta e gongá, canção, chexio, curupião, alem de outras muitas.

Há variedade de abelhas, o mel que algumas produzem é azedo mas agradável, o de outras é mui doce e perfumado, são, a tubiba uruçú, pirucaba, hatahi, viuvinha, moça branca, mosquito e arapuá.

Os insectos nocivos são infinitos, desde grande aranha caranguejeira até o diminutivo mosquito, os porems, que seião talvez os mais nocivos são o cupim e a formiga saúva.

Os reptis não faltão. Temos cobras de todas as castas, desde grande giboia e a venenosissima cascavel até a innocente cobra de cipó, como tambem sapos, gias, rãs e tartixas.

História - A villa do Coruripe foi primitivamente um povoado que se criou por assim dizer, espontaneamente, e foi logo prosperando pelas vantagens que a localidade offercia: extensas mattas, solo urberrimo, porto bom e seguro, com proporções para salinas proximo a barra do rio e do Pontal, muito peixe e mariscos no mar e no rio; tudo convidava o braço e a intelligencia do homem.

O portuguez, José Antonio da Costa Guizado não deixou de perceber a bondade do lugar, e não quiz perdê-la. Estabeleceu se alli, talvez pelo meio do seculo passado, e alli enriqueceu. Comprou terras, e fez grande e lucrativo negocio em madeiras; tambem criou bastante gado. Erigiu um engenho no sitio denominado "Pastos de cima" no rio Coruripe, 3 kilometros acima de sua morada ou da villa hoje, mas logo no começo da primeira safra aconteceu que morresse um negro esmagado na moenda, que o impressionou a ponto que nem quiz continuar com a mogagem, e entregou elle o engenho a um irmão seo.

No anno de 1764 edificou o Sr. Costa Guizado uma capella com a invocação de N. S. da Conceição, solidamente construida de pedra e cal, em terra pertencente á Senhora Margarida da Nova contigua as suas, e esta senhora deo á capella por patrimonio uma legua de terra no lugar da mesma capella. Nesta terra se achão a môr parte das ruas da villa, as outras occupão terra outrora do Sr. Guizado, e hoje pertencente, uma parte ao Cor. Com.^{te} Sup.^r José Soares do Rego, outra ao Major João da Resurreição Lima e Lessa.

No anno de 1864, justamente um seculo depois de sua edificação, foi a capella consumida pelo fogo. Tratarão logo os habitantes da sua reedificação, e com algum auxilio do cofre provincial construiu se a igreja actual, que já pouco falta para se achar completa. O Revm.^o Vigario P.^o João Luiz da Silva Reis tomou parte mui activa na administração, e graças ao seo zelo, temos uma igreja da mesma solidez e muito mais elegante que a antiga. As dimensões são tambem maiores, com o fim de ser ella a igreja matriz, em consequencia da lei provincial de 23 de junho de 1866, que elevou Coruripe á categoria de villa e sede do municipio; quando se resolveo tambem a transferencia da

freguezia do Poxim, onde foi ella criada no anno de 1726, para a nova villa. Os Padroeiros da primitiva freguezia forão S. Jozé e N. S. da Madre de Deus, da de Coruripe é N. S. da Conceição.

Consta-me que na presente legislatura provincial acaba de passar se a lei, elevando mais esta villa á categoria de cabeça de comarca.

Topographia - Este já dei no primeiro artigo. A respeito da villa, esta consiste principalmente d'essa rua larga e curta, quasi em forma de praça, n'um canto da qual acha se a matriz e d'uma rua larga e comprida acompanhando o pé dos chãos altos, mas pouco se desviando da linha recta, e n'esta ha tres sobradinhos e uma capella com a invocação da Sta. Cruz, e havia outra do Rozario que cahiu, e trata de redificar. Estas com duas ou tres ruas lateraes formão a povoação. Ha outra rua lateral, a primeira e em continuação da segunda, onde a edificação é moderna e é mais vistosa, ainda que sejão a casas todas terreas. Ha cinco ou seis casas commerciaes.

População - A população pelo recenseamento de 1872, era de 7.906 livres e 1226 escravos. Calcula no nosso Rdo. vigario, pelos nascimentos e obitos, que a população livre seja hoje 10.000; entretanto que a escrava não excede de 900, o que verificou o Sr. collector com muita exacção.

Agricultura - Lavoura. Consiste na da canna de assucar principalmente, algodão, em menor escala; mamona, hoje mais reduzida, por causa do muito emprego hoje do kerozeno para a illuminação, coqueiros, mandioca, milho, e feijão, tabaco e pouco arroz.

Ha 24 engenhos de assucar para que produzem annualmente de 140.000 á 180.000 arrobas de assucar. Tres são d'agua, tres de vapor, e os mais são de animaes cavallar ou vaccum. Cultiva se tambem mangas, jaras, laranjas, sapotis, melões, melancias, e algumas verduras e flores.

Criações. A maior consiste de gado vaccum; pouca cavallar, e a mais sóa se cria para o consumo particular.

Pesca. Os habitantes das praias do mar empregão se na pesca como profissão, os do interior pescão nos rios, lagoas e breijos, para o sustento. O mar fornece variedade de peixes e mariscos; beijupirás, caranhas, carapitangas, pargos, cavallas, camurupins, camurins, siobas, goiranas, carapebas, garaquemas, serras, chernes, pescadas meros, siriçados, arabaianas, alem de outros inferiores; carangueijos, grojá, reça, ganhamum, e aratú, lagostins, ostras, sarnambis, maçunis, polvos e urricas. Os rios fornecem pihaus, camurins, pratis, lambiás, trahiras, matroés, carás, jundiás, cumbás, caborgens, sarapós, muçtis, piabas, etc. pitús e camarões, estes ultimos em immensas quantidades as vezes.

Industria fabril - Esta consiste em assucar, aguardente, azeite de mamona de uricuri, de coco, e de peixe; sal nas salinas do Pontal, fumo, farinha de mandioca, e obras de olaria, como sejão louças de barro, telhas e tijolos de alvenaria e de ladrilho; e os sapateiros fazem calçado para exportação.

Commercio - A exportação para fora ou para outros pontos da provincia consiste em assucar, aguardente, algodão, couros, farinha e cereaes, fumo, cocos, azeite, calçados, etc.

A importação consiste em ferragens, vidros, louças e as fazendas usuas de loja e estiva.

Instrucção - Para a instrucção ha duas aulas publicas do sexo masculino e duas do sexo feminino, e mais seis escholhas particulares sendo primarias todas.

Divisão ecclesiastica - Pertence este Municipio a Diocese de Olinda, e só tem uma parochia. Como já se disse, foi erecta em 1726, com a sede no Poxim, e transferida para Coruripe em 1866.

Tenho concluido; e de novo rogando a indulgencia de V. S. e d'essa illustrada Corporação pela magresa de materia como pelas lacunas e faltas que hão de notar, asseguro á V. S. que é com os sentimentos de respeito e alta consideração que me assigno.

Ilm^o Sr. Dor. Benjamin Franklin Ramiz Calvão.

M.D. Secretario da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.

De V. S.

Att. venc. e criado

Carlos Mornay

PROVINCIA DAS ALAGÔAS
COMARCA DE PÃO D'ASSUCAR
DESCRIPÇÃO DO MUNICÍPIO DE PÃO D'ASSUCAR(*)

Aspecto Geral - Do lado do norte e o este é este Município montanhoso, com pequenas matas na Serra de Pão d'Assucar. Ao sul em quasi toda a margem esquerda do rio S. Francisco bem como a leste o terreno é geralmente ondulado tendo aqui e alli elevações mais ou menos consideraveis coberto de bosques mais ou menos espessos, e mais ou menos catingados. As elevações que margeam o rio são geralmente pobres de vegetação.

Portos - Pelo lado sul é o Município banhado pelo rio S. Francisco, offerecendo portos commerciaes, não só n'esta Cidade, como nas tres povoações ribeirinhas, Piranhas, Entre Montes e Limoeiro. Algumas pedras ou cachopos esparsos pelo leito do rio, tornão arriscada a navegação para vapores e canoas em tempos de vasantes do rio, isto porem do lugar Seco 5 kilometros a baixo do Entre Montes, e 16 a baixo de Piranhas, até esta Povoação q. é o ultimo ponto navegavel do baixo S. Francisco.

Ilhas - Temos as Ilhas do Limoeiro importantes por sua extensão e produção agricola. Existem alem d'estas algumas eminencias sempre productivas, algumas das quaes apparecem e desaparecem alternativamente por effeito das grandes enchentes do rio. Como pequenas peninsulas, taes eminencias na vasante do rio, ligão-se a terra firme por estensos insignificantes.

Serras - A serra mais importante do Município é denominada de Pão d'Assucar, por sua elevação, vegetação produção agricola e amenidade de clima. É situada ao norte da Cidade, e sua posição topographica é a de oeste-nordeste. Depois temos as de João Leite, Chitrouá, Ouricury, Furna da Onça, Salgado, Taborda e a pequena cordilheira da Bandeira.

Rios e Lagoas - Em toda a extensão na extrema sul do Município seu territorio é banhado pelo caudaloso rio S. Francisco, o unico importante e navegavel que o banha. Nascendo na Serra das Canastras, em Minas Geraes e passando por entre Bahia, Pernambuco, Alagôas, Sergipe, desembuca

(*) Casa da Câmara Municipal da Cidade de Pão d'Assucar, em sessão extraordinária aos 26 d'Abri de 1861.

Ilh.^o Exm.^o Senr.

A Câmara Municipal tem a honra de reuiter a V. Ex.^a a inclusa informação em resposta ao questionario que a Bibliotheca Nacional d'essa Corte se dignou endereçar-lhe por intermedio de V. Ex.^a em officio circular de 2 de Janeiro ultimo, e somente recebido no dia 8 do corrente mez.

O local que tem em vista a Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, tomando a peito a realiação da grande obra da Exposição de historia e geographia patrias, está muito alem dos dados aliás incompletos, relativos a este municipio que esta corporação fornece. Se porem lhe faltou tempo o mais de satisfazer tão patriotica exigencia, sobre-lhe o desejo de servir a causa-publica concorrendo quanto em si couber para que impresa tão util e promettedora chegue a seus fins.

A Câmara Municipal da Cidade de Pão d'Assucar offerece á Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, seus promptos serviços e a V. Ex.^a endereça seus votos de estima e consideração.

D.^s G.^o a V. Ex.^a

Ilh.^o Exm.^o Senr. Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão.

M. D. Bibliothecario da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.

João Marinho de Novaes Mello

Tertuliano José Elisio Canuto

Justino Pereira da Luz

João Hypolito de Souza

Joaquim Antonio Martins Sobrinho

Isaquim Serafim da S. Cravo

José Venustulano Cavalcanti

no mar, 170 kilometros mais ou menos abaixo d'esta cidade, depois d'um percurso de mais de 400 leguas.

Entre os diversos tributarios que confluem para o grande rio, desembocando n'este Municipio, figura em primeiro lugar o ribeiro dos Cabaços, que faz barra no Entre-Montes, e este como os mais ribeiros só contem agua durante a estação chuvosa. São quasi todos piscosos. Há no municipio grande numero de Lagôas, algumas das quaes de crescida dimensão e profundidade. Na margem esquerda do rio, são notaveis as lagôas de Pão d'Assucar, Santiago, e de Curral, por seus tamanhos, profundidade, abundancia, em peixes, e producção em arros e outros cereaes. No centro são mais conhecidas as lagôas Meirus, Antas, Amargosa, e Pachyderma, sendo a primeira e a ultima celebres pela quantidade de ossos fosseis n'ellas encontrados.

Saúbridade - O Municipio é geralmente saúbre mas a margem do rio apparecem febres intermitentes, e paludosas, dando-se algumas vezes o apparecimento de febres amarellas na entrada das estações caniculares.

Nos annos de 1855 e 62 fomos vizitados pelo colera morbus, sendo, especialmente no primeiro, immenso o estrago causado a população.

Mineiras - Os mineraes de mais uso e utilidade no Municipio são a pedra de construcção e pedra calcaria, e o barro d'olaria. Falla-se da existencia de mineraes preciosos na serra do Pão d'Assucar, e acima do Piranha, mas não forão ainda exploradas.

Madeiras - Há muitas especies de madeiras de construcção e marcenaria. A aroeira, a baratuna, o páo-ferro, o angico, o páo d'arco, a tatajuba, o quiry, a peroba, o cedro e a umburana brava, constituem as principaes madeiras para aquelles misteres.

Fructas silvestres - O Municipio não abunda em fructas silvestres, temos entretanto o umbú, estimado por seu acido e pelo excellente uso da umburada e doce que d'elle se faz, a quixaba, o araçá, o araticum, a jaboticaba, maracujá, etc.

O cajú, a goiaba, a pinha, aliás abundantes, são cultivadas.

Animas silvestres - Veado, caibatú, onça, sussuarana, cotia, mocó, priá, papa mel, furão, maritaca, gato do mato de diversas especies, tatus, idem, kágados, macacos, saguis, guaxinis, etc. Quanto a aves temos a ema, o seriema, o jacú, o xabelé, cordinis, inhambú, jurity, asa branca, cardinheira, que em tempos seccos apparecem em bandos immensos, e papagaio, e periquito de diversas especies, a arára. Temos o curupião, o soffreu, o checheu, o gallo de campina, o pintasilgo, o caboclinho, colleira, o sabiá, o canario, aves canteas, bem como a rôla, cujo gomebunde arrulho, desperta tão vivamente a sensibilidade humana.

Aves de rapina, o carcará, o gavião, o urubú ou córvo. Em aves aquaticas temos o pato, a patury, a marreca, a gallinha d'agua, a garça, branca e parda, a cuereira, a gaivota, a jasanã, o carão. Entre os repteis há a cascavel, a giboia, ou béa, a jararaca e coral, a cauinana, a salamanta, a cobra preta, e muitas outras de tamanho inferior. As abelhas que dão excellente mel são, uruçú, a moça branca, a mandassaia, o jatí, o papaterra, a tubiba, exu e arapuá, etc.

O rio fornece enfermidade de peixes, sendo os mais importantes o camorim, o camuripim, o rubalo, surubim, a tabarana, a cerimatá, a trahira, a corvina, o mandim, o pirá, o pacamen? pacú, o niquim, e a piranha. Esta ultima, custuma andar em cardumes, e desgraçado o vivente que é por ellas acomettido por que é delacerado.

Historia - A Cidade de Pão d'Assucar foi primeiramente uma fazenda de criação de gado pertencente a Antonio Rodrigues Delgado. Depois povoando-se, foi elevada a cathogoria de povoação e mais tarde, a freguesia pela Lei Provincial n° 227 de 11 de Julho de 1853, com a invocação do S. S. Coração de Jesus. A Lei Provincial n° 233 de 3 de Março de 1854, elevou-a a cathogoria de Villa, sendo installada a 17 d'agosto do mesmo anno. Foi elevada a Cidade pela Lei n° 756 de 18 de Junho de 1877. Seu nome vem do morro proximo que por ser de forma conica assemelha-se a um Pão d'Assucar.

Topographia - Esta Cidade é situada à margem esquerda do rio S. Francisco. Ella se estende na planície que medeia entre o morro do Cavalleto ou Pão d'Assucar a oeste a collina de Aranha, a leste com uma extensão de cerca de 5 kilometros. A planície offerece proporções para um elegante povoado, e, se bem que as ruas não guardem rigorosa direcção rectilínea, todavia se aproximão d'essa desejavel regularidade. Temos as ruas do commercio n'uma extensão de cerca de 800 metros, em linha parallela de leste a oeste, com a largura de 40 metros mais ou menos. A maior parte das casas são terras havendo entretanto, alguns sobrados, sem elegancia notavel. Seu principal edificio é a Igreja Matris. Temos crescido numero de estabelecimentos commerciaes, e alguns industriaes.

População - Sua população, segundo o ultimo recenseamento é a de 9010 almas, sendo livres, 8601, escravos 409. Releva porem notar que tem ella augmentado progressivamente, podendo-se sem receio de erro calcular em metade mais do numero da população existente no tempo do recenseamento.

Agricultura - Lavoura. A de algodão, milho, feijão, arros, mandioca, e tabaco, constitue-se ramos principaes a do café e a da canna d'assucar, cultivados ainda em pequena escala, promette desenvolver-se, contando favoravel probabilidade, os ensaios feitos nos argillosos terrenos da Serra do Pão d'Assucar, cujo clima ameno difere sensivelmente do geral do municipio, onde, não obstante produz as diversas especies de fructas que acima se notão.

Creação - O principal ramo de criação é o do gado vaccum, o cavallar, o lanigero é o cabrum, o muar e o suíno, desenvolve-se lentamente.

Pesca - A pesca auxilia apenas o consumo diario. O rio, posto que essencialmente piscoso não tem dado para abundante exportação, isto, porem em consequencia do defeituoso processo adoptado pelos pescadores.

Industria fabril - A principal industria fabril consiste na preparação do algodão em rama, na extracção de azeite de mamona, e preparação de oleo de ricino no curtume, de couro e pelles em grande escala.

O fumo, a farinha de mandioca, o caroá, constituem artigos de exportação. Há tão bem o fabrico de telhas, tijollos, d'alvenaria e louça de barro.

Commercio - A exportação consiste principalmente em algodão, azeite de mamona, e oleo de ricino, sela e pelles, farinha de mandioca, milho, feijão, arros, fumo em pequena escala, e gado vaccum.

A importação, em fazendas, ferragens, louças, mudesas, e outros generos seccos e molhados, nacionaes e estrangeiros.

Instrução - Temos n'esta Cidade quatro escolas publicas de instrução primaria, duas para cada sexo, alem d'algumas escolas particulares de 1^{as} letras para o sexo feminino. Alem disso temos mais no municipio as seguintes escolas publicas: duas na povoação de Piranha, uma para cada sexo; duas na povoação de Entre Montes, idem, e uma para o sexo masculino na povoação de Limoeiro.

Existe uma pequena Bibliotheca com 341 volumes, creada em 1878, pela Sociedade Club Litterario Recreativo, fundada sob a iniciativa e esforços do Dr. Manuel Ronaldo de Castilho Brandão medico residente n'esta Cidade.

Divisão ecclesiastica - Pertence esta Freguesia a Diocese de Pernambuco, e comprehende uma só parochia, sob a invocação do S. S. Coração de Jesus, tendo a respectiva sede n'esta Cidade. Limita com as freguesias de N. S. do O. do Traipú, N. S. Sant'Anna de Ipanema, N. S. da Conceição da Malta Grande, e N. S. da Conceição d'Agua Branca, e N. S. do O'da ilha do Ouro esta do Arcebispado da Bahia.

Obras publicas - Há na Cidade a Matriz, o cimiterio publico e um proprio municipal que serve de mercado ainda por acabar. Temos em construcção um edificio destinado a servir para Cadeia, e Casa da Camara, começado sob a direcção do Juiz de Direito da Comarca Dr. Alfredo Montezuma d'Oliveira, na qualidade de Presidente da Comissão de Soccoros Publicos em Favor das Victimias

da Secca, em 1878. É pena que tão util ideia não tenha sido, até hoje, louvavelmente aproveitada pelos poderes publicos, levando a cabo tão importante melhoramento.

Temos a via ferrea de Paulo Affonso em construcção, que começa da povoação de Piranha, d'este municipin, ligando o baixo ao alto S. Francisco. Tem por fim estabelecer a viação entre as duas secções fluviaes, interceptada pela famosa Cachoeira de Paulo Affonso. No dia 25 de Fevereiro ultimo foi inaugurado o trafego da 1ª secção da estrada entre Piranha e Olho d'Agua, 28 kilometros de distancia.

Curiosidades naturaes - Nas Lagoas Meirás e Pachiderma e outras tem-se encontrado crescida quantidade d'esses fósseis, cuja extraordinaria dimensão affirma o tamanho dos animaes a que pertencerão. Não é possível precisar a epocha de sua existencia que se esconde nas dobras d'um passado remotissimo.

Distancias - Esta Cidade dista da Capital 322 kilometros a leste.

Para as Villas e municipios confinantes, há seguintes distancias:

À Villa de Traipú a leste, 58 kilometros.

À Villa de Sant'Anna, de Ipanema a nordeste, 74 kilometros.

À Villa de Paulo Affonso a noroeste, 122

À Villa d'Agua Branca idem 95

À Villa da Ilha do Ouro ao sul, 28.

Casa da Camara Municipal da Cidade de Pão d'Assucar em sessão extraordinaria.

PROVINCIA DAS ALAGÓAS
COMARCA DA IMPERATRIZ
DESCRIÇÃO DO MUNICÍPIO
DE SÃO JOSÉ DA LAGE(*)

Aspecto geral: O terreno é em geral muito accidentado. Ao sul estende-se um grande campo denominado pela povoação de Santa Maria Magdalena, situada n'uma pequena collina, e fechada por grandes e fertilissimas serras, e uma extensa varzea denominada - Varzea Grande. Existe tambem um vasto campo a Sudeste do Município, alem de outros campos e valles pouco extensos.

Mar, portos e ilhas: Não os tem o Município, que dista do litoral 24 legoas.

Serras: Dentre as que cortão o terreno do Município destacão: a Serra da Barriga, celebre pelo quilombo dos Palmares que ali se refugiara em 1630, composto de mais de 20 mil escravos, segundo a tradição, a qual serra se estende do sul a norte por mais de uma legoa: a do Macaco que se estende de N. a S. e formando uma grande curva termina na direcção do S. O., a do - Bolão - que se estende de S. a O., e a serra do Capim - que, se extendendo do L. a O. divide o Município e a Provincia da de Pernambuco. As duas primeiras demorão ao sul do Município, a segunda, S. L. e terceira ao N.

Salubridade: Os campos e Serras ao Sul são saudaveis; em geral, porem, é pouco salubre o Município onde são frequentes as febres e camaras de sangue, principalmente na estação invermosa.

Mineras: Não os tem o Município, encontrando-se apenas barro de alvenaria grossa e telha.

Madeiras: Ha pouca madeira de construção e marcenaria, limitando-se a sicupira, sapucaia, amarello vinhatico e louro.

Fructas silvestres: Goiaba, piri, sapucaia, maracujá, assú, peróba, pitomba, jaboticaba, o coco pindóba que valeo nas immigrandes na secca de 1877.

Animacs Silvestres: Caititú, veado, cotia, paca, tamanduá, coelho e gato do mato e macaro.

Topographia: A Villa, sede do Município, está situada á margem direita do rio Canhoto em um valle, que se estende a L. E. contem tres ruas em forma de um quadrilonga. Ha um outro aruadezinho denominado Rozario, do mesmo lado do dito rio Canhoto, que se separa da Villa, por um correjo de nome Pita Razo. Todas as casas são terreas, existindo apenas um sobrado em ruinas. Poucos são os estabelecimentos commerciaes e industriaes.

Historia: A Villa de São José da Lage foi uma pequena povoação creada em 1805 por um portuguez de nome José Vicente de Lima, que edificou em suas terras uma capellinha com a invocação de São José, passando á Villa por lei provincial de abril de 1875.

População: Calcula-se em 19 mil e tantas almas.

Agricultura: Algodão, canna de assucar, mandinca, fumo (tabaco), milho e feijão.

Criação: Cado vaccun, e lanigero, as outras consistem em aves domesticas.

Industria fabrik: Rapadura, fumo e farinha de mandioca. Ha diversos descaroadores de algodão movidos por agua, animacs, e um á vapor.

Comercio: Limita-se á Capital, constante somente de algodão, assucar, (rapaduras quebradas) e

(*) Illm^o e Exm^o Sr.

Tenho a subida honra de enviar a V. Ex^o o impertinente trabalho que desta canara exige, e desejo que elle se preste ao fim para o qual se destina.

Aproveito o ensejo para retribuir a V. Ex^o as mesmas considerações.

D.^o Guarde a V. Ex^o

São José da Lage, 10 de Maio de 1881.

Illm^o e Exm^o Sr. Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão

Bibliothecario da Bibliotheca Nacional.

José Paulo Tenorio,
P. da Camara M^{al}

algum couro salgado.

Instrução: Contem 5 cadeiras o Município, sendo 3 do sexo masculino e 2, do feminino.

Divisão ecclesiastica: Pertence a Pernambuco, e tem uma só parochia que é a de Santa Maria Magdalena.

Obras publicas e Curiosidades naturaes: Não as tem o Município.

Distancias: Ao norte 24 legoas da Capital

- " oeste 12 legoas da Villa da Conceição de Corrente
- " Sul 14 " " " de Murici e da Assembléa
- " leste 24 " " " de Porto-Calvo.

(*) Memoria descriptiva do Municipio de Porto Calvo segundo o questionario do Exm^o Bibliothecario da Bibliotheca Nacional da Corte.

Organizada pelo Bel. Olympio Eusebio de Arroxelas Galvão, por incumbencia da Camara Municipal da referida Villa.

Abril de 1881.

PROVINCIA DAS ALAGOAS
COMARCA DE PORTO-CALVO
MUNICIPIO DE PORTO-CALVO

- I -

Aspecto geral e limites - Solo montanhoso, coberto de mattas, posto que ja batidas e aproveitadas em grande parte: numerosos valles, grutas, varzeas, e terreno ondulado e verdejante, cortado de riachos e muitas nasçenças que o regam e fertilisam, - eis o aspecto phisico em geral do Municipio de Porto Calvo, cuja corrente d'agua mais forte e caudalosa é o rio Manguaba, que o banha desde sua foz no Oceano até a serra do Lirio, na Leopoldina, perto da qual tem elle sua origem.

Ao N. O. é banhado pelo Jacuípe e seu affluente Taquara, que separam o Municipio da Provincia de Pernambuco. É subindo-se para o districto da Leopoldina (ex-colonia militar) que o solo se eleva mais, formando algumas serras.

Confina a L. com o Municipio (maritimo) de Maragogy, que delle se desligou em 1875: ao S. com de Porto de Pedras: ao S. S. O. com o de Camaragibe: ao O. com o de S. João de Lage (Imperatriz) e ao N. com os de Barreiros e Palmares, da provincia de Pernambuco.

- II -

Mar e portos - Antes do anno de 1875 o Municipio comprehendia a freguezia do S. Bento (hoje Municipio de Maragogy), pertencendo-lhe o importante e povoado littoral desde a foz do Manguaba ao S. até a do Perseungá, ao N. e neste espaço forma o Atlantico a-Barra-Grande, excellent e talvez o primeiro ancoradouro e porto da Provincia.

(*) Camara Municipal da Villa de Porto Calvo em sessão Extraordinaria de 25 de Abril de 1881.

Ilm^o Exm^o Senr.

Foi-me presente, no principio do mes de Março p. p. o officio circular impresso de V. Exc. datado de 2 de Janeiro do corrente anno instruido com um questionario sobre as circumstancias topographicas dos nossos municipios, afim de que esta Camara prestasse as informações constantes do dito questionario fazendo V. Exc.ia. ver que até aos ultimos dias do mes de Maio próximo futuro devem as respostas se achar no Rio de Janeiro, segundo o plano da Bibliotheca Nacional, de que V. Exc. é um digno Bibliothecario.

Apesar do estreito tempo que restava á esta Camara, por ter sido retardada a entrega do officio de V. Exc. todavia deliberou ella responder, quanto fosse possivel ao pedido patriotico da Bibliotheca, sollicitando a coadjunção do Jure de direito desta Comarca, Bacharel Olympio Eusebio de Arroxelas Galvão, a quem se delego e incumbio da tarefa de organizar uma memoria relativa ao Nosso municipio, e que accedera, redigindo a constante de manuscrito junto, que temos a honra de transmitir a V. Exc. para os devidos fins, acrescentando apenas que subscrevemos a todas as considerações e relações mencionadas na sobre referida memoria.

Aproveitamos o ensejo para apresentar a V. Exc. os protestos de nossas elevadas considerações.

Deus Guarde a V. Exc^o

Ilm^o Exm^o Senr. Dor. Benjamin Franklin Ramiz Galvão.

M. D. Bibliothecario da Bibliotheca Nacional da Corte.

Francisco da Rocha Acciolo Wanderley P. P. (**)

Francisco de Borja Santiago.

(**) P. P. = Presidente da Provincia (N. da R.)

Hoje nada tem no litoral, pois a divisa vai até a barra do Curyuma, na margem esquerda do Manguaba; e o Município perdeu extraordinariamente com isso, porque o litoral era a melhor fonte de sua riqueza na Camara, afora terras de seu patrimonio.

- III -

Ibas - Não há.

- IV -

Serras - Posto que montanhoso o Município, todavia os montes de sua região inferior, em todas as direcções, não fazem parte de algum systema orographico especial: constituem grupos do systema geral da costa. As serras, ou serrotes, mais notaveis, se acham encravadas no districto da Leopoldina, a saber:

De S. João, á margem esquerda do Jacuípe, a O. da Leopoldina e com 2 legoas de extensão pelo menos.

Da Macuca, á margem direita do mesmo rio.

Da Manaia, ao S. O. da povoação referida, e ao S. da Serra de S. João.

Do Teixeira, em uma de cujas encostas foi assentada a povoação e colonia Leopoldina, á margem direita do Jacuípe.

Do Lino, á leste do Manaia, e perto da qual tem origem o Manguaba.

A serra da Balança, é collocada entre os municipios de Porto Calvo e Imperatriz.

- V -

Rios e lagoas - § 1º Lagoas, propriamente ditas não ha.

§ 2º Rios. O principal do Município, e que o rega de N. O. e S. E., fertilizando o abençoado valle do seu nome, é inquestionavelmente o Manguaba, que deve sua vertente ás frescuras da serra do Lino, á pouca distancia dos sitios denominados - Capoeira do Rei, em baixo e perto da referida serra, engrossado por numerosos affluentes, dos quaes dois de força: e depois de 110 kil. de percurso se lança no Oceano formando a barra de Porto de Pedras, villa que lhe fica á margem direita da fóz, tendo deixado 42 kil. acima, na esquerda, a de Porto Calvo, séde do municipio, e 36 kil. além, na mesma margem, a Povoação do Jundiá, a meio caminho para a Leopoldina.

Da Villa do Porto Calvo até a fóz corre navegavel e navegado, influenciado pelas marés, um grande numero de barraças, lanchas e canoas o sulcam, tendo sido outrora frequentado por embarcações de maior calado. Em suas margens estão presentemente montados 14 engenhos de assucar, a saber - Onças, Costa, Promontorio, Tipy, Gloria das Virgens (Pacavira), S. Caetano (Duas Bocas), Primavera, Conceição, E. Novo, S. Joaquim (Ilha), S. Thomé (Estaleiro), Porto Alegre (Apara), Crasto e Bateria.

Seus affluentes mais conhecidos são os seguintes:

Pela margem esquerda os riachos

Bernardo, Costa, Tipysinho, Tipy, Piabas, S. João, dos Bois, Comandituba (o principal), e o Curyuma.

Pela margem direita os riachos

Manguabinha, Botijão, Tapamendé (o principal), Mocautá, Cannaveiras, e Ourives.

O Comandituba e o Tapa-Mendé, que ladeam a Villa de Porto Calvo e desaguardam ao pé della, recebem muitos confluentes, todos perenes e correntes. O valle do Manguaba é o assento da maior parte da riqueza agricola do Município: suas terras e as de seus affluentes e confluentes são feracissimas (*sic*) para a cultura da canna do assucar, assim como do fumo, algodão, café, milho, arroz e feijão: mas só a primeira é explorada pela grande propriedade.

A navegação dos 42 kil. desde a villa até a foz, e dahi, pelo oceano, para as duas capitães visinhas Maceió e Recife, é a unica via de communicação permanente e segura, que tem o municipio. Mas, a navegação do rio está cheia de tropeços, de annos á esta parte, por causa da prodigiosa fecundidade da celebre alga, conhecida vulgarmente por baroneza, principalmente nos mezes de novembro a maio: povôam com rapidez toda a superficie d'água doce, de canto a canto, e só a

deixam nas ocasiões de cheias do rio, que as transportando pela corrente abaixo, matam-n'as ao choque d'agua salgada: porém, a reprodução torna a vir de modo espantoso. É uma verdadeira praga, para cuja extinção (aliás de facil exequibilidade) ainda os governos e assembleas provinciaes não votaram a mais insignificante providencia; e o município, á mungoa de recursos, não poude fazer esse beneficio.

O Manguaba é bastante piscoso, e por isso as tingujadas são o meio barbaro da pesca: é sempre perenne, salvo em seccas phenomenaes como a de 1824, e isto mesmo no curso superior: tresporda e alaga nos invernos. Em toda sua extensão não tem uma só ponte, pelo que impede todos os annos o transitio dos viajantes e das mercadorias: aquelle beneficio é uma divida, que a provincia não pagou a Porto Calvo ainda, pois suas estações fiscaes são das fontes mais rendosas que affluem para o Thesouro de Macaé: a Mesa de Rendas provinciaes, arrecada 24 a 30 contos de reis annualmente só de impostos e direitos.

Jacuípe: é rio de origem pernambucana, banha na margem direita as povoações da Leopoldina e Jacuípe, limitrophes de Pernambuco: na parte pertencente ás Alagóas recebe o Taquára, confluyente do Una, pela margem esquerda. Este rio é celebre, na historia negra da Cabanada, porque atravessa as mattas de Panedos, onde se organizou e fez longa resistencia a intitulada Rebellião de Panellas de Miranda-, e foram suas selvas o asylo do ignorante perverso, e salteador Vicente de Paula. Dá o nome do extincto aldeamento dos Indios de Jacuípe, séde hoje de um dos 4 districtos de paz do Município.

Japarutaba: riacho perenne, corrente e forte, porto que de pequeno curso: nasce no açude do engenho S. Francisco (de Jacuípe) e vae colhendo diversos ribeiros; com o Patente e o Manhoso, dá serventia aos engenhos Japarutaba, Poço d'chútas, Cachoeira e Capiana, recebe o riacho Ilorta, que é a divisa dos municipios e freguezias de Porto Calvo e S. Bento de Maragogy, atravessa o engenho Genippapo, cae no grande brejal, hoje secco, do engenho Campus Elysios, torna os nomes de Carão e Salgado, banha por fim o engenho Ilha do Bello e desemboca no Oceano, depois de 36 kil. de curso.

Grupy-uma: com o nome de Piab'ussú nasce em grutas do engenho Agoa Fria (4 kil. a 1 de P. Calvo), desagua no riacho Moura adiante do engenho d'este nome, recebe o Larageiras abaixo do engenho Tibáu, e cae no Grupy-uma, adiante do engenho Crasto, formando barra no Manguabado qual é o ultimo affluente da margem esquerda, com 30 kil. de curso, e divide na costa o município de P. Calvo do de Maragogy.

Macaquinho: desagua no Mocaitâm á margem direita do Manguaba, vem do engenho Cruzairu do Sul, desce pelo da Boa Esperança e Macaco.

Mocaitá, nasce acima do engenho Canôa, e depois de 12 a 15 kil. de curso desagua na margem direita do Manguaba, abaixo do engenho Ilha, defronte de P. Calvo, e tem em sua margem o nascente povoado da (ou do) Quitanga, no districto de Sant'Anna. É celebre no tempo dos holandezes.

- VI -

Salubridade - Em geral o Município é salubre. O clima é quente e humido: as evaporações paludosas nas margens dos rios e alagados ou brejacs, principalmente depois da estação das chuvas, occasionam febres intermitentes, biliosas e de caracter pernicioso, as quaes, do ultimo decennio para cá, apparecem periodicamente e assolam na Villa: Na estação presente de 1880-81 desinvolveu-se, com caracter benigno a febre amarella, occorrendo uns casos fataes.

Como em quasi toda a provincia, a cholera morbus fez estragos em 1855 e 1863 (1862?).

As moléstias hoje mais communs são as coqueluches, asthmas, rheumatismo, e, por infecção, a variola.

A ausencia absoluta de medidas sanitarias, as pessimas e anti-hygienicas habitações dos homens, o cemiterio mal collocado, o empyrismo e superstição de certa grande porção do povo ignorante, unidas ás poderosas causas phisicas e metereologicas, que a arte e a sciencia não procuraram remover, ou ao menos, modificar, concorrem muito para que a salubridade do município vá se alterando em prejuizo da humanidade.

Como são constituídas, as municipalidades (e do interior) são corpos impotentes para tomarem providencias de tão grande vulto: tudo está nas mãos da Natureza.

- VII -

Míneraes - Não se conhecem metaes preciosos, e jazidas de outros míneraes no municipio.

O Districto da Leopoldina possui o calcareo, donde se tira o cal virgem, muito superior em qualidade, e preferivel em preço á cal do polipeiro: o granito para as construcções civil e urbana; a argila plastica, que se presta ao fabrico grosseiro de louça, telha, e tijolo, e finalmente o ferro em forma de pyrites.

O barro de olaria abunda em quasi todos os engenhus, mas a pequena industria mal se limita as necessidades d'elles.

Não consta estudo de especialistas sobre nossos cabedaes mineralogicos: si os ha, o solo ainda occulta-os mysteriosamente.

- VIII -

Reino vegetal - A vegetação do Municipio é luxuriante: pode-se dizer riquissimo de madeiras de marenaria, de construcção civil e naval, de tinturaria, de hervas e plantas medicinaes, de resinas e oleos vegetais: darem uma ligeira amostra.

- § 1º -

Madeiras - Apesar de desbravadas as mattas, que ainda restam, dão ellas idéa da opulencia, que outrora fez grande reputação ao districto de Porto Calvo. Quando existia a Conservatoria das mattas, (magistratura especial á esta provincia) a producção vegetal deste lado alagoano occupava logar de honra nas memoriaes e relatorios, que foram então elaborados e se acham alguns publicados.

As mattas de hoje, de Jacuípe, Colonia, S. João, Pacaveira, Surubana etc., não representam as grandes extensões territoriaes do principio do seculo, em que se contavam por dezenas de legoas: mas contém specimens da antiga abundancia.

Posto que já mui reduzida, se faz ainda pelos rios Mangaba e Jacuípe (a saber no Una) exportação de diversas qualidades de madeiras sendo as principaes - o louro, amarello, cédro, pão-carga e o páu de jangada. Difficil seria precisar e classificar as madeiras, que o municipio encerra em seu solo, tão propicio ao desenvolvimento do reino vegetal. Mencionaremos, por ordem alphabetica, algumas das mais conhecidas e importantes, notando que - vão sublinhadas, aquellas, de que ha muita quantidade.

Almécga; brava, que serve para obras; e verdadeira, que contém importante resina aromatica. Amarello, de diversos typos, e o vinhatico. Amóra. Angelim. Aroeira. Barbatimão. Bordãozinho. Brabú. Baraúna. Camassary. Cocão. Cédro. Condurú. Coração de negro. Cupiúba. Gitahy. Gulandim, gulandim carvalho. Garabú (ou barabú, ou guarabú). Goreroba. Imbira. Imberiba preta e branca. Jacarandá: do verdadeiro é rarissimo, e do branco ha muito. Japueira. Jatobá. Louro. Massaranduba. Merindiba. Mamajuda. Maria preta. Oiticica. Páo d'arco. Páo-carga. Pau-ferro. Pau de jangada. Pau leiteiro. Páu d'oleo. Páu Santo. Parahyba. Petiá (pequiá?). Quiri. Sapucaya. Sapucaya-rana. Sicopira. Urúba, de que se fazem urupemas, covos etc. Virgueiro.

- § 2º -

De Tinturaria - Entre outras, o açafraão, catiuga de porco, coarana, guipiuna, gitahy, muricy, páu amarello, páu d'arco, urucú, etc.

- § 3º -

Medecinaes - As plantas e hervas que com propriedades medecinaes são em numero extraordinario, subiria a centos nossa relação, que não apresentamos por enfadonha, e porque seriamos, afinal de conta, deficientes. O profissional teria ahí um thesouro.

- § 4º -

Palmeiras - Além do coqueiro muito conhecido, abundam no Municipio as urucury, caroa, catolê, dendê, jussara, marraia, pindoba e tucum: La them a macahybeira.

- IX -

Fructas sylvestres - Entre numerosa variedade, encontram-se no Municipio as seguintes qualidades de fructas indigenas: abacates, ananazes, amóras, araçás, bacuparis, bamborés, batingas, cajúas, cajús, cravatás, cruanhas, cupiúbas, embaúbas, genipapos, garçaúbas, geriquitias, guajerús, goiabas, ingás (de diferentes especies), jaboticabas, macacheiras, mamões, macahybas, mangabas, mapurungas, maracujás (meirim e assú), massarandúbas, muricys, oitis, oiti-corós, pitangas, pitombas, pitias e sapucayas.

D'estas, algumas são cultivadas, e das exóticas, vid., Agricultura.

Reino animal - A natureza também não foi escassa: e sem que apresentemos por classes e especies segundo a distincção scientificaphica, daremos os nomes dos mais conhecidos animaes, aves e peixes.

Animaes sylvestres - Entre os numerosos indigenas, que habitam as mattas, capoeiras ou beiradas de rios, avultam: os caitetés, capivaras, coelhos, cotias, gatos do matto, guarás (comedores de canna), guaribas, guaxeimins, juruparás, lontras, macacos, maritaracas, pacas, papa-mel, preás, preguiças, quandús, quatús, raposas, saguins, tamanduás, tatús (pébas), e vealods (branco e capoeiro). Em abundancia, calangros, camelões, teju-assús, etc. Dos amphybios, jacarés, kagados.

Serpentes entre outras, as caminanas, boceta, coral, costella de vacca, gyboio, jararara, papagaio, papa-ovo, salamantras, sipó, surucucús: cobra verde, de veado, d'agua, de duas cabeças, etc.

Insectos: variedade numerosissima e commun: não falta a praga das formúgas: as de *ruça* são o mais implacavel inimigo das plantações, contra o qual tem sido impotentes, ou nunca provaram bem os tais insecticidas ou saurvididas, que tanto ruído fazem, nas provincias do sul; os que tem-n'os uzado abandonam logo, e não conhecem outro meio mais radical, porém mui trabalhoso, senão o folia-lia.

Aves: A collecção é vasta, e entre as do matto mencionamos apenas, as aracarys, aracuanas, corujas, gaviões, jacús, jandaías, jansanás, macucas, marrecas, mutuns, nambús, periquitos, sericoias, seri-corys, sorós, turanos, tres-córos, urubús, urús, etc., etc.

Cantoras: Araponga, azulão, bem-te-vi, bicudos, canarios, corruptião, curiós, jurity, patativa, papa-capim, pinta-silgo, trocás, sabiás, sanhassús, xexeos, etc., etc.

Alcibus: São vulgares as arapuás, githays, mumbucas, tubibas e urussis, que fornecem delicioso mel.

Crustaceos: São famosos os caranguijys, guajamuns, camarões, seris, e pitús.

Peixes: Nos rios ha, camorins, carilos, carapebas, corimans, jundiás, jacundás, mussá, papa-areia, pescada, piabas, piranhas, (...) sabararús, sarapós, tamatoás, trahyras, tucupás, etc.: e o meio mais frequente e rotineiro de pescal-os, é com o *tingui*, que os embriaga em poucos minutos, atrahindo-os, para os *chiqueiros*, donde vem as *tingujadas*; tudo isto apezar de posturas municipaes em contrario.

- XI -

História § 1º - Primeiros fundadores de Porto-Calvo: 1580, 1631.

A Villa de Porto-Calvo, é um dos povoados, mais antigos da provincia: seu Municipio é o districto mais septentrional da primitiva comarca das Alagôas, elevada á cathegoria de provincia em 1817. É seguramente o único, sobre que poder-se-hia, escrever uma historia, relativa aos tempos coloniaes.

É provavel que o primeiro fundador de Porto Calvo, tivessi sido Christovam Lins Accioly, filho de Bartholomeu Lins, e neto de Christovam Lins, fidalgo italiano, depois alcaide-mór de Pernambuco, o qual, conquistando esta porção do territorio aos Pitiguary, fundou uma igreja, que votou ao culto da Santa Virgem, e levantou não menos de 7 enganhos, servidos por grande numero de escravos.

Este nobre mancebo desposou D. Adrianna de Hollanda, que pertencia a uma das principais familias, que aquí veio estabelecer-se depois da conquista de Christovam Lins, e que correspondendo

à actividade de homem tão usado, como emprehendedor, ligou seu nome á historia de Porto Calvo, e foi o tronco de muitas das principaes familias da provincia. Essa distincta matrona, celebre por sua descendencia e longevidade havia nascido em 1536, e era ainda viva em 1647, quando contava 110 annos, abençoando filhos, netos, bisnetos, trisnetos e quatri-nétos! O territorio deve, pois, ter sido explorado nos ultimos 20 ou 10 annos do seculo XVI pela gente dos primeiros donatarios da capitania de Pernambuco, constituindo-se naturalmente um posto intermediario para as povoações que se fundavam nas duas Alagóas e no S. Francisco. Foi povoando-se de tal modo que, nos primeiros trinta annos do seculo XVII, nelle se fundou uma egreja parochial, cuja extensão comprehendia o largo espaço territorial entre as freguesias de Serinhaem (Pernamb.) e a da Villa de Magdalena da Alagóa do Sul (as Alagóas). O districto teve o predicamento de villa em 23 de abril de 1636, com o nome allegorico de - *Villa de Bom Sucesso*, usado em todos os documentos e escripturas dos seculos XVII e XVIII, do presente ate 1830 a 1840, mais ou menos, e só modernamente, e sem razão autoritaria alguma, supprimido, talvez por abreviação do progresso moderno. Essa denominação foi acto do patriotismo de Duarte de Albuquerque Coelho, 4º donatario da Capitania de Pernambuco, o qual, achando-se n'aquelle dia na povoação do *Porto do Calvo* (sic), conferio-lhe o título de villa, (como havia feito ás Alagóas e Penedo), dando o nome de *Bom Sucesso*, para commemorar o exito feliz, que obtiveram as armas do general Mathias de Albuquerque (seu irmão) em Julho do anno anterior, quando a povoação foi occupada e sitiada, os holandezes encurralados, Calabar aprisionado e esquartejado, como tudo veremos.

§ 2º - *Porto Calvo*, povoação. Periodo de 1632 a 1646. *Calabar*: *Souto*; combate e tomada do forte e da povoação. *Batalha da Matta Redonda*, D. Luiz Rojas: *Bugnuolo*: tomada da *Barra Grande*. *Villa de Porto-Calvo*.

No homerico periodo da luta contra os holandezes, principalmente de 1632 a 1645. Porto Calvo celebrou-se por diferentes occupações e evacuações militares, combates e batalhas, sendo a sua fortaleza (a do *alto da força*, ponto mais elevado do monte em que está situada hoje a rua principal da villa) uma das mais importantes do tempo. O famoso mulato Domingos Fernandes Calabar, filho de Angela Alvares, passa como natural desta villa, sem que haja em apoio da asserção senão a presumpção e o facto da residencia aqui de sua familia, entretanto corre ja impressa desde o anno de 1879 (*Diario de Pernambuco*) a certidão de baptismo de Domingos Calabar, celebrado na Villa de Olinda, o que bem revela nítro o logar do nascimento do desgraçado desertor, embora a familia viesse depois a residir em Porto Calvo, onde se passou a infancia do artilheiro mutato e sua mocidade tempestuosa e viciada.

Calabar era praça militar no pequeno exercito portuguez, sob o commando do infeliz e brioso general Mathias de Albuquerque, em cujo tempo rebentou a invasão dos holandezes em Olinda, servia com distincção tomou parte no ataque do arrayal do Bom Jesus, em que foi honrosamente mencionado.

Aos 20 de abril de 1632 passou-se para o inimigo, pondo á sua disposição o talento, actividade, experiencia e dedicação sem limites: não é aqui de certo cabivel discutir o movel que teria gujado a Domingos n'essa resolução sua.

Os holandezes colher o mais assignalado partido de seus conhecimentos praticos, de sua agudeza sem rival, ardis e temeraria astucia: elevou-se entre elles ate ao posto de sargento mór: guinou-os á Parahyba e ás Alagóas, incendiou arraiaes e povoações; armou innumeradas emboscadas, fez sortidas incriveis por mar e por terra: e em 1635 o reconduz ao seio de sua familia, á terra reputada seu berço natal, onde tinha contas que ajustar e pagou-as com o sacrificio de sua vida, contricto e resignado no dia 22 de Julho!

Esse mez e anno é um dos mais celebres de Porto Calvo. Resumamos os acontecimentos.

Mathias de Albuquerque, com o resto do exercito fugitivo e moradores de Serinhãem e Rio Formoso, buscava as Alagoas acossado pelos desastres da resistencia e progressos da invasão: chega á vista de Porto Calvo no dia 12 de Julho de 1635.

Sebastião do Souto, morador da Villa, a serviço dos hollandezes, que tranquillos a occupavam, e na qual estava acartellado o destemido Calabar, põe-se astuciosamente de intelligencia secreta com os recém-vindos, que se mantinham indecisos no outro lado de Porto Calvo: torna-se o heróe dos successos, que vão desenrolar-se, illudindo os holandezes, os quaes eram commandados pelo Major Alexandre Picquard. Este cahe, irreflectidamente, n'um laço que lhe arma a finura de Souto; é desbaratado, quando não podia mais providenciar; refugia-se na *egreja velha*, onde era situada a fortificação (*alto da força*): ao pôr do Sol é repellido pela rapidez do ataque, perdendo a praça defendida por 80 mosqueteiros e 30 carabineiros, além dos 200 soldados que tinham ido com o major receber os portuguezes, sob a guia e falsas informações de Souto. Picquard perde 100 de seus companheiros na refréga, ficando 46 prisioneiros no forte, 6 peças, munições e armamentos. Os capitães D. Fernando de la Riba Auquero, D. Pedro Taverna Sotto-maior, Affonso de Albuquerque, D. Francisco de Souza; os alferes Fernando Barbosa, D. João de Estrada e D. Fernando de Alvorado Mendonça são os primeiros que galgam o monte, depois que atravessam os alagados do Comandaituba, transpõem o alto do forte, e dictam a victoria. Os hollandezes, porém, não se entregam de todo: procuram novo refugio na trincheira da *egreja nova* (a matriz actual), a poucos metros de distancia: ahí, e em duas casas fortes proximas, ficou apertado o major hollandez, com esperança de novos soccorros, que não lhe vieram a tempo para o desforço.

Na tomada do forte ficaram feridos 80 dos assaltantes, mortos 20, inclusive alguns officiaes, como os capitães D. Gaspar de Valcaçar e Pedro Alvares Bezerra.

N'esse memoravel dia, foi tomada tambem o reducto de 20 homens, e munições, que o inimigo tinha no *Varadouro* (porto do rio Manguaba), com duas barcaças, das quaes uma os nossos incendiaram, e outra servio de fuga precipitada á guarnição.

Eis o grande *successo* que, em 23 de abril de 1636, servio de theima para o nome historico dado a nova Villa de Porto Calvo, e que ella, por gratidão nunca deverá esquecer.

Mas, o drama de 12 de julho de 1635 não chegou ao seu termo com os louros d'aquelle dia. O inimigo não cedia a posição: os vencedores poseram-n'o em sitio: a falta de soccorros e a fume apertavam o cerco. Uns e outros temiam-se na verdade: aos sitiados faltava a coragem do desespero para arremessarem-se de duas casamatas sobre os assaltantes: estes eram os emigrados, a quem o acaso e ... traição de Souto tinham favorecido, e conheciam bem suas forças para se arriscarem a um ataque formidavel, no qual, cada combatente queimaria, o ultimo carthucho e quebraria a derradeira lança do dardo para defender a propria vida: os primeiros, privados de soccorros, viam mais tristes as suas circumstancias: os segundos, iam dia por dia apertando a conjunctura e tornando-a o mais afflictiva possivel; e assim, ora desencravavam peças para assental-as mais perto das casas fortes, onde os hollandezes se alarpadaram, ora incendiavam estas á noite com alcatrão: ora fingiam que lhes chegára muito reforço de parte das Alagoas, enviado pelo conde de Bagnolo, o que se operava mediante marchas simuladas de tropas, que appareciam no alto descoberto da Ladeira do João André, á direita da villa na outra margem do Manguaba.

Ja tazia 7 dias que durava o sitio: na manhã de 19 de julho os sitiados enviam um tambor com proposta de rendição, que se acceptou com a clausula especial da entrega de *Culatur* á descripção, ajuste, em que se consumiu mais de meio dia, mostrando o chefe hollandez toda repugnancia em acceder, mas "o proprio general portuguez assegurou-lhe que arriscaria a sua propria pessoa para não perder das mãos a de Calabar". (*Mem. Dia. de Duarte de Alb. Couto, Marquês de Basto, conde e senhor de Pernambuco, pag. 116, trad. do dr. Mello Moraes, de 1855*).

O infeliz resolveu a pendencia, de que era objecto e alvo, fazendo o sacrificio, que honra perante a historia os ultimos momentos de sua vida romanesca e ruidosa. "Não deixeis, sr. (disse elle) de concordar no que se vos exige pelo que me diz respeito, pois não quero perder a hora, que Deus quiz dar-me para salvar-me, como espero de sua immensa bondade e infinita misericordia".

Estava concluido o ajuste: sahiram o governador da praça, 2 capitães, 5 ajudantes, 4 tenentes, 4 alferes, 10 sargentos e outros officiaes: 8 mulheres, 360 homens armados, 27 feridos e enfermos.

Os sitiados eram apenas 140, fóra alguns índios!

Os dias 20 a 22 de Julho foram os ultimos de Domingos Calabar: pela convenção, ficava elle á mercê de El Rey, clausula que ao principio embarça o general e o conselho militar, mas é logo interpretada pelo lado mais exequível e summario, visto as difficuldades da conservação de um tal prisioneiro, que só por si valia uma campanha, no meio dos tantos revêzes, que acabrinhavam os portuguezes. Deliberou-se, pois, que Mathias, general de el Rey no exercito e guerra, representava sua pessoa: e assim, elle com o auditor, o condemnaram a morrer enforcado e esquarterado *por traidor e alevoso, e por os muitos males, agravos, furtos e extorsões que havia feito, e foi causa de se fazerem aos moradores de Pernambuco.*

É chamado para confessal-o e preparam-o a bem morrer o Padre Frei Manoel do Salvador, que residia em Porto Calvo (o autor do *Valeroso Lucideno*, que nos empresta estes pormenores).

Ainda tentam arrancar do desgraçado os nomes de seus coniventes, para o que é interrogado pelo ouvidor João Soares de Almeida, sendo escrivão Vicente Gomes da Rocha: mas, o condemnado respondia imperturbavel - "*muito sei: não são os mais abatidos dos povos os culpados; tomarei conselho com o padre si o posso declarar: na hora da morte fallarei.*"

As revelações eram tão compromettedoras que, diz o reverendo chronista, Mathias mandou - Não se falasse mais n'esta materia, por não se levantar alguma poeira, de que se originassem muitos desgostos e trabalhos.

Estava decidida a sorte do perigoso desertor: as formas da execução se atropellavam, porque era imminente o receio da approximação do General Segismundo, que, da Barra Grande, onde se achava, podia a todo o momento vir soccorrer a praça.

Assistido do sacerdote, padeceu a morte affrontosa, em a *noite* de 22 de julho, enforcado n'um esteio, junto á casa-forte, que lhe coube defender: esquarterado, foram a cabeça e partes do tronco fincadas nas estacas da trincheira e na rua da povoação, tendo tido por companheiro de forca o desventuroso Manoel de Castro, que servia de aguzil ao inimigo.

N'esse mesmo dia, foi premeado com o posto de Capitão o alferes Sebastião do Souto, por seu *fiel*, procedimento.

A justiça da guerra declarava-se satisfeita: a praça foi logo abandonada, enterrando-se o que se ponde, conduzindo-se algumas cousas: depois do que ... poseram-se a caminho de Alagôas os emigrados, vencedores da jornada de 12 a 22 de julho.

Calabar ja não existia, e o escriptor hollandez Barlous (cit. pelo Sr. V. do Porto Seguro) assim apreciou o triste fim do infeliz, que tanto servio aos seus compatriotas - "*Domenico Calabari, qui Lusitanus, cum a Regis partibus ad nos descivisset, in arce captus, strangulatusque, jugulo defixorem exiavit, et dissertor artus infidelitatis ac miserio suo testes ad spectiaculum reliquit.*"

E, andou bem avisado Mathias de Albuquerque com seu povo de emigrados: "mal acabaram de sahir para o sul, surge em Porto Calvo o General Segismundo, que, encontrando profanados os despojos de Calabar, fez tributarem-se-lhes todas as horas tenebres, mandando enterra-los com pompa na *egreja nova*, e convocando por bandos os moradores, a quem fulminou com ameaças rigorosas e cruéis, como coniventes no triste supplicio do seu aliado, e depois marchou para Paripoeira, afim de interceptar o caminho para as Alagôas" deixando Porto Calvo sob o regimen excepcional das leis de guerra.

A população, que de ha muito, não tinha descanso, e mudava de *senhor* de vez em quando, ficou atterrada e a crer-se no reverendo confessor de Calabar, elle a salvara com suas supplicas, caridade e transacção, convertida a ameaça de morte ou de escravidão perpetua em auxiliar de farinha e mais mantimentos a favor dos conquistadores.

O anno de 1636 se abre auspicioso aos progressos da occupação hollandeza: Mathias de Albuquerque deixou em dezembro do anno anterior o commando do exercito: e o seu successor pisava ja terras, das Alagoas desde o fim de Novembro: é o Capitão General D. Luiz de Rojas y Borja,

militar de tanto pundonor quanto impeto: a 6 de janeiro marcha para Porto Calvo com toda a bizzarria de um fidalgo hespanhol, e de um guerreiro avido de renome e gloria. Á frente de 1400 homens, exclusive os Indios de Camarão, teve de atravessar desde Jaraguá até ao ponto de sua excursão marcial, muitos perigos, grutas e oiteiros, havendo dia de transpôr 66 montes.

Seu fim era destroçar o General Segismundo, acastellado em Porto Calvo; e accelerando a marcha, alcança no dia 12 posição a 6 kil. da povoação, ordenando a D. Pedro Marinho, que, seguisse com tres companhias ao lado de Rabello sobre o inimigo. O general hollandez, sentindo-se perdido, foge desordenadamente para a Barra Grande.

No dia 15 entra em Porto Calvo a expedição militar de D. Luiz, que, não encontrando mais a quem buscava, ordenou varias partidas em perseguição dos fugitivos, e, pelo que referem as *Memorias Diarias*, o capitão Francisco Rabello ainda alcançou uma companhia de cavallaria e degolou a 28.

Acampado o general castelhano em Porto Calvo, soube que os hollandezes desembarcavam reforços na Barra Grande, não se fes esperar, e deixando a povoação entregue aos cuidados do Tenente Manoel Dias de Andrada, marcha para o littoral; mas, em caminhar recebe outro aviso, de que o Coronel Arcizevsky sahira de Paripoeira com 1500 homens para socorrer Segismundo: retrocede o intrepido chefe á Porto Calvo, onde chega com a infantaria estropeada; e, não obstante, determina a marcha contra o inimigo, que ja estava a 24 kil. e tinha incendiado 5 engenhos de assucar, levando comsigo 800 homens e os indios de Camarão. No dia 17, acampa na *Matta Redonda* (é hoje o assento de um engenho, a 16 kilom. de Porto Calvo, no caminhar que segue para Camaragiba, e faz parte do Municipio de Porto de Pedras). Á noite, o capitão indio João de Almeida é enviado a explorar as veredas: suppunha-se que o inimigo se tinha retirado para Paripoeira, e o intento do general foi cortar-lhe a retaguarda.

Realisou-se o contrario: os hollandezes eram os que vinham tomar a retaguarda ás forças de D. Luiz, rompendo logo o fogo com todo o vigor, de que resultou a morte do Capitão D. Pedro Marinho e o ferimento grave do Capitão Luiz de Magalhães. Esse terotoio nocturno foi desfavoravel ao inimigo, que deixou o campo com 7 prisioneiros. A batalha decisiva vae ferir-se a 18 de janeiro, em cuja manhã o general dá ordem para o ataque, não dispondo talvez de mais de 1.200 combatentes, ao passo que o coronel polaco, á frente dos hollandezes, comandava 1.300, ou segundo Jaboatam, 1.500. Travou-se renhida peleja, recebendo o inimigo muito fogo, principalmente da mosquetaria: e quando parece enfraquecer, resolve D. Luis socorre-la, por notar que os nossos soldados viam-se obrigados a ceder o campo: armado de lanças, arroja-se contra o impeto dos hollandezes, é ferido logo de um mosquetão na perna, que faz apear-se: ergue-se para montar de novo e é atirado morto por terra, recebendo ferimento mortal de bala nos peitos.

Seguiu-se a confusão, o desanimo e o desastre: os napolitanos e hespanhões, recém-chegados da Europa perdem o alento, e retiram-se em desordem. Cabe a Francisco Rabello, com as tropas do paiz, e a Fellipe Camarão com o terço dos Indios sustentar a retirada do nosso exercito e conter o inimigo.

Os hollandezes confessam a perda de 40 mortos (*Nets-chiez*, 79): nós tivemos 37, entre os quaes o general, varios officiaes e 40 feridos.

A batalha de - Matta Redonda - foi um verdadeiro desastre para a cauza portugueza: victima de sua temeridade, o intrepido general em chefe, em menos de dous mezes depois que chegára ao solo brasileiro, regou com seu sangue e com o preço de sua vida a defeza da integridade de Porto Calvo, que era a da patria. Si não tivera se exposto tanto, a victoria seria sua, e o exercito inimigo teria soffrido uma derrota immensa.

O vulto emiaente e sympathico de Antonio Camarão, o grande indio, impedio a perseguição, e o Coronel Arcizevsky, apesar de senhor do campo, vio-se desprovido de abastecimentos, e não podendo conserval-o, abandona as posições, retrocedendo para Paripoeira: além disso, tinha se certificado que o General Segismundo não estava sitiado, como se presumia.

Porto Calvo ficára entregue ao Tenente Andrada, que, apenas recebe aviso para enviar reforço ao General D. Luiz, expediu-lhe 300 homens, que, mal haviam andado 6 kilm. foram informados da derrota, e contra marcham para fortificarem a povoação.

Sucedeu, na direcção da guerra o Conde de Bagnuolo, que annos depois foi elevado á dignidade de príncipe por haver defendido a Bahia contra o Conde Mauricio de Nassau: foi com a chegada dos vencidos, á noite de 18 de Janeiro, que se resolveu a questão da successão do commando abrindo-se o testamento do finado general: foi o aviso para as Alagoas, onde estava o novo chefe: começou-se a obra da fortificação.

O Conde de Bagnuolo poz-se em marcha, vindo por um novo caminho que fez abrir pelas cabeceiras dos rios Santo-Antonio Grande, Camaragibe e Tabiamunha, muito mais secco e nivelado, que o outro mais á côsta, que seguira Rojas, cheio de pantanos e morros (Varn., Hist. das Lut. Holl. liv. IV), e a 19 de março acampa em Porto Calvo.

O districto está dessassombrado da presença do inimigo, pois o General Segismundo tinha deixado a Barra Grande, e ido para o Rio Formoso. O forte d'aquelle importante porto do littoral, occupado como estava, pelos hollandezes, foi desalojado por estes no dia 14 de fevereiro, com a aproximação de 400 homens sob o commando do Capitão Francisco Rabello, que para alli tinha marchado por ordem de Dias Andrada: e dizem as Memorias-Diarias, que o que obrigou a tal resolução foi a perda, que haviam soffrido os hollandezes na batalha de Matta Redonda. Arrazado o forte de Barra Grande, voltaram os 400 para Porto Calvo, com perda apenas de um capitão (morto em consequencia de um tumor) e de um soldado, victima de uma bala de canhão, atirada dos navios, que estavam ao pé do forte.

É um anno depois que elles recuperam as formidaveis posições, agora abandonadas.

Porto Calvo continuou a ser o quartel-general, donde se expediam as ordens de defeza para o resto da capitania invadida, e forças para diversos portos ao norte e ao sul.

Aquí se achava Duarte de Albuquerque, encarregado ainda do governo civil da mesma capitania, de que era por herança donatario, e parece que só deixaram a povoação a 23 de abril, dia em que o instituíu a villa, pelo que se deduz de suas proprias Memorias, no trecho seguinte, unico documento que hoje se conserva:

"Por não deixarmos o dia 23 (abril de 1636) deixamos a povoação de Porto Calvo, que d'ora avante trataremos por *Villa do Bom Successo*, que assim a titulóu Duarte de Albuquerque, dando-lhe termo e jurisdicção, conforme os poderes e privilegios, que tinha de el Rey para crear as que lhe parecesse".

§ 3º *Porto Calvo*. *Villa do Bom Successo*: fortificação: batalha do *Comandantuba*, perda da praça: *ocionio hollandez*: *Conjuração de Christovam Luis e Marinho Falcão*: cerco e recuperação da villa (1636-1645).

É sensível que se tenha perdido ou não conste o acto do governador-donatario instituindo a villa: não só a eterna pendencia de limites, em que vive, com a provincia vizinha, estaria decidida authenticamente, mas o patrimonio que elle teria instituindo para a manutença da villa não seria objecto de duvidas, como é; e por isso acha-se a Camara Municipal de posse, apenas por tradição, de certa parte do territorio dentro do perimetro dos quatro rios da villa, auferindo proveito muito insignificante, porque os edificadores actuaes e seus antepassados, isto é, os donos das casas urbanas não se sugellam a pagar o tozo, e apenas reconhecem in *nomine* o dominio directo da municipalidade.

É difficil tambem averiguar si a villa começou logo a ter execução, e quaes foram seus primeiros empregados e senado: naturalmente não podia ter havido muita ordem n'esse assumpto pelo estado de perturbação do municipio: mas depois que o Príncipe de Nassau consolidou seu poder, é certo que estendera a Porto Calvo a providencia de administração civil, que adoptou, de instalar em todas as villas as - camaras de *scabins* - modeladas pelas da provincia de Hollanda, e de que nos dá noticia o Sr. Visc. de Porto Seguro (em sua *Hist. Ger. do Brazil*. 2ª edic. cap. 29 vol. 1º) A

Porto Calvo coube o numero de 5 *scabinos* (*Carta de Nassau aos do Supr. Conselho, de 18 de Set. de 1637, cit. no liv. 5º do Hist. das Lucl. do mesmo Autor, pag. 126, nota*).

A preocupação dos espiritos no anno de transição de 1636 era firmar a defeza, e por tanto talvez não se cuidasse n'outra coisa.

De abril a dezembro a Villa do Bom Successo manteve-se como ponto strategico, em poder dos portuguezes e naturaes: augmentou muito sua população adventicia, porque os emigrados nella encontravam abrigo seguro. O Conde de Bagnuolo regressára ás Alagôas.

Em maio, aqui alojava-se o Capitão João da Silva Azevedo com muitos outros, que voltavam de expedição ao norte. O conde ordenou que se proseguisse com affinco na fortificação da villa, vindo a artilharia e munições de Santa Luzia do Norte para guarnecer o forte "que se estava fazendo em roda da *capreja velha*" isto é, reconstruindo-se a mesma posição vantajosa e dominante do alto da Força, - onde em 1635 esteve acastellado Picquard, e que foi tomada e arrasada por Mathias de Albuquerque. As obras são dirigidas pelo Tenente Affonso Ximenes de Almiron, que substituiu ao Sargento-mór Martim Ferreira no governo do quartel.

- N'este forte do Bom Successo, diz o autor das *Mem.-Diar.* se abriu um poço de boa agua, porém funda, ficando alguma cousa estreito.

Este poço é o que a tradição, ainda hoje conhece por - cacimba, - inteiramente atulhado, mas tem-se tirado d'ella, por varias vezes, muitas balas grandes e ôcas de artilharia: é tão alta sua situação, em relação ao nível d'agua, que admira o ter sido emprehendida: deveria ser mui profunda, e mesmo insufficiente: e é mais provavel que tivesse sido uma cisterna ou deposito d'agua.

Em outubro ja havia chegado a artilharia e munições, trazidas em barcos a cargo dos capitães Francisco Duarte e Francisco Peres do Souto: e dous navios, que partiram depois d'elles, foram encontrados por uma embarcação inimiga, que os acossou, mettendo um a pique, e fazendo o outro dar á costa na barra das Alagôas: o primeiro conduzia 87 barris de pólvora.

O grande numero de gente, accumulada em Porto Calvo, fez escassear os mantimentos: accresce que havia 400 enfermos, a mór parte de chagas nas pernas, causadas pelo clima (*), "continuado trabalho e incómodos das frequentes viagens, concorrendo muito para isso o ser a terra quente e humida": faltavam medicamentos, e assim cresciam as enfermidades e meserias.

Duarte de Albuquerque (é em suas *Mem.* que haurimos estas informações) remediou a falta de mantimentos, tomando a seu cuidado fazer que os moradores da parochia suprissem em parte a população sustentando á sua custa a infantaria: e só Antonio de Abreu sustentou a cem pessoas e offereceu além disso mil fangas de farinha.

As repetidas excursões contra o inimigo, que se mantinha forte em Paripóeira, obrigaram-n'o a deixar o posto, ficando assim em Novembro dessaçogada a communicação pela praia entre o Bom Successo e as duas Alagôas, isto é, a Santa Luzia do Norte e a Magdalena do Sul (Villa das Alagôas).

Augmentando porém o receio de futuros assaltos, porque constava a vinda de reforços para o inimigo, o Conde de Bagnuolo empenhou-se na conclusão das obras do forte de Porto Calvo, "fazendo cercar de trincheiras com seus travezes a *capreja nova* do Bom Successo, e levantar outras pelas caminhos, onde mais convinha": ordenou que todos trabalhassem em erguer uma cortina, que havia cahido do forte da *capreja velha*, por ter-se feito com menos escarpa do que a devida: creou 6 capitães do districto, para que, tocando-se a rebate, acudisse cada um com os visinhos, que se lhe nomeassem, ao lugar que lhe fosse indicado".

Raia o anno de 1637, que vae estreiar com a nova administração hollandeza do Conde de Nassau, João Mauricio, chegado ao Recife a 23 de Janeiro com um poderoso reforço, e encarregado do governo civil e militar para consolidar a conquista das provincias unidas de Hollanda.

(*) Ainda hoje essa epidemia ataca muito a escravatura dos engerthos e aos trabalhadores, sobretudo nos pés, tornando-se as feridas feias e de curativo demorado.

Porto Calvo não tarda ver soar sua hora: de balde se redobta a actividade das obras de defeza, e trata se de fortificar o monte fronteiro á villa pelo lado oriental, além do rio Commandeítuba, na posição conhecida então por - *Amador Alvares*, nome de um morador do tempo, e que supponho ser hoje a aprazível situação da - *Bica do Outeiro* -, onde o monte faz uma assentada suave, dominando a villa, ainda que esta fique mais alta: ahí o conde mandou construir dous reductos fortes, dos quaes um foi guarnecido por tres canhões, 50 barris de polvora, ballas, cordas e mantimentos.

O forte da villa é confiado á pericia nùlitar de Miguel Giberton, official superior de artilharia, com 300 homens.

A rapidez, com que se precipitavam os acontecimentos, não permittio que as obras de defeza do Porto Calvo, *intra e extra-muros*, ficassem completas, asseverando os chronistas que os defeitos dellas eram bastantes.

Nassau, apenas repousado da viagem de ultra-mar, organizou em Olinda, suas tropas para o plano de operações, que resolveu, contra o sul da capitania, onde havia mais resistencia.

Dividiu as em dous corpos, um ás ordens do general Segismundo por terra até a foz do Una: outra sob o comando de Arcizewsky embarcado até a Barra Grande. Todos se dirigiram a Porto Calvo, onde esperava bater a Bagnuolo.

O Conde de Nassau segue com a divisão de Segismundo e transpõe o Una no dia 16 de fevereiro: 4 dias antes tinha o coronel polaco aportado na Barra Grande, onde aguardou as ordens: A 17, marcham de accordo os dous corpos, seguindo caminhos diversos, vindo até muitas lanchas e reforço pelo rio Manguaba (que as chronicas chamam - *rio das Pedras*).

Ao cair da tarde, o exercito hollandez alcança as eminencias fronteiras d'esta villa, e quando Bagnuolo mandou fazer o reconhecimento, ja era tarde! O inimigo estava a 10 ou 12 kil. de distancia, e sabindo um piquete para impedir-lhe o passo, avistou as tropas de sua vanguarda, ja á 1500 metros da villa, no outeiro onde morava Domingos Vaz Barcellos (posto avançado do *Amador Alvares*).

Nassau estava á frente de 3000 soldados, 800 marinheiros armados, 600 Indios, e alguns pretos.

As forças brasileiras, portuguezas, espanholas e napolitanas, de que dispunha Bagnuolo não attingiam a 1500 homens: e o juizo da historia é bastante severo contra elle n'este feito, porque, como habil general, não teve a prudencia de esperar com firmeza o poderoso inimigo nas posições, em que se entrencheirava: Corbeo ao seu Tenente General Affonso Ximenes a missão de ir encontra-lo, levando consigo 900 e tantos combatentes, inclusive 300 indios, dirigidos por Felippe Camarão, e 80 pretos por Henrique Dias.

Era ja ao anotar-se quando se avistaram uns aos outros, á tiro de mosquete, ficando os defensores da praça á margem direita do Commandeítuba, e os sitiantes nos pontos elevados á esquerda.

É essa passagem que vai ser disputada palmo a palmo na batalha de 18 de Fevereiro de 1637, a mais celebre de Porto Calvo e que deu como resultado accentar o imperio hollandez.

A posição, em que se collocam nossas forças, é protegida por uma trincheira e estacada, armando-se aos lados duas emboscadas: a do inimigo é mais vantajosa, porque acastellou-se no ponto mais alto do monte, junto á casa do mencionado morador Vaz Barcellos, e mais abaixo na Bica do Outeiro (*Amador Alvares*), onde levantou sua trincheira, além da que encontrou, (naturalmente desamparada!) com 4 peças de campanha, que jogaram balas toda a noite.

Bagnuolo enviou mais o Sargento-mór Martim Ferreira com 300 homens: destacou para o Varadouro o Capitão Manoel de Franca com 50 homens, afim de defender o rio Manguaba.

Pela manhã, começou o inimigo a mover-se em tres divisões, uma commandada pelo Coronel Arcizewsky, outra, pelo General Segismundo, e a 3ª pelo proprio Nassau com 50 arcabuseiros a cavallo. Rompeu vigoroso o combate, sendo o inimigo duas vezes rechassado na passagem do rio: da terceira, porém, carregou em columna cerrada, cortou nossas fileiras e degolou logo a 40, entre as quaes D. Antonio Coutinho, Cosme Vianna, D. Gaspar Cabral, João de Urhôa, Pedro da Cruz, e outros: reinada a confusão, começaram os nossos a fugir pelos montes, que tinham á retaguarda para

subirem à villa e ao forte, e ahí eram alcançados pelas balas, que os dizimavam: Quem se mantém ainda no seu posto de honra, são Henrique Dias e Francisco Rabello praticando actos de bravura, que impediram a derrota total de Miguel Giberton. Tivemos 20 feridos, entre os quaes o valente chefe dos negros, ferido pela 6ª vez n'esta campanha, acertando agora a bala no punho esquerdo, que lhe occasionou a perda da respectiva mão, a qual veio a ser amputada. Henrique Dias, assim baleado, ainda continuou a pelear: perdeu tres cavallos e o sargento-mór de seu terço: varios officiaes cahiram prisioneiros.

A passagem do Comandaituba, hoje tão conhecida do povo, bem podia, pela gratidão historica, ser adornada com um obelisco, que lembrasse o feito memoravel do bravo negro: mas... nem um *passadiço* tem para os viandantes, que demandam esta villa!

Estava perdida a batalha, que, aliás, foi rapida, soffrendo o inimigo poucas perdas.

Bagnuolo julga prudente e cauteloso retirar-se para as Alagôas, sem ao menos deixar instrucções ao commandante da praça: e Nassáu apodera-se dos reductos abandonados, cujos canhões não cessam de fazer fogo contra o forte da villa. O nosso general não quiz ser testemunha do resto, ou para poupar a sua pessoa, lembrado do desastre de Rojas, ou para prestar em melhor oportunidade serviços á cauza, que defendia. Como seja, sua reputação militar não ficou muito firmada com este infeliz feito d'armas.

Durante a noite d'aquelle dia fatal de Porto Calvo, vieram subindo pelo rio Manguaba algumas lanchas inimigas, com as quaes travou combate, por duas horas o capitão Manoel de França, mas não sendo soccorrido, e sabendo do desastre da villa e rebrada de Bagnuolo, retirou-se para o segundo posto do rio, que no outro dia abandonou (*). Seguem-se 14 dias de sitio a Porto Calvo, vendo-se Giberton, reduzido dia a dia.

A 25 e 26 de fevereiro, durante o cerco, occorreram os dous incidentes seguintes, um dos quaes sangrou muito o coração do brioso vencedor, o Conde de Nassáu: o primeiro foi a morte do jovem artilheiro Henrique de Nassáu, filho natural do velho Conde Mauricio, e sobrinho do Conde João Mauricio, com quem tinha vindo como capitão de duas companhias; estava elle dirigindo os tiros do reducto, collocado na subida da ladeira de Porto Calvo contra a nossa fortaleza, quando uma bala certa arrancou-lhe a cabeça. O segundo foi a morte de outro capitão inimigo - Dunquerque Carlo - produzida tambem por bala do nosso forte.

Mas, as baterias dos sitantes iam derribando todos os parapeitos da fortaleza, e desmantelando a capella mór da *ogreja velha*, cahindo as ruinas sobre o deposito de viveres e entulhando o poço, onde bebiam agoa.

Giberton cumpria seu dever de militar; não cedia. Enfim, no 14º dia do cerco, o Conde de Nassáu, ou por humanidade, ou por isentar-se do rigor do inverno, enviou um parlamentar ao governador do forte com proposta para a rendição, dizendo-lhe por escripto:

"Sr. para fazer justiça á vossa grande reputação militar, não vos quiz render sem assentar primeiro baterias contra vos, pois, bem sabeis que esse forte será meu logo que o queira á vista dos poucos meios de defeza, que tendes, e assim, folgaria muito de servir-vos, o que depois não será de tanta commodidade... *vosso muito affeiçãoado, João Mauricio*" (Traduç.).

Miguel Giberton, ouvindo a seus capitães, respondeu cortezmente, pedindo 25 dias para decidir, enquanto recebesse a ordem do General Bagnuolo, a quem ia avisar: o Conde de Nassáu reduziu a 24 horas a dilação pedida.

(*) É no feito desse dia memoravel, e durante os dias do cerco que vão seguir-se, que se colloca a lenda tradicional de D. Clara Camarão, esposa do bravo e impassivel Antonio Felippe Camarão, chefe dos Indios.

J. Norberto (*Brasileiras celebres*, edic. de 1862, pag. 86) consagra tres paginas á insigne heroína, que empunhou as armas, incitando com seu exemplo as senhoras de Porto Calvo, e depois acompanhou seu marido em todas as campanhas.

O estado crítico do forte, com seus fracos meios de defesa e falta de viveres, era tal que não offerencia resistencia sinão por 8 dias.

Acceptou-se a proposta da capitulação, e ajustaram-se as bases na manhã de 6 de Março.

Aos sitiados foram outorgadas as seguintes concessões: 1º levarem da fortaleza uma peça com seus petrechos, 200 libras de polvora, outras tantas de balas e igual peso de cordas; 2º conduzirem os officiaes suas malas de roupas, e os soldados o que coubesse nas mochilas; 3º sahida dos escravos com os seus senhores; 4º troca reciproca de prisioneiros; 5º que os officiaes sahiriam em esquadrão formado com suas insignias, e os soldados com armas, todos com direcção ás Indias.

Giberton, portanto, capitulou com todas as honras de guerra, e a 7 de Março entrega as chaves do forte. O Conde de Nassáu fica de posse de Porto Calvo, a principal praça forte que restava ao domínio portuguez na capitania.

Segue o imperio hollandez, que dura até a restauração: levantam-se varios engenhos, e alguns dos que hoje existem, como Capiana, Escurial, S. Clemente e outras, remontam-se a esse tempo, posto que não neste obra alguma d'aquella época.

Vão se passar 8 longos annos e meio, durante os quaes a historia é escura de factos interessantes: era o viver commum das terras pequenas: os naturaes e estrangeiros se harmonizaram pela necessidade, os primeiros desalentados em face dos acontecimentos, os segundos punham-se pelo direito da força e conquista, que, graças ao espirito eminentemente cultivado do Principe de Nassáu, tão honrosamente, apreciado pela posteridade, nunca se tornou cruel e vexatorio. Além disso, sabiam os filhos da terra, os proprios portuguezes, que não tinham metropoli, que lhes fizesse aguçar o sentimento elevado da patria; Portugal estava ainda sob o jugo dos Felíppes de Hespanha: tão estrangeiros eram elles como os hollandezes: convinha, portanto, espreitar melhores tempos.

O regimen civil era o dos *scabins*, creado pelo illustre Conde de Nassáu, que ate 1644 administrou a grande colonia pernambucana, fazendo-a prosperar. É, porém, retirado para a Europa, e os seus successores não lhe seguem as pegadas de tolerancia e progresso, que elle implantou.

O espirito de insurreição accende-se no animo de alguns patriotas, que viam no continente europeu já Portugal restaurado, e D. João IV á frente da monarchia lusitana.

João Fernandes Vieira colloca-se na cabeça da revolução, e do Recife parte a scintilha que ha de atear o incendio da nova campanha.

O *suprêmo Conselho*, entidade governativa, que substituiu ao illustado Nassáu, declarou odio feroz á insurreição, decretando medidas de excessivo rigor, que augmentaram-na e fizeram que ella fosse avante: passam á atrocidade, para atterram; é o recurso dos tyrannos. Os commandantes das fortalezas recebem instrucções positivas para a prisão de pessoas nobres e ricas, cujos nomes se indicavam: era um expediente de desespero para imporem obediencia: produziu effeito contrario, como acontece na historia de todos os despostas.

Taes ordens chegaram a Porto Calvo, e o primeiro a quem prendem, é Rodrigo de Barros Pimentel, rico proprietario de dous engenhos de assucar, de muitas terras, gados e escravos, casado com D. Jeronyma de Almeida, de familia nobilissima.

Essa arbitrariedade escandalisou; foi o grito de alarma que poz em movimento a acção Christovam Lins de Vasconcellos, a figura encelsa da restauração de Porto Calvo, o qual já tinha sido eleito por João Fernandes Vieira capitão deste districto e parochia.

Christovam era moço e neto do riquissimo proprietario e illustre fidalgo Christovam Lins, Capitão e Alcaide-mór de Porto-Calvo, do qual fallámos no principio deste capítulo.

Residia esse mancebo mui brioso e animado (assim lhe chama Frei Calado) no seu engenho - Buenos Ayres-, de Camaragibe (*).

Athrâe logo para a empreza o illustre proprietario Vasco Marinho Falcão, casado com uma sua tia, "homem prudente, experimentado e patriota".

(*) É hoje propriedade do Barão de Anadia.

Estes factos passam-se em Julho e Agosto de 1645.

Entram em plena acção os dous revolucionarios: arregimentam toda a gente disponivel dos Morros, Ferricosa, rio Manguaba, Comendeituba, Escorial, Camaragibe e Matta Redonda; improvisam dous quartéis nas circunvisinhanças de Porto-Calvo, um no oiteiro do Mocaitã, à direita da villa; outro no historico oiteiro do Amador Alvares. Falcão é arvorado em commandante do primeiro e Christovam do segundo.

Sitiada assim a villa, o plano era privar-a de soccorros de toda a especie, reduzi-la a fome, fazer o mal possivel com guerrilhas e emboscadas, ja que lhes faltavam munições e armamentos para investir-se a celebre fortaleza, commandada por um sugeito, que os revolucionarios bem conheciam e de quem esperavam tirar o melhor proveito.

As armas dos insurgentes eram - páos tostados, dardos, espadas velhas, facões, fources, arcsos, flechas, 12 espingardas, 4 mosquetes enferrujados; e com esse arsenal os patriotas occupam suas posições nos respectivos acampamentos.

Vasco Marinho tinha junto a si seus filhos Francisco de Souza Falcão, Leão Marinho, e Leandro Pacheco; quer elles, quer Christovam guarneciam a sua custa, cada um de seu lado, as entradas e sahidas para a fortaleza da villa.

O official, ou empregado hollandez que governava a praça era um tal Chan Florim (*).

Traduzido ja por facto o pronunciamto (como hoje se diria) tem logar a primeira escaramuça no dia, em que o governador do forte, sabendo do contiuo dos rebeldes, mal armados, nas immediações, os levou a pouco apreço, encarregando a um sargento com 14 praças a missão de dispersa-los e batê-lós.

Custou-lhe caro: Christovam arma uma emboscada, surpreende-os e mata a 13 d'elles; escapou apenas 1, ferido, que relatou ao governador o triste feito, exagerando as forças dos portuguezes. As 14 armas tomadas serviram para os nossos insurgentes, que as não tinham.

Tres dias depois, maior revez tocou aos conquistadores, foi um golpe que os desorientou. Christovam é informado que, vinha subindo, o rio Manguaba um navio do Recife, carregado de viveros e munições, justamente do que mais precisavam. A sorte começava a ser propicia á causa brasileira; é o proprio Christovam Lins, com alguns dos mais destemidos conjurados, que vai esperar a presa n'um estreito do rio, perto já da villa, e de improviso caem sobre a mísera embarcação, em cuja tolda degolam a 9 hollandezes, e mais seis, que fugiram a nado. Fizeram boa colheita de vinhos, azeite, vinagre, cerveja, queijos, manteiga, massas, polvora, chumbus, mosquetes, etc., e tudo é transportado em carros para o acampamento.

Refere o chronista (que nos dá taes pormenores) que o primeiro cuidado foi solemnizarem a façanha, e depois intimarem ao governador do forte a rendição; e Marinho Falcão é o secretario que redige a carta de intimação, assignada por Christovam Lins, na qual se resumem os factos que deram logar ao levantamento, á prisão de Rodrigo Pimentel, a tyrannia e vexames dos hollandezes contrapostos á tolerancia e boa amizade dos moradores e naturaes do logar, e depois de consignar-se a força e elementos de que os insurgentes dispõem a par do estado de fraqueza e privações de praça, conclue do seguinte modo: "E com vossa mercê me entregar a fortaleza se escusarão muitos trabalhos; e quando vossa mercê m'a não entregar, será necessario morrerem todos dentro á pura fome, ou sahirem fora a provar a mão commigo, ou chegar-me eu á fortaleza e encher-lhe as cavas de lenha, e queimar a vossas mercês todos. Tome seu conselho, e responda-me antes que comee a fazer guerra em fórma, porque uma vez começada, não hei de ouvir embaixada de Vossa mercê, nem conceder-lhe partido algum".

Tão esquisita mensagem, que bem mostra não proceder de estylo militar, teve as honras de uma resposta, que, posto fosse uma verdadeira fanfarronada, estava mais no pundonor de um soldado.

(*) Assim escreve, talvez estropeadamente Fr. Calado: o *Catriolo Lusitano* de Fr. Raphael de Jesus, escreve *Amim Florius*.

Escreveu-lhe o intimado, que - muito agradecia os offercimentos do amigo, porém em quanto tivesse pólvora e balas, os seus soldados tinham o que comer, e que dentro em poucos dias melhor o saberiam.

À vista disso, Christovam Lins reúne todos os moradores livres e escravos para apertar o sitio até a distancia de um tiro de mosquete: e pouco tarda que a fome não comence a fazer prodigios na fortaleza.

Seis dias depois, nova embaixada, vinda porém de parte do bravo defensor do forte sob pretexto de fazer ver a Christovam Lins, que não se cançasse porque só a força se renderia: mas, o fim patente era conhecer o governador os recursos dos sitiados para ser tentada qualquer sortida.

Parece que a refrega dos 13, o tornou prudente de mais: ou Bagnuolo arriscando os seus cabos de guerra em campo aberto contra um exercito organizado: ou o nosso Florins com suas bravatas e embaixadas contra umas duzias de *cabotins* dirigidos por um temerario mancebo.

Christovam recebeu o espião vendando-lhe os olhos, que lhe fora, abertos, logo que se o introduziu no quartel, para observar não só 200 homens, que alli estavam, mas a turba multa que se avistava em outro alojamento.

Ostentação por ostentação, o nosso improvisado general assim arengou ao embaixador dos holandezes:

"Tres quartos tenho destes no contorno d'esta fortaleza: si o comendador não entregar-se com brevidade, o hei de investir por todas as partes, e sem se poder remediar si anoitecer vivo, ha de amanhecer abrazado".

Não tendo muito, ou nada para onde appellar, o triste governador de Porto Calvo considerava o abandono a que estava entregue: faltava-lhe o entusiasmo de seus antecessores para se sacrificar por uma causa, cujo brilho declinava rapida e fatalmente. À frente dos conspiradores elle notava pessoas, de quem havia recebido atenções e obsequios. As mulheres e crianças atordoavam-no, clamando por alimento, que a todos escasseava.

Dirigio-se de novo a Christovam Lins fazendo-lhe as ponderações seguintes: 1º que não podia entregar a fortaleza a elle ou a outro capitão da terra de Pernambuco, e que mandasse vir um dos capitães de infantaria, chegados da Bahia para estipularem-se as bases do accordo: 2º, que mostrando-se elle tão amigo seu, enviasse-lhe algum refresco da terra, enquanto chegava o capitão da Bahia.

Christovam acceta o alvitre, e deferre o pedido de supprimento espedio um correio ao Governador João Fernandes Vyeira e aos mestres, de campo André Vidal de Negreiros e Martim Soares Moreno, pedindo-lhes um *capitão grave* dos vindos da Bahia para celebrar concertos com o comendador da fortaleza: provêa a seguinte requisição, enviando aos sitiados 4 saccas de farinha, uma vacca, laranjas, limões, peixe salgado, queijos e vinho.

Após cinco dias regressa o correio com a resposta dos nossos tres governadores, que ordenavam ao Capitão Lourenço Carneiro de Araujo, do habito de Christo, e que estava no Pontal de Nazareth, que seguisse para Porto Calvo; o que elle logo cumpriu, vindo acompanhado de pessoas de Ipojuca e outros logares, as quaes queriam ser presentes aos acontecimentos, por serem parentes e amigos dos conjurados, taes como o Coronel Pedro Marinho Falcão, o Capitão João Gomes de Mello etc.

Acolhidos com salvas, e outras demonstrações de alegria, o Capitão Araujo e seus companheiros chegaram ao quartel de Christovam Lins.

Entabuladas as negociações, foram firmadas no dia 15 de Setembro, mediante as formalidades do estylo.

Nada, portanto, foi tão facil, e presume-se que o commendor do forte não poude resistir aos muitos agrados dos seus inimigos, que, habeis como oram, procuraram certamente resolver a cousa do modo menos prejudicial e arriscado.

No dia 17, tomamos conta da fortaleza, praça e Villa de Porto Calvo, da qual sahiram 156 soldados, por quem os nossos distribuiram a quantia de sete centos mil réis, e deixavam-nos 8 peças de artilharia de bronze, que o Capitão Lourenço fez comboiar para a Varzea do Capibaribe, quartel general dos restauradores, e os principaes moradores de Porto Calvo o acompanharam satisfeitos até ao rio Una.

O sitio, começado a 4 ou 5 de Agosto, durou 42 dias. Tudo estava consummado, e a fortaleza foi toda arrasada.

Ja o estrangeiro não dicta mais ordens na terra dos Lins e Falcões: retiram-se por uma vez levando consigo suas riquezas, embora a imaginação popular dos vindouros refira as fabulas de cabedaeas atirados ao rio, soterrados em logares occultos, etc.

Emfim, Porto Calvo está libertado desde 17 de setembro de 1645.

§ 4º *Porto-Calvo desde sua restauração até a epoca actual: 1645-1881.*

Coíncidio a queda de Porto-Calvo-Hollandez com a do forte S. Francisco ou do Fenedo: aqui foi Christovam Lins, alli Valentim Rocio, os que tomaram a peito libertar seus districtos: o anno de 1645 vio a restauração d'esta parte da capitania, passando o theatro da lucta e resistencia para o Recife, que afinal é por sua vez isento de todo o jugo flamengo pela capitulação de Janeiro de 1654.

É desde então que os povos da ex-capitania começam a entrar no regimem do direito commum: ja não é o dominio dos donatarios, como até a invasão hollandeza: os governadores geraes, desde os mestres de campo restauradores, até Luiz do Rego, são os chefes dictatoriaes, da administração (1654-1817).

Terminadas as luctas da expulsão dos hollandezes, surge novo temerando entrave à tranquillidade pernambucana n'esta parte de sua jurisdicção: era preciso debellar a horda numerosa dos *quilombolas* dos Palmares, que occupa demasiado a attenção, esforços, sacrificios e expedições por muitos annos, que só terminam no fim do seculo XVII: e Porto-Calvo é o centro das operações, o districto que mais soffreu com o cannibalismo dessa horda, que desinvolveu-se tanto que, chegou a constituir-se com fórmas de governo e nação selvicola semi-barbara, com as superstições e ferocidade africanas.

É conhecida na historia pelo nome de - *Republica dos Palmares*, composta de negros escravos fugidos das fazendas, desde 1630: diz-se que 40 foram os primeiros que se refugiaram armados em um grande bosque de palmeiras, donde lhes vem o nome de Palmares: reuniram-se-lhes outros muitos, cujo numero fazem uns chegar a dez mil, e outros a trinta mil, incutindo terror por todos os logares visinhos.

Os agricultores de Porto-Calvo (diz Pereira Coruja em suas Lições de Hist. do Brazil), obrigados a conservar sua alliança, lhes forneciam armas, munições e outras mercaderias: foi assim que tomou essa negra colonia aspecto florescente e terrivel.

Sua séde era entre Porto Calvo e Alagôas. A *republica* poude resistir a muitos assaltos, e accommetimentos: os senados das camaras das Villas da Magdalena e do Bom Sucesso tomaram collectivamente providencias, promoveram subscrições, armaram expedições de accordo com varios dos governadores geraes: muitas vezes bateram com apparente vantagem os quilombos, e acreditaram têl-os destruido: emfim, elles permaneceram, incommodando e rapinando, por mais de meio seculo, até que em 1697 o Governo de Pernambuco, amedrontado pelo seu florescimento e perigo, resolveu aniquilal-os.

A Caetano de Mello e Castro coube essa gloria, organisando tropas e engajamentos e fazendo marchar 7000 homens, que os negros repelliram vigorosamente: posto em rigoroso sitio, apertados pela fome, vieram a succumbir aos primeiros tiros de canhão.

Foi aqui, em Porto-Calvo, que reuniram-se sempre as forças colligadas das demais partes da capitania-geral, os paulistas encarregados da expedição, todos encorporados à gente do Alcaide-mór Christovam Lins de Vasconcellos e do Capitão-mór Rodrigo de Barros Pimentel.

O episódio dos Palmares constitui assumpto, para uma longa chronica, e apesar de muitos que se ha tentado escrever, resta bastante a elucidar: elle foi o acontecimento de transição para o seculo XVIII.

An entrar desse seculo, formam-se as sesmarias e novos engenhos de assucar nas terras conquistadas e nas que a liberalidade regia conferiu como recompensa a Domingos Jorge Velho, o chefe dos paulistas, que mais se distinguio no aniquilamento dos quilombolas.

Fundam-se os arraizes de Jacuipé e de Atalaia: e o districto em geral de Porto-Calvo vae fazer parte da nova Comarca das Alagoas, jurisdicção esta, sobre cuja necessidade representou a El Rey em 9 de Janeiro de 1706 o Governador Geral Francisco de Castro Moraes, que a baseou no crescimento e importancia das villas de Porto-Calvo, Alagóas e Penedo.

Creada em 9 de Out. do sobredito anno a comarca alagoana, só a 6 de Fev. de 1711 foi nomeado seu primeiro ouvidor, o bacharel José da Cunha Soares.

O regimen dos ouvidores (na Villa da Magdalena, Cidade das Alagóas), e juizes ordinarios, durou até 1832, sendo o ultimo daquelles o Dr. Manoel Messias de Leão.

Em todo o seculo 18 os acontecimentos limitam-se á chronica puramente local e economia do districto.

No seculo actual, toma Porto-Calvo, parte pequena nos successos pernambucanos de 1817, que originaram a criação da provincia, porém vae involver-se muito nos enredos das Juntas de governo, nas primeiras eleições até a Constituição (1821-23); e mais tarde, sua posição topographica fal-o centro das operações da legalidade contra o movimento da - mallograda republica do Equador (1824); e a Barra Grande é o theatro de varios encontros, combates, embarques e desembarques.

Durante a Regencia (1832-35) é este municipio o scenario, em que mais se desenrolam as atrocidades da sanguinolenta guerra fraticida da - Cabanada -, ou Rebelião de Panellas de Miranda, celebrando-se tristemente as mattas de Jacuipé, as selvas do Riacho do Matto (hoje Leopoldina), onde se encurralara o facinora e ignorante salteador (Vicente de Paula). Presidentes da Provincia: como Manoel Lobo de Miranda Henriques, Figueredo Camargo, marcharam á frente de expedições militares, demoraram-se muito n'esta villa a dar providencias e a combinar os esforços das duas provincias limitrophes contra essa cabilda infernal, que foi um sorvedouro de dinheiros publicos, um flagello para as propriedades, uma ameaça permanente á segurança individual e á ordem publica: e só em 1835, com a intervenção pacifica e apostolica do bispo da diocése D. João da Purificação Marques Pêndigão, de saudosa memoria, os revoltosos deposeram as armas, e o norte da provincia pacificou-se.

Na Rebelião Praieira de Pernambuco, de 1848-50, Porto-Calvo, pagou o imposto da visinhança, e achou-se envolvido em muitos incidentes d'esse movimento.

Quanto a sua organização judiciaria, desde o regimen da Independencia, passou em 1833, por occasião de executar-se o Cod. do Proc. Crim., a fazer parte da Comarca de Maceió, uma das 4 em que, então, subdividiu-se a antiga comarca dos ouvidores das Alagóas.

Em 1852, por Lei provincial n° 197 de 28 de Junho, foi erigido em comarca com os municipios do Passo de Camaragibe e Porto de Pedras: estes, por sua vez, foram em 1864 desligados e constituíram outra comarca.

A Comarca de Porto-Calvo é installada no dia 20 de Abril de 1853 pelo seu primeiro juiz de direito o bacharel D. Luiz de Assis Mascarenhas, e depois d'elle serviram os 8 Juizes de direito seguintes, até ao presente.

- Bacharel Raymundo Francisco de Araujo Lima: idem Manoel Joaquim de Mendonça Castello Branco (1854-1862), idem José Soares Teixeira de Gouveia, idem Caetano José de Andrade Pinto (1863-64), idem Sebastião Gonçalves da Silva, que foi o primeiro que fixou residencia n'esta villa (1864-65), idem Antonio Augusto da Silva, que apenas tomou posse e no mesmo dia retirou-se, idem Francisco Rodrigues Sette (1866-75), idem Olympio Eusebio de Arruxellas Galvão, que exerce a judicatura desde 20 de Dezembro de 1875 até ao presente.

Até ao anno de 1875, o Municipio se compunha das duas Freguezias - de Nossa Senhora da Apresentação de Porto-Calvo e S. Bento: esta ficou então formando o actual Municipio e termo de Maragogy.

A comarca teve a honra de ser visitada por S. M. o I. e Senhor Dom Pedro II em Janeiro de 1860:

O Monarcha, desembarcando em Porto de Pedras no dia 3 de Janeiro, subiu o rio Manguaba, visitou e percorreu a Villa, a povoação da Leopoldina, a Barra Grande e logares intermediarios.

O Municipio de Porto-Calvo, pela importancia de sua lavoura de canna, é um dos mais ricos da provincia.

Seus habitantes são em geral bricosos, amantes da ordem, respeitadores da lei e propensos ao trabalho.

Falta-lhes a instrucção, como a todo nosso paiz infelizmente: e só arrastados por turbulentos ou perversos podem elles desviar-se da senda do homem pacifico.

Eis a traços muito largos o bosquejo historico de Porto-Calvo.

- XII -

Topographia - A villa de Porto Calvo jaz aos 9° 2' 45" de Lat. S. e aos 7° 40' 12" de Long. Or. do meridiano do Rio de Janeiro. A povoação, ex-colônia Leopoldina, está collocada aos 8° 54' 51" de Lat., e 7° 23' 10" de Long. idem.

Porto-Calvo foi collocado no cimo do monte, cujas faldas são banhadas pelos rios Manguaba, Tapamondé e Mocaitá, d'um lado, e Comandaituba de outro: por isso se lhe dá nas chronicas velhas o nome de - Santo Antonio dos quatro rios -, antigo padroeiro da povoação, substituido (não se sabe como e quando) pela Virgem da Apresentação.

Verdadeiramente a Villa é flanqueada à direita, na frente e à esquerda, pelos rios Manguaba e Comandaituba, que a apertam em suas sinuosidades: os outros dous rios são affluentes do 1º, os quaes misturam suas aguas na altura da mesma villa; e do mesmo modo o Comandaituba vae nelle desembocar um pouco abaixo do Varadouro, porto de desembarque e surgidouro das barcaças, especie de Cambôa, formada pelo Manguaba, hoje muito estreitada e aterrada e só agoa sufficiente para a navegação nas mares de enchente: ja foi largo e mui profundo, e a continuar o eterno descuido dos homens, virá a tornar-se imprestavel. A Villa, propriamente dita, está a uns 230 metros de distancia, em terreno que suavemente se eleva por ladeira, ja quasi toda povoada: é na chã do outeiro o que está a matriz com a frente para o norte e a rua principal: e no ponto mais culminante é a situação do historico - *alto da força*, antigo local da *egreja - velha* e da primeira fortaleza.

O terreno da Villa é sempre elevado e forma uma península montanhosa, ligado á terra firme pelos altos do Moreira a N. E. declinando depois o terreno, forma a actual rua da Palha, e do martyr S. Sebastião com a capellinha respectiva, até encontrar outra vez o Manguaba, na passagem, hoje conhecida por Simão-Alves, medindo talvez 900 metros desde esta até ao Varadouro. Nas abas dessa entensa linha irregular, onde se acham a rua ou ruas principaes da villa e o pateo da Estrella, estão as ruas do Rafael e Cary (à direita) Cafundó, Carrasco, Comandaituba, (à esquerda), ja beirando os rios. Sua edificação é antiga e má: conta 7 sobrados particulares, um dos quaes, o edificado no angulo N. E. da Praça da Estrella, servio em 1860 de Paço Imperial a S. M. o Imperador o Sr. Dom Pedro II, quando nos dias 3 e 4 de Janeiro visitou esta villa e seus arredores: as habitações terreas são 200 pouco mais ou menos.

Os predios publicos são, a Matriz, a cadeia e a casa da Camara: existe um cemitério novo, porém não acabado, maltratado, sito em pessimo local quanto á hygiene. Além da igreja parochial, possui a hermidá de S. Sebastião, dous nichos de Nossa Senhora da Conceição e um de Santo Antonio.

É toda commercial, população activa e morigerada, que attinge a 1200 habitantes presunivelmente. Apesar de cercada de rios não tem uma só ponte e nem é beneficiada por uma só estrada. Nas cheias, fica incommunicavel com todas as immediações, e sujeita á privações e fome, o que é um padrão de vergonha para todos os governos, que se tem revezado no poder.

É a residencia das autoridades judiciaes da comarca e do parochio.

- XIII -

População - Segundo o recenseamento de 1872, a Freguezia de Porto Calvo era habitada por 14.946 almas, sendo 12.898 livres, e 2048 escravos. Está averiguado na consciencia publica que o serviço do arrolamento aqui foi deficiente: Seja como for, o numero dos escravos está muito reduzido: a população livre não é inferior a 16.000 almas.

- XIV -

Agricultura - O Municipio é exclusivamente agricola: sua lavoura e industria capital é a da canna (de Cayenna, em geral) e fabrico do assucar, para o que possui montados (pelo systema antigo) cerca de 80 engenhos, dos quaes 9 são movidos por vapor, 30 por agua e o resto por animaes: produzem annualmente, termo medio 300 a 400 mil arrobas de assucar, ou uma safra não inferior a 1.000 contos de reis. Damos em seguida, por ordem alphabetica, os nomes dos engenhos da Freguesia, com algumas notas correspondentes, e o numero de pães de assucar (5 arroab. cada um) fabricado por safra annual, approximadamente.

1. Aurora ou Agua-Fria: de fogo morto. 2. Bello Dia. 3. Bemfica. 4. Boa Esperança: safreja mais de 1.000 pães. 5. Boa Sorte. 6. Boa - União (a vapor: safr. mais de 1000 p.). 7. Bom Jardim. 8. Bom Jesus. 9. Bom Retiro (a vapor, safr. 1500 a 2500 p.). 10. Bom Socego. 11. Brejão (ou Sant'Anna). 12. Cachoeira safreja 1000 a 1400 pães. 13. Canôa safreja 1500 a 2000 pães. 14. Capiana safreja 1500 a 2000 pães. 15. Capricho safreja 1000 pães. 16. Comanduituba (a vapor safreja 1000 a 1200 pães). 17. Conceição safreja 2000 pães. 18. Costa safreja 1400 a 2000 pães. 19. Crasto (a vapor safreja 1000 pães). 20. Cruzeiro do Sul (a vapor safreja 1600 pães). 21. Dois Irmãos safreja 1000 pães. 22. Duas Bocas (ou S. Caetano safreja mais de 2 mil pães: este anno fez mais de 4.000). 23. Eixo safreja 1500 pães. 24. Engenho Novo (a vapor, safreja 2000 pães). 25. Escorial safreja 1500 a 2000 pães. 26. Esperança safreja 1000 pães. 27. Ferrão safreja 1000 pães. 28. Flor do Dia. 29. Floresta - Cama - (extincto) - Grandeza (extincto). 30. Garipapo safreja 1500 a 2000. 31. Gloria das Virgens (ou Pacanira, a vapor, idem, idem). 32. Goyaz (ex-engenho dos Bois: a vapor: safr. 1000 pães). 33. Guarany (ex-Tucum) safr. mais de mil p. 34. Guaribas: safr. 1800 a 2000 p. 35. Japarutuba safr. 1500 p. 36. Jaqueira safr. 1000 p. 37. Junco safr. 2 a 3000 pães. 38. Lagôa Redonda safr. 1000 pães. 39. Lua Nova. 40. Macaco safr. 1000 a 1200 pães. 41. Martimãsa safr. 2000 pães. 42. Matto Grosso (a vapor). 43. Matto Grosso (2º). 44. Minas safr. 1000 pães. 45. Monica. 46. Moura safr. 1000 a 1400 pães. 47. Nova Aurora. 48. Nova Conceição. 49. Onça safr. 1600 pães. Oiteiro Alto. 50. Oriente safr. 1000 a 1500 pães. 51. Paraiso (da Leopoldina). 52. Paraiso (de Jacuípe). 53. Patente safr. 1000 pães. 54. Poço d'Antas. 55. Porto Alegre (Apára: safr. 1000 pães). 56. Prazeres safr. 1000 a 1500 pães. 57. Primavera safr. 1200 pães. 58. Promissão. 59. Promontorio safr. 1000 pães. 60. Sabiahú safreja 1000 a 1500 pães. 61. Sant'Anna (ou Antonio Dias) 1000 pães. 62. Santa Clara. Santa Cruz. 63. Santo Antonio (da Leopoldina). 64. Santo Antonio do Manhoso safr. 1000 a 1200 pães. Santo Antonio (de Jacuípe). 65. São Francisco. São Domingos. 66. São Conção safr. 1600 a 2000 p. 67. S. João safr. 1000 pães. 68. S. João da Matta. 69. S. Joaquim (ou Ilha). 70. S. José (ou Canavieiras). 71. S. José (ou Cova da Onça: safr. 1000 pães.). 72. S. Luiz. 73. Saputy. 74. Soledade safr. 1200 pães. 75. Souza, de fogo morto. 76. Surubana safr. 1000 pães. 77. S. Thomé (ou Estaleiro) - safr. 1000 pães. 78. Tupy safr. 1600 pães - Taquara, (extincto). 79. Viração safr. 1000 pães.

Os engenhos sublinhados, em nº de 10, posto que todos d'esta freguezia, são da parte do Districto de Sant'Anna, que, pela ultima lei provincial, ficou pertencendo na jurisdicção civil a Porto de Pedras: mas são naturalmente porto-calvenses.

Os engenhos não numerados Oiteiro Alto, Santa-Cruz, Santo Antonio de Jacuípe e S. Domingos estão nos limites confusos da Provincia de Pernambuco, que os chama a seu dominio, por meros sophismas, e astucias bem conhecidas dos senhores, dos engenhos por causa de direitos fiscaes.

É para lamentar que em tão importante zona não haja um ou mais engenhos centraes, ou ao menos alguns montados com osapparehos modernos.

O solo produz, e de muito boa qualidade o algodão, o café e o fumo; mas cultivam-se em diminuta escala: e bem assim o milho, arroz, feijão, coco, mandioca, batata, araruta, etc.

Tambem se cultivam algumas especies de fructas, o abacate, saputis, abacaxis, laranjas, limas, jambos, romans, figos, atas, melões, melancias, mangas, jacas, uvas, bananas (em grande quantidade) e outras.

- A criação consiste em gado vaccum, cavallar, lanigero, cabrum e suino, nas fazendas agricolas: a pequena criação limita-se a aves domesticas.

- XV -

Industria Fabril - Consiste na de assucar de canna dos engenhos, agua-ardente nas distillações, annexas aos mesmos, nos preparos do fumo, nos aviamentos de farinha de mandioca (alimentação geral) e em artefactos de olaria.

- XVI -

Commercio - A exportação grande é do assucar por intermédio dos portos maritimos do Recife e Maceió: segue-se a de madeiras, aguardente, algodão e couros. A do assucar paga (exclusive os direitos geraes no porto da alfandega) 4% nas repartições provinciaes de Porto Calvo, Leopoldina, e Maragogy (de alguns dos engenhos): segundo os dados estatísticos da Meza de Rendas desta villa, arrecadou ella desde Julho de 1877 até março de 1881 (tres annos e 9 mezes) a quantia de 100.000\$000rs. de direitos, cabendo só aos do assucar 70 contos: portanto, sete decimos do rendimento total são absorvidos pelo genero da maior cultura agricola do municipio, e 3 decimos ficam para os demais generos, impostos internos, importação, multas, etc.

A importação consiste em ferragens para os engenhos, pannos para saccoes, vidros, louças, generos de consumo e estiva, tudo por cabotagem.

- XVII -

Instrução - Não ha ramo de serviço publico mais descuidado. O ensino elementar de primeiras letras mui pouco difundido: é o mesmo das eras atrasadas, com pequenas alterações: nada na altura do progresso da cidade, a provincia apenas mantém neste municipio de 16 mil almas, (das quaes 14 mil e tantas analfabetas!) 5 escolas primarias, a saber duas na villa (uma para cada sexo), 2 em Jacuipé e 1 na Leopoldina: ha duas particulares, e todas poderão ser frequentadas por 150 a 200 alumnos.

O recenseamento de 1872 dá-nos triste copia do atrazo da instrução infantil. Dos adultos, havia apenas 810 homens e 326 mulheres que sabiam ler e escrever, contra 6.045 analfabetos do 1º sexo, e 5717 do 2º! Os meninos da idade escolar, 6 a 15 annos, eram 3.052: de 1624 do sexo masculino só 184 frequentavam escolas, e 1440 não: de 1.428 do sexo feminino apenas 52 frequentavam, e 1676 não!!

As intituladas escolas, quer publicas quer particulares, funcionam em predios ordinarios, apoucos acanhados, inmundos, sem mobílias, livros e ornatos proprios das escolas modernas. Infelizmente é a historia da instrução publica de toda a provincia, com rarissimas excepções: os professores são na verdade pessimamente remunerados (800\$000 por anno (!): não encaravam o ensino como um augusto sacerdotio, mas um meio de não morrerem á fome ou não perdérem de todo a aptidão, que reconheceram em si, excepção feita de alguns, que são os martyres da profissão.

Não ha bibliothecas, nem archivos ou gremios literarios. Jornaes, não se publicam: o povo lê pouco, ou quasi nada: e um ou outro raro partidista politico assigna o periodico da Capital, de sua parcialidade.

Assim, pois, ha tudo a fazer ainda na civilisadora missão social de educar o povo: e aí de seus costumes, si não fóra o freio suave da Religião, que é a força mysteriosa, que se oppõe ao trespordamento dos diques da ignorancia.

- XVIII -

Divisão Ecclesiástica - Pertence o Municipio á Diocese de Olinda, e apenas encerra uma freguezia, grande e populosa, a de Nossa Senhora da Apresentação de Porto Calvo, que ja em 1633

era igreja parochial, ignorando a data da criação. É notavel que durante os ultimos 100 annos só tres vigarios, e collocados a tenham regido successivamente, a saber: Reverendos: José Ignacio Duarte, desde 1872 até 27 de Agosto de 1818, em que falleceu; José Gabriel Faustino dos Reis desde 1821 até 1852, em que se concluiu; e o dr. Luiz Laurindo P'az e Lima, parochio actual, que exerce a administração desde o anno de 1853.

- XIX -

Divisão Civil, Policial e Eleitoral - Tem um Juiz Municipal letrado, cuja jurisdicção abrange o termo anexo de Maragogy: 4 districtos de paz - Porto Calvo, Jacuipe, Leopoldina, e Sant'Anna, em cada um os respectivos juizes de paz e um subdelegado de policia. No termo, um delegado. A Villa é a séde da comarca.

Pertence ao 2º districto da provincia, depois da reforma eleitoral decretada em 9 de Janeiro de 1881, que creou os eleitores directos. O Municipio fornecere 200 eleitores, segundo o novo regimen, e é o mais importante do districto.

- XX -

Obras Publicas - Cadeia: pequeno predio de um andar: insufficiente para as necessidades da administração da justiça e policia de uma comarca de 25 a 30 mil habitantes, em que funcionam dous tribunaes do Jury, e que tem duas delegacias, 6 subdelegacias, 7 districtos de paz etc. o edificio está estragado, sem um só dos requisitos das prisões regulares.

Casa de camara, pequeno proprio municipal, terreo, sem accomodações: soffrivel: é nelle que trabalham o Jury, os Juizes, a policia, e os vereadores.

Mercado publico: predio não acabado da municipalidade; é uma casa em caixão.

Na Leopoldina, existem os destróços de alguns predios e paredões, uma capella a desmoronar-se, do tempo da extincta Colonia militar, que tanto engrandeceu, civilizou e fez prosperar aquellas selvaticas paragens, hoje decadentes e barbarisando-se, porque, debalde, a provincia insta e solicita ha annos, aos poderes centraes, a graça de transferir os predios, a capella, e terras devolutas para uso provincial, bem como um auxilio para converter em colonia agricola e em asylo dos ingenuos aquelles terrenos, ora tão desaproveitados e que não tem superiores em toda as Alagôas!

A agricultura e o commercio não foram ainda dotados de uma só estrada ou ponte.

Não ha caminhos mais intransitaveis no inverno. Avalie-se o que soffre a lavoura sem vias de communicação!

- XXI -

Curiosidades Naturaes - Nada consta.

- XXII -

Distancias - A Villa dista da Capital 126 kil.

Da de Maragogy, 36, a N. E.

Da Cidade do Passo 36 a S. S. O.

Da Villa de Porto de Pedras 36 a S.

Da Povoação da Leopoldina 72 a N. O.

Da de Jacuipe 36 a N. E.

O melhoramento unico, de que goza, para encurtar suas distancias, é uma estação telegraphica, da linha do Estado, installada em 1876, e collocada entre as do Passo de Camaragibe ao S. e de Barreiros (Pernambuco) ao N.

É o que temos a dizer sobre o nosso municipio, nos limites traçados pelo *Questionario e modelo*, que foi remettido pelo mui distincto e illustrado Bibliothecario da Bibliotheca Nacional, na Córte: elle, erudito como é, supprirá, as faltas desta ligeira exposição.

Villa de Porto-Calvo 11 de abril de 1881.

Minervino Alves Prado
Emmigdio Victoriano da Silva
Lour.^{co} X.^{er} Lins de Mello

AMAZONAS

Desta Província 2 cidades responderam ao questionário: Parintins e Silves.

PROVINCIA DO AMAZONAS
COMARCA DE PARINTINS
DESCRIÇÃO DO MUNICÍPIO DE PARINTINS(*)

Aspecto geral - O território deste Município é cortado de rios e lagos e, em geral, plano e coberto de mata. Nos lugares mais baixos compõe-se de campos alagadiços. No lado d'E. e na margem direita do Amazonas o terreno é montanhoso.

Porto - A sede do Município, Cidade de Parintins, é banhada pelo rio Amazonas, e está assentada na pequena colina d'uma ilha na margem direita d'este rio; ahí tem a Cidade um excellente porto, onde tocam todos os vapores que demandão á Capital (*sic*) da Provincia, nu os centros d'esta, banhados pelos tributarios do grande rio. No lado d'O. da Cidade, junto á terras, notão-se alguns recifes e da parte d'E., bem em frente ao furo do lago Macurany, umas pontas de pedra que, muito conhecidas, não offerecem perigo.

Ilhas - São muitas: notão-se algumas já habitadas e, em parte cultivadas. As principaes são as seguintes: Parintins, Espirito Santo, Onças, Xibuhy, Arary, Maracá, e Cavallo Marinho.

Serra - A serra que forma a parte montanhosa do Município é a de Parintins, na margem direita do Amazonas, quase em frente a Fôz de Nhamundá, e que, depois de descrever uma curva para as terras desta Provincia, se estende para o centro.

Rios e lagos - Seu territorio é regado por diversos rios. O Amazonas corta-o do E. á O.; este, com o Limão e o Ramos formão a ilha em que se acha a Cidade de Parintins, e são sulcados por vapores da Companhia de Navegação "Amazonas", "Pará e Amazonas" e "Marajó". O Ramos tem por affluentes principaes o José-Assu, José-Mirim, Maximo, Mamura e o Uaycurapá, e o Limão tem o Jacaré, na outra margem encontra-se o Cabury. Alem destes muitos outros cursos d'agua regão o fértil territorio desse Município. Os lagos são innumerados: na ilha de Parintins existe entre muitos, os seguintes: Amigo, Redondo, Macurany, Parapanema, Xaramiry, e Assu, Passienria, Colhereira, Merochinga. Estes lagos, com a inchente do Amazonas, confundem suas aguas e formão no centro da Ilha uma enorme expansão de águas. No Município encontrão-se mais os lagos do Mucratinga, Arrozal, Cumarú, Limão, Cabury, etc. Todos eles são piscosos.

Salubridade - O Município é geralmente salubre. Na última epidemia de variola, que derrotou a Provincia, appareceu um unico caso na Cidade, e esse mesmo de variola benigna, manifestando-se alguns, mas raros, no distrito. O cholera-morbo, em 1854, fez aqui poucas vitimas, ao passo que causou grandes estragos na população do resto da Provincia.

(*)Palacio da Presidencia do Amazonas,

Mãtãos, 10 de Fevereiro de 1886.

II^{llo} Ex^{llo} Secr.

Em vista do officio de 18 de Novembro do anno passado, passo ás mãos de V. Ex.^a as informações prestadas sobre circumstancias topographicas e historicas do Município de Parintins, conforme os modelos enviados, deixando de le as informações das outras camaras, por ainda não me terem sido remetidas.

Deus Guarde a V. Ex.^a

II^{llo} e Ex^{llo} Sr. Conselheiro

João de Saldanha da Gama,

Director da Bibliotheca Nacional.

O Presidente

Ernesto A. de Vas^{los}

Palacio da Presidencia do Amazonas,

Mãtãos, 20 de Abril de 1886.

Mineiras - Alem da pedra de construção e de argilas, branca, amarella e vermelha, não tem sido descobertos outros mineiras neste Municipio. Consta que na foz do Uaycurapá existe um grande deposito calcareo até hoje é enesploraver.

Madeiras - A riqueza florestar deste Municipio, assim como a de toda a região Amazonica é extraordinaria. As madeiras de construção e marcenaria abundão, sendo as principaes: sapucaia, piquiá, louro, cedro, acary, guará, massaranduba, paracaúba, macacaúba, içaúba, andirobeira, páu-rosa e a admiravel mucrapinema. Consta que no planalto da serra do Parintins se encontra o páu-brasil.

Fructas silvestres - Caju, goiaba, araçá, pequiá, sapucaia, maracujá, taperebá, biribá, caramury, pajená, uechi, sorva, bacaba, patuá, assahy, suasseneçá, mucajá, inajá, tucuman, marajó, &c. Algumas d'estas fructas são já cultivadas.

Animas Silvestres - Anta, caibitu, veado, capivara, onça, paca, cutia, cuaty, macaco, jabuty, &c. As aves são numerosas; encontrão-se nas mattas, mutum, jacamin, inhambu, sururima, aracuam, arara, papagaios, piriquito, tucano, &c, e nos lagos e rios, guarás, garças, jaburus, caracá, anamby, carão, pato, marrecas, maguary, &c. Entre cantoras destingue-se sabiá, chercheo, canario, saracura, carachué. As abelhas de deverças especies fornecem excellentes més. Extraordinarias quantidades de insectos, alguns muito prejudiciaes á lavoura ou á indústria pastoril, como sauba, gafanhoto, carrapato e motoca, outros de utilidade incontestável o que prepara a materia inflamavel, chamada pelos indios, tracuá. Os rios e lagos, como ficou dito, extremamente piscosos: o pirarucu, constitue um dos principaes generos de commercio pela sua abundancia e boa qualidade. O peixe-boi fornecesse a mixira e o azeite tão procurados. Os tucunarés, pescadas, acaraes, jaraquis, tambaquis, matrinhões, curimatans, mandihys, sardinhas, trahiras, aruanans, jesus, tanvatás, são abundantes. Encontrão-se tambem nos lagos e rios as tartarugas a pitui e o tracajá.

Historia - A Cidade de Parintins antiga Villa Nova da Raynha e, mais tarde, Villa Bella da Imperatriz, foi prometivamente, de propriedade de particular. Onde está hoje a Cidade, tinha José Pedro Cordovil uma fazenda agricola que em 1796, offereceu á Raynha de Portugal, D. Maria I dignando-se accepta-la, mandou a Raynha estabelecer alli uma missão, que, com a denominação de Villa Nova da Raynha, foi confiada á direção do Carmelita Fr. José das Chagas, tendo lugar o estabelecimento da missão em 1804. Em 1833 deu-se-lhe o predicamento de Freguesia com a denominação de Tupinambarana, e por Lei Provincial a Assembléa Legislativa de 15 de Outubro de 1852, foi elevada á cathegoria de Villa Bella da Imperatriz, sendo constituída no dia 14 de março de 1853. A Lei de 24 de setembro de 1858 que creou a Comarca de Parintins, designou-a para sede desta, e a mesma Assembléa Legislativa Provincial, por Lei de... de 1880, elevou-a a Cidade de Parintins, sendo inaugurada a 24 de dezembro do mesmo anno.

Topographia - Esta Cidade está, como dissemos, situada á margem direita do Rio Amazonas, no logar mais alto de uma ilha que tem a particularidade de serem suas bordas mais elevadas que o centro como se fosse enorme cratera de volcão extinto. Entretanto não é de origem volcanica, pelo contrario, as suas terras são de alluvião. As ruas da cidade são irregulares; as casas em numero de 80, pouco mais ou menos, são todas terreas. Seu principal edefício é a nova Igreja Matriz ainda em construção. Possui uma Capella e um cimiterio. A Camara tem casa propria onde funciona n'um dos lados, servindo o outro de cadéa. O porto tem uma rampa construida em 1879. Ha diversas cazas commerciaes.

População - No ultimo recenciamento o Municipio tinha 3.338 almas. Não se tendo, há mais de dez annos feito outro, não se pode precisar o numero de almas que actualmente conta o Municipio, entretanto, podese affirmar que tem hoje mais de 5.000; destas habitão a Cidade 500 almas.

Agricultura - Lavoura - A principal e que tem tido progressivo desenvolvimento é a do cacao. Existe tambem alguma cultura de mandioca, tabaco, algodão, milho e guaraná.

Creação - A grande criação consiste em gado vacum, que vai em augmento e muito pouco gado cavallar, lanigero e suino. A pequena criação limita-se ás aves domesticas (patos, perus e gallinhas).

Pesca - A pesca constitui um dos principais recursos da população que não só alimenta quase que exclusivamente d'ella, como vende ou exporta grande numero de kilogrammas de peixe salgado para o Pará.

Industria Pastoral - A industria pastoril ja ficou descripto no art.^o precedente.

Industria fabril - A industria fabril consiste em tabaco, farinha, redes de pescar, arcos e flexas e no preparo, em insignificante escala, de olios, tintas, concervas immediatamente vegetaes das plantas patauá, jupaty, tamaracaré, ipadu, cumaty, guapuhy, manacan, guaxinguba e muitas outras. Preparão-se perfumes de plantas e raizes como molongó, baunilha, cumarés, iratassôda, pripruca &c. Colhem-se e preparão-se muitas especies de fibras e filamentos para cordas, redes e vários tecidos assim como para calafate de canôas (estopa). As concervas mais notaves são o arubé e o piracuhy.

Commercio - A exportação consta de cacao, pirarucu, farinha de mandioca, castanha, olios, cravo, cumaru, guaraná e algum breu e jutahycica. A importação consiste em ferragem, louça, aguardente, assucar, sabão, pannos, e muitos outros objetos do paiz e do estrangeiro. Os generos são exportados para a Capital do Pará, d'onde vem quase todas as mercadorias importadas. O transporte é feito por vapores.

Instrução - Para a instrução primaria consiste (*sic*) três escollas; uma, para cada sexo e outra mixta.

Devizão Eclesiastica - Pertence este Municipio á Diocese do Pará e consta de uma Parochia, erecta, como já se disse, em 1833 sob a invocação de N. S. do Carmo.

Devizão Policial - O Municipio conta com uma delegacia, uma sobdelegacia e quarterões.

Obras Publicas - A Igreja Matriz.

Rendas - Anno financeiro. As do Municipio no ultimo forão de réis - 2.724.917, da Provincia réis \$..... e do Estado 2333.383.

Distancia - Desta (*sic*) esta Cidade dos limites do Municipio de Faro na Provincia do Pará, 12 millas, rio abaixo e da Capital 247 millas, rio assima. A distancia aos limites dos Municipios de Barreirinha e de Serpa ainda não poderão ser precisados.

Estradas - Não possui o Municipio nem huma estrada publica; apenas se encontrão no seu territorio os caminhos..... estreitos tortuosos, das propriedades ruraes.

PROVINCIA DO AMAZONAS
COMARCA DE ITACOATIARA
TERMO DA VILLA DE SILVES
DISCRIPÇÃO DO MUNICIPIO DA VILLA DE SILVES(*)

Aspecto Geral - Do lado do norte é este Municipio coberto de mattas e é terra firme alta. Ao sul é geralmente plano e se compõe de estenções lagos.

Ilhas - Ha diversas apropriadas para a criação do gado.

Rios e Lagos - Seo territorio é regado por diversos rios: taes são; Urubú, Atumã e Jatapú e os seguintes lagos: Saracá, Canaçary, Maquará, Anibã, Curuçauacú, Curuçá-miry, Sacalútuba, Siringatuba, Tracajá, Juquýr, Jurity, Iparahema, Lago do Padre, Cunharipana, Curara, Pureina, Janara e muitos outros pequenos lagos.

Salubridade - O Municipio é geralmente salubre.

Minaes - Os mineraes mais uzuacs são: a pedra de construção e o barro de olaria. Consta tambem que há jazidas de carvão de pedra, mas ninguém tratou de o verificar.

Madeiras - Ha muitas especies de madeira de construção e marcenaria. As principaes são: itauba, acariuba, maçaranduba, pequiã, louro; pitarheira, guariuba, jacareuba, pau-de-roza, murapináma, murapiranga, itaubarana, jarana, cedro, marupá, mirajuba, pau d'arco, paracuuba, macacauba e outros.

Frutas Silvestres - Castanha, cumarú, puxury, bacaba, pataúá, caju, assahy, araçá, goiaba, maracujá, manga, pequena, mixy, sapucaia, castanha, cacão-rama, maçaranduba, paó, cupú, cacão, laranjas, limão, lima, tucumã de diversas qualidades, jutahy, graviola, abacate, ananás, melão, melancia, gerimum, abobora, pupunha, café e umiry etc. destas são algumas cultivadas.

Animaes Silvestres - Anta, veados de diversas especies, caititú, porcos, cutias, pacas, tabis de diversas especies, tamanduás, capivaras, onças de diversas especies, sahuia (preá), preguiças, macacos de diversas especies.

Azes - Mutum, aracuan, jacú, inambú, macuraná, arara, papagaio, perequitos, pombas, maracanã, anambé, cujuby, siricoria.

No mar há: patos, marrecas, garças, tuinú, colherera, jaburú, ananahy, margulhão socó, carvão, carará etc.

Abelhas - As abelhas fornecem excellentes mel. Taes são, paraná, jupará, seiuci, iranaçú, tuçanaira, etc.

Peixes - O mar fornece diversas especies de peixes taes são: peixe-bui, pirarucú, tartaruga, tracajá, petiú, tambaqui, tucunaré, acarás de diversas especies, suruby; dourado, piranha, pescada, curimatá, jaraquiz, araimá, jabuarana, tariira, acary, tamuatá, jacundá, aracú, pacú, sardinhas, etc.

Historia - A Villa de Silves, é uma das mais antigas da Provincia do Amazonas, foi primitivamente aldeia com o nome de "Saracá", sob a direcção dos Religiosos Mercedarios, e em 1759 elevou-a a Villa o Governador Joaquim de Mello e Povôas, com a denominação que hoje tem. Passando a ser simplesmente freguezia, foi de novo elevada a cathogoria de Villa, por Lei Provincial de 21 de outubro de 1852.

11^{mo} e Ex^{mo} Serr.

Passo ás mãos de V. Ex^a as inclusas informações prestadas sobre as circumstancias topographicas e historicas do municipio de Silves, conforme os modelos que acompanharam o seu offício de 18 de Novembro do anno proximo passado

Deus Guarde a V. Ex^a

11^{mo} e Ex^{mo} Serr. Conselheiro

João de Saldanha da Gama, Director da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro

Ernesto A. de Vas^{les} ...

Topografia - Esta Villa está situada na mais formosa ilha do lago "Saracá", na raiz de uma serra e olhando para o Oriente, no aspecto torna-se por demais magestoso para aquelle que em distancia á contempla. O lago Saracá fica nove leguas distante do Amasonas, no qual desagua por seis differentes bocas ou canaes. No canal chamado Arañató, desagua o famoso rio Urubú. As rias são tortuosas e estreitas e as cazas são todas terreas e a maior parte cobertas de palha. Seus principaes edificios são a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, capella do cimiterio e casa da Camara Municipal. A cadeia publica é em uma saleta da casa da Camara. Há sete cazas commerciaes, uma officina de ourives e uma padaria.

População - É de trez mil almas. Existem trez aldeamentos de indios mansos nos arredores da Villa, uma da Nação Mura, no rio Maquará, uma da Nação Pariquy no rio Jatapú e outra da Nação Aruaqy no rio Atmã.

Agricultura - Consiste na cultura do café, cacáu, milho, mandioca, tabaco, arroz, feijão, etc. Todo em pequena escala.

Criações - Consiste em pequenas fazendas de gado vaccum.

Pesca - A pesca do pirarucú dá não só para o consumo diario, como para as salgas com destino á esportação.

Industria Fabril - Não tem.

Commercio - A esportação limita-se, em pirarucú, cacáo, borracha, castanha, oleo de cupayba, e cumacú. A importação consiste em ferragens, vidros, louças, caxaca, assucar, fazendas, etc. Os generos são exportados em geral para a Provincia do Pará, de onde vem quaze todos os generos importados e o transporte é feito por vapores.

Instrução - Ha neste Municipio seis cadeiras de escolas publicas sendo nesta Villa uma para o sexo masculino e outra para o sexo femenino, duas na Freguezia da Capella, para o sexo masculino e feminino, uma na Povoação de Jatapú para o sexo masculino e uma mista no Urucurituba. Estas duas ultimas se achão vagas.

Divisão Ecclesiastica - O Municipio pertence a Diocese do Pará e dividido em duas freguezias uma nesta Villa e outra na Freguezia da Capella.

Divisão Policial - Contem tres districtos policiaes: uma Delegacia trez subdelegacias e dezeseito quartelões.

Rendas - O rendimento desta Camara no exercicio proximo findo foi de R. 4:300\$146. Collectoria Provincial Rs. 10:000\$000, pouco mais ou menos, Collectoria Geral Rs. 400:000, pouco mais ou menos.

Curiosidades Naturaes - No igarape denominado Atapany, existem dois butos (?) um grande e um pequeno feitos de pedra, o maior é de cor vermelha e o menor quaze preta, ambos dentro d'agua.

Paço da Camara Municipal de Silves, em Sessão Ordinaria, 9 de Abril de 1886.

Raymundo Faria d'Almeida P.
José Gregorio da Silva Queiroz
Victorino dos Santos da Costa M.
Licínio Antonio Pereira.
Manoel Bernardo Lobato.

PARAÍBA

Desta Província 7 cidades responderam ao questionário: Areia, Cabaceiras, Campina Grande, Catolé do Rocha, Cuité, Misericórdia e São João.

PROVINCIA DA PARAÍBIA DO NORTE.
MUNICÍPIO E COMARCA D'AREIA(*)
1881.

DESCRIÇÃO DO MUNICÍPIO D'AREIA

Aspecto geral - O município é montanhoso por todos os lados da cidade, tendo algumas planícies nas chapadas de alguns dos ramos da serra, e campos extensos ao poente e noroeste, destinados á criação de gados.

Serras - As serras prolongam-se de nordeste a sul, e se prendem segundo uns, á cordilheira - Borborema, e, conforme outros, á grande divisão conhecida sob a denominação de Serra do Mar. - Pelo lado do norte vão além dos Municípios de Bananeiras e Independencia, e pelo sul estendem-se além de Campina Grande, Ingá, etc. pelo nascente se desce a mesma serra em distancia de 2, 3, 4, e 5 leguas.

Rios e Lagôas - Não há rios navegáveis em todo o Município. O Curimatã, unico que merece a denominação de rio, tem sua nascente no Município de Campina Grande, e correndo de sul a norte, recebe, a distancia de 8 leguas, ao poente da cidade, no lugar Mocós, as aguas de riacho Jandahyra, e mais abaixo as do Salgado e Urubú, e entrando no Município de Bananeiras recebe o tributo dos riachos Poleiros, Santa-Roza, Jardim e Souto, já incorporados, e continuando seu curso pelos municípios de Bananeiras e Independencias (**), passa junto a Nova-Cruz, e vai lançar-se ao mar abaixo da Villa da Penha no Rio Grande do Norte.

O Aracagy nasce da lagôa Salgada do Município de Campina Grande (nascendo do lado opposto a Mamanguape), e seguindo para o Norte, indireta depois para o nascente, engrossando com os contingentes que recebe do riacho das Bananeiras, e outros, e juntando-se abaixo da serra com o Saboeiro ou Aracagy Merim e outros, vai metter-se no Mamanguape abaixo da povoação do Aracagy.

O riacho das Bananeiras, tendo sua nascente a distancia de meia legua ao poente da cidade, vai engrossando com numerosos contingentes, como: o Pirenega, Varzea, Bujari, Gruta-Funda, Olho d'Água dos Cavallos, Patricio, Québra, S. José Pacas e outros, e se lança no Aracagy.

O Riachão nascendo na povoação de Banabuié no Município d'Alagôa Nova e correndo de poente a nascente serve de limite entre os Municípios daquella vila e da cidade, vai, transpondo a serra atirar-se no Mamanguape no Município de Alagôa Grande.

(*) Cidade de Areia 25 de Abril de 1881.

Ilmo. e Exmo. Senhor

No intuito de corresponder ao que de mim exigiu V. Ex^{cia} em sua Circular de 2 de Janeiro do corrente anno, pedindo informações minuciosas sobre as circumstancias topographicas e historicas deste Município, incumbi desse serviço a pessoa que subscrive taes informações, a qual de boa vontade se prestou e me apresentou o trabalho que junto remetto a V. Ex^{cia}

A mesma pessoa, que poucos dias teve para colher esclarecimentos, promette, si poder obter mais circumstancias e curtosos, faz-los chegar ao conhecimento de V. Excia

Desculpe V. Excia a exiguidade e Imperfeição desse serviço, por certo inferior a vontade com que desejava corresponder a elevadas e patrioticas vistas de V. Excia.

Deus Guarde a V. Excia

Ilmo. e Exmo. Sr. Dor,

Benjamin Franklin Ramiz Galvão.

Bibliotecario da B. Nacional.

O Provo. da Câmara.

Francisco José d'Oliveira.

(**) Atualmente Guarabira. (N. da R.)

O riacho d'Areia tendo sua nascente dentro do vallado por detraz da serra da Gameleira, corre para o nascente e passando a entrada no lugar Lava Pés, entra para a gruta do Cordeiro e incorporando-se com outro segue por terrenos de alguns engenhos e vai lançar-se no Riachão.

O Mandahú, ao nascente, recebendo os contingentes dos Parxinhos, e dos dous Bondós, precipita-se de serra abaixo e vai lançar-se no Mamanguape junto a Villa da Alagôa Grande, tornando aos habitantes dessa Villa abundante agua potavel.

Muitos outros riachos tendo por nascentes olhos d'agua doce, se deslisam de cada uma das inumeraveis grutas, em que se deve a bellissima cadeia de serras, que compõem a mais interessante zona do Municipio, e serpeando em differentes direcções por entre os numerosos valles, lançam-se em outros, indo terminar ou no Araçagi ou no Mamanguape. Sô em redor da montanha em que é sita a cidade, contam-se uns dezeseis olhos d'agua superior a da Carioca no Rio de Janeiro.

Há no Municipio algumas pequenas lagôas, quasi imprestaveis por se acharem obstruidas.

Salubridade - O Municipio goza de salubridade, sua temperatura regula entre 18 e 24 grãos *Reaumur*. Ruiriam endemicamente os defluxos, que nem por isso tem consequencias más. São frequentes as constipações, pneumonias, hidropesias e reumatismos.

O cholera morbus em 1856 fez grandes estragos principalmente nas proximidades dos riachos, a cujo leito e margens é costume lançarem-se os residuos dos cereaes, caroços de algodão e animais mortos, entretendo-se por este modo frequentes focos de podridão, que inficionam o ar e contaminam as aguas, que mais abaixo da corrente são aproveitadas para todos os usos e misteres.

Na segunda invasão do cholera, em 1862, o numero dos affectados foi maior, sendo a mortalidade menor, sem duvida porque a população já sabia mais ou menos como combater os primeiros sintomas da terrivel epidemia.

Mineraes - O granito é frequente nas quebradas da serra e mesmo em muitos lugares baixos; há tambem diversas especies de barro para fabrico de tijolo, telha e louça de cozinha, encontrando se em muitos lugares barro especial para cadinhos e caximbos, podendo, si houverem industria, fabricar-se toda a sorte de obras de barro não inferiores ás de procedencia estrangeira, que apparecem nos novos mercados.

Nos terrenos de sertão, no lugar, cabeça e outros do Municipio, há excellente pedra calcaria, de que se fabrica a melhor cal, que se possa imaginar. Nessas pedreiras encontram-se grandes lagos de lusente e bellissimo aspecto, as quaes poderiam ser aproveitadas para tampos de mesas, consolos e outros moveis.

Corre como certo que na serra da Bizerra, a distancia de 6 para 7 leguas ao noroeste da cidade, tem-se encontrado pedras finas. Ferro magnetico existe em grande abundancia em quasi todas as magestosas serras do Curimatáu, principalmente na Caxêxa, que demora justamente no limite do Municipio de Bananeiras e a margem da estrada que divide os dous termos.

Avalia-se tambem que a interessante serra do Algodão, com 4 ou 5 leguas de extensão e situada n'este Municipio, deve encerrar muitos mineraes.

Madeiras - As matas que outrora continham muitas e abundantes especies de madeiras de construcção e de marcenaria, tem sido devastadas em sua maior parte pela fundação de engenhos e mais ainda pelo plantio do algodão. Não obstante ainda se encontrava a jurema, o cedro, a succupira, a sapucaia, o pau-d'arco, rôxo, e amarello, a aroeira, a baraúna, o pau-ferro, o jatobá, o louro, o gonçalo-alves, o angico, o cumarú, o piquiã, o pau d'arco e oleo, e outras mais.

Fructas silvestres - Araticim, araçás, cajá, camucá, genipapo, goiabas, jaboticabas, maracujá, pitombas, umbús, etc. Alguns são cultivados.

Animaes silvestres - Coelhos, preás, tatús, cotias, pacas, e veados. Relativamente a aves e passaros, encontram-se as araciãs, nambus, juritis, zabeles, rôlas, aza-branca, codornizes, sariemas, e nas lagoas e açudes do Curimatáu as marrêcas e outras aquaticas, hem como algumas especies de rapina.

Nos campos vêem-se as veses bandos de periquitos e papagaios.

Atraem as aves as harmonias, chũro e gorgeio dos passaros e aves cantoras, como: o canario, o gallo de campina, o bigode, o raboucolinho, o papa-capim, o papa-arroz, o sanhassu, o curió, o bictudo, o encontro, a gurinhata, o pintasilgo, o azulão, coneriz, o sabiá, e outros muitos.

Historia - A Cidade d'Areia foi uma povoação, que conta pouco mais ou menos um seculo, pertencente á antiga Villa de Monte-Mor.

Em 28 de Outubro de 1813 foi erecta, em freguezia, e elevada a Villa por Alvará de 18 de Maio de 1815, a qual, por motivo de serviço do Ouvidor em outros pontos da Provincia e por cousa dos movimentos revolucionarios do anno de 1817, só pôde ser instaurada a 30 de Agosto de 1818 pelo Ouvidor André Alves Pereira Ribeiro Cirne, procedendo-se no dia seguinte a eleição dos novos empregados, que prestaram juramento e tomaram posse no dia 5 de Setembro do mesmo anno.

Em 1822 soffreu a invasão denominada dos carambólas - os quaes em numero de seiscentos e tantos fóram repellidos de dentro das ruas deixando alguns mortos no lugar onde existe uma magestoza gameleira.

Faziam parte do Municipio as povoações de Alagôa Grande, Mujuçu, Guarabira, Bananeiras, Cuité e Pedra-Lavrada, algumas das quaes foram sucessivamente elevadas a villas e posteriormente a comarcas.

Areia foi elevada a Cidade por Lei Provincial de 18 de Maio de 1846.

Em Fevereiro de 1849 achando-se acampadas na Cidade as forças revolucionarias do Coronel Moraes, commandadas pelo Dr. Felis Peixoto de Brito, foram accommettidas pela columna legal ao mando do Tenente Coronel Falcão, e depois de um terroteio no dia 21 de dito mes, foram debandadas deixando alguns mortos, e feridos.

Em Novembro de 1874 o movimento denominado - quebra-kilo - chegou até a cidade, causando este triste facto estragos no archivo da municipalidade.

Areia é a patria do distinto e bem conhecido artista, Dr. Pedro Americo, cujo nome foi adoptado para denominação da rua, em que nasceu.

Topographia - A cidade situada sobre a estreita chapada de um dos mais elevados ramos da cordilheira que poderá ter de nascente a poente um quarto de legua de comprimento, é rodeada de magníficos horizontes, offerecendo ricas paisagens devidas a cadeia de serras e altios com suas encostas cobertas de lavouras, e valles regados de boa e abundante agua, que mana de cada gruta, e que tanto concorre para a fertilidade do solo, no qual reina perpetua verdura.

As ruas, acompanhando as situosidades das montanhas, são alinhadas, e offerecem bellos quadros por causa das praças e largos em diferentes pontos. A maior parte dos casos são terras, havendo uns 16 sobrados e entre estes alguns de bello aspecto.

Seus principais edificios são: a Matriz, obra de pouco gosto e que tem soffrido muitas transformações e reparos; a Capella de N. S. do Rozario e de Santa Rita, a de melhor gosto architectonico e que ainda está em obra, tendo já o altar-mor e em estado de celebrar-se; a casa da camara com cadea no andar terço; um theatro particular, o melhor da Provincia; um cemiterio espaçoso e amurado.

Tem diversos estabelecimentos commerciaes e industriaes, e cinco fontes publicas de excellente agua potavel.

População - O ultimo recenseamento dava uma população de quasi 27.000 almas, deve-se supor que actualmente vá além de 30.000.

Agricultura - A lavoura principal do municipio consiste na cultura da canna de assucar, algodão, mandioca, fumo, milho, feijão e café. Tambem se cultivam algumas especies de fructas, como: a laranja, limas, bananas, ananas e outras.

Os terrenos do Municipio, exceptuados os de criação, são optimos para a cultura do café, que já se vai estendendo em pequena escala. Si não fóra a formiga saúva, o Municipio seria abundantissimo de tudo quanto é fructa, e a cultura do café estaria muy adiantada.

Entre engenhos e engenhocas há no Municipio mais de cem.

Creação - A criação consiste em gado vaccum, cavallar, lanigero, cabrum e suino.

Industria fabril - A industria fabril consiste em assucar, rapaduras, aguardente, fumo de cõrda, farinha de mandioca, gomma de araruta, cal, obras de olaria, como telhas e tijolos de alvenaria.

Em alguns teares imperfeitos fabricam-se grosseiros tecidos de algodão para roupas, redes e cobertores.

Commercio - A exportação consiste em assucar, rapaduras, aguardente, algodão, fumo e cereaes. A importação consiste em fazendas, louça, vidros, ferragens e outros objectos de fabricas estrangeiras.

A exportação e importação fazem-se em maior escala por Mamanguape, Capital e Cidade de Goiana da Provincia de Pernambuco, donde se faz quasi toda a importação pelos portos de Goiana e de Mamanguape.

As feiras semanaes nos sabados são muito abundantes e concorridas. Nellas se encontram constantemente excellente carne secca, queijos, sóla e pelles cortidas, fructas e cercars.

Passa essa feira por ser a maior do Norte do Imperio.

Instrução - Há uma escola publica do sexo masculino e outra do sexo feminino, havendo uma outra particular tambem do sexo feminino. A aula de latim foi supprimida.

Há uma pequena bibliotheca particular denominada - Gabinete de Leitura - : suas obras são franqueadas aos que são socios, mediante modica retribuição.

Divisão ecclesiastica - O Município pertence a diocese de Pernambuco e se divide em duas parochias. A da Cidade sob a invocação de N. S^a da Conceição, erecta em 1813. A de Pilões, creada por Lei Provincial de 7 de Outubro de 1874 sob a invocação de Bom-Jesus. Os limites desta foram alterados pela Lei Provincial de 1^o de Julho de 1876, e restabelecidos os da primitiva criação por Lei Provincial de 16 de Dezembro de 1880.

Obras publicas - A Matriz, a casa da Camara Municipal com cadêa no andâr terreo, fontes d'agua potavel e um açude.

Curiosidades naturaes - No lado sul da serra do Algodão há uma gruta de forma irregular com o tecto formado pela rocha, de altura variavel entre 10 e 15 palmos, tendo de 16 a 20 palmos de largura, bem esclarecida pela luz que entra pela grande abertura da serra, e na qual encontra-se porção de ossada humana enterrada em areia finissima, que parece ter sido transportada para aquelle lugar pelos indigenas. Ali não penetra a chuva por que a coberta representa na cupola de uma só pedra. Dentro da gruta há primitivas e caracteres feitos com tinta encarnada. Os primeiros visitantes, haverá 8 ou 10 annos, encontraram esteirinhas, já apodrecidas, pequenas cruces de ossos e algumas varinhas com numerosos riscos de tinta encarnada, e outros objectos que bem revelam que aquella gruta era destinada a deposito dos cadaveres de alguma das tribus que habitaram nos campos do Curimataú, ornados de serras de interessante aspecto.

Para chegar-se a essa gruta há duas entradas de difficil acesso; uma pelo lado do norte, sendo preciso descer por uma enorme pedra inclinada tendo em baixo um grande abysmo e uma especie de degrão, da qual dando-se um passo a esquerda, piza-se na gruta, e um passo a frente importará lombar-se no abysmo; a outra entrada pelo lado do sul exige que o visitante se ponha a cavalleiro escarrapanhado sobre um lagêdo em uma grande altura, onde é impossivel soster-se em pé por causa da disposição e forma da rocha e sobre tudo pela impetuosa ventania que constantemente reina naquelle lugar.

Essa serra, bêm como todas as existentes no Curimataú, encerra muitas curiosidades e é extensa; em uma das extremidades da mesma encontram-se pinturas e caracteres de tinta encarnada. A serra demora ao poente da cidade em distancia de 8 leguas. No cimo há olhos d'agua doce, arvorêdo, casa e cultura.

A serra da Caxexa tambem offerce muitas curiosidades, grutas, olhos d'agua, abysmos e mineraes, como o ferro magnetico, em que muito abunda. Ahi tambem se encontram caracteres, e

figuras de tinta encarnada, bem como na pedra denominada do Naviô - entre a fazenda contíguas e volume, sítios no Município.

A serra do Caracá e da Bizerra também tem suas curiosidades consistentes em enormes pedras formando grutas mais ou menos profundas, e onde poderiam residir famílias inteiras.

No leito do Aracagy no lugar Pinturas em distancia de 4 leguas ao nordeste da Cidade há uns tanques naturaes, nos quaes se notam depressão e saliencias, que alguns querem que sejam artificiaes e as attribuem á trabalho dos indigenas, mas que parecem somente, produzidas pela acção das aguas.

Há em muitos lugares do Curimatá tanques naturaes, alguns dos quaes tem sido excavados, e são apreciados por servirem de depositos d'agua potavel. Nas excavações tem-se encontrado grandes ossadas, infelizmente estragadas, pela impericia dos excavadores. Uma dessas usadas bem colleccionada seria um presente de valor e apreço para qualquer Museu.

Seria conveniente que o governo, sem cuja intervenção nada se faz neste paiz de indolencia e sem iniciativa particular, incumbim alguem de obter colleção completas desses importantes fosseis importancia dos Museus e estudos respectivos. Quantas especies sepultadas entre as pedras e dilaceradas pelos rudes golpes do aluvião de alavanca em prejuizo da sciencia, que tantas explorações proveitosas teria a fazer em presença de taes fosseis!

Distancias - Da Cidade á Capital da Provincia, á sueste, 27 leguas.

Distancias ás povoações do Município - Á Lagôa do Remigio, ao poente, 3 leguas. Á Ararás, ao norte, 5 leguas. Á Pilões, ao nordeste, 5 leguas.

Distancias aos Municípios vizinhos - Á Cidade de Bananeiras, ao norte, 9 leguas. Á Villa do Couté, ao noroeste, 20 leguas. Á Villa do Alagôa Nova ao sudoeste, 3 leguas. Á Cidade de Campina Grande, ao sudoeste, 8 leguas. Á Villa do Ingá ao Sul, 11 leguas. Á Villa de Alagôa Grande, a sueste, 3 leguas. Á Povoação de Mulungú, ao navasente, 8 leguas. Á Povoação do Cuté, ao nordeste, 6 leguas. Á Villa da Independencia (Guarabira) ao nordeste, 8 leguas. Á Cidade de Mamanguape, a leste, 18 leguas.

Cidade d'Areia 24 de Abril de 1881.

Joaquim José Enrique da Silva.

PROVINCIA DA PARAHYBA
COMARCA DE CAMPINA GRANDE
DESCRIÇÃO DO MUNICÍPIO DE CABACEIRAS(*)

Aspecto geral - É este Município montanhoso em quasi todo o seu territorio, notando-se alternativamente pequenos campos, e uma pequena Matta do lado de Sueste, no lugar denominado "Matta Virgem" distante 18 legoas da Villa, limites da Provincia de Pernambuco.

Serras - As serras do Município, ao lado do Norte, são filiaes da de Borborema que se estende pelos Municipios vizinhos; entre ellas as que mais se distinguem pela extensão e altura são, Cacurité, Bodocongó, Monte, Corredouro, Aldeia e Fontainhas. Outras tambem notaveis existem ao lado do Sul, e são as de, Matta Virgem, Bonita, Ignacio Pereira, Cruz e Coronoió.

Rios e Lagôas - O territorio do Município é regado por dous rios principaes e innavegaveis, que são Taperoá, o qual tem suas nasenças nas fraldas da Serra da Borborema, e corta este Município em toda sua extensão de Nordeste á Sueste, recebendo outros menores, como sejam, o Santa Clara, e Boa Vista, que n'elle desembocam acima de Villa, o primeiro na distancia de tres legoas, lugar denominado Caroá, e o segundo na d'uma legoa, lugar chamado Veração, e o "Parahyba", que tendo suas nasenças ao lado Sudoeste, junta-se com aquelle (Taperoá) na distancia d'uma legoa abaixo da Villa (lugar chamado Floresta), onde formam ambas um só curso, indo desembocar no mar. Os referidos rios só contém agua corrente durante as estações invernosas, mas n'elles nunca faltam as agoas de péçcos e cacimbas.

Existem tambem diversas lagôas, mas de pequenos tamanhos e raras, cujas agoas, que recebem nunca alcançam d'um anno á outro; entre ellas as mais conhecidas e falladas são, ao lado do Norte as de Puxinanã, Cunhã, Serra, Matta, Vaquejadouro, Craibeira, Monte, Sacco, Campo de Bois, Junco, Malhada-Grande, Caissara, e Paos Brancos, e ao lado Sul as de, Pão da Embira, Mulungú, Peba, Pedra, e Capim.

Salubridade - O Município é geralmente salubre. Somente nos annos de 1856 e 1862, o colera morbus causou grande prejuizo na população, e depois, em 1877, a febre amarella na povoação de

(*) Villa de Cabaceiras, 16 de Maio de 1881.

Ilmo. Senr.

Accusando a recepção da carta de V. S^a daclada de 2 de Janeiro ultimo, em que pede informações fidedignas e numerosas sobre as circumstancias topographicas e historicas d'este Município, tenho a honra de passar ás mãos de V. S^a a inclusa resposta ao questionario que acompanha a citada carta de V. S^a, de conformidade com o modello que tambem remetteu.

O pequeno tempo que tive para dar a referida resposta, visto como a supra dita carta de V. S^a só me veio ás mãos nos ultimos dias do mes passado, em um Município como este, cuja extensão é de mais de vinte legoas, não me deu lugar a organizar um quadro completo de todas as municipalidades d'este Município, como era para desejar; mas com o auxilio d'outras pessoas aqui residentes podemos mencionar o que ha de mais notavel no Município, afim de que possa elle figurar no respectivo catalogo que tem de entrar para o prelo nos primeiros dias do mez de Junho, como declara V. S^a.

A exposição que remetto a V. S^a, não é pois um trabalho completo, pelas razões já expeditas, visto como para sel-o seria necessario dispor d'um tempo nunca menor de seis meses; mas creio que se prestará mais ou menos ao fim desejado, o que para mim será sempre uma gloria, por concorrer com um pequeno trabalho, abida que incompleto, para uma obra que julgo de grande utilidade ao Brasil. Se outras informações relativas julgar V. S^a necessarias, estarei sempre prompto á dal-as com a maior satisfação, quando por V. S^a ou outro em seu lugar forem exigidas.

Aproveito esta occasião para apresentar a V. S^a os meus protestos de mais elevada consideração.

Deus guarde a V. S^a

Ilmo. Senr. Dor. Benjamin Franklin Ramiz Galvão.

D. Bibliotecario da Biblioteca Nacional.

Manoel H. do Nascimento Araújo
Presidente da Camara

São Miguel, distante 7 legoas da Villa, ao lado do sudoeste. Em um ou outro anno, e nos tempos das primeiras chuvas apparecem casos de febres intermitentes.

Mineraes - Nos suburbios da Villa, do lado do Nascente ha uma mina de pedras de ferro e ima, em grande quantidade, e outra igual no lugar "Pedrinhas" distante duas legoas da Villa, para o lado do Sul, descobertas por um naturalista que por aqui passou á mais de 20 annos. O mesmo naturalista declarou, que tambem ha ouro, carvão e enxofre, mas isso precisa de verificar-se, o que não se tem feito. Existem tambem diversas e grandes minas de pedras de cal.

Madeiras - Ha diversas especies de madeiras de construcção e marcenaria as principaes são, baraúna, aroeira, craibeira, pau-ferro, jatobá, angico, cedro cumarú, louro, tambón, pau d'arco, e balsamo.

Fructas silvestres - Jaboticaba (nas serras do Corredouro e Cacurité), umbú, quixaba, joá, xique-xique, faxeiro, mandacari, uvaia, ameixa, combeba, e outras, com que se alimenta a polvora nos tempos de fome, tem acontecido por diversas veses.

Animas silvestres - Onças de tres especies, a saber, preta, pintada, e vermelha (sussuarana), guaxinim, porco do matto, veado, campineiro, raposa, maracajá, preá, mocó, gato do matto, macaco, maritafedo, tatís de diversas especies, furão e tamandua. Existem tambem cobras de diversas qualidades, sendo a cascavel a mais venenosa, cuja mordidella, quasi sempre produz a morte ao mordido.

Quanto as aves - ema, seriema, cordoniz, nambú, róxo, jacú, jurity, asa branca, rouxinol, pica pau, patto, marreca, periquito de diversas qualidades, papagaios, gavião e outros muitos de pequenos formatos.

As abelhas fornecem bom mel, taes são, jandaira, cantido, tubiba, cupira, cabeça branca, môça branca, jatý, sanharó, abreu, arapuá, exú, verdentro e capuçú.

A par d'estes insectos outros existem, como a saúba, muc prejudicial as plantações.

Nas primeiras chuvas costumam apparecer peste de largatos, que quasi devoram as primeiras plantações. Tambem apparecem pestes de gafanhotos, moscas e mosquitos prejudiciais as lavouras.

Historia - O lugar onde se acha edificada a Villa foi primitivamente um deserto. Os primeiros habitantes foram Domingos de Farias Castro e Antonio Ferreira Guimarães, casados com duas irmãs, d'onde procedeu a maior parte da população que habita o Municipio. Foram fundadores d'uma antiga capella ou caza de Oração, que já não existe, mas sabe-se o lugar onde era ella edificada, o qual marcava o meio da distancia de uma á outra caza, duas residencias, que foram as primeiras edificadas, cujos restos ainda se veem, sendo uma do lado do Norte e outra do Sul, da Villa, tendo d'uma a outra a distancia de 600 braças pouco mais ou menos. Disem os antigos que aquelles fundadores da referida capella combinaram-se em marcar o meio do caminho para a edificação d'ella, afim de que não tivesse de andar um mais do que o outro.

Topographia - Esta Villa está situada a margem direita do rio Taperoá, seu material é de oitenta e poucas casas mal alinhadas, entre as quaes se notam algumas soffríveis. O povoado, na parte em que se acha edificada a Igreja Matriz, occupa um cabeço de alto, a maior parte porem occupa um terreno plano, onde disem os antigos ter sido primitivamente uma lagóa, o que faz crer, por que cavando-se na profundidade de 2, 3 o 4 palmos encontra-se barro propriamente de lagóa; n'este terreno plano está edificada uma Capella de Nossa Senhora do Rosario.

População - Segundo o ultimo recenseamento, consta a população livre de sete mil e tantas almas, e a escrava de sete centas e tantas.

Agricultura - Com quanto quasi todo o Municipio seja destinado á creação, todavia ha plantações de cereaes, que produzem com vantagem quando são regulares as estações invernosas, o que nem sempre acontece, pois muitos annos escassos apparecem, e n'estes perdem-se as lavouras. As que se cultivam especialmente são, milho, feijão e algodão, isso com grandes despesas, por ser necessario fazer-se fortes cercas, afim de ampara-las dos gados.

Criação - A grande criação consiste em gado vaccum, cavallar, lanigero e cabrum.

A pequena criação limita-se a aves domesticas.

Pesca - A pesca nos rios dá somente para o consumo dos pescadores.

Comercio - A exportação limita-se a algodão e gado vaccum.

Instrucção - Para a instrucção ha actualmente no Municipio, apenas duas aulas publicas e duas particulares, todas do sexo masculino.

Divisão ecclesiastica - Pertence este Municipio a Diocese de Olinda, e contem a Freguesia de Cabeceiras, creada em 1834; e uma pequena parte da Freguesia da Barra de Natuba, cuja lei que a creou não foi encontrada aqui.

Obras publicas - Existe apenas n'esta Villa um pequeno assude por acabar, e o principio d'uma pequena cadeia. Existe uma casa de caridade feita sob a direcção do Pe. mestre Ibiapina, com donativos particulares, onde estão recolhidas porção de professoras, e destinada ao recolhimento e educação de orphãos desvalidos. Ali ha uma pequena fabrica de tecidos d'algodão, e fazem-se diversos trabalhos d'agulha. Tem a casa o seu patrimonio e sustenta-se do trabalho ali feito, e de esmolas, com que concorrem os habitantes não só d'este como d'outros Municipios.

Curiosidades naturaes - Na Serra do Corredouro se encontram, principalmente nos tanques, ossadas de animais extranhos, e de immensos tamanhos; immensas furnas, que feita a divida repartição é uma casa capaz para accomodar uma familia.

No lugar Loango, a margem esquerda do rio, vê-se uma pedra com o formato igual a um Altar, pelo que lhe dão este nome, é abaixo da Villa, na distancia de 10 legoas. No mesmo lugar existem inscriptos em grandes pedras umas letras vermelhas, que parecem naturaes pela consistencia. Os nomes são impercebiveis e dizem que são indigenas.

Distancias - Dista esta Villa da Capital da Provincia 47 legoas ao Sudoeste. As distancias ás cidades e Villas dos Municipios confinantes são as seguintes:

Á Cidade de Campina Grande, 12 legoas ao nordeste.

Á Villa de S. João, 7 legoas ao noroeste.

Á Villa de Vertente, 15 legoas ao sueste.

Á Cidade de Bom Jardim 22 legoas ao leste.

Á Villa do Ingá 21 legoas no nordeste.

Á Cidade da Madre de Deus, 18 legoas ao sudoeste.

PROVINCIA DA PARAIBA DO NORTE
COMARCA DE CAMPINA GRANDE.
DESCRIÇÃO DE CAMPINA GRANDE(*)

Aspetto geral - Do lado do sueste e norte, é este município mais ou menos montanhoso, e com quanto seja em geral composto de terrenos cultivados, ha diversas matas de madeiras de construção marcenaria. Ao este, é geralmente plano, e se compõe de campos para criações de gados de toda qualidade. Todo o município acha-se na chapada ou platô da Borborema, que atravessa de sul a norte, com diversas ramificações em outras direções, e dista do mar cerca de trinta leguas, contadas desta cidade.

Serras - Estando todo o município no platô da Borborema, as serras que existem nela são todas ramificações da mesma; entre as quaes, destacam-se as serras: Bodopistã, que com diversas denominações atravessa esse município, e as de Cabacuras e Inagã, a do Armada, Pandahira e outras.

Rios e Lagoas - Seu territorio de nascença á diversos rios, mas nenhum deles navegavel. O Cinimatahi, que nascendo nas fraldas da serra Jandahira desemboca no mar, na provincia do Rio Grande do Norte, formando poporde Cumani, com o curso de 45 léguas mais ou menos, corta esse município do poente a nascente, recebendo diversos tributários, o rio Mamanguape, que nasce no Alagoa Salgada, e desemboca no mar, nesta provincia, com 34 leguas de curso; limita-se esse município com o de Alagoa-Nova, tem tambem seu curso de poente a nascente. Fora esses dois rios, que lansam-se no oceano, ha diversas outras correntes ou antedulcos torrencias de menos de vinte leguas de curso que procuram o rio Paraíba do norte ao sul e leste, e o Mamanguape e Curimatahi ao norte taes como, o Araçagi, Santa Clara, Santa Rosa, Bidoconga, Inagã e outros os quaes todos nascem nesse município. Ha grande numero de lagoas, mas todas pequenas, e a maior parte so conservando agua na estação da chuva, entretanto destaca-se a lagoa-Sagrada, com meia milha de comprimento, e pouco mais ou menos outro tanto de largura, donde se extrai o sal.

Salubridade - O município é geralmente salubre, entretanto tem reinado febres em certas epochas. Em 1856 e 1862 o colera-morbus causou grande prejuizo a população.

Míneraes - Os míneraes mais usuais são: a pedra de construção, pedra calcaria e barro de olaria. Consta que em algumas partes ha christal e gesso.

Madeiras - Ha muitas especies de madeiras de construção e marcenaria. As principaes são: barauna, arucaia, angico, jucá, pereiro, cumari, juema, sucupira, balsamo, cédro, gonçalo-alves, pequiã, lourno, craubeira, pau-d'arco, massarandiba, jatobá, e outras.

(*)Paço da Câmara Municipal da cidade de Campina-Grande, 20 de junho de 1881.

Il. Exm. Sr.

Esta Câmara acusa o recebimento do officio de V. Excia. datado de 2 de janeiro do corrente anno, ao qual acompanhou a um questionário, afim de que esta Câmara fornecesse informações fidedignas e minuciosas sobre as circumstancias topograficas e historicas desse Município. Encluso neste encontrará V. Excia. uma exposição resumida do que exige, seguindo-se o mais possivel o referido questionario. Pode esta Câmara a V. Excia. dispensa de responder um pouco tarde ao seu citado officio.

Um guarde V. Excia.

Ilmo. Exmo. Sr. Dr. Benjamin Franklin Rantiz Calvão

Muito Digno Bibliotecario da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

José André Pereira d'Albuquerque-Presidente

João Antonio Francisco de Sá

Dionizio Affonso Desou

João José da Silva Courinho

Alexandrino Cavalcante e Albuquerque

Frutas silvestres - Cajá, gniaba, aração, guabiraba, araticum, jaboticaba, imbu, cumati, camucá, maracujá, ubaia, quichaba, murta, pitomba, massaranduba, aração, juá e outras. Destas algumas são cultivadas.

Animas silvestres - Caititu, veado, onça, coelho, preá, moró, maracajá, rapouso, maritaca, fede, macaco, sagui, cutia, quachimim e diversas especies de tatus. Quanto as aves, encontram nas matas: araquam, jacú, zabele, mambú. Nos campos ha ema, seriemas, corduvir. Ha papagaio, maracanan, e periquitos de diferentes especies. As aves cantoras são: sabiá, canario, curupião, canção, galo de campina, grauna, checeo, cahúa, rouxinol. As abelhas fornecem excelente mel taes são: ouicú, jandahira, tobiba, copira, jati, arapua, ranudo, moça branca, ou rajada, amarela, amoreco ou ambó, enxu, enxuy, capuchu, mombuca, pimenta. A par destes insetos, outros ha, como a formiga-sauva, que prejudica a lavoura.

Nos rios e assudes pescam-se diferentes especies de peixes, como: curimatão, traíra, jundiá, piaba, cará.

Historia - A cidade de Campina foi primitivamente uma aldeia de indios Cariris. Em 1770 foi ereta em freguesia sobre a inovação de Nossa Senhora da Conceição, a 20 de abril de 1790 foi mudada a categoria de vila. Passou a cidade pela lei provincial do ano de 1864.

Topografia - Esta cidade ocupa terrenos mais ou menos ondulados, as ruas são largas e tortuosas umas, retas outras. A excepção de três, todas as suas casas são terreas. Seus principaes edificios são a Igreja Matriz, a de Nossa Senhora do Rosario, Forum ou casa da Camara, e a cadeia. É cercada por diversos assudes, sendo um deles de grande volume d'agua. Ha diversos estabelecimentos comerciais e industriais.

População - A população do municipio é superior a vinte mil almas, das quaes mil e duzentas escravas. Desta população, habita a cidade mais de duas mil pessoas. Existe no municipio as povoações de Fagundes, Queimadas, Boa Vista, São Francisco, Passinhos, São Sebastião, Marinho e Mulungú, todas as quaes, excetuadas as duas ultimas, tem capelão.

Agricultura - Lavoura. Consiste na cultura de cana de açúcar, milho, feijão, arroz, e principia-se a cultivar o café. Também cultiva-se as seguintes especies de frutas: banana, laranja, lina, romão, pinha, gratiaba, cõndesa, ananaz, melão, melancia, jaca, manga, abobora, e outras frutas ortencis, alem de diversos legumes.

Criação - A grande criação consiste em gado vacum, cavalar, lanigero, cabrum e suíno. Ha diversas fazendas que se occupam desta industria. A pequena criação limita-se as aves domesticas, como galinhas, guiné, pato, pirú, ganso. Pesca. A pesca nos assudes e rios, não dá para o consumo.

Industria fabril - A industria fabril consiste em açúcar, rapaduras, fumo, farinha de mandioca, algodão em pluma, obras de olaria, como sejam: louças de barro, telhas e tijolos de alvenaria e ladrilhos. Ha na povoação de Passinhos desse municipio de educandas orfãos em numero superior a oitenta, instituída pelo Padre mestre Ibrapina, onde se fabricam diversos tecidos de algodão.

Comercio - A exportação limita-se a açúcar, cana, fumo, farinha de mandioca, gado vacum e cavalar. A importação consiste em ferragens, vidros, louças, panos e outros objetos de fabricas estrangeiras, e sabão de fabrica nacional, na capital desta provincia.

Instrução - Para instrução primária ha duas escolas Publicas do sexo masculino, e duas do sexo feminino, além de cinco aulas particulares.

Divisão Eclesiastica - Pertence esse municipio a Diocese de Olinda, e todo elle forma uma so freguezia, criada no ano de 1770, ignorando-se a data precisa do alvará de criação: Ha mais criadas civilmente duas freguezias cinco leguas ao sul, e a de Nossa Senhora da Conceição de Passinhos, seis leguas ao ponde, as quaes tem o poder Eclesiastico se recusando a dar instituição Canonica.

Obras Publicas - Forum ou Paço da Camara Municipal, um dos melhores Provincias, cadeia publica e quartos assíduos.

Curiosidades Naturaes - Ha no lado meridional da serra da Cauçira uma Pedra alta de forma piramidal, denominada pelo vulgo *Pedra da Letra*, onde se encontram diversas caracteres exculpidos ou gravados na mesma pedra.

Distancias - Distã essa cidade da capital da provincia 30 leguas ao oeste. As distancias das vilas e cidades dos municipios confinantes são as seguintes: á vila de Alagoa-Nova cinco leguas ao norte.

Á cidade d'Arcaia, nove leguas ao norte.

Á vila de Alagoa-Grande, nove leguas ao nordeste.

Á vila do Ingã, oito leguas ao leste.

Á vila de Cabaceiras, douze leguas ao sudoeste.

Á vila de São João, desenove leguas ao oeste.

Á vila do Cuité ou Borborema, vinte três leguas ao noroeste.

PROVINCIA DA PARAIBA DO NORTE
COMARCA DE POMBAL
DESCRIÇÃO DO MUNICÍPIO DO CATHOLÉ DO ROCHA(*)

Aspecto geral - Este município divide-se em duas partes: a oriental que é de uma vasta planície; e a ocidental que é em geral montanhosa.

Serras - As serras deste município são: "Água branca", que fica ao Norte desta vila, a uma legua de distancia: divide este município com o da Imperatriz da Província do Rio Grande do Norte:

A serra "Três cabeços", situada ao noroeste desta vila e a seis leguas de distancia: divide também este município com aquele.

A serra do "Sipó", situada ao nordeste desta vila, e a onze leguas de distancia: divide este município com a de nominação de serra de "João do Vale".

A serra "Brejo do Cruz", situada ao leste desta vila e a seis leguas de distancia.

Todas estas serras são agrícolas: e nelas se encontram diversas especies de madeiras de construção e marcenaria.

A de "João do Vale" oferece uma vista por de mais agradável, devido a sua posição topografica, só, e isolada no meio de uma vasta planície que a circula.

Rios - O territorio deste município é regado por diversos rios, e reachos que só contem agua durante a estação das chuvas. Entre esses os principaes são: O "Reacho de Poços", com desesseis leguas de curso, a contar de suas cabeceiras no lugar "Olho d'agua do Arruda" pelo lado do norte, até o rio "Piranhas" no município do Principe do Rio Grande do Norte, onde ele e todos deste município fazem suas embocaduras.

O rio "Poço da Cruz" com doze leguas de curso que tem suas cabeceiras nas quebradas do lado do sul da mesma serra "Água branca" e que banha parte desta vila, onde foi denominado pelos gentios reachos do "Jon" e por cujo nome ainda hoje é conhecido.

Na planície esses sulcos torrenciases formam no curso ilhas lateraes, a que se dá o nome de baixios, que são umas matas mais ou menos espessas, as quais, cercadas, prestam-se a agricultura, reunindo assim esta parte a dupla vantagem de criação e plantação.

(*)Paço da Camara Municipal da Vila do Catholé do Rocha 2 de junho de 1881.

Il.^{mo} Ex.^{mo} Sr.

Tendo em vista o officio de V. Excia. dirigido a esta Camara em janeiro deste ano, e que graças ao desleixo das repartições do correio nesta provincia, só a poucos dias veio a ser recebido, passa esta Camara a responder:

Conco da bem e utilidade do empenho de V. Excia. esta camara, conforme o pouco tempo que teve empenho-se em ministrar a V. Excia. os dados topograficos e históricos de seu município, como junto verá.

Sente que para empenho tão grande e patriótico não pudesse ela corresponder talvez aos desejos de V. Excia. ou pela tardia resposta, ou pela má relação, que tomará, por assim dizer, obscuro o sentido, de modo que pela leitura não se possa ver como os ulhos do entendimento a desenção fiel dos lugares. O que porém, pode asseverar a V. Excia. é que a verdade não foi sacrificada, embora o sentido seja obscuro. Esta Camara pois confessa-se grata a V. Excia. e aproveita a ocasião para oferecer-lhe seus originaes servicos, fazendo votos para que

Deus guarde a V. Excia.

Ilmo. Exmo. Sr. Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão,

Digno Bibliotecario da Biblioteca do Rio de Janeiro.

Delniro Alves Maia - Presidente

Panfiro José d'Almeida - Vice Presidente

Candido Antonio d'Araujo Barreto

Manoel Alvaro de Freitas

Rochail Ferreira Maia.

Nessas ilhas ou baixios fazem-se grandes represas ou açudes, que servem para banhar os terrenos alem, e aquem deles, e distante criam e produzem diversas especies de plantações, ainda nas épocas das grandes secas periodicas, a que estamos sujeitos, e como a que vimos de atravessar a qual veio por isso firmar-nos nossos animos a convicção de que o fabrico desses açudes é uma necessidade imperioza, por quanto eles ja não são para os seus proprietários, como outrora se julgava pequenos auxiliares, mas o unico recurso a que se apoiam nessas épocas adversas.

Salubridade - Este municipio é geralmente salubre. Raras vezes aprechem algum caso de febre amarela. A colera-morbus que por duas vezes o atacou não se atreveu invadir esta vila.

Madeiras - Encontram-se aqui diversas qualidades de madeiras de construção e marcenaria e dentre elas são principaes: jeca ou pau-ferro, pau-d'arco, cedro, aroeira, angico, gonçalo-alves, cumarú ou umburana de cheiro, umburana, oity, cajazeira, piquiá, jatobá, oitísica, pitombeira, pereiro, louro, caroba, jurema-branca, balsamo, camauba, canatistula, inharré, ingazeira, caraubeira, pau de serrote, violeta e timbauba.

Miscraiv - Ha em alguns logares, pedreiras de cal, e quasi em toda parte, pedras de construção e barro de olaria.

Frutas silvestres - Cajú, goiaba, araçá, cajá, oiti, jatobá, pitomba, juá, murtá, veludo, ubaia, trapiaá, ameixa, maracujá e genipapo.

Animaes silvestres - Caitatú, viado, garapú, onça, maracajá, gato do mato, raposa, tamandua, tatu de diversas especies, maritacas, turão, papa-mel, timbú, mocó, prúa, macaco, sagui e coelho.

Aves: encontra-se na planice e nas montanhas grande diversidade de aves e dentre elas distinguem-se: ema, siriema, jacú, urubú, urubú-rei, caracara, gavião, acaunho, canjá, bacurau, papagaio, periquito, arara, maracanã, azulão, canario, corrupio, xexeu, galo de campina, papa-sebo, João de barro, corró peitica, vemvem, papa-lagarta, asa-branca, aves de reibação, juruti, pombinha, mambú, corduniz, sericoia e pica-pao.

Nos açudes e rios encontram-se as seguintes aves: Putrião, ou pato d'aza branca, jaburú, marreca, paturi, mergulhão, galinha d'agua, jaçaná, teléo, garça, lavandeira, massarico, frexa-peixe e açaxadeira.

As abelhas conhecidas aqui são: Jandaíra, tubiba, moça branca, enxú, enxuy, capuchú, abreu, nembucá, e limão.

Os rios e açudes fornecem varias especies de peixes, bem como: curimatá, piau, cará, traíra, cascudo, piranha, cangati, peixe-branco e muçú.

História - Esta vila foi primitivamente uma fazenda de gados, situada em tempo mui remotos pelo Tenente Coronel Francisco de Oliveira Rocha, que depois, edificou uma capela com a invocação de Nossa Senhora dos Remedios, padroeira desta freguezia. Em 1824 seis centos habitantes deste municipio, tendo a sua frente Bellarmino de Armada Camara, José de Sá Cavalcante, Francisco Alves Maia e Manoel Alves Maia, gritaram aqui, a Republica e levantaram uma bandeira com a inscrição "Confederação do Equador" mas esse grito que naquele tempo soou em diversos pontos do norte do Brasil foi para logo abafado pela Monarquia que nos rege e seus promotores victimados á grande perseguição, mas sendo por ultimo anistiados, aqueles o foram por sua ves.

Esse desmoroamento da população ou essa guerra civil, e a seca que sobreveio-lhe em 1825 arruinar o progresso deste municipio.

Foram por tanto precisos onze anos para dar mais um passo, e chegar por isso a ser erecta dita capela freguezia e vila em 1835, e como tal separada do municipio de Pombal a que pertencia e de cuja comarca ainda está dependente, visto ter passado a categoria de comarca em 1829, mais ainda não ter sido provida.

Topografia - Esta vila está situada a margem direita do Riacho do "Jon" ou Rio "Poço da Cruz" sendo sua maior parte no declivio de um pequeno monte, e a menor em uma curta planice proxima as margens do mesmo Rio, que a banha naquela parte.

Nas épocas de inverno regulares aparece neste rio, a quatro centas braças de distancia - um olho d'água, denominado pelos gentios "Coiaçú", o qual saindo de seu leito forma durante a seca uma corrente que torna esta vila pelo Norte aureolada de diversos sitios nos quaes a cana de açúcar e os coqueiros da praia, além de outras plantações, vegetam com viço e vigor, parecendo que a natureza, não satisfeita da fertilidade que dispensara a todo seu sólo, doara-lhe mais aquela corrente, não só para maior graça e beleza de sua vista, mas ainda para melhor proveito de seus habitantes que dali tiram, em todos os tempos diversos frutos e verduras, de que os mais logares do sertão se acham privados.

E tanto a natureza se esmerou nessa sua protecção, que destacou da serra "Água-branca" um alto pico, coroado de rochas, como que para obter, qualquer desvio do riacho do "Jon" ou do corrente do "Coiaçú", e mostrar-lhe o caminho, que para maior beleza desta vila, e melhor serventia de seus habitantes, devia seguir.

A aquelle gigante de pedra vão os laureados e brilhantes raios do sol, e os da lua palidos e cheios de fulgores, primeiro do que a tudo render uma homenagem reconhecida.

As suas ruas são, pela maior parte, torturozas.

Todas as casas são terreas e de má construcção, como que os habitantes, as construissem para, por assim dizer, se abrigarem por enquanto das intemperies do ar.

Tem a penas um edificio, se bem que não acabado, digno de attenção o qual é a nova matriz, situada na parte plana, que é de boa construcção, e consideravel grandeza.

A fora este existe na parte mais elevada a velha capela e matriz, cuja pequenez e deterioramento denuncia e funda sua antiguidade.

É ali que ainda se celebram as praticas e officios religiosos.

População - A população livre deste municipio, antes da seca, calculava-se em 4.000 almas, e escravas em 1000 almas, mas hoje não se pode definir ao certo a que resta.

Agricultura - Lavoura - Consiste na cultura da cana de açúcar, mandioca, tabaco, algodão, milho, arroz e feijão. Também se cultivam diversas especies de frutas, como goiaba, cajú, araçá, laranja, lima, romã, banana, ata, ou pinha, ananaz, melão, melancia, aboboras, e outras frutas nortenses além de diversos legumes.

Industria fabril - A industria fabril consiste em açúcar, aguardente, fumo, farinha de mandioca e de milho, e obras de olaria, como sejam louças de barro, telhas e tijolos.

Comercio - A exportação limita-se a farinha de mandioca, arroz, milho, algodão, e gados vacum, cavalos e muar.

A importação consiste em todos os objetos de fabricas estrangeiras, e mais o café, cuja cultura aqui não é ainda usada, se bem que prezuma-se produzir com vantagem.

Instrução - Nesta vila ha apenas duas cadeiras de ensino primário, de ambos os sexos mas que não corresponderão nunca a expectativa geral pelo mau e protegido preenchimento em todos os tempos.

A instrução aqui, pois, atinge a dos tempos idos.

A população por assim dizer pela maior parte, desconhece o papel e nunca viu a livro algum.

Divisão Eclesiastico - Pertence este municipio a Diocese de Pernambuco e divide-se em duas parochias: uma que é a de Nossa Senhora dos Remedios desta vila, e a outra de Nossa Senhora dos Milagres do Brejo do Cruz.

Esta povoação situada a seis leguas desta vila, ao pé da serra "Brejo do Cruz" em uma elegante e arenosa planície é de agradável aspecto. Do cumo a planta da serra vê-se ali grandes rochas que a semelhança de cobertores pareça quererem evitar qualquer afronta dos raios e tempestades.

Correm por sobre essas rochas durante a estação das chuvas grande abundancia de aguas, e estas, ondulações que de longe se divisão nas rochas, abandonam aqui e ali seu leito rígido, e quebram se mais logo com um estrépito monotonico e sonoro - até irem beijar as plantas do gigante, e dali despejam num grande tanque ou pequena bacia, que rodeada de arvores, sempre florescente as

espera ansiosa. Além desta paróquia existem três capelas, situadas em pequenos povoados, e são: a do Belem a Nordeste, e a sete leguas de distancia, a da Conceição, também ao Nordeste e a quatro leguas de distancia, e do Jerichó ao Sul e a seis leguas de distancia.

Distancias - Dista esta vila da capital da provincia noventa leguas ao este.

À cidade do Principe, 16 leguas ao leste.

À vila do Triunfo ou Campo-grande, 18 leguas ao nordeste.

À cidade da Imperatriz, 10 leguas ao norte.

À cidade de Souza, 18 leguas ao sudoeste.

À cidade do Pombal, 12 leguas ao sul.

PROVINCIAPARAHYBA DO NORTE
COMARCABANANEIRAS
MUNICIPIO.....CUIITÉ(*)

Aspecto geral - É o Município geralmente montanhoso e coberto de matas.

Mar e portos - Não existe por ser central.

Ribas - Não existe.

Serras - Existe uma denominada Borburema, que se estende de Sul a Norte, de um a outro lado pelos Municípios vizinhos.

Rios e lagoas - Seu território é regado por três rios; taes são Curimataú, Jacú d'Orphãos e Acanhã, os quaes só contem agua durante a estação do inverno. Ha tambem deversos lagos que enchem e secão segundo as estações, sendo as principaes a lagoa denominada de Fora, a lagoa do Meio, Montevedio, e a lagoa Secada as quaes impportancia alguma tem por não conservarem em tempos em si as aguas.

Salubridade - O Município é geralmente salubre, apennas tem sofrido d'algumas epedemias, bem como em 1856 do colera-morbus, e da febre amarela em 1878 mais que ambas pocas estragos fiserão em comparação a outros municipios.

Mineraes - Os mineraes mais usuais são a pedra de construção e o barro d'olaria e pedra Calcaria e se há outros ainda não forão descobertos.

Madeiras - Há muitas especies de madeiras de construção e marcenaria. As principais são: urucieira, pau d'arco, carabeira, cumani, angico, pereiro, balsamo, jatobá, jurema, barauna, louro e sedro.

Fructas silvestres - Cajá, goiaba, jaboticaba, maracujá, rivaia, ameixa, pitomba, ambú, chixala, juá, cumati. Destas são algumas cultivadas.

Animas silvestres - Cactitu, viado, onças maracajá, raposa preás tatus de diversas especies.

Quanto a aves, encontrão-se em deversos lugares do municipio as seguintes: ema semiema, zabelê asa branca, rolas, inhabus, araras, papagaios, maracanãs, periquitos, os quaes prejudicão muito as plantações com especialidade o algodão couvilho por ser em grande abundancia. As aves cantoras são o sabiá, caruna canario curupião gallo de campina pinta silgo e sanhaçu.

As abelhas fornecem excellente mel, sendo jandaira, tabiba, canudom, rajada, amarela, e jati. A

(*)Paço da Câmara Municipal do Município do Cuiité, em sessão ordinaria de 25 de Abril de 1881.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Senr.

Esta Câmara sempre sollicita e ajuda a promover e ajudar a promover o bem estar do Paiz em tudo o seu progresso, fá na parte da revellização das lebas e já nas artes e em tudo mais quanto é proveitoso aos interesses dos brasahires que pugnaõ e anhelão no mesmo progresso, pelo que tendo a distincta honra em receber officialmente de V. Exc.^a o modelo em que se dignou apresentar a Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro afin de poder organizar a geographia e estoria do Paiz, encluso adhari a descripção d'este Município e conforme sua exigencia.

Desculpe V. Exc.^a se por ventura esta Câmara deichou de cumprir regularmente o formato de sua descripção, visto como lhe faltão os meios de melhor poder organizar.

Deus Ce. a V. Exc.^a fizesamente,

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Senr. Dor. Benjamin Franklin Ramis Galvão.

Digne^o bibliothecario da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.

Amaro Estrozião dos Santos

Presidente

Antonio Venancio dos Santos

Manoel Galdino de Macêdo

Antonio Paulino de Medeiros Dantas

Francisco Ferr^o Pimenta

par destes insectos outros há como a saúba, mui prejudiciaes as plantações.

Historia - Esta Villa foi em principio uma pequena povoação creada em 1760 pelo Coronel Caetano Dantas, o qual edificou em suas terras uma Capella com a invocação de Nossa S^a das Merceis, a quem consedeu o patrimonio de meia legoa de terra em quadro, foi erecta em Freguesia em 1800 não se sabendo por que lei foi ella criada e nem o dia de sua criação; passou a cathegoria de Villa por Lei Provincial no anno de 1854 e como tal separada do Municipio de Bananeiras a quem pertencia.

Topographia - Esta Villa está situada na mesma serra Borburema com o nome de Cuité, quando descoberta, toda se haxa sobre planicie. As ruas são geralmente tortuosas, e largas; mas outras se observão estreitas e retas. A maior parte das casas são terrias, havendo dous sobrados seus principais edificios são a Igreja Matriz, a Capella do Semiterio, se não existe em principio de edificação uma outra Igreja para Matris.

População - Segundo a população não se pode bem calcular, em consequencia das muitas mudas e retiradas dos habitantes por causa da crise de 3 annos de seca, apenas pode-se bem calcular no numero de 5 mil almas e a escrava em 400. Desta população habitão a villa, mil almas comprehendendo tambem alguns escravos neste numero.

Agricultura - Lavtura: Consiste na cultura do algodão, milho, feijão, mandioca, arros, tabaco, canna de assucar. Tambem se cultivão algumas especies de fructas: laranja, lima, banana, ata ou pinha, melão, melancia, gerimum, abobora e batata de deversas especies.

Criações. A grande criação consiste em gado vaccum, cavallar, muar, lanigero, cabrum e suino. Há deversas fazendas que se occupão desta industria. A pequena criação limita-se a aves domesticas.

Industria fabril - A industria fabril, consiste em assucar, aguardente, fumo, farinha de mandioca e de milho, obras de olaria como seião louças de barro, telhas e tijollos de alvenaria. Há tambem uma pequena fabrica de tecidos de algodão.

Comercio - A exportação limita-se ao algodão, couros salgados, assucar, farinha de mandioca, milho, solla, e gado vaccum.

A importação consiste em fazendas, secos e molhados e outros objectos de fabricas estrangeiras.

Instrução - Para a instrução primaria há duas esculas do sexo masculino, alem de algumas particulares.

Divisão ecclesiastica - Pertence este Municipio á Diocese de Pernambuco, e divide-se em ~~três~~ Parochias, uma das quaes está encluida na Villa. As outras duas são: A de S. Sebastião do Triunpho 6 legoas ao este, creada por Lei Provincial de 1872.

A de Nossa S. da Luz de Pedra Lavrada 12 legoas ao Sul, criada por Provincial de 1858.

Obras Publicas - Não existe.

Curiosidades naturacs - Não existe.

Distancias - Dista esta Villa a Capital da Provincia 50 legoas ao nascente.

As distancias as villas e Cidades do Municipio confinantes são as seguintes:

A Cidade de Bananeiras 20 legoas ao nascente.

A Cidade d' Areia 20 legoas ao Sul.

A Cidade do Jardim 18 legoas ao Este.

A Villa do Acari 12 legoas ao Norte.

A Villa d' Araruna 12 legoas ao nascente.

DESCRIÇÃO DO MUNICÍPIO DE MISERICORDIA(*)

Aspecto Geral - Do lado do Norte, do Oeste e do Sul é este Município bastante Montanhoso, e coberto de matas. A leste compõe-se de grandes planícies.

Serras - As serras, que formão as partes montanhosas do Município, fazem parte da serra grande, e esta da Borborema, que se estende de um a outro lado pelos Municípios vizinhos.

Rios - Se o territorio é regado sómente por um rio, que se denomina Piancó, na estação invernoza; o qual, nascendo das fraldas da serra grande, despeja em outro rio, que desemboca no Assú da Provincia do Rio Grande do Norte.

Salubridade - Este Município é geralmente salubre; mas á margem do rio apparecem depois da estação chuvoza, algumas febres benignas. Em 1862 o colera morbus cauzou grandes prejuizos á população.

Madeiras - Ha muitas especies de madeiras de construcção e de marcinaria. As principais são: sedro, pau d'olio, pau d'arco, pau ferro, masçaranduba, aroeira, barauna, gonçalo alves, jathobá, angico, jurena, balçamo, pequiá, inharé, tatajuba, inburana, côcão, carnaúba, violeta, cumarú, catingueira, e pau-amarelo.

Fructas Silvestres - Maracujá, Pitomba, Cajá Umbú, Genipapo, (especie de côco) e Juáz.

Animais Silvestres - Onça, Cutia, Viado, Tatú de diverças qualidades, Tamanduá, Gato, Rapoza, Maritacaca, Macaco, Saguim, Furão, Papa-mel, Preás, Mocóz, e Cutias.

Das Aves - Encontrão-se nas matas as seguintes: Pato, Marréca, Zabelé, Carão, Calça, socó, gavião, caracará, corduniz, nambú, papagaio, maracanã, periquito, pombas de deverças qualidades, jacú, cma, síricma, curuja, canção; algumas das quaes prejudicão muito as lavouras.

As aves cantoras são - O sabiá, canario, carama, sofreu, bentevi, galo de campina. As abelhas fornecem excellente mel; as quaes são: Amandacaiá, o arapuiá, o canudo, a tubiba, o manduri, o breco, o sanharó, a mumbuca, a cupira, o jati, o inchú, o capuchú, e o inchuim.

No Rio se pescão as seguintes especies de peixes: Curimatá, trahira, piau, branquinho, cangati, piranha, e mais deverças qualidades de peixes miudos.

Historia - Esta villa de Misericordia foi primitivamente uma povoação, a qual fóra elevada a Freguezia em 1860, e a cathogoria de Villa em 1863, e por acto do Exm^o Senhor Presidente da Provincia, foi elevada á sede da Comarca do Piancó em 1872. De 1877 a 1880 este Município sofreu uma terrivel secca que aniquillou grande parte de sua população.

Topographia - Esta Villa está situada a margem esquerda do rio Piancó sobre uma planicie que offerece uma vista pitoresca, principalmente para o lado do rio. Suas ruas são geralmente direitas, e largas, cujas cazas são todas terreas. Seus principaes edificios são: a Matriz, o Paço da Camara Municipal, o Comercio, e o Semiterio com uma Igreja do Coração de Maria.

Ha deverços estabelecimentos commerciaes.

População - Consta a população do Município de 10000 (dez mil) almas, incluindo 251

(*)Paço da Camara Municipal da Villa de Misericordia, 10 de Setembro de 1881.

Ill^{mo} Senr.

Em resposta ao officio de V. S^a datado de 2 de janeiro de 1881 encluzo remetto a V. S^a a descripção deste Município de Misericordia, organizada de conformidade com o modelo, que V. S^a se dignou fornecer-me.

Peço a V. S^a que se digne desculpar-me os erros, que encontrar na referida descripção.

Deus Guarde a V. S^a

Ill^{mo} Senr. Dor. Benjamin Franklin Ramiz Galvão

M. D. Bibliothecario.

O Prez^o

Bellarmino de Souza Moreno

escravos, 157 dentre livres. Desta população habitão esta Villa 2.000 almas (incluindo seus suburbios).

Da segurança individual e de propriedade - Hé hoje lizongeiro o estado de segurança individual, e de propriedade neste Municipio, tendo deminuído consideravelmente o crime e a fraude, graças as autoridades superiores da Comarca.

Agricultura - Lavoura - Consiste na cultura de cana de assucar e rapadura, mandioca, tabaco, algodão, milho, arroz, feijão favas, e também se cultivão algumas especies de fructas as quaes são: laranjas, de deverças qualidades, limas de deverças qualidades, bananas de deverças qualidades, goiabas, pinhas, condeças, mangas, graviolas, côcos, araticum, mamão, ananaz, melão, melancia, aboboras, gerimuns, figos, caju, batatas, limões e outras frutas hortences.

Criações - Ha grande criação consiste em gado vaccum, cavallar, lanigero, cabrum e suino. A pequena criação limita-se a aves domesticas.

Pesca - A pesca dá somente para o consumo.

Industria Fabril - A industria fabril consiste em rapadura, assucar, aguardente, fumo de corda, farinha de mandioca, obras de olaria, couro, louças de barro, telhas, tijolos e alvenaria. Há também fabricas de tecidos de algodão.

Mineiras - Us mineiras consistem em ouro, xumbo, ferro; cuja abundancia maior consiste em umas minas descobertas pela companhia Ingleza Tasso e Companhia & em 1860 no lugar - Caxueira deste termo limitrophe com a Provincia de Pernambuco, donde o referido Tasso extrahio uma grande quantidade de ouro.

Commercio - A exportação limita-se em rapadura, aguardente, fumo de corda, arroz, algodão, gado vaccum, cavallar, solfa e couro. A importação consiste em ferragens, café, vellas, sabão, vidro, louças, fazendas (panos), assucar, bolaxas, bebidas, espritozas, e outros objectos de fabricas estrangeiras.

Instrução Publica - Para a Instrução primaria ha duas escolas; uma do sexo masculino, outra do feminino, e mais quatro particulares no Municipio.

Divisão Eclesiastica - Pertence este Municipio a Dioceze de Pernambuco, a qual se divide em duas Parochias. A desta Villa, que é de Nossa Senhora da Conceição de Mizericórdia, e outra da Conceição do mesmo nome, situada á margem esquerda do rio Piancó, ao oeste sobre uma planície que offerece uma vista bella; e alem destas há sete pequenas povoações, cuja situação é da maneira seguinte:

5. Boa Ventura, situado a margem direita do mesmo rio Piancó ao sul; Paulo Mendez, situado á margem direita do mesmo rio ao sul; Monte Video, situado sobre a serra grande ao poente; Sant'Anna, situada á margem do riacho do mesmo nome, ao sul, afluente do rio Piancó; a lagoa Nova, situada sobre a serra de São José, que faz parte da Borborema, ao sul; São José, situado sobre a serra do mesmo nome, ao sul; Patos, sobre a mesma serra de São José ao sul.

Obras Publicas - Paço da Camara Municipal, e a Casa do Commercio.

Distancias - Dista este Municipio á Capital da Provincia 98 legoas. Este Municipio limita-se com o Termo do Piancó a leste distante desta Villa 2 legoas; ao norte com o Termo da Cidade de Souza, Cajazeiro da Provincia da Parahiba, distante desta Villa 10 legoas; a oeste com o termo de Milagres da Provincia do Ceará distante desta Villa 18 legoas; ao sul com o Termo de Villa Bella da Provincia de Pernambuco, distante desta Villa 18 legoas com o Termo do Triumpho, da mesma Provincia de Pernambuco, ao sul distante desta Villa 16 legoas (Pajeú), e com o Termo do Piancó também ao sul distante desta Villa 16 legoas. Dista esta Parochia da Conceição 13 legoas, a qual foi elevada á Freguezia em 1871.

Distancias aos povoados - Dista esta Villa a São Boa Ventura 3 legoas a Paulo Mendes 4 legoas; a Monte Video 8 legoas; a Sant'Anna, 10 legoas a Alcoa Nova 14 legoas; a São José 14 legoas, e a Patos 16 legoas.

PROVINCIA DA PARAHYBA DO NORTE
COMARCA E MUNICIPIO DA VILA DE SÃO JOÃO DO CARIRY(*)
DESCRIÇÃO DO MUNICIPIO DE SÃO JOÃO DO CARIRY

Aspecto Geral - Este município está colocado sobre o platô da serra da Borburema tem ao sul, poente e norte uma cadeia de montanhas cobertas de matagais, sendo o mais terreno geralmente plano coberto de extensos campos, interceptados de matas expensas e frondosas nas varzêas dos rios, riachos ou correços.

Mar e portos - Não existem.

Ilhas - Não existem.

Serras - As serras ou elevações que formão a parte montanhosa do município com todo seu terreno fazem parte da Borborama, que se estende de uns a outros lados pelos municípios e provincias vizinhas.

Os principaes picos ou elevações são: ao norte - serra da Carneira, Pião (ponto mais culminante do município), ao poente Serra-negra, Almas, Conceição, Jatobá, Martinoré (tambem denominada Serra-branca), e Angico, ao sul: Jacarará, Acaby, Júa, Costela, Barriguda, Pará, Coré, Emgabela, Corôa-branca, e Escurinha, e ao nascente: Mariçóva e Cabeça de Cavallo.

Rios e Lagos - Seu território é sulcado por diversos rios, ou riachos, sendo principaes - o Paperêa, Bom-Sucesso, Timbauba, Batalhãu, Campo-Grande, Aredeco (tambem denominado São José), e Martinoré, que, reunidos desaguam no Paraíba, o de maior importância do município e mesmo da Provincia; os quais na estação invernosa trazem grandes e precipitadas enchentes, porem, na entrada do verão cortam todos. São mais ou menos piscosos especialmente o Paraíba, que nascendo nas fraldas da serra do Jabitaca do município de Alagoas do Monteiro, recebe diversos tributários corta este município em toda sua extensão de poente a nascente.

Lagoas não existem.

Sauidade - É muy saudavel o seu clima, e geralmente fresco com especialidade no fim da estação invernosa, sendo todavia o ar inchuto e temperado, e como tal, de longa data recomendado contra tizica.

As hemorróides, intoxicações de cobras venenosas, e em certas estações do ano apoplexias,

(*) Ilmo. Snr.

Respondendo o officio de 2 de janeiro do corrente, em que por parte da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro V. Excia. sollicita informações ou respostas fidedignas e minuciosas do questionário topografico e histórico deste município, a Camara Municipal desta vila, tem a honra de passar á V. Excia. no memorial junto as informações pedidas.

Neste trabalho serviu-se de notas autenticas colhidas nos incompletos arquivos da municipalidade, no do Ecclesiastico e de informações fornecidas pelo Dr. Elias Ellaco Eliseu da Costa Ramos, que tem escrito a respeito.

Aproveitando o ensejo a Camara Municipal pede desculpa de não poder enviar á Biblioteca Nacional um memorial mais minucioso e completo como era á desejar, e simultaneamente seu presidente retribuindo as manifestações de apreço, tem a subida honra de se oferecer no que á bem do serviço publico, ou particular interesse de V. Excia. a quem

Deus guarde por anos.

Faço da Camara Municipal da Vila de São João, em 1 de junho de 1881.

Ilmo. Exmo. Sr. Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão

Muito Digno Bibliotecário da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Hidelfonso da Costa Ramos - Presidente
Minervino Villar de Carvalho
Antonio de Farias Franca
José de Souza Lima
Manoel Gauvencio Correia de Queiroz
Benedito de Barros Ramos

afecções do fígado, especialmente febres biliosas, que as vezes tomão o caracter tipico são as molestias que mais afetam os habitantes. Em 1856 e 1862 grassou o colera-morbus, e em 1871 e 1878 febres de mal carater.

Minerais - Os mais conhecidos são a pedra de construção, a calcaria, barro de olaria e sal comum; tambem consta existir minas de ferro, algum enxofre, salitre, ouro, cristal e outros.

Madeiras - Ha muitas especies de madeiras de construção e de marcenaria. As principaes são: arueira, angico, pau-d'arco, pau-branco, pereiro, massaranduba, jatoba, balsamo, choram, carahybeira, cumarú, cedro, louro, gonçalo-alves, jectay, pau-ferro, pau-pedra, canatistula, timbaúbeira, cajarana, jurêma, tatajiba, menoró, umburana, catingueira e outras.

Frutas silvestres - Umbú, quichaba, ameixa, cajú, goiaba, ata, jaboticaba, camucá, cambuim, pitomba, massaranduba, jatobá, mandacari, tacheiro, chique-chique, , ycú, maracujás, camapuns, gugoia, melancia, aboboras, e outras: sendo algumas cultivadas.

Animacs indígenas - Caititus, onças, veados, mecós, préas, guachimina, gatos do mato, de diferentes qualidades, maritafédes, furão, papa-mil, tembu, tamanulua, lagartos, e tatus diversos. Existem diversas especies de aves, encontram-se nas matas e serras, a ema, simiema, jacú, inhambú, urubú, cracará, acanaá, curujas, morcegos e outras especies de rapina. Nas aguas encontram-se garças, sucós, jaburús, patos, marrecos, de diversas e variadas cores. Canturas, são as principaes, o caratuna, canário, corrução, azulão, rouchinol, pinta-silgo, sabia. Tambem araras, papagaios, maracanães, periquitos, sendo alguns prejudiciais, e outras a criação.

Ha diversas especies de abelhas e exús, que produzem excelente mel, sendo as principaes a jandahyra, cabeça-branca, jaty, yrypuá, limão, canudo, exú, verdadeiro, capuchú, tubiba, moça-branca, mosquito verdadeiro, sanharó, e exuy.

Cobras - O cascavel (de entoxicação sempre lethal) a salamandra, a cobra-veado, a sorucucú, jararacas, coral, guaipivas diversas e outras muitas qualidades.

A par destes insetos ha outros muitos, inclusive a saua e a mutuca prejudicial aos animaes.

Nas aguas tambem se pesca a curimataã, trahira, jundiá, cangaty, goiamum, piaba e outros.

Historia - A vila de São João do Cariry, segundo a tradição, teve principio no seculo passado, com a denominação de Povoação da Travessa. Sua capela da invocação de Nossa Senhora dos Milagres, foi elevada em 3 de abril de 1750 a categoria de Matriz, com a denominação de Parochia de Nossa Senhora dos Milagres, apelidada vulgarmente por Matriz de Cima. Ignora-se a data de sua fundação. Por alvará de 17 de abril de 1776 foi elevada a julgado com a denominação de Julgado do Cariry de Fóra. Por outra de 3 de abril de 1798 foi mandado criar a vila com a denominação de vila de São Pedro, em atenção do nome do Regente então em Portugal; porem em 5 de maio de 1803 o Ouvidor Geral da Capitania, estabelecendo a vila, deu-lhe a denominação de Vila Real de São João do Cariry, em homenagem a D. João VI então Regente de Portugal; ficando assim criado o município, que foi desmembrado do Pilar a que pertencia. Com a fundação de Cariry-novo na provincia de Ceará foi cognominado este Sertão com a denominação de Cariry Velho. Mais tarde, por lei nº 27 de 6 de julho de 1854 foi elevada a Comarca com a numeração de 4ª que por lei nº 19 de 10 de outubro de 1857 passou para 5ª da Provincia, e por lei de 16 de setembro de 1858 a denominação de São João.

Topografia - A vila está situada á margem esquerda do rio Taperóá em terrenos elevados. As ruas são geralmente tortuosas e largas. A maior parte das casas são terreas, havendo apenas dois sobrados. Seus principaes edificios são: a Matriz (uma das melhores da provincia), o Paço da Camara Municipal, casa do mercado e o cemiterio. Ha diversos estabelecimentos comerciais.

Alem da vila existem no município diversas povoações sendo as principaes: ao norte Timbauba a 4 leguas de distancia; Soledade a 12 leguas; ao poente; Pombas á 4 leguas, onde existe um bom edificio com a denominação de casa de caridade, mantendo cerca de cem orfãos invalidas, erecta 1867 as expensas da caridade particular, sob a direção do Padre e Dr. José Antonio Maria Ibiapina, e sem auxilio algum dos cofres publicos, - Batalhão a 10 leguas, povoado florescente, cortado de diversas estradas, com especialidade a que vindo dos Sertões da provincia do Piaui, corta a provincia

do Ceará, e ésta de poente a nascente, seguindo para a capital desta provincia e a da de Pernambuco: ao sudoeste - São José á 7 leguas; Jericó (antiga Serra-branca), a 4 leguas; e, ao sul Congo a 14 leguas e Caraubas a 10 leguas: havendo em todos 1 á 2 igrejas, e cemitérios.

População - Segundo o recenseamento, feilo em 1872, contava ser a população livre de 15.372 almas, e a escrava matriculada então 2.404 achando-se aquella hoje aumentada e esta diminuída, em consequencia de repetidas vendas para fora da provincia. Desta população habitam a vila 1.500 almas, comprehendendo 30 escravos.

Agricultura - Lavoura. Consta na cultura de mandiocas, tabaco, cana, algodão (de superior qualidade), feijão, arros, etc. Tambem se cultiva algumas especies de frutas: laranjas, limas, bananas, ata, romã, melão, melancia, mamão, aboboras e diversas leguminosas.

Criação - O município é essencialmente criador, sendo sua criação a mais avultada da provincia e onde mais gados ficou depois da seca de 1877; consistindo ella em gado vacum, cavalari, muar, cabrum, lanigero e suino. Todas as fazendas se occupam desta industria, especialmente nos anos mais secos quando é preciso preparar a macambira, chique-chique, mandacari, tacheiro e outras espinhosas para alimentação e engorde dos gados. A pequena criação limita-se a aves domesticas. A pesca é muito limitada.

Industria fabril - A industria fabril consiste no fabrico de queijos, cortumes de peles, obras de couro, fumo em rolos, rapaduras, aguardente, farinha de mandioca, louça de barro, telhas e tijolos de alvenaria, fabricas de redes e outros tecidos de algodão.

Comercio - Apenas se faz a exportação de algodão, couros e gados vacum, cavalari, muar, lanigero e cabrum; todos em crescido numero.

A importação consiste de fazendas, ferragens, vidros, louças, café e outros generos de estiva, inclusive objetos de fabrico estrangeiro.

Instrução - A instrução primaria é dada em uma escola publica, e seis particulares para o sexo masculino, e outra publica e duas particulares para o sexo feminino; isto depois da seca calamitosa que acaba de passar, quando as circunstancias financeiras da provincia obrigam a suprimir diversas escolas publicas. Existe tambem um collegio particular onde se ensinam os preparatorios exigidos nos estabelecimentos de instrução superior.

Divisão eclesiastica - Pertence o município á diocese de Olinda, e consta de uma só parochia com a denominação de Nossa Senhora dos Milagres do Cariry de Fora que, como já se disse, foi erecta em 3 de abril de 1750.

Obras publicas - O paço da Camara Muairipal, a casa de caridade, 10 igrejas e cemiterios.

Curiosidades naturacs - Nas nascentes do rio Paperóá, 60 kilometros ao noroeste desta vila, ha o poço Mucuitú com 2 quilometros de extensão havendo lugares que tem apenas 1 metro de largura (formando circulos concentricos), com profundidade não sondada, cortando uma parte da serra, formando assim um amfiteatro de pedras, em geral com pintura entevessiveis de tinta vermelha, representando alguns animaes, instrumentos e letras não intelegiveis. O pico da Serra-Jua, notavel por sua altura e escarpados de pedra, e o da Serra-Pico, de que ja se falou. Existem nas diversas serras ou elevações enumeradas muitos olhos de agua doce, salobra, salgada, e até um de agua tépida; assim como se encontram pinturas, hieroglificas e em algumas furnas ossadas de esqueletos humanos, que a tradução diz terem sido cemitério dos indigenas. Ha em diversas passagens de riachos, nos serrotes falhados, lugares apropriados para se construirem grandes represas.

Distancias e limites - O município limita-se ao norte com a Provincia do Rio-Grande do Norte, e municipios do Cuité, e Campina Grande; ao sul com a Provincia de Pernambuco, o município do Alagoas do Monteiro; ao nascente com os municipios de Campina Grande e de Cabaceiras; e ao poente com a Provincia de Pernambuco, e os municipios Texeira, Patos e Santa Luzia do Sabugy, sendo todos os municipios apontados desta provincia.

Distancias - Esta vila está distante da capital da provincia 50 leguas ao poente.

As distancias ás vilas dos municipios confinantes são os seguintes:

- 1 - À cidade do Jardim Província do Rio Grande do Norte 25 leguas ao norte.
- 2 - À cidade de Campina-Grande 18 leguas ao nascente.
- 3 - À vila da Borborema 23 leguas ao norte.
- 4 - À vila de Cabraceiras 7 leguas ao nascente.
- 5 - À vila de Brejo da Madre-Deus província de Pernambuco 26 leguas ao sul.
- 6 - À vila de Vertentes da mesma província 22 leguas ao sudeste.
- 7 - À vila de Alagoa do Monteiro 22 leguas ao sudoeste.
- 8 - À vila de São José Província de Pernambuco 22 leguas ao poente.
- 9 - À vila do Texeira 22 leguas ao poente.
- 10 - À vila de Patos 25 leguas ao noroeste.
- 11 - À vila de Santa Luzia do Sabugy 22 leguas ao noroeste. A sua maior extensão é de cerca de 200 quilômetros, sendo a de este ao oeste de 132 quilômetros.

Paço da Câmara Municipal da Vila de São João do Cariry, em 1 de junho de 1881.

Ildefonso da Costa Ramos - Presidente

Benedito de Barros Ramos

Manoel Cavencio Correia de Queiros

José de Souza Lima

Antonio de Farias Franca

Minervino Villar de Carvalho

RIO GRANDE DO NORTE

Desta Província 11 cidades responderam ao questionário: Acari, Angicos, Apodi, Arês, Açu, Imperatriz, Jardim, Mossoró, Pau dos Ferros, Touros e Triunfo.

PROVINCIA DO RIO GRANDE DO NORTE
MUNICÍPIO DO ACARY(*)
COMARCA DO JARDIM
DESCRIÇÃO DO MUNICÍPIO DO ACARY

Aspecto geral - Do lado do Nascente e norte é este Município montanhoso; o resto do município é mais ou menos plano.

Serras - As serras que formão a parte montanhosa do Município são a cordilheira da serra de plantação denominada Serra de Santa Anna de Leste a Oeste pelo lado do Norte, que faz parte da Serra da Burborema, que se estende de um e outro lado pelos municípios vizinhos.

Rios - Seu território é regado de Leste a Oeste pelo rio Achauam, e seus afluentes, que nasce dos campos de Matheos Bizzera, e desemboca no rio Piranhas, e só contem agoa durante o inverno.

Salubridade - O município é geralmente salubre, mas apparecem em todos os tempos varios casos de febres de diverços caracteres. Em 1857 a cholera-morbo e a variola cauzarão grandes prejuizos á população.

Mineraes - Os mineraes mais usuaes são: a pedra de construcção e de cá, o barro de ofaria tudo em grande quantidade. Tambem existe enxofre gesso, e uma pedra preta e pesuena que emita ferro, assim como pedras de amianto.

Madeiras - Ha varias especies de madeiras de construcção e de marcenaria. Bem como, angico, aruceira, pau d'arco, baratina, louro, tatajuba, gitahi, sedro, crabiheira, cumarú e jurema.

Fructas silvestres - Cajú, goiaba, pinha, melão, melancia, mamão, côcos, gerimuns, e bananas em grande quantidade, laranja, cajarana, pitomba, maracujá, umbú, estas quatro ultimas somente no inverno, as quaes são algumas cultivadas.

Animaes silvestres - Onças, tigre, pintada e suçuarana, maracajá, raposa e gato do matto os quaes prejudicão muito as creações, caitatús, viãdos, tatús de deferentes qualidades, furão, papa mel, mocós e priaes.

Quanto as aves encontrão-se nos mattos, emas, siriemas, jacú, jacurutú, gavião e carcará que muito destroem as creações meídas, urubús, papagaios, maracanans, priquitus e passarinhos de invenças qualidades, os quaes prejudicão muito as lavouras. As aves cantôras são, o sabiá canario, passarinho preto e corupião.

As abelhas fornecem excellente mel; taes são a jandahira, canudo, tobiba, rajada e amarela. Nos rios se pesca a fratira, piatu, curimatam, cangati, cascudo, piranha e diverços peixinhos meídos.

Historia - A Villa do Acary, foi primitivamente uma povoação creada em 1738 pelo sargento mór Manoel Esteves de Andrade, o qual edificou nas suas proprias terras uma capella no sertão do Seridó, no lugar do Acary com a invocação de Nossa Senhora da Guia, por ficar distante de seu curato de Piancó oito dias de viagem.

(*)Nota da Camara Municipal da Villa do Acary em Sessão ordinaria de 11 de Janeiro de 1886.

III^{mo} Sr.

Em cumprimento a ordem de Sua Ex^a o Sr. Presidente da Provincia em circular de 15 de Dezembro ultimo, remettendo um questionario para sê respondido, a Camara remette a Biblioteca Nacional, a topographia deste Município, pedindo desculpa pela imperfeição do trabalho visto não ter o preciso conhecimento.

III^{mo} Sr. Director da Biblioteca Nacional da Corte.

Deus G^o a V. S^a

Antonio Biserra de Albuquerque Calvão, Presidente.

Manoel Alberto Santos.

Antonio Honorato de Araujo.

João Nepomuceno da Silva.

João Clementino da Silva.

Por Lei provincial de 13 de Março de 1835 foi elevada a categoria de Villa e como tal separada do Municipio do Principe.

Topographia - Esta villa está situada á margem direita do rio Achauam, lugar elevado. As ruas são poucas sendo largas e algumas estreitas. As cazas são terras. Seus principaes edificios, são duas igrejas, a Matris, e a ermida de Nossa Senhora do Rosario, o cimiterio, a casa da camara e cadeia.

Ha alguns estabelecimentos commerciaes.

População - Segundo o ultimo recenseamento de 1873 consta a população de 11.350 almas livres e a escrava de 150. Desta população habitam a villa 200 almas comprehendidas 5 escravas.

Agricultura - Lavoura - Consiste na cultura de milho, feijão, arròs, mandioca, batata, algodão. Tambem se cultiva algumas especies de fructas, cajú, goiaba, pinha, melão, melancia, cocos, girimum, pitomba, maracujá, laranja, banana, tumbú, cajarana, as quaes são algumas cultivadas, além de diversos legumes.

Creações - A criação consiste em gadu vacuum, cavallar, mUAR, lanigero, cabrum e suíno.

Industria fabril - A industria fabril consiste em farinha de mandioca, milho, feijão, arròs, algodão e algumas especies de fructas como já fica dito.

Commercio - A exportação limita-se em algodão, gadu vacuum em pé e morto, couro, solia e queijo. A importação consiste em ferragem, vidros, louças, fazendas, farinha, café, assucar, rapadura, bacalhau, feijão, arròs e bulaxas. Os generos são exportados em geral para Pernambuco, Brejos, Macahiba nesta provincia, Macau e Mossoró, d'onde vem quasi todos os generos importados. Para fora do Municipio o transporte é feito por costas de animaes.

Instrução - Para a instrução primaria ha 3 escollas do sexo masculino e 3 do feminino.

Divisão ecclesiastica - Pertence este Municipio á Diocese da Pernambuco, e se divide em duas Freguesias, e são a do Acary, como já fica dito erecta em 1738, e a de Curraes Novos, por Lei provincial de 20 de Fevereiro de 1884, a 5 leguas ao Nordeste desta Villa. A Capella de Flores á 10 leguas ao noroeste desta Villa, edificadas aquella em 1809, e esta em 1864.

Divisão policial - O municipio conta uma delegacia; trez subdelegacias, a do Acary, com 13 quarteirões, a de Curraes Novos com 13 quarteirões, a de Flores com 10 quarteirões.

Obras publicas - Paço da Camara municipal, e cadeia.

Rendas - As rendas municipaes são constituídas pela imposição do subsidio de 1\$000 rs. sobre cada uma rez morta para o consumo, de 80 reis sobre cada uma carga de qualquer genero exposta á venda, no mercado publico excepto o algodão, 200 reis sobre cada um animal cabrum, ovelhum e de 500 reis sobre os suínos expostos a venda, de 6\$000 reis sobre as casas que venderem aguardente na Villa e 5\$000 reis nas povoações, multas por infracção de posturas, barbatões, disimo de meunças vivas e aferições de pezus e medidas; no ultimo quinquenio as rendas municipaes subirão a 6:553\$410; no ultimo exercicio subirão a 1:185\$140 reis.

A Collectoria geral rendeu 467\$655 reis e a provincial 6:656\$000.

Distancia - Desta Villa á Capital da Provincia 50 leguas ao Nordeste.

As distancias ás Villas e Cidades dos Municipios são as seguintes:

Á Cidade do Principe 12 leguas ao Este.

Á Cidade de Jardim 5 leguas ao Sudoeste.

Á Leste com as Villás do Picubi e Cuité na Provincia da Parahiba, com 8 e 14 leguas.

Á Villa de Santa Cruz com 16 leguas a Leste.

Á Villa de Santa Anna do Mattos com 14 leguas ao Norte.

Passo da Camara Municipal da Villa do Acary em sessão ordinaria de 11 de Janeiro de 1886.

Antonio Biserra d'Albuquerque Galvão. Pres.^o

Manoel Alberto Dantas

Antonio Honorato de Araujo

João Nepomuceno da Silva

João Clementino da Silva

RESPOSTA AO QUESTIONARIO
PROVINCIA DO RIO GRANDE DO NORTE
COMARCA DE MACAU
DESCRIPÇÃO DO MUNICIPIO DE ANGICOS(*)

Aspecto Geral - O Aspecto visual é alegre, se bem que não seja nivelado; do lado do Norte se compõe de ariscos, cujas terras tem a propriedade agricola e pertencem ao Estado; assim como dos lados do Leste, Oeste e Sul é composto de pedregosos taboleiros.

Serras - O pico do Cabugi, o mais considerado da Provincia, por sua elevação; a Serra do Bomfim ou Fuzis, e Serra Verde que São Agricolas; a Serra da Manissoba, Serras de Santa Rosa e Serra do Lombo menos notaveis que fazem igualmente parte do Municipio.

Rios - Com a denominação de rios, que só contem agua durante a estação invernos, taes são os chamados rio Patachú, rio do Amargáso, e rio do Cearámerim, os quaes nascendo nas quebradas das Serras denominadas = Santa Rosa = atravessão o Municipio, isto é, o primeiro vai desembocar no fallado rio Assú; o segundo desemboca no Porto da Cidade de Macau; e o terceiro no Porto denominado = Praia de Ginipabú.

Quanto a Lagoas nenhuma ha digna de menção.

Salubridade - O Municipio é geralmente Salubre.

Mineraes - Os mineraes mais usuaes são: a pedra de construção, e barro de Olaria; constando tambem que há o ferro no Pico do Cabugi, assim como pedra calcarea, da melhor qualidade, em abundancia nos suburbios desta Villa.

Madeiras - Ha diferentes especies de madeiras de construção e Mercenaria, que apesar de não serem consideradas de maior importancia; toda via tem sua serventia para os fins a cima mencionados. As principaes são: a carnauba, aroeira, angico, comarú, jucá, caraúba, pereiro e imborana.

Fructas Silvestres - cajú, goiaba, pinha, maracujá, timary, pitomba, carnauba, e quixaba. Destas

(*) Ill^{mo} Senr.

A Camara Municipal da Villa de São José de Angicos, da Provincia do Rio Grande do Norte, a quem por intermedio do Ex^{mo} Senr. Presidente da Provincia, foi presente o Officio de V. S^a datado de 2 de Janeiro proximo passado, que acompanho o exemplar do questionario organizado pela Bibliotheca Nacional, estabelecida em a Capital do Imperio, para esclarecimento de assumptos concernentes á historia e geographia do Paiz; tomando na mais dovuta consideração, prestar informações intelligigas e nuncioneas sobre as circumstancias Topographicas e historicas deste Municipio, como lhe cumpre, attento as reconhecidas vantagens que offerece um trabalho de tanta magnitude, como este de que se trata, procurou obter aquellas informações de pessoas idoneas desta localidade, afim de que no devlto tempo, pudesse as mesmas achar-se no Rio de Janeiro, em resposta dada ao questionario alludido, como effectivamente o fáz esta Camara com a maior satisfação, na prezente Sessão, passando incluso neste as mãos de V. S^a, a referida resposta, que com a precisa exação foi organizada, de conformidade com os dados que obteve, e offerece o resumo historico deste Municipio.

A Camara Municipal desta Villa, agradecendo as honrosas expressões com que V. S^a se dignou honra-la; aproveita a occasião, não só para pedir desculpa das fallas, que por ventura possam ser encontradas no trabalho que lhe foi confiado, como para apresentar a V. S^a os protestos de sua estima e elevada consideração.

Deus Guarde a V. S^a

Paço da Camara Municipal da Villa de São José dos Angicos, em Sessão extraordinaria de 2 de Maio de 1881.

Ill^{mo} Senr. Dor. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, M. D. Bibliothecario da Bibliotheca Nacional, do Rio de Janeiro.

Manoel Fernandes da Rocha Bezerra, Prís.^{de}

José Avelino Martins Bezerra, Viriador

José Mathias X.^{et} da Costa, Viriador

Trajano X.^{et} da Costa, Viriador

Manoel Paulino da Costa Pinheiro, Viriador.

algumas cultivadas.

Animas Silvestres - Caititú, veado-garapú, peás, onças de diversas especies, gato do matto e rapôsa.

Quanto as aves encontram-se nos campos a ema, jacú, inhambú, papagaio, rabações e periquito, os quaes muito prejudicão as lavouras. As aves cantoras são; o sabiá, o canario, caraúna, corupião e gallo de campina. As Abelhas fornecem excellente mel; taes são: a jandahira, papaterra, canudo e o arapuá; a pár d'estes insectos outros ha, como a lagarta sempre prejudicial as plantações. Nos denominados rios e açudes, se pesca a corimata, trahira e outras especies de peixe, chamado d'agoa dôce.

Historia - Esta Villa de São José dos Angicos, foi primeiramente uma Fazenda de criar gados pertencente ao abastado proprietario Tenente Antonio Lopes Viegas, cujo nome de Angicos, tirou de uma porção de arvores do mesmo nome que n'aquelle tempo existia na circunferencia do Olho d'Agua que se acha encravado no riacho denominado = Olho d'Agua = poucos metros abaixo da mesma Villa.

Observa-se que o referido Tenente Antonio Lopes Viegas, casou-se em uma familia denominada = Costa Xavier = sendo elle d'outra familia, cuja ramificação era = Dias Machado. Pelo corrê dos tempos, isto é, em 1813, lembrando-se um filho do sobredito Tenente Lopes, com a mais familia de edificar uma Capella, que consumarão-a em breves tempos, afim de celebrarem, quando necessario, os Officios Divinos.

Em 1816, achando-se no Rio de Janeiro, o Tenente Coronel José Correia d'Aranjo Furtado, requereu em nome dos Angicanos, ao Ministro do Reino, naquella epocha, ser a mesma Capella elevada a Freguesia Parochial, como ponto central; cuja supplica mandou o Ministro, não só informar ao Vigario da Freguesia do Assú, a que pertencia, como á respectiva Camara, hoje Municipal, informando esta a favor d'Angicos, e aquella, por despeito a favor de Sant'Anna do Upanema, actualmente Villa do Triumpho. Com semelhantes informações, seguio para Corte o fundador da capella = Tenente Antonio Lopes Viegas Filho, que chegando ali, ficou infelissimamente maniado, encontrando o Reverendo Padre João Theotônio de Sousa e Silva, que lhe disse procurar a Freguesia para Angicos, e vir nella collado, recebendo por isso os mesmos papcis.

O Ministro deferindo favoravelmente a supplica, collou ao referido Padre João Theotônio, trasendo a sua Provisão á Commissão de declarar a Séde da Matriz, em um dos dois lugares qual d'elles fosse o mais Central = Angicos = ou Sant'Anna = sem traser a clausula = do Upanema.

Em 1824, chegando o mencionado Vigario João Theotônio, a Sant'Anna do Mattos (que não fez parte das informações) ahí a emperthos declarou a Séde da Freguesia, ficando a Capella desta Villa, filial áquella, assim como a de Guamaré.

Pelo corrê do anno de 1834, o Conselho de Provincia, propôz ao Governo Geral a Criação de cinco Villas, e este aprovando ordenou ao Presidente que então era o finado *Manoel Lôbo de Miranda Henriques*, de saudosa memoria, a criação das mesmas em Conselho do Governo, foi nesta occasião elevada esta Povoação á Villa, ainda assim com o voto de qualidade d'aquelle distincto Presidente; por que três Conselheiros votarão para Sant'Anna do Mattos, e dois para Angicos, sendo nesta occasião o sobredito Presidente *Lôbo*, orientado de todo o occorrido pelo Conselheiro José Fernandes Carrilho, que unido ao conselheiro finado Capitão-Mor André d'Albuquerque Maranhão votarão para = Angicos =.

Semelhante acto de Justiça, desafiou as iras do finado Vigario João Theotônio de Sousa e Silva, que em virtude do = Acto Adicional de 12 d'Agosto de 1834, foi elle eleito Membro á Assembleia Provincial, e em sua reunião em 1835, pôde suprimir a mesma Villa, por Lei Provincial n.º 26, de 28 de Março de 1835.

Nesta epocha correrão os negocios tão agitados, que por pouco, esteve a ponto de tremular o Estandarte Sangrento da guerra civil; e tomando conta da Presidencia o Conselheiro João José

Ferreira d'Aguiar e retruindo-se a mesma Assembleia, em sua Falla d'arbertura, nada deixou a desejar, mostrando a inconveniencia de similhante Lei, toda caprichosa e até odiosa.

Com effeito a referida Assembleia meditando a revogou, instaurando esta Villa, como fez pella Resolução Provincial nº 9, de 13 de Outubro de 1836.

Ainda no anno de 1847, soffreu esta Villa, uma supressão, toda caprichosa, que teve lugar sob a influencia do finado Coronel Jeronimo Cabral Pereira de Macêdo, sendo a mesma instaurada pela segunda vêz em 1850; em cuja categoria ainda permanece.

Topographia - Esta Villa está situada á margem esquerda do Rio Pata-chó. Nome de antiga tribu de Indios, que pararão por estes Sertões. A Villa occupa a maior parte de um terreno plano e arenôso de = 800 = metros em quadro.

Conta-se duas pequenas ruas, largas e bem arcejadas, e mais três aliamentos de boas casas que formão o Adro da Matriz, bonito e decente edificio. Ao Nordeste confronte a mesma acha-se a cadeia Publica ainda em Obra, tendo bõa sala livre, onde funciona a Camara Municipal. Ao Sueste, no mesmo quadro está a casa do commercio edificada ultimamente as expensas dos soccorros publicos, que embora não concluída, de muito tem servido - não só para comodo dos viajantes, como aos negociantes do lugar e seus suburbios. Ao Levante - vê-se o Alto e Magestoso = Pico do Cabogi = que similhante ao antigo Telegrapho nos annuncia as chuvas pelos cumulos de nuvens em sua mais elevada extremidade, onde por singularidade, com difficuldade, foi collocado um Poste com o respectivo apara raio. Ao Leste Septentrião e ocidente, observão-se diversos serrotes de granito que concorre ao longe para formar-se da pequena Villa mais avultada ideia. Do centro da situação observão-se diversas casas de telhas, dos maiores Altos Monte-Alegre, Favella, Espirito Santo, Coração de Jesus e Fazenda Nova, propriedades e benfeitorias dos mais abastados do lugar. Finalmente ao Oeste - 100 - metros das ultimas casas, encontra-se o Açude do Celeriôse Senhor São José Padrociro da Freguesia, edificado pelo Reverendo Ibiapina, nas Missões de 1862, obra actualmente em ruínas, que serve apenas para conservar a frescura do terreno, util aos plantadores de vasantes.

População - Segundo o ultimo recenseamento, consta a população livre de - 5.500 - almas, e a escrava de - 180. Desta população apenas habitão á Villa - 300 - almas, comprehendidas, 13 escravos.

Agricultura - Lavoura - Consiste na cultura de mandioca, algodão, milho, arrós, feijão, melão e melancia, alem de diversos legumes. Criação - A grande criação consiste em gado vaccum, cavallar, lanigero, e cabrum. A pequena criação limita-se a aves domesticas.

Industria Fabril - A industria fabril é de pouca importancia actualmente consistindo apenas em pouca farinha de mandioca, obras de Olaria, como seão louças de barro, telhas e tijolo de alvenaria; ha tambem tecidos grossos d'algodão.

Commercio - A exportação é pouca e limita-se ao algodão e gado vaccum; devida esta escacez aos effeitos da calamitosa secca de 1877 a 1879. A importação tambem é de nenhuã importancia, limitando-se a pequena negociação de molhados e fazendas.

Instrução - Para a instrução primaria ha duas escolas, sendo uma do sexo masculino criada por Resolução Provincial no anno de 1833, e uma do sexo femenino criada por Lei Provincial nº 497, de 4 de Maio de 1860.

Divisào ecclesiástica - Pertence este Município á Diocese de Olinda, e contam uma só Parochia denominada = São José dos Anjos = a qual desmembrada da de Sant'Antonio dos Mattos, foi criada por Resolução Provincial no anno de 1836; e tem sido administrada por três Vigarios, sendo dois encomendados e um collado = os Reverendos Manoel e Antonio dos Santos Moraes Pereira Leitão, Manuel Januario Beserra Cavalcante, e Felis Alyes de Sousa - pelo primeiro de 1836-1839; pelo segundo de 1839-1844; e pelo terceiro finalmente de 1844 até o presente.

Obras Publicas - Paço da Camara Municipal, a casa do commercio e o rimiterio.

Distancias - Dista esta Villa da Capital da Provincia 42 legoas.

As distancias ás Villas e Cidades dos Municipios confinantes são os seguintes:

À Villa de Sant'Anna do Mattos, 8 legoas, ao Sudoeste.

À Cidade do Assú, 8 legoas ao Noroeste.

À Cidade de Macau, 14 legoas poucos grãos abaixo do Norte.

Faço da Camara Municipal da Villa d'Angico, em Sessão extraordinaria de 2 de Maio de 1881.

Manoel Fernandes da Rocha Beserra - Presidente -

José Avelino Martins Beserra - Viriador -

José Mathias Xavier da Costa

Trajano Xavier da Costa

Mannel Paulino da Costa Pinheiro

Dedicatória

Ao Ilmo. Senr. Dr.
Rodolpho Herrulano Marinho Falcio.
Muito Digno Juiz de Direito da Comarca do Apody(*)
Na Província do Rio Grande do Norte.

Ilmo. Senr.

V. S.^a se surpreenderá certamente quando, se por acaso ler este meu tosco trabalho, filho somente do estremecido amor, ao lugar que me deu o berço; e vir nelle seu respeitavel nome, admirará sem duvida a minha coragem e se revoltará por certo contra a minha ousadia; porém, Ilmo. Senr. se eu disser em minha defeza, que desejava, como é bem natural para meu escripto algum merecimento, que anhelava por dar-lhe algum valôr, e que só este podia encontrar em um nome consederado, e lhe servisse de égide; pode ser que V. S.^a conscio do quanto vale, e do quanto merece, me perdoará; e sem enxergar em meu proceder arrogancia, mas sim temor, profundo respeito e acatamento, como cavalheirismo, que lhe é tam conhecido, se dignará de amparar um trabalho, que outra bondade não tem mais, do que o poderoso nome que invoca. V. S.^a pelo seu grande talento, saber, tino, e prudencia, tem conquistado a admiração de todos os Apodienses; e eu que com gloria me ufano por ter tam distincto Magistrado na Chefatura da Justiça de minha Comarca, distribuindo justiça a todos com retidão e igualdade, suspirava pelo momento de pagar-lhe o meu tributo de respeito e gratidão.

Eis o que agora venho fazer, é elle bem mesquinho certamente, mas dou quanto tenho, e tudo quanto posso.

Provo V. S.^a a minha boa intenção e despreze a offerta e d'estarte satisfará os ardentes votos de quem tem a honra de confessar-se ser

De V. S.^a Devotado Subdito admirador
Manoel Antonio d'Oliveira Coriolano.
Villa do Apody, 22 de Junho de 1877.

(*) Promotora Publica da Comarca do Apody, 26 de Abril de 1880(**)

Ilmo. Exmo. Senr.

Ardeando em inultos desejos, de ver o engrandecimento de nossa adorada Patria, assim como ter o excelso prazer de ver este pobre larrão que me deu o berço, ser por alguma forma conhecido dos outros lugares, depois de vir aqui a prebrição de V. Ex.^a dirigida a Camara Municipal desta Villa, exigindo della informações em relação deste Municipio cujo trabalho confivei a seu pedido, tomei a firme resolução de por minha parte, espontaneamente enviar a V. Ex.^a o trabalho incluzo, e no caso de servir para a Bibliotheca Nacional, sou a rogar a V. Ex.^a que o faça publicar, e remetter-me alguns exemplares, para eu os distribuir. Não o faço publicar a minha custa, por não poder por hora comportar com essa despeza, attenta meu estado de finanças ser mesquinho. Tençionava dar-lhe a luz da publicidade, no anno em que o confivei, porém infelizmente appareceu a terrivel secça que a todos devastou nestes sertões, levou-me os mingados recursos de que dispunha, por isso não o fiz; só deixou-me um coração todo palpitante em desejos de ver a publicidade da historia de minha terra; hoje parece-me que surgirá o anjo tutelar dos meus anhelos, que é a protecção de V. Ex.^a para esta realidade.

Ilmo. e Exmo. Senr. Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão.

Dignissimo Bibliothecario da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.

O Adjunto do Protocolo Publico em exercicio
Manoel Antonio d'Oliveira Coriolano.

(**) Um mês e pouco antes da chegada do relatório oficial da Câmara de Apodi, veio ter as mãos do Diretor da BN este texto assinado por Manoel Antônio d'Oliveira Coriolano. Mais de 100 anos depois estamos atendendo ao pedido do seu autor e publicamos o seu trabalho.

MIMORIA
OU
NOTICIA HISTORICA DA CREAÇÃO DA VILLA DOAPODY NA PROVINCIA DO RIO
GRANDE DO NORTE

Esta Villa, chamada outr'ora antiga Missão de São João Baptista do Apody, foi um Arraial de indios - Paiaçús que foram cathequisados pelos Jesuitas nas margens da Lagoa do mesmo nome, que crescendo em população decretou El-Rei D. José de Portugal, que fosse erecta Villa. Este Decreto foi commettido ao Juiz de Fora Miguel Carlos Caldeira de Pina Castello Branco, para dar-lhe execução. Este ministro, chegando a esta Villa então Missão, a instancias dos creadores de gados deste sertão, não eregio Villa transferio-a com os indios aqui moradores, para a Serra do Regente - hoje a Villa de Port Alegre, - e ali poudo conseguir de Margarida de Freitas Nogueira, mulher imbecil, a quem pertencia essa Serra, para Patrimonio dos mesmos indios, que tinham sido aqui arraialados, nella eregio a Villa, e applicou para Patrimonio da respectiva Camara Municipal, uma légua de terra em quadro, com uma légua de cada face, que tinha sido doado aos ditos indios, pelo Alvará de 23 de Novembro de 1700, a qual é onde hoje se acha edificada esta Villa. Em Sessão ordinaria do Conselho Geral desta Provincia de 11 d'Abri! de 1833, foi erecta esta Povoação das = Varzeas, do Apody = com a denominação de = Villa do Apody = servindo-lhe de limites os de sua Freguesia erecta em 1766, e de Patrimonio, para a respectiva Camara Municipal, a légua de terras que foi doada aos indios, que antigamente aqui estiverão aldeiados, e que se retirarão para a Serra de Port Alegre d'onde se dispuserão. Aos 9 de Outubro de 1833, teve lugar o acto da installação da nova Camara Municipal desta Villa, sendo esta apossada pelo Pro-Presidente da Camara Municipal da Villa de Port Alegre o Alferes Reinaldo Gaudencio d'Oliveira. A divisão do seo Termo, foi feita pelo mesmo Conselho Geral desta Provincia, na Sessão de 14 de Maio de 1834. E foi finalmente approvada a criação desta Villa e seo Termo, pela Resolução Nº 18, d'Assemblea Legislativa Provincial, de 23 de Março de 1835. A cadeira de 1.^{as} letras do sexo masculino desta Villa, foi creada em virtude da Lei de 15 de Outubro de 1827, sendo posta a concurso foi oppositor a ella o cidadão Ignacio Francisco Dantas, o qual foi approvado nas materias de ensino primario, aos 6 de Outubro de 1835. O Exmo. Sr. Basilio Quaresma Torreão, então Presidente desta Provincia, lhe mandou passar Provisão Vitalicia, na conformidade da Lei de 14 de Junho de 1831, vencendo o ordenado de 250\$000 r^s annuaes, pagos em quarteis na forma da Lei de 4 de Outubro de mesmo anno.

Prestou juramento perante a Camara Municipal desta Villa, e entrou em exercicio, aos 6 de Novembro do dito anno de 1835. Por Lei d'Assemblea Legislativa desta Provincia de 2 de Novembro de 1841, foi creado o Termo da Cidade da Imperatriz desmembrado do de Pau dos Ferros, que tirou uma boa parte deste do Apody. Em 1842, foi creada a Freguesia de Santa Luzia de Mossoró, toda neste Termo, e incorporada ás da Cidade do Assú. Por Portaria de 23 d'Agosto de 1843, do Vice Presidente desta Provincia o Capitão-Mor André d'Albuquerque Maranhão, foi creado um Tribunal de Jurados, e Foro Civil neste Termo, por se terem apurado 55 juizes de facto, desmembrado do da Cidade da Imperatriz que havia sido incorporado em 1842. Pela Resolução nº 309 d'Assemblea Legislativa desta Provincia de 3 d'Agosto de 1855, foi creada uma cadeira de 1.^{as} letras do sexo feminino nesta Villa, e sendo posta a concurso nella foi provida a Senr^a D. Anna Roza Emilia por Provisão do Exmo. Sr. Presidente da Provincia, o Dr. Antonio Bernardo de Passos, de 4 de Junho de 1856, prestou juramento perante a Camara Municipal desta Villa, e entrou em exercicio do respectivo emprego, nos 10 de Julho do dito anno. Pela Lei nº 408 d'Assemblea Legislativa desta Provincia, do 1.^o de Setembro de 1858, foi creada a Freguesia de Caraiúbas, toda no territorio deste termo. Desde 1860, que a Igreja Matriz desta Villa, é a séde de um Collegio Eleitoral desta Provincia, cabendo a esta Freguesia o nº de 12 Eleitores. Pela Lei nº 601, d'Assemblea Legislativa Provincial de 5 de Março de 1868, forão elevadas a Cathegoria de Villa e Municipio a Povoação e Freguesia de Caraiúbas, com a mesma denominação desmembrado o seo territorio deste Termo. Por Lei nº 765 d'Assemblea

Legislativa desta Província de 15 de Setembro de 1875, foi este Termo reunido como de Caraúbas, e desmembrados da Comarca de Mossoró, elevados a cathogoria de Comarca com a denominação de Comarca do Apody = Por decreto de 24 de Dezembro de 1875, foi separado do Termo de Mossoró este do Apody, e creado neste, reunido ao de Caraúbas, o lugar de Juiz Municipal de Orfãos. Por Decreto de 30 de Dezembro de 1875, foi nomeado o Dr. Adelino da Silva Pinto, Juiz Municipal e d'Orfãos deste Termo do Apody, prestou juramento perante a Camara Municipal desta Villa, e entrou em exercicio, nos 24 de Março de 1876. Por Decreto n° 6176 de 26 d'Abril de 1876, foi declarada de 1ª entrancia esta Comarca do Apody.

Por Decreto n° 6177, de 26 d'Abril de 1876, foi marcado ao Promotor Publico desta Comarca, o vencimento annual de 1400\$000 rs. Por Decreto de 22 de Junho de 1876, foi nomeado o Snr. Dr. Rodolpho Herculano Marinho Falcão Juiz de Direito desta Comarca. Por Decreto N° 6242 de 5 de Julho de 1876, foi marcado a esta Freguesia o n° de 16 Eleitores. No dia 11 de Setembro de 1876, pelas 11 horas da manhã teve lugar a installação desta Comarca, pelo seu Juiz de Direito, o já dito Sr. Dr. Rodolpho Herculano Marinho Falcão, o qual dirigindo-se da casa de sua aposentadoria acompanhado de um luzido prestito até o Paço da Camara Municipal, composto do Dr. Juiz Municipal do Termo, Adelino da Silva Pinto, dos membros da edilidade e mais funcionarios publicos deste Termo, e do de Caraúbas, do Rv° Parocho da Freguesia o Sr. Antonio Dias da Cunha, do Commandante Superior Luis Manoel Fernandes Filho, das pessoas gradas de ambas as parcialidades politicas e bem assim dos Drs. Juiz de Direito da Comarca de Pão dos Ferros, José Thomé da Silva, e Promotor Publico da Comarca de Mossoró, Euclides Diocleciano de Albuquerque, companheiros de viagem do mesmo Sr. Dr. Rodolpho d'aquella Cidade a esta Villa. Reunidos no mesmo Paço da Camara Municipal, e tomando os seus assentos proferio aquille Magistrado, de sua cadeira, um analogo e eloquente discurso, que esteve na altura do assumpto, contendo em seo começo palavras da mais profunda gratidão e reconhecimento a magnificencia Imperial, por sua nomeação de Juiz de Direito; bem como para com todos aquelles, que directamente concorrerão, e se esforçarão por ella. No dia 18 de Setembro de 1876, foi installado pelo mesmo Sr. Dr. Juiz de Direito o Registo Geral das hypothecas desta Comarca, sendo nomeado Official, o 2º Tabelião desta Villa, o Sr. Joaquim José Carlos de Noronha. No dia 29 de Setembro de 1876, o Dr. Francisco Octaviano da Nobrega, prestou juramento e tomou posse do cargo de Promotor Publico desta Comarca, perante o Sr. Dr. Juiz de Direito.

Artigo d'Acta da Sessão Ordinaria do Conselho do Governo de 11 de Abril de 1833, relativo a creação da Villa do Apody.

Estando presentes os mesmos Sr.^{es} Conselheiros, menos o Sr. Grillo, no impedimento de quem foi chamado o Sr. Conselheiro Supplente José Fernandes Carrilho, com o Exmo. Sr. Presidente, a hora do costume foi aberta a Sessão, lida e approvada a Acta antecedente, propoz o Sr. Presidente, que se devia hoje tratar de pôr em execução nesta Província o Cod. do Proc. Criminal mandado observar pelo Decreto e Instruções de 13 de Dezembro do anno passado, e principiando-se pela divisão dos Termos, e Districtus; resolveo o Conselho, que fosse erecta em Villa a Povoação das Varzeas do Apudy com a denominação de Villa do Apudy, servindo-lhe de limites as de sua Freguesia, e do Patrimonio, a Legoa de Terras, que foi doada aos indios, que antigamente ali estiverão aldeados, e que se retirarão para a Serra de Port'Alegre, donde se dispersarão. Estavão assignadas o Exmo. Sr. Presidente Lobo e Conselheiros - Castro - Rocha - Barbosa = Carvalho = Maranhão = Carrilho = Está conforme Miguel Alvares Teixeira de Mendonça.

Termo de posse e juramento que presta o Prezidente e Secretario da Camara da Villa de Port'Alegre, a nova Camara eleita para o Municipio erecto da nova Villa do Apody.

Dada a hora feita a chamada na forma do estylo, achava-se presente o Sr. Vice-Presidente da Camara da Villa de Port'Alegre, o Alfens Reinaldo Gaudencio d'Oliveira, conrúgo Secretario no

diante nomiado, e assignado; ahí presentes os novos eleitos veriadores da Camara Municipal desta Villa do Apudy, os Sr.^{es} Presidentes da mesma, João Nogueira da Silveira, o Revendo. Francisco Longino, Guilherme de Mello, Antonio Francisco d'Oliveira, o Capitão Lourenço Alves d'Oliveira, Joaquim da Cunha Cavalcanti e João Freire da Silveira, pelo Sr. Presidente lhes foi mandado servir por mim Secretario, o juramento dos Santos Evangelhos, em um Livro delles, em que tocarão suas mãos direitas, e disserão com os joelhos em terra, no tópo da Meza, as seguintes palavras = Juro, de bém desempenhar as obrigações de Veriador desta Camara, deffender a Constituição e guardar a Lei = e com estas palavras, houve o Sr. Prezidente a nova Camara por impossada, do que para constar mandou fazer est'arta, em que com os novos providos assignou. E eu Leandro Francisco Cavalcanti d'Albuquerque Secretario da Camara, a escrevi. Dado o juramento leo o Vice-Presidente da Camara da Villa de Port'Alegre, o seguinte discurso = Neste momento, terminou a jurisdição que teve a Camara da Villa de Port'Alegre, nos povos deste Municipio, impossada esta Camara, passo ao digno desempenho de Vs. Sas. os negocios do novo Municipio, e elle lhes oferece um aspecto agradavel, o Vs. Sas. aspirão seo melhoramento, como executores da lei e amantes das liberdades Publicas. Este Municipio, composto de cidadãos probos, gente dócil e moralizada, dignos de melhor sorte, com a elevação de uma nova Villa, esperão dos illustres conhecimentos de Vs. Sas. a manutenção da lei, e prosperidade de um povo livre, a cujos disvellos, o entrega a Camara da Villa de Port'Alegre, e que teve a honra em manter a administração de tão digno povo, e eu em nome della, offereço a Vs. Sas. uma liga inseparavel, alem da causa Publica, com irmãos nascidos e creados em um améno Paiz, havendo reciproca, e promptas relações para o bem estar da segurança e policia dos dous Municipios = Villa do Apudy 9 de Outubro de 1833; Reinaldo Gaudencio d'Oliveira = Gaudencio d'Oliveira = João Nogueira da Silveira = Francisco Longino = Guilherme de Mello = Antonio Francisco d'Oliveira = Lourenço Alves d'Oliveira = Joaquim da Cunha Cavalcanti = João Freire da Silveira =

Foi mais resolvido pelo vice-Presidente da Camara da Villa de Port'Alegre, que em virtude do artigo 3.^o do Decreto de 13 de Dezembro de 1832, declarasse-se a installação da Villa pelo Cod. do Proc. Crim. e resolução do Exmo. Conselho do Governo desta Provincia, de 11 d'Abril do anno que corre, foi creada esta Villa, com a denominação de = Villa do Apudy = servindo-lhe de Termo, a divisão da mesma Freguesia, como consta do Officio do Exmo. Sr. Presidente desta Provincia, Manoel Lobo de Miranda Henriques, de 15 de Abril; e resolveo-se faser publico por editaes na primeira Sessão; e dada a hora, levantou o Sr. Presidente a Sessão. E eu Leandro Francisco Cavalcante d'Albuquerque, Secretario da Camara de Port'Alegre, o escrevi = Gaudencio de Oliveira = Silveira = Oliveira = Alves d'Oliveira = Cavalcanti = Freire da Silveira = Guilherme de Mello.

Cópia de um artigo da Acta da Sessão Ordinaria do Conselho do Governo de 14 de Maio de 1834, relativo a divisão do Termo do Apudy.

Achando-se presentes os mesmos Srs. Conselheiros, e mais o Sr. Castro com o Exmo. Sr. Presidente, a hora do costume, foi aberta a Sessão, lida e approvada a acta antecedente. Passando-se a tratar da divisão do Termo da Villa do Apudy, em presença da Commissão nomeada pela respectiva Camara Municipal, composta dos cidadãos, o Capitão Luiz Manoel Fernandes, e Elias Antonio Cavalcanti d'Albuquerque, resolveo o Conselho que o Termo da dita Villa do Apudy, fosse dividido na forma seguinte Pelo nascente principiando da Barra do Paruvinha = exclusiva, seguirá de norte a sul, por uma linha, tocando a ponta das catingas da Upanêma = e d'ahi para cima, por uma linha divisoria paralela, ao mesmo Rio = Upanêma = passando exclusivamente pelas fazendas = Carmo = Taboleiro-Grande = Sant'Anna = São Joaquim = Jacú = Chafariz = Caraiabas = Alagôa = São Jeronymo = Patos = Tapêra = São Felix = Ingá = e Jatobá = até Adquinhon = ou = São Gonçalo = que é a mesma divisão feita com o Termo da Villa da Princeza, na Sessão de 9 de Setembro proximo passado, e d'ahi pelos limites da Freguesia da dita Villa do Apudy, seguirá, tocando inclusivamente = Carnatá = São Bento = Serra de São Miguel = Rosario = o pé da Serra d'Agua Branca = João Dias Alagoa do Arruda = Colonia = até = Mombáça = e d'ahi por uma linha de sul a norte, dividindo com

o Município da Villa de Port'Alegre, seguirá, tocando exclusivamente a fazenda = Matta-Secca, e d'ahi em linha recta ao sitio = Mundo-Novo = da D. Monica, até o Olho d'Agua das Trincheiras = deste ponto, torcendo em procura de Oeste, seguirá a tocar no Marco do Patrimonio da Villa de Port'Alegre, exclusive; e d'ahi ao Riacho da Cruz e por elle abaixo, até = São João de Cima = e deste lugar, cortando o Rio Apudy, até a = Passagem Franca = inclusive, e d'ahi, tocando o Fouveiro = até o Sitio do = Padre = ou Tapanhum = inclusive, e d'ahi procurando o norte pela catinga da Serra do Apudy, seguirá a tocar a = Lage do meio = inclusive, e deste lugar, ao Sitio de - José de Goes Nogueira inclusive, e d'ahi, pela catinga abaixo, seguindo os limites da Freguesia do Apudy, até a costa do Mar. Estavão assignados o Exmo. Sr. Presidente Torreão - e conselheiros = Castro = Rocha = Carrilho = Garcia = Nunes = Está conforme = Miguel Alvares Teixeira de Mendonça.

Resolução N° 18. Basílio Quaresma Torreão, Presidente da Provincia do Rio Grande do Norte.

Faço saber a todos os seus habitantes, que a Assembleia Legislativa Provincial Decretou e eu sancionei a Resolução seguinte = Art 1° Fica approvada a Villa do Apudy, creada pela Resolução do extincto Conselho Presidencial de 11 d'Abril de 1833.

Art. 2° Os limites do seo Município, são os que lhe foram marcados pelo extincto Conselho da Presidencia na Sessão de 14 de Maio de 1834, com exclusão somente das Fazendas, e sitios que ficarem a quem do meio da catinga do Upanéma, que fica servindo de divisão nesta parte, ao referido Município, e ao da Villa da Princeza.

Art. 3° Fica de nenhum effeito qualquer disposição em contrario. Mando portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução da referida Resolução pertencer, que a cumprão, e fação cumprir tão inteiramente, como nella se contem. O Secretario da Provincia a faça imprimir, publicar, e correr. Cidade do Natal, aos 23 dias do mez de Março de 1835. decimo quarto da Independencia do Imperio. Basílio Quaresma Torreão.

Nesta Secretaria do Governo foi publicada a presente Resolução aos 23 de Março de 1835. Miguel Alvarez Teixeira de Mendonça. Sellada nesta Secretaria do Governo, aos 23 de Março de 1835. Manoel Joaquim Pereira do Lago. Registrada a folha 6 do Livro 1° de Registro de Semelhantes - Secretaria do Governo, na Cidade do Natal, 23 de Março de 1835. Luiz Pedro Alvares França.

Lei n° 408 do 1° de Setembro de 1858. Antonio Marcellino Nunez Gonçalves Juiz de Direito, Cavalheiro da Ordem de Christo, Presidente da Provincia do Rio Grande do Norte, por Sua Magestade O Imperador, a Quem Deus Guarde. &

Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembleia Legislativa Provincial decretou, e eu sancionei a Lei seguinte.

Art. 1° Fica elevada a cathogoria de Freguesia, e desmembrada da do Apudy, a Povoação do Caraúbas, com a denominação de São Sebastião Martir do Apudy. Art 2° A nova Freguesia, limitará pelo lado do Sul com a do Patú, por uma linha divisoria, que partindo dos limites desta Provincia, com a da Parahyba, seguirá do nascente ao Poente, pelos limites das Fazendas - Trincheiras = Cantagiallo = Juncos = exclusive, Encanto - inclusive, até a ponta do sul da Serra dos = Picos = e d'ahi por cima da mesma Serra servindo de diviza as extremas das Fazendas Picos até atravessar o Riacho = Logradouro = acima da Fazenda = Augmento = defrente da Cacimba, e comprehendendo a Fazenda = São Joaquim seguirá d'ahi em linha recta, ao = Rio-Morto = no Rio Umary = e por este abaixo, comprehendendo de um e outro lado inclusive, os do sitio Borracha = até a Fazenda = São Vicente = d'onde deixando o dito Rio, seguirá pela Estrada que conduz à Alagôa do Apanha-Peixe = comprehendendo os moradores desta exclusive os da Alagôa = Carrilho = até o Marco que divide o Pacó do Apanha-Peixe = e d'ahi seguirá a mesma linha a passar o Riacho = Livramento = no lugar = Barra do Riacho do meio, ou do sitio - e desse lugar, em direcção ao nascente a comprehender os limites da Datta-Baixa-Grande d'onde, seguindo para o sul, e limitando com a Freguesia de Campo-

Grande, atravessará o Riacho - Pedra-Comprida = inclusive a terra do Sítio de Ricarte Francisco de Norrmãndia Imberiba, e irá tocar o Rio-Upanêma = nos limites das Fazendas = Cisplatina e Pelo Signal = d'onde seguirá pelo = Riacho da Serra = acima, o qual servirá de divisão com a Freguesia de Campo-Grande, até a Serrôta do mesmo nome, da qual seguirá outra vez para o nascente, limitando por cima das Serrôtas - Pocinhos - Cavallos Mortos - e Olho d'Agua do Carlos - a passar o Rio Adquinhon - na barra do Riacho - Trapiá - até o Serrote - Mirador - exclusive a fazenda - Trapiá, e d'ahi para o cabeço - Tuyúyú - d'onde seguirá a fechar o circulo nos limites desta Provincia, com a da Parahyba, d'onde principiou.

Art. 3º O territorio desta Freguesia fará parte do Municipio do Apudy.

Art. 4º Revogão-se as disposições em contrario. Mando portanto, a todas as authorities, a quem o conhecimento e execução da referida Lei pertencer, que cumprão e fação cumprir tão inteiramente como nella se contem. O Secretario da Provincia a faça imprimir publicar e correr. Palacio do Governo do Rio Grande do Norte, 1º de Setembro de 1858, trigésimo setimo da Independencia do Imperio. Antonio Marcellino Nunez Gonçalves. (L. S.)

Carta da Lei, pela qual V. Exª manda executar o Decreto da Assembléa Legislativa Provincial, elevando a cathogoria de Freguesia a Povoação de Caraúbas, como acima se declara. Para V. Exª ver. Alvaro de Oliveira Gondim a fez. Sellada, e publicada nesta Secretaria do Governo, a 1 de Setembro de 1858. Gentil Homem d'Almeida Braga. Secretario do Governo. Registrada a folhas 185 do Livro 3º de Leis, e Resoluções Provinciales. 1ª Secção da Secretaria do Governo do Rio Grande do Norte, 14 de Outubro de 1858. O Chefe. João Ferreira Nobre.

Lei nº 601 de 5 de Março de 1868.

O Doutor Gustavo Adolpho de Sá, Presidente da Provincia do Rio Grande do Norte, por sua Magestade o Imperador, A Quem Deuz Guarde.

Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembleia Legislativa Provincial decretou, e eu Sancionei a Lei seguinte. Art. 1º Ficão elevadas a cathogoria de Villa e Municipio a Povoação e Freguesia de Caraúbas, com a mesma denominação.

Art. 2º Fica extincto o Municipio e Villa de Campo Grande, actualmente a Comarca do Assú, e incorporado o seo territorio ao Municipio de Caraúbas, da Comarca de Mossoró.

Art. 3º Ficão revogadas as disposições em contrario. Mando, portanto, a todas as authorities a quem o conhecimento e execução da referida Lei pertencer, que a cumprão, e fação cumprir tão inteiramente como nella se contem. O Secretario da Provincia, a faça imprimir publicar e correr. Palacio do Governo do Rio Grande do Norte, 5 de Março de 1868 quadragésimo setimo da Independencia do Imperio. Gustavo Adolpho de Sá. (L. S.) Carta de Lei pela qual V. Exª manda executar o decreto da Assembléa Legislativa Provincial, que eleva a cathogoria de Villa e Municipio, a Povoação e Freguesia de Caraúbas, e extinguem o Municipio e Villa de Campo-Grande, da Comarca do Assú, e incorpora-o ao de Caraúbas da Comarca de Mossoró, como acima se declara. Para V. Exª ver. Jesuino Rodolpho do Rego Monteiro a fez. Sellada, e publicada nesta Secretaria do Governo, aos 5 dias do mez de Março de 1868. O Secretario da Provincia Joaquim Theodorio Cysneiros d'Albuquerque. .

Registrada no Livro competente. 1ª Secção da Secretaria do Governo do Rio Grande do Norte, 12 de Maio de 1868. O Chefe Francisco Gomes da Rocha Fagundes.

Lei Nº 765 de 15 de Setembro de 1875.

José Bernardo Galvão Alcoforado Junior, Bacharel Formado em Sciencias Jurídicas e Sociaes, e Presidente da Provincia do Rio Grande do Norte, por Sua Magestade o Imperador, a Quem Deuz Guarde. &

Faço saber a todos os seus habitantes, que a Assembléa Legislativa Provincial decretou, e eu sancionei a Resolução seguinte.

Art. 1º Ficão desmembrados da Comarca de Mossoró e constituindo uma nova Comarca os Termos de Caraúbas e Apudy, tendo por séde a Villa deste nome, e por limites os mesmos dos respectivos Termos.

Art. 2º Revogão-se as disposições em contrario. Mando, portanto, a todas as authoridades, a quem o conhecimento e execução da referida Resolução pertencer que a cumprão, e fação cumprir tão inteiramente como nella se contem. O Secretario da Provincia a faça imprimir, publicar e correr. Palacio da Presidencia do Rio Grande do Norte, em 15 de Setembro de 1875, quinquagezimo quarto da Independencia e do Imperio (L. S.) José Bernardo Galvão Alcoforado Junior. Resolução pela qual V. Exª manda executar o decreto da Assembléa Legislativa Provincial desmembrando da Comarca de Mossoró e constituindo uma Comarca nos Termos de Caraúbas e Apudy, como acima se declara. Para Vª Exª ver. Manoel Pereira d'Azevedo a fez.

Sellada, e publicada nesta Secretaria da Presidencia do Rio Grande do Norte, 15 de Setembro de 1875. O Secretario, Francisco Lucio de Castro.

Posição Topographica da Villa do Apudy na Provincia do Rio Grande do Norte, riquezas naturaes do solo de seu Municipio, e estação periodica das Sêccas.

A villa do Apudy, sede da Comarca do mesmo nome, jaz vantajosamente perto da margem esquerda do Rio Apudy, onde este banha uma amêna varzea de 3 léguas; ao lado do norte da Lagoa, a qual tem o seu começo na grande bacia que serve de porto da Villa, e se estende 3 léguas para o poente, com suas margens salientes e pitorescas, bordadas de frondosos carnaubaiz, e outras arvores, e muito uberosaz para a lavoura, que dá com abundancia quando se cultiva; é muito piscosa, por nella haver grande copia de peixes curimatans, camurins, piranhas, e outros muitos, que chega para abastecer o lugar e exportar em cargas para fora do Municipio, e 21 léguas de embocadura do mesmo Rio no Oceano ao norte onde tem o nome de Mossoró. Ella dista da Capital da Provincia 78 léguas ao poente, 64 da do Ceará, 120 da Cidade do Recife, 30 da do Aracaty, 28 da do Assú, 14 da de Mossoró, 12 da da Imperatriz, 16 da Villa de Pão-dos-Ferros, 10 da de Port'Algre, e 7 da de Caraúbas. O territorio de sua Freguesia e Municipio, confinando nesta Provincia ao Sul, com os de Port'Algre, Imperatriz, e ao norte, com o de Mossoró, limita-se pelo poente com a Provincia do Ceará, nas Freguezias das Russaz, e da Serra do Pereiro e pelo nascente, confina com a de Caraúbas, por estar esta Freguesia no interior desta Provincia. Tem a mesma Villa, fundada em uma elegante collina arenosa, 7 ruas, 118 casaz habitadas, sendo 3 de sobrado, e 10 em continua edificação. A Igreja Matriz, fundada em 1740, por Frei Fidelles Capuchinho Jezuita em serviço das Missões na cathequese dos Indios - Paiaçús - nas margens da dita Lagôa, que ainda hoje a tradição conserva o nome do - Corrego da Missão - a um braço da mesma, existente nos suburbios da Villa, e erecta Freguesia em 1766, sendo o seu 1º Vigario, o Padre João da Cunha Paiva, clérigo do Habito de São Pedro, natural de Pernambuco, é grande, bem compartilhada, e espaçosa, pelos reparos que ultimamente se fizerão a custa dos seus Parochianos, tem um torreão que serve de campanario, um grande Cimiterio, com a respectiva Capellinha, fundada em 1863, pelo Missionario, o Padre Agostinho Alvares Alfonso, quando aqui missionou. A casa da Camara Municipal cujo andar terreo serve de prisão, fundada em 1835, a custa dos Cofres, e dos particulares, é bastante commoda, e offerece a devida segurança, sendo uma das melhores prisões da Provincia. A casa do mercado, está em andamento a sua edificação e já tem bastante commodo. A população da Freguesia é calculada em 10 mil habitantes, pois que no Recenseamento que se fez no 1º de Agosto de 1872, em virtude do Regulamento de 30 de Dezembro de 1871, forão recensados 6591 individuos. O clima da Villa e seu Municipio, é doce, aprasivel, e saudavel sendo o seu territorio, fertil e productivo nos annos invernosos; na distancia de 1 légoa no occidente, campêa a - Serra do Apudy = abundante de caça e agricula, onde os habitantes d'aqui fazem suas plantações e auferem uma exultante colhêta; o sertão é lado entercortado de lagoas

de aluvião, creando nestas, e em suas campinas, pasto em abundancia, onde se nutrem os gados, na bella e aprazivel estação do inverno. Existem dentro da Villa, 5 machinas de costura, 3 de alambiques para aguardente, 14 engenhôcas de madeira, e 3 engenhos de ferro de moer canna; e 33 aviamentos de fazer farinha. Deste bello local, onde se gosa uma briza mitigadora, vê-se a lèste, a Serra de = João do Valle = no Municipio do Triumpho, na distancia de 14 legoas; ao sul, na distancia de 12 légoas, tambem se vê a cordilheira do = Putú = em direção ao poente, que faz as serras - Tres-Cabeças = Cajueiro = Serra do Martíz = onde está sita a Cidade da Imperatriz séde da Comarca da Maioridade, a Serra do = Regente = em cujo êrmo discaça a Villa de Port' Alegre, Serras = Magdalena = e Jatobá = nos limites desta Provincia com a do Ceará, no Municipio da Villa do Pereira. É bello, e aprasival, deste local, com o mais ligeiro golpe de vista, devulgar-se esse panorama encantador, onde o esperto viajor tem que admirar; o Pasto que descrever desta belleza ingente, de que nos dotou a sabia mão da Providencia; e o naturalista investigador, muito aproveitará na exploração attenta as muitas preciosidades do solo do seu Municipio, em fim este Apudy, é um diamante por lapidar, pois é abundante em muitos recursos naturais, e para seu completo desenvolvimento, falta um protector. Talvez esteja predestinado o futuro grandioso deste lugar, na = Via-ferrea = do Mossoró ao São Francisco, que segundo a sua planta já traçada, tem ella de passar muito ao perto, no lado occidental desta Villa. A mineração é de todo desconhecida neste Municipio, não porque elle não contenha um rabelal immenso, de indicios de mineraes, segundo as descripções que se tem feito de terrenos mineralogicos, mais por falta absoluta de pessoas que tenham conhecimentos praticos, ainda os mais triviaes da mineralogia. Seja-me pois permittido, que, para dar alguma idéa do terreno, faça delle a seguinte ligeira descripção: O Rio Apudy, correndo de Sul a Norte, depois de formar com a confluencia de outros Rios, e Riachos, a plazice ou Vale, chamado Varzeas do Apudy = floresta cerrada de Carnaúbas, que se expande ao nascente desta Villa, com bem 10 légoas de ambito, parte da Serra do mesmo nome, 3 légoas abaixo da dita Villa, e roçando alcantilosas ribas de rocha calcaria, vai entrar no Municipio de Mossoró, no ponto donde toma este nome, até a sua foz no Oceano e donde dista 15 légoas do mesmo, e 9 do lugar navegavel. Entre este Rio, os de Jaguaribe, ao poente, e Figueiredo ao Sul, já na Provincia do Ceará, e o Mar se acha um Platô, pouco elevado, com uma chá de pouco mais ou menos 13 légoas de largura (do nascente ao poente) e 30 de comprimento até o mar, quasi todo inhabitado, que é o que se chama Serra do Apudy = No lado d'reito do Rio (nascente) estende-se ainda a Serra até o Rio Upanéma, que tambem ha partes desta até o Assú, e o mar, com menos largura e comprimento. Toda esta Serra, é calçada de uma lage calcaria, que se acha em partes mais funda, em parte na superficie da terra, e em outras se eleva desta alguns palmos, tornando-se em estensas pederneiras, de perto de 1 legoa de extensão, onde impede quasi de todo a vegetação, e abre sorvedouros ás aguas das chuvas, em alcantiladas e profundas cavérnas, algumas das quaes estensas, regadas de agua em seu fundo, ou assombradas de bosques, só podem ser visitadas por aves, que ali depositão seus ninhos; principalmente nos arrebaldes desta Villa. Em toda esta grande extensão, encontrão-se poucos Riachos, e estes mesmos de pouca profundidade, porque as ágoas das chuvas somen-se nas fendas da lage, e nos subterraneos, sahindo no Rio Apudy, em fontes perenes que o fazem corrente mesmo de verão, em grande extensão, tomando a corrente em certo lugar caminho subterraneo de quasi 3 legoas, para apparecer caudal e cristalina em outro, chamado = Pôço-Feio. A face deste territorio, coberta pela maior parte de terra vermelha, que produz catinga, ou Silvado cerrado de espinhos, varia em alguns lugares, principalmente nas quebradas e ribas dos Rios e Riachos. Tomando differentes cores as camadas de terra, e mesmo a pedra, branca, amarella, encarnada, ou vermelha, roucha. Torna-se natural na cinta, ou enseada que se vê nas quebradas desta Serra, uma qualidade de Pedra ôca, que ahi se acha, constituída de materia quasi calcaria, que parece ter sido derretida, em cuja concavidade, depois de quebrada, achão-se ingastados agregados de diamantes, ou pequenas pedras transparentes de differentes faces, cores e tamanhos, as vezes tão brilhantes, que só lhe falta para merecer este nome a regidés, pois que disfazem-se a golpes de martello. Aparecem estas na superficie da terra. Talvez as do centro, que se não tem explorado.

sejão mais rijas. Também ha em um lugar do Riacho = Pão-do-Tapiua = um terreno côr de chumbo, hostil á vegetação, e de uma consistencia de pedra quebradiça, dentro do qual se achão lascas de alguns palmos de comprimento e largura, e de algumas polegadas de grossura, de uma pedra branca muito transparente, branda ao côrte de qualquer instrumento, e suseptivel á polidez e brilho do vidro, porem menos fragil do que elle. Também não forão exploradas as do centro, onde se poderão achar de maior tamanho. Além da espantosa quantidade de pedra calcarea, que cobre por légoas a superficie da terra, formando cavernas, e escabrosidades horribes, como fica dito, e que podem fornecer cal, para construções de todo u Imperio, por seculos, achão-se no mesmo terreno da Serra, principalmente nas margens dos Rios, e alguns Riachos, predregosos de cantaria fina, macia, e prestavel ao labor do cantil, de que são feitas as Pias, portadas, soleiras e outras peças das Matrises desta Villa e da de Mossoró e capella de São Sebastião que dão todas á margem do mesmo Rio, sendo as pederneiras que ficam dentro deste Municipio, de nove, a mais légoas ao porto de embarque em Mossoró, posto que nas cheias deste Rio, pode a pedra, e a cal ser em qualquer porto delle embarcada. Em um dos recantos da Lagoa desta Villa, que está mais em contacto com as substancias mineraes da Serra, tem coalhado em alguns annos, uma substancia betuminosa, inflamavel e de boa luz, semelhante a cêra, em quantidade tal, que se pode carregar carros della. As agoas da Serra travam a capa-rosa e em alguns logares se tem colhido este mineral. Também se acha na Serra uma pedra que parece o gesso.

As agoas da Lagoa desta Villa, indicão mineraes, pela rasão de ser em emanações da Serra. Ha multos signaes nesta Serra, que ainda mesmo aos olhos dos ignorantes da mineralugia, indicão a existencia de mineraes, e que muito convinha que fossem explorados, porem especialmente os do fundo das inacessiveis cavernas, tão maravilhosas aos olhos do expectador!

A industria deste Municipio, é a criação de gado vacum, cavallar, muar, ovelhum cabrum e suino, cujo producto, com o cortume dos couros, peles salgadas, e lâ de algodão fabricadas aquí, propagação da roça manifesta, que produz espantosamente o plantio de milho, feijões, arros, que dá com abundancia, o fabrico da cêra e vellas de Caratuba, que chega para se exportar em larga escala, para outras Provincias, o mel de pão, que com abundancia afflue no mercado desta Villa, e também se exporta, tirado na Serra, tudo isto vai constituindo alguma prosperidade para este Municipio. A cultura da Cochonilha, insecto da palmatoria, que dá u carmi, a qual tem espantosamente no estado silvestre, produz nos lugares arenozos, e seccos deste Municipio, nos annos de pouca chuva, porque a (...) lhe destróe as inséctos.

O fabrico do canamo, ou linho da folha da Macambira, arbusto de produção infinita neste Municipio, que pode constituir um vantajoso ramo de industria, se for adoptado para a cordoaria, e serviço das embarrações, onde consta que se tem empregado com vantagem em algumas partes, e a batata desse arbusto, dá uma excellente massa, que serve para sustento do povo, como agora em virtude da secca que nos está flagellando, essa comida indigena está servindo de alimento a multos habitantes deste Municipio, assim como o pão da batata da Caratuba, que também ha com alguma abundancia. Outras produções offerece o solo, como o azeite da Citicica, a crva do Pereiro, que em alguns annos dá com abundancia, nos carráscos deste Municipio, a qual apanhada, e apurada ao fogo, nada difere da verdadeira cêra branca, em consistencia e boa luz. A serra é abundante de caça, como sejão, viados, onças, porcos caetitús, queixadas, tahís, juba, balla, e verdadeiro, e emas cujas penas servem para exportação, fazendo uma pequena parte do producto deste Municipio. Ha também com alguma abundancia a fructa da batata de purga que torrada dá um excellente café e é muito medicinal. Segundo antigas tradições, esta Provincia, especialmente o alto sertão, tem periodicamente sido victima dos terriveis estragos da sécca, e seguido logo do seu hediondo cortejo a infalivel fome. Os annos de 1791, 1792, e 1793, chamados da = Secca grande = forão todos seccos, de tal forma, em que não cahia agua, que chegasse para correr, e produzir a vegetação. Os de 1807 e 1816, forão escassos. O anno de 1825, também foi secco e epidemico, de boxigas, e andaço, aggravando-se mais o mal, porque em 1824, tinha havido um fraco inverno, assim como nos

anteriores, tanto assim, que a grande Lagoa desta Villa, que até então se considerava perene, seccou de todo, ribentando em diversos pontos de seu leito muitos olhos d'agua, pela razão de 4 annos não entrar agua nella pelo Corregu que sai do Rio, e se communica com ella, porque em 1820, foi a ultima vez que encheu. O anno de 1845 foi secco, sendo aggravado pelos dous anteriores, 1843, e 1844, e pelo seguinte de 1846, todos escassos de chuvas. O anno de 1870 foi escasso, subindo os generos alimenticios a um preço consideravel, custando o quarteirão de farinha 2\$000 rs; e o presente de 1877, nos 6 meses já decorridos, que se chamão de inverno, só cahirão 12 chuvas, e estas tão irregulares, que não produzirão feno, para nutrição dos gados, subindo de ponto o clamor nos mais pontos do alto sertão, que desde Março ultimo, descem diariamente nas estradas, ondas de ritirantes, com as plangentes vozes, esmolando o pão por caridade, a todos que encontrão, em procura dos portos do mar, a fim de ver se alcanção algum lenitivo a seus soffrimentos...

Sendo puramente naturaes as causas das seccas, e dependentes de circumstancias desconhecidas, que podem provir da posição Geographica do solo affectado, combinada com suas exalações peculiares, e direções de seus ventos; pois que vêm-se em muitos dias, nos annos de sêcca, como este, levantarem se no Oriente grossos nevoeiros, que rarifeitos pelo vento norte, ou por qualquer outra causa, passam depois ligeiros para as regiões Occidentais; talvez para condensarem-se com os grossos vapores do Amazonas, esse soberbo gigante das aguas, e produzem o infalivel inverno que ali se observa.

Não á mim mas á operada sciencia, ou estudo de muitos annos dos Sabios, nestas regiões, compete a indagação, e a preciação das mesmas causas, e indicação dos meios de as remover. Talvez tardius nettos tenham a gloria de poder, não arrebatat ao Céu o raio, de que se não precisa na terra; porém a chuva, que é o que falta para a felicidade dos povos que habitão este clima dôcc, sadio, e productor.

Villa do Apudý, 22 de Junho de 1877.
Manoel Antonio d'Oliveira Coriolano.

Subindo de ponto, o clamor geral da fome, em seu completo nestes altos sertões, desta, e das Provincias limitrofes descão diariamente ondas de esfarrapados, inanidos da fome, em procura do litoral, a verem se achavão alivio a seus soffrimentos, em data de 6 de Maio de 1878, escrevi as poucas linhas que seguem, inormemente apprehensivo.

PROVINCIA DO RIO GRANDE DO NORTE.
ESTADO DA MISÉRIA.

É triste, pungente, e lamentavel, o estado actual da miséria, que da presente assóla a todos os habitantes do alto sertão desta Província, a qual, segundo a sua posição topographica, muito influe para a estação periodica das sêccas, por ser situada de baixo da zona tórrida, sendo este o motivo imperioso de ha 22 mezes, estarmos lutando sob os funestos effeitos duma terrivel sêcca e de seu hediondo cortejo a fome, e a peste, que a todos assóla, devasta, e consome. Esta Comarca, está por hora quasi deserta, assim como as da maioridade e Pão dos Ferros, por via de quasi todos os seus habitantes terem emigrado para a bella florescente, e hospitaleira Cidade do Mossoró, séde da Comarca do mesmo nome, todas nesta Província, collocadas no territorio cortado, pelo Rio Apody, em procura do pão que ali se reparte aos desvalidos, victimas da fome, enviado pelo humanitario e benfazejo Governo Imperial pela caridade e philantropia dos particulares. O numero das victimas ali, já sóbe á uma cifra consideravel attenta a sua grande affluencia, em uma massa enorme e compacta, em relação á pequenez do local, onde o povo permanece apinhado, unz, precem á fome, outros á sede outros ás enfermidades chronicas, agravadas da fome e maltracto, e outros ao contagio, proveniente do calor, da junção de muitos mil pelo que, se torna um ar mais insalubre e pestilencial. Nesta Villa, desde Março de 1877, até hoje, paixão diariamente phalanges de esfarrapados, só tendo dentro dos esqueletos os espiritos, que por milagre ainda não os... cadavericos corpos esmolando uma migalha de pão, para salvarem as vidas, enquanto chegão a Mossoró com inteira confiança na Providencia que ali acharão lenitivo a seus soffrimentos, arrimo ás suas misérias consolo ás suas afflições, e a taboa dos seus salvamentos, do pélagos horroroso da fome que os devora!! Esta gente, assim inanida de fome, coberta de andrajos, sai desta Villa, nesse estado tristissimo e aterrador segue com o pobre fato e os filhinhos exangues charos fructos de seus amores, sobre os debéis hombros, para aquella Cidade, que dista d'aquí 14 léguas, por... camínhus, atravessando o Rio Apody, 15 vezes tais são os angulos que tem no córte que esta faz na Serra do mesmo nome, que roçando por alcantiladas rochas de pedra calcária, entra n'aquelle Município, em cujo trajecto vão ficando juncados nos camínhus de cadaveres, victimas da fome e os que lá chegão, é n'um estado deploravel, que mal podem consigo!! Muitos fallecem no dia da chegada, por que os dispensios da Commissão de Socorros, se cada um tivesse cem braços qual Bi... não podião socorrer á todos os aspirantes a tempo na distribuição do pão quotidiano! Por mais diligencias que se empregue por mais bons desejos que se nutre, não é possível salvar-se a todos que mendigão o pão; por que, a Cidade do Mossoró é hoje o império da fome, o receptaculo da miséria, e o quadro assombroso, onde se observa a scena de maior horror, isto é diariamente verse extinguindo a raça humana á fome, sem haver pão que a sacie!

O viajor, que por ali passar ficará por certo abysmado, em ver com profunda mágnã, esse estado de miséria, em que a maior parte da população desta, e das Províncias, limitrophes, está naufragando sem outro arrimo, se não a da Divina Providencia, que se... de nós, seremos salvos das garras da devoradora fome. Os brados lamentosos dos que soffrem, os gemidos piedosos dos afflitos, que se estorcem em doridos no leito da terrivel enfermidade, a voz plangente, comunossiva, rouca e cavernosa do fraco peito do pedinte, e os éccos penetrantes ás ouças, e fere nos ao coração as innocentes creanças clamando por pão, implorando um socorro, sobem aos Céos perante Deuz e na terra, neste mar tempestuoso de afflições que rebenta nos... da pobreza desvalida, impellido do mais rijo furacão da imensidade penétra e fere os corações dos humanos! e só ha um apello, e conforme na mente de todos os afflitos, que é - fé em Deuz - que quando for servido mandará sua Redenção para os que soffrem! O pincel mais delicado, a penna a mais hábil e a intelligencia a mais robusta, não são capazes de pintar, nem descrever, o quadro actual da miséria, que de presente existe nestas paragens, desde o alto sertão, até o litoral; tudo se sente, se vê, e se observa, mas não se pode diser tudo, porque não se pode comprehender tanto clamór, tanta afflicção tanta miséria, e tanto horror! É este o estado

triste, desanimador e isolado deste alto sertão, onde por todos os seus angulos e contornos se vem infinitas propriedades abandonadas de seus donos, e muitas casas deshabitadas, pela infallivel emigração destes, muitos dos quais nunca mais voltarão, para abrigarem-se à suas sombras como sempre o fiserão outrora, nesses bellos tempos idos: quando gosarão dias venturosos! É doloroso, e triste e pungente, andar-se legoas, e legoas por estas paragens, e não encontrar-se pé humano; as bellas e frondosas margens do risonho Apody, bordadas de arvores seculares outrora povoadas e cultivadas hoje permanecem desertas, por que seus habitantes, uns já estão mortos e outros emigrarão. Até esta data, estamos sem inverno fomos malogrados com o arno passado, e não sabemos quando algum dia melhoraremos de sorte, ainda que desde o dia 1º do corrente, que tem cahido algumas chuvas torrencias por diverças partes, se forem continuação, não pode cicatrizar os sulcos indeleveis que nos tem cauzado o cataclisma que vamos atravessando porem neutraliza alguma cousa, e produz um melhoramento consideravel. Se as chuvas penetrarem com mais intensidade para as nasças do Rio Apody, teremos o aprasivel gozo de vermos a grande Lagôa que abastece esta Villa, encher a qual só enche por um braço que sai do Rio, e está quasi secca, servindo grande parte do seu leito para habitações de muita gente, no plantio das vasantes de arroz e do capim, visto que hoje pelas 11 horas da manhã teve começo a entrada d'agua, na vasta bacia que serve para abastecer agua potavel, a todos nós habitantes deste local de que por hora estamos privados, estadando a sede. A Divina Providencia, se queira compadecer de nós sendo servida derramar seus inesgotaveis thesours da limpha transparente, na face desta ressequida terra, de que tanto carecermos e por sermos seus filhos, temos fé de gosar desse balsamo bendito para mitigar nossas penetrantes dôres e pungentes afflições a Villa do Apody.

Villa do Apody, 6 de Maio de 1878.

Manoel Antonio d'Oliveira Coriolano.

PROVINCIA DO RIO GRANDE DO NORTE
COMARCA DO APODY
DESCRIÇÃO DO MUNICÍPIO DO APODY(*)

Aspecto Geral - O lado do norte deste Município, é arenoso, e montanhoso coberto de matos. A leste o terreno é plano, coberto de carnaúbaiz, e outras arvores. A oeste é em parte elevado e plano, formando um extenso platô, coberto de matas, e de um cerrado silvado o que se chama - Serra do Apody - ao sul, o terreno é ondulado e pedregoso.

Serras - As serras que formão a parte montanhosa do município fazem parte da grande cordelheira Borburema que se estendem de um e outro lado pelos Municípios vizinhos.

Rios e Lagôas - O territorio é regado pelos Rios Apody, e Umary. O Apody, nasce em São Braz no Município de Pão-dos-Ferros, nesta Província e depois de um curso de 50 léguas, desembôca no Mar, cortando este Município em toda a sua extensão de Sul a norte, recebendo diversos tributarios, os quaes são: ao lado esquerdo, o Riacho Fazenda Nova - o Riacho - São Lourencinho - Riacho Carnaúba Secca, o Riacho das - Carnaúbas - o Riacho do Casernabá - o Riacho do Mal-assombrado - o Riacho Melancias - o Riacho da Prudencia - o Riacho do Serrinha - o Riacho São Francisco - o Riacho do Acácio - o Riacho da Gatrana - e o Riacho da Extrema - E ao lado direito o Riacho Barra do Cajá - o Riacho Mirador - o Riacho do Provedor - o Riacho do Marrêco - o Riacho das Lages - o Riacho da Cájura - o Riacho Fundo - o Rio Umary - o Riacho da Gangôrra - o Riacho do Matto verde - e o Riacho da Pedra - e o Rio Umary nasce na Serrôta Cafungá no Município da Cidade da Imperatriz, tambem nesta Província, e depois de um curso de 20 léguas, desembôca no Rio Apody, no sitio Joazeiro - 1 légoa abaixo da Villa do mesmo nome, cortando parte deste Município de Sul a norte, recebendo por tributarios o Riacho do Inharé, e diversos Corregos. Todos estes Rios e sulcos torrenciães só contem agua, durante a estação das chuvas. Ha tambem a Lagôa do Apody ao sul da Villa, com 3 léguas de comprimento, e muita largura, é piscosa, e tem fundo sufficiente para canôas; a qual, segundo antiga tradição cunsta que seccou no anno de 1825, e tambem seccou no mez de setembro de 1878, e tomou bastante agua em março de 1880. Para o lado de leste, tem as Lagôas do Carrilho-do-Pacó-do-Matto-verde - de João Corrêa - do Acarari - das Fructas - Vermelhas - da Varzea Grande - de Paços sêccos - do Bamburral e da Salina. Para o lado do sul tem as lagoas: Redonda - Comprida - do Taboleiro do Cabôculo - do Canto - da Varzea da Carreira - dos Canudos - de João de J... Pedra d'amolar - da Cacimba - da Caissara - do Paço - verde - das Linguas de vacca - da Sororôca - dos Poldros - das Umarreiras - da Canafista - das Carnaúbas - Raza - e da Bôa-Vista - E para o lado do norte, tem as Lagôas de São Lourencinho - de Joazeiro - da Carnaúba - sêcca - da Bôa Vista - e Secca - Todas tambem são piscosas, tendo alguma fundura, e ha annos que seccão todas.

(*) Illm^o Exm^o Senr.

A Camara Municipal da Villa do Apody da Província do Rio Grande do Norte, accusa a recepção do Exemplar impresso de V. Ex^a de 2 de janeiro ultimo, e do Questionario junto, no qual pede V. Ex^a que lhe informe sobre seu contheudo em relação a este Município.

A mesma Camara, passa as mãos de V. Ex^a a informação junta, de cuja imperfeição pede desculpa a V. Ex^a por ser o que por hora pôde fuser. Deus Guarde a V. S^a.

Paço da Camara Municipal da Villa do Apody em Sessão Extraordinaria de 31 de Março de 1881.

Illm^o e Exm^o Dr. Benjamin Franklin Ranziz Galvão,

Dignissimo Bibliotecario da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.

Anto^o Ferr^o Pinto - Presidente
Clementino Gomez Tavares
Joaquim Correia de Oliveira Lima
Luis Florenço do Rego Leite
Octaviano Gomes Pinto.

Salubridade - O clima é saudável, de temperatura agradável, e geralmente salubre. As vezes no fim da estação invernososa manifestão-se alguns casos de febres de máo caracter. Em 1862, o cholera-morbus causou prejuizo a população deste município, facendo 43 victimas, e em 1878, a peste das bechugas, apanhadas por tranzeuntes ao Mossoró tambem fez algumas victimas na população.

Mineraes - A serra do Apody segundo as apparencias deve conter minerais valiosos - Ferro - Não ha lugar na extensão da Serra, onde não exista debaixo das formas máis variadas. No Sítio - Solidade duas léguas ao Nordeste da Villa, existe grande quantidade de pedra, que quebrada, ou levada ao fogo se extrahе facilmente o ferro. Enxofre - o enxofre ate agora descoberto, existe em estado nativo. Gesso - o gesso fibroso apparece em grande quantidade em diversas paragens do interior da Serra do Apody. Salitre - o salitre se forma no leito das cavernas calcareas - Pedra Calcarea - Cobre muitas léguas da superficie do territorio; pode fornecer cal para as construcções de todo o Imperio. Cantaria - Encontra-se nas margens do Rio Apody, pedra granítica, que se presta para cantaria fina, macia, e prestavel a favor da qual são feitas as pias, portadas e soleiras das Matrizes do Apody, de Mossoró, e da Capella de São Sebastião. Em todo o município, os mineraes mais uzaes são as pedras: de construcção, de cantaria, calcarea, e o barro de Olaria.

Madeiras - As madeiras que servem neste Município para construcção e marcenaria são: o angico, a aroeira, o pão de arco, o pão ferro, o gonçalo-alves, o pereiro; e o cumarú, e a juréma branca.

Fructas Silvestres - O cajá, o umary, o joá, a pitomba, a carnaúba, o inharé, a quixaba, o maracujá, o maracujazinho, a melancia da praia, o canapum, a palmatoria, a azedinha, o muricy, o comixá, o cardeiro, o maxixe, o mandararú, a ubaia, o trapiá, a mutamba, o melão-caetano, o camará, o joá-menim, e a jaramatalha.

Animais Silvestres - O Tigre, a pintada, sussuarána, o caítitú, o quixada, a raposa, o veado, o capaeiro, o tatú, o juba, o bolla, o quandú, a maritacaca, o furão, o timbú, o maracajá, o gato vermelho, o gato mourisco, o preá, o mocó, o pussaré, o tamanduá, o macaco, e o saquim. Quanto as aves, encontrão-se a emna especie de abestruz, a siriema, o urubú tinga, o urubú rei, a caracara, a marréca, a pátyry, a gavióta, o patopreto, a putiã, a pomba rôla, a arribação, a aza branca, a jurity, o anim, a alma de gato, o gavião de rapina, o gavião bizouro, o gavião de serróte, o caboré, o bacurão, a cortija, o jicurutú, o nambú, o papa-gaio, a jandáia, a maracanã, o piriquíto, a conicaca, o socó-boi, o socó triste, a garça branca, a garça parda, o jiburú, a jaçaná, o puga-peixe, o pica-páo, o vivio, a acaná, o gallo de campina, o tamatião, o mergulhão, o azulão, o canario, a carriça, a andorinha, o encontro, o sabiá, o bontevi, a graúna, o papa-sebo, a piteca, a caroucha, a lavandeira, o pintasilgo, o corrupião, o tétéo, o tétéo-cabrito, o gurgite, o canção, a gallinha-d'agua, o carão, o João de barro, o casaco de couro, a mão da lua, o Sanhassú, o rabo de tezoura, o papa-arroz, o beija-flor, e o maçarico. As abelhas, formam excellente mel tais são: a Jandaira, a tatiba, o canudo, a amarella, o irapurá, o inchú, o inchuy, o capochú, o jaty, e o Sanharem. A par destes insectos, outros há como formigas de rúca, lagartas, e gafanhótos, mui prejudiciaes as plantações. Nos Rios e Lagoas, se pesca, o camorim, a piranha, a pirambéba, o jacundá, a trahira, a curimatã, o pião, o cascudo, o acará, o cangaty, o guacú, o jundiá, o sabaquí, e o camarão.

Historia - A Villa do Apody começou por palhoças, sendo uma aldeia de Indios, da tribu Paiaçús = Alonso de Hojeda, acompanhado de Américo Vespúcio e de João de la Cóza, chegou á uma das bocas do Rio Apody e seguindo por elle acima, veio aqui ter, no dia 24 de Junho de 1499, em virtude do que tomou o territorio o nome de Missão de São João Baptista do Apody. Apesar da resistencia dos Indios, o explorador Hojeda, fundou os primeiros estabelecimentos da Povoação. Em 1720, veio o capuchinho Frei Fidélles, verdadeiro apóstolo, que depois de cathequizar os indios, em um braço da Lagoa que ainda hoje conserva o nome de Corrego da Missão levantou os marcos da civilização intellectual, e material, edificando a Igreja Matriz, que ainda hoje existe. O seu territorio pertenceu a Villa de Porto Alegre, de que foi desmenbrado, por ser erécta Freguesia em 1766, e em Sessão ordinaria do extinto Conselho Geral da Provincia, de 11 d'Abril de 1833, foi elevada a Villa, servindo-lhe de limites os de sua Freguesia, sendo-lhe concedido para Patrimonio Municipal, uma

légua de terra, em quadro que tinha sido doada aos ditos Indios, pelo Alvará de 23 de Novembro de 1700. A 9 de Outubro do dito anno, foi installada a nova Camara Municipal sendo esta apossada pelo Pro-Presidente da de Porto Alegre, o alferes Rinaldo Caudencio d'Oliveira. Foi creado o Termo, em Sessão do ditto Conselho Geral de 14 de Maio de 1834, e approvedo pela Resolução Provincial de 23 de Março de 1835.

Por Lei de 15 de Setembro de 1875, foi este Termo reunido com o de Caratúbas, e elevado a cathogoria de Comarca, por Decreto de 26 d'Abril de 1876 foi declarada de 1ª entrancia, e no dia 11 de Setembro do mesmo anno, teve logar a sua installação, pelo seu Juiz de Direito o Doutor Rodolpho Herculano Marinho Falcão.

Topographia - A Villa está situada á margem norte da Lagôa Apody, em uma collina arenosa, contam 7 ruas, existindo nellas 118 cazas terreas, e 3 sobrados. Seus principaes edificios são: a Igreja Matriz, o Cemiterio e Capella, o Paço da Camara, com Cadeia, e Quartel Militar, no andar terreo; e a casa do Mercado.

População - Do recenseamento feito no 1º d'Agosto de 1872, consta terem sido recensados 6.591 individuos.

Agricultura - Lavoura - Consiste na cultura da cana de assucar, mandiôca, manipêba, fumo, algodão, milho, arroz, feijão de côrda, e gergelim. Tambem se cultivão algumas especies de fructas: banana, pinha, capô, côco da praia, melão, melancia, gerimum, e outras fructas hortenses como quiabos, e tomates. Criação - A grande criação consiste em gado vaccum, cavallar, muar, lanigero, cabrum e suino. Ha diversas fazendas que se occupão desta industria. A pequena criação limita-se a aves domesticas. Pesca. A pesca dá não sômente para o consumo diario, como as salgas com destino á importação (sic).

Industria Fabril - A industria fabril consiste, em rapaduras, aguardente, cal, fumo, farinha de mandioca, obras de olaria, como seião louças de barro, e cachimbos, têhas, e tijollos de alvenaria, táboas de cumarú, e de páo branco, cortumes, queijos, carne secca, manteiga, vellas, e cêra de carnaúba, azeite de Oytica, chapêos, esteiras, rêstos, e vassouras de palha de carnaúba, urupunas, balaio de cipó, peixe salgado, e secco, rêdes, pano de algodão, chinêllos de couro, sellins, caronas, cabeçadas de trança de couro chicolos, cabrestos, relhos, e puaz, chapets de couro, fio de algodão, córdas, tarrafas, obras de labirintho custuras rendas de almofada, biltos, furos e azeite de carrapato.

Commercio - A exportação limita-se: a gado vaccum, cavallar, e muar, para as feiras da Provincia de Pernambuco, fumo, queijos, carne secca, couros salgados, courinhos, solla, pennas de êmaz, algodão, peixe secco, vela de cera de carnaúba, cera e mel de abelha. A importação consiste em farinha de mandioca, farinha de trigo, alho, cebolla, fumo, rapadura, milho, feijão, arroz, assucar, café, bebidas espirituosas, ferragem louças, pannos, e outros objectos de fabricas estrangeiras.

Instrução - Para a instrução primaria ha duas escôlas publicas, uma para o sexo masculino, e outra para o sexo feminino.

Divisão Ecclesiastica - Pertence este Municipio a Diocese d'Olinda, o qual é de uma só parochia, que como já se disse, foi erecta em 1766.

Obras Publicas - A Igreja Matriz, o Cemiterio, a Casa do Mercado, o Paço da Camara Municipal, a Cadeia, e o Quartel Militar.

Curiosidades Naturaes - Ao rimo da Serra do Apody, no Olho d'agua da Solidade, na grande pederneira calcarea que ali existe, em frente ao mesmo tem diversas pedras que chamão de ralo, superpostas a lage nativa as quaes tocando-se com outra pedra dão um som delectavel como de um bom sino.

As referidas pedras, formão no mencionado lugar, comprehendendo não pequena area, uma especie de muralha com corredores, em ordem quazi symétrica, tendo aos lados dos mesmos, e na parte interior, assentada imitação de sofás, de uma pedra tão polida e dura que muito se assemelha ao marmore; sendo que, na estação invernosa, as aguas pluviaes que ahí cahem, enchem até conveniente altura aquelles corredores, que são utros tanques de banhos assaz aprasiveis e

saudáveis, pela temperatura, e limpidez das águas, que convidão ainda os mais indifferentes, que ali apparecem nesse tempo, a aprecia-los por esquecidas horas.

No Riacho Secco, do Sítio Oyticica, a 8 léguas ao Ocidente do Apody, existe uma especie de peixes azulados, maiores de meio palmo, que morrem quando as águas seccão, mas se reproduzem quando ellas reaparecem.

Meia légua ao poente do Rio Apody, de frente do Sítio - São Gonçalo, 4 leguas abaixo da Villa e cerca de 3 leguas acima da Povoação de São Sebastião descobre-se entre as asperozas superficiaes de uma pederneira, de quaze 1 légua de extensão, uma concavidade talhada na rocha, formando um valle de mais de 200 passos de circumferencia, com 80 palmos de profundidade este he o lugar que vulgarmente se chama - Cava do Trapiá - O solo ou superficie do fundo deste valle subterraneo, é formado de uma arêa compacta, e unida por uma substancia petrea, a qual petrefica tudo quanto cahe no âmbito d'aquella profundidade, como ossos. Ao entrar na gruta, por uma abertura talhada, encontrão-se assentos de pedras listradas de branco e preto e ladrilho de engraçadas pedrinhas, e de diferentes côres. A crença de alguns moradores, que conhecerem aquella paragem, é que alli se interrão, riquezas immensas dos Hollandeses. Disem outros, que, este valle subterraneo, guarda os restos mortaes do povo primitivo, que habitou as varzeas do Apody.

Distancias - Dista esta Villa da Capital da Provincia 78 léguas ao Poente. As distancias ás Villas, e Cidades dos Municipios confinantes, são as seguintes:

À Cidade de Mossoró, 14 léguas ao Norte.

À Cidade da Imperatriz, 12 léguas, e à Villa de Porto Alêgre, 10 léguas ao Sul.

À Villa de Caraiúbas 7 léguas a Leste.

Limita ao Poente com a Provincia do Ceará, na distancia de 7 léguas, no cimo da Serra do Apody.

PROVINCIA DO RIO GRANDE DO NORTE
COMARCA DE S. JOSÉ DE MIPERÚ
DESCRIÇÃO DO MUNICÍPIO DE ARIZ^(*)

Aspecto geral - Do lado do sul, leste e norte é este Município cercado de rios e lagoas, é geralmente plano, e coberto de matas ás quais sucedem extensos campos com ricas pastagens para criação de gados. Ao oeste é plano e se compõe de muitos campos que abundão um excellente pastagens, como tambem em arvores e arbustos, como mangabeira, cajueira, e jabuleta de (cujo fructo) extrahem os habitantes deste Município um óleo que é alimenticio e muito medicinal, de cujo fabrico extrahem grande lucro; a mangabeira de cuja casca, extrahem um leite que dá borracha para o que extrahese muito leite no anno de mil setecentos e setenta e oito de que fez-se exportação para o Recife e Parahiba. O caju, de cujo fructo extrahem vinho de cujo fabrico os habitantes deste Município terão muito lucro.

Mar e Portos - Pelo lado oriental é este Município banhado pela lagoa Guarahira, e o mar o apresenta um porto para barcaças e embarcações pequenas, o qual fica no lugar Tibão pertencente ao Município de Goianinha; e dista o mesmo porto deste Município duas legoas. A grande lagoa a cuja margem esquerda fica este Município, tem quatro legoas de extensão, cujas margens são assás férteis, nas quais os habitantes deste Município cultivão a canna de assucar, mas os lucros que extrahem são muito precarios por causa das grandes enchentes que entrão na mencionada lagoa, que vasam com grande demora, por ser a barra do rio que entra na mesma lagoa de Guarahira a do rio Trahira que banha o Município de Papari cujas enchentes reunindo-se ás do Rio Jacú que banha este Município, demoxão-se muito por causa da barra que é muito estreita e quasi entalhada de pedras e fica muito distante quasi cinco legoas deste Município. O mar que confina com este Município do mesmo lado fica muito contiguo a lagoa Guarahira da qual está separada por uma ponta de terra de extensão em duzentas e oitenta e seis braças de largura em terreno arenoso e coberto de arvores por onde se offerece um esgoto para as enchentes que tanto damno causão não só aos habitantes deste Município como aos dos municipios limitrophes; o que já projectou levar a effeito um particular, tendo dado principio em mil setecentos e setenta e cinco em que houve uma enchente que appealou-se deluvial; o que não realisou-se por falta de auxilio não só dos proprietarios como do governo. Os habitantes deste Município alimentão a doce esperança de que esta noticia chegando ao alto conhecimento do nosso Augusto Monarcha em cujas mãos repousão os destinos da nossa cara Patria; se levará a effeito este serviço, o qual redundará um tanto proveito não só para os proprietarios e sim para o governo, pela grande exportação de assucares que se calcula em cem mil pães cultivando-se ambas as margens da lagoa.

Rios e Lagoas - Seu territorio é regado por diversos rios e lagoas, sendo o mais notavel o Jacú

(*) Ilmo. Sr. Dor. Benjamim Franklin Ramuz Galvão

A Câmara Municipal desta Villa, solicita pelo desempenho de seus deveres tem a honra de remetter a V. S.^a as informações pedidas em seu officio em data de 2 de Janeiro deste anno, e recebido a 10 de Maio corrente; indo as mesmas de accordo com o modo que foi derigido a mesma.

Deus Ce. a V. S.^a

Paço da Câmara Municipal da Villa de Ariz em sessão ordinaria de 31 de Maio de 1881.

Ilmo. Sr. Dor. Benjamim Franklin Ramuz Galvão.

Mex. Digno Bibliotecario da Bibliotheca do Rio de Janeiro

Marcos José¹⁰ Pessoa de Lima - Vice Prez.¹¹

Primo Feliciano Martyr

M.¹² Januario Bezerra Cav.¹³ Sobrinho

Joaquim Suleira da Cunha

Francisco Figueira da Costa

que despeja na lagoa Guarahira, onde é navegavel para causas que fabricão os habitantes desta Villa pára pescarias dos differentes que na mesma lagoa se crião em consideravel quantidade, digo differentes peixes, taes como curimã, camoropin, ramurim, peba e pecu, carapeba, uburana, tainha, carapicu, cará, curimatã, traíra, jacumhá, Piau, cangaty, etc., os quais dão não somente para consumo diario, como para as salgas com destino a exportação para a Provincia da Parahíba. O mesmo Rio nascendo em uma serra do sertão desta Provincia depondo um curso de cincoenta leguas reune-se como Rio Carrurú que vem da lagoa Papary, e desemboca no mar, estando até Município em toda sua extensão de sudoeste a leste e nordeste, tomando o território do Município a configuração de uma península. Ha também para o lado do oeste a uma e meia legua de distancia um Rio perenne denominado Uruará, cuja margem serve de divisão deste Município com o da Villa Imperial de Papari até a lagoa Papari onde faz barra o mesmo Rio pelo lado do norte deste Município, servindo o mar da mesma também de divisão daquelle município com este.

Historia - A Villa de Ariz foi primitivamente uma missão jesuitica, aquí fundada para a cathechese dos indios chamados ao aldeamento para o qual foi escolhido o local em que se acha a Villa, sendo extinta a mesma missão por alvara de 3 de Setembro de 1759, foi convertida em parochia e teve o predicamento de Villa, e Termo, a qual por Lei Provincial da Assembleia desta Provincia, foi supprimida, e transferida para a Povoação de Coianinha que foi elevada a cathogoria de Villa e Termo, e conservou-se supprimida ate o anno de mil setecentos e cincoenta e cinco, em que foi instaurada em consequencia da Resolução Provincial, numero tresentos e dezoito de trinta e um de Agosto de mil oitocentos e cincoenta e cinco, e conservou esta cathogoria, até o anno de mil setecentos e sessenta e dois quando foi novamente supprimida a Freguezia, e extinta a Villa, digo foi novamente extinta a Villa e supprimida a Freguezia e incorporada como capella filial a Freguezia de Nossa Senhora do C' da Villa de Papari. Outra Lei Provincial ignora-se de que data, restaurou a Freguezia, e elevou a Cathogoria de Villa, com a mesma denominação de Ariz.

Topographia - Esta Villa esta situada a margem esquerda da lagoa Guarahira, em terreno plano e bastante elevado donde descortina-se a mais linda e rica paisagem que se offerece não só das margens da lagoa ja mencionada como do mar, observando-se a passagem de embarcação ate de vapor costeiro. As ruas que formão o quadro da Villa são direitas em numero de trez as quaes representam não um quadrado, e sim em parallelogramo servindo de lado para o mesmo a Igreja dedicada a S. João Baptista, e contigua á mesma um convento edificado pelos Jesuítas, assebradado todo em roda, que servia de morada para os mesmos aos quaes é devida a boa escolha do logar em que esta edificado o convento donde se observa uma bella vista do mar.

Ha também um cemiterio construido de pedra e rebocado a cal, o qual occupa uma grande área de terreno, e é considerado no numero dos melhores.

Salubridade - O Município é bastante salubre, apenas reina a febre enternmittente que é endemica aqui, maxime na estação invernosa.

Mineiras - Os mineraes mais usuaes são a pedra de construcção e o barro de oleria, de que fabrica-se tijolo de alvenaria, telhas, louças de barro, e outras obras.

Madeiras - Ha muitas especies de madeiras de construcção, e marceneria. As principaes são: sucupira, páo d'arco, quiri, piquiã, suruaji, louro, páo santo sapucarana, sapucaia, maçaranduba, páo d'oleo copahiba, páo brasil (ibirapitanga), quarubú, imbiriba, oitituruba, turuman, carauba, gitahi, páo sangue, oiticoró, páo ferro, getuparana, cajarana, golandina, jatobá, angelim, muricim-da-mata, cupiuba, cupeba, guabiraba, cabucú, imbirindiba.

Fructus silvestres - Caju, cajurana, cumboim, ubaia, maracujá, pitomba, goiagiri, araticum, mangubá, maçaranduba, guabiraba.

Animas silvestres - Veado garapu e arporuoro(?), que é de grande tamanho, cutia, coelho, preá, maracajá, assu e murim; capivara, lontra, que são amphibias e paca, quandú, saçuí, furão, papa-mel, gato bravo, timbú, tatús, tamanduá, jaguarinim, raposa a que indios denominão guará.

Quanto as aves, encontram-se nas matas jacu-assu e pema; aracuã, nambu-apó, zabelê, araponga, focial, gallega, juriti, jaçanam, marreca, maranhão, mergulhão, curão, socó, tamatião, conduca, pacaparu, gaivota, caracará, gavião, colhereira, garça, e maçarico.

As aves cantoras são canários, cupiro, checheo, curis, bicudo, patativa, coneliz(?), sabiá, pintasilgo. No numero de aves grandes entra a seriema.

Ha abelhas de diferentes especies, taes como uruquí, jandahira, inchú, que fornecem excellente mel.

População - Segundo o ultimo recenciamiento, consta a população 2500 almas.

Agricultura - Consiste na cultura de canna, tabaco, milho, algodão, mandioca, e feijão. Tambem se cultivão muitas especies de fructas: laranja, lima, coco, dendê, bananas, annanaz, melão, melancia, e outras hortenses, alem de diversos legumes.

A criação consiste em gados vaccum e cavallar.

A industria fabril consiste em assucar, aguardente, fumo, farinha e obras de olaria.

Commercio - A exportação limita-se ao assucar, aguardente, fumo, farinha de mandioca. A importação consiste em ferragens, vidro, louças, pannos, e outros objectos de fabricas estrangeiras.

Instrução - Para a instrução ha duas aulas primarias para ambos os sexos.

Divisão ecclesiastica - Pertence este Municipio a Diocese de Olinda, e consta de uma só parochia.

Distancias - Dista este Municipio da Capital da Provincia treze leguas ao norte. As distancias ás Villas visinhas confinantes são as seguintes:

À Villa de Papari trez leguas ao norte.

À Villa de Goaninha treze leguas ao sul.

À Cidade de Mipibu quatro leguas ao noroeste.

PROVINCIA DO RIO GRANDE DO NORTE
COMARCA DO ASSÚ
DESCRIÇÃO DO MUNICÍPIO DO ASSÚ(*)

Aspecto geral - Ao lado do norte, e leste, é este município plano, e coberto de uma verdejante carnaúbal, e de outras arvores frondosas de diversas qualidades. Ao oeste é geralmente arenoso, e composto de pequenos montes, cobertos de uma mata rasteira, ou de pequenas arvores. Ao lado do sul e OCO é alternativamente carrascôsu, encontrando-se alguns lugares planos, porém, geralmente é onduloso.

Mar e portos - Pelo lado do norte, é o Município banhado pelo mar, e apresenta um pequeno porto, sem importância, no lugar denominado = Conchas - uma das embocaduras do rio Assú ou Piranhas (como denominaram os portugueses) e onde podem entrar pequenas barcasas ou grandes canoas até a distancia de cinco legoas. Existe tambem o porto d'Officinas no mesmo rio, por onde se embarca com o auxilio da enchente das marés, para a cidade de Macáu, por um dos braços do mesmo rio, o mais largo, que vai ter ao mar. Fica este porto a 7 leguas do litoral, e nas suas imediações antigamente fazia-se grande quantidade de carne seca, que os moradores exportavam para as provincias do Sul. D'aí lhe vem o nome de porto d'Officinas. Antigamente teve uma capela da invocação de S. José, onde residia um capelão. Ainda hoje existe essa capela, e é Distrito de Paz, e Sub delegacia.

Ilhas - Não existem no município senão alguns terrenos circundados por braços derivados do rio-Assú, e que somente enchem na estação pluviosa com as aguas deste mesmo rio, formando então uma especie de ilhas.

Serras - Pelo lado do sul do Município existem algumas pequenas serras, notando-se entre elas, a do Bonito, assim chamada pela bela perspectiva que apresenta, por ser coberta geralmente de um verde escuro, que apenas declina nos meses de rigoroso verão. Au norte está uma outra serrota denominada - Cobê - nas proximidades do mar.

Rios e lagoas - Seu territorio é cortado por diversos rios, que só contem agua durante a estação invernososa. O rio Piranhas, o mais importante do município e da provincia, nasce das serras dos Cairiris, e atravessa cerca de 20 leguas pela provincia da Paraíba, entra na provincia do Rio Grande do Norte pelo município de Seridô, e lago que banha o município do Assú, toma este nome, porque hoje é geralmente conhecido. Corre neste Município de sul a norte, recebendo sempre muitos tributarios, desde sua nascente, que engrossam espantosamente o volume de suas aguas, a ponto de, nos anos mais invernosos, transbordarem do seu leito, causando enormes prejuizos aos criadores e plantadores, como succedeo no ano de 1875, indo desembocar no mar por diversos braços e a 18 leguas desta cidade. Existem outros rios de pequeno curso, que atravessam o município; taes

(*)Paço da Camara Municipal da cidade de Assú, em sessão ordinária de 8 de Julho de 1881.

Ilmo. Excia. Sr.

A Camara Municipal desta cidade tem a honra de munder à V. Excia. a informação inclusa, relativa á este município, satisfazendo a exigencia de V. Excia. em officio de 2 de janeiro deste ano. Não tem a vaidade de supor, que é um trabalho completo; entretanto tem consciencia do haver feito, o que estava ao seu alcance.

Deus guarde à V. Excia.

Ilmo. Excmo. Sr. Dr. Benjamin Franklin Ranziz Galvão, Diretor da Biblioteca Nacional

Manoel Lino Caldas, Presidente

Minerato Luiz Wanderley

Epanthiondas Lins Caldas

Manoel Joaquim Fructuoso

Manoel Cândido Maciel de Brito

Torquato d'Oliveira

são: o rio Paratú que nasce de serras do município do Triunfo, e corta o município do Assú pelo espaço de 6 leguas, do OSO para ENE; o rio Umbuzeiro, que nasce da Baixa do Feijão e vai desaguar em um dos braços do rio Assú, junto ao mar, e no lugar chamado Salinas do Pontal, percorrendo parte do território norte deste município: o rio dos Cavalos, que é o braço mais importante do rio Assú - com cerca de 12 leguas por este município, tomando diversas denominações, como de Panom, Poré, Arraial, Lagoa das Cestas, Canto do Mangue e Conhas. Há também para o lado do noroeste, a uma legua da cidade, a grande lagoa denominada - Piató, com 3 leguas de comprimento sobre meia de largura, que apenas enche quando recebe as agoas do rio Assú, por um braço deste, que vai comunicar-se com ela; mas, uma vez cheia, conserva e sustenta suas agoas, sem receber novo reforço, por espaço de 4 anos. É muito piscoza, e nos últimos anos de seca de 1877 e 1878 comportou mais de 60 canoas que diariamente apanhavam peixes para suprir, e refrigerar uma população imensa: quando secam as lagoas, o lago do Piató presta-se maravilhosamente ao cultivo de todo genero de plantação. Ainda se notam neste Município as seguintes lagoas, que por serem menores, não deixam de ter sua importância pela quantidade de peixe, que dão; e são: quixeré (peixe saborosissimo) itans e papaicú, as quais também só recebem agoa no inverno e tem fundo suficiente para canoas.

Salubridade - O clima deste município, se bem que seco e quente, é muito salubre. O sol é ardente e abraçador. As veses aparecem casos de febre benigna, que deixam de fazer vítimas. Em 1872 o colera-morbus fez algumas vítimas, em 1856, porem não grassou.

Minerais - Os minerais mais usuaes são a pedra de construção, o barro de olaria, e a grande quantidade de pedra, que dá alva e finissima cal. Nunca foi explorado pelos naturalistas, mas presume-se, que podem existir minerais de algum valor.

Madeiras - Ha muitas especies de madeiras de construção e de marcenaria. As principaes são aroeira, pau d'arco, pau branco, carnaubeira, pereiro, cumarú, angico, emburana e oiticica.

Frutas silvestres - Ubaia, maracujá, ameixa, palmatoria, melancia de praia, quixaba, camapum, carnauba, juá, coroa de frade, pitomba, cajá, genipapo, inharé, trapia, xiquexique, cardeiro, mandacariú, umari, e agua pé. Cultivadas: - goiaba, pinha, graviola, cajú, melão, melancia, abobora, batata e gerimú.

Animaes silvestres - Porco do mato, ou queitatu, viados, preás, morós, onças, maracajás, gato do mato, tamanduá, raposa, maritacaca, tatús de diversas qualidades, saguins, e furões. Quanto a aves encontram-se de varias especies no mato, tais como: gavião, caboré, carcará, urubú, picapau, asa-branca, juriti, parari (ou ave de arribação) rôla, papa-arroz, acanuá, vem-vem. Também abundam papagaios, periquitos maracanãs, jandaias, tapacuns (ou verdelins). As aves cantoras são: o sanhassú, o galo de campina, o sabiá, o carauna, o rouxinol, o corrupião. As que frequentam as lagoas são: marrecas, carões, patos, tamatioens, massaricos, garças e outros mais. Nos campos ha a ema, sariemas, nambús e tetéos. Há varias qualidades de abelhas, que fazem excelente mel, como sejam: jandaira, mosquito canudo, tubiba, amarela, enxú, arapuá, inxuhí, e capuxú, que procura o centro da terra. A par destes insetos outros há como a saúva (ou formiga de roça) que estraga a plantação. Há também o cupim que estraga o teto das casas. O mar, em que poucas armadilhas ha fornece diversas qualidades de peixes, como sejam: pescada, camoropim, curiman, cavala, a rabajana, sardinha, agulha, dentão, charé, bagre e muitos outros; assim também variados mariscos. Nos rios e lagoas pescam-se trahiras, piranhas, curimatans, pihaus, pirambelas, camorins, saunas, cangatejo, peixes brancos (ou corós) e jacutulás. Também encontra-se o kagado, especie de tartaruga.

História - A cidade do Assú, foi em principio uma aldeia de indios, dirigidos pelos padres Jezuitas, que foram os primeiros europeos, que aqui residiram. A aldeia primitivamente denominou-se Taba-Assú; depois chamou-se simplesmente Assú, e este nome conservou até o ano de 1790, quando foi criada vila com o título de Vila Nova da Princesa. Já era freguesia desde epoca mais remota, e compreendia então toda zona do sertão da provincia do Rio Grande do Norte, que se divide atualmente em muitas freguezias, municípios e diversas comarcas, que foram sendo do seu

território separados. Fossou a cidade pela lei provincial nº 124, de 16 de Outubro de 1845. É patria do illustre senador Padre Francisco de Brito Guerra.

Topografia - Esta cidade está situada á margem occidental do rio Assú ou Piranhas e a esquerda de um pequeno braço deste rio denominado Corrego. Ocupa ella uma linda planicie coberta de um areial avermelhado, e offerere uma vista pitoresca e magnífica. As ruas são geralmente bem alinhadas e espaçosas. A maior parte das casas são terreas, e bem edificadas, havendo, porem, alguns sobrados. Seus principaes edificios são: a igreja Matriz de S. João Batista, a casa da Caridade, a casa da Camara e cadeia, e o cemitério, tendo sido instituida a casa da caridade pelo Reverendo Dr. pregador José Antonio Maria Ibiapina, e na qual existem recolhidas trinta e tantas orfans e pessoas maiores do sexo feminino; e mais ainda o mercado publico e a igreja de Nossa Senhora do Rozario, que está em ruínas. Ha diversos estabelecimentos commerciaes e industriaes. Tem 3 tipografias, que teem publicado diversos jornaes periodicos, e presentemente publicam o *Brado Conservador*, *Jornal do Assú* e *A Saude*.

População - Segundo o ultimo recenseamento, consta (no Municipio) a população livre de 7.500 almas e a escrava de 90 almas. Desta população habitam (a Cidade) 2.000 almas, comprehendendo 54 escravos.

Agricultura. Lavoura - Consiste na cultura de mandioca, algodão, milho, arroz, feijão, tabaco, cana de açúcar, milho trigo e batatas nas areias do leito do rio. Tambem se cultivam algumas especies de frutas: melão, melancia, roman, pinha, abobora, banana, e outras frutas ortenses alem de diversos legumes.

Criação - A grande criação consiste em gado vacum, cavalari, muar, lanigero, cabrum e suíno. Ha diversas fazendas, que se occupam desta industria. O periodo de seca de 1877 a 1879 desbaratou muitas destas fazendas, matando a criação, e deixando apenas uma pequena parte, da que existia anteriormente. A pequena criação limita-se a aves domesticas.

Pesca - A pesca é feita em determinadas epochas, depois dos invernos, e é um poderoso auxiliar á sustentação da população.

Industria fabril - A industria fabril consiste em farinha de mandioca, fumo, aguardente, em pequena quantidade, obras de olaria, como sejam louças de barro, telhas e tijolos de alvenaria, e ladrilhos, chapas de palha, urupemas, esteiras, cordas, tudo da carnauba.

Comercio - A exportação limita-se ao algodão, cera de carnauba, couros salgados, sola, couirinhos curtidos, penas de ema, cera de abéllhas, carne seca, queijos, peixe, gado vacum e cavalari. A importação consiste em ferragem, louças, vidros, panos, farinha, milho, café, goma, açúcar, rapaduras e em outros objetos de fabricas estrangeiras.

Instrução - Para a instrução primária ha uma escola publica do sexo masculino, criada por Decreto do anno de 1827 e uma do sexo feminino criada no mesmo anno. Existe tambem uma aula de latim. No dia 3 de maio de 1874 instalou-se uma biblioteca popular que, segundo o relatório do ex presidente da provincia Dr. Bandeira de Mello Filho, no anno de 1875 contára 531 volumes dos quaiis 223 incadernados.

Divisão eclesiastica - Pertence este municipio a Dióceze de Pernambuco.

Obras publicas - Paço da Camara Municipal, cujo pavimento terreo serve de cadeia publica.

Curiosidades naturaes - Não consta que exista alguma neste municipio.

Distancias - Dista esta cidade da capital da provincia 50 leguas, ao noroeste. As distancias ás vilas e cidades dos municipios confinantes são as seguintes:

Á vila de Sant' Ana dos Matos, 12 leguas ao noroeste.

Á vila de Angicos, 8 leguas ao sudoeste.

Á cidade de Mossoró, 18 leguas ao sueste.

Á vila do Triunfo, 14 leguas a este nordeste.

Paço da Camara Municipal da cidade do Assú, em sessão ordinária de 8 de Julho de 1881.

Manoel Luiz Caldas o Presidente

Minerins Lins Wanderley
Epaminondas Lins Caldas
Manoel Joaquim Frutuoso
Manoel Candido Maciel de Brito
Torquato d'Oliveira

PROVINCIA DO RIO GRANDE DO NORTE
CAMARA DA MAIORIDADE
DESCRIPÇÃO DO MUNICIPIO DA CIDADE DA IMPERATRIZ(*)

Aspecto geral - A Cidade, séde do Municipio do mesmo nome, está situada no cimo de uma Serra, denominada = serra do Martins. Sua extensão é de três legoas de nascente ao puate, cujo terreno é fertilissimo; seo clima salubre, tanto que os terriveis flagellos do cholera morbos, e febres amarella a moda não penetrarão este solo abençoado. Ao puate, fica-lhe emportante serra de Port'Alegre, d'onde foi desmembrado este Municipio; ao Sul, nascente e norte notão-se bosques alternativamente, campos cobertos de abundante pastagem e alguns montes de pouca importancia.

Rios - O Municipio é cortado de norte ao sul por um pequeno Sulco torrencial, que só contém agua durante a estação chuvosa. Existe ao pé da Cid.^e do lado do Nascente, um assude d'agua permanente, que serve de serventia publica.

Salubridade - O Municipio é geralmente salubre.

Mineiras - Os mais usuaes são: o barro de olaria e a pedra calcaria que é abundantissima.

Madeiras - Há muitas especies de madeiras de construção de marcenaria. As principaes são: o angico, aroeira, pão-d'arco, balçamo, pão-d'oléu, gonçallo alves, carnaúba, louro, jequiá, sucupira, e pão-ferro que emita a jacarandá.

Fructas Silvestres - O cajú, goiaba, araçá, maracujá, carnaubá, umary, pitomba, quichaba, ginipapo, juá, ubaia, ameixa, camará.

Animaes Silvestres - O caetitú, viado, onças, gatos, raposas, tatus, furão, guandu, macacos, cotia, saguim, mocó, preá, seguaçu, ..., rato, camalião. Quanto as aves, contão-se: ema, siricemua, jacú, papagaio, maracanan, periquito, jandaia, caracara, gavião, de diverças especies pomba aza-branca, e de bandos, pato, marreca, jaçanan, mergulhão e outras de diverças qualidades. As abelhas são: jandaira, canudo, jatú, moça branca, tataira, munbuca, irapuá, abreu, limão, sanharão, échu, enchui, capuchu. Há diverças especies de peixes, como bem: curimatán, trahira, piaui, cangati, piranha, e acará.

Historia - Conforme as mais autorizadas opiniões foi a serra do Martins explorada por J^o Rodrigues Martins em 1746, e que nella se estabeleceu com sua familia e erigiu uma pequena Igreja de baixo da invocação de N. Senhora da Conceição, tão depreça se povvou e floreceu a Serra do Martins que 10 annos depois era uma povoação notavel, tanto que em Novembro de 1841, foi elevada a cathogoria de Villa com a denominação de Villa da Maioridade, pertencente ao Municipio de Port'Alegre. Em 1820 foi erigida uma segunda Igreja a esforços do povo com invocação de N. Senhora da Conceição, então a primeira Igreja que havia sido fundada por João Rodrigues Martins, passou a ter o titulo de Capella do Rosario, que hoje conserva-se sob os auspicios e zelo religioso da classe parda e captiva, em 2 de Novembro de 1840, foi elevada a Matriz a Capella de N. Senhora da Conceição, sendo desmembrada da Freguesia do Pão dos Ferros, a que então pertencia.

(*) Ilmo. Senr. Dor. Benjamin Franklin Ramiz Galvão

A esta Camara foi prezente a carta de V. S^a datada de 2 do Janeiro passado, que tem a honra de responder. É com o maior prazer que esta Camara vai satisfazer a exigencia que V. S^a della fez, remetendo a estatistica da Cidade da Imperatriz e Sen Municipio; ficando a mesma observar si nãoprehender, completamente o pedido de V. S^a, a cerca da descripção topographica conforme o modelo que nos enviou.

Somos com estima e consideração

De V. S^a respectiva e C. rdo.

Imperatriz 4 de Maio de 1881

Antonio Manoel Ferreira Maia

Presidente da Camara -

Século Dias da Cunha - Secretario.

Em 16 de Novembro de 1845, passou a Villa da Maioridade e tomou o titulo de Cide. da Imperatriz, constituindo-se municipio do mesmo nome.

Topographia - Esta Cidade como foi dito, está situada no simo da serra occupando uma bella planicie: as ruas são geralmente tortuosas, porém largas; as cazas são terrias, havendo apenas dois sobrados, um dos quais é notavel, por suas dimenções e gosto. Seus principais edeficios são: a Igreja Matriz, a Capella do Rosario, e o cimiterio publico que está muito aquem do que deve ser, por não estar acabado.

População - Segundo o ultimo recenciamento consta a população livre e escrava de 10.600 almas, d'esta população habitão a Cidade 8.000 almas, os três ultimos annos de seca reduzirão a população tanto que pode ser calculada em 800 almas.

Agricultura - Consiste a lavora na cultura da cana de assucar, mandioca, tabaco, algodão, milho, arros, o feijão, também se cultivão algumas especies de fructas como: laranjas, limas, bananas, romã, jaca, gravinha, ou araticum, ata ou pinhão, mangas, annanás, melão, melancia, condessa, goiaba, e outros fructos hortenses e deverços legumes. Criações = a grande criação consiste em gado vaccum, cavallar, muar, lanigero, cabrum, suino e quasi todas as fazendas contam desta industria. A pequena criação limita-se a aves domesticas. A pesca d'agua doce mal dá para o consumo diario.

Industria fabril - A industria fabril, consiste em rapadura ou assucar, aguardente, fumo, farinha de mandioca, obras de olaria, como sejião louças de barro, telhas e tijolos de olaria; fião-se e preparão-se tecidos de algodão grossos.

Commercio - A exportação limita-se a algodão, couros, salgados e curtidos, fumo, farinha de mandioca, milho, feijão, arros, gado vaccum e cavallar. A importação consiste em ferragens, vidros, louças, pannos e outros objectos de fabricas, estrangeiras.

Instrução - Para instrução primaria há duas escolas publicas do sexo masculino e uma do sexo feminino. Sendo uma daquellas noturnas.

Divisão Ecclesiastica - Pertence este Municipio a Deocese de Pernambuco e divide-se em duas Parochias, uma das quaes é da serra do Martins, como fica dito, creada em Novembro de 1840, a outra é a de N. Senhora das Dores do Patú, distante desta Cidade oito leguas.

Obras Publicas - Não há.

Curiosidades naturais - Quase no lado oriental da serra, existe um Serrote denominado da Trincheira = com cavernas tão espassosas que podem abrigar do sol e da chuva centenas de pessoas; as aguas que filtrão deste serrote são calcarias, formão colunas de deverças espessuras.

Distancias - Dista esta Cidade da Capital da Provincia oitenta e seis leguas do Municipio e Villa de Porto Alegre, treze leguas da Villa de Pão dos Ferros, oito leguas da Villa do Apody, des leguas da Cidade do Mossoró, vinte e quatro leguas da Cidade do Assú, trinta e duas leguas da Villa de Macaú, quatorze leguas da Villa de Caraubas, Municipio todos limitrophes, a excepção do de Mossoró. Cidade da Imperatriz, 4 de Maio de 1881. Eu Seledon Dias da Cunha, Secretario da Camara o escrevi.

PROVINCIA DO RIO GRANDE DO NORTE
COMARCA DO JARDIM
DESCRIÇÃO DO MUNICÍPIO DA CIDADE DO JARDIM(*)

Aspecto geral - Do lado do Sul e do leste é este Município em parte montanhoso e coberto de bosques. Ao oeste é composto de extensos campos pedregosos. Ao norte encontram-se alternativamente bosques e montes de terra, além de uma pequena parte montanhosa.

Mar e ilhas - Não há.

Serras - Ao lado do norte do Município existe uma serra denominada Serra da Formiga, e a leste uma outra com a denominação de Burburema, que se estende para o norte pelo Município do Arary e para o sul pelo de S. Lusía.

Rios e Lagoas - Seu território é regado por diversos rios, dos quaes alguns na estação invernosu se prestariam á navegação de Canoas, sendo explorados como o Seridó e Acahuã. Há também pequenas lagoas nos campos de criação.

Salubridade - O Município é geralmente salubre; mas na estação secca apparecem febres intermitentes. Em 1859-1860 a chólera-morbo grassou intensamente no Município. Apparecem periodicamente a variolla, sarampo.

Mineraes - O território do Município ainda não foi explorado por naturalistas. Ha conhecido o barro de olaria e pedra calcarea.

Madeiras - Ha diversas qualidades de madeiras de construcção e marcenaria. As principaes são: arociras, angico, páo d'arco, louro, craubeiras, cumatú, pereiro, grauna, das quaes algumas abundão.

Fructas silvestres - O município produz ameixa, umbú, pitombas, quixaba, joá, maracujá, xiquixique, que na ultima secca muito servio para alimentação dos flagellados.

Animaes silvestres - Veado, gato, raposa, onça, tatús, tamanduá, mocós, preás, tejoassú, ema.

Quanto á aves encontram-se nos bosques e fora d'elles umbús, gaviões, pombas de arribação, periquitos, maracanãs, que prejudicão muito á lavoura. As aves cantoras são o canario, o caruina, a juriti, o papagaio.

As abelhas fornecem mel; taes são a tubiba, a jandaira, a amarella, o achú. Á par d'estes insectos outros ha muito prejudiciaes á laboua, como a formiga de roça, a largarta.

Nos rios e açudes pesca-se a curimatá, trahira, piati, piranha.

(*)Illuro. Exmo. Senr.

A Camara Municipal da Cidade do Jardim, tem a honra de accusar o recebimento do officio de V. Ex.^a, firmado em 2 de Janeiro ultimo, sollicitando informações minuciosas sobre as circumstancias topographicas e estoricas d'este Município para que faça elle parte da exposição de historia e geographia do Brazil que a Bibliotheca Nacional pretende realisar na Capital do Imperio.

Em vista pois de tão util quão patriótica pretensão d'essa Bibliotheca, esta Camara, formulando minuciosamente sua resposta ao questionario que occupamum o supra citado officio, remette-a a V. Ex.^a, a quem agradece os protestos, de consideração que se dignou de apresentar-lhe, e lhe o retribue.

Deus Guarde a V. Ex.^a

Paço da Camara Municipal da Cidade do Jardim em sessão ordinaria em 9 de Abril de 1881.

Illuro, Exmo. Senr. Dor. Benjamin Franklin Ramiz Galvão.

M. D. Bibliothecario da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.

Joaquim Araripe Dantas, Presidente.
Felinto Elycio d'Oliveira Azevedo
Pedro Paulo de Azevedo
Thomas Freire de A.
Luiz Francisco de Medeiros
Manoel Bento Maria de Medeiros
João Francisco Martins.

Historia - A Cidade do Jardim, foi primitivamente uma povoação, creada em 1790 por Antonio de Azevedo Maia, o qual edificou em suas terras uma cappella com a invocação de Nossa Senhora da Conceição. Por Lei Provincial de 4 de Setembro de 1856 foi erecta em Freguesia, e por outra do 1º de Setembro de 1858 foi elevada á cathogoria de Villa e como tal separada dos Municipios do Principe e Acary, á que pertencia. Passou á Cidade pela lei provincial de 27 de Agosto de 1874.

Topographia - Esta Cidade está situada em terreno plano entre os rios Seridó e Cobra, juntándose estes ao pé da mesma ao oeste, o que offerece uma vista pitoresca. As ruas são regularmente edificadas, havendo alguns sobrados vistosos. Ha os seguintes edificios importantes: a igreja matriz, um sobrado que serve de casa de Camara e cadêa publica, o cimiterio e uma casa, que serve de hospital.

População - Segundo o ultimo recenseamento consta a população livre de 7.419 almas e a escrava de 259: quasi toda esta gente habita em sitios fóra da Cidade.

Agricultura. Lavoura - Consiste na cultura da mandioca, algodão, milho, feijão, arroz, batatas, canna, que produz bem em terrenos de açude. Tambem se cultivão algumas especies de fructas como: banana, côco, laranja, goiaba, cajú, melão, girimu, alem de outras fructas hortensens e diversos legumes. Creações: A grande criação consiste em gado vaccum, cavallar, muar, lanigero, cabrum, suino. A pequena criação consiste em aves domesticas. Tambem se crião nas fazendas cães, gatos.

Industria fabril - A industria fabril do Municipio limita-se a farinha de mandioca, obras de olaria, como sejam louças de barro, telhas, tijollos e alguma aguardente e fumo. Ha tambem diversos teares, onde se tece algodão e se preparão bonitas redes brancas e de côres.

Commercio - A exportação consiste em gado vaccum, cavallar, muar, algodão, carne secca, queijos, côcos, solfa, courinhos, chapéos de couro, perna de ema. A importação consiste em fazendas diversas, ferragens, miudezas, café, assucar, sal, farinha, rapaduras, e diversos objectos estrangeiros.

Instrução - Para a instrução primaria ha uma escola publica para o sexo masculino e outra para o femenino na Cidade, alem de outras particulares fóra.

Divisão ecclesiastica - Pertence este Municipio a diocese de Pernambuco e consta de uma só Parochia, que é a da Cidade.

Obras publicas - As obras publicas são um sobrado, que serve de casa de Camara Municipal e cadêa publica, o cimiterio e um açude ao pé da Cidade.

Curiosidades naturaes - Encontrão-se nos lugares montanhozos olhos d'agua potavel em qualquer estação do anno, alguns dos quaes se conservarão perennes durante a secca de 1877 á 1879.

Distancias - Dista esta Cidade da Capital 52 legoas ao norte.

As distancias ás Villas e Cidades dos Municipios confinantes são as seguintes:

Á Villa do Ceuthé ao leste 22 legoas

Á Cidade do Principe ao oeste 9 legoas

Á Villa de S. Lusía ao sul 9 legoas

Á Villa do Acary ao norte 5 legoas

PROVINCIA DO RIO GRANDE DO NORTE
COMARCA DE MOSSORÓ
DESCRIÇÃO DO MUNICÍPIO DE MOSSORÓ(*)

Aspecto geral - Do lado do norte e sul este Município é geralmente plano, assim como de leste e oeste, mostrando somente pequenas elevações montanhosas nos limites de ambos estes lados, que são cobertos de bosques e matas.

Compõe-se em todas as direcções de extensos campos de lavoura e criação e de carnaubacs em ambas as margens do rio de seu nome, que passando na sede do Município pelo lado de leste desagôa no atlantico oito legoas ao norte.

Mar e portos - Pelo lado do norte este Município é banhado pelo mar, tendo um litoral de cerca de oito legoas desde a barra de seu nome até a ponta denominada - do Mel - ao leste onde limita por este lado com o Município de Macau. O rio, cuja margem esquerda á partir da Barra até ao lugar - *Pau enfiçado* pertence ao Município do Aracaty, da Provincia do Ceará, é navegavel por Barcaças e outras pequenas embarcações até ao lugar chamado - Porto - onde chega a maré distante 7 legoas da Barra e uma da sede do Município; podendo ser navegado por navios de grande calado até meia distancia do - Porto - ou lugar denominado - Jurema - onde já tem chegado os vapores da Companhia Pernambucana, por ser geralmente mais fundo até este ponto.

Serras - As serras que formão a parte montanhosa do Município e lhe servem de limites são a do Carmo a leste de pequena elevação e que vai sahir no atlantico na - *Ponta do mel*; e a de Mossoró do lado de oeste, que estendendo-se do Município do Apudy em direcção de sul a norte vai tambem sahir no Atlantico no lugar denominado - *Morro do Tabau* - da Provincia do Ceará.

Rios - O territorio deste Município conta apenas dois rios, que são o *Mossoró*, antigamente denominado Apudy e o do *Carna*, sendo este mais propriamente um sulco torrencial, que só contem agua durante a estação hibernosa.

O Mossoró nasce nas faldas da serra do Luis Gomes, entra na lagôa do Apudy do Município vizinho, cortandô este Município em toda a extensão de sul a norte e desemboca no mar. É só navegavel desde a Barra até ao Porto em todo o tempo, e do Porto até a Cidade por pequenos barcos em tempo de inverno. Da Cidade para o interior é geralmente secco em tempo d'estio, ficando apenas alguns poços no Município, os quaes servem de refrigerio aos gados de criação, e aos plantadores de vazantes, que nelles pescão, plantando e colhendo em suas circumvizinhanças grande quantidade de alhos, cebollas e batatas doces.

Salubridade - O Município geralmente é salubre, manifestando-se um ou outro anno alguns cazos raros de febre amarella.

Nos annos de 1856 e 1862 appareceo o cholera-morbo no littoral e na parte sul dos limites do Município, causando algum prejuizo á população; não reaparecendo mais até hoje.

Mineraes - Alem da pedra de construcção e calcaria em que abunda este Município, ha no Districto de S. Sebastião uma pedra especial de côr branca azulada não muito dura, da qual se tem obtido facilmente por meio da serra, excellentes e bonitos tijolos de ladrilho. Não muy distante

(*)Pagô da Camara Municipal de Mossoró do Rio Grande do Norte, em 16 de Janeiro de 1886.

Ilmo. Senr.

De ordem de Sua Ex^{ta} o Senr. Prezidente d'esta Provincia, a Camara Municipal desta Cidade tem a honra de remetter a Bibliotheca Nacional a inclusa descripção d'este Município.

Deus G.^o a V. S^{ta}

Ilmo. Senr. Director da Bibliotheca Nacional.

Romualdo Lopes Galvão, Prez.^o

Caudencio Carlos de Noronha, Secretario.

d'esta pedreira ha igualmente uma mina de excellente gesso pouco explorada, com o qual se tem já feito obras de estuque em diversos templos da Provincia.

Madeiras - Entre as diversas e variadas especies de madeira de construcção e de marcenaria contão-se como principaes as seguintes: - carnauba, pau branco, angico, aroeira, pau d'arco, emburana, cedro, carahiba e cumarú.

Fructas silvestres - Cajú, goiaba, araticum, cajá, pitomba, ameixa, uvaia, quixava, maracujá, carnauba e outras sendo apenas as duas primeiras cultivadas.

Animaes silvestres - Veados, caititús, queixadas, tatús, preás, mocós, onças, maracajás, raposas, tamanduás, maritacacas e gato do mato.

Quanto ás aves, encontrão-se nas mattas jacús, juritis, pombas ou avoêtes, asas brancas, papagaios, e grande quantidade de periquitos e maracanãs que prejudicão as lavouras. Entre as diversas aves canoras contão-se os canarios, as garaúnas, os corrupiões, os pintasilgos, os galos de campinas etc.

Ha differentes abelhas que fornecem excellente mel, sendo as principaes a jandahyra, e a amarella e o enxú, que se encontrão nas mattas: algumas colmeias porem, que se cultivão na Barra e que se apascentam na flora dos mangues do rio, produzem um mel tão fino e saboroso, que os apreciadores tem chamado de nectar deliciozissimo.

O mar fornece diversas especies de peixe sendo os principaes, garôpa, serigado, carapitongo, ciova, cavalla, pargo, comoropin, e outros, assim como diversos mariscos. O rio desde sua foz até onde reflue a maré é tambem abundantissimo de diversas qualidades de peixe sobresahindo entre outros a tainha, a corimã, a corimoy o bagre, o camorim, e outros, produzindo tambem excellentes ostras, e outros mariscos e moluscos.

Na parte da sede do Municipio para o interior, onde ficão diversos poços d'agua doce durante a secca pescão-se a trahyra, a piaba, a curimatã, o piáu e outros.

Historia - A Cidade de Mossoró foi primitivamente uma povoação creada em 1772 pelo Sargento Mór Antonio de Souza Machado, que, por provizão concedida pelo Vezitador dos sertões do Norte, Ignacio de Araujo Gondim, então Vigario de Jaboatão, (de Pernambuco) erigiu n'ella uma capella, tendo por orago Santa Luzia. Por rezolução Provincial n° 87 de 27 de Outubro de 1842 foi elevada a Freguezia. Em 1852 foi elevada a cathogoria de Villa e de Municipio, sendo este desmembrado do da Cidade do Assú; e em 1858 a Cidade.

Topographia - Esta Cidade está situada á margem esquerda do Rio Mossoró, em campo completamente plano e varseado.

As suas ruas são geralmente largas, espaçozas e alinhadas, contando algumas praças ou quadras regulares e agradaveis com princípios de arborização. As cazas são em geral terreas, mas quase todas de edificação e gosto moderno, contando-se entre ellas alguns sobrados elegantes e vistosos. Seus principaes edificios são a Egreja matriz, ultimamente melhorada e aperfeiçoada sobre tudo na parte interior, o palacete da caza da Camara, com espaçozos salões para as Audiencias, sessões do Jury e eleições contendo ao rez do chão a cadeia publica bem gradeada e segura e com excellent muralha em toda a roda; a caza da maçonaria de gosto moderno, com gradeamento e arborização; a caza da escola publica ainda não concluida, a casa do mercado, e o cemiterio publico do lado do oeste na distancia pouco mais ou menos de um kilometro da Egreja Matriz.

Esta cidade, sendo, como é, mercantil e talvez, pela sua topographia a primeira praça da Provincia, tem diversos e variados estabelecimentos commerciaes e industriaes e duas Pharmacias, recebendo do interior de quatro Provincias limitrophes, variados productos, que exporta para diversas praças do Imperio e para o estrangeiro por baldeação.

População - Segundo o ultimo recensamento constava a população do Municipio de 8:500 almas; tendo porem augmentado consideravelmente desde então para cá e sobre tudo nos ultimos annos de secca pela emigração do interior pode-se, calculando aproximadamente, avaliar em 10,000 almas a população do Municipio e a desta Cidade em 5,000 almas livres; não existindo um só escravo

no Município, por se ter este heroicamente libertado, a expensas suas, e sem favor algum do governo em 30 de Setembro de 1883, uma das datas mais gloriosas da sua historia, que com a de 6 de Janeiro do mesmo anno, data da inauguração da sociedade "Libertadora Mossoroense" forão immortalizadas pela Municipalidade que as fez servir de nomes legendarios as suas principaes tuas.

Agricultura - Larvum - Consiste na cultura de mandioca, algodão, milho, feijão e batatas. Cultivão-se tambem algumas especies de fructas, como seião: ata ou pinha, romã, banana, em pequena quantidade, e melão, melancia, abobora ou gerimum em abundancia, alem de diversos legumes.

Criações - A grande criação consiste em gado vaccum, cavallar, muar, lanigero, cabrum e suino, havendo diversas fazendas, que se occupão desta industria.

A pequena criação limita-se a aves domesticas.

Pesca - A pesca dá somente para o consumo diario dos habitantes da Barra, deixando de afluir peixe ao mercado da Cidade pela distancia em que se acha d'aquella povoação e sobretudo pela falta de industria pescatoria no rio, que aliás é abundantissimo de peixe.

Industria fibril - Esta industria consiste tão somente no fabrico de farinha de mandioca, e em obras de olaria, como seião louças de barro, telhas e tijolos de alvenaria. Ha tambem alguns estabelecimentos de descarocar algodão com machinas a vapor.

Commercio - Sendo este Município o Porto mais proximo do centro das Provincias do Ceará, Parahyba, Pernambuco e desta do Rio Grande do Norte, é por isto um dos pontos mais commercial da Provincia.

A exportação é por cabotagem e consiste em grande quantidade de algodão, couros, salgados, courinhos meidos, penas de ema, esteiras, rhapecos e cera de carnaúba, sal etc.

A importação consiste em estivas e molhados, ferragens, vidros, louças, fazendas e outros objectos de fabricas estrangeiras; bem como, café, assucar, tabaco, milho, feijão, farinha de mandioca e outros muitos artigos do Pais.

Os generos e mercadorias são importados tambem por cabotagem quase exclusivamente das praças do Ceará e Pernambuco, para onde são da mesma forma exportados nos vapores da Companhia Pernambucana, Hiates e barcaças que entrão e sahem do Porto da Barra constantemente.

A grande exportação de sal que se faz das immensas salinas do Município para o interior das quatro Provincias limitrophes, tem logar em costas de arnimaes, que percorrem, distancias de 50, 80 e mais legoas até os ultimos sertões.

Instrução - Ha duas escolas publicas do ensino primario do sexo masculino, sendo uma de exercicio diurno e outro nocturno, uma do sexo femeninno tambem publico e outro particular de sexo masculino.

Ha duas bibliotecas, sendo uma da sociedade - *Litteraria Recreativa* - e outra da sociedade - *Vinte e Quatro de Junho* - com cerca de 1800 volumes a primeira e 1.500 a segunda.

Nos salões desta ultima foi creada tambem uma escola particular nocturna para os jovens pobres e libertos, que sendo dirigida pelos membros da sociedade que se revezavão cada noite, crescia, e prosperava. Pregando porem nesta Cidade um Frade capuchinho contra a sociedade por ser maçonica, prevenindo a população ignara com terrores e anathemas contra a ordem, despertou e afugentou as creanças, achando-se por isso hoje quase extincto. Tal é a perversidade fradesca!

Pertence este Município a diocese de Pernambuco e consta de uma só Parochia, a de Santa Luzia de Mossoró, erecta, como já se disse em 1772.

Ha tambem neste Município uma congregação protestante ou evangelica, do rito presbyteriano, constante de 50 e tantos crentes, alguns dos quaes já baptizados ou professos, dirigido sob os auspicios do Menistro evangelico do Ceará - Mc. De Lacy Wardlaw, que a vezita algumas vezes para effectuar baptizados e casamentos. Nella ha tambem uma escola dominical bastante concorrida.

Divisão Policial - O Município conta de uma Delegacia, trez sub-Delegacias que são a desta Cidade, a do Districto de S. Sebastião e a da Barra; e 23 quarteirões, que são a Cidade (com 3), Macacos, Sacco, Passagem de Oiticica, Camoropim, Macambira, Chafariz, S. Anna, Carmo, Canto, Barrocos, S. Antonio, Ilha de Dentro, Porto, Umary, Aguilhoadas, Redonda, e Arcia Branca.

Obras publicas - Paço da Camara Municipal, cadeia, casa d'eschola e cemiterio.

Rendas - A Municipalidade teve de renda no ultimo exercicio - 3.329\$890 reis - A Collectoria geral (alias Meza de Rendas Geraes) rendeu nos exercicios de 1872, a 1875 - 120 e tantos contos; hoje porem com o rebaixamento de classe, regula 2.000\$000 reis annualmente; e a Meza de Rendas Provinciacs regula de 45 a 50 contos de reis por anno.

Distancia - Dista esta Cidade da Capital da Provincia cerca de 60 legoas para leste.

As distancias ás Villas e cidades dos Municipios confinantes são as seguintes:

Á Cidade do Aracaty	15	legoas	ao	norte.
Á Villa da União, no interior	12	"	"	oeste.
Á Villa do Apudy, no interior	14	"	"	oeste.
Á Villa de Caratúbas " "	16	"	"	sul.
Á Villa de Triumpho " "	18	"	"	sul.
Á Cidade do Assú " "	16	"	"	leste.
Á Cidade de Macau, na costa	18	"	"	leste.

O Município conta estradas para todos estes pontos do littoral e do interior, mas naturalmente abertas desde remotas eras pelos primeiros habitantes e depois commerciantes ou sertanejos, que frequentaram suas salinas; sendo tão somente algumas abertas nestes ultimos tempos pela Directoria do telegrapho terrestre, cuja linha corta de sul a norte o Município, tendo uma estação nesta Cidade. Paço Municipal de Mossoró 16 de Janeiro 1886

Romualdo Lopes Galvão - Prez.^o

Gaudencio Carlos de Noronha - Secretario.

PAÇO DA CÂMARA MUNICIPAL DA VILLA DE PAU DOS FERROS, EM SESSÃO
ORDINARIA DE 13 DE JANEIRO DE 1886.

PROVINCIA DO RIO GRANDE DO NORTE. COMARCA DE PAU DOS FERROS(*)
DESCRIÇÃO DO MUNICIPIO DE N. S. DA CONCEIÇÃO DE PAU DOS FERROS

Aspecto geral - Do lado do sul e do oeste é este município montanhoso. Ao norte e leste é geralmente plano e se compõe de extensos taboleiros.

Serras - As serras, que formam a parte montanhosa do município fazem parte da do Araripe, que vem da provincia do Ceará.

Rios e Lagoas - Seu territorio é regado de norte a sul pelo rio Apody e do oeste á leste pelo rio da Conceição. Um e outro só contem abundancia d'agua durante a estação das chuvas. Existem pequenas lagoas, sem maior importancia.

Salubridade - O município é geralmente salubre. A cholera morbo e a variola tem apparecido raras vezes, fazendo poucas victimas.

Madeiras - Ha poucas especies de madeira. As principaes são: aroeira, pán de arco, e cedro.

Fructas silvestres - Cajú, goiaba, araçá, graviola, manga, maracujá, imbu, pitomba, uvaia, ameixa e algumas outras.

Animas silvestres - Onça, caititi, veado, preás, gato do mato, tatús. Quanto a aves, encontra-se o jacú, papagaio, periquitos e outras. As aves cantoras são o canario, o curupião, o galo de campina, a graúna &c.

As abelhas fabricão excellente mel, taes são o jati, o arapuá, a moça-branca, a jandahyra &c. A par destes incertos temos a saúba que é m.^{to} prejudicial as plantações. O rio forma diversos peixes, sendo principaes a curimatá e a trahyra.

Historia - Foi elevada á Villa pela Lei provincial n.º 344 de 4 de Setembro de 1856, tendo sido elevado á freguezia em 1842.

Topographia - Esta Villa está situada á margem esquerda do rio Apody e em terreno mais ou menos plano. As ruas não são bem alinhadas, mas bastante largas. Todas as cazas são terreas. Seu principal edificio é a Igreja-matris: Tem diversos estabelecimentos commerciaes.

População - Tem mais ou menos 20 mil almas, comprehendendo em todo o município mais 200 escravos.

Agricultura. Lavoura - Consiste na cultura do milho, feijão, arros, mandioca, canna de assucar, tabaco e algodão.

Criações - Consiste em gado vaccum, cavallar, larigero, cabrum e suíno.

Pesca - É pequena e em tempo determinado.

(*)Provincia do Rio Grande do Norte

Paço da Câmara Municipal da Villa de Pau dos Ferros, em Sessão ordinaria de 13 de janeiro de 1886.

Ilmo. Ser.

Temos a honra de passar as mãos de V. S.^a as induzas informações, que forão exigidas desta Camara em Circular do Exmo. Ser. Presidente da Provincia de 15 do mez e anno p. passado.

Deus q.^o a V. S

Ilmo. Ser. Director da Bibliotheca Nacional

Antonio Mariano da Costa Régis - Presid.^o

Raymundo Fernandes Bessa

Francisco Eucliano Pinto

João Antonio Chaves Souto

Indústria fabril - Consiste em rapadura, aguardente, fumo, farinha de mandioca, e obra de louça de barro.

Commercio - A exportação limita-se aos generos acima deferidos e ao gado vaccum. A importação consiste em ferragem, vidros, louças, panos e outros objectos de fabricos estrangeiros. Os generos são exportados em geral para a Cidade de Mossoró, donde vem quazi todos os generos importados. O transporte é feito á costa de animas e por carros.

Instrução - Ha cinco escholas de instrução primaria: duas para cada um dos sexos, e uma mixta.

Divisão Eclesiástica - Pertence á diocese de Olinda e compõe-se de uma só paróchia.

Divisão policial - Conta uma delegacia e tres subdelegacias: a da Villa, a da Povoação de Luiz Gomes e a da Victoria. Tem diversos quarteirões.

Obras Publicas - Tem a penas o edificio da Camara M.^{al}

Rendas - São constituídos por imposições sobre alambique, engenho de rapadura, machina de descarçar algodão, cazas de negocio, mascates, &c.

Distancias - Dista da Capital 90 leguas. As distancias as Villas e Cidades dos municipios confinantes são as seguintes:

Á Villa de S. Miguel	10	leguas ao Oeste.
Á " do Perciro	7	" ao Noroeste.
Á " do Port Alegre	6	" Á Leste.
Á Cidade da Imperatriz	8	" á Leste.

N.B. Deixou-se de fallar de algumas perguntas do questionario por não haver materia.

Antonio Mariano da Costa Rêgo Presid.^o

Raymundo Fernandes Bessa

Francisco Eraliano Pinto

Juão Antonio Chaves Souto.

QUESTIONÁRIO
SOBRE AS CIRCUNSTÂNCIAS TOPOGRÁFICAS DOS NOSSOS MUNICÍPIOS

PROVINCIA DO RIO GRANDE DO NORTE
COMARCA DO CEARÁ-MERIM
MUNICÍPIO DE TOUROS(*)
DESCRIÇÃO DO MUNICÍPIO DE TOUROS

Aspecto geral - Do lado do sul e oeste é este município plano e coberto de matos. Ao norte e leste é geralmente plano e beira mar. Pelo interior tem campos extensos de taboleiros para criar, e matos próprios para agricultura.

Mar e Portos - Sendo este município baixo mar com estenção de 32 leguas na frente, (e 6 a 10 de fundos), a presenta muitos portos, sendo os principaes o desta vila, o da povoação de Maracujá ao nascente, e o da povoação Caissara ao poente desta vila, alem destes portos existem outros nos pequenos povoados, e lugares não povoados.

Ilhas - Nenhuma ilha existe no território deste município.

Serras - Existe uma lomba de serra nos limítrofes deste município com o do Ceará-mirim, ao poente, denominado Serra Verde, cobertos de matos próprios de plantaço, entre este lomba e o mar tem um pequeno serrote denominado = serrote do Cotia, proprio de creação de gado.

Rios e Lagos - Ha no município quatro rios, sendo os principaes 1º o rio Guamaré (salgado) que tem navegação franca para iates, barcaças e canoas, rio este que divide este município do de Macau. 2º o rio Maxaranguape que admite em pequena distancia navegação de canoas e jangadas, sua nascente é no lugar denominado Pauferro, com 7 leguas distantes da embocadura no mar, no lugar denominado Maxaranguape, uma milha ao nascente do cabo de São Roque; este rio divide este município do de Ceará-mirim. 3º é o rio Punaú, que de presente não pode ser navegavel em consequencia de não ser cultivado; suas nascencias são: o olho dagua do Catholé, lagoa Punaú, Gulandim e Saco, vertentes estas que se juntam no lugar denominado Fonseca, donde parte o rio até sua foz no mar. 4º o rio que circula esta vila, sendo sua nasença de uma lagoa denominada Buquerão, com (...) leguas de comprimento; não é navegavel por ser raso, a ponto de cortar o rio pelo verão; tem diversas lagoas sentraes no Município, e algumas destas pelo inverno despejam para o mar, e algumas destas são abundantes de peixes.

Salubridade - O município é geralmente salubre, mas na estação do inverno aparecem epidemias de maleitas, sazões, e febres intermitentes, e pelo verão poucos casos de molestias aparecem. Em 1856 o colera-morbus causou alguns estragos em todo o município, e em 1877 a 1880 a ceca aruinou muito a sorte do município.

(*) Ilmo. Snr.

Incluso achará V. S. o questionário descrito segundo o modelo que nos foi remetido para por ele ser organizado, a topographia deste Município, a fim de fazer parte na exposição que tem de haver nessa corte em setembro do corrente ano. É esta discreção mas aproximada do terreno que occupamos, segundo o nosso fraco entender. Aproveitamos esta oportunidade para congratularmo-nos com V. S. pela realização da exposição projectada a fim de nossa cara Pátria.

Deus guarde a V. S.

Casa da Câmara Municipal da vila de Touros, 27 de Agosto de 1881.

Ilmo. Snr. Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão

Bilho Bibliotecário da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Firminio Gomes de Castro - Presidente

Claudino José de Farias

Jacinto Joaquim da Costa

Manoel da Costa Bezote.

Izaquiel Francisco da Cruz

Mineraes - Os mineraes conhecidos no Municipio dão pedras para construção, barro, e pedra calcaria no centro do Municipio, e no Parracho a 2 leguas no mar.

Madeiras - Á diversas especies de madeiras de construções e marcenaria, as principaes são: pau d'arco, pau ferro, sucupira, pau d'olio, cumarú, cedro, carnauba, arucira, angicó, frei jorge, pereiro, emburama, mangue.

Frutas silvestres - Cajú, mangaba, araçá, cambaúm, guabiraba, guagirú, catinga, murici, pitomba, oiti de xeiro, oiti-turabá, cajarana, araçá de jacú, massaranduba, abaia, bacupari, uvá, etc.

Animaes silvestres - Tatus de diversas qualidades, viados, raposa, maritacaca, preá, tamandú, cutia, guaxinino, gato do mato, maracajá, onças de diversas cores etc.

Aves silvestres - Jacús, pombas, surienas, garça, masarico, marreca, paca, pará, jaçanam, sabiá, papagaio, periquitos, jandaia, cancam, gavião, carcará, urubu, bentevi, canario, galo de campina, corruião, verdelino, etc. algumas destas prejudicam as lavouras.

As abelhas oferecem o saboroso mel: tais são - jandaira papa-terra, arapuá, tobiba, mosquito, pimenta, cupira, amaréla, cabeça preta, etc. O mar fornece diversas especies de peixes: pescada, xareu, tainha, bicuda, garabebu, inxova, bonito, serra, camurupim, cavala, dentão, sióba, garôpa, sirigado, mero, arabaiana, pargo, pira, cangulo, biguara, guaiba, cascão de diversas qualidades etc.

Nos rios e lagoas se pesca o cará, tapucá, carapeba, camurim, tainha, piaú, jacundá, traira, camarão e siri.

Historia - A vila de Touros foi primitivamente povoada (ignora-se a data) por pescadores e agricultores; era filial da vila de Extremoz a capela esistente até junho de 1831. Por lei provincial 14 de junho de 1831 passou a ser freguesia, e por resolução de 11 de abril de 1833 foi elevada a Vila, definitivamente e a povoado por lei nº 21 de 2 de março de 1835, pelo que ficou desligada do municipio de Extremoz.

Topographia - Este municipio nos extremos beira mar limita pelo lado sueste a sudoeste com o municipio Ceará-mirim, sendo a divisão o rio Maxaranguape; e pelo noroeste com o de Macaú, servindo de divisão o rio Guamaré; e pelo oeste com o de Angicos, servindo de divisão o Riacho Ceco; e pelo norte a leste com o Oceano.

O local desta Vila está situado a margem esquerda do rio Giqui (nome de uma lagoa por onde passa dito rio, na distancia de meia legua ao poente da Vila) vindo da lagoa Boqueirão. Todo terreno é plano.

As ruas são geralmente torturozas, sendo umas largas, e outras estreitas, tem 148 casas, todas casas terreas, de pedra e cal 15, e as demais de taipa cobertas de telhas. O principal edificio é a Matriz, contendo 26 metros de comprimento, 17 de largura e 14 de altura, com a frente para o mar: ha 2 cemitérios, um publico do governo provincial, desmoronado; e outro particular dos povos, ainda por acabar, onde são sepultados os cadaveres desde o ano 1872 até o presente; a casa da Camara é de taipa, sendo de propriedade sua desde o ano de 1877; os demais edificios são de propriedade particular. Existe uma ponte em mau estado, na qual passam os habitantes desta vila e suburbios para a praia á compra diaria do peixe; que é a principal comida de seus abitantes; ponte esta feita pelo cofre provincial. Em frente do local da vila, um pouco ao nascente, existe na praia uma pedreira denominada Touro com 7 metros de altura e 100 de comprimento, com uma excelente planície em cima, onde conviria estabelecer um farol para servir de auxilio a navegação, afim de esta evitar os naufragios que são frequente no parracho.

População - No ultimo recenciamiento consta a população deste municipio de 9326 almas, sendo livres 9081 e escravos 245; porem de presente a diminuição presumida, em consequencia da ceca ultimamente avida.

Agricultura - Lavoura. Consiste na cultura da cana de açúcar, mandioca, algodão, milho, feijão, arroz, batatas. Cultiva-se tambem algumas especies de frutas laranja, lima, romão, banana, pinha, ananas, graviolas, manga, jaca, goiaba, cuco, e dende.

Legumes melancia, melão girimum etc.

A criação consiste em gado, vacum, cavalari, ovelhum, cabrum, e suino. A pequena criação limita-se á aves domesticas galinha, perú, pato, guine.

Pesca - A pesca da não só para o consumo diário, como também para as salgas com destino a exportação marítima e central.

Industria fabril - A industria fabril consta de açúcar, aguardente, fumo, farinha de mandioca, cordas, de diversos linhos; obras de olaria telha, tijolo para ladrio. Ha também algumas teares rusticos de tecidos grossos de algodão.

Comercio - A exportação limita-se ao açúcar, farinha de mandioca, lãns, e peixe seco; por ser os demais generos consumidos no município.

A importação consiste em ferragens, vidros, louças, panos, e outros objetos de fabricas estrangeiras.

Instrução - A instrução consiste na instrução primária, á duas escolas publicas nesta vila, sendo uma de sexo masculino e outra do feminino, pelo interior ha algumas escolas particulares.

Divisão eclesiastica - Pertence este município a dioceze de Pernambuco, contém nele uma só parochia denominada, do Senhor Bom Jesus dos Navegantes erecta em 1831, tem uma capela filial na povoação de Caissara, a 14 leguas de distancia ao norte da vila.

Obras publicas - Igreja Matriz; paço da Camara Municipal, cemiterio; e ponte que atravessa o rio para a praia.

Curiosidades naturáis - Nenhuma existe que mereça atenção.

Distancias - Dista esta vila da capital da provincia 18 leguas ao norte. As distancias das vilas e cidades dos municípios confinantes são as seguintes:

A vila do Ceará-mirim, 12 leguas ao sul.

A vila de Angicos, 30 leguas ao oeste.

A cidade de Macau, 28 leguas ao norte.

Casa da Camara Municipal da Vila de Touros, secção ordinária, 20 de agosto de 1881.

Firmão Gomez de Castro - Presidente

Claudino José de Farias

Manoel da Costa Peixoto

Jacinto Januario da Costa

Izequiel Francisco da Cruz

PROVINCIA DO RIO GRANDE DO NORTE
COMARCA DO ASSÚ
DESCRIÇÃO DO MUNICÍPIO DA VILLA DO TRIUMPHO(*)

Aspecto geral - Do lado do sul e do Leste é este Município montanhoso e está coberto, de matas. Ao oeste e norte não se alternativamente bosques e campos em terrenos ondulados.

Mar, portos e ilhas - Não há.

Serras - As serras que formão a parte montanhosa do Município são: Quó que se estende em uma pequena parte do Município, João do Valle e Colonia que dividem o Município de alguns municípios vizinhos.

Rios - Seu territorio é regado por diversos sulcos torrenciases com a denominação de rios, que só contem agua durante a estação das chuvas, taes são os chamados no Upanema, que desemboca no rio Mossoró e rio Parahú, que desemboca no rio Assú.

Salubridade - O Município é geralmente salubre; mas depois dos invernos torrenciases, manifestão-se alguns casos de febris palustres, ou de mau caracter.

Mineraes - Os mineraes mais tísuas são a pedra de construcção a calcarea e o barro de olaria. Consta tambem que ha ameano.

Madeiras - Ha muitas especies de madeiras de construcção e marcenaria. As principais são: jatobá, angico, angelim, balçamo, pau-d'arco, pau-d'alho (copahúba), cumarú, pereiro, pau-branco, aroeira, oiticica, emborana, pau-ferra e louro.

Fructas Silvestres - Umary, carnaúba, maracujá, úbaia, quichaba, trapiaá, pitomba, chiquechique, palmatoria e cravatá.

Animas Silvestres - Caetiti, veado (de uma só especie), tatús (de deferentes especies), macáco, mocó, preá, camelião, tejuasú, onça, gato do mato, maritaraca, tamanduá, rapósas. Quanto a aves encontrão-se, por todo o territorio do Município, ema, siriema, jacutinga, caracará, gavião, macuco. Tambem abunda de papagaios, maracanãs e periquitos, os quaes prejudicão muito as lavouras. As aves cantoras são o caratúno, o sabiá, o conchis, e o canario e o cardinal. As abelhas fornecem excellente mel; taes são a jati, a jandahira, o canudo, a tobiba, a amarela, o zambóque, o capuchú, o enxu, enchú, o arapuaá. A par destes insectos, outros há, como a saúva, mui prejudiciaes á lavoura. Nos rios se pesca o curimalá, o piaú, a trahira, o cará, o coró, o cangati, a piranha, o jacundá.

Historia - A Villa do Triumpho foi primitivamente uma povoação creada em 1756 pelo Capitão João do Valle Bizerra e sua mulher D. Theresa de Jesús os quaes edificarão em suas terras, então Campo-Grande, uma capella com a invocação de Sant'Anna. Em virtude da Lei Provincial n.º 17 de 31 de Outubro de 1837 teve as honras de Freguezia com a denominação de Freguezia de Sant'Anna de Campo-Grande. Por acto da Assembléa Provincial n.º 114 de 4 de Setembro de 1858,

(*)Paço da Camara Municipal da Villa do Triumpho em Sessão ordinaria de 7 de abril de 1881.

Ilmo. Senhor

Em cumprimento do que incumbe V. S.ª a esta Camara em officio de 2 de Janeiro do corrente anno, sirvo no presente a V. S.ª as respostas ao questionario que acompanhou ao alludido officio de V. S.ª.

Deus Guarde a V. S.ª

Ilmo. e Exmo. Senhor Don. Benjamim Franklin Ramiz Galvão,
M. D. Bibliothecario da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.

Manoel Martins Luna (2), Presidente
Manoel Martins Corrêa Castro
Enéas Ferreira da Silva Comarú
Joaquim Evancio de Freitas
M. Pra. Benes. Plm.
Luis Ferreira Pilo Jacome

foi elevada á cathegoria de Villa com o título de Villa do Campo-Grande, como tal separada do Município da cidade do Assú, a que pertencia. Em virtude da Lei de 4 de Março de 1868 ficou reduzida á simples povoação e Freguezia do Município de Caráhibas da Comarca de Mossoró, até que foi novamente erigida em Villa com a denominação de Villa do Triumpho, pela Lei Provincial de 30 de maio de 1870 e emcorporada á comarca do Assú.

Topographia - Esta Villa está situada á margem esquerda do rio Upanema. O terreno que occupa é plano. As ruas são geralmente retas. A maior parte das casas são terras, havendo porem algumas assobradadas.

Não tem nenhum edificio publico digno de nota.

População - Segundo o ultimo recenseamento consta a população livre de 5.337 almas e a escrava de 372. Desta população habitam a Villa 328 almas comprehendidos 8 escravos.

Agricultura - Lavoura - Consiste na cultura da mandioca, algodão, tabaco, milho, feijão, arroz. Tambem se cultivão algumas especies de fructas: bananas, laranja, cajú, goiaba, côco de praia, pinha, aracá, melão, melancia, gerimú. Criações - A grande criação consiste em gado vaccum, cavallar, muar, lanigero, cabrum, suino. Ha diversas fazendas que se occupão desta industria. A pequena criação limita-se a aves domesticas. Pesca - A pesca não dá para o consumo diário.

Industria fabril - A industria fabril consiste em farinha de mandioca, fumo, obras de olaria, como seião, louças de barro, telhas, e tijolos de alvenaria.

Commercio - A exportação limita-se ao algodão, gado vaccum, couros. A importação consiste em ferragens, Inuças, pannos e outros objectos de fabricas estrangeiras.

Instrução - Ha duas escolas publicas de instrução primaria, uma do sexo masculino e outra do femenino.

Divisão eclesiastica - Pertence este Município, e unica parochia, á diocese de Pernambuco.

Obras publicas e curiosidades naturaes - Não há.

Distancias - Dista este Município da Capital 320 kilometros (64 legoas) ao oeste. As distancias ás Villas e cidades dos municípios confinantes são as seguintes:

Á Villa de Caraubas 35 kilometros (7 legoas) ao Oeste.

Á Cidade do Mossoró 90 kilometros (18 legoas) ao Norte.

Á Cidade do Assú 70 kilometros (14 legoas) á Leste.

Á Cidade do Principe 90 kilometros (18 legoas) ao Sul.

SERGIPE

Desta Província 4 cidades responderam ao questionário: Japaratinga, Capela, Lagarto e Simão Dias.

PROVINCIA DE SERGIPE
COMARCA DE JAPARATUBA
DESCRIÇÃO DO MUNICÍPIO DA MISSÃO DE JAPARATUBA(*)

Aspecto geral - Em geral é todo desigual o terreno deste Município com alternativas de montes e vales, podendo ser devida a sua superfície em duas zonas. A primeira do litoral com 4 leguas de largura geralmente arenosa e de taboleiros agrestes; a segunda com a largura de duas leguas, compostas de varseas extensas, de terrenos de alluvião, alternadas de aleas de massapês e de terras vegetaes.

É nesta zona muito fértil, onde se achão as grandes propriedades agrícolas do Município.

Mar e Portos - A leste o Município é banhado pelo oceano mas nenhum pôrto tem; entretanto a barra do rio Japarutuba tem dado entrada na preia-mar das marés grandes sumacas e barcaças.

Rios e Lagôas - Muitos rios banhão os terrenos deste Município, sendo o principal o Japarutuba, que desagua no Oceano, fazendo o seu curso de Norte ao Sul, o qual é formado principalmente pela confluencia do Japarutuba Mirim e Riacho Timbó, que nasce no lugar denominado - Pedras Moles - dentro deste Município os quaes reúnem-se formando um rio navegavel por canôas e barcas.

Ha para o lado do Leste algumas pequenas lagôas, sendo apenas dentro estas digna de menção a denominada - Catú - com cerca de duas leguas de extensão e de largura desigual explorada mas ao que dizem abundante em peixe e demasiado funda e que sangra para o mar pela barrêta de Santa Izabel.

Sauidade - Em geral é saudavel o clima do Município, entretanto nas entradas e sahidas do inverno desenvolve-se o miasma palustre que ceifa muitas vidas. Alem do cholera-morbus - em 1855 e 1863 - a variola tem por vezes grassado epidemicamente.

Mineraes - Os conhecidos são a pedra calcaria e a denominada - coruba. Não há noticia de ensaio algum de mineração praticado neste Município.

Madecras - As principaes são: tapicurú, potumunjú, sucupira, pao d'arco, oleo, sapucaia, gonçalo-alves, landin, louro, peroba, beriba, jatobá, pão-pombo, fava, babatenon, ratoabo, moreira, quíry, angico, arapiraca, clarahiba, cédro, getahy, etc.

Fructas silvestres - Cajú, goiaba, araçá, merici, cruirí, guabiraba, murta, pürunga, araticum, maracujá, marmelada, mangaba, mandapusá, cambucá, massaranduba, cambuy, genipapo, ingá, cajá, oity.

Cillim^o Senr.

A Camara Municipal da Villa de Japarutuba em Sessão ordinaria de hoje, tem a honra de accusar o recebimento do officio que V. S.^a dirigio-lhe, firmado em 2 de Janeiro deste anno, em que pede informações minutuosas sobre as circumstancias topographicas e historicas deste Município, de conformidade com o questionario e modelo que acompanharão o mesmo officio, e em resposta passa as mãos de V. S.^a a descriptão mais fidedigna e indubica possível relativamente ao que versa o predito officio de V. S.^a

Esta Camara pede á V. S.^a desculpa si não conseguiu contental-o e agradecendo as delicadas expressões de V. S.^a protesta-lhe igualmente sua estima e elevada consideração.

D.^s G.^o á V. S.^a

Paço da Camara Municipal de Japarutuba 5 de Maio de 1881.

João Nepomuceno Telles de Menezes P.
Aurelio Rodrigues da Rocha
Isaac M.^{pl} Pinheiro
Ireneo Telles de Menezes
Manoel Dario de Oliveira
José Lourenço de Mello e Marvín

Animas silvestres - Veado, caititu, tatú, coelho, capivara, paca, cutia, rapôza, guaxenin, gato do malto, sariguê, sagui, papa-mel, gongó, macaco, quaty, tamanduá, preiá, e diversas qualidades de ratos.

Entre as aves se achão a rôla, a pucaçú, a juriti, a parari, a zabelã, a inhapupé, a inhambú, o jacú, a aracuau, a saracura, a saricema, o periquito, o papagaio, a garça, a marreca, a patury, o soco, o galeirão, o sabacti.

As aves de canto são: o sabiá, o canario, o curió, a paptatiba, o bicudo, o chexéo, e o cardial.

Entre as abêlhas abundão o urussú, o mandassaia, a papaterra, a arapuaí, e o maribondo.

Contão-se grandes variedades de formigas e cupim.

Nos rios pesca-se o tubalo, a carimã, o piaú, o bagre, a trahira, a pirambiba, a carapuba, o jundiá, o cumbá, o mussú, o cará, o matraué, a moreira, o sarapó, a piaba e o lambiá, além dos camarões e pitús que abundão nas enchentes. Nos mangues pesca-se o aratú e o caranguejo.

Historia - A Villa da Missão de Japarutuba foi em seo começo uma aldeia de indios, que teve o seu primeiro assento no logar denominado Canavieirinhas ainda hoje conhecido pelo nome de Igreja Velha. O seo nome, como ao seo maior rio, foi-lhes dado pelo antigo cacique Japarutuba, senhor destas paragens.

No anno de 1704, apparecendo uma epidemia no logar da aldeia foi esta desamparada pelos indios e Fr. João da Trindade, Carmelita que os curava, mudou a igreja para o logar denominado - Alto do Lavrado - tendo mais tarde esse logar o nome de Missão, que se tornou povoado, sendo depois elevado á cathexoria de villa, na administração do Presidente Dor. Manoel da Cunha Galvão, pela Lei de 11 de Junho de 1859.

Topographia - Esta villa é assentada na base de um oiteiro. Tem uma rua principal que occupa no sentido de uma linha recta quase toda extensão da villa, alem de algumas outras lateraes e uma grande praça em frente da Matriz.

As casas são geralmente terreas, algumas de bonita apparencia notando-se entretanto 3 sobrados.

Seu principal edificio é a igreja Matriz ainda em construcão.

População - Esta Camara não recebeu ainda o exemplar do ultimo recenseamento desta Provincia, entretanto as pessoas que se encarregarão desse trabalho relativo a este Municipio affirmão ser o n° da sua população até aquelle anno 7.336 almas, sendo 5.955 livres e 1.381 escrava.

Lavoura - A principal é a cultura da canna.

Tambem se cultivão a mandioca, o aipi, o inhame, a batata, o fumo, o algodão, e as cereaes; mas para consummo, e em menor escalla ainda algumas fructas como: laranja, manga, jaca, banana, ananaz, melão, melancia, jambo, romã, pinha, mamão.

A creação é limitada e consiste em gado vaccum, cavallar, lanigero e suino.

Industria fabril - Consiste em assucar, aguardente, farinha de mandioca, têlha e tñollos.

Commercio - Apenas exporta-se o assucar, e alguma agoardente, e importa-se fasendas, ferragens, miudesas, drogas, vidro, louça e muitos generos alimenticios.

Instrucção - Há uma eschola primaria do sexo feminino, uma do sexo masculino e outra do ensino mixto, alem de um collegio particular.

Denizão Ecclesiastica - Pertence a Archidiocese da Bahia, e faz parte da 2ª comarca ecclesiastica da Provincia, formando uma só Parochia - a de N. Senhora da Saude da Missão de Japarutuba.

Distancias - Esta Villa dista da Capital 12 leguas. Dista da cidade de Propriá, com a qual confina pelo Norte, 12 leguas, da Villa da Capella a oeste 3 leguas, da Villa do Rosario ao sul 3 leguas.

Neste Municipio contão-se muitos povoados, entre outros, Maribondo, a 2 leguas da villa, sito á margem do rio Japarutuba onde tem a cadeira do ensino misto. Aguiadas, á margem do mesmo rio, a 3 legoas de distancia. Pirambú, foz do mesmo rio, muito concorrido na estação dos banhos de mar,

distante 4 legoas, e pela costa na mesma distancia. Aringás, Lagôa Redonda, Catú, Camurupim e Lagamar.

Paço da Camara Municipal da Villa de Japarutuba 5 de Maio de 1881

João Nepomuceno Telles de Menezes P.

Isaac M.^{el} Pinheiro

Manoel Rollim Seig. de Menezes

José Lourenço de Mello Marvim

Manoel Dario de Oliveira

Ireneo Telles de Menezes

PROVINCIA DE SERGIPE, COMARCA DA CAPELA
DESCRIÇÃO DO MUNICÍPIO DO MESMO NOME(*)

Aspecto geral - Este Município tem um território acidentado, coberto em geral de pequenos bosques, notando-se porem alternativamente alguns terrenos descampados onde vejeta um capim a que chamam agreste.

Rios - Os rios principaes que banham o municipio são o Caparatuba-Grande, o Caparatuba-Mirim, o Siriry, o Lagartixo, o rio das Pedras, o Cancellá, o rio da Aldea, o Favela e o riacho Grande. Alem destes há muitos outros correços de mais ou menos importância, como sejam Gravata, Riacho-Seco, Macaco, Bernoso(?), Itabaiana, Muquem, Pintor, Riacho da Conta, alguns dos quaes só correm durante a estação das chuvas.

Salubridade - O municipio é geralmente salubre. Em 1849 a febre amarela fez ou causou muitas mortes, e em 1855 e 1862 o colera-morbus causou grandes estragos na população.

Minerais - Há pedras calcarias e de construção e barro para olaria.

Madeiras - As principaes especies de madeiras de construção e de marcenaria são: gonçalo alves, putumunjú, arapiraca, sedro, sucupira, pau d'arco, moreira, aroeira, pau fento, angico, itapicurú, biriba, e sapucaia.

Frutas silvestres - Caju, goiaba, araçá, guabiraba, jaboticaba, maracujá, cajá, araticum, pitomba, mamão e genipapo.

Animacs Silvestres - Tatú de diversas especies, paca, coelhos, cotias, veados, tamanduás, guaxinins, gato do mato, preiás, lontras e capivaras.

Aves de pena - As principaes especies são: inhapupé, inhabú, zabelê, jacupema, e araquam; entre as cantadoras, notam-se o canário, a pèga, o pintasilgo, o curió, o chexéo, o cardial, o sabiá, a patativa, a rola e a jurity.

Há abelhas que produzem excelente mel como sejam: o uruçú, a mandacaia, a jatahy, a arapuhá.

Os rios fornecem algum peixe.

Historia - A vila da Capela tem sua origem nos principios do seculo passado, e deriva o seu nome de uma pequena capela que com a invocação de Nossa Senhora da Purificação edificaram em seu sítio taboleiros da Cruz no ano de 1737 com previa licença do prelado da Bahia, o Cap.^m Luis de Andrade Facheco e sua mulher D. Perpetua de Mattos Franca, a qual fiseram uma doação de terras no valor de cem mil reis. Depois de sua morte, um seu filho Deogo Pereira Soares, doou a mesma capela 500 braças em quadro no mesmo lugar de sua edificação, e que hoje servem

(*)Paço da Camara Municipal da vila da Capela, em 31 de maio de 1881.

Ilmo. Sr.

A Camara Municipal da vila da Capela tem a honra de remeter a V. S. inclto este manuscrito contendo as respostas do questionário proposto pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sobre as circumstancias topograficas e historicas deste municipio.

Pode V. S. assegurar á Biblioteca Nacional que as informações ministradas são fidedignas e tanto quanto possível minuciosas.

A Camara Municipal da Vila da Capela agradece á Biblioteca Nacional a incumbencia com que a honrou, e louva-a pelo relevante serviço que presta ao país em geral e a este municipio em particular, tomando a iniciativa de fornecer dados seguros aos que tenham de se applicar aos estudos historicos e geograficos do país, e eu aproveito a oportunidade para apresentar a V. S. os protestos de minha elevada consideração.

Deus guarde a V. S.

Ilmo. Sr. Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão,

Muito Digno Bibliotecário da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

José Guilherme Pereira, Presidente
da Camara Municipal da Capela.

de patrimônio á padroeira. Em 1813 foi a povoação da Capela erecta em freguesia, desmembrada da de Jesus Maria José e São Gonçalo do Pé do Banco, com a denominação de Freguesia de N. S. da Purificação da Capela.

Por lei Provincial de 19 de fevereiro de 1835, foi elevada á categoria de vila e hoje cabeça de comarca.

Topografia - Esta vila está situada em terreno elevado mas plano: as ruas são retas e largas, as casas são terreas, havendo poucos sobrados. Seus principaes edificios são a igreja matriz, a capela de N. S. do Amparo, o hospital de caridade, o cemitério, a cadeia, um pequeno teatro e uma casa de mercado.

População - No ultimo recenseamento geral do Imperio, a população livre do municipio era de 10.200 almas, e a escrava segundo o arrolamento no livro de matricula a que se procedeo em virtude da lei de 28 de setembro de 1871 era de 3.272 almas. No decenio decorrido depois da lei aurea(*) esta acha-se diminuida em parte: a população que habita na vila consta de 2.000 almas, mais ou menos.

Agricultura - Lavoura - Consiste na cultura de cana de açúcar, cuja produção é admiravel, mandioca, feijão, milho, tabaco, inhame, batata, etc. As especies de frutas que mais se cultivam são: banana, laranja, limas, manga, jaca, pinha, romão, ananás, melancia, abobora, diversas frutas hortences e legumes.

Criação - A grande criação é diminuta e consiste em algum gado vacuno, cavalariço, lanigero, cabrum e suino; ninguém se entrega exclusivamente a este ramo de vida. A pequena criação limita-se a aves domesticas.

Industria fabril - A industria fabril consiste em açúcar, agua-ardente, fumo, farinha de mandioca e obras de olaria, como sejam: louças de barro, telha e tijolos.

Conta este municipio 82 engenhos de fabricar açúcar, sendo 11 a vapor, 4 a agua e 67 a animais; contem tambem 12 alambiques de destilar aguardente. A exportação do municipio limita-se ao açúcar, á aguardente, algodão, farinha, milho, feijão e couros salgados.

A importação consiste em ferragens, vidros, louças, panos e muitos outros objetos e produtos da industria estrangeira.

A feira que se faz no mercado desta vila nos dias de 2ª feira, é uma das maiores e mais abundantes da provincia. Os generos são conduzidos em carros e em costas de animais.

Instrução publica - Para a instrução primaria ha duas escolas publicas do sexo masculino e uma do sexo feminino; há tambem um collegio particular onde se ensina o latim e outras disciplinas.

Divisão ecclesiastica - Pertence este municipio á Denceza da Bahia, só tem uma parochia, a como já se dice de N. S. da Purificação, mas grande parte de seu território foi parte de outras parochias dos municipios circunvizinhos.

Obras publicas - Casa da Camara Municipal, cadeia, cemitério, Igreja Matriz, capela de N. S. do Amparo e duas capelinhas nas extremidades da vila com a denominação de S. Cruz e S. Cruz do Bras.

Curiosidades Naturaes - No sul da vila e á distancia de meia legua, ha duas quebradas profundissimas paralelas e mui proximas formando um estreito, de não mais de oito braças, conservando assim a planura da estrada. A leste da vila e ainda meia legua de distancia há outra quebrada notavel, por sua profundidade, tanto de um como de outro lado, formando igualmente outro estreito, denominado Barroão, no fundo de ambas as quebradas brotam duas vertentes que servem de manancial a dois riachinhos; alem deste há mais um outro estreito, ao suldoeste da mesma vila, com igual quebrada a uma legua de distancia. As principaes estradas por onde se fazem as comunicações da vila para os municipios vizinhos, passam entre serras grandes quebradas ou rebentões do solo por caminhos planos do terreno firme, por onde

(*) Não se trata, evidentemente, da abolição da escravatura (1888). O autor se refere, certamente, á Lei do Ventre Livre, promulgada dez anos antes deste relatório (1871) (N. da R.)

passam não menos de cem mil sacos com açúcar, calculo médio de quanto exporta este município por ano, além de alguns e outros generos que exporta este município, bem como a sua importação.

Distancias - Dista desta vila á capital da provincia 10 leguas ao sul. As distancias ás vilas dos municípios confinantes são as seguintes: Para a cidade de Propriá, 8 leguas a norte. Para a Vila de Japarutaba, 3 leguas a leste. Para a vila do Rosario, 5 leguas a leste sueste. Para a cidade de Maroim, 5 leguas ao sul. Para a vila Siriri, 3 leguas a sudoeste. Para a vila N. S. das Dores, 3 leguas ao oeste.

PROVINCIA DE SERGIPE
COMARCA DE LAGARTO
DESCRIPÇÃO DO MUNICÍPIO DO LAGARTO(*)

Aspecto geral - A superfície é geralmente plana e elevada. Nos extremos septentrional e occidental se erguem algumas serretas cobertas de mattas. A parte oriental apresenta uma extensa planície de mangabeiras e vegetação enfiçada. O centro compõe-se de taboleiros de cultura e criação, sulcados por torrentes temporarias e algumas perennes. Ao sul se estende a zona mais rica do município por consistir em terreno maçapê ligeiramente ondulado e humedecido por pequenos rios que a regam, e por ter ainda mattas incultas.

Mar e portos - O município fica situado no centro da provincia, distante do litoral cerca de 50 kilom.

Ilhas - Não tem.

Serras - As pequenas elevações que se nota, não merecem propriamente o nome de serras, taes são: an norte, Canguí, Sacco do Moreira, Caçamba, e Candeal; e a oeste, Boqueirão, Capim frio, Bamba, e Campo do Creouto.

Rios e Lagoas - Não há rios de importancia a mencionar-se. Existem alguns de curso pequeno e interrompido na estação do verão, que são: a oeste, Piauihy, que nasce no Curral dos Bois, limita este município do do Riachão corta o da Estancia, e intromette-se no oceano depois de um curso de 96 kilometros; e seus tributarios, Jacaré, que vem do Poço d'anta, atravessa neste município a extensão de 20 kilom., e entra na margem esquerda do Piauihy. Caboco, que nasce nos Palmares, e desagôa na margem esquerda do Jacaré, tendo percorrido 12 kilom. A leste atravessam: Urubú, vindo das vertentes do Gregorio, desemboca no Machado, com um curso de 18 kilom; Machado corre do Sacco do Moreira, e termina ao sul no Piauihy com um curso de 25 kilom. Passa de norte a leste o Vasa barria, vindo de Tipipan, sertão da Bahia, separa esta Freguesia da de Campo do Britto, corta os municípios de Itaporanga e S. Christovão, e entra no Atlantico tendo percorrido cerca de 550 kilom. As lagoas que existem, são pequenas porções d'agua accumulada pelas chuvas e enchentes de rios, que antes merecem o nome de pantanos.

Salubridade - O clima é notavelmente salubre, apenas apparecem febres intermitentes na estação das chuvas. Em 1855 tambem o município pagou seu penoso tributo ao cholera-morbus.

(*) Illm^o Serr.

A Camara Municipal da Cidade do Lagarto, passa as mãos de V. S. o resultado de seu trabalho relativo á topographia e historia de seu Município, segundo sollicitou V. S. em seu officio circular de 2 de Janeiro do corrente anno; rogando á V. S. releve as imperfeições e lacunas que por ventura deparar n'esse trabalho, devidas antes á deficiência de dados estatisticos para confeccionar mais exactos, que á outra causa eficiente.

Deus Guarde á V. S.

Faço da Camara Municipal da Cidade do Lagarto, em sessão ordinaria de 6 de abril de 1881.

Illm^o Serr. D.^o Benjamin Franklin Ramiz Galvão

M. D. Bibliotecario Nacional, do Rio de Janeiro.

Miguel Theotônio de Castro, P.

Serafim da Silva Vieira

Gonzalo Rodrigues da Costa

Manoel José d'Almeida

Antonio Manoel de Carvalho

Antonio Al^o de Góis Lima

Luiz Fran^{co} de Carv^e

Manoel Romão da Piedade.

Míneraes - Não se pode assegurar a falta de míneraes preciosos por não terem havido ainda explorações. Ha abundancia de pedra de construção, calcareo, sílex, pedra molar, e barro de olaria. Na serreta do Capim frio, a oeste, encontra-se muito quartzu sob varias formas.

Madeiras - Ha relativamente abundancia de madeiras de alto porte. As mais consideradas são: aroeira, cedro, pau d'arco, itapicurú, pereira, quiúri, maçaranduba, peroba, jequitibá, beriba, e arapiraca.

Fructas silvestres - Cajú, jaboticaba, mangaba, maraãnduba, murici, araçá, jenipapo, oiti, guabiroba, quixaba, joá, mamão, cambuhy, e araticum.

Anímaes - Veados de diversas especies, caetitú, paca, cotia, tamanduá, macacu, guigó, raposa, coelho, rato d'espínhu, ouriço cacheiro, cágado, e tatú de diversas especies.

Quanto as aves, encontra-se nas mattas: macuco, zabelé, jacú, aracuã, puaçu, asa branca, trocaz, carão, e araponga. Nos campos ha sarrienas, perdizes, codornizes, e inhambús. As aves cantoras são: sabiá, cardeal, curió, patatiba, viuvinha, pêga, asulão, chechéo, bicudo, e canario.

Historia - A historia do principio desta cidade perde-se na obscuridade dos seculos passados. Conta-se, conforme a tradição, que a primitiva povoação foi fundada no sitio Santo Antonio, ao ponte, cerca de 5 kilom. de distancia, onde ainda existe uma ermida com a invocação daquelle Santo ermida a que foi redusida a antiga Igreja do tempo dos primeiros habitantes, e que estes aterrados pelo apparecimento da variola, mudaram-se para o local em que está esta cidade, cujo nome de Lagarto é derivado d'um pequeno sulco torrencial, ao norte, distante cerca de 1 kilom., o qual tem a mesma denominação por causa d'uma pedra em forma de lagarto, que jaz a sua margem.

Segundo os *Apontamentos Historicos e Topographicos da Provincia de Sergipe*, original do Commendador Travassos, foi creada a villa do Lagarto em 1730, sendo porem freguesia em 1652. Passou a cidade pela Resolução da Assembleia provincial n° 1140 de 20 de Abril de 1880.

Topographia - A cidade de Lagarto, sede da comarca do mesmo nome, e da Vigararia Geral da Provincia, esta edificada, ao centro do municipio, n'um bello planalto, de cujos flancos se estendem, a leste e norte, largos campos de criação; a oeste e sul, taboleiros de candeia, alecrim selvagem, quixabeira e catingueira. É visível ao viajor que a busque, por qualquer das direcções, da distancia de 4 a 10 kilom. e d'alguns pontos até de 30 kilometros. Torna-se muito aprasivel pela claridade, doçura, e amenidade de seu ar. Tem ao sul, a 5 hectometros, dous minadouros perennes, que abastecem-n'a d'agua potavel, reputada a melhor da provincia, alem de dous grandes açudes, um a sudeste e outro ao norte, e pequenos regatos d'agua doce, que a cercam. As ruas são rectas e aceiadas, as casas, terreas, e algumas bem vistas. Seus principaes edificios são: a Igreja Matriz, um dos primeiros templos da provincia; a de N. S. do Rosario, pequena, mas muito decente; a Casa da Camara; a Cadeia; e o Cemiterio, dotado de sufficientes proporções e d'uma rica capellinha.

População - Calcula-se approximadamente a população em 15 mil almas, inclusive 1011 escravos. Desta população 3 mil almas habitam a cidade.

Agricultura - Lavoura. Consiste na cultura da canna de assucar, mandioca, tabaco, algodão, milho, arroz e feijão. Tambem se cultiva algumas especies de fructas: laranja, lima, jaca, banana, melancia, romã, pinha, ananaz, araticum, abobora, e outras fructas hortenses, alem de diversos legumes.

Criação - A grande criação consiste em gado vaccum, cavallar, lanigero, cabrum e suino. Ha diversas fazendas que se occupam desta industria.

A pesca é quasi nulla.

Industria fabril - A industria fabril consiste em assucar, fumo, aguardente, farinha de mandioca, obras de olaria, rêdes e pannos de algodão.

Commercio - A exportação consiste em assucar, aguardente, fumo, cereaes, gado vaccum, cavallar e suino, rêdes e pannos de algodão. A importação consiste em ferragens, vidros, louças, vinhos, xarque, bacalhão, pannos e outros objectos fabricados no estrangeiro.

Instrução - Para instrução primaria ha uma escola do sexo masculino e outra do sexo feminino. Em elaboração ha na sessão actual da Assembleia legislativa provincial um projecto de lei criando uma cadeira de ensino elementar para ambos os sexos alternadamente em duas sessões diarias.

Divisão ecclesiastica - Pertence este municipio ao arcebispado da Bahia, e consta de uma parochia antiga, de cuja data não ha documento nos archivos da Camara e dos Cartorios. Sabe-se pelos *Apointamentos Historicos e Topographicos*, já citados, que foi creada a Villa do Lagarto em 1730, sendo porem freguesia em 1652.

Obras publicas - Paço da Camara Municipal e Cadeia.

Curiosidades naturaes - Não ha.

Distancias - Dista esta cidade da capital da provincia 90 kilom.

As distancias ás villas dos municipios confinantes são as seguintes:

Á Villa de Itaporanga, 54 kilom, a leste.

Á Villa de Itabaiana, 60 kilom, ao norte.

Á Villa de Simão Dias, 24 kilom, ao noroeste.

Á Villa do Riachão, 20 kilom, ao sudoeste.

Á Villa do Boquim, 32 kilom, ao sul.

PROVINCIA DE SERGIPE
COMARCA DO LAGARTO
VILLA DE SIMÃO DIAS (*)

Esta Villa limita-se ao sul com o termo do Lagarto; ao nascente pelo Vasa-barril, termo de Itabaiana; ao poente com termos dos Campos e Freguezia Nova; ao norte com termos do Cuité, da Provincia da Bahia pela serra Capitão. Veja o n.º I. Pg. 273.

Superficie - De sul á poente é geralmente plano: encontram-se d'este lado mimosas e verdejantes Campinas, interrompidas ás vezes de espessos matagaes, bem assim admiraveis penedias, que se distendem como brancos lençois q. se dissecão sobre a relva - de norte a nordeste elevão-se algumas serras de pequenas alturas pertencentes a d'Itab.º, bem assim de norte a noroeste, - estas ultimas porem de menos alturas. Estas serras são a da Cruz, Castanha e Capitão.

Treis principaes Rios regão os seus terrenos, o principal é o Vasa-Barril a leste, cuja maior distancia á Villa é de 3 leguas. Depois vem o Caycá, pequeno rio que desce do norte, do sitio sabão, deslisa-se pelos muros ou quintaes da Villa e abraçando-a estreitamente n'um delizioso amplexo, desde o norte a sul, beijando-a n'uma extenção de 2 leguas e segue furtivo por entre as matas e serranias do sul até precipitar-se silenciosamente no Jacaré.

É neste amenissimo ribeiro que o povo em todas as horas do dia banha-se. Suas aguas salobras e Crystallinas são frias como o gelo, e segundo noita antiga encerra em seu berço de nascença minas nitrozias. É um banho saudabilissimo.

O outro rio Jacaré - é sêcco, desce dos Palmares 2 leguas distante da Villa e vai lançar suas aguas em tempos chuvozos no Pyauhy.

Salubridade - Em tempos chuvozos grassa a febre palustre e dysenteria. A má edificação da Villa, ficando parte sobre alguns barracões que já vão sendo intulhados fas com as veses esta febre se desenvolva, mas que cedem aos primeiros cuidados de Curativo (Cazo em que os haja).

Em 1850 foi esta Villa sorprendida pelo cholera, e em 1879 pela variola, que grassou sem o menor socôrro medico.

O póvo dos arrebaldes é geralmente descrente da verdadeira medicação; por isso que muito nota-se a mortandade mais em tempos invernizos. Entre tanto parece que o clima é favoravel aos soffrimentos hepaticos, tuberculozos, e berbericos ultimamente curados.

Historia - Em 1810 á 1815 mais ou menos existia n'este lugar um individuo por nome Simão Dias, cujo nome a villa conserva, e em frente de sua brusca (*sic*) morada os viajores que percorrião por estas paragens aglomeravão-se em uma semi-feira, logo em 1820 veio fazer outra fazenda o Capitão Geraldo, abastado Criador, e em pouco tempo erigiu uma Capellinha, e assim por diante outros vierão residir até que em 1820 mesmo foi o lugar elevado a Freguezia de S. Anna de Simão Dias, chegando á Cathegoria de Villa em 1850.

Madeiras - Quasi toda a zona pertencente a esta Villa é fertilissima em varias especies de madeiras quer de construcção ou para marcenaria. Nesta felis zona - noita-se de preferencia os terrenos que bordejão o Vasa-Barril e mais ainda os dos Palmares lugar distante 2 á 3 leguas da

(*) Illmo. Sr.

Passo as mãos de V. Sa. a inclusa informação topographica e historica d'este municipio, pedida por V. Sa. em officio de 2 de Janeiro do corrente anno.

Deus Guarde a V. Sa.

Simão Dias, 15 de Maio de 1881.

Illmo. Sr. Dr. Benjuntino Branklio Ramiz Cajalão

M. D. Bibliotecario da Bibliotheca Nacional

CO Antonio de Loyola P.

da Camara Municipal

Villa onde se achão lindos putumujús, jacarandá, vermelho, perobas, arco, oleo, arucira, pão preto, brauna, faveira, balsamo, arápiráca, moreira, Cionçalo Alves, itapicurú, vidro, angico, sucupira, muito cedro, louro, quiri sapucaia etc.

Dizem que n'estes lugares existem vetustas madeiras cuja circumferencia é de 40 e 60 palmos e outras q' de pois de lavradas e faceadas estas tem 5 a 6 palmos de largura.

Nestes lugares é difficilimo a acquisição das madeiras por ser a matta impenetravel aos meios ordinarios que possuem de conducção, ou mesmo pelo grande abandono que fazem, preferindo antes os moradores a cultura dos seus auríferos Campos.

Cultura - É este recondito lugar da Provincia que mais se recommenda pela grande cultura de todo o genero util e alimenticio; quer pela qualidade maravilhosa dos seus fertilissimos terrenos, accessíveis á todo o genero de cultura, quer ainda pela facilidade de vejetação e colheita abundante com que cada dia vae se mostrando á lus do progresso. Dá milho, feijão, farinha superior, mamona, fumo, algodão, alem de outros generos que abaixo inscrevo, é ella o colleiro inexgotavel e modico da Provincia e dos sertões da Bahia.

Ha muito que contaria ella prodigioso n° de fabricas de assucar, se um qualquer meio de transporte para os portos maritimos, meos dispendiozo surgisse como a auróra n'estes paramos esquecidos dos governos. A cana dá 12 á 20 annos consecutivos de corte; o assucar alvissimo que de suas acanhadas fabricas sahe, é immediatamente consumido aqui mesmo e nos sertões da Bahia para onde vai também o Café que ultimamente vai sendo acolhido por preço superior e qualidade ao de qualquer outra parte. Estes 2 ultimos productos vão sendo mesmo acolhidos de preferencia, em todos os pontos da Provincia.

Destes contão 4 boas fazendas que já muito exportão e outras que o futuro aguarda com effusão. De engenhos de assucar apenas nove, por não poder exportar sinão pouco para os sertões e consumo dos habitantes.

Criação - O povo geralmente cria, até na Villa, distinguem-se porem o de fora que possuem maior n° de gado vaccum, lanigero, cavallar, cabrum e que consiste outra parte não menos interessavel da vida laborioza.

Industria - Alguns vapóres e machinas á braço, de descarocar o algodão, rudes fabricas de cal cuja qualid.^o é excellente, outras para telhas e tijollos, cortição de couros e sollas, tecidos grosseiros de algodão, como lenções, pannos, boas rédes, saccos, 2 alambiques de aguardente de Cana e alcool. Fas-se ainda excellentes queijos e requeijões, raspaduras e tijollos doce da raiz dos umbús.

Exportação - Como acima ficou dicto alem da avultada quantidade de varios Cereaes que se exporta para os sertões da Bahia fornecem uma boa quantidade tbem os diversos generos estrangeiros qaqui existem no Commercio, exporta muito gado vaccum, lanigero, Cabrum, Cavallar, gallinhas, algodão, mamona, rédes, queijos e requeijões para os pontos principaes de toda Provincia.

Importação - Diariamente recebe dos Portos de Larangeiras e Aracajú vindos da Bahia os varios generos estrangeiros de consumo ordinario.

Commercio - O lado de cultura a que tem chegado esta Villa não é menos importante que o Commercio. É para elle que affluem n° consideravel quer dos sertanejos da Provincia quer os da Bahia, Pyauhy, e muitos habitantes das Villas e Povoados visinhos.

Aos sabbados ha uma enorme feira cerca de 8 a 9 mil pessoas, que enchem a maior e melhor parte da Villa. Consistem as suas compras e vendas nos productos já refiridos, bem como nos diversos gados, fructas, madeiras, couros, requeijões etc. etc. Alguns commerciantes do Lagarto tem mesmo as suas vendagens...

Fructas - O terreno presta-se optimamente a cultura das uvas brancas e róxas; laranjas, mangas, jambos, ananás, melancia, côco, araçá graudo e miúdo, pinhas arithicum, genipapo, cambui, cajús, guabiraba e muitas outras menos importantes.

Animaes em geral - Nos Campos existem constantem.⁸ uma variedade de graciosas aves das quaes passo a citar as maiores: (Pucassú, pomba rôxa de canto maviôzo), Aza-branca, zabelé, napupé, perdises, araquã, saracura, pombas pardas, jacú, éma, sariema, jurity, marrecas, gallinhas d'ágoa, arapongas, chechéo, papagaios, periquitos, soffrer. De aves domesticas, tem as gallinhas, perús, pavões, grúns, patos. Nos bosques e serras, existem as onças pretas e verm.^{as} os gattos, caetiti, viado, tatu, macacos, guigús, mocó, cotia, paca e tamandóú, kagado, coelhos, etc. Ha muita abelha. Em tempos chuvosos o lagarto destrôe quasi toda a lavoura, bem assim a formiga, considerados geralm.⁹ como o maior flagello. A pesca é insignificante, e faz-se pouca nos rios e a milhor é a dos camarões.

Curiozidades - Ao sul distante 1 legua da Villa, ao pé de um pequeno morro, ha uma enorme grutta a que chamão fuma, cuja profundidade admira-se. É um agradável intretimento ouvir-se a detonação de um tiro ou de uma pedra que se joga dentro pelo metallico som ao percorrer os ambitos da mysterioza cavidade até batter-se, depois de alguns segundos, n'um largo espaço d'agua. Disem alguns que por ali passa o nosso ribeiro. Algumas tentativas a descida d'esta fuma tem sido frustrada pelo pavor que inspira, dando lugar a contos fabulozos.

Minaes - Não consta haver sido encontrado mineral algum, se bem que seja provavel, pois em 1860 havendo uma excavação notou-se que a terra éra misturada de granitos argentinicos cuja natureza ficou sempre ignorada e esquecida.

Edifícios Publicos - Ha uma casa de prisão, um predio onde funciona a Camara, a matriz, um Cimiterio de pedra e cal, 1 fonte cercada por grossos toros de madeiras, onde o póvo busca a agoa do seu uzo alem de alguns usinadores.

Instrução - Ha 2 escholas; 1 para um sexo e 1 outra para outro sexo 1 eschola particular de latim e francez.

População - Em 1872 a sua população era de 8500 habitantes.

Divisão ecclesiastica - Arcebisado da Bahia.

Distancias - Os portos mais portos são os de Larangeiras, 15 leguas e o da Estancia (idem).

A distancia á Capital é de 18 leguas; ao Lagarto é de 5 leguas; á Itab.^a 11 leguas; S. Paulo 5 leguas, á Pedra molle 3 leguas; á Campos 12 leguas; ao Cuité Provincia da Bahia 1 1/2 legua. Ha outros logares mais remotos com os quaes a Villa como Centro e emporio commercial entretem as mais florescentes tranzações, como sejão, Freguesia Nova, Ribeira, Geremoabo, Monte-Santo, Massacarã, Patamutê etc.

É para esta Villa que se projecta uma linha ferrea, cuja idéa a nosso ver é sob os mais lisongeiros hospícios, e um porvir o mais risonho e proveitozo a nação.

A sua excellente e variada cultura, sua criação, fabrico de certos generos e activo commercio por si sós..... o esplendido futuro a que está predestinado o inexgotavel colleiro do Sergipe e alias dos sertões Bahianos.

Estes rudes apontamentos que as nossas frouxas luzes poderão com verdade elaborar vão prehenxer uma demínuta parte da grande lacuna que havia dos diversos lugares do Imperio.

A Geographia do Paiz, é a grande necessidade que se faz sentir para o aperfeiçoamento e progresso da nação. Fazemos, por isso votos para que essa idéa se realize e que a mocidade Brasileira tenha em seus proficiuos estudos mais algumas douradas paginas do enlevado conhecimento.

Fizemos pois o que se nos pedio, sinão com arte e erudição, ao menos com jubilo e exactidão.

Simão Dias, 15 de Maio de 1881.

Franc.^o Antonio de Loyola P. da Camara M.^{al} da Villa de Simão Dias da Provincia de Sergipe.

Nº 1 - Por esta divisão que é a verdadeira o Cuté ficaria pertencendo a esta provincia, porem a Prov.^a da Bahia artoçou a si a pösse d'aquella Freguezia, privaricando por esse modo a unica divisão e direito. O Governo da Prov.^a ja pretendeu exigir d'aquella as competentes medidas e accordo, mas ha ficado som.^{te} em projectos, e o povo continúa a pagar os seos tributos e receber a Provincia sem a menor providencia ao absurdo.

RELATÓRIO DA PRESIDÊNCIA

1991

Presidente da FBN:
Affonso Romano de Sant'Anna

Diretor do Departamento de Planejamento e Administração:
Tomás de Aquino Chaves de Mello

Diretora do Departamento de Referência e Difusão:
Suely Dias

Diretora do Departamento de Processos Técnicos:
Esther Bertolletti

Diretor do Departamento Nacional do Livro:
Márcio Souza

Chefe de Gabinete:
Ana Regina Machado Carneiro

Diretora da Biblioteca Euclides da Cunha:
Adriana Villaça

Diretora da Biblioteca Demonstrativa de Brasília:
Maria da Conceição Moreira Salles

SUMÁRIO

1. Introdução
2. Departamento de Planejamento e Administração
3. Departamento de Referência e Difusão
4. Departamento de Processos Técnicos
5. Departamento Nacional do Livro
 - 5.1. Programa Nacional de Leitura - PROLER
6. Gabinete da Presidência
 - 6.1. Biblioteca Euclides da Cunha
 - 6.2. Biblioteca Demonstrativa de Brasília
 - 6.3. Assessoria Jurídica
 - 6.4. Núcleo de Comunicação Institucional

O ano de 1991 foi um ano de realizações na Fundação Biblioteca Nacional.

A frequência de leitores aumentou em 30%. Estabelecemos um vínculo entre a Biblioteca Nacional e todas as bibliotecas do país através do Sistema Nacional de Bibliotecas. Desenvolvemos uma política nacional de leitura (PRONELER). Recomeçamos a publicar a *Bibliografia Brasileira*, paralisada desde 1986 e lançamos novas publicações. Avançamos na informatização da FBN. Reformamos várias partes do prédio da BN, ampliamos o espaço físico da Fundação, redefinimos seu quadro administrativo e melhoramos a situação salarial dos funcionários.

A presença do Presidente da República Fernando Collor, acompanhado do Secretário da Cultura, Sérgio Paulo Rouanet, no dia 19 de maio de 1991 na Biblioteca Nacional marcou não só a mudança na política cultural do país, mas assumiu a ajuda concreta do Governo aos nossos projetos através da destinação de uma verba equivalente a um milhão de dólares para reformas urgentes.

Nessa mudança da imagem a BN abrigou o II Congresso da Abijna (Associação das Bibliotecas Nacionais Ibero-Americanas), entidade que reúne 22 bibliotecas nacionais. Atuando como presidente do Congresso, o Presidente da FBN teve oportunidade de reafirmar o novo papel da Biblioteca Nacional do Brasil no contexto nacional e internacional.

1. Difícil ponto de partida:

Assumindo a presidência da FBN em 23 de novembro de 1990 iniciamos logo um trabalho de levantamento da situação em que se encontrava a instituição. Durante a primeira semana me reuni departamentalmente com todas as chefias da Casa para ouvir o que tinham a dizer dos problemas existentes e quais as soluções propostas.

A situação era de perplexidade e desânimo diante das reformas que haviam transformado a Biblioteca Nacional, enquanto órgão da extinta Pró-Leitura, numa Fundação. Dos 661 funcionários, 184 haviam sido mandados embora (cerca de 28% do total). Por outro lado, a presença de um inventariante nomeado pela Secretaria de Administração limitava os poderes da nova direção, uma vez que a Pró-Leitura estava em extinção e a FBN ainda não tinha existência concreta nem regimento interno.

A isto se juntava um quadro altamente preocupante quanto às instalações da nova Fundação tanto no Rio quanto em Brasília. No prédio da BN o sistema

de alarme contra incêndio disparava várias vezes por semana devido a ameaças de curto-circuito. Jornais e publicações estavam empilhados no *balcão* do quarto andar, enquanto centenas de teses universitárias também ocupavam a circulação no terceiro andar. Constatamos que não havia mais espaço para os livros e revistas nos armazéns e que se a Lei do Depósito Legal fosse aplicada eficazmente teríamos que empilhar livros na rua.

No subsolo, jazia uma misteriosa "Coleção Paralela" com cerca de 200 mil volumes (incluindo obras raras e enciclopédias) estagnada há décadas sem ser incorporada ao acervo da Biblioteca. E o telhado do edifício construído em 1910, nos dias de chuva, deixava vaziar grande quantidade de água, que descia pelas paredes por entre os livros pingando na seção de processamentos técnicos, que para proteger-se cobria seus armários de plástico. Prova dessa precariedade foi o fato de o Presidente da FBN, num sábado, em sua casa, ter sido comunicado que, devido a uma chuva, os armazéns estavam sendo inundados, o que exigiu que nos deslocássemos para a BN para cobrir livros com plásticos e afastá-los das águas.

Não estranha, portanto, que a primeira reunião da nova diretoria eleita acabasse sendo realizada no telhado da própria Biblioteca, para que os novos diretores verificassem, *in loco*, a situação.

Por outro lado, em Brasília a situação era igualmente preocupante. O prédio onde se encontrava o extinto Instituto Nacional do Livro tinha que ser desocupado e tínhamos que dar um destino a dezenas de funcionários e todo o mobiliário. Também a Biblioteca Demonstrativa de Brasília, que acabávamos de incorporar à Fundação, estava em situação precária.

Adicionava-se a isto o fato de a nova Fundação não ter prática nem estrutura para auto-administrarse. Foi necessário construir todo um sistema praticamente do nada, que atendesse às metas da nova direção. Deste modo, o clima geral é que se estava começando do zero e dentro de uma situação psicológica, administrativa e economicamente adversa.

Por isto, pode-se também dizer que o primeiro ano de vida nesta Casa foi não apenas de realizações, mas de aprendizagens.

2. Início da reestruturação.

Dentro do clima de quase descalabro, no entanto, encontramos um quadro de funcionários dispostos a reerguer a instituição e que se engajaram logo num programa de ações que intitulamos de "Biblioteca ano 2000".

Este projeto baseia-se nas seguintes considerações:

a) redefinir o papel da Biblioteca Nacional enquanto Fundação aproveitando certa flexibilidade administrativa que ela passa a ter estatutariamente;

b) redefinir o conceito de Biblioteca Nacional num país carente onde os livros são objetos de luxo e a leitura é pouco praticada, transformando-a num espaço onde a cultura e a informação aparecem de forma viva e gozosa;

c) propor uma série de ações que visem a projetar a instituição no país e no exterior, preparando a estrutural e conceitualmente para o século que se avizinha.

Como realizou isto dentro de um período economicamente adverso, quando o orçamento da instituição, já escasso, foi reduzido para cerca de 70% de seu valor por causa da política de contenção do Governo?

Tivemos que batalhar simultaneamente em várias frentes. Assim desencadeamos uma série de ações que acabaram por atrair para a FBN, sistematicamente, a presença dos jornais e televisões, que, descobrindo o formidável acervo da casa, contribuíram para fixar uma imagem mais dinâmica da instituição. Conseguimos melhorar a situação salarial dos funcionários incorporando o percentual de 60,93% relativo ao dissídio de 1989, 4% de produtividade, promoções e implantação da Tabela Especial.

Concomitantemente tratamos de ampliar o espaço físico da FBN. O extinto Instituto Nacional do Livro, em Brasília, operava num prédio de seis andares e com dezenas de funcionários. Extinto o INL havia que resolver não só a questão de o que fazer com os funcionários sobretantes, mas como alojar, no Rio, o seu sucessor, o Departamento Nacional do Livro. Como fazer isto se a própria BN já não tinha sequer espaço para suas atividades convencionais?

Depois de várias investidas conseguimos, a um quarteirão da sede da BN, na rua Debret, 23, trinta salas que, pertencentes ao extinto DNOCS, nos foram cedidas. Iniciamos rapidamente a reforma desses espaços e em poucas semanas para lá mudamos toda a Administração e, posteriormente, diversos setores do Departamento Nacional do Livro.

O espaço, no entanto, continuava insuficiente. Estavam lá no subsolo da BN os 200 mil volumes da "Coleção Paralela" aguardando um plano de inserção em nosso acervo, ocupando um espaço que poderia ter melhor utilização. No depósito da Link, em São Cristóvão, a BN mantinha 6.964 caixas contendo milhares de publicações, pelo que pagávamos um caro aluguel mensal. Diante disto decidimos começar um plano de recuperação do Anexo, à rua Rodrigues Alves, 509. Esse é um espaço monumental, em boa hora adquirido em condições vantajosas pela administração anterior e que precisava ser mobilizado. Assim foi que iniciamos um plano de reforma do telhado e da fachada para poder ter ali, com certa segurança, o mobiliário do extinto INL, de Brasília, a "Coleção Paralela" e as caixas de livros e periódicos anteriormente depositadas na Link. A reforma total do Anexo, diga-se de passagem, seria uma obra gigantesca que só poderá ser plenamente executada quando o Governo (ou alguma entidade pública) for seduzido para dela participar.

Em busca ainda de espaço vital obtivemos do Secretário Carlos Garcia, da Secretaria de Administração, o valioso palacete na rua Pereira da Silva, 82, que deverá sediar o Sistema Nacional de Bibliotecas e o PROLER, duas pontas de lança do "Projeto Biblioteca Ano 2000". Esse prédio entrará também em reformas tão logo o orçamento nos permita ou alguma empresa nos socorra.

Quanto ao espaço físico é necessário ainda apontar as reformas de calçamento, telhado, fiação, laboratórios, etc., conforme relatado aqui mais detalhadamente pelo Diretor de Administração e Planejamento Tomás de Aquino Chaves de Mello além das reformas e ampliações feitas na Biblioteca Demonstrativa de Brasília, dirigida por Maria da Conceição Moura Salles.

Dentro do nosso projeto de dar dimensão verdadeiramente nacional às nossas atividades, reativamos a representação da FBN em São Paulo,

estabelecemos outra representação em Brasília (dentro da própria Secretaria da Cultura, para evitar gastos) e começamos a desenvolver uma rede do Escritório de Direitos Autorais, que por ora ocupa algumas salas no 11º andar do MEC. O objetivo é sediar (gratuitamente) em cada biblioteca pública estadual uma representação do EDA para facilitar o registro de obras, atualmente concentrado no Rio de Janeiro.

Uma biblioteca projetada para o futuro tem que forçosamente desenvolver uma política de informática. Por isto instalamos um computador da Unisys, que já está em operação e encontramos convênio com a IBM, que deverá nos doar proximoamente aparelhos para multimídia, para banco de dados e diversos computadores que nos ajudem a constituir uma rede nacional que aproximará as bibliotecas e redes de informação já existentes no país. O ideal é fazer com que um cidadão na Amazônia ou no Rio Grande do Sul possa acessar o computador e ter da BN as informações visuais e textuais de que necessita.

Todas essas modificações de espaço e forma, no entanto, não teriam sentido se não tivéssemos conseguido algumas outras implementações. Assim é que, apesar de termos o quadro de pessoal cortado em 28%, graças ao entusiasmo e sacrifício dos funcionários a frequência e o atendimento ao público na BN aumentaram cerca de 30%.

O Departamento de Referência e Difusão, chefiado por Suelly Dias, teve 237.576 peças do acervo consultadas e atendeu a 111.507 pesquisadores. Conseguiu implantar o Sistema "Inventário de Periódicos" num convênio com a UFRJ incluindo 45.550 títulos correspondentes a 3.500.000 fascículos. O Bibliodata Calco, gerenciado pela Fundação Getúlio Vargas congregando 65 instituições, ampliou suas operações na BN. Várias bases de dados como a "Resete", "Poli" e o "Proclase" estão disponíveis aos usuários.

Neste Departamento reforçamos ainda a política de doações de manuscritos, coleções e obras raras, conforme se poderá ver no corpo deste relatório. Neste sentido é necessário destacar duas contribuições realmente notáveis: a "Cervantina", pertencente ao Doutor Genival Londres, com cerca de mil volumes, doada por sua viúva, Stéfia Londres, e a Coleção de 480 partituras manuscritas de Francisco Mignone, doadas por Maria Josephina Mignone, viúva do maestro.

O Departamento de Processos Técnicos, liderado por Esther Bertolletti, incrementou o Plano Nacional de Microfilmagem de Periódicos Brasileiros através de convênios com a Casa de Rui Barbosa, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Arquivo Nacional e Universidade Federal Fluminense. Através de uma ação coordenada com todos os diversos estados da federação e até mesmo com entidades estrangeiras, como a Universidade da Flórida e a Library of Congress, o plano de microfilmagem transformou-se no maior empreendimento do gênero existente na América Latina.

Deste gigantesco esforço participaram fontes as mais diversas, desde a Fundação Vitor, a Fundação Gulbenkian e diversas empresas jornalísticas brasileiras. Empenhou-se também esse setor em dar consistência ao Centro de Memória Social Brasileira, ao Centro de Memória da Eletricidade no Brasil e em realizar um inventário da Imprensa Sindical através de um acordo com a ECA/USP.

Sem dúvida, um dos mais notáveis empreendimentos foi a agilização do Banco de Teses. Sendo a BN a depositária de cerca de 40 mil teses defendidas no país, fazia-se necessário atualizar seu cadastramento. Quinze bolsistas foram cedidos pelo CNPq à FBN para que isto fosse realizado. Dois computadores PCs foram adquiridos e outras formas de ajuda vieram da Pirelli e Metal Leve. Antes de terminada a atual gestão a questão das teses que estavam empilhadas nos corredores deve estar resolvida.

O Departamento Nacional do Livro, dirigido pelo romancista Márcio Souza, teve que renascer das cinzas sobre uma nova estrutura e com outros objetivos.

Dois pontas de lança do DNL foram desenvolvidas. A reestruturação da rede nacional de bibliotecas que passaram a constituir o Sistema Nacional de Bibliotecas e o PROLER (Programa para uma Política Nacional da Leitura). Realizamos vários encontros nacionais com os coordenadores estaduais, nos quais contamos com a presença de expressivo número de Secretários de Cultura dos Estados. Estamos convencidos que é imprescindível passar para os Secretários de Cultura a nossa estratégia e projetos. Nosso objetivo é a melhoria dos chamados recursos humanos, uma vez que sem mudar a mentalidade dos funcionários que lidam com a cultura no país não se conseguirá mudar a política das bibliotecas.

Deixando de operacionalizar uma estrutura concentracionária que havia em Brasília, mas com a idéia de descentralizar sua atuação, foi alterada a política de compras de livros, que antes era feita no Distrito Federal e agora deve ser efetuada pelas bibliotecas, mediante suas necessidades e com o apoio da FBN. Criamos também o Teatro do Texto, programa que fez com que duas dezenas de autores percorressem as bibliotecas públicas do Norte e Nordeste. Foram eles: Ferreira Gullar, José J. Veiga, João Antônio, Antônio Torres, Victor Giudice, Lya Luft, Cláudio Geir Campos, Moacyr Scliar, Moacyr Felix, Ignacio de Loyola, Antonio José Moura, Haroldo Maranhão, João Gilberto Noll, Raimundo Carrero, Marcos Azevêdo, J. W. Solha. Também as bibliotecas do Sul e do Centro foram mobilizadas quando trouxemos ao Brasil os escritores Antonio Cisneros (Peru) e Manuela Hingueret (Argentina).

A idéia era trazer a literatura viva, o autor vivo para dentro da biblioteca atraindo assim um público jovem para o que está acontecendo. Por isto os textos e esses autores eram apresentados através de leituras dramatizadas, realizadas por grupos de atores profissionais. Na BN criou-se um numeroso público cativo que todas as segundas-feiras aparece para as apresentações. E conforme desseñ compilado pelo DNL nos diversos estados a freqüência às bibliotecas aumentou por causa deste programa.

Além disto iniciamos também uma atuação nas feiras nacionais e internacionais de livros alugando *stands*, mantendo funcionários especializados em contatos com agentes e editores e fazendo publicações em várias línguas para divulgação de nossa literatura.

Foi criado o PROLER (Política de Incentivo à Leitura) com o objetivo de desencadear no país a noção de que a cidadania só pode ser exercida plenamente quando o brasileiro for um indivíduo bem informado e estiver inserido naturalmente na vida cultural do país. Por isto, várias estratégias

foram desenvolvidas sob a coordenação de Eliana Yunes, do PROLER, numa ação integradora de várias entidades que trabalham com a questão da leitura.

Criou-se uma rede do PROLER em vários estados e vinculou-se o projeto a vários projetos internacionais. Diversos convênios foram encaminhados e a FBN elaborou o projeto das bibliotecas dos CIAC's, conseguindo que elas se propoñham como centros culturais e que atuem sobre as demais bibliotecas públicas e escolares das regiões onde forem construídas.

Conforme se verá no corpo do relatório reativamos também as exposições realizadas na BN. Exemplo foi a mostra "Mozart no Rio de Janeiro Oitocentista", onde exibimos nosso formidável acervo musical referente ao tema. Por outro lado, cedemos várias peças para exposições feitas por outras instituições.

Igualmente reativamos o laboratório fotográfico que estava fechado desde a dispensa de funcionários. E, conseqüentemente, sob a coordenação de Joaquim Marçal retomamos o projeto Profoto, que com ajuda do Banco do Brasil está recuperando cerca de 40 mil fotos do século passado pertencentes à Coleção Thereza Christina Maria.

A Biblioteca Euclides da Cunha, pertencente à FBN e que funciona no 4º andar do prédio do MEC, passou também por uma renovação do seu espaço físico e ampliou suas atividades sob a direção de Adriana Villaça. Incrementou o número de exposições, de tardes de autógrafa e aumentou o número de seus leitores.

O ano de 1991 foi um ano de redefinição de espaços e funções. A crise econômica do país não nos possibilitou fazer mais, mas mesmo assim, terminado esse período, outra é a imagem da Biblioteca Nacional dentro e fora do país, como atestam as correspondências, as matérias em jornais e televisões e o fato de os técnicos da FBN participarem nas mais várias feiras internacionais de livros, de congressos e de bolsas de estudos.

O Presidente da Fundação Biblioteca Nacional esteve presente em vários eventos nacionais e internacionais, destacando-se entre eles:

1. Reunião do Cerlalc (Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e Caribe), em Bogotá, Colúmbia (18/03 a 22/03/91), para discussão de projetos de incremento à leitura e à divulgação do livro. (Passagem e estadia pagas pelo Cerlalc.)

2. Prêmio Camões. Reunião da comissão oficial para escolha do escritor de língua portuguesa que mereceria tal prêmio. A comissão, constituída do lado brasileiro por Afonso Romano de Sant'Anna (Presidente da FBN), Márcio Souza (Diretor do DNI), Jorge Fernandes Silveira (professor da UFRJ), e do lado português por Luís Fajaz Trigueiros, Davir Mourão e Arnaldo Saraiva, depois de várias reuniões na cidade de Lisboa, entre 27 e 31 de maio, optou pelo nome do poeta moçambicano José Craveirinha.

Aproveitando a viagem fizemos visitas de trabalho à Biblioteca Nacional de Portugal e ao Novo Arquivo da Torre do Tombo. A seguir, voltando ao Brasil, via Paris, visitamos a Biblioteca Nacional da França e entramos em contato com os organizadores da campanha "Fureur de Lire", colhendo elementos para evento semelhante no Brasil.

3. Congresso da IFLA, Moscou, 16 a 25 de agosto. Este encontro, que é a mais importante reunião de bibliotecários de todo o mundo, tem uma seção que congrega os direitos de bibliotecas nacionais. O Presidente da FBN participou dos debates e deliberações e trouxe farto material repassado aos funcionários da Casa.

4. A convite do Ministro Francisco Resek, das Relações Exteriores, o Presidente da FBN acompanhou a comitiva oficial que foi ao Egito, Cairo, entre 5 e 10 de novembro, discutir questões culturais entre o Brasil e o Egito. Várias reuniões de trabalho se desenvolveram no Ministério da Cultura Egípcio, no Ministério das Relações Exteriores daquele país e foi assinado entre a FBN e a Biblioteca de Alexandria um termo de colaboração pelo qual o Brasil oferece publicações e assistência técnica dentro do projeto de reconstrução da histórica biblioteca patrocinado pela UNESCO. (Passagem paga pela Secretaria da Cultura.)

5. Feira do Livro em Guadalajara (23 a 30 de novembro). A direção da Feira convidou o Presidente da FBN na qualidade de autor latino-americano para participar de debates e fazer leitura pública de poemas ao lado de diversos autores do continente.

Aproveitando a ocasião, o Presidente da FBN desenvolveu várias outras atividades e contatos de interesse desta instituição divulgando todo o material impresso pelo DNL e participando de reunião da ABINIA, que se realizou concomitantemente com a Feira de Guadalajara.

No corpo deste relatório se encontrarão inúmeras outras informações que não cabem aqui nesta apresentação. Esperamos em 1992 conseguir mais funcionários para desenvolver os projetos já iniciados, mais verba para executá-los, de tal modo que o projeto "Biblioteca Ano 2000" se torne irreversível e se aprimore mesmo quando vencer aqui o período da atual administração.

Afonso Romano de Sant'Anna
Presidente da FBN

2. DEPARTAMENTO DE PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO

1 - INTRODUÇÃO

A reforma administrativa empreendida pelo governo federal transformou a natureza jurídica da Biblioteca Nacional, tornando-a uma Fundação, isto é - uma instituição autônoma, com orçamento e administração próprios. Esta é uma experiência nova, já que é a primeira vez que a instituição passa a ter vida administrativa própria e independente, gerindo seu orçamento e seus recursos humanos. Desta forma, transforma-se de uma unidade vinculada, das extintas Fundação Nacional Pró Leitura e Fundação Nacional Pró-Memória, em uma entidade com autonomia. As mudanças institucionais assim introduzidas foram significativas e se refletiram diretamente na complexidade de tarefas a serem desenvolvidas pela área administrativa. A transformação do antigo Instituto Nacional do Livro no Departamento Nacional do Livro, dentro da nova estrutura organizacional da Fundação Biblioteca Nacional, também concorreu para um significativo aumento de atribuições de caráter administrativo.

Atualmente, a Fundação passou a exercer a gestão administrativa e orçamentária, antes centralizada em Brasília. Paradoxalmente, os cortes de pessoal, determinados por ocasião da extinção da INPL, se concentraram nesta área, reduzindo a força de trabalho em cerca de 50% (de 69 funcionários da D.P.A. restaram somente 36). Vale ressaltar ainda que o elenco de Instruções Normativas e de Serviços, visando o aprimoramento e facilidade de toda sua parte operacional, ainda carece de aprimoramento, em especial, pela necessidade de Regimento Interno e de Manuais de Organização e Procedimentos.

II - IMPLANTAÇÃO DA COORDENADORIA DE PLANEJAMENTO

1. Execução Orçamentária

Novas tarefas foram criadas e atribuídas à Coordenadoria de Planejamento, principalmente quanto ao Orçamento, que passou a ter todas as suas etapas aqui desenvolvidas. É uma atividade nova, uma vez que a BN nunca deteve a política orçamentária.

O Orçamento para 1991 foi publicado no Diário Oficial da União de 01.02.91 ainda em nome da Fundação Nacional Pró-Leitura, em extinção, e somente por Decreto de 26 de fevereiro (D.O.U. de 27.02.91) foi efetivada a transferência das respectivas dotações para a Fundação Biblioteca Nacional.

Inicialmente foram liberados apenas (Decreto nº 21 de 01.02.91 - D.O.U. de 04.02.91) 10% (dez por cento) dos créditos concernentes a Outras Despesas Correntes ou Investimentos Financeiros e 5% (cinco por cento) dos créditos destinados a Investimentos em Outras Despesas de Capital.

As dotações consignadas ao subprograma - Apoio às Bibliotecas Públicas, gerenciado pelo Departamento Nacional do Livro, foram totalmente contingenciadas.

Em 23.05.91 foram liberados mais 30% (trinta por cento) do Orçamento Global e somente nos dias 29.11.91 e 23.12.91 foram autorizados o novo descontingenciamento (também na percentual de 30%) e o crédito referente a obras. Entretanto, essa última liberação só se tornou disponível através do SIDOR e SIATI, a partir de 15 de janeiro corrente (1992).

Em decorrência desse sistema de contingenciamento de créditos, a FBN teve disponível para execução até o mês de dezembro apenas 40% (quarenta por cento) do seu Orçamento, o que exigiu uma rígida contenção de gastos durante todo o exercício.

Por outro lado, a liberação de mais 30% (trinta por cento) já no encerramento do ano exigiu um esforço redobrado das áreas envolvidas na execução orçamentária e financeira, uma vez que, em apenas poucos dias, teve de elaborar processos licitatórios, empenhos e ordens de pagamento correspondentes a quase a metade do total liberado em 1991.

Como resultado do trabalho técnico e gestões da Chefia e funcionários da Divisão de Contabilidade foi possível a reprogramação do Saldo Financeiro do exercício de 1990, no valor de Cr\$ 141 milhões, que se encontrava pendente de aprovação pelo Departamento de Orçamento da União em face de divergências nos registros contábeis da Fundação Nacional Pró-Leitura, em extinção.

A FBN contou com recursos provenientes das seguintes fontes:

- Fonte 100 - Tesouro Nacional
- Fonte 281 - Convênio com o Banco do Brasil (Projeto de Fotografia)
- Fonte 290 - Patrocínio Shell para o Teatro do Texto
- Fonte 250 - Receitas Próprias (inclusive aplicações financeiras)

2. Informática

Os trabalhos de Informática iniciaram-se em abril de 1991, com a redistribuição dos servidores da Fundação Pró-Memória, pois a BN dispunha de apenas 3 servidores na área de Informática.

Iniciou-se o trabalho com um levantamento da real situação do uso da informática pela BN. Fez-se um inventário do parque instalado, identificando os tipos de equipamentos, os softwares utilizados e sua procedência, os sistemas em uso, os usuários responsáveis e sua localização.

Partindo desse levantamento verificou-se que a Biblioteca dispunha apenas de microcomputadores de tecnologia ultrapassada, apresentando sérios

problemas de manutenção. Um microcomputador de 16 bits com 2 drives, instalado no CPD do 3º andar, para ser conectado à Fundação Getúlio Vargas e com uma placa emuladora de terminal IBM. Estes equipamentos apresentavam problemas de manutenção.

Havia disponível, ainda, um supermini computador C-1200, adquirido pela Secretaria de Informática do antigo MinC, instalado na BN, apresentando defeito e sem dispor de contrato de manutenção. Entramos em contato com a Cobra, fabricante desse equipamento, que apresentou um diagnóstico das condições em que se encontrava o C-1200. Verificamos, então, a impossibilidade do seu aproveitamento, pois além dos defeitos verificados exigia uma imediata expansão, o que não seria possível, visto que essa linha de computadores teve sua fabricação descontinuada.

A partir desse levantamento foi possível diagnosticar a grande necessidade de modernização que a nova administração exigia. A fim de alcançarmos esse objetivo, podemos dizer que seguimos duas linhas de ação: uma visando a negociação com grandes instituições, tais como: Unisys, UFRJ/NCE, FJN, IBM e FUC. A outra buscava suprir as dificuldades mais imediatas, como aquisição de novos microcomputadores, mobiliário para o setor, acompanhamento de assistência técnica do parque instalado bem como a consolidação do setor, pois a equipe recém-criada apresentava dificuldades de adaptação.

Nesse momento podemos ressaltar algumas metas que foram alcançadas, apesar de inúmeros problemas que ainda não foram superados:

- Contrato de comodato assinado com a Unisys para colocação, na BN, de um computador de médio porte, modelo 8.6919;

- Convênio assinado com o Núcleo de Computação Eletrônica da UFRJ para treinamento do pessoal de informática para o equipamento cedido pela Unisys;

- Convênio assinado com a Fundação Joaquim Nabuco (FJN) para cessão de um software de recuperação de dados, incluindo a implantação do mesmo e o treinamento de pessoal.

A importância deste convênio deve ser ressaltada. Após o treinamento, o quadro técnico da FJN ficou habilitado a utilizar versão desenvolvida pela FJN do software *textbase*. Este software permite a recuperação de monografias e periódicos em linguagem conversacional, isto é, o usuário pode utilizar-se do computador diretamente do terminal, sem auxílio de técnicos. Além disso, permitiu que os cadastros de monografias que estavam disponíveis na FGV e que só se tornavam acessíveis aos usuários com grande defasagem de tempo pudessem ser recuperados no computador da FJN. A conjugação da facilidade de operação dos terminais e a possibilidade de manter os dados bibliográficos nos equipamentos Unisys decerto agilizarão em muito as pesquisas, antecipando em meses as disponibilidades das informações.

- Implantação no computador Unisys da base de dados, contendo o acervo bibliográfico da FJN, que faz parte da rede Bibliodata/CALCO da FGV;

- Em estudos com o NCE/UFRJ a migração da base de dados do acervo de periódicos para o computador da Unisys;

- Em implantação, pela FBN, de sistema para recuperação das informações da base de dados de periódicos utilizando o mesmo *software* de recuperação da base do acervo bibliográfico;

- Aquisição de uma rede de microcomputadores (sendo: um microcomputador padrão IBM AT/386 e seis terminais) e do pacote para ligação em rede NOVELL (ainda não instalado, por problemas nas instalações elétricas) para substituição dos microcomputadores de 6 bits utilizados para entrada de dados do sistema CALCO;

- Aquisição de quatro microcomputadores do tipo IBM PC/XT para atender os seguintes setores:

- substituição do microcomputador emulador do terminal IBM/FGV da rede Biblioteca/CALCO, do Salão de Obras Gerais;

- Biblioteca Euclides da Cunha;

- Coordenadoria de Planejamento/Orgamento;

- Coordenadoria de Administração/Financeira; e

- Departamento Nacional do Livro;

Aquisição dos *softwares* Clipper, Carta Certa e Lotus 123 para os novos microcomputadores;

- Em desenvolvimento um sistema de acompanhamento e execução orçamentária;

- Em negociação com o NCE/UFERJ a cessão de um sistema de mala direta para o computador Unisys.

III - COORDENADORIA DE ADMINISTRAÇÃO

1. Recursos Humanos

Para adequação do Quadro de Pessoal da FBN às reais necessidades dos diversos segmentos administrativos e técnicos, foi necessária a implementação de providências para o aproveitamento e redistribuição de funcionários de outros órgãos.

Em 01 de março de 1991 a FBN contava com 407 servidores, sendo:

- Rio de Janeiro 322

- Brasília - 80

- São Paulo - 04

- Espírito Santo - 01

Atualmente, esse número sobe a 461 funcionários, assim divididos:

- Rio de Janeiro - 378

- Brasília - 78

- São Paulo - 04

- Espírito Santo - 01

Em que pesem os insistentes pedidos junto aos órgãos envolvidos, os pedidos de aproveitamento e redistribuição vêm se processando de forma lenta, permanecendo a necessidade de funcionários em diversas áreas, especialmente de pessoal de apoio administrativo (datilógrafos, agentes administrativos e outros).

A Direção da FBN conseguiu implementar no exercício de 1991 a atualização dos salários dos servidores e o pagamento de dívidas anteriores:

- incorporação, em maio, ao salário dos servidores do percentual de 60,93% relativo ao dissídio coletivo de 1989;
- pagamento das diferenças concernentes a esse percentual, referentes aos meses de janeiro a abril de 1991;
- pagamento, no mês de julho, da Produtividade (4%) correspondente ao período de maio de 1988 a junho de 1989;
- concessão e pagamento de 01 (uma) promoção por tempo de serviço e 01 por mérito;
- implantação, no mês de setembro, da Tabela Especial aprovada pela Lei 8.216/91, com efeitos a partir de agosto;
- integração total ao Sistema de Administração de Recursos Humanos - SLAPE, no mês de maio.

A partir do exercício de 1991, a concessão de aposentadorias e pensões passou a ser competência das próprias fundações e não mais do INPS. Trata-se de trabalho especializado que requer estudo detalhado de cada caso, em face da legislação específica. Foram instruídos pela DRH:

- 31 processos de aposentadoria
- 477 licenças para tratamento de saúde
- 9 licenças a gestantes
- 54 licenças por motivo de doença em pessoa da família

Na área de benefícios foram implementados:

- Vale-refeição - 4.617 talões, no montante de Cr\$ 126.324.396,00
- Vale-transporte - 38.396 vales, no total de Cr\$ 9.970.015,00
- Assistência pré-escolar - mensalsados 382 servidores, no valor total de Cr\$ 5.748.159,41

A implantação do Plano de Assistência Médica e Odontológica não foi possível no exercício de 1991, por insuficiência de crédito orçamentário - apenas Cr\$ 1.400.000,00 até o mês de dezembro, quando foram liberados Cr\$ 12.600.000,00 ainda insuficientes e já sem tempo hábil para abertura do processo licitatório.

A hipótese de adesão ao Contrato de Assistência Médica da Secretaria da Cultura foi considerada imprópria pela Secretaria de Controle Interno da Presidência da República (OF nº 1793/CADRI).

Já está sendo iniciado o processo de licitação no corrente exercício, uma vez que há previsão orçamentária para custear o benefício.

Quanto ao treinamento, até então inexistente na Fundação Biblioteca Nacional, as atividades se voltaram para a realização de 4 cursos distribuídos em 8 turnos e 128 treinandos, num total de 128 h/aula, com instrutores externos.

Os cursos foram estruturados a partir de diagnóstico, priorizando os Cursos de Eficiência Gerencial e Atendimento ao Público. Ambos, além do conteúdo técnico, iniciam uma integração de equipe e valoração de pessoal da Casa, através de informações que facilitam a solução de problemas cotidianos, específicos desses segmentos. Também foi desenvolvido o Programa de Ambientação dos Estagiários e Menores.

2. Compras e Patrimônio

Especialmente nesta área foram grandes as dificuldades referentes a pessoal, uma vez que toda a força de trabalho que integrava a estrutura anterior foi demitida por ocasião da extinção da FNPL, permanecendo apenas o almoxarife e seu substituto.

Os trabalhos desenvolvidos em 1991 para a realização de compras, contratação de serviços e obras envolveram recursos da seguinte ordem:

- 3490.20 - Consumo -	Cr\$ 166.058.995,20
- 3490.39 - Serviço -	Cr\$ 632.123.586,73
- 4590.51 - Obras -	Cr\$ 611.317.856,37
- 4590.52 - Permanente -	Cr\$ 71.718.274,70

Foram realizados 77 (setenta e sete) processos licitatórios na modalidade Convide e 03 (três) na de Tomada de Preços (1 revogada), verificando-se que 40% (quarenta por cento) desses foram efetuados no mês de dezembro, em virtude da última liberação de crédito orçamentário só ter ocorrido no referido mês.

3. Serviços Gerais

A ampliação do espaço físico da FBN, através da incorporação de 30 (trinta) salas na rua Debrat, uma casa em Laranjeiras e da ocupação gradual do prédio Anexo (Av. Rodrigues Alves) além das dependências já existentes (prédio sede e salas do MEC), resultou na sobrecarga das tarefas afinentes à Divisão de Manutenção, tornando nítida a insuficiência de pessoal nesta área.

A transferência do antigo INL (DNL) para o Rio de Janeiro aumentou significativamente o número de eventos e solenidades realizados na FN, o que implica no envolvimento permanente do pessoal lotado na área de Serviços Gerais. Está afeta à Divisão de Manutenção a solicitação e controle de passagens aéreas que, em 1991, resultou na emissão de 202 bilhetes, no valor global de Cr\$ 36.578.231,00.

4. Convênios e Contratos

No exercício de 1991 foram assinados 06 (seis) Convênios com as seguintes entidades:

- Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor - FNEEM
- Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil
- Faculdade de Letras - Universidade Federal do Rio de Janeiro
- Pontifícia Universidade Católica - PUC
- Sociedade Brasileira de Instrução - cancelado
- Fundação Casa de Rui Barbosa - cancelado

Para a prestação de serviços técnicos, administrativos de manutenção e obras foram contratadas 29 empresas.

Em decorrência das dificuldades resultantes da gestão simultânea com a inventariança da FNPL, no início do exercício, a maioria dos contratos da FN encontrava-se pendente de renovação e/ou aditamento. Também não haviam sido publicados no Diário Oficial, como determina a Lei. A Coordenadoria está

empenhada na regularização desses procedimentos, com a implantação de um setor ou núcleo de controle e acompanhamento de contratos e convênios.

IV OBRAS E PROJETOS ESPECIAIS

1. Prédio Sede (Av. Rio Branco, 219/239)

- restauração e aumento do nível da calçada externa;
- reparos gerais em todos os banheiros, com revisão da tubulação de água e esgoto e recolocação de lavatórios, vasos sanitários e instalação de luminárias;
- instalação de dois tanques nas salas de encadernação e conservação;
- obras de recuperação do sistema de ar condicionado central, com substituição de máquinas refrigeradoras;
- reforma geral nas dependências do pavimento térreo;
- elaboração das especificações técnicas para recuperação integral do sistema de cobertura do prédio sede, abrangendo:
 - nos telhados: revisão do madeiramento, fixação das telhas existentes com fios de cobre para o seu não cotrimimento, colocação de telhas de ventilação. Revisão do sistema de calhas de escoamento com abertura de novos pontos de saída, refeitura de calamentos, revisão pontual de impermeabilização e colocação de telas de aço sobre os ralos;
 - nas clarabóias: revisão do sistema de fixação, com substituição de vidros quebrados e da massa de assentamento por modelo original apropriado. Recuperação dos montantes metálicos;
 - nos vitrais: revisão do sistema de fixação das placas, com substituição das partes em chumbo deterioradas e limpeza geral.

As especificações para recuperação da cobertura foram submetidas à 6ª C. R. do IBFC para aprovação.

- Obras de reforma das instalações elétricas de iluminação dos armazéns, a partir do projeto próprio e por administração direta, com contratação de um engenheiro, três eletricitas e dois ajudantes, bem como aquisição direta dos materiais especificados. A ala de Periódicos encontra-se praticamente concluída, com a troca integral de sua fiação, desmembramento de seus circuitos para o modelo das Normas Brasileiras e redistribuição do sistema de acionamento das luminárias que proporcionará uma economia de pelo menos trinta por cento no consumo de energia. Até o final de janeiro os trabalhos já terão início na ala de Obras Gerais.

Condensação do projeto realizado para reforma geral das instalações elétricas de iluminação do restante do prédio. O novo projeto prevê o aumento no nível de luminosidade nos diversos ambientes, de acordo com os padrões recomendados, com realocação e acréscimo das luminárias em lâmpadas fluorescentes e inclusão de luminárias em lâmpadas halógenas, que revalorizarão os detalhes da arquitetura. Há também a previsão de abertura de mais três *salas* para aumento na demanda do prédio no que concerne ao acréscimo de circuitos e fiações em geral (iluminação, telefonia, computadores, ar condicionado).

- Elaboração de especificações técnicas para recuperação do sistema de isolamento das câmaras de fumigação, com colocação de mastique isolante nas fissuras encontradas.

- Obras de reforma geral nas dependências do pavimento térreo da BFN, para realocação das divisões de Conservação, Encadernação, Almoxarifado Geral, Protocolo, PLANOR, Serviços Gerais e Ambulatório. As especificações técnicas prevêem serviços de demolições, construção de novas paredes, instalação de divisórias, colocação de piso de borracha antiderrapante e pintura geral, que estão sendo executados pela empresa Políenge Engenharia, Instalações e Montagens Ltda. Valor: Cr\$ 42.292.640,00.

Estudos iniciais para proposta de técnica de intervenção para restauração e pintura da fachada. Foram enviadas amostras ao Instituto Nacional de Tecnologia para análise de seus componentes.

2. Prédio Anexo (Av. Rodrigues Alves, 509)

Estão em fase de conclusão as obras gerais que envolveram a recuperação da fachada, com aplicação de argamassa de emboço à base de cal; a refeitura integral dos "paros" de telhado nos blocos laterais do prédio, com colocação de novo madeiramento, telhas de fibrocimento e impermeabilização de calhas. O telhado do bloco central também é alvo de recuperação com os mesmos serviços dos blocos laterais, pontualmente. A obra também contém reparos genéricos no *hall* principal de acesso com serviços de demolições, instalação de portas, execução de piso, montagem de copa e dois vestiários e instalações elétricas no segundo andar. Os serviços executados pela empresa COIN encontram-se em atraso. A empresa alega problemas financeiros devido à impossibilidade de aplicação de reajuste nos preços que sofreram imenso aumento no segundo semestre de '91.

Foi firmado, ainda, um termo aditivo ao contrato para execução de área adicional em argamassa na fachada, rufes de argamassa não previstos no telhado, recuperação estrutural de um pilar e acréscimo na área a ser iluminada no 2º andar. Valor total da obra: Cr\$ 83.756.543,85.

3. Salas da Rua Debrét, 25 (6º andar, salas 608, 9, 10, 16 e 17; 8º andar, salas 803, 4, 5, 8, 9 e 10; 9º andar)

- pintura geral de paredes e teto, e instalação de portas, em vidros blindex, no *hall* de entrada (9º andar);

- preparação de espaço (9º andar), com colocação de divisórias e piso específico, para instalação de terminais de rede e microcomputadores.

4. Prédio da Rua Pereira da Silva, 86 (Laranjeiras)

Em 1991 a FBN recebeu por cessão do Departamento do Patrimônio da União (DPU) pacote da extinta Fundação das Pioneiras Sociais, situado à Rua Pereira da Silva, em Laranjeiras, para desenvolvimento de Programas de Incentivo à Leitura, especialmente os destinados ao Livro Infante-Juvenil.

5. Biblioteca Demonstrativa de Brasília - SQN

- reforma geral dos banheiros;
- recuperação da estrutura dos banheiros, reforma da estrutura do prédio, que apresentava sérias rachaduras, e iluminação da Galeria e parte externa do edifício.

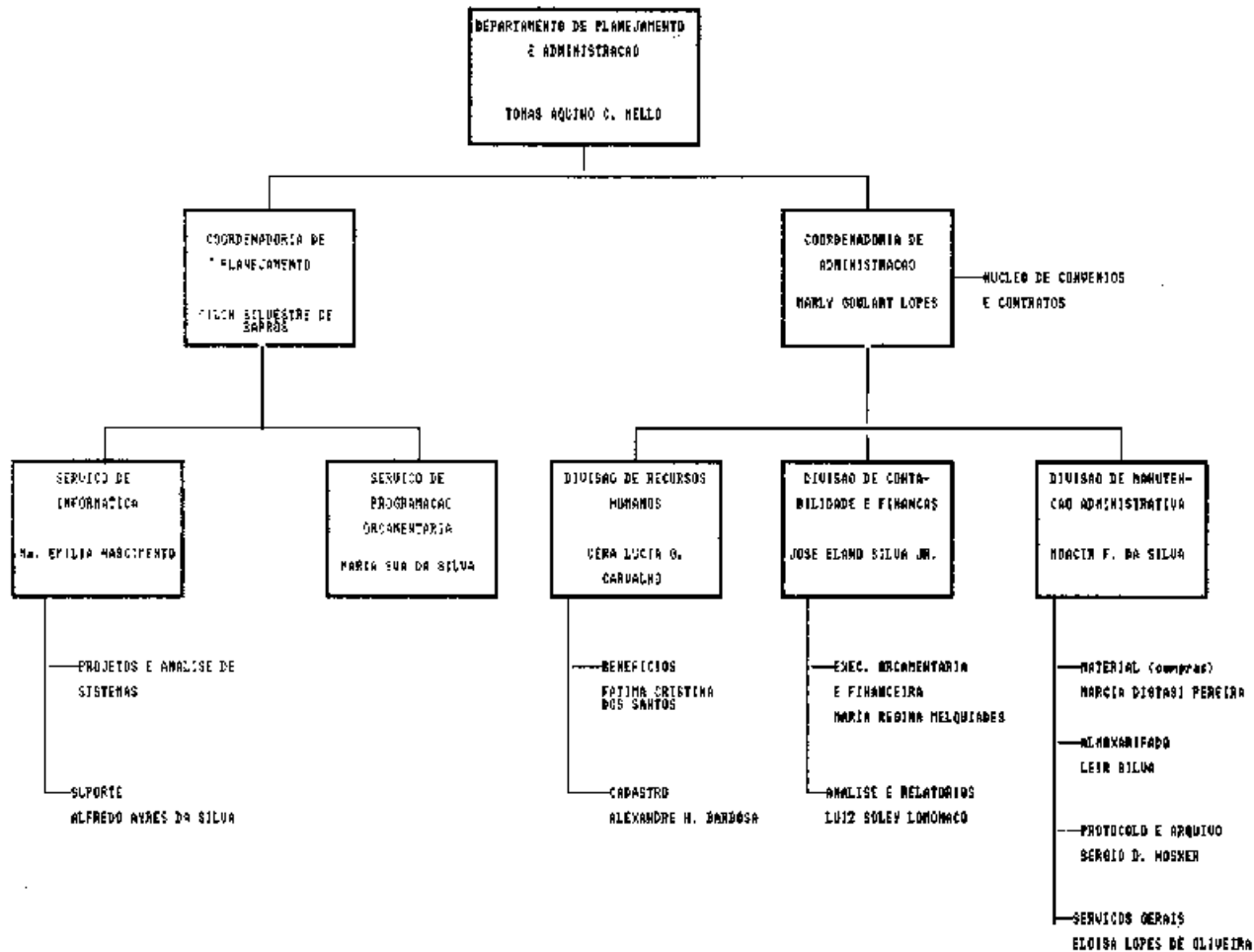
V - PROJETOS ESPECIAIS

- A FBN retirou do depósito da Memoteca Pink, nos meses de agosto/setembro 91, as coleções de Periódicos e Paralelas, num total de 6.964 caixas de 20kg cada, equivalentes a 139.280kg.

- Reforma do veículo Brasília no valor de Cr\$ 190.800,00, em março/91.

- Transferência de Brasília para o Rio de todo o mobiliário da extinta Fundação Nacional Pró-Leitura, no valor de Cr\$ 7.365.000,00, em junho/91.

- Transferência de Brasília para o Rio de 70 estantes, que se encontravam no depósito de livros do extinto INL, no valor de Cr\$ 933.641,00, em julho/91.



3. DEPARTAMENTO DE REFERÊNCIA E DIFUSÃO

RELATÓRIO

O DRD difundiu o acervo apresentando o produto de pesquisas/projetos realizados em seus diversos setores, participando de eventos e exposições (nacionais e internacionais), produzindo textos especiais, bibliografias e atendendo ao público pesquisador.

Como unidade de pesquisa, o DRD intensificou a participação da FBN junto às comunidades de informação, nacionais e internacionais, com o objetivo de ampliar e atualizar o nosso acervo e de assegurar ao usuário o acesso à literatura produzida nas diversas áreas do conhecimento humano. Atendeu, ainda, em âmbito nacional e internacional, às solicitações de instituições públicas e privadas, universidades, organismos internacionais, centros de pesquisas, historiadores, brasilianistas e pesquisadores (em nível de graduação e pós-graduação) e ao público em geral.

1 - REFERÊNCIA E DIFUSÃO DO ACERVO

1. Atendimento ao público pesquisador

- 111.305 pesquisadores atendidos, em âmbito nacional e internacional, registrando-se uma frequência 20% superior àquela registrada no ano precedente, num total de 237.576 peças consultadas.

- 1.353 solicitações de usuários externos (pesquisas, levantamento bibliográfico e informações diversas) através de cartas, fax, telex e telefone, num total de 11.998 obras referenciadas.

O intercâmbio de informações com instituições nacionais e estrangeiras contribuiu para complementar as pesquisas de usuários e nos ajudou a suprir as falhas de nossas coleções. Em destaque: *Bibliothèque Nationale de Paris*, *Library of Congress*, *University of Northern Iowa*, *Biblioteca Apostólica Vaticana*, *Istituto Centrale per il Catalogo Unico delle Biblioteche Italiane e per le Informazioni Bibliografiche*, *Academia Brasileira de Letras*, *Escola Nacional de Música/UNRJ*, *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*.

2. Mostra do acervo precioso

a) Por ocasião de visita à FBN de personalidades nacionais e internacionais, do cenário cultural e político.

Destques:

- Mostra Sergio Roussel, realizada por ocasião da visita do Excmo. Sr. Secretário da Cultura.
- Mostra Presidente Collor de Mello, realizada por ocasião da visita do Excmo. Sr. Presidente da República.
- Encontro da Iniciativa Privada com o Livro Raro, que objetivou sensibilizar a classe empresarial ao patrocínio de edição, reedição e/ou conservação de nosso acervo raro.

3. Documentários, depoimentos, matérias jornalísticas

O acervo foi também divulgado através dos meios de comunicação de massa.

Destacamos:**a) Documentários sobre o precioso acervo:**

- Programa "As Repórteres", TVE
- Programa "Globo Ciência" TV GLOBO

b) Depoimentos:

- "Sem Censura", TVE

c) Matérias jornalísticas**Destques:**

- Coleção Alexandre Rodrigues Ferreira - *Jornal do Brasil, O Estado de São Paulo, Clarín (Argentina)*.
- O acervo de Euclides da Cunha - *Jornal do Brasil, Hábitos de leitura do Séc. XIX - Jornal do Brasil, Acervo raro da BN - Revista de Domingo do JB*
- As expedições científicas - *Jornal do Brasil*.

d) Capa da agenda oficial da Rio-92 - Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento.

4. Exposições na BN

- a) "Mozart no Rio de Janeiro Oitocentista", realizada em colaboração com a Seção de Cursos e Promoções Culturais do DNL:
 - edição de catálogo com 135 referências,
 - promoção de concerto.
- b) Francisco Mignone
 - Com promoção de concerto.
- c) "Amazônia: Redescoberta no Século XVIII" (Agenda Oficial da Rio-92), com a colaboração da Seção de Cursos e Promoções Culturais do DNL, e apoio da Secretaria da Cultura e do Banco Real:
 - elaboração do catálogo de documentos da Coleção Alexandre Rodrigues Ferreira,
 - promoção de ciclo de conferências,
 - confecção de postais e canisetas,
 - elaboração das legendas.
- d) Exposição "Fagundes Varela", comemorativa do aniversário de nascimento do escritor:

- elaboração das referências.

e) "Papéis do Modernismo":

- elaboração das referências e legendas.

f) "Floresta da Tijuca", realização conjunta com o Paço Imperial/Arquivo Nacional/Fundação Castro Maia/Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

5. Participação do acervo precioso em exposições em eventos de outras instituições. Destaques:

Nacionais:

- "A Mata", realizada pelo Museu de Arte Contemporânea de São Paulo. Participamos com 52 pranchas originais de J. J. Freire e J. Godinho (1787-1792).

- "Sinal Fechado: censura à imprensa no Brasil", realizada pelo Instituto Brasileiro de Patrimônio Cultural/Museu da República. Participamos com obras do acervo iconográfico.

- "João do Rio", realizada pela Casa de Cultura de Fogos de Caldas, MG. Participamos com obras do acervo geral e iconográfico.

- "Gibi, com anos", realizado pela Fundação Casa de Rui Barbosa.

- "Os quatro cantos de Origem", realizada pelo Museu de Astronomia e Ciências Afins/CNItq. Participamos com amostra do acervo iconográfico.

- "A gravura de Arte no Brasil", realizada pelo Centro Cultural Banco do Brasil.

- "Retratos da Cidade do Rio de Janeiro", realizada pelo Centro Cultural Banco do Brasil.

- "A morada carioca", realizada pelo Sôlar Grandjean de Montigny.

Internacionais:

- "A construção do Atlântico Sul: sociedades africanas e brasileiras nas vésperas do Mundo Moderno", realizada pela Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, Lisboa.

- "Ciencia y tecnica entre Viejo y Nuevo Mundo. Siglos XV-XVIII", realizada pelo Consejo Internacional de Archivos, Madrid.

- "Testimonios Bibliograficos Iberoamericanos. Siglos XV-XVIII", realizada pela Asociación de Bibliotecas Nacionales Iberoamericanas, em Caracas e Madrid.

- "Imagens do Brasil: a procura europeia de um paraíso terrestre e a arte moderna brasileira", realizada pela Kunsthau, Zurich, Suíça.

- "Il mare via del Vangelo", realizada pelo Pavilhão da Santa Sè, no âmbito da Exposição Internacional Especializada Colombo 92, Gênova, Itália.

6. Participação do acervo precioso em filmes e vídeos

- "Anos 20", filme realizado pelo Instituto Cultural Itaú/Orion Cinema e Vídeo Ltda. Participação do acervo iconográfico.

- "Ciclo da Borracha", documentário realizado pela TV Cultura de São Paulo. Participação do acervo geral.

- "Elas por Ela/Marilyn Fera", programa realizado pela Rede Globo. Participação do acervo geral.

- "Colombo - 500 anos", programa realizado pela Rede Globo/Globo Ecologia. Participação do acervo iconográfico.

- "História do Pau-Brasil", vídeo realizado por George Henry Associados. Participação do acervo iconográfico.

- "Baía de Guanabara", vídeo da série "Retratos do Rio", realizado pela Secretaria Municipal de Cultura/Lapa Produções Cinematográficas Ltda. Participação do acervo iconográfico.

7. Edição de livros:

"Ora dispersa/Manuél Antonio de Almeida", pela Graphia Editorial.

"Rio Tietê", pela Companhia Energética de São Paulo/Estúdio RO Projetos e Edições Ltda. - SP.

8. Contribuição para publicações internacionais:

- "Repertoire International de sources musicales"

- "World of Learning"

- "Directory of Special Libraries and Information Centers"

- "International Pulp and Papers Information Sources".

9. Elaboração de exaustiva bibliografia sobre o Sr. Presidente da República, Fernando Collor de Mello, com 2.123 referências de matérias veiculadas nos 05 principais jornais do país, no âmbito do programa "Memória do Presidente".

10. Difusão do acervo. O DRD, através das várias Divisões que o integram, desenvolvem pesquisas e estudos sobre o precioso acervo da FBN, para publicação. Foram entregues à redação dos *Anais da Biblioteca Nacional* os seguintes trabalhos:

a) "Catálogo de Documentos sobre a República";

b) "Catálogo de Documentos sobre a cidade do Rio de Janeiro". Parte III.

c) "Relação dos capitães-mores e barcos que do Reino têm vindo à Índia". 1497-1696. Comemorações da Abertura do Atlântico;

d) "A fortuna dos documentos republicanos". Guia de fontes das coleções republicanas existentes na Divisão de Manuscritos;

e) "Notícias pertencentes à Comunicação do Mato Grosso com o estado do Maranhão". Códice contendo diário e notícias da viagem entre os dois estados;

f) "Inconfidência Mineira: arquivos, coleções e gavetas para o bicentenário da morte de Tiradentes".

g) "Centenário da Abolição da Escravidão no Brasil":

- Apresentação;

- Depoimentos; Machado de Assis e o Ventre Livre, minha visita a SS. AA. Conde e Condessa d'Eu; D. Pedro e o 13 de Maio; As mães dos ingênuos e a emancipação do elemento servil".

- textos: livros do batismo dos pretos da Paróquia de Irajá. (04 textos);

- catálogos: aquisições mais importantes da BN no ano de 1888, comemorando a extinção da escravidão no Brasil;
- "Quilombo de San Gonçalo...";
- Conferência: "Ecos da Escravidão Negra no Brasil".

11. Prestação de consultoria técnica a instituições:

- a) Universidade Federal Fluminense/Núcleo de Documentação, para definição do formato de registro a ser utilizado no desenvolvimento do sistema de informatização de suas bibliotecas.
- b) Museu da Imagem e do Som, na avaliação do sistema de informatização já implantado, orientação na solução dos problemas encontrados e na utilização do formato MICROISIS/UNESCO.
- c) Clube de Engenharia, na avaliação da organização de Biblioteca Especializada do Clube.

II - METAS ALCANÇADAS:

- a) Sistema "Inventário de Periódicos"
 - Estabelecimento de Programas de Trabalho conjunto entre as equipes da FBN/DRD e UFRJ/NCE visando colocar os cadastros do sistema atualizados e dentro de uma estrutura de Banco de Dados.
- b) Base de Dados BIBLIODATA/CALCO
 - Ampliação da configuração disponível para acesso *on-line*.
 - Estudos conjuntos com a área de Informática para ampliação de rede de terminais para acesso do público e implantação da base BIBLIODATA/CALCO no equipamento Unisys, bem como de *software* de recuperação em convênio com a Fundação Joaquim Nabuco.
- c) Base de Dados "RESETE"
 - Ampliação da configuração para acesso *on-line*.
- d) Base de Dados "POLI"
 - Assinatura de contrato com a Fundação Escola de Sociologia Política SP para que se torne disponível aos nossos usuários o acesso a cerca de 90.000 registros sobre política nacional compilados dos cinco principais jornais do Rio de Janeiro e São Paulo.
- e) Base de Dados "Pesquisas em desenvolvimento"
 - Definição de estrutura da base que conterá informações referentes aos levantamentos bibliográficos executados e a pesquisas em desenvolvimento, bem como à indexação de revistas literárias.
- f) Base de Dados "Estatística de uso do acervo"
 - Aguardando a instalação dos equipamentos.
- g) Base de Dados "Sistemas de Informações Legislativas do Congresso Nacional - SICON/PRODASEN".
 - Implantação de mecanismos de auto-sustentação, face ao custo da informação veiculada por meios eletrônicos.
 - Elaboração de novo folheto para o público pesquisador.
 - Constituição de cadastro de usuários (pessoa física e jurídica) do sistema.

- Treinamento de novos funcionários para operar o sistema.
- Estudos conjuntos com o PRODASEN para:
 - a) formação de redes secundárias;
 - b) utilização de novas tecnologias como a digitalização e CD/ROM;
 - c) disponibilidade do SICON através do REMPAC 2000 para demais

usuários.

h) Enriquecimento do acervo

O enriquecimento do acervo efetuou-se através da compra de exemplares (12) raros imprescindíveis às pesquisas realizadas na Instituição e de valiosas doações (56) que enriqueceram sobremaneira o nosso acervo.

Compras

- Divisão de Música

ROMANTICISM (1830-1890). Ed. by Gerald Abraham.

Oxford: Oxford University Press, 1990. 935 p. il. (The New Oxford History of Music, v. IX)

SCHAEFFER, Pierre. *Traité de los objetos musicales*

Versión española de Araceli Caberón de Diego. Madrid: Alianza Ed., c1988. 337 p. il. (Alianza Música, 40).

Título original: *Traité des objets musicaux*.

SNOWMAN, Daniel. *The world of Plácido Domingo*. New York: McGraw - Hill Book, 1985. 298 p. il.

- Divisão de Obras Raras

HORMEYER, Joseph. *Was Georg seinen deutschen Musikleuten über Brasilien zu erzählen wärs...* Leipzig: In Commission der Reinshen Buchhandlung, 1863. vo, 256 p. [25] f. de estampas.

JOOSTEN, Jacob. *De kleine Wonderlyke Wereld...* T'Amsterdam: J. Karmewet... [s.d.]. [8], 72 p.

EXAMEN over het verbrogh tepoch het onghelondeer de ende schadelijk shuyten der Vryen handel in Brasil door een ondersoeker der waerheydt. [s.l.: s.n.], 1637. 15 p.

KRUZENSHTEKN, Ivan Fedorovich. *Reise in die weit in den Jahren 1803, 1804, 1805 und 1806...* Berlin, Bei haude und Spener, 1811-1812. 2v.

SCHAPPER, Ritter von. *Brasilien als unabhingiges Reich in historischer, mercantilscher und politischer Beziehung...* Altona: Bei J. F. Hammerich, 1824. xvi, 464

- Divisão de Iconografia

ADAM, Marinette et al. *Maquillage printure sur visage*. Paris: Dessain et Tolra, c1986. 64 p.

GARNER, Philippe. *Les Arts décoratifs. 1940-1989*. Paris: Bordas, c1982. 224p.

NADOLNY, Yvonne; NADOLNY, Harald. *Maquillage des fantaisies*. Paris: Dessain et Tolra, c1990. 69 p.

SEUPHOR, Michel. *L'Art abstrait, 1919-1987*. Paris: Maeght Editeur, c1971 - c1988. 5v.

No período, a BN/DRD recebeu para guarda, análise e posterior compra a coleção de manuscritos dos escritores Cruz e Souza e Araújo Figueiredo, integrada por 422 peças. Foi constituída comissão para atribuição do valor literário (em curso).

Doações

- Divisão de Música e Arquivo Sonoro

Obra/Doador: 240 manuscritos de Paulo Libânio/Maestro Sérgio Dias; Disco (Afinidades Brasileiras/Reichert)/Odette Ernest Dias: 3 álbuns de discos e 3 vídeos - Projeto Brasília Extra/Mercado Promoções Culturais Ltda.; 7 manuscritos autógrafos de Francisco Miguone/Turibio Santos; 1.731 partituras/IBAC; Várias obras não processadas/Nilson Lins de Miranda Filho; Documentos diversos sobre Dyla Tavares Josetti/Sr. Antonio e Sra. Aida Carvalho Alves; 1 disco/Eliane Perez - Sociedade de Amigos de Ramos; Peças diversas sobre música sacra manuscrita, correspondência nacional e internacional, recorte de jornal, partituras impressas, etc./Monsenhor Guilherme Schubert; 1 Tese/Emelinda Azevedo Paz de Souza Barros; 12 CDs/Polygram; 3 álbuns (Música do Império)/Dulce Lamas; 6 Teses de Mestrado/Conservatório Brasileiro de Música; 12 Músicas para violão, de Francisco Soares de Souza/Airton da Costa Soares; 41 obras/Escola de Música UFRJ/Biblioteca Alberto Nepomuceno; 19 partituras/Elza Moreira Bevilacqua Cavalcante; Livros: 44, Manuscritos: 5, Partituras: 968, Periódicos: 67, Recortes jornais: 2 cadernos/SEMA (Secretaria de Educação do Estado); Música (Solidão da Lua) e documentos/Norival Mesquita; 131 discos avulsos, 31 álbuns, 7 maletas/Discos "Coleção João Baptista Barreto"; 8 discos/IBAC; 16 obras sobre música/Biblioteca Noronha Santos; Álbum com 3 LP (Banda de Música de ontem e de sempre)/Flatônio José da Silva; 7 músicas para violão de Francisco Soares de Souza, 3 partituras de Mozart de Araújo/Airton da Costa Soares; 1 obra de sua autoria, 1 fita de suas músicas/Marcus Srambel Wulff; Verbetes para um dicionário de carnaval brasileiro, de Alcides Nicéas/Fundação Ubaldo do Amaral, Sorocaba (SP); Prospectos sobre Berlioz, voz concreta (partitura)/Victor Burnier; 188 partituras, 18 programas, 60 livros/Família Dr. José Kritz; Documentação em geral: programas, recortes de jornais/Maria Guilhermina Alves Sipatiba; 77 Quartetos Haydn/Marinuccia Inceovino; Revistas e programas de Ballet/Rachel Levi; 480 partituras manuscritas de Francisco Miguone/Maria Josephina Miguone; 5 partituras/Sérgio Nepomuceno; Recortes do jornal *O GLORIO*/Mario Menezes.

- Divisão de Manuscritos

Originais do poeta Ferreira Gullar relativos ao poema "O Formigueiro" e ao livro *Crime da Flora*/Ferreira Gullar; Coleção Ernani Pomari/Ernani Pomari; Manuscrito integral de *O Baile de Despedida*/José Montello; Documento de Floriano Peixoto/Ivan da Costa Pinto; Manuscrito sobre uma partilha de escravos em novembro de 1878/Prof. Maximiliano de Carvalho e Silva.

- Divisão de Obras Raras e Documentos Iconográficos

Oriando Furioso, edição francesa de 1879/Livraria Alfarábico; 33 gravuras, 1 álbum contendo 14 gravuras e 1 volume do livro *Azulejaria no Brasil*/Fundação

Cultural de Curitiba; Álbum *O Meu e o Seu*, com sete gravuras (exemplar n° 146) e 1 gravura avulsa/Antonio Henrique Amaral; Coleção Cervantina, integrada por 1.000 volumes de e sobre Cervantes, bem como o mobiliário (estante, cadeira e mesa) que compunha a coleção/Stella Londres; 2 gravuras ("Zero Cruzeiros" e "Zero Dollar") de Cildo Meirelles; 39 folhetos, catálogos sobre artistas contemporâneos e mostras nacionais e internacionais/Paulo Herkenhoff; 61 peças, entre xilogravuras, serigrafias e outros/Ana Gonzalez, Carlos Henrique, Tullio, Nelson Hohmann, Dulce Osinaki, Juliana Fuganti, Domicio Pedroso, Léa Brito Springer, Andréa Cristina Las, Edenei Terezinha Brizot (artistas do Pará); 9 gravuras/Cuita Soifer; 13 serigrafias, 1 fotografia, 1 álbum, 3 revistas e 6 livros/Fundação Oscar Niemeyer; 7 folhetos sobre Victor Brecheret/Sandra Brecheret Pellegrini.

- Divisão de Publicações Seriadas

Coleção *Boletim Cambial*, 50 vol./BC Editora Jornalística Ltda.; Diário Oficial da União, 238 vol., período 1980 - 1989 (encadernado)/Tribunal Regional do Trabalho - 1ª Região

- Divisão de Referência

Micromegas, a poetry magazine/University of Northern Iowa; Obra *Um filósofo antigo meu* - Osvaldo de Azevedo Monteiro Filho/Oswaldo de Azevedo Monteiro Filho; Obra *Lançava e os meninos* - Claudio Aguiar/Claudio Aguiar; Obra *No Para, a Amazônia acontece naturalmente*/Secretaria de Turismo/Governo do Estado do Pará; Obra *Pará, Amazonas, Brasil*/Secretaria de Turismo/Governo do Estado do Pará; Coleção *O Observador Econômico*/Waldemar Cavalcanti; Obra *A História das Urstinas no Brasil* - Maria Thereza do Menino Jesus/Alvaro Pinto Dantas de Carvalho; Obra *XIII International Geochemical Exploration Symposium*/Departamento Nacional de Produção Mineral/DNPM; Coleção "Amazônia"/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas.

PROJETOS IMPLEMENTADOS

1. Microfilmagem de coleções - com o objetivo de assegurar ao pesquisador, através de máquinas leitoras de microfímes, o acesso a parte do acervo que se encontra em avançado estado de deterioração de suporte.

Registraram a compra de 05 novas máquinas leitoras.

2. Recuperação Virtual de Imagens - em estrutura de base de dados, com o objetivo de preservar o acervo iconográfico.

3. Preservação do Acervo - Memória da BN - que incluiu a encadernação/acondicionamento especial para cerca de 200 mil volumes.

4. Instalação de máquina xerox no DRD - com o objetivo de agilizar o atendimento ao público pesquisador (que sempre exigia um prazo superior a 24 h).

A real escassez de pessoal especializado nos obrigou a interromper diversas atividades inerentes ao DRD, visto que a crescente demanda do público pesquisador nos obrigou a desviar todas as equipes para seu atendimento, ao remanejamento do acervo.

4. DEPARTAMENTO DE PROCESSOS TÉCNICOS

DIVISÃO DE PROCESSOS TÉCNICOS

O Departamento de Processos Técnicos resultou da unificação de quatro grandes departamentos da extinta Fundação Nacional Pró-Leitura:

- Departamento de Captação do Acervo
- Departamento de Processamento Técnico
- Departamento de Conservação e Restauração
- Departamento de Reprodução Documental

Sendo uma área altamente técnica, faz-se necessário manter uma Equipe qualificada para atender às atividades dos respectivos setores de atuação. No entanto, persiste o problema grave da falta de pessoal especializado para atender à demanda básica dos serviços da área técnica. Se houvesse possibilidade de se duplicar o número de funcionários em cada setor de atuação, esse número seria, apenas, o suficiente para atender às necessidades presentes de um ritmo normal de trabalho. No momento, a falta de pessoal auxiliar de nível médio tem sido suprida com o apoio de estagiários.

Carece a área técnica de uma resposta rápida e adequada aos problemas de infra-estrutura como consertos, aquisição e instalação de novos equipamentos.

A exigüidade de espaço tem afetado a própria execução do desenvolvimento dos trabalhos técnicos, fazendo com que fossem transferidas para o Anexo da Av. Rodrigues Alves não só a chamada "Coleção Paralela", mas parte dos livros estrangeiros já registrados.

Também nos Armazéns a falta de espaço tem atrasado, sistematicamente, a área técnica do Departamento no seu fluxo regular de atribuição de localização e conseqüente liberação do livro para o usuário.

COORDENADORIA DE SERVIÇOS BIBLIOGRÁFICOS

Durante o ano de 1991, procurou-se, além de implantar novas atividades, manter em dia, principalmente, as atividades de incorporação de material ao acervo e de processamento técnico de material oriundo do Depósito Legal e que compõe a *Bibliografia Brasileira*.

O processamento da *Bibliografia Brasileira* está rigorosamente em dia, tendo sido publicados, em microfornas, os volumes: 7, n.4 - 1989; 8, n. 1 e 2 - 1990.

A publicação em microforma possibilitará, além da redução de custos, o acesso à informação atualizada.

Foram, também, reiniciados os trabalhos do Programa Banco de Teses, através de projeto do CNPq, o que permitirá incorporar ao acervo teses de todas as áreas do conhecimento.

Retornou-se o processamento técnico do material retrospectivo que formava a coleção paralela do antigo Departamento de Processamento Técnico.

DIVISÃO DE SERVIÇOS TÉCNICOS

Foram recebidos, em 1991, 24.459 monografias e 67.666 publicações seriadas, perfazendo um total de 94.150 peças, incluindo multimeios. Deste total 71.451 peças foram identificadas e registradas, 2.025 (multimeios), apenas, identificadas e encaminhadas às unidades detentoras do acervo e 20.671 foram identificadas como duplicatas.

O processamento do material bibliográfico retrospectivo e do proveniente de doações está sendo executado dentro dos prazos previstos. Destes, foram processados 400 títulos: 400 obras catalogadas e 397 obras classificadas.

Encontram-se acumuladas, sem processamento, 10.171 monografias.

O Projeto Banco de Teses reiniciou suas atividades em dezembro de 1991, tendo sido catalogados 195 títulos e classificadas 166 obras.

Ainda que houvesse uma redução de 40% na força de trabalho da Divisão, a identificação e o registro do material recebido por Depósito Legal foram executados dentro dos prazos estabelecidos para cada trimestre.

DIVISÃO DA BIBLIOGRAFIA BRASILEIRA

A meta da Divisão da *Bibliografia Brasileira* de manter em dia o processamento do material bibliográfico que compõe a *Bibliografia Brasileira* foi alcançada.

Por ser a Biblioteca Nacional o órgão normalizador dos procedimentos bibliotecotômicos, a Divisão presta, regularmente, assistência técnica tanto às unidades internas da instituição, quanto às demais bibliotecas do País.

Nas atividades de autoridade de assunto, tanto a atualização como a inclusão de termos tiveram um bom desempenho. Diversas subáreas do conhecimento tiveram todo o vocabulário estudado e atualizado, permitindo que a Biblioteca Nacional exercesse papel fundamental junto à Comissão Técnica de Cabeçalhos de Assunto do Sistema Bibliodata/CALCO.

Nas atividades referentes à alimentação da Base de Dados Bibliodata/CALCO, perfizemos um total de 12.407 títulos novos cadastrados.

Foram catalogados pela Divisão 11.836 títulos.

Foram classificados pela Divisão 11.542 títulos.

NÚCLEO DE DEPÓSITO LEGAL

Foram realizadas, em 1991, pesquisa e cobrança de falhas das coleções dos principais jornais do País.

A automação das atividades do Núcleo de Depósito Legal é necessária e urgente, pois somente com a automação dessas atividades, bem como as do Registro Patrimonial, o Núcleo poderá agilizar as suas ações e melhor avaliar seu desempenho. Outra medida urgente é a atualização da legislação do Depósito Legal vigente, para permitir à Biblioteca Nacional a captação plena de toda a produção editorial brasileira.

COORDENADORIA DE PRESERVAÇÃO

DIVISÃO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO

A principal meta estabelecida pela Divisão de Conservação e Restauração, para 1991, foi a finalização dos trabalhos de restauração, encadernação e/ou acondicionamento de obras impressas e manuscritas dos projetos em andamento no Departamento. Assim, foram restauradas 3.094 folhas em 46 volumes e encadernados 361 volumes e reencadernadas 262 obras. Ainda, nesta área, foram higienizados 1.312 documentos e fumigados 4.513 volumes.

Em maio de 1991 foi dada entrada no Instituto Nacional de Patentes Industriais da "Caixa para Preservação de Volumes", em nome da Fundação Biblioteca Nacional.

Projetos desenvolvidos em 1991 pela Divisão de Conservação e Restauração:

- Assessoramento técnico à Biblioteca Pública do Pará, para montagem do Núcleo de Conservação e Restauração daquela Biblioteca.

- Tratamento da totalidade da Coleção Alexandre Rodrigues Ferreira no Centro de Conservação e Encadernação da Biblioteca Nacional.

- O Conselho Internacional de Arquivos da Espanha solicitou à Biblioteca Nacional o empréstimo de duas obras da Divisão de Manuscritos para exposição a ser realizada em abril de 1992. Para tanto essas obras sofreram processos de preservação.

- A Biblioteca Nacional e o Arquivo Nacional iniciaram programa de intercâmbio de técnicos nas áreas de conservação, encadernação e restauração.

- Foram concluídos os trabalhos de pré-seleção das 45 obras do Catálogo do Acervo Quinhentistas Portugueses da Biblioteca Nacional para posterior tratamento de preservação.

- Foram restaurados para a Exposição Mozart no Rio de Janeiro:

- 21 partituras totalizando 206 folhas

- 04 folhetos, totalizando 97 folhas

- 01 litografia aquarelada

- Todas as 22 obras selecionadas para a Exposição V Centenário da Descoberta da América foram restauradas e encadernadas. O trabalho foi finalizado com larga antecedência, dentro do cronograma de trabalho estabelecido pela ABINIA.

- Finalizado em 1991 o Projeto Vitae I que previa a restauração, microfilmagem e encadernação de 8.000 folhas de obras raras impressas e manuscritas. O Projeto foi financiado pela Vitae e desenvolvido em 3 anos.

O Projeto Vitae II financiou o tratamento técnico de restauração de 19 obras raras do século XVI, em continuidade ao Projeto Vitae I.

DIVISÃO DE MICROFILMAGEM

A Divisão de Microfilmagem executou um total de 265.362 cópias para atendimento de 12.152 pedidos internos e externos.

Foram produzidas 16.295 reproduções através de cópias eletrostáticas.

A partir de outubro de 1991 começaram a ser produzidas cópias pelo processo fotográfico, totalizando 437 cópias, realizadas para atender a 12 pedidos internos. No mesmo período, nenhuma cópia fotográfica foi produzida para atendimento a solicitações de usuários.

Quanto à microfilmagem, foram atendidos 1.036 pedidos de usuários que resultaram nas seguintes quantidades de cópias:

94.250 fotogramas

95 rolos de microfilmes produzidos

408 rolos de microfilmes duplicados

Foram atendidos 47 pedidos internos de cópias mimeografadas que totalizaram 65.160 folhas.

Durante o ano de 1991 foram atendidos 10.636 usuários que pesquisaram 29.887 rolos, equivalente a cerca de 89.000 volumes que deixaram de ser manuseados.

A instalação da sala de Arquivos de Negativos de 2ª Geração é, sem dúvida, o maior problema enfrentado pela Divisão de Microfilmagem, uma vez que a Instituição corre o risco de ver o trabalho de quase 15 anos de atuação do PLANO apresentar problemas de qualidade arquivística devido a péssimas condições de armazenamento a que os rolos estão submetidos. Os rolos arquivados na Biblioteca Nacional encontram-se armazenados em salas desprovidas de controle de umidade e sujeitas a extremas variações de temperatura. Além do controle ambiental, existe também o problema do próprio espaço físico, insuficiente para comportar os já quase 30 mil rolos produzidos pelo PLANO.

Considerando que a Biblioteca Nacional conta com 20.514 cópias microfilmadas em filme negativo, 6.153 DDP e 11.381 em filme positivo, concluímos que existe um déficit de 14.361 rolos DDP e 9.333 rolos em positivo, 45,5% de toda a produção de microfilmes não se encontram disponíveis para consulta e que 70,1% dos rolos arquivados referem-se a negativos matrizes. Essa situação é extremamente séria, pois em caso de algum sinistro, em que ocorra perda dos rolos, ou por problemas de armazenamento, mais da metade dos rolos produzidos estará irremediavelmente perdida. Em virtude da centralização de toda a produção de microfilmes dos Estados na própria Biblioteca Nacional, qualquer incidente desta ordem terá repercussão em âmbito nacional.

Os dados relacionados a seguir dizem respeito à produção obtida pela atuação do PLANO, em 1991, nos núcleos sediados no Rio de Janeiro e em cada uma das 25 Unidades da Federação:

Rolos matrizes produzidos pela Biblioteca Nacional - 676 rolos

Rolos matrizes produzidos em laboratórios dos núcleos estaduais, incorporados ao acervo da Biblioteca Nacional - 723 rolos

Rolos duplicados para a Biblioteca Nacional - 283 rolos

Páginas duplicadas para os núcleos estaduais - 2.044 rolos

Páginas microfilmadas - 555.260 páginas

Convênios firmados, no período, pela Divisão de Microfilmagem.

- Centro da Memória Social Brasileira - microfilmar 100 rolos de jornais diversos.

- Fundação Casa de Rui Barbosa - microfilmar e duplicar 100 rolos de jornais diversos.

- Pontifícia Universidade Católica - microfilmar 129 rolos de jornais diversos.

Em dezembro de 1991, encontrava-se em fase final de elaboração mais um volume do *Catálogo Coletivo de Periódicos em Microformas*.

PROJETOS, EM ANDAMENTO, NA DIVISÃO:

- Agência Estado Ltda. - Duplicação em cópia positiva de 36 rolos referentes ao ano de 1990 do jornal *O Estado de São Paulo*.

- Biblioteca Nacional de Lisboa - manutenção do intercâmbio de microfilmes entre a Biblioteca Nacional do Brasil e a Biblioteca Nacional de Portugal.

- Centro de Memória da Eletricidade no Brasil - O Convênio entre o Centro de Memória da Eletricidade, o Clube de Engenharia e a Biblioteca Nacional tem por objetivo a preservação, em microfilme, da coleção completa da revista *Clube de Engenharia*.

- *O Dia* - A Biblioteca Nacional recebe matéria-prima da Editora O Dia Ltda. para microfilmagem e duplicação do periódico.

- Microfilmagem de Periódicos Brasileiros de Cinema - através do protocolo de intenções assinado entre a extinta Fundação do Cinema Brasileiro (hoje sob os cuidados do IBAC) e a Biblioteca Nacional, estão sendo microfilmados os periódicos brasileiros de cinema.

- *Jornal do Brasil* - envio ao Sistema Jornal do Brasil de uma cópia DDP e duas cópias positivas de cada rolo da coleção do *Jornal do Brasil* microfilmado pelo PLANO.

- Library of Congress - intercâmbio de microfilmes de periódicos brasileiros entre a Biblioteca Nacional e a Library of Congress.

- Senado Federal - reprodução em microfilmes de jornais brasileiros, a pedido do Senado Federal.

- The University of Florida - envio de microfilmes produzidos pela Biblioteca Nacional de jornais brasileiros à University of Florida.

NÚCLEO DE PROJETOS ESPECIAIS

Realizou-se em setembro de 1991, durante o XVI Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, o II Encontro Nacional do Livro Raro, organizado pela Biblioteca Nacional.

Em 1991 foram desenvolvidas as seguintes atividades:

- Verificação de raridade de diversas obras, a saber: *Novo Dicionário de Língua Portuguesa, mais completo de todos...* de Eduardo Augusto de Faria, doado à Biblioteca Nacional pelo colecionador Marcos de Castro e *La Poésie d'Avance*, a pedido da Faculdade de Letras da UFRJ.

- Recuperação dos primeiros exemplares das listas de assinantes publicadas, para o Museu do Telefone.

- Cotejamento dos catálogos da Biblioteca Nacional do Brasil com os da Biblioteca Nacional de Portugal para verificação da existência de exemplares únicos entre as obras dos quinhentistas portugueses.

- Cadastramento de instituições brasileiras que guardam acervos preciosos. Levantamento de dados sobre instituições de interesse potencial para o PLANOR e de suas expectativas, face aos serviços oferecidos.

- Foram escolhidos os núcleos estaduais do PLANOR, a partir da manifestação de interesse das próprias instituições.

Projetos desenvolvidos, em 1991, pelo Núcleo de Projetos Especiais:

- Processamento biblioteconômico dos Fundos Antigos da Biblioteca Nacional - Fase I.

- A Imprensa e a História - mostra de jornais e periódicos.

- Obras Raras nas Universidades - resgate das preciosidades bibliográficas armazenadas nas bibliotecas das instituições de ensino superior brasileiras.

- Edição do II Repertório Nacional de Obras Raras dos Séculos XV, XVI e XVII.

CONSERVAÇÃO

ANO: 1991

ANO 91	FUNICIAÇÃO	HIGIENIZAÇÃO		REESTRUTURAÇÃO		ACONDICIONAMENTO		
	(VOLUME)	DOCS PLANOS	VOLIMS	DOCS PLANOS	VOLIMS	CAIXAS	PASTAS	PORTFÓLIOS
JAN.	398	-	88	-	60	30	-	-
FEV.	1375	-	50	-	11	-	-	-
MAR.	822	-	32	-	4	-	-	-
ABR.	MUTIRÃO PARALELAS	-	-	-	-	-	-	-
MAI	60	-	19	-	2	34	7	-
JUN.	559	-	203	-	63	40	-	-
JUL.	943	-	58	-	104	43	-	-
AGO.	356	75	178	75	31	9	75	-
SET.	-	-	185	-	68	-	-	-
OUT.	-	11	190	11	154	3	11	-
NOV.	-	78	131	-	124	42	-	11
DEZ.	-	-	74	-	77	-	-	-
TOTAL	4513	104	1208	86	688	201	93	11

RESTAURAÇÃO

ANO	RESTAURAÇÃO		REPAROS		ACONDICIONAMENTO		ENCADERNAÇÃO DE ÉPOCA	
	FOLHAS	VOLUMES	FOLHAS	VOLUMES	CAIXAS	PASTAS	VOLUMES	SACOS TECIDO
JAN.	97	01	-	-	-	-	02	20
FEV.	334	01	-	-	-	-	-	08
MAR.	119	-	01	01	-	-	01	01
ABR.	*	*	*	*	*	*	*	*
MAI	196	02	-	-	01	01	-	-
JUN.	102	08	04	01	01	01	-	03
JUL.	136	13	-	-	-	10	-	01
AGO.	416	01	-	-	01	-	04	-
SET.	389	07	-	-	-	-	06	-
OUT.	658	05	-	-	02	-	04	-
NOV.	325	03	-	-	19	-	15	-
DEZ.	332	05	-	-	02	04	11	14
TOTAL	3094	46	05	02	26	24	44	58

ANO	DESMONTE	REESTRUTURACAO		COSTURAS	ENCADERNACAO	RECLAMACAO
	VOLS.	FOLHAS	CAPAS	VOLS.	VOLS.	VOLS.
JAN.	-	-	-	-	65	-
FEV.	-	-	-	-	4	29
MAR.	30	-	-	30	26	66
ABR.	mutirão	das paralisias				
MAYO	-	-	-	-	37	32
JUN.	26	-	-	38	64	32
JUL.	4	-	-	13	51	-
AGO.	-	-	-	-	18	9
SET.	-	-	-	-	22	-
OUT.	-	102	-	-	14	48
NOV.	-	-	-	-	24	23
DEZ.	12	102	-	12	6	23
TOTAL	72	204	-	93	361	262

OMIC - PRODUÇÃO REFERENTE AO ANO DE 1991

SALDO DE LEITURA DE MICROFILMES

ANO	USUÁRIOS ATENDIDOS	ROLOS CONSULTADOS
JAN.	949	2523
FEV.	677	2041
MAR.	862	2701
ABR.	1127	3022
MAYO	1070	2816
JUN.	1036	2939
JUL.	1052	3062
AGO.	875	2548
SET.	789	2243
OUT.	962	2649
NOV.	827	2234
DEZ.	418	1109
TOTAL	10636	29887

PLANO NACIONAL DE RESTAURAÇÃO DE OBRAS RARAS

REGIÃO	REPERTÓRIO NACIONAL - TOTAIS POR DATAS DE PUBLICAÇÃO						
	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX/BRASIL	S.D.	SUB/TOTAIS
NORTE	-	46	194	220	102	0	516
NORDESTE	-	77	312	729	1.671	344	3.123
SUDESTE	18	340	457	1.267	3.628	454	6.314
SUL	-	90	142	7	58	5	298
CENTRO-OESTE	2	14	81	195	294	15	541
COLEÇÃO PARTICULAR LE PLANO NACIONAL	-	19	15	42	19	27	122
TOTAL GERAL	20	592	1.101	2.455	5.902	247	10.917

PLANO NACIONAL DE RESTAURAÇÃO DE OBRAS RARAS
INVENTÁRIO POR ESTADOS - ESTATÍSTICA



5. DEPARTAMENTO NACIONAL DO LIVRO (UNL)

Director: Márcio Souza

Assessor: Maria Regina Simões Sales

Coordenação de Promoção do Livro:

Coordenador: Gilberto Vilas de Carvalho

Chefes de Secção:

Editoração: Ana Paula Ribas França

Divulgação Internacional: Valéria Ganz

Cursos e Promoção Cultural: Marcus Venício T. Ribeiro

Intercâmbio: Edelweiss Sauerbronn

Coordenação do Sistema Nacional de Bibliotecas:

Coordenadora: Maria Celeste Garcia Mendes

Chefes de Secção:

Divisão de Apoio aos Sistemas Estaduais: Sandra Maria Mendonça Domingues

Secção de Acção Cultural: Celia Regina Costa Domingues

Secção de Controle Informacional: Vago

I - INTRODUÇÃO

Em abril de 1990 foram extintos, por decreto presidencial, a Pró-Leitura e o Instituto Nacional do Livro (INL), sendo transferidas à Fundação Biblioteca Nacional (FBN) as funções culturais e administrativas antes ligadas a esses órgãos. O Departamento Nacional do Livro (DNL) surgiu, então, como uma nova Diretoria, dentro da FBN, com a missão específica de fomentar e difundir o livro e o autor brasileiro, seja pela divulgação do acervo da Biblioteca, seja pelo apoio direto à literatura corrente, seja por sua presença junto às Bibliotecas do país.

Para executar essa tarefa o DNL passou a dispor de duas Coordenadorias.

Na prática, o DNL começou a se organizar em janeiro de 1991, quando foram convidados os escritores Márcio Souza para Diretor e Gilberto Vilar de Carvalho para seu Assessor e, posteriormente, Coordenador da Promoção do Livro. Daí em diante, o DNL foi sendo literalmente montado, peça por peça, tendo como base o projeto de Márcio Souza - "Literatura e Indústria do Livro no Brasil". Esse projeto foi sendo adaptado de acordo com as exigências do trabalho, as circunstâncias ligadas à nova estrutura administrativa da FBN, o espaço físico do prédio, a formação dos seus funcionários (sempre em número exíguo), as reações do público que o DNL pretende atingir e as endêmicas e frustrantes oscilações orçamentárias.

II - ATIVIDADES DO DNL EM 1991

A - COORDENADORIA DE PROMOÇÃO DO LIVRO

SEÇÃO DE EDITORAÇÃO

Biblioteca Nacional - História (1808-1990) - A pedido do Sr. Presidente da FBN, foi escrita a história da BN, desde os seus primórdios, em Portugal, até o decreto presidencial de 1990 que lhe deu status de Fundação e nomeou para a sua presidência o Prof. Affonso Romano de Sant'Anna. Cumprimos, assim, compromisso assumido com a ABINIA (Associação de Bibliotecas Nacionais Ibero Americanas), que pretende publicar um grande volume com a história de todas as Bibliotecas Nacionais de línguas portuguesa e espanhola.

Anais da Biblioteca Nacional - Apesar de *anual*, esta publicação foi assumida pela Seção com seis anos de atraso. Em pouco mais de 10 meses a equipe de editoração pôde apresentar o seguinte resultado: foram publicados os volumes

106 (1986) e 107 (1987); o volume 108 (1988) está no prelo; o volume 109 (1989) está em fase de licitação e os volumes 110 (1990) e 111 (1991) estão planejados e sendo datilografados, podendo serem publicados antes do fim do ano de 1992.

Bibliografia Brasileira - Também com grande atraso, apesar de sua publicação ser obrigatória, por força de lei (Art. 5, Decreto n. 1.825, de 20.12.1907). A última parte publicada foi o tomo III do vol. VII, relativo ao 3º trimestre de 1989. Temos todo o texto pronto, até o tomo IV do vol. IX (1991), mas não podemos dispor de dinheiro para a sua publicação.

Catálogo de Teses - A BN recebe um exemplar de todas as teses defendidas nas universidades do Brasil e tem, também, o compromisso de publicar periodicamente o *Catálogo de Teses*, onde todas elas são classificadas. A publicação está paralisada, por falta de verba. O último volume foi publicado em 1989 (Teses de Ciências Políticas e Sociais; Economia Política; História) com o patrocínio da Fundação Ford. A BN recebe, em média, 500 teses por mês, já possuindo um acervo de mais de 40.000 peças, algumas do século XIX.

Foram publicados inúmeros folhetos promocionais, vários deles redigidos pela Seção: *Catálogo de Obras da BN à Venda; Biblioteca Nacional* - contendo a descrição geral de toda a Biblioteca, para ser distribuído aos visitantes; diversos folhetos e catálogos, em português, inglês e espanhol, para a difusão da literatura brasileira no exterior; *Rotário de Visitas*, para turistas, em 5 línguas, etc., e a revista *Brazilian Book Magazine*, de que falaremos adiante.

Outros projetos estão em preparo, como o folheto para propagação e venda de diversos microfiches; a Coleção Fac-Similada, com textos do português escrito do século XIV ao XIX; publicação da segunda parte da monumental obra de José Carlos Rodrigues, *Biblioteca Brasileira*, ainda inédita.

SEÇÃO DE DIVULGAÇÃO INTERNACIONAL - SDI

Criada em março de 1991, o objetivo da Seção é divulgar a literatura nacional no estrangeiro, através de Feiras de Livros, de Catálogos especializados e do Programa de Tradução do Autor Brasileiro. A SDI cumpriu sua tarefa, estando presente nas feiras do livro de Buenos Aires, Londres, ABA (EUA), Santiago (Chile), Bolonha (Itália), Havana (Cuba) e MERCOSUL. Em todas elas distribuiu catálogos especializados sobre a nossa literatura.

O Programa de Tradução do Autor Brasileiro consta da doação de bolsas a estrangeiros tradutores de obras brasileiras. Doze obras de renomados escritores foram selecionadas e serão traduzidas pelos bolsistas nas mais diversas línguas e países.

Apesar de não terem sido atividades realizadas pela SDI, resumimos aqui alguns eventos internacionais em que o DNI participou, através do seu Diretor:

Na Feira de Frankfurt em 1991, foram feitos contatos com agentes literários internacionais e lançada a revista *Brazilian Book Magazine* (5.000 exemplares), redigida e publicada pelo DNI, com ampla distribuição aos Consulados e Embaixadas do Brasil e nos agentes literários, editores e livreiros estrangeiros.

Prêmio Camões - instituído em 1988, pelos Governos do Brasil e de Portugal, teve, entre os três jurados do ano de 1991, o Sr. Presidente da FBN e o Diretor do DNL.

SEÇÃO DE INTERCÂMBIO

Transferida em 21 de maio (1991) para o DNL, esta seção tem como objetivos:

Captação de publicações através de permuta com instituições nacionais e estrangeiras e de doações dessas mesmas instituições e de particulares para o enriquecimento do acervo da BN. Em 1991 foram recebidos:

5.888 monografias

8.405 periódicos e fascículos

12.597 peças especiais (música, iconografia, cartazes, etc.)

Total: 26.890 peças

Distribuição das publicações da BN: foram distribuídas 6.496 peças para o Brasil e 2.601 para o exterior.

Distribuição de duplicatas e de publicações descartadas: 32.430 peças. A distribuição foi feita às bibliotecas cadastradas na FBN.

Distribuição de publicações oficiais brasileiras (IBGE, *Revista Mensal da Brasileira*, *Revista do IBGE*, etc.) : 527 peças.

Total distribuído: monografias : 11.324 peças

periódicos : 29.665 peças

outros : 1.065 peças

Total : 42.054 peças

SEÇÃO DE CURSOS E PROMOÇÕES CULTURAIS

Esta Seção coordenou ou simplesmente apoiou, em 1991, 11 exposições documentais relativas a grandes datas literárias; promoveu o Teatro do Texto (leitura dramatizada de autores brasileiros e hispano-americanos, com a presença dos autores, em diversas capitais do país. Ao todo 114 apresentações); organizou o I Encontro Internacional de Agentes Literários, durante a Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro (29 e 30 de agosto de 1991); promoveu ainda diversas palestras e cursos especializados de Eclética, Filosofia, Literaturas brasileira, portuguesa e espanhola, Produção editorial, Identificação do acervo precioso, Conservação e restauração de material bibliográfico, Técnicas de microreprodução, Oficinas literárias, etc.

B - COORDENADORIA DO SISTEMA NACIONAL DE BIBLIOTECAS (SNB)

Depois de contactar todos os Sistemas Estaduais de Bibliotecas Públicas do país (27, ao todo), o SNB pôde avaliar os seus problemas, as suas deficiências em material e recursos humanos, partindo, então, para um plano de trabalho eficiente.

Atividades organizadas pelo SNB:

- I Encontro Nacional de Coordenadores dos Sistemas Estaduais realizado no Rio de Janeiro, nos dias 27 e 28 de junho de 1991. Estiveram presentes 19 coordenadores estaduais e 11 secretários estaduais de Cultura. As palestras e painéis abordaram os grandes problemas existentes nas bibliotecas públicas e o seu estado atual.

- Reunião de Coordenadores dos Sistemas Estaduais, realizada em Salvador (BA), por ocasião do XVI Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, em 25 de setembro de 1991. Presentes: 15 coordenadores estaduais.

Atividades que tiveram o apoio do SNB:

I Encontro Estadual de Bibliotecas Públicas de Sergipe, realizado em Aracaju, nos dias 16 e 17 de setembro de 1991. Objetivo: reciclagem e troca de experiências entre dirigentes e sistematização dos trabalhos desenvolvidos nos municípios. Presentes 90 pessoas, representando 44 municípios. O SNB participou através do seu representante Luís Milanesi.

- II Encontro Estadual de Bibliotecas Públicas do Rio Grande do Sul, realizado em Porto Alegre, do dia 29 de outubro a 1 de novembro de 1991. A FBN foi uma das entidades patrocinadoras e o SNB teve parte ativa através do professor Luís Milanesi e da professora Suzana Vargas, que ministrou uma "oficina de leitura", durante 3 dias.

Encontro Estadual de Bibliotecas Públicas de Santa Catarina, realizado em Lajes, do dia 11 a 14 de novembro de 1991. O SNB enviou sua Coordenadora Maria Celeste C. Mendes e sua chefe de Divisão Sandra Regina Domingues, que fizeram conferências.

- Encontro Estadual de Bibliotecas Públicas do Pará, realizado em Belém, do dia 27 a 29 de novembro de 1991. A FBN, através do DNI, pôs à disposição cinco dos seus técnicos, para ministrarem palestras e "oficinas" e ainda repassou uma verba para a realização do evento (Cr\$ 400.000,00). Entre dirigentes e representantes estiveram presentes 70 pessoas.

Atividades promovidas pelo SNB

- O Escritor na Cidade: atividade cultural com o objetivo de colocar o autor nacional em contato com os frequentadores das bibliotecas públicas, a fim de incentivar a sua leitura e o seu contato pessoal com os leitores. O programa foi realizado, em 1991, em conjunto com a Biblioteca Pública do Estado do Rio de Janeiro.

- Aquisição de livros: o SNB adquiriu e distribuiu às bibliotecas públicas de diversos estados cerca de 456 livros, num total de 8 milhões de cruzeiros. A escolha dos livros foi feita pelos dirigentes das próprias bibliotecas.

- Doação de livros: do saldo de livros depositados no extinto Instituto Nacional do Livro (INL), foram doados às bibliotecas públicas de diversos estados cerca de 190.000 livros diversos.

- Visitas técnicas: na pessoa de sua Coordenadora, o SNB participou de dois eventos oficiais, um sobre Centros Culturais Fronteiriços - Brasil/Bolívia (22 de agosto de 1991) e outro, em Manaus, para a implantação de projetos culturais no Estado do Amazonas.

C - ISBN - AGÊNCIA BRASILEIRA

O ISBN (International Standard Book Number) é um sistema internacional padronizado para numeração e identificação de títulos de livros. No Brasil a Agência Brasileira do ISBN é a Biblioteca Nacional. Foram realizadas as seguintes atividades: 213 cadastramentos de editores; 9.036 atribuições de número; 9.036 arquivamentos de formulários; 7.913 recebimentos de obras por Depósito Legal; e a atualização dos cadastros de editores para o guia internacional.

PROGRAMA NACIONAL DE LECTURA (PROLER)

1. ANTEPROJETO PROLER

Por solicitação da Fundação Biblioteca Nacional, a Fundação do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) assessorou a elaboração do Programa Nacional de Leitura - PROLER, que visa criar condições de modo estável e gradual, para a formação de uma sociedade leitora, provocando ao mesmo tempo a consciência da importância da leitura crítica e criadora, que capacita o indivíduo a exercer uma cidadania plena.

- Convênio entre a FNLIJ e a Fundação Biblioteca Nacional, em agosto de 1991.

2. CONSULTA NACIONAL

- Envio do anteprojeto a especialistas e instituições da área para apreciação e comentários; organização das sugestões e críticas apresentadas - agosto/91.

3. DIVULGAÇÃO DO PROLER

Divulgação do PROLER em todas as Prefeituras do país - publicação de texto no noticiário do IBAM de outubro/91; resposta, através de carta circular, às manifestações dos municípios de vários estados, enviando informações sobre o Programa e remetendo um cadastro-julho a ser preenchido - ago./91 - fev./92;

- Participação no Fórum Nacional de Secretários de Cultura, em Maceió (AL), para a divulgação do PROLER junto aos Secretários Estaduais de Cultura.

4. REDE DE LECTURA

- Levantamento para identificação de pessoas e instituições promotoras de leitura, através do envio de formulários de cadastramento para Secretarias, Universidades, Fundações.

5. DESDOBRAMENTOS DO PROLER

5.1. "Prazer de Ler" na BN - 1991/1992

Programa-Piloto de Incentivo à Leitura na Biblioteca Nacional teve início em setembro/91 com a 1ª etapa - "Ouvindo Histórias". Durante todo o mês, semanalmente - 4^{as}-feiras, sempre às 13 horas, contadores de histórias envolveram funcionários e frequentadores da Biblioteca Nacional numa viagem pelo mundo da literatura infantil e juvenil, através da narrativa de contos.

A 2ª etapa do Programa buscou uma intimidade maior com a palavra escrita. Iniciou-se em outubro/91 um bate-papo entre leitores, sob a orientação de um leitor-guia, de um pequeno texto; um conto, uma poesia. É o "Conto a Conto". Este espaço acontece semanalmente, às 4^{as}-feiras, também às 13 horas, e será programado até o 1º semestre de 1992, quando será avaliada a sua continuidade ou a implantação da etapa seguinte.

5.2. PROLER nos CIACs

Elaboração de anteprojeto técnico-pedagógico para uma ação cultural nas bibliotecas dos CIACs incluindo o redimensionamento do espaço físico; seleção de obras para composição do acervo; apresentação do projeto PROLER/CIACs, tendo em vista o treinamento de recursos humanos, formação de uma rede informatizada de informação, produção de materiais pedagógicos e difusão cultural - jun./91 - tev./92.

5.3. Centro Cultural Banco do Brasil

Atendimento à demanda de agências do Banco para implantação de mini-bibliotecas em regiões a serem definidas pelo próprio Banco, levantamento, já executado, da demanda de leitura nas agências do País e sugestão de implantação experimental do PROLER nas agências de 3 municípios da Bahia e 1 no Pará; proposta de integração FBN/BB elaborada.

5.4. Rede de Alfabetização

Organização do Encontro de Centros de Documentação envolvidos com a alfabetização no Brasil, como primeira iniciativa para a integração de ações com a Rede de Leitura; proposta de assessoramento técnico na preparação de recursos humanos em apoio aos programas de alfabetização comprometidos com a Rede - nov./91.

6. PROLER NOS ESTADOS

- Pará - participação no Fórum Estadual de Bibliotecas Públicas do Pará; palestras e realização de Oficina de Leitura; contatos iniciais para a implantação do PROLER - Nov./91;

- Bahia - contatos com a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e Prefeituras de Vitória da Conquista, Jequié e Itapetinga; termo de compromisso a ser assinado em janeiro/92;

- Paraná - apresentação na Secretaria de Cultura do Estado das propostas de ação do PROLER.

- Rio Grande do Norte - apresentação do PROLER no 1º Encontro Estadual de Dirigentes de Bibliotecas Municipais; contatos com especialistas em leitura para a formação de uma equipe estadual de leitura; assinatura de termo de cooperação com a Fundação José Augusto.

7. CONTATOS INTERNACIONAIS

- Reunião da International Reading Association (IRA) - apresentação da Política Nacional de Leitura proposta pela FBN e discussão sobre a Rede de Literatura Infantil e Juvenil - Set./91;

- Reunião Internacional de Organismos de Promoção da Leitura promovida pelo CERLALC, em Bogotá - proposta de um plano nacional de leitura - Nov./91;

- III Festival Ibero-Americano de Cuentacuentos promovido pela Universidade del Zulia, em Maracaibo - Nov./91;

- Reunião sobre programas de promoção de leitura, promovida pela BN da Venezuela, em Caracas - Nov./91;

Projeto em andamento: Reunião com representantes de entidades governamentais para políticas nacionais de leitura na América Latina - apoio do CERLALC e BN/SEC-PR.

8. CONVÊNIOS EM PREPARAÇÃO

- ACRE - Fundação Cultural do Estado

- GOIÁS - Fundação Cultural Pedro Ludovico - governo estadual

- MATO GROSSO - Fundação de Cultura e Turismo - governo estadual

- MINAS GERAIS - Secretaria de Educação e Cultura do Estado

- PIAUÍ - Fundação Cultural do Estado

- RORAIMA - Secretaria de Educação e Cultura do Estado

9. CONVÊNIOS EM ANDAMENTO

- MEC/SENEB - proposta apresentada para integração da biblioteca, sala de leitura, sala de aula e comunidade, para jan./maio/92;

- SEE/RJ - implantação do PROLER no Estado do Rio de Janeiro a partir do treinamento de recursos humanos; convênio a ser assinado em início de maio/92;

- PRAZER DE LER em Universidades - implantação no 2º semestre de 1992 na UFRJ, UERJ e PUC - RJ.

CABINETE DA PRESIDÊNCIA

Estão ligados diretamente à Presidência da FBN:

- Biblioteca Euclides da Cunha (Rio de Janeiro)
- Biblioteca Demonstrativa de Brasília
- Assessoria Jurídica
- Núcleo de Comunicação Institucional

BIBLIOTECA EUCLIDES DA CUNHA

A Biblioteca Euclides da Cunha - BEC, desde a sua criação, em 1937, passou por várias reestruturações administrativas. Pelo Decreto nº 99.603, de 13 de outubro de 1990, passou a integrar a estrutura da Presidência da Biblioteca Nacional.

O acervo da BEC é constituído de, aproximadamente, 150 mil volumes, entre monografias, periódicos nacionais e estrangeiros, valiosas coleções de obras nacionais, mapas e fitas de vídeo. Em 1991, foram incorporadas ao acervo 1.674 novas obras.

Por ser uma biblioteca de livre acesso, seu usuário tem sua pesquisa agilizada pela consulta direta às estantes. Um dos serviços mais relevantes que a BEC tem prestado à comunidade é o empréstimo domiciliar. Foram emprestadas e consultadas pelos usuários, em 1991, 32.361 obras. Além do empréstimo domiciliar, a BEC prestou a seus usuários serviços de informação bibliográfica por telefone e por reprodução de documentos de apoio à pesquisa escolar.

Atividades durante o período:

- pesquisa para avaliação do perfil do usuário;
- aquisição de obras atualizadas para o Setor de Multimeios;
- realização de 5 (cinco) exposições comemorativas, entre elas:
- Dia do Nascimento de Euclides da Cunha
- Dia Internacional do Livro Infantil
- Dia Internacional da Ecologia e Dia Mundial do Meio Ambiente;
- realização de concurso literário em homenagem ao Dia Internacional da Ecologia - Prêmio Ecologia.
- Elaboração do Guia do Usuário da BEC

Foram adquiridos e recebidos, por doação, os seguintes equipamentos para o aprimoramento dos serviços: computador, leitora de microfichas, videocassete, impressora e outros.

Foi extremamente importante para a BEC, em 1991, a recuperação do espaço físico cedido, até então, a outras unidades da Biblioteca Nacional. Nesse espaço, foram instalados os setores de acervo, multimeios, tratamento bibliográfico, o Espaço Cultural e o Setor de Pesquisa e Divulgação.

Além do conserto de equipamentos e mobiliário danificado, foram instaladas coleções, para o controle de frequência de usuários.

BIBLIOTECA DEMONSTRATIVA - BRASÍLIA

Além das tarefas de rotina próprias de uma biblioteca - atendimento ao público, empréstimo de livros, consultas, pesquisas etc. - a Biblioteca Demonstrativa de Brasília deu seqüência, neste ano de 1991, a diversas

promoções culturais, sempre com o apoio e a participação da comunidade local.

- Exposições: - Retratos de Mulher - com a participação de 7 mulheres artistas que apresentaram quadros em torno da temática feminina;

- IV Exposição dos Artistas Plásticos Idusos - com a participação de 16 artistas;

- algumas mostras individuais.

- Lançamentos Literários:

- Noite de Autógrafos do escritor Simão de Miranda;

- Noite de Autógrafos da escritora Lóris Baena Cunha Neto; e muitos outros lançamentos.

Palestras: atendendo a convite da Biblioteca Demonstrativa foram realizadas, mensalmente, palestras dirigidas ao Grupo de Atualização da Mulher.

- Coral: O Coral da Biblioteca Demonstrativa, com excelente organização, participou de todos os Festivais e Encontros de Corais da cidade.

- Foi lançado neste ano, pela Biblioteca, o jornal informativo *Entre Amigos*, com o objetivo de tornar-se um veículo de interação com a comunidade local.

- Biblioteca Sonora: através de convênio com a Associação Brasileira de Deficientes Visuais, a Biblioteca cedeu um espaço para o funcionamento da Biblioteca Sonora, destinada aos membros dessa entidade. A Biblioteca Sonora é composta de 300 livros gravados em fita cassete. Os "deficientes" têm acesso a este acervo por escuta local e empréstimo domiciliar.

- Teatro: durante o ano de 1991 a Biblioteca Demonstrativa promoveu, com grande aceitação por parte do público, Oficinas de Teatro para crianças de 7 e 10 anos, para adolescentes e também para adultos.

- Xadrez: durante o ano funcionou, igualmente, uma Oficina de Xadrez, para crianças entre 6 a 13 anos.

- Seção Infância-Juvenil: esta seção promoveu também muitas atividades dirigidas ao público infantil e juvenil. Vale citar: "Encontros com Escritores", os concursos literários "Leia Mais" e o "VII Concurso Literário Infância-Juvenil" que atingiu as categorias conto e poesia.

- Aniversário: no dia 20 de novembro a Biblioteca comemorou 21 anos de fundação. Na ocasião foi celebrada Missa de Ação de Graças.

- Núcleo de Informática: este núcleo desenvolveu as seguintes atividades:

- manutenção dos sistemas já desenvolvidos;

- levantamento e implantação do sistema automatizado dos serviços prestados pela Biblioteca Demonstrativa;

- cadastramento dos 6.400 usuários;

- cadastramento do acervo geral e infância-juvenil, constituído de 51.300 obras.

- Frequência: durante este ano de 1991 frequentaram a Biblioteca 318.104 leitores. Até julho deste ano 30 mil leitores estavam inscritos na Biblioteca.

ASSESSORIA JURÍDICA

A Assessoria Jurídica da Fundação Biblioteca Nacional (AJU), órgão de assessoramento da Presidência da FBN, no ano de 1991 passou por sua fase de

estruturação, porquanto absorveu as atribuições que eram cometidas à Assessoria Jurídica da extinta Fundação Nacional Pró-Leitura, contando com 04 (quatro) advogados mais a Chefia.

Por força do Regimento Interno da FBN, a AJU ficou subordinado o Escritório de Direitos Autorais (EDA), cujo demonstrativo segue em anexo.

No que diz respeito ao contencioso a cargo da AJU, 58 (cinquenta e oito) Reclamações Trabalhistas estiveram em curso, versando sobre diferentes postulados dos servidores e ex-servidores da instituição.

Quanto à área administrativa, a FBN/AJU exarou pareceres sobre os mais diversos assuntos de interesse da Casa, além de elaborar minutas de Decretos, Contratos, Convênios, Termos que envolviam a Fundação.

EDA

1. VERTENTE TÉCNICO JURÍDICA

1.1. - Pareceres

1.1.1. Obras em dependência	1.257
1.1.2. Obras indeferidas	239
1.1.3. Obras em estudo	213

TOTAL 1.709

1.2. - Atendimento ao Público

1.2.1. Pessoalmente e por telefone	7.131
1.2.2. Via postal	9.049

TOTAL 16.180

2. VERTENTE CARTORÁRIA

2.1. - Pedidos de requerimento de registro

7.799

2.2. - Obras intelectuais registradas

2.2.1. Obras inéditas	4.550
2.2.2. Obras publicadas	2.032
2.2.3. Obras com averbação à margem do registro original	570

TOTAL 7.152

2.3. - Transferidos remetidos aos autores

7.152

2.4. - Certidões 2ª via

132

2.5. - Manutenção dos Catálogos	
2.5.1. Catálogo de autor	7.219
2.5.2. Catálogo de título	7.152
2.5.3. Topográfico	7.299
2.5.4. Cessionário	151

TOTAL	21.820

NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL.

Durante o ano de 1991, a partir do mês de abril, o NCI passou a desenvolver ações conjuntas em Programação Visual, Relações Públicas, Marketing e Imprensa. Os meses que antecederam a formação do Núcleo de Comunicação Institucional foram desenvolvidos pela DID.

Iremos, inicialmente, listar as atividades ligadas às exposições e eventos institucionais que não sejam doações, até porque estas foram inúmeras, o que nos exigiu um anexo à parte deste conjunto de atividades.

JANEIRO

Exposição "Em Tempo de Euclides"

- Evento da Biblioteca Euclides da Cunha com o apoio de Relações Públicas (convite e recepção), Imprensa (veiculação no *O Globo*, *O Dia*, *JB/Serviço* e *Jornal do Commercio*) e Programação Visual (produção de convite e cartazes).

Exposição "Rubem Braga"

- Evento que envolveu setores da FBN e com a participação intensa de Relações Públicas (cerimonial, convites e apoio na organização), Programação Visual (montagem, concepção visual e produção de peças promocionais), bem como a Imprensa (cobertura no *Jornal de Brasília*, *Gazeta de Notícias*, *JVilésia*, *O Globo* - 2 matérias e *O Globo/Suano*).

Visita do Secretário da Cultura Sérgio Rouanet

- Apoio de Relações Públicas, na recepção e organização, e do setor de Imprensa na veiculação junto aos periódicos *Jornal do Commercio* e *O Globo*.

Lançamento da *Bibliografia Brasileira*

- Evento ocorrido no gabinete da Presidência, com o apoio de Relações Públicas (recepção e cerimonial) e do setor de Imprensa (com publicações no *O Globo*, *Jornal do Commercio* e *O Dia*, além de spots na RIB/AM e FM).

Exposição Monteiro Lobato - Entrega do Prêmio Orígenes Lessa

- Feito pela BEC, este evento teve o apoio do NCI nas ações de Relações Públicas (cerimonial, convites), Imprensa (divulgação no *Jornal do Commercio* e *O Globo*, além da revista *Programa AB* e das rádios MFC, Imprensa e Tupi/(FM).

FEVEREIRO

Exposição Livros de Nuestra América - ABINLA

- Evento de caráter internacional envolvendo toda a FPN e com a participação efetiva de Relações Públicas (cerimonial, convites e apoio na organização), Programação Visual (concepção do evento, produção de catálogo e peças promocionais), Imprensa (com cobertura do *Jornal de Brasília*, *Gazeta de Notícias*, *J&S Idéias*, *O Fluminense*, *O Globo* e *O Globo/Savamy*).

MAIO

Visita do Presidente Fernando Collor de Mello

- Assinatura de termo de doação de verba para recuperação da rede elétrica.

Exposição O Livro Italiano de Arquitetura

- Evento que contou com o apoio do Instituto Italiano de Cultura. Coube à Relações Públicas recepção e cerimonial para o dia de inauguração, além do envio de convites. O setor de Imprensa veiculou a exposição no *Jornal de Comércio*, *O Globo* e *O Fluminense*, além de emissoras de rádio (Tupi/AM e FM).

Exposição: Ecologia: Fauna e Flora

Evento da BEC, onde as atividades de Relações Públicas estiveram presentes no envio de convites, recepção e apoio na organização; a Programação Visual produziu o convite, cartaz e marcador de livro (brinde) além da concepção visual da exposição. O setor de Imprensa veiculou o evento nos periódicos *Jornal do Comércio*, *Jornal do Brasil*, *Revista Programa/JR*, *J&Serviço*, *Jornal Downtown* e emissoras de rádio Tupi/FM, RJ/AM e FM e Globo/FM.

JUNHO

Exposição "700 Anos da Universidade de Coimbra"

- Evento organizado em conjunto com o Real Gabinete Português de Leitura e Consulado Geral de Portugal, com o apoio da Programação Visual na montagem da exposição, produção de convites; a Relações Públicas organizou a recepção e o cerimonial para o dia de inauguração, e o setor de Imprensa veiculou no *Jornal do Comércio*, *O Globo*, *28º Caderno*, *Jornal Downtown* e Rádio MEC.

AGOSTO

Exposição Fagundes Varela

- Evento ocorrido na Seção de Obras Raras (palestra de Leonardo Fróes) e no 3º andar (arquivo de documentos e obras do autor). As ações do NCI estiveram presentes em Relações Públicas (convites e apoio na organização), Programação Visual (produção de impressos diversos) e Imprensa (veiculação no *Jornal do Comércio*, *O Globo* e *J&S Informa*).

SETEMBRO

Exposição Mozart na Biblioteca

convite, catálogo e galhardete). O setor de Relações Públicas organizou o *mailing* de convidados junto com a RP da J. O. O setor de Imprensa veiculou o material de promoção, sendo divulgado no *O Globo*, TVE, TV Manchete e emissoras de rádio MEC e RJB. Este evento contou com a presença do Secretário da Cultura Sérgio Rouanet, representantes do meio artístico e da intelectualidade do RJ. O discurso de abertura foi proferido pelo embaixador Sérgio Rouanet.

Cerimônia de entrega da Medalha Biblioteca Nacional

- O evento mais tradicional da FBN, e que anualmente homenageia personalidades que de alguma forma contribuíram com a Biblioteca Nacional, contou no ano de 1991 com um número expressivo de convidados, representantes de todos os segmentos da sociedade (leitores e usuários, políticos, escritores, convidados agraciados e artistas em geral). A presença da Imprensa se fez notar com a presença da TV Manchete, TVE e *O Globo*. O *Jornal do Comércio* registrou no dia seguinte à data. Coube à Relações Públicas a recepção e o cerimonial de apresentação. A Programação Visual produziu o convite para a ocasião.

Exposição "Imprensa e História"

- Organizada pelo Departamento de Processamentos Técnicos, esta exposição teve o apelo em Relações Públicas, do setor de Imprensa para a veiculação do evento. O *Jornal do Comércio* cobriu a exposição.

DEZEMBRO

Exposição Encadernações Premiadas

- Evento abrigado pela FBN, mas que já estava com infra-estrutura do SENAI/SP. O setor de Imprensa veiculou a exposição através do *Jornal do Comércio* e o jornal *O Fluminense*.

CONSIDERAÇÕES

A Fundação Biblioteca Nacional apresentou uma performance na veiculação de sua imagem extremamente eficaz. Foram 18.350 cm/col, entre os meses de abril e dezembro, aferidos só na imprensa escrita. Não estamos considerando a mídia cooperada com o *Jornal do Brasil*, com 7 anúncios de 9x10 cm por semana. Foram 10 veiculações, perfazendo 900 cm/col.

Fora isso, tivemos coberturas periódicas das televisões do RJ. A *Revista de Domingo/JB* veiculou 8 páginas dominicais, a cores, em edições separadas. *Veja* (125 cm/col), *Visão* com 2 páginas a cores, *Ícaro* com 1 página a cores.

O evento Teatro do Texto de abril a novembro esteve presente sempre às segundas-feiras, com apresentações regulares de escritores e atores, sob a direção de diretores de prestígio como Domingos de Oliveira, Ary Coslov, Luís de Lima e outros; autores de prestígio como Ferreira Gullar, Antonio Torres, Lia Luft, entre outros, deram subsídios para a Imprensa, durante o período de realização do evento. A cobertura regular foi no *Jornal do Comércio*, *Revista Programar/JB*, *O Globo-Sertão* e *JB/Sertão*. As emissoras de televisão também veicularam, assim como os setores de cultura das Rádios JB, MEC e JB/FM.